

ANTONIO BENEDITO LOMBARDI

A SÍNDROME DA EXCLUSÃO SOCIAL

**As origens, os fatores de risco, os múltiplos sintomas
biopsicossociais ao longo dos períodos do ciclo de vida e os
fatores perpetuadores.**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como
requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor
em Saúde da Criança e do Adolescente**

Orientador: Professor Joel Alves Lamounier

Co-Orientador: Professora Janete Ricas

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG**

2009

Lombardi, Antonio Benedito.
L842s A Síndrome da exclusão social [manuscrito]; as origens, os fatores de risco, os múltiplos sintomas biopsicosociais ao longo dos períodos do ciclo de vida e os fatores perpetuadores / Antonio Benedito Lombardi. - - Belo Horizonte: 2010.
339f.: il.
Orientador: Joel Alves Lamounier.
Co-orientadora: Janete Ricas.
Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.
Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Saúde Escolar. 2. Saúde Mental. 3. Condições Sociais. 4. Problemas Sociais. 5. Fatores de Risco. 6. Dissertações Acadêmicas. I. Lamounier, Joel Alves. II. Ricas, Janete. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: WS 105

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Reitor: Prof. Ronaldo Tadêu Pena

Vice-Reitora: Prof^a. Heloisa Maria Murgel Starling

Pró-Reitora de Pós-Graduação: Prof^a. Elizabeth Ribeiro da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Carlos Alberto Pereira Tavares

Diretor da Faculdade de Medicina: Prof. Francisco José Penna

Vice-Diretor da Faculdade de Medicina: Prof. Tarcizo Afonso Nunes

Coordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Carlos Faria Santos Amaral

Subcoordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Joel Alves Lamounier

Chefe do Departamento de Pediatria: Prof^a. Maria Aparecida Martins

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de
Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente: Prof. Joel Alves Lamounier

Subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Medicina - Área de

Concentração em Pediatria: Prof^a. Ana Cristina Simões e Silva

Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de
Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente:

Prof^a. Ivani Novato Silva

Prof. Jorge Andrade Pinto

Prof^a. Lúcia Maria Horta Figueiredo Goulart

Prof^a. Maria Cândida Ferrarez Bouzada Viana

Prof. Marco Antônio Duarte

Prof^a. Regina Lunardi Rocha

Vivian Mara Gonçalves de Oliveira Azevedo (Representante Discente)



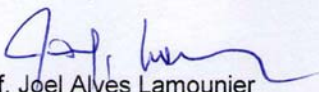
FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 7009
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100
Fone: (031) 3248.9641 FAX: (31) 3248.9640

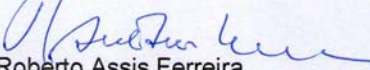


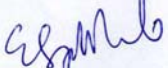
DECLARAÇÃO

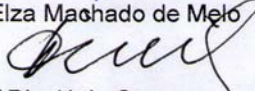
A Comissão Examinadora abaixo assinada, composta pelos Professores Doutores: Joel Alves Lamounier, Janete Ricas, Roberto Assis Ferreira, Elza Machado de Melo, Dioclécio Campos Junior, Marília de Freitas Maakaroun, aprovou a defesa de tese intitulada: **“A SINDROME DE EXCLUSÃO SOCIAL: AS ORIGENS, FATORES DE RISCO, OS MULTIPLOS SINTOMAS BIOPSISSOCIAIS AO LONGO DOS PERIODOS DO CICLO DE VIDA E FATORES PERPETUADORES”**, apresentada pelo doutorando **ANTONIO BENEDITO LOMBARDI** para obtenção do título de doutor em Ciências da Saúde, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em 17 de dezembro de 2009

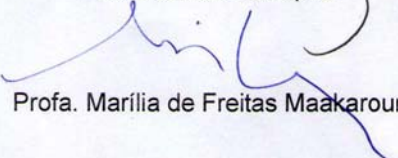

Prof. Joel Alves Lamounier
orientador

Profa. Janete Ricas
Coorientadora


Prof. Roberto Assis Ferreira


Profa. Elza Machado de Melo


Prof. Dioclécio Campos


Profa. Marília de Freitas Maakaroun



FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 7009
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100
Fone: (031) 3248.9641 FAX: (31) 3248.9640



UFMG

ATA DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO de **ANTONIO BENEDITO LOMBARDI** nº de registro 2007666604. As nove horas do dia **dezessete** do mês de **dezembro** de dois mil e nove, reuniu-se na Faculdade de Medicina da UFMG a Comissão Examinadora de tese indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: "**A SINDROME DE EXCLUSÃO SOCIAL : AS ORIGENS, FATORES DE RISCO, OS MULTIPLOS SINTOMAS BIOPSISSOCIAIS AO LONGO DOS PERIODOS DO CICLO DE VIDA E FATORES PERPETUADORES**" requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Saúde, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Joel Alves Lamounier, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho final passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público para julgamento e expedição do resultado definitivo. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Joel Alves Lamounier/Orientador
Profa. Janete Ricas/Coorientadora
Prof. Roberto de Assis Ferreira
Profa. Elza Machado de Melo
Prof. Dioclecio Campos Junior
Profa. Marília de Freitas Maakaroun

Instituição: UFMG
Instituição: UFMG
Instituição: UFMG
Instituição: UFMG
Instituição: Universidade de Brasília
Instituição: FCM

Indicação: Aprovado
Indicação: Aprovado
Indicação: Aprovado
Indicação: Aprovado
Indicação: Aprovado
Indicação: Aprovado

Pelas indicações, o candidato foi considerado Aprovado.
O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo presidente da comissão. Nada mais havendo a tratar o presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da comissão examinadora. Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2009.

Prof. Joel Alves Lamounier/orientador [Assinatura]

Profa. Janete Ricas/coorientadora [Assinatura]

Prof. Roberto de Assis Ferreira [Assinatura]

Profa. Elza Machado de Melo [Assinatura]

Prof. Dioclecio Campos Junior [Assinatura]

Profa. Marília de Freitas Maakaroun [Assinatura]

Prof. Joel Alves Lamounier/Coordenador [Assinatura]

CONFERE COM O ORIGINAL
Centro de Pós-Graduação

PROF. JOEL ALVES LAMOUNIER
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde
Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente
Faculdade de Medicina/UFMG

DEDICATÓRIA

À Eleonora com quem me reencontrei, quem sabe para sempre, de forma inesperada, em um momento muito importante de minha vida. Sua presença tem fortalecido e facilitado a realização desse projeto.

À Isabela minha filha querida que nasceu há 19 anos coincidentemente no ano que este projeto também nascia. Conhece as minhas preocupações e a importância desse estudo. Apesar de jovem tem sido interlocutora e incentivadora.

Aos meus pais e irmãos, entre estes especialmente a minha irmã Lucia a quem por vários motivos admiro muito, e a quem devo tanto... e a Tereza, além de irmã uma amiga, por tudo que fez pelos meus pais e que infelizmente partiu tão precocemente.

À Faculdade de Medicina da UFMG

Este projeto só pode ser realizado porque a FM-UFMG na década de setenta, numa atitude transformadora e corajosa, rompeu com a inércia curricular e as resistências, ao implantar estágios em Centros de Saúde que atendem populações historicamente marginalizadas, que vivem em bolsões de pobreza e de miséria. Através dessa iniciativa a FM criava as condições para que este trabalho fosse desenvolvido alguns anos depois no início da década de 90. Este estudo é, portanto, fruto dessa mudança curricular e retrata o encontro oportuno de dois movimentos reativos, socialmente significativos, em uma área de privação sócio-econômica.

Neste encontro estavam de um lado uma população que migrou para uma região metropolitana tentando fugir das adversidades do interior e/ou da zona rural e que com determinação queria fazer de tudo para mudar a vida para melhor e, de outro, uma faculdade pública, que sensibilizada com a situação de iniquidade secular em que grande parte da sociedade se encontrava foi ao encontro desse público não apenas para dar assistência e/ou fazer pesquisas, mas, acima de tudo, com a intenção de qualificar melhor o seu aluno de medicina e aprofundar sua formação crítica, de cidadania e humanista.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Joel Alves Lamounier pela disponibilidade, pela sutileza das palavras durante nossas reuniões e incentivo constante. Obrigado pela orientação, amizade e postura de educador.

À Profa. Janete que, numa iniciativa pioneira, ao oferecer curso e orientação no campo de pesquisa qualitativa, me possibilitou a realização da pesquisa que realmente eu desejava fazer. Agradeço a paciência, a pertinência das observações e por tudo.

Aos participantes não há como agradecer. Espero que essa pesquisa tenha alguma ressonância social porque foi isso que falei para eles ao justificar a importância da participação deles.

À D. Maria da Conceição Gomes Souza, líder comunitária, fraterna, que com sabedoria e muito esforço físico, por ter caminhado muito pelos becos e ruelas, às vezes situados nas encostas do aglomerado, para tentar localizar as pessoas que haviam participado da pesquisa de 1990, possibilitou com esse gesto despretensioso a realização dessa nova pesquisa.

À Thaís Lombardi Scavazzini pela dedicação e competência nas transcrições das fitas e inúmeras outras contribuições na elaboração do projeto.

Ao Padre Aginaldo Barros Mendonça da Paróquia São Brás do Conjunto Sta Maria ao ceder prontamente um espaço na paróquia onde aconteceu a maioria das entrevistas.

E a todos, com certeza a lista é extensa, que ao longo da minha vida, inclusive na realização da pesquisa do mestrado, contribuíram para a minha formação e minhas realizações como pessoa e como profissional, os meus agradecimentos sinceros.

RESUMO

Introdução: este projeto originou-se quando ainda estudante de medicina, comecei a observar que as crianças carentes adoeciam de forma difusa, ou seja, vários sistemas do organismo eram afetados simultaneamente, inclusive a saúde mental. Essas observações continuaram na residência e na prática de pediatria e, mais tarde, em um ambulatório de psiquiatria infantil, onde constatei que, além do adoecimento difuso, as crianças encaminhadas o eram, principalmente, devido às dificuldades escolares (D.E). Decidi na ocasião que este tema deveria ser abordado em atenção primária, portanto, na comunidade e não em atenção secundária como é o caso dos ambulatórios de psiquiatria infantil.

Desde então venho trabalhando em atenção primária onde realizei uma primeira pesquisa, em nível de mestrado, em uma comunidade socioeconomicamente desfavorecida que teve como finalidade descrever o perfil biopsicossocial de crianças que estavam na 1ª série, isto porque na época, ano de 1990, grande número delas era reprovada e evadia-se da escola nessa série. Naquela pesquisa empreguei o método Estudo de Caso e foram examinadas 39 crianças de 1ª série de uma escola pública, escolhidas aleatoriamente entre as 465 que cursavam essa série. Os achados mostraram que: antes da entrada para a escola a maioria das crianças da amostra foi exposta a múltiplos fatores de risco; à entrada para a 1ª série a maioria apresentava-se multiplamente impactada, ou seja, com impactos na saúde física, psíquica e social e suas famílias apresentavam muitos problemas; três anos após, 1993, a amostra estava tendo prejuízos na inserção escolar. Este estudo, portanto, contribuiu para a compreensão das causas da repetência e evasão escolar na perspectiva da medicina de crianças.

Justificativa: após a realização da pesquisa acima, a qual fundamentou projetos de intervenção, continuei trabalhando na comunidade. Mas, à medida que fui me inteirando cada vez mais da realidade local, constatei, porém, que os problemas escolares, em geral, nada mais eram do que um dos sintomas do fenômeno da Exclusão Social, um processo histórico que, na verdade, as pessoas da comunidade estavam envolvidas por ele. Essas observações se estenderam até os primeiros anos da década atual quando, então, decidi revisitar o trabalho de mestrado e também verificar como estavam os participantes da pesquisa de 1990, hoje adultos. **Objetivos:** os objetivos dessa nova pesquisa foram estudar os impactos biopsicossociais do processo da Exclusão Social sobre um grupo de pessoas em diferentes momentos dos seus ciclos de vida. **Métodos:** o método empregado, Estudo de Caso, constituiu-se de duas partes. Na parte I foi realizada a releitura da dissertação do mestrado cujos achados foram reinterpretados a partir da pediatria, psiquiatria e de teorias

do desenvolvimento da criança, tendo como pano de fundo a Exclusão Social. Na parte II, realizada em 2008, foram entrevistados 26 dos 39 participantes da pesquisa de 1990. Nessa segunda parte o método empregado foi uma entrevista inicialmente aberta seguida por uma semi-estruturada para pesquisar a História de Vida. Apenas alguns tópicos da história de cada um foram pesquisados: a trajetória escolar, a trajetória no trabalho e as queixas sobre a saúde ao longo dos 18 anos que separaram as duas pesquisas.

Resultados e discussão: a análise e interpretação da releitura da dissertação de mestrado mostraram como o processo da Exclusão Social pode ter produzido os múltiplos impactos encontrados na pesquisa de 1990. A pesquisa atual mostrou que este processo excludente continuava atuando de várias formas adversas sobre a amostra, uma vez que foram identificados impactos negativos na trajetória escolar, na trajetória do trabalho e diversas reações psíquicas às situações estressantes, experimentadas ao longo da vida dos participantes, resultando em prejuízos enormes na inclusão social dos indivíduos da amostra. Além disso, provavelmente, essa história de fracassos causou prejuízos também nas estruturas psíquicas das pessoas.

Entretanto, ao longo das entrevistas outros fatos relevantes se destacaram conforme relato espontâneo dos participantes, como por exemplo, um número importante de pessoas da comunidade envolvidas com o abuso de drogas e/ou tráfico foram assassinadas ou detidas em penitenciária. O entendimento sobre essas constatações, é que, além das influências da adolescência, período do ciclo de vida crítico para o desenvolvimento, por exemplo, da auto-estima, a droga, ao chegar à comunidade, encontrou um cenário propício para se multiplicar. Primeiramente porque se constituiu em uma possibilidade real de aumento da renda das pessoas as quais enfrentavam dificuldades de inclusão social o que poderia ser resolvido com o tráfico; em segundo lugar, como as pessoas tiveram impactos na estruturas psíquicas, provocadores de frustrações, ansiedade, depressão, angústia, raiva, a droga, poderia ser uma forma de aliviar esses sintomas e/ou encorajar os sujeitos.

Mas, se de um lado o tráfico levava à disputa por espaços para aumentar a venda, por outro a dependência da droga levava o indivíduo a roubar, assaltar, vender bens de familiares para a compra da mesma. Ambos os caminhos geraram a violência no interior da própria comunidade que acabou em mortes e prisões de forma expressiva. A chegada das drogas em uma comunidade vitimizada pelo processo de Exclusão Social precipitou o próprio auto-extermínio de um segmento importante da própria comunidade formado por jovens. Em outras palavras, a Exclusão Social preparou o cenário de adversidades para que a entrada das drogas se encarregasse de acelerar o processo excludente ao colocar um fim na vida de grande número de jovens da comunidade.

Conclusões: com este estudo foi possível identificar as possíveis origens da Exclusão Social e a associação dela com inúmeros fatores de risco que por sua vez podem ter produzido os múltiplos impactos biopsicossociais sobre a amostra estudada nos diferentes períodos do ciclo de vida. A constatação da existência de um processo evolutivo, articulado, justificou a denominação “Síndrome da Exclusão Social” para o quadro descrito e, este título, preenche uma lacuna existente na literatura quanto à definição desse quadro clínico tão freqüente, mas que ainda é tratado com muita indiferença. Essa definição dá maior consistência e visibilidade ao fenômeno ao mostrar como determinantes sociais podem produzir impactos devastadores na saúde e intergeracionais. Ao mesmo tempo a denominação ainda é capaz de convergir para si a atenção de várias áreas do conhecimento para sua compreensão e uma melhor abordagem.

Considerações finais: esse estudo aponta caminhos para a intervenção, prevenção e promoção de saúde. Ao descrever a evolução dos efeitos da Exclusão Social sobre os sujeitos nos diferentes momentos do ciclo de vida, o fenômeno tornou-se mais compreensível e, portanto, factível de sofrer transformações.

ABSTRACT

Introduction: This project started when I was still a medical student, and began to observe that underprivileged children got sick in a diffuse way, that is, various systems of their organism were affected simultaneously, including mental health. These observations continued in residence and in the practice of pediatrics, and later, in a child psychiatric outpatient clinic, where I found that, besides the diffuse sicknesses, the children were referred to the clinic mainly because of school difficulties. I decided that this thing should be dealt with in primary care, therefore, in the community and not in secondary care, as in the case of child psychiatry outpatient departments.

Since then, I have been working in primary care where I did my first master's research in an underprivileged community. The objective was to describe the bio-psychosocial profile of children who were in first grade, since, at the time (1990), many of them failed the school year and often dropped out of school at this grade. In this research I used the Case Study method and 39 children of the first grade in a public school were examined, chosen randomly out of 465 students in this grade. The findings showed that, before joining school, most of the children in the sample were exposed to multiple risk factors; on entry into first grade, most of them had been impacted in multiple aspects, that is, in their physical, psychic and social health, and their families had many problems; three years later, in 1993, the children from the sample had been affected in their schooling. This study, therefore, contributed to the understanding of the causes of failure and school dropout from the point of view of child medicine.

Justification: After the research above, which was the basis for intervention projects, I continued to work in the community. However, as I learned more of the local reality, I found that the school problems in general were no more than the symptoms of the phenomenon of social exclusion, a historical process which involved the people from the community. These observations reached into the first year of this decade when I decided to revisit my master's degree work and to check the participants in the 1990 survey who are adults today.

Objectives: The objectives of this new research were to study the bio-psychosocial impacts of the social exclusion process on a group of people at different stages of their life cycles.

Methods: The method chosen was Case Study and had two parts. The first part was reworking the master's dissertation and reinterpreting it from the point of view of pediatric psychiatry and child development theories, using the backdrop of social exclusion. In part two (2008), 26 interviews were held with 39 of the participants of the 1990 survey. This second part used open interviews, followed by a semi-structured interview to survey their life history. Only a few topics of the history of each one were surveyed: their school trajectory, their work and health problems during the 18 years between the two surveys.

Results and Discussion: The analysis and interpretation of the reworking of the master's dissertation showed how the social exclusion process may have produced the multiple impacts found in the 1990 survey. The current survey showed that the exclusion process continued to adversely affect the subjects of the sample, since negative impacts were identified on the school trajectory, the work trajectory and the various psychic reactions to stress situations experienced throughout the life of the participants, resulting in enormous losses in social inclusion of the individuals of the sample. Besides this, it is probable that this history of defeats also damaged the psychic structure of these people.

However, during the interviews, other relevant factors stood out, according to spontaneous reports of the participants. For example, a significant number of people in the community involved with drugs and/or drug trafficking were murdered or imprisoned. It became clear that a critical period in the life cycle, adolescence, provided a background which opened up the community for the multiplication of the use of drugs. In the first place, it was a real opportunity to increase income for people who faced difficulties for social inclusion; secondly, for people who had been impacted psychically, resulting in frustration, anxiety, depression, anguish, anger, drugs could be a way of relieving the symptoms and emboldening the users.

If, on the one hand, drug trafficking led to struggles for opportunities to increase sales, on the other, drug dependence made individuals steal, rob, sell family belongings to buy drugs. Both brought violence into the community, which ended up in deaths and imprisonment on a significant scale. The arrival of drugs in a community which was the victim of social exclusion brought about self-extermination to a significant part of the community made up of young people. In other words, social exclusion prepared a scenario of adversity for the entrance of drugs, which accelerated the exclusion process by ending the life of a large number of young people from the community.

Conclusions: With this study, it was possible to identify possible origins of social exclusion and its association to many risk factors which may have produced the multiple bio-psychosocial impacts on the population studied in the various periods of the life cycle. The discovery of a process that evolves and is articulated justified the name “Social Exclusion Syndrome” for the situation described. This name fills a gap in the literature for the definition of this frequent clinical situation, which is still treated with a lot of indifference. This definition gives greater consistency and visibility to the phenomenon by showing how social determinants can produce devastating impacts on health and between generations. At the same time the name can also attract the attention of various areas of knowledge for a better understanding and a better approach.

Final considerations: this study indicates paths for intervention, prevention and health promotion. By describing the evolution of the effects of social exclusion of the subjects at different stages in their life cycle, the phenomenon became better understood and, therefore, more open to transformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desnutrição e rendimento escolar	44
Figura 2 – Avaliação do QI de crianças que sempre foram pobres com crianças que passaram por períodos de pobreza	46
Figura 3 – QI de crianças de acordo com classe social da família e nível de instrução da mãe	51
Figura 4 – Suposições de ligações entre pobreza, prejuízo no crescimento, desenvolvimento da criança e progresso escolar	55
Figura 5 – Caminhos da pobreza até o desenvolvimento deficiente da criança	58
Figura 6 – Um modelo de desenvolvimento da personalidade	64
Figura 7 – Teoria de Bronfenbrenner	68
Figura 8 – Teoria de Bronfenbrenner (modelo ampliado)	69
Figura 9 – Modelo explicativo mostrando a estrutura psíquica da criança, os impactos sofridos pela criança e o sistema ecológico	71
Figura 10 – Distribuição da população no Brasil	74
Figura 11 – Cenário antes da realização do estudo de 1990	93
Figura 12 – Período entre a concepção e o nascimento	97
Figura 13 – Período compreendido entre o nascimento e a entrada para a escola	99
Figura 14 – A escolaridade em 1993	104
Figura 15 – A evolução da amostra durante o período da primeira pesquisa	106
Figura 16 – Períodos críticos ao longo do ciclo de vida	165
Figura 17 – Um modelo conceitual de como intervenções podem interferir no desenvolvimento precoce da criança	167
Figura 18 – Um modelo conceitual de como intervenções podem interferir na saúde, crescimento e desenvolvimento da criança	169

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1 – Comparação de problemas de saúde de crianças pobres versus crianças não pobres	48
Tabela 2 – Distribuição da população no Brasil (em milhares)	74
Tabela 3 – Características da amostra	86
Tabela 4 – Situação atual dos participantes	129
Tabela 5 – Informações sobre familiares presos, assassinados e acidentados	130
Tabela 6 – Nomes das vilas e a existência ou não de relatos sobre drogas e violência na região	131
Tabela 7 – Escolaridade em 1993 e escolaridade, profissão e renda atuais da amostra	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSPROM	- Associação Profissionalizante do Menor
BID	- Banco Interamericano de Desenvolvimento
BMG	- Banco de Minas Gerais
CEIP	- Centro de Internação Provisória
CERESP	- Centro de Remanejamento de Segurança Profissional
CERSAM	- Centro de Referência em Saúde Mental
CIAME	- Centro Integrado de Atenção ao Menor
CT	- Centro de Treinamento
CTI	- Centro de Tratamento Intensivo
DE	-Dificuldades Escolares
EMATER	- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMMP	- Escola Municipal Mestre Paranhos
EMOC	- Escola Municipal Oswaldo Cruz
ENEM	- Exame Nacional de Ensino Médio
ES	-Exclusão Social
FM	-Faculdade de Medicina
FEBEM	- Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
FMI	- Fundo Monetário Internacional
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
IMACO	- Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
INSS	- Instituto Nacional de Seguro Social
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
MG-10	- Rodovia MG-10
ODM	- Objetivos do Desenvolvimento do Milênio
OMS	-Organização Mundial de Saúde
PDCEM	-Processo de Desenvolvimento Curricular em Educação Médica
PNAD	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	- Plano Nacional de Educação
PNUD	- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROUNI	- Programa Universidade para Todos
PUC	- Pontifícia Universidade Católica

QI	-Quociente Intelectual
SAEB	- Sistema de Avaliação da Educação Básica
SLU	- Superintendência de Limpeza Urbana
SENAC	- Serviço Nacional de Aprendizagem
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
UNICEF	- Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNOPAR	- Universidade do Norte do Paraná

SUMÁRIO

	Página
Resumo	vii
Abstract	x
Lista de Figuras	xiii
Lista de Tabelas	xiv
Lista de Abreviaturas e Siglas	xv
SUMÁRIO	xvii
APRESENTAÇÃO	1
1 – INTRODUÇÃO	2
1.1 - Histórico da escolha do tema de estudo	2
1.1.1- O início na pediatria e o ambulatório de psiquiatria infantil	2
1.1.2- O início da experiência em atenção primária	5
1.1.3- A pesquisa do mestrado	6
1.1.4- A participação em projetos de intervenções na comunidade após a realização da pesquisa e a continuação das observações durante o desenvolvimento dos mesmos	7
1.1.5- As Dificuldades Escolares: ponta do iceberg de um fenômeno social	7
1.1.6- As drogas e a explosão da violência na comunidade	8
1.1.7- A decisão de revisitar a dissertação do mestrado e o desejo de realizar nova pesquisa	8
2 – OBJETIVOS	12
2.1 - Objetivos gerais	12
2.2 - Objetivos específicos	12
3 - REFERENCIAIS TEÓRICOS	13
3.1 - Exclusão Social: conceito e dimensões.	13
3.2 – Fundamentos de História Geral e do Brasil: uma tentativa de compreender as origens da Exclusão Social, da pobreza e da miséria no país.	17
3.3 - Fundamentos da geografia do Brasil: a urbanização e o surgimento das favelas.	30
3.4 - Os fatores de risco, os fatores protetores e os efeitos da pobreza e da miséria sobre as crianças e adolescentes.	35
3.4.1 – Conceito de fatores de risco e fatores protetores.	35
3.4.2 - Os impactos gerais da pobreza e o caso especial da pobreza urbana.	38
3.4.3-As repercussões na idade adulta	59
3.5 – Os múltiplos impactos: a combinação de várias teorias sobre o desenvolvimento da criança com a teoria de Bronfenbrenner.	61

3.6 – A situação atual das crianças e adolescentes no Brasil.	72
4 – METODOS	81
Parte I	82
4.1 - A releitura da dissertação do mestrado	82
Parte II	83
4.2 - A verificação da trajetória de vida de 1990 a 2008	83
História de vida	83
A entrevista	84
A entrada do entrevistador em campo	84
A entrevista piloto	85
A amostra	85
A análise dos resultados	87
5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	88
Uma reflexão sobre o contexto geral	88
Sobre a pesquisa de 1990	94
Sobre a pesquisa de 2008	107
6 – CONCLUSÕES	158
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170
9 – APÊNDICES	178
Apêndice 1 – Dados do mestrado e conteúdo das entrevistas realizadas em 2008	179
Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	337
10 – ANEXOS	
Anexo 1 – Aprovação pelo COEP – UFMG	339

APRESENTAÇÃO

O fenômeno da Exclusão Social esteve sempre presente durante estes 500 anos de formação da sociedade brasileira. Isto pode ser constatado através da história a qual mostra que os efeitos sociais tem sido devastadores e ainda estão muito marcantes entre nós.

Os resultados dessa pesquisa fortalecem as denúncias contra a Exclusão Social, assim como, ampliam a contribuição da área da saúde, mais especificamente relacionada à criança, ao adolescente e ao adulto jovem, ao revelar as conseqüências da Exclusão Social sobre a saúde das pessoas em diferentes períodos dos seus ciclos de vida.

Este estudo, realizado em dois momentos, 1990-1993 e 2008, evidencia as origens histórico-geográficas desse fenômeno, mas, sobretudo, focaliza, de forma predominante, os fatores de risco produzidos pela exclusão, entre eles, a pobreza e a miséria, e, os múltiplos impactos biopsicossociais desses fatores de risco sobre um grupo de pessoas em diferentes momentos de seus ciclos de vida. Mostra claramente, o confronto persistente de forças antagônicas: de um lado, as forças da exclusão emanadas da ideologia excludente, originárias em diferentes segmentos da sociedade e, de outro, as inúmeras respostas e estratégias de inclusão social por parte dos atingidos.

Além disso, detalha como ocorreu a interação perversa e sinérgica entre a Exclusão Social e as drogas, que teve como conseqüência a potencialização da violência urbana. Adicionalmente, explicita as raízes da violência; destaca que a Exclusão Social é uma forma de violência e o que se assiste na maioria das vezes nada mais é que a contra-violência.

O estudo aponta soluções ao indicar que o fenômeno da Exclusão Social produz um quadro clínico que chama a atenção, por ser caracterizado por uma uniformidade em termos causais, quanto às manifestações biopsicossociais e quanto ao curso evolutivo (**Síndrome da Exclusão Social**). Essa previsibilidade torna mais fácil a elaboração de medidas de prevenção e de intervenção.

Finalmente, outra contribuição deste estudo foi mostrar, a partir de queixas que emergiram em um serviço de saúde, ligações dessas “queixas médicas” com outras áreas do conhecimento. Este fato orienta para a necessidade de des-departmentalizar o saber e promover a articulação das diversas áreas do conhecimento desde muito cedo na vida do estudante. Além disso, reforça a tendência atual de valorizar, o ensino, a avaliação e a prática interdisciplinares.

1 - INTRODUÇÃO

“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores; se não houver flores, valeu a sombra das folhas; se não houver folhas, valeu a intenção da semente” (Henfil)

1.1-Histórico da escolha do tema de estudo

1.1.1-O início na pediatria e o ambulatório de psiquiatria infantil.

Este trabalho, na verdade, iniciou há mais de três décadas quando comecei a trabalhar com crianças e adolescentes. Atendendo este público, principalmente o de classe sócio-econômica desfavorecida, em ambulatórios ou hospitais, observei que estas crianças adoeciam de forma difusa, ou seja, apresentavam vários problemas de saúde que envolviam diversos sistemas ou aparelhos do organismo simultaneamente. Mas, para ser mais preciso, tudo começou em um daqueles momentos em que se faz grandes mudanças na vida. Esta aconteceu quando comecei a ler e fazer cursos relacionados à saúde mental das crianças e adolescentes, assunto que atraía minha atenção desde os tempos da graduação, e que foi reforçada na prática pediátrica, tanto no serviço público quanto na atividade particular, ao constatar que transtornos psiquiátricos eram mais frequentes do que se dizia na ocasião. Após o término do curso de especialização em psiquiatria e psicologia da infância e adolescência, cursado nos anos de 1984-1985, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, (FM-UFMG), fiz a proposta ao departamento de pediatria da FM-UFMG para iniciar um ambulatório de Psiquiatria Infantil.

A experiência desse ambulatório foi relatada na dissertação de mestrado Lombardi (1995, p. 29), “[...] Em fevereiro de 1986 iniciei no Anexo São Vicente de Paula do Hospital das Clínicas da UFMG um ambulatório de Psiquiatria Infantil. Logo no início desta experiência constatei que o número de crianças encaminhadas superava muito a minha capacidade de atendimento. Eram crianças provenientes de regiões distantes de Belo Horizonte, principalmente áreas carentes e mesmo algumas crianças do interior do estado. Do início do ambulatório em 1986 até final de 1988 foram encaminhadas mais de 300 crianças.

Um levantamento feito após 18 meses de funcionamento deste ambulatório ilustra bem o perfil da situação. Foram encaminhadas neste período 163 crianças. [...] Com relação às queixas mais frequentes constatamos que 90 crianças (55,2%) apresentaram queixas relacionadas à escola (reprovação, recusa, dificuldade para aprender, desistência,

agressividade com colegas e mesmo com professor, etc), mas outras também se destacaram, entre elas podemos citar: agressividade, 59 crianças (36,2%), nervosismo, 43 ou 33,13%, choro constante 47 (28,83%), distúrbios do sono, 33 (20,25%), distúrbios da linguagem, 32 (19,63%) e outras queixas como distúrbios de alimentação, enurese, auto-agressividade, fobias, cefaléia, etc.

Chamou a atenção neste levantamento, que a maioria das crianças desta amostra apresentava na sua história pregressa queixas ou situações relatadas pelos informantes, que mereciam uma avaliação da área da saúde e que, entretanto, os dados da entrevista sugeriam que a primeira intervenção da saúde havia sido feita bem mais tarde na vida das crianças.

Esta experiência de ambulatório como um todo desde o seu início e mais precisamente este levantamento, serviram de subsídios para repensar a minha prática. Foram importantes nesta reflexão:

- as principais queixas estavam relacionadas ao binômio criança-escola;*
- as crianças eram oriundas de regiões carentes e distantes do Ambulatório de Psiquiatria Infantil;*
- a natureza dos problemas era mais compatível com a filosofia de uma assistência a nível de cuidados primários e não em um Hospital Escola de atendimento secundário e terciário, localizado no centro de Belo Horizonte*
- a dificuldade, devido à distância, de discutir os casos atendidos, entre eles, os de Dificuldades Escolares (D.E.) com profissionais da área da área da educação.*
- a história de vida das crianças sugeria que os problemas teriam começado mais cedo, estabelecendo a importância de uma prática preventiva.*

Estas ponderações foram decisivas. Concluí, logo após os primeiros meses de funcionamento do ambulatório e as experiências que vieram depois, que poderia mantê-lo, porém ficou evidente que era meu desejo trabalhar em uma comunidade”

Esse foi outro momento importante da minha vida profissional quando, ao decidir trabalhar em uma comunidade carente, me reencontrei novamente com os meus sentimentos, ideais e sonhos da infância e adolescência, ainda muito vivos dentro de mim, todos impulsionando-me ao encontro do outro, com uma enorme vontade de ajudar, de tentar fazer alguma coisa pelo outro. Provavelmente influenciaram nessa decisão as agradáveis

lembranças da minha infância e adolescência em Barretos-SP, onde, naquela época, não existiam certas limitações, como o perigo da violência ou falta de espaços para brincar. O mesmo aconteceu mais tarde, já adolescente, quando jogava com segurança futebol de várzea nas vilas mais distantes de minha casa. Nesse tempo, em uma mesma sala de aula do Grupo Escolar Dr. Antonio Olímpio, escola pública onde estudei, localizada no centro de Barretos, estudavam as crianças pobres e ricas, as do centro e as das vilas, os filhos das autoridades e os filhos dos empregados.

É oportuno, entretanto, nesse instante, fazer uma pausa nesse relato e descrever o cenário da FM-UFMG na época que decidi ir para uma comunidade, o qual respaldava institucionalmente essa proposta. *“[...] Na década de 1970, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais realizou uma experiência de mudança educacional com base em estudos, pesquisas, análises internas e externas que culminaram com um amplo movimento de transformação do ensino médico dessa instituição e a implantação, em 1975, de um modelo curricular inovador e revolucionário para os padrões de ensino médico vigentes à época que objetivava formar profissionais com habilidades básicas para o atendimento da população.*

Essa trajetória encontra-se expressa, fundamentalmente, no documento conhecido como Processo de Desenvolvimento Curricular em Educação Médica (PDCEM)-UFMG.

Os princípios e objetivos que norteiam o ensino na FM-UFMG, desde 1975, baseiam-se na idéia de que o profissional adquira, ao longo do curso, ‘habilidades básicas para obter do indivíduo e da comunidade, o reconhecimento de suas necessidades de saúde e para atender a elas sob a forma de cuidado primário, em colaboração com o sistema de saúde e que o currículo deve ser flexível para ajustar-se à realidade de saúde e articular-se não só com o ensino de pós-graduação, mas prolongar-se sob a forma de educação permanente’. Desta forma foram considerados para o desenvolvimento curricular:

- a inserção nos serviços de saúde, não restrita aos internatos e que possibilitasse ao aluno integrar os conteúdos de ciências sociais, humanas e de saúde, na atenção integral ao indivíduo e à comunidade;

- a flexibilidade do currículo para garantir a individualidade vocacional ao futuro médico e permitir a introdução de temas emergentes na sociedade;

- a compreensão dos aspectos biológicos, ecológicos, sociais e comportamentais, em nível individual e coletivo, do processo saúde-doença;

- o ensino eminentemente prático, em pequenos grupos supervisionados,
- a oportunidade de trabalhar em equipe multiprofissional;
- a garantia do contato precoce do estudante com a realidade de saúde do país em nível individual, familiar e comunitário [...]”.

1.1.2- O início da experiência em atenção primária

As diretrizes curriculares citadas criavam, portanto, as condições para a realização do meu trabalho. Muito entusiasmado e motivado, iniciei uma nova fase de minha vida, a qual relato na dissertação de mestrado, (LOMBARDI, 1995, p. 31) “*O Departamento de Pediatria dentro da política vigente na época de estender os ambulatórios de pediatria para os Centros de Saúde, nas comunidades, facilitou a realização de nossa proposta e assim, a partir de agosto de 1986, estava iniciando os primeiros contatos com a Escola Municipal Mestre Paranhos (EMMP) e com a Creche Nossa Senhora da Natividade, ambas localizadas na região do Conjunto Sta. Maria em Belo Horizonte.*

A vivência na creche e na escola, durante o 2º semestre de 1986 até dezembro de 1988 confirmou muitos dados do Ambulatório de Psiquiatria Infantil e acrescentou outros, provenientes da experiência local. Muitos fatores adversos estavam presentes na vida das famílias e das crianças. Estas últimas, por sua vez, sentiam estas adversidades, adoecendo de forma complexa e difusa, como por exemplo, os prejuízos simultâneos no seu crescimento e desenvolvimento neuropsicomotor.

Em 1989 as atividades foram paralisadas. O meu estágio naquele ano no Department of Child and Adolescent Psychiatry, no Institute of Psychiatry em Londres foi importante pelo menos nos seguintes aspectos:

- *um contato com uma psiquiatria infantil com um enfoque social;*
- *um contato com o paciente psiquiátrico nos três níveis de atendimento (primário, secundário e terciário);*
- *um estudo da Classificação em Psiquiatria Infantil, o qual permitiu uma melhor sistematização dos meus conhecimentos até aquele momento;*

Em fevereiro de 1990 retornei do exterior, convicto de que deveria retomar o trabalho comunitário. Contatei novamente o Departamento de Pediatria, Centro de Saúde e a Escola Municipal e expus minhas idéias. O trabalho seria concentrado na Escola Municipal, uma vez que tinha em mente reiniciar meus estudos, a partir das mesmas queixas principais que emergiram no Ambulatório de Psiquiatria Infantil, ou seja, a questão das

Dificuldades Escolares (D.E.). Trabalhar na escola poderia ter uma vantagem que era o fato de grande parte do dia a criança permanecer na escola, o que poderia viabilizar o projeto”.

1.1.3-A pesquisa do mestrado

“Até aquele momento, as informações que eu tinha, acumuladas pela consulta à literatura e experiência, eram de que as Dificuldades Escolares (D.E.) em populações carentes eram um fenômeno complexo com muitas facetas. Precisava partir de um ponto e o que decidi foi o de iniciar estudando a criança carente na sua história de vida, história familiar e social e os aspectos físicos, crescimento, desenvolvimento e psiquiátricos. Estava claro, nesta estratégia, que iria inicialmente, fazer um estudo descritivo, envolvendo grande número de variáveis que acreditava estar presente na amostra estudada e assim responder a uma pergunta inicial significativa: - ‘ Como é uma criança carente residente em uma favela?’ Este tipo de estudo serviria de linha de base para a compreensão do fenômeno e para desencadear outros projetos de pesquisa com desenhos metodológicos diversificados, com o objetivo de responder questões sobre a força da associação entre as variáveis importantes do fenômeno estudado, como por exemplo, identificar as variáveis associadas com as Dificuldades Escolares e a força destas associações [...]”

Pretendia, com o estudo acima, obter o maior número possível de informações sobre um grupo de crianças e familiares que viviam em condições desfavoráveis, onde as taxas de repetência e evasão escolar eram preocupantes. O tipo de pesquisa escolhida para se atingir o objetivo foi o Estudo de Caso. A justificativa baseou-se em Oliveira (1995, p. 105).

O estudo foi iniciado em fevereiro de 1990. Foram selecionadas aleatoriamente 39 crianças, 17 meninos e 22 meninas, idade média de 8,3 anos, entre as 465 que estavam cursando a 1ª série da Escola Municipal Mestre Paranhos (EMMP). Os dados foram obtidos através de entrevistas com os responsáveis pela criança, na grande maioria a mãe; exame clínico da criança, avaliação do desenvolvimento e o relato da professora. No final de 1993, obteve-se a escolaridade das crianças da amostra.

Os achados mostraram que:

- a maioria das crianças já chegou à escola multiplamente afetada com prejuízos na saúde física, psíquica e no desenvolvimento;
- as famílias se apresentavam em geral também com múltiplos problemas;

- a maioria das crianças foi exposta bem antes da entrada para a escola a muitas situações adversas, denominadas fatores de risco que tinham como pano de fundo quase sempre uma situação de pobreza ou mesmo miséria;

- adicionalmente, o impacto dos fatores acima, ou seja, estar multiplamente afetada, constitui por si só um outro fator de risco, que pode auto-perpetuar o fenômeno;

- muitos fatores de risco detectados na história pregressa ainda faziam parte do cotidiano das crianças no momento da avaliação em 1990;

- outros fatores adversos como o fracasso escolar, foram acrescentados à vida dessas crianças, agravando a desproporção idade-série que existia na amostra como um todo já na 1ª série;

- embora tivessem sido expostas a muitas adversidades, 7 meninas estavam na 4ª série em 1993.

1.1.4-A participação em projetos de intervenções na comunidade após a realização da pesquisa e a continuação das observações durante o desenvolvimento dos mesmos.

Muito antes do estudo acima se transformar em uma dissertação de mestrado, os dados foram apresentados à direção da EMMP e professores. Foi decidido, a partir dessas reuniões, pela implementação de projetos de intervenção. Naquele momento a preocupação era melhorar a abordagem das crianças com Dificuldades Escolares (DE). Uma equipe multiprofissional foi formada e vários projetos se sucederam. Constatei durante o desenvolvimento destes projetos a importância da interdisciplinaridade, da intersetorialidade, da interlocução com a comunidade.

1.1.5-As Dificuldades Escolares: ponta do iceberg de um fenômeno social

Este breve relato da minha trajetória mostra que, ao deixar o complexo do Hospital das Clínicas, com a idéia de conhecer melhor as crianças e adolescentes carentes que repetiam de ano e evadiam-se da escola, residentes em áreas desprivilegiadas, no caso vilas e favelas, fiquei diante de um fenômeno social, extremamente complexo; na medida que ia me aprofundando nas observações e vivências dentro da comunidade constatei que, além da repetência e da evasão escolar, dezenas de outros problemas, muitas vezes mais graves ligados a esse fenômeno, eram identificados a todo instante. Desta forma, convergia para

dentro da mesma comunidade uma gama muito variável de problemas de várias naturezas. O atendimento no Centro de Saúde reforçava essas impressões.

Conclui então que DE, nesse contexto, era apenas mais um dos problemas e, apesar desse tema durante todos esses anos, não ter perdido a importância para mim, ao tentar compreendê-lo para melhor abordá-lo, percebi que ele era mantido por um fenômeno bem mais grave, generalizado e devastador chamado **Exclusão Social (E.S.)**. Na realidade, estava naquele momento começando a ter consciência de que estava profundamente mergulhado nesse processo da exclusão. Decidi então que era preciso estudá-lo.

Enfim, naquele momento, eu me re-posicionava perante a medicina e a vida e, talvez, me reencontrava comigo mesmo, no sentido de ser este o espaço em que gostaria de estar inserido e que, provavelmente, havia influenciado a escolha da medicina como minha profissão.

1.1.6-As drogas e a explosão da violência na comunidade

Na década de 90, principalmente no seu final e nos primeiros anos da década atual, explode no Brasil, principalmente nas regiões metropolitanas, um fenômeno preocupante, denominado violência urbana. Simultaneamente, verificava-se também, a presença marcante e crescente das drogas e, quase sempre, estavam envolvidos crianças e adolescentes, na maioria oriunda de regiões desprivilegiadas. No Conjunto Sta Maria e Vilas Adjacentes não foi diferente. Esta violência atingiu também alunos e professores da FM-UFMG o que levou à interrupção temporária dos estágios no Centro de Saúde. A saída da FM desta comunidade me fez refletir sobre os muitos aspectos que caracterizam a parceria de uma instituição de ensino superior com a comunidade e o serviço público.

1.1.7-A decisão de revisitar a dissertação do mestrado e o desejo de realizar nova pesquisa.

Na ocasião, a Exclusão Social, suas origens e seus impactos sobre a população já faziam parte de minhas reflexões, quando então, ao testemunhar este fato da saída da FM, me vi inserido em uma situação bastante complexa onde pareciam estar em jogo muitas forças e interesses além da violência.

Tive a impressão que a FM-UFMG estava num dos momentos mais delicados da sua história, na medida em que os grandes avanços do passado vinham progressivamente

perdendo suas forças, retrocedendo, e com grandes chances de buscar outros caminhos, marcados pelo distanciamento da sociedade.

Obviamente todas essas constatações estavam estimulando em mim um forte desejo que acabaria me direcionando para a realização de uma nova pesquisa. Neste sentido essas constatações primeiramente me impulsionaram para a elaboração de dois textos. O primeiro, “Repetência e evasão escolar: sintomas de exclusão social”, publicado no Boletim da UFMG, (LOMBARDI & LAMOUNIER, 2004, p. 2). A seguir foi publicado outro artigo “Repetência e evasão escolar em classe sócio-econômica desfavorecida: exemplos de indicadores de exclusão social”, publicado na Revista Médica de Minas Gerais, (LOMBARDI & LAMOUNIER, 2005, p. 20).

Naquela altura da minha vida profissional, após aproximadamente duas décadas de trabalho naquela comunidade, resumi as minhas observações assim:

“O trabalho do mestrado me mostrou que as crianças examinadas haviam sido expostas precocemente a múltiplos fatores de risco; à entrada para a escola (1990) estavam multiplamente afetadas assim como suas famílias se apresentavam com múltiplos problemas; o progresso escolar das mesmas verificado em 1993 não era satisfatório. E mais, como após a realização daquela pesquisa continuei trabalhando na comunidade outros fatos me chamaram a atenção como relatos freqüentes sobre mortes de adolescentes, de atos anti-sociais e de violência praticados por eles como os contra a própria FM. Além disso, as drogas estavam presentes de forma pronunciada e a pobreza e a miséria permeavam todas essas observações e completavam o cenário. A impressão final que fiquei foi que Repetência e Evasão Escolar eram apenas a parte superficial de um fenômeno social mais complexo que estaria por trás de tudo: a Exclusão Social”.

Naturalmente, diante dessas constatações, comecei a pensar sobre os participantes da pesquisa do mestrado que também faziam parte desse cenário e também sobre este próprio cenário. Dessas reflexões surgiram muitas perguntas, por exemplo: Quais eram as origens daquela pobreza e miséria? Quais eram as origens das favelas, dos aglomerados? Quem eram as pessoas que moravam nestes locais? De onde vieram? Quais eram as origens dos inúmeros fatores de risco aos quais as crianças haviam sido expostas? Estavam associados à pobreza e a miséria? Por que os participantes foram multiplamente afetados? Estes impactos estavam associados à pobreza e a miséria? Estes inúmeros fatores de risco e estes múltiplos impactos estavam associados à Exclusão Social? Quais eram as causas da violência? Por que as drogas

estavam tão presentes? Quais eram as suas origens? Como foi a trajetória de vida de cada um dos integrantes da pesquisa do mestrado até a idade adulta? Como foi a trajetória escolar durante este período? Chegaram a uma faculdade? Como foi a trajetória no trabalho, emprego? Adquiriram uma profissão? Qual era a situação deles após tantos anos? Como estava a inserção social dos mesmos após experimentarem tantas adversidades? Tiveram sucesso pessoal? Estavam bem de saúde? Envolveram-se com drogas? Em crimes? O que tinham para contar? Enfim, a quem responsabilizar por tudo isto?

Foram muitas as perguntas formuladas. Como a violência e as drogas são temas de grande relevância atual que preocupam muito a sociedade brasileira no momento, por envolverem a morte de tantos adolescentes e adultos jovens, causarem sofrimento a milhares de pessoas, decidi então fazer este novo estudo; este consiste em uma tentativa de contribuir para a compreensão desses temas a partir de um grupo de pessoas que já haviam sido estudados na infância e que vivem ou viveram em contextos de privação sócio-econômica em um aglomerado de vilas e favelas de uma região de Belo Horizonte. Mais do que isto, esperava com este estudo apontar mais caminhos para a solução.

Finalmente, é importante destacar, que os atores, envolvidos nesse estudo, desde seu início no ano de 1990, constituído por um lado de crianças/familiares residentes em favelas e vilas, e por outro lado, de alunos e de professores da FM-UFMG, simbolizam o encontro de dois movimentos significativos:

“um, que trouxe milhares de migrantes do interior e da zona rural para a zona urbana, na procura de melhoria das condições de vida e de outro, institucional, gerado na FM, a qual implantou na década de 70, os ambulatórios periféricos e o internato rural, objetivando proporcionar ao aluno uma formação médica compatível com a realidade brasileira”

Assim, enquanto o processo migratório para uma região metropolitana dava uma maior visibilidade à situação de vida extremamente adversa de grande parte da população no interior e mesmo na zona rural, a FM com a mudança curricular, numa demonstração inequívoca de estar sintonizada e comprometida socialmente, criava novos campos de ensino, extensão e pesquisa, dirigidos às comunidades excluídas, possibilitando assim uma leitura coerente da realidade. Este estudo que está sendo desenvolvido há quase duas décadas em um desses campos de extensão da FM é o resultado dessa iniciativa da FM-UFMG.

Com certeza, à medida que foram acontecendo as reflexões relatadas acima, começava a ser elaborada dentro de mim a hipótese principal deste estudo: O fenômeno da Exclusão Social produz impactos difusos, biopsicossociais, sobre as pessoas, começando ainda na infância, se estendendo pela adolescência até a idade adulta.

Acreditei, quando decidi fazer este estudo, que não estava sendo repetitivo. Entretanto, após reflexões conclui que a pesquisa era mais do que justificada porque seria mais uma a insistir em revelar como a situação das pessoas ainda continuava muito grave. A seguir relaciono os objetivos que pretendia alcançar com este estudo.

2 – OBJETIVOS

2.1 - Objetivo geral:

Estudar um grupo de pessoas que foram expostas ao fenômeno da Exclusão Social em diferentes períodos dos seus ciclos de vida.

2.2 - Objetivos específicos:

- Conhecer os fatores de risco associados ao processo de Exclusão Social;**
- Conhecer os impactos biopsicossociais na infância associados ao processo da Exclusão Social;**
- Conhecer os impactos da Exclusão Social sobre a escolaridade na infância;**
- Mostrar como os fatores de risco podem ter produzido os impactos biopsicossociais;**
- Conhecer a trajetória de vida relacionada à escola e ao trabalho entre a infância e a idade adulta;**
- Conhecer a situação dos participantes do estudo na idade adulta.**

3 – REFERENCIAIS TEÓRICOS

É importante ressaltar que, no início dessa caminhada, visando a realização da pesquisa, constatei que os assuntos e os termos que começaram a surgir, na medida em que fui fundamentando o estudo, estavam ligados a outras áreas do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Filosofia, etc. Por exemplo, Exclusão Social, pobreza, miséria, geralmente não fazem parte, na profundidade que deveria, dos textos clínicos de pediatria, psiquiatria infantil, desenvolvimento humano, que são áreas às quais estou mais familiarizado. Era preciso então me situar nesses campos, saber quem é quem, fazer as melhores escolhas conceituais e, neste sentido, para citar um exemplo de dificuldade, o próprio conceito de Exclusão Social não aparece na literatura de forma clara como seria esperado. Entretanto, apesar das dificuldades iniciais, foi possível no que se refere aos assuntos acima, fundamentar o trabalho com a segurança suficiente para poder continuar. Vou começar pela Exclusão Social.

3.1 - Exclusão Social: conceito e dimensões

Duas abordagens principais segundo Giddens (2005, p.279) têm sido adotadas para explicar a pobreza. Na primeira os pobres são responsáveis por suas próprias situações de desvantagem. Devido a uma falta de aptidões e de motivação ou a uma fraqueza moral, os pobres são incapazes de alcançar o sucesso na sociedade. Alguns passam a depender da assistência externa, como o auxílio da previdência, em vez de construírem a sua própria vida. A segunda abordagem afirma que a pobreza é resultado de processos sociais maiores que distribuem os recursos de forma desigual, criando condições difíceis de serem combatidas. A pobreza não é consequência de inadequações individuais, mas de desequilíbrios estruturais abrangentes.

Acredito que essa última abordagem é a mais adequada porque afirma que a pobreza é resultado de processos sociais, estruturais, que resultam em desigualdades. Isto me remeteu para um desses processos sociais que é o fenômeno da Exclusão Social. No livro “Vidas ao Léu: Trajetórias de Exclusão Social”, a autora Sarah Escorel ao dissertar sobre o conceito e suas dimensões contribui para a compreensão desse fenômeno, ao mostrar, como Exclusão Social está ligado à pobreza/miséria.

3.1.1 - Conceito:

“A noção de Exclusão Social designa, ao mesmo tempo, um processo e um estado. Um processo porque fala de um movimento que exclui, de trajetórias ao longo de um eixo inserção/exclusão, e que é potencialmente excludente (vetores de exclusão ou vulnerabilidades). Mas é, ao mesmo tempo, um estado, a condição de exclusão, o resultado objetivo de um movimento. As formas de exclusão social podem ser caracterizadas por trajetórias de labilidade dos vínculos sociais até sua ruptura completa, atravessando terrenos de dissociação ou desvinculação. Entre o início da trajetória e a ruptura total existem, certamente, situações (ou zonas) intermediárias de rupturas parciais dos vínculos, eventualmente reconstruídos a partir da criação de novos vínculos, mais ou menos lábeis.” Segundo a mesma autora “as análises tendem a considerar a emergência do fenômeno como expressão de um processo com raízes históricas ancestrais na sociedade brasileira, ao longo do qual ocorreram situações de exclusão que deixaram marcas profundas em nossa sociabilidade – como a escravidão. Alguns autores consideram que, a partir dessa marca estrutural, a sociedade apresentou nos diversos períodos históricos, faces diferenciadas, expressões de processos sociais presididos por uma mesma ‘lógica’ econômica e/ou de cidadania excludente.” (SCOREL, 1999, p. 67; 70)

3.1.2 - As dimensões da Exclusão Social: a autora analisa a Exclusão Social considerando-a como um processo que envolve trajetórias de vulnerabilidade, fragilidade ou precariedade e até ruptura dos vínculos em cinco dimensões da existência humana em sociedade:

Mundo do trabalho:

As trajetórias de vulnerabilidades dos vínculos com o mundo do trabalho envolvem a diminuição dos postos de trabalho, a precarização composta por empregos de tempo parcial ou de duração limitada, a não absorção da força de trabalho jovem, a instabilidade e a irregularidade ocupacional, o desemprego recorrente e duradouro, as dificuldades crescentes de inserção de mão de obra não qualificada e os rendimentos decrescentes das ocupações pauperizadas. Nesse âmbito, a caracterização principal do fenômeno de exclusão consiste em que contingentes populacionais cada vez maiores são economicamente desnecessários e supérfluos conformando, além do denominado desemprego estrutural, uma situação em que não há, sequer como potencialidade, postos de trabalho que poderiam ser ocupados no processo de produção de bens e serviços. (SCOREL, 1999, p. 75-76)

Sociofamiliar:

[...] verifica-se a fragilização e precariedade das relações familiares, de vizinhança e de comunidade, conduzindo o indivíduo ao isolamento e à solidão. São percursos de distanciamento dos valores e das relações que estruturam o cotidiano e trajetórias de dificuldades em conseguir mobilizar apoios frente a situações de labilidade dos vínculos econômicos ou políticos. As transformações da esfera produtiva e financeira vulnerabilizam o âmbito

familiar, podendo inviabilizar os suportes, proteções e reconhecimento aos seus membros.

[...]

Esta é uma dimensão de especial relevância na configuração de Exclusão Social no Brasil, em que a esfera pública não se universalizou e a família se manteve como principal suporte das relações sociais. Desvinculações neste âmbito configuram situações de isolamento parcial ou completo e de solidão, nas quais os indivíduos não compartilham nenhum lugar social e não estão ancorados a nenhuma unidade de pertencimento familiar ou comunitária. (SCOREL, 1999, p. 76-77)

Política:

[...] a experiência dos mais pobres revela a existência – em contextos democráticos – de situações não apreendidas pelos direitos ou nas quais o exercício dos direitos não é igual para todos. Os direitos elementares são para os pobres uma conquista de cada dia. As trajetórias no âmbito da cidadania são de precariedade no acesso e no exercício de direitos formalmente constituídos, e de incapacidade de se fazer representar na esfera pública. Assim, configura-se um espaço de não-cidadania onde a destituição de direitos se associa com a privação de um poder de ação e representação. Há uma fragmentação intensa, gerando uma estratificação da cidadania, que inclui o estatuto de não-cidadão ou de território de infracidadania. [...] Há exclusão da atividade política porque estão privados de recursos de poder e, também, pelo desencanto com a política, pela descrença de que esta contenha as potencialidades de ação na construção de um mundo comum, de uma esfera pública de igualdade.

[...]

Desde a transição democrática até o momento atual ocorreu no Brasil um processo de ampliação dos direitos, mas, também, uma cidadanização seletiva. Isto porque as pessoas submetidas a carências materiais extremas, em seu aprisionamento no reino das necessidades, encontram enormes obstáculos para conseguir apresentar-se na cena política como sujeito portador de interesses e direitos legítimos. (SCOREL, 1999, p. 77-78)

Das representações sociais:

[...] este é o âmbito do fenômeno que possibilita entender a Exclusão Social para além dos elementos de sua produção (vínculos econômicos) e de sua consolidação (vínculos sociais e políticos) nos elementos que a tornam natural (vínculos culturais e éticos). [...] É no terreno dos hábitos e costumes, no cotidiano social, nas interações sociais, no âmbito cultural, no eixo de troca de valores simbólicos, que a exclusão se manifesta de maneira mais radical, criando ‘dois mundos’.

O obscurecimento e a invisibilidade característicos da pobreza e a estigmatização característica da discriminação são acrescidos da indiferença, do conformismo e da fatalidade. Trajetórias de desvinculação dos valores simbólicos podem conduzir à experiência de não encontrar nenhum estatuto e nenhum reconhecimento nas representações sociais. Certas formas de representação coletiva situam as pessoas tão distantes de nosso universo mental, tão fora de nosso pensamento, que é como se elas não existissem. São caminhos de não-reconhecimento, de indiferença, de negação da identidade ou de identidade negativa, de estigmatização e de criminalização da diferença. [...] A exclusão por indiferença, como nas relações entre colonizadores e indígenas,

significa que as catástrofes que possam se abater sobre o outro não fazem parte do rol de problemas a serem considerados pela sociedade. Na matriz brasileira de relações sociais predomina a lógica desumana do estranho, onde há enormes dificuldades no reconhecimento do outro, sua aceitação como outro, isto é, diferente, e igual. (SCOREL, 1999, p. 79-80)

No mundo da vida:

Na dimensão humana, no mundo da vida, a Exclusão Social pode atingir seu limite, o limiar da existência humana. Os grupos sociais excluídos que se vêem reduzidos à condição de *animal laborans*, cuja única preocupação é manter seu metabolismo em funcionamento, manter-se vivos, são expulsos da idéia de humanidade e, por vezes, da própria idéia de vida. Os grupos sem vínculos com os mundos do trabalho e da cidadania, que não têm direito a ter direitos e cujas potencialidades da condição humana encontram-se limitadas a conseguir sobreviver, não interessam a ninguém, são supérfluos e desnecessários à vida social, são descartáveis, e podem ser eliminados das mais diferentes formas, ostensivas ou opacas, que ninguém os reclamará. Expulsos da idéia de humanidade, sua eliminação (matando, mandando matar ou deixando morrer) não interpela responsabilidades públicas nem sociais.

[...]

A Exclusão Social se caracteriza não só pela extrema privação material, mas, principalmente, porque essa mesma privação material desqualifica seu portador, no sentido de que lhe retira a qualidade de cidadão, de brasileiro (nacional), de sujeito e de ser humano, de portador de desejos, vontades e interesses legítimos que o identificam e diferenciam. A Exclusão Social significa, então, o não encontrar nenhum lugar social, o não pertencimento a nenhum topo social, uma existência limitada à sobrevivência singular e diária. Mas, e ao mesmo tempo, o indivíduo mantém-se prisioneiro do próprio corpo. Não há (mais) um lugar social para ele, mas ele deve encontrar formas de suprir suas necessidades e sobreviver sem suportes estáveis materiais e simbólicos. A ausência de lugar envolve uma anulação social, uma diferença desumanizadora, que reveste seu cotidiano com um misto de indiferença e hostilidade. (SCOREL, 1999, p. 81)

O conceito de exclusão é, portanto, inseparável do de cidadania, que se refere aos direitos que as pessoas têm de participar da sociedade e usufruir certos benefícios considerados essenciais (SCHWARTZMAN, 2007, p. 43).

Este belo e profundo texto de Scorel, ao ligar o processo da Exclusão Social ao aparecimento da pobreza/miséria e às suas graves conseqüências psicossociais, responde uma das minhas perguntas importantes; também, deixa evidente, que a Exclusão Social é um processo que tem origens ligadas à história do Brasil ao se referir às marcas deixadas pela escravidão e à relação de indiferença que existiu entre os colonizadores e os indígenas.

Esta associação que a autora faz da exclusão com a história conduziu para uma releitura sobre História Geral e do Brasil cujo objetivo era tentar entender outro questionamento, ou seja, como o processo excludente foi se configurando ao longo da

história até os dias de hoje. Novamente, nessa etapa do trabalho tive que abandonar por um tempo os textos da medicina, para procurar em outras áreas do conhecimento, nesse caso História Geral e do Brasil, as possíveis respostas às novas questões.

3.2 - Fundamentos de História Geral e do Brasil: uma tentativa de compreender as origens da Exclusão Social, da pobreza e da miséria no país.

Assim, partindo do princípio que a História é a ciência que estuda o passado para compreender o presente, iniciei essa nova etapa do meu estudo. A estratégia adotada desde o princípio dessa leitura, à medida que os autores pesquisados descreviam os fatos históricos, foi a de concentrar a atenção e a análise no comportamento humano, nas relações humanas e em suas ações, procurando sempre que possível extrair os significados e as conseqüências. Os objetivos dessa estratégia eram o de tentar compreender como surgiram e foram se constituindo os comportamentos e as idéias excludentes.

Comecei a revisão pela pré-história e antiguidade.

3.2.1-Na pré-história e antiguidade

Alguns aspectos destes períodos foram selecionados:

O início da escravidão:

É provável que grupos humanos sempre tenham lutado para dominar regiões com água, caça e frutos abundantes. O fato de terem fixado sua moradia e de produzirem armas mais resistentes contribuiu para que os conflitos se tornassem mais freqüentes. Muitas vezes um grupo decidia atacar outro com o objetivo de conquistar mais terras para cultivo ou de obter gente para trabalhar: começavam as guerras e, com elas, a escravização de seres humanos. Portanto, a guerra servia como instrumento de sobrevivência e servia também para obter escravos. (COSTA E MELLO, 2008, p. 27).

Quanto ao início da escravidão Gallo afirma que:

A gênese do escravismo é também a gênese da civilização. [...] Nas sociedades primitivas, reinava o comunismo tribal e a antropofagia: o inimigo derrotado em combate era devorado. Miticamente, sua força e coragem eram transmitidas ao vencedor. Quando o homem deixa de devorar o homem e o subjuga, coloca-o para fazer em seu lugar o trabalho que ele mesmo deveria realizar, isto é, deixa de assimilar metaforicamente a força do outro e passa a assumi-la fisicamente, nasce a escravidão, finda o comunismo e surge a sociedade de classes, a civilização, a divisão do trabalho. (GALLO, 2009, p. 136)

Schmidt (1999, 2008) cita outros acontecimentos importantes desses períodos:

A divisão do trabalho. Segundo Schmidt (1999, 2008) a agricultura foi uma das maiores invenções da história da humanidade mas era preciso irrigar as plantações e para isso foram criados os canais de irrigação. Para construir os canais era preciso organizar o trabalho de centenas e até de milhares de pessoas. A saída encontrada foi a **divisão de trabalho**, que, no entanto, necessitava **planejamento**. Em algumas sociedades umas poucas **pessoas se especializaram** em determinar todos os planos e dizer às equipes de trabalho como elas deveriam proceder. Começava assim a **separação** entre o **trabalho intelectual e o trabalho manual**.

As pessoas que **planejavam**, entretanto, começaram a ter muito **poder** nas mãos, foram **acumulando privilégios**, mais direitos, foram se **sentindo superiores**. Adquiriram **conhecimentos** que as outras pessoas não tinham e **transmitiam** esses conhecimentos apenas para seus próprios **filhos**. Assim, enquanto antes as pessoas que coordenavam os trabalhos eram escolhidas por toda a comunidade e gozavam da confiança das pessoas, com o **passar do tempo** só algumas famílias tinham o direito de **coordenar** o trabalho comunitário.

Segundo Chauí (2002, p. 171), Marx verificou que, historicamente, uma sociedade (pequena, grande, tribal, imperial, não importa) sempre começa por uma divisão e que essa divisão organiza todas as relações sociais que serão instituídas a seguir.

A propriedade privada. Com o crescimento da população a vida comunitária começou a se dissolver. As pessoas se dividiam em grupos numerosos que podiam ser as **famílias grandes** ou as várias **aldeias**. Cada grupo pensava cada vez mais em **si mesmo**, de tal forma que, se uma enchente destruísse uma plantação de uma família, a família vizinha não ajudava mais. O resultado é que uma família ficava pobre enquanto a outra prosperava. Aos poucos as famílias que prosperavam não queriam compartilhar suas riquezas, por exemplo, as terras com as outras famílias. Estava nascendo **a propriedade privada**. Essa era passada aos filhos enquanto os filhos dos trabalhadores manuais não herdavam nada, ou seja, a propriedade privada contribuiu para dar origem à **desigualdade social**.

O surgimento do Estado e do exército. O Estado tinha tudo a ver com o aprofundamento da divisão do trabalho, pois era **formado por um grupo de pessoas que tinha se especializado** em planejar as obras públicas, mas, para fazê-las era preciso recursos. Era exatamente o Estado que cobrava **impostos** da população, que fornecia de graça, ouro, alimentos, animais, objetos de artesanato, como também era comum a população trabalhar de graça nas obras públicas. O Estado passou a organizar grupos de soldados armados e

obedientes - **o exército** - o qual tinha como tarefa forçar as pessoas a pagarem os **impostos**. Com o surgimento do Estado, esse passou a **elaborar as leis**. Os funcionários dos mais altos postos faziam parte de uma classe social privilegiada - **os nobres** - os quais tornavam-se ministros, comandantes do exército e reis.

Com o tempo, o **Estado** acumulou muitas **riquezas**. Os impostos já não eram mais apenas para fazer obras públicas. Como era a nobreza que controlava o Estado, ela passou a usufruir dessas riquezas em **benefício próprio**.

A religião: contribuía para manter o **povo submisso**, porque os sacerdotes ensinavam que o faraó era um deus e que todos deviam se submeter a ele. Dizia-se que o poder dos reis foi dado pelos próprios deuses. O cristianismo ‘domesticado’ pregava a obediência às autoridades e **estimulava o povo a ter fé** porque **depois da morte** teria uma vida **feliz no Paraíso**.

3.2.2-Na idade média

O Feudalismo e as grandes propriedades rurais. A vida passou a girar em torno das grandes propriedades rurais, que pertenciam aos nobres. Os camponeses que serviam aos nobres plantavam e criavam animais. Trabalhavam como artesãos, construíam muros de proteção, casas, etc. Trabalhavam para eles mesmos e para o nobre, dono da terra. Os servos camponeses faziam de tudo, não tinham salário, usavam terras do feudo para plantar e pagavam tributos aos nobres feudais. Os camponeses se submetiam à aristocracia porque se sentiam protegidos por ela.

O poder da igreja: A igreja afirmava que Deus havia determinado uma divisão entre os homens. Alguns se dedicariam a servir a Deus, a louvá-lo e a difundir o cristianismo. Essa era a tarefa dos monges, dos padres, do clero em geral.

Outros defendiam a cristandade com armas na mão - era a função dos cavaleiros, dos nobres. Por fim, **Deus** havia **determinado** que houvesse homens **voltados para o trabalho**, para que não faltasse pão ao cavaleiro nem ao padre. Em outras palavras Deus queria que os servos fossem obedientes e sustentassem o luxo e a boa vida dos bispos e dos nobres. A igreja dizia que quem se colocasse contra a ordem feudal estaria contrariando a vontade de Deus. As revoltas eram chamadas pela igreja de **Heresias**. Para resumir, podemos dizer que os servos **aceitavam a exploração** feudal porque tinham **medo da espada** (lança dos nobres) e **da cruz** (labaredas do inferno).

Durante muitos séculos, os membros do clero eram, praticamente, as únicas pessoas que sabiam ler e escrever.

O aparecimento da burguesia e do capitalismo. Os burgueses se dedicavam basicamente ao comércio e as atividades bancárias. **Os burgueses através dos lucros das vendas e dos juros cobrados nos empréstimos enriqueceram.** Enquanto a riqueza do senhor feudal era a terra, que servia para lhe dar prestígio (título de nobre) e para que ele pudesse cobrar tributos feudais dos servos, a riqueza do burguês era o **capital**, uma riqueza que ele investia para conseguir **lucros, a fim de aumentar ainda mais o seu capital.** Muitos comerciantes para obter os lucros usavam os artesãos para produzir as mercadorias e as vendiam por um preço bem maior. Por sua vez muitos mestres artesãos em troca dos ensinamentos usavam aprendizes que trabalhavam praticamente de graça. Surgiam aí duas classes sociais: de um lado os donos do capital, que lucravam, e do outro lado os que precisavam trabalhar, em troca de uma determinada quantia conforme sua capacidade de trabalho.

O surgimento das universidades. As universidades eram protegidas tanto pela igreja como pelos grandes senhores feudais. Os estudantes universitários eram filhos de nobres e vinham de toda a Europa. As universidades formavam as pessoas da elite na sociedade medieval.

A formação do Estado Absolutista. No século XIV, não havia mais terras disponíveis para os reis e nobres ocuparem. A solução foi cobrar mais impostos e taxas feudais dos servos. O resultado foi, em várias regiões da Europa, **uma união dos camponeses para invadir castelos.** Os nobres responderam e milhares de pessoas foram mortas, mas as revoltas dos servos eram tão maciças que o exército particular de cada senhor feudal já não era suficiente. Os nobres começaram a se unir para se defenderem das revoltas que ameaçavam todos os senhores feudais. Com esta união dos nobres estava sendo formado o **Estado Absolutista** e também um grande exército. Os nobres concordaram em concentrar toda a autoridade nas mãos **dos reis**, os quais tinham assessores que pertenciam à nobreza. Na ocasião foi formulada a célebre doutrina do direito divino que dizia que o rei **estava no trono por vontade de Deus.** Quem desobedecesse ao monarca seria inimigo do Estado e de Cristo.

O surgimento das idéias mercantilistas. Quanto mais rico o país, mais poderoso seria o monarca absolutista. Para estimular o crescimento econômico nacional, os reis e seus

assessores estabeleceram que o Estado deveria controlar a economia intervindo para o país exportar muito e importar pouco. Com a exportação uma nação poderia **acumular metais preciosos como ouro e a prata**. Para atingir estes objetivos muitos comerciantes europeus do século XV e XVI, com o apoio do Estado, aprenderam a navegar até o Oriente para adquirir mercadorias especiais e revende-las na Europa. Com isso os comerciantes poderiam pagar mais impostos ainda ao Estado. Esse momento foi o da chamada **expansão marítima**.

No momento que se iniciou a expansão marítima começaram os acontecimentos que tinham a ver mais de perto com o Brasil. A partir daí, minha leitura de História, passa a ter duas frentes: uma, visando compreender o que aconteceu na Europa ainda na idade média e depois, na idade moderna e contemporânea, e a outra frente procurando conhecer o que estava relacionado ao Brasil.

Ao rever a História Geral no período que corresponde à pré-história e até certa altura da idade média, ficou a impressão que, por diferentes razões, visões do outro e do mundo foram introjetadas pela nobreza, construídos a partir da lógica para manter o poder a qualquer custo, em detrimento da maioria. Foi justamente essa nobreza, com esses ideais, que veio para o Brasil, iniciou a ocupação e a colonização do país.

3.2.3- A colonização do Brasil

A seguir relato vários aspectos dessa colonização que são essenciais para a compreensão da formação da sociedade brasileira.

Durante cerca de trinta anos, Portugal não criou nenhuma cidade nem tentou produzir alguma coisa por aqui. Daí o nome de período pré-colonial (1500-1532). Neste período os portugueses se limitaram a extrair pau-brasil e a utilizar nossa costa como escala para os navios que iam para as índias. Aos poucos, outros países europeus estavam chegando ao oriente. Os lucros dos portugueses começaram cair na Europa. Era o momento de se voltar para o Brasil.

A colonização começou em 1532 com a fundação de cidades e o início da produção de açúcar.

Produção de açúcar no Brasil colônia. As exportações do açúcar pelo nosso país serviam para manter **positiva** a balança comercial de Portugal.

A escravização dos índios. Eles foram escravizados, tiveram suas terras roubadas, foram mortos. Muitos morreram de doenças trazidas pelos europeus como a varíola e o sarampo. A destruição física foi acompanhada pela destruição cultural. Segundo Moreira

(2006, p.347) estima-se que, na época do descobrimento, a população nativa do país era cerca de 5 milhões de habitantes. Hoje, depois de submetidos a um longo processo de extermínio, que se iniciou com a ocupação do território pelos portugueses, restam cerca de 350 mil indígenas no Brasil.

A divisão do Brasil em enormes fatias de terra. Cada uma delas foi entregue a um nobre português. As fatias de terras referidas acima eram territórios chamados de capitânicas hereditárias. Predominava um sistema de grandes propriedades rurais nas mãos de uma minoria, ou seja, um sistema de **latifúndios**.

A escravização dos negros. A escravidão estimulou pensamentos racistas. Os brancos concluíram que os escravos chegaram à situação de escravidão porque eram seres humanos inferiores aos europeus. Acreditaram que negros e índios faziam parte de uma raça inferior que merecia ser dominada pelos brancos. Estima-se, segundo MOREIRA (2006, p.349), que, entre 1532 e 1850, entraram no Brasil mais de 5 milhões de africanos, adquiridos como escravos.

A produção de ouro. A maioria dos trabalhadores nas minas e garimpos era composta de escravos. Grande parte do ouro acabou nas mãos de Portugal e Inglaterra.

A emigração portuguesa para o Brasil e as origens da mestiçagem brasileira. Sobre a origem e também quanto ao número de portugueses que vieram para o Brasil no livro Brasil: 500 anos de povoamento (IBGE) encontra-se registros da imigração portuguesa: Nos primeiros dois séculos de colonização vieram para o Brasil cerca de 100 mil portugueses, uma média anual de 500 imigrantes. No século seguinte, esse número aumentou: o registro é de 600 mil com uma média anual de 10 mil imigrantes portugueses. O ápice do fluxo migratório ocorreu na primeira metade do século XX, entre 1901 e 1930: a média anual ultrapassou a barreira dos 25 mil.

A origem sócio-econômica do português imigrante é muito diversificada: de uma próspera elite nos primeiros séculos de colonização, passou-se a um fluxo crescente de imigrantes pobres a partir da segunda metade do século XIX.

O colono português emigrou para o Brasil, em geral, sem a família. Mesmo quando o colono pretendia trazer família, ele deixava para mais tarde, para quando pudesse com segurança prover a subsistência dela. Na incerteza do desconhecido ele começava partindo só. As uniões mistas (com índias e negras) se tornaram, então, a regra (PRADO JR., 2006, p. 108).

3.2.4-A independência do Brasil.

Em 1822 aconteceu o que foi denominado Independência do Brasil. Na verdade, o país continuava governado pela nobreza. Com a independência começou o Império.

O início do Império. Após mais de 300 anos de colônia de Portugal. Começava o Império por um governante, D.Pedro I, que não tinha sido eleito pelo povo e governou de forma autoritária (1822-1831). Neste período os escravos continuavam a fornecer a mão-de-obra.

A regência (1831-1840). Foram anos de agitação política. Os grandes proprietários de terra se uniram para reprimir os movimentos ‘rebeldes’.

O governo de D.Pedro II (1840-1889). O Imperador era apoiado pelos poderosos cafeicultores, os quais eram a base da autoridade do Imperador.

O fim do tráfico de escravos da África. Começaram a vir os imigrantes europeus. A elite defendia a idéia de que ‘para o Brasil tornar-se civilizado’ era necessário o “embranquecimento” da população.

A célebre ‘Lei da Terra’: o governo não poderia doar terras. Assim o ex-escravo e o imigrante, que eram pobres, teriam enormes dificuldades de adquirir terras. Era uma forma de garantir que a mão de obra livre estaria disponível para os grandes proprietários.

Abolição da escravidão: A lei Áurea, porém, não previa nenhuma proteção social. As propostas de **doação de terras** para os ex-escravos foram **arquivadas**. A idéia de **indenizar os escravos** foi ignorada. **De escravos, os negros e os mulatos passaram a trabalhadores muito pobres, com poucas chances de progredirem numa sociedade dominada por latifundiários cheios de preconceitos. Após a abolição,**

[...] o contingente de escravos não foi integrado como mão-de-obra livre nas regiões que se modernizavam e industrializavam. Para estes setores, vieram trabalhadores imigrantes europeus. Não porque os escravos mostrassem qualquer deficiência em relação ao trabalho, pois toda a riqueza colonial saiu de suas mãos, mas porque o trabalhador europeu tinha experiência com o trabalho industrial, as nações européias tinham interesse na exportação da mão-de-obra que pressionava por melhores condições de vida [...]. (COSTA, 1997, p. 158)

No que se refere às crianças nesse período e ao abandono das mesmas no Brasil, no livro ‘História Social da Criança Abandonada’ de Maria Luíza Marcílio (2006, p. 257) a autora afirma que, com o fim da escravidão, o sistema que existiu foi sempre o da forte concentração de rendas e da exclusão, de marginalização de uma faixa considerável da

população. Em sua quase totalidade, as crianças que eram abandonadas provinham dessa faixa de miseráveis, de excluídos. A pobreza foi a causa primeira – e de longe a maior – do abandono de crianças em todas as épocas.

Ainda no que se refere à situação da criança na época, com o fim da escravidão,

[...] vale registrar que circulava, já naquele século, sempre que se discutiam os problemas da imigração, um *slogan* que afirmava: ‘o melhor imigrante é a criança nacional’, querendo-se dizer com isso naturalmente que a melhor forma de assegurar a médio prazo uma força de trabalho, a qual supostamente não carregava consigo problemas comuns ao imigrante estrangeiro, como a língua, os costumes, a saúde, a tradição, a cultura etc. era cuidando da infância; que assim o retorno seria mais garantido. (LAPA, 2008, p. 94)

3.2.5-A proclamação da República (1889)

Nesse momento da nossa história a nobreza, pelo menos no que se refere literalmente ao espaço do poder ocupado por seus representantes, foi realmente substituída.

Um golpe militar derrubou o Império. Nas ruas, a população não sabia direito, o que estava acontecendo. A principal força social que apoiou a mudança era composta pelos fazendeiros do oeste paulista, a região mais rica do Brasil.

Os dois primeiros presidentes eram militares. o marechal Deodoro da Fonseca e o marechal Floriano Peixoto. Por isso, esse período inicial da República já foi chamado de República da Espada.

Governo do marechal Deodoro: marcado pela crise econômica, inflação, tensão política. Deodoro renunciou.

Governo do marechal Floriano. A saída de Deodoro não diminuiu a tensão política. Floriano agiu como ditador. Mandou prender quem o criticava, fosse jornalista, general, governador, almirante ou deputado. O apelido de ‘marechal de ferro’ foi conquistado na luta pela imposição de sua autoridade. Floriano tinha gente poderosa ao seu lado como os cafeicultores os quais queriam que ele acabasse com os tumultos políticos.

A República Velha. O período que vai da queda do Império, em 1889, até a Revolução de 1930 é chamado de República Velha. Na República Velha, somente alguns grupos privilegiados de latifundiários é que tinham ligações com o Estado e recebiam apoio dele. Eram as oligarquias. Todos os estados do Brasil tinham suas **oligarquias dominantes**. Na verdade, as eleições da República Velha eram famosas pelas fraudes e pela manipulação dos votos sempre a favor das oligarquias estaduais. Durante toda a República Velha, valeu a

Constituição de 1891. A maioria dos membros da Assembléia Constituinte era composta por fazendeiros (também chamados coronéis) ou por políticos ligados a eles, portanto, favorecia as oligarquias.

Nem todos podiam votar. O voto não era secreto, as mulheres não podiam votar, não votavam os menores de 21 anos, os soldados, os padres e os analfabetos, ou seja, mais de 80% ficava de fora.

Na República Velha começaram a surgir muitas indústrias. O capital investido na indústria vinha do café. Em São Paulo, **muitos fazendeiros do café investiam uma parte de seus lucros em outros negócios**. Tornavam-se sócios de companhias ferroviárias, de bancos, empresas de comércio e, claro, fábricas.

Alguns industriais eram imigrantes. Trabalhavam nas fábricas filhos de escravos, descendentes de portugueses pobres e muitos imigrantes estrangeiros (italianos, espanhóis e portugueses). **Formavam uma nova classe social na nossa história, o proletariado**.

A expansão imperialista. As empresas estrangeiras estavam investindo em vários setores da economia brasileira, buscando fontes de matérias-primas e mão-de-obra barata para explorar. Os países imperialistas procuravam justificar suas ações utilizando três idéias preconceituosas: **o racismo** (A raça branca merece dominar as raças inferiores), **o etnocentrismo** (Os brancos civilizados estão levando o progresso para os povos primitivos), e **o darwinismo social** (Na luta pela sobrevivência, as nações mais fortes sobrevivem e as mais fracas devem sucumbir).

A República Velha (1889-1930). Foi um período de grande instabilidade política. A difícil situação econômica dos pobres e a insatisfação com o domínio das oligarquias geraram vários movimentos populares que foram reprimidos com violência. Durante quase toda a República Velha não houve, por exemplo, uma única lei de proteção aos trabalhadores.

Neste período apareceram muitas fábricas no Brasil. Com elas nascia, como referido acima, **o proletário**, operário da indústria. Assim como foi difícil para o operário no começo da Revolução Industrial Européia, aqui, durante a República Velha, não foi diferente. O operário brasileiro da época quase não tinha direitos. Eram comuns jornadas de dez, doze e até quatorze horas de trabalho por dia, de segunda a sábado. Sem direito a férias nem aposentadoria. Quando perdia o emprego sobrevivia à custa da ajuda de parentes e amigos. As crianças e mulheres grávidas também trabalhavam. Os acidentes eram comuns. Os salários eram muito baixos. O tipo comum de moradia era o cortiço.

Diante dessa situação surgiram os sindicatos e as greves. Entretanto, o movimento operário era muito perseguido. O presidente do Brasil Washington Luís cunhou uma frase que ficou famosa: **‘A questão social é um caso de polícia’**.

3.2.6-A ditadura Vargas (1930-1945)

Uma revolta militar acabou com a República Velha: Getúlio Vargas passaria a ser o novo presidente. Aconteceram algumas mudanças significativas na sociedade brasileira: a indústria continuava a crescer, a vida urbana foi se tornando cada vez mais destacada. Outra mudança notável foi a preocupação do Estado em criar leis sociais e em buscar o apoio do proletariado. Mas, foi uma época também de repressão ao movimento operário (comunistas presos, greves proibidas, imprensa vigiada).

Os investimentos do Estado deram prioridade total à indústria na região Sudeste. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais foram os privilegiados. O Norte e o Nordeste continuariam agrários, dominados pelo latifúndio e pelas oligarquias locais. Os camponeses nessas regiões continuavam em grandes dificuldades, por isso, desde 1930, **centenas de milhares de nordestinos emigram para as grandes cidades do Sudeste**. Entre 1930-45 mais de meio milhão foi para São Paulo. Trabalhavam na construção civil e nas indústrias por salários muito baixos. **A maioria morava em favela, em barracos.**

3.2.7-O período após o primeiro governo de Vargas.

Terminada a segunda Guerra Mundial (1939-1945), a opinião brasileira rejeitava a ditadura de Vargas que acabou afastado do governo, pelos militares, em 1945. Provisoriamente o governo do país ficou a cargo do presidente do Supremo Tribunal.

A primeira eleição para presidente com voto direto na nossa história. Logo depois, o Brasil elegia o presidente com voto direto e secreto. O eleito foi o marechal Eurico Gaspar Dutra, um antigo simpatizante do nazismo, que apoiara a ditadura do Estado Novo de Getúlio.

A eleição da Assembléia Constituinte. Foi elaborada então a Constituição de 1946, considerada na época, a mais liberal que o Brasil havia tido. Ela estabelecia voto direto e secreto para presidente da República, embora os analfabetos ainda não pudessem votar. Entretanto, essa constituição não estabelecia direitos trabalhistas para os empregados das fazendas nem mencionava a possibilidade de uma reforma agrária. Além disso, abria a possibilidade da intervenção do governo sobre os sindicatos.

Período de 1945 até 1964. Foi o primeiro período em nossa história no qual os presidentes da República passaram a ser eleitos com voto direto e secreto do povo.

Governo Dutra (1946-1951). No final do governo Dutra, a inflação alta consumia todo o salário mínimo. Os trabalhadores começaram a reagir. Getúlio se candidatou a presidência e foi vencedor.

Governo de Getúlio Vargas (1951-1954). Esse retorno de Vargas ao governo foi marcado por uma profunda crise econômica e política. Em 24 de agosto de 1954 Getúlio suicidou-se.

O governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1960). A idéia básica de JK era desenvolver o Brasil. O país deveria deixar de ser um país basicamente agroexportador e se tornar industrial. Para executar esse plano teve que obter empréstimo com banqueiros internacionais **o que fez com que a dívida externa dobrasse de tamanho.** Além disso, passou a emitir papel-moeda o que provocou a inflação. A economia cresceu, mas os trabalhadores passaram a receber menos. No final do governo JK, o valor do salário mínimo representava só três quartos do valor que tinha no começo.

O Brasil se tornou mais industrial do que agroexportador, no entanto nós continuávamos tão subdesenvolvidos como antes. Apesar do crescimento industrial, o país continuava sendo um exportador de produtos primários: café, algodão, minério de ferro, cacau, açúcar. A agricultura era ainda dominada pelo latifúndio, pelo atraso tecnológico, pela miséria do camponês. JK nem ensaiou uma reforma agrária. As diferenças sociais não foram diminuídas. O crescimento econômico do país pouco beneficiou os mais pobres. **A riqueza gerada nesse período ficou com os mais ricos.**

O governo de Jânio Quadros (1961). Jânio foi eleito em uma grande votação, porém depois de sete meses de governo confuso ele renunciou ao mandato. Apresentava-se como um ‘messias salvador do povo’. Com a renúncia de Jânio a direita não queria a posse do vice-presidente da república, João Goulart. O país vivia uma crise política terrível, estava à beira da guerra civil.

O parlamentarismo e o governo de João Goulart (1961-1963). A crise foi superada e João Goulart assumiu o poder. A economia crescia pouco e a inflação aumentava. **A saída seria destruir as estruturas arcaicas e modernizar o capitalismo brasileiro, mas que fosse uma modernização capaz de estender os benefícios à população mais pobre.** Propunha-se as **Reformas de Base.** A principal delas era a **reforma agrária,** mas também,

maiores impostos sobre os ricos, reforma na educação, no sistema bancário; obrigar as multinacionais investirem aqui mesmo a maior parte do lucro. Uma parte importante do povo apoiou as Reformas de Base. A esquerda mobilizou-se para que elas fossem realizadas.

3.2.8-O golpe militar de 1964 e a ditadura militar (1964-1985)

Entretanto, a mobilização popular a favor das Reformas de Base amedrontou a classe dominante. Muitos interesses estavam ameaçados (de latifundiários, grandes empresários, banqueiros, grande parte da classe média, UDN, EUA, militares brasileiros). **O resultado foi o golpe militar de 1964.** De 1964 a 1985 o Brasil viveu o período da ditadura militar. Alegava-se que o governo militar organizaria o Brasil para que ele se tornasse uma grande potência econômica e militar.

O milagre econômico. Durante esse período, além da repressão, da perda dos direitos políticos, da prisão, da tortura, das mortes, da censura, do exílio, dos atos institucionais, dos golpes, dos senadores biônicos etc, aconteceu o **‘milagre econômico’**. O país vivia o chamado arrocho salarial: a economia crescia, mas os salários não aumentavam na mesma proporção. **Dizia-se na época que era ‘preciso deixar o bolo crescer para depois dividir’**. Com o crescimento econômico os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres.

O aumento da dívida externa. O governo financiava os projetos com empréstimos dos bancos estrangeiros. **Assim, em 1974, a dívida externa do Brasil já era seis vezes maior do que em 1964.** Todos os anos bilhões de dólares saíam do Brasil para pagamento dos juros da dívida externa.

A impopularidade do regime militar. O regime militar por várias razões foi se tornando cada vez mais impopular e as pressões a favor da democratização eram muito fortes.

3.2.9-As eleições diretas para presidente da República

Não foi possível acontecerem as eleições diretas. Entretanto, Tancredo Neves, foi eleito no Colégio Eleitoral, de forma indireta, após vários acordos políticos que impediram a continuação no poder, de forças políticas que haviam apoiado o regime militar. Na véspera da posse Tancredo adoeceu e faleceu alguns dias depois. Ironia da história: Sarney político ligado à ditadura militar, é que deveria conduzir o país. Começava a Nova República no Brasil.

O governo Sarney (1985-1990)

No final do governo de Sarney a inflação estava em 1900%.

A nova Constituição da República:

[...] Em 1988, o Brasil ganhou a Constituição mais democrática de nossa história. Seus principais pontos são: garantia maior dos direitos humanos contra a arbitrariedade do Estado, a pena de morte e a tortura são proibidas, direitos do cidadão entre eles saúde e educação, igualdade de direitos fundamentais entre homens e mulheres, racismo é crime, fim da censura, novos direitos trabalhistas entre eles o trabalhador rural permanente passou a ter os mesmos direitos que o trabalhador urbano e proibição do trabalho infantil, liberdade sindical, novos direitos políticos entre eles analfabetos podem votar, ampliação dos poderes do Congresso Nacional, reforma agrária, proteção ao índio.

O governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992). Foi acusado de corrupção e para não sofrer o impeachment renunciou. A inflação em 1991 estava em 480% e o Brasil estava mergulhado numa das maiores recessões de sua história.

O governo de Itamar Franco (1992-1994). O grande êxito de Itamar foi o controle da inflação, que tinha chegado a 5000% ao ano. O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, deu início ao Plano Real. A inflação gigantesca caiu a quase zero por mês.

O governo de Fernando Henrique Cardoso- FHC (1995-2002). FHC foi eleito presidente em 1994 e foi reeleito em 1998. A crise econômica na Ásia, a partir de 1998, levou a mudanças no Plano Real. A moeda foi desvalorizada a ponto de valer metade do dólar. Com isso, caíram as importações e melhoraram as exportações. O problema da balança comercial externa tornou-se menos grave. **Em compensação, a dívida externa quase triplicou de valor. No plano interno talvez o maior problema social fosse o desemprego.**

O governo Lula (2003 -). Em 2002, Lula foi eleito para presidente da República e em 2006 foi reeleito com mandato até 2010. Para essa vitória foi decisivo o apoio da população mais pobre do país, beneficiada por políticas sociais de redistribuição de renda, como o programa Bolsa Família, que favoreceu mais de 11 milhões de famílias (COSTA e MELLO, 2008, p. 617).

Assim, após essa releitura sobre história, ficou a impressão de que os ideais e os modos de comportar da nobreza (centralização do poder, exploração, indiferença em relação ao outro, etc) que por mais de 350 anos esteve fortemente associada a formação do povo brasileiro, continuaram muito presentes nas representações mentais dos que assumiram o poder a partir da queda do Império. As classes que assumiram o poder, ligadas as oligarquias, desde então continuaram a por em prática os ideais e as atitudes excludentes.

Apenas trocaram as pessoas, os ideais e os comportamentos, continuaram os mesmos. A mesma lógica excludente persistiu. Ou seja, o poder continuou na mão de poucas pessoas e uma maioria populacional, que aquela altura se multiplicava muito, continuava a margem do que acontecia na sociedade.

A população, entretanto, nunca ficou de braços cruzados, aconteceram inúmeros movimentos de resistência e foram adotadas diferentes estratégias de sobrevivência. Uma delas foram as migrações e com elas surgiram as favelas. E, apenas recentemente, outro acontecimento que foi um marco na nossa história, foi a promulgação da Constituição da República de 1988, que nos inspira e nos enche de esperança, com os seus novos paradigmas, fortemente inclusivos.

Mas, voltando um pouco no tempo. Seguindo a minha linha de raciocínio, senti a necessidade de entender como surgiram as favelas. A próxima seção tem este objetivo.

3.3 - Fundamentos da geografia do Brasil: a urbanização e o surgimento das favelas.

Para tentar entender como surgiram as favelas, além da história, precisei pesquisar, em nível básico, uma outra área importante do conhecimento: Geografia do Brasil. Esta nova leitura, como já havia acontecido com as outras áreas citadas anteriormente, foi mais uma ‘viagem’ que fiz extremamente interessante, agradável e gratificante.

3.3.1-A urbanização brasileira

A cidade na história

Segundo Moreira (2002, p. 123), durante a alta Idade Média (do século V ao século X) as cidades possuíam uma função político-administrativa ou religiosa, eram capitais de impérios, sedes de bispados, centros de peregrinações, etc.

Tanto na Antiguidade quanto na Idade Média a base da economia era a atividade agrícola. Em torno do campo se estruturavam a organização social e, conseqüentemente, a organização do espaço geográfico.

Com o desenvolvimento do capitalismo na baixa Idade Média (a partir do século XI), as cidades passaram a ser o centro dinâmico da economia, graças à expansão das atividades artesanais e mercantis. O excedente gerado pelo campo passou a ser comercializado na cidade.

Mas foi somente com a Revolução Industrial, no século XVIII, que as cidades se tornaram os principais pólos da economia. O desenvolvimento da indústria atraiu grande número de pessoas para as cidades, o que gerou o processo de urbanização, ou seja, a população urbana foi pouco a pouco se tornando maior que a população rural. Como espaço de concentração de indústrias, a cidade passou a significar simultaneamente grande concentração de pessoas e de capital.

As mudanças econômicas, sociais e políticas pelas quais o Brasil passou ao longo do século XVIII - particularmente com o desenvolvimento da economia mineradora – levaram ao surgimento de um grande número de vilas e povoações como São João del Rey, Vila Rica, Mariana, Sabará, entre outras.

No entanto, foi no século XIX que ocorreu um intenso movimento de fundação de novas vilas e cidades no interior das diferentes regiões brasileiras. Veja a seguir alguns fatores que contribuíram para esse processo:

- a construção de ferrovias ligada à economia cafeeira;
- a intensificação da ocupação do território através do avanço da lavoura do café, da exploração da borracha na Amazônia, da colonização européia no Sul e da expansão do comércio de gado no Nordeste;
- o fim da escravidão e a introdução do trabalho livre assalariado, que tornaram mais do que nunca a cidade um local de moradia, de trabalho e de acesso ao mercado.

Com o desenvolvimento da industrialização a partir da década de 1940, lançaram-se as bases do processo de urbanização no país. Como em outros países, a urbanização brasileira ocorreu como resultado da modernização da economia: instalação de indústrias, expansão do trabalho assalariado e ampliação do mercado consumidor.

No Brasil, o processo de urbanização foi muito rápido. Em 1950, cerca de 64% ainda vivia no campo. Apenas vinte anos depois, a população urbana já era a maioria no total do país, alcançando a cifra de 56%. Hoje, mais de 80% da população vive nas cidades.

Para tanto, foi fundamental a atuação do governo brasileiro como principal agente da modernização da economia. Com o objetivo de expandir a industrialização, a partir dos anos 1960 o governo iniciou uma política nitidamente voltada para a urbanização do país. Várias foram as conseqüências do modelo de urbanização adotado no Brasil, e a maior parte delas foi decorrente do contínuo crescimento das regiões metropolitanas. Tais regiões originaram-se do processo de expansão da mancha urbana em volta de determinadas cidades

que, por sua importância econômica, foram denominadas metrópoles. As metrópoles acabaram absorvendo a área rural em volta da cidade e também outras cidades. Em geral, essa expansão trouxe como resultado a *conurbação*: a união de duas ou mais cidades preexistentes, que possuem integração física e econômica, mas mantém sua autonomia administrativa. Assim, a metrópole deixa de ser apenas a ‘cidade-mãe’ a partir de onde se originou a expansão para tornar-se toda a área em volta dela que foi anexada, o que pode envolver vários municípios.

No Brasil, o grande crescimento das regiões metropolitanas ocorreu na década de 1970 quando sua população cresceu muito mais do que a população das cidades médias e pequenas. Isso foi resultado do próprio modelo de modernização econômica concentrado nas áreas de grande adensamento populacional. As indústrias, sobretudo as multinacionais, instalavam-se continuamente nas metrópoles em busca de mão-de-obra, mercado consumidor e infra-estrutura. A necessidade de mão-de-obra, por sua vez, atraía ainda mais moradores e ampliava o setor de serviços.

Assim, nas metrópoles brasileiras concentram-se as grandes indústrias nacionais e multinacionais, as principais instituições do Estado - universidades, centros de pesquisa e outros órgãos públicos -, além de um diversificado e moderno setor terciário: bancos, hotéis, empresas comerciais, de comunicação, etc.

Segundo Moreira (2002, p. 125), a partir da década de 1980 verifica-se uma mudança no padrão da urbanização brasileira. Essa mudança está diretamente ligada a dois fatores:

- os limites da atuação do Estado, que se tornou incapaz de continuar financiando grandes obras de infra-estrutura e, portanto, de ser um dos principais agentes da modernização econômica;

- a desconcentração da economia, ou seja, o processo de transferência de atividades econômicas, sobretudo industriais, para as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste e para cidades pequenas e médias do próprio Centro-Sul.

Nas décadas de 1980 e 1990, portanto, as regiões metropolitanas brasileiras deixaram de ser pólos de intenso crescimento populacional. Da média anual de 3,8% na década de 1970, o crescimento das regiões metropolitanas baixou para cerca de 2% no período de 1980-1991 e para 1,5% entre 1991 e 1996.

Entretanto, a população urbana continua crescendo significativamente em todas as regiões, inclusive naquelas onde as atividades rurais ainda exercem forte influência na economia, como o Norte, o Centro-Oeste ou mesmo o Sul do país. No período de 1991 a 2000, a população urbana aumentou em 26 milhões de habitantes, enquanto 4 milhões de pessoas deixaram a área rural (êxodo rural).

Hoje, os brasileiros concentram-se principalmente nas cidades médias e pequenas, que, a partir de 1980, apresentaram índices de crescimento maiores que os das grandes capitais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1991 e 2000, a população dos municípios do interior aumentou 17,5 milhões e a das capitais cresceu apenas 5,2 milhões. Cidades com até 500 mil habitantes passaram a ser pólo de atração de migrantes, devido ao crescimento da indústria, da agroindústria e do comércio local.

Os problemas sociais urbanos

Finalizando, Moreira (2002, p. 128), afirma que o modelo de urbanização pautado na metropolização trouxe graves conseqüências sociais e ambientais para o Brasil e para o mundo.

O crescimento das grandes cidades ocorreu não apenas pela verticalização, ou seja, a ampliação do solo urbano com a construção de prédios de muitos andares, mas também pela horizontalização, isto é, a expansão da mancha urbana. No entanto, a população dessas cidades cresceu de forma mais acelerada do que a oferta de empregos, habitações, infraestrutura urbana e serviços sociais.

As políticas públicas de criação da infra-estrutura foram orientadas para expandir as atividades econômicas e não para atender às necessidades sociais. Assim, as camadas sociais mais sacrificadas são as que vivem nas periferias da mancha urbana, que não contam com saneamento básico, eletrificação, abastecimento de água, coleta de lixo, ruas pavimentadas, etc. Isso sem falar em problemas como o desemprego ou subemprego, a escassez e decadência da escola pública e dos serviços de saúde.

Para toda a população das grandes cidades pode-se falar em prejuízo da qualidade de vida: poluição atmosférica, sonora, redução das áreas verdes, congestionamento de trânsito, deterioração das áreas centrais.

Segundo o autor os principais problemas sociais urbanos são:

Desemprego e pobreza

O grande crescimento da população urbana não foi acompanhado por um significativo aumento na oferta de empregos. Em função desse desequilíbrio, as grandes cidades apresentam elevadas taxas de desemprego e subemprego. O chamado subemprego está associado ao inchaço do setor terciário nas grandes cidades. As pessoas desempregadas passam a trabalhar como vendedores ambulantes, camelôs, fazendo biscates, etc.

O desemprego e o subemprego de grande parte da população urbana explicam porque o número de pobres aumenta nas áreas urbanas do país.

O caos do setor habitacional

Um dos problemas mais graves das aglomerações urbanas é a habitação. As taxas elevadas de crescimento populacional e valorização do solo urbano não foram acompanhadas por uma elevação do nível de renda nem pelo aumento dos sistemas de financiamento imobiliário. Como resultado, o país enfrenta um enorme déficit habitacional, principalmente nas grandes cidades. Ou seja, há falta de moradia para grande parte da população urbana. Um número enorme de famílias não tem casa própria, e os aluguéis são muito caros.

Os sem-teto

As regiões metropolitanas também lideram uma outra lista: são as áreas que apresentam o maior número de sem-teto, pessoas que não têm acesso à moradia.

Favelas e cortiços

A falta de moradia está diretamente relacionada à existência de favelas e cortiços nas grandes cidades. Os cortiços oferecem o maior exemplo de coabitação.

Os centros das grandes cidades são o principal local de concentração de mercado de trabalho. Assim, os trabalhadores que recebem baixos salários preferem dividir os aluguéis elevados com várias famílias a gastar com transporte. Por outro lado, multiplicam-se os moradores de favelas. O IBGE considera favelas os aglomerados que reúnem pelo menos cinquenta moradias, precariamente construídas, carentes de infra-estrutura urbana e localizadas em terrenos que não pertencem aos seus moradores.

No Brasil, aproximadamente 80% da população das favelas concentra-se nas regiões metropolitanas. Entre 1991 e 2000, o IBGE registrou um crescimento de 22,5% de favelas no Brasil. Segundo a Folha on-line (14/07/2007) a população nas favelas dobrou após o governo

revisar o cálculo. Agora, o governo reconhece que o país tem 12,4 milhões de pessoas vivendo em condições precárias em 3,2 milhões de domicílios. Antes, o dado reconhecido oficialmente era de 6,3 milhões de pessoas em 1,4 milhão de domicílios. A mudança se deu por uma reavaliação dos dados do Censo de 2000 do IBGE.

Resumindo, nessas três primeiras seções foi conceituado Exclusão Social, suas origens e suas conseqüências, entre elas, a pobreza/miséria e as favelas, esta última um dos cenários resultantes do fenômeno migratório de populações atingidas pela exclusão, para as regiões metropolitanas.

Nas próximas seções a intenção é verificar na literatura a associação existente entre esse contexto adverso e os fatores de risco e os impactos produzidos por eles. Primeiramente, conceituando fatores de risco e fatores protetores, e a seguir, os efeitos negativos desses fatores de risco no crescimento, desenvolvimento e na saúde de crianças e adolescentes e, finalmente, as repercussões na idade adulta.

3.4 – Os fatores de risco, os fatores protetores e os efeitos da pobreza e da miséria sobre as crianças e adolescentes

A importância de introduzir, nesse momento, o conceito de fatores de risco e de fatores protetores é porque os mesmos servem de elos de ligação entre os fatos sociais, histórico-geográficos descritos acima e os impactos sobre as pessoas que é o objetivo geral dessa pesquisa.

3.4.1 – Conceito de fatores de risco e fatores protetores

Os fatores de risco

Ajuriaguerra (1986, p. 334), no capítulo sobre a criança e o ambiente define fatores de risco como todas as condições existenciais na criança ou em seu ambiente, que acarretam um risco de morbidade mental superior ao observado na população em geral através das pesquisas epidemiológicas. O autor cita como fatores de risco:

Na criança - a prematuridade, o sofrimento neonatal, a gemelaridade, a patologia somática precoce, as separações precoces;

Na família - a separação parental, o desentendimento crônico, o alcoolismo, a doença crônica em particular de um dos pais, o casal incompleto (mãe solteira), falecimento;

Na sociedade - a miséria sócio-econômica, a situação de migrante.

Estas variáveis não são independentes. Frequentemente reforçam-se com efeitos cumulativos: miséria sócio-econômica e prematuridade, por exemplo.

Segundo Ajuriaguerra constata-se também que a natureza da situação patogênica é variável. Pode-se, assim, distinguir:

-os acontecimentos pontuais e localizáveis (hospitalização, separação parenteral, morte, nascimento de um irmão, movimento migratório);

-as situações crônicas e duráveis (insuficiência sócio-econômica, clima familiar deteriorado), ou com efeitos prolongados (prematuridade).

Barker (2004, p. 210), no capítulo que trata sobre prevenção das desordens psiquiátricas da infância define fatores de risco como circunstâncias que fazem o desenvolvimento da desordem mais provável. O autor cita como exemplos: fatores genéticos (por ex. relacionada a fenilcetonúria), fatores de risco na gravidez (rubéola, toxoplasmose, sífilis, AIDS, toxemia, etc.), traumas durante o nascimento, prematuridade e outras desordens médicas no período neonatal, acidentes dentro e fora de casa, intoxicações, doenças físicas particularmente quando prolongadas e levam a hospitalizações repetidas, privação cultural, negligência, falta de cuidados médicos, separação e desarmonia familiar, doença nos pais por exemplo doença mental particularmente quando ambos os pais estão adoentados e também quando a doença é mais séria e prolongada, fracasso escolar precoce, temperamento difícil, residência em uma comunidade desorganizada (índice de criminalidade alto, uso generalizado de droga, falta de serviços para jovens), fatores relacionados aos grupos de amigos (delinqüência, atitudes anti-sociais), fatores relacionados à escola, à experiência de estar sob cuidados de um órgão de proteção à criança, família numerosa, ausência do pai, pobreza.

Os fatores protetores.

Por outro lado Barker (2004, p. 211), define fatores protetores como sendo o inverso dos fatores de risco. Eles reduzem a probabilidade da desordem aparecer. O autor cita os seguintes:

a) sexo – por razões pouco compreendidas garotas parecem ser menos susceptíveis ao estresse na infância do que garotos.

b) temperamento – um temperamento adaptável ou uma criança fácil parece proteger contra o efeito de privação e desvantagens.

c) natureza isolada do estresse – mesmo estresses crônicos, se isolados, tendem a causar pouco dano, mas estresses múltiplos interagem potenciando os resultados adversos de cada um.

d) habilidades de lidar com o estresse – existem evidências que crianças podem adquirir as habilidades para lidar com vários estresses. Por exemplo, crianças que tiveram experiências breves e prazerosas de separação tais como permanências curtas com amigos ou parentes, lidam melhor com internação hospitalar.

e) um bom relacionamento com um dos pais – isto ajuda a proteger contra os efeitos adversos que podem resultar quando uma criança é criada em um lar discordante, infeliz.

f) sucesso ou boas experiências fora de casa – uma boa escola pode auxiliar ao aliviar os efeitos do ambiente ruim do lar.

g) melhora nas condições da família – os efeitos de circunstâncias adversas precoces parecem ser minimizados anos mais tarde num ambiente familiar mais harmonioso.

Parker et al (1988, p.1262) afirma que pesquisadores como Rutter tem considerado o auto-conceito da criança como uma chave determinante dos resultados bem sucedidos na vida. É sugerido que as crianças com sentimentos positivos de amor próprio, de domínio e de controle podem, mais facilmente, vencer as experiências estressantes. Essas crianças obtêm mais experiências positivas de seu ambiente. Elas mostram iniciativa no cumprimento das tarefas e na formação de relações. Mesmo nas famílias estressadas, a existência de um bom relacionamento com um dos genitores reduz o risco psiquiátrico para os filhos. Para as crianças de mais idade, a presença de um estrito e válido relacionamento com uma figura de apoio externo (por exemplo, um professor da escola) pode igualmente exercer uma função protetora. Uma criança com um auto-conceito positivo procura, estabelece e mantém a espécie de relação de apoio e as experiências que promovam o resultado bem sucedido. Esses sucessos facilitam o amor próprio e o senso de domínio da criança, induzindo a maiores experiências e relações positivas. O ciclo de sucesso pode ser tão auto-perpetuado quanto o do fracasso.

Graham (2001, p. 392), no capítulo sobre prevenção considera, além dos fatores de risco e dos fatores protetores, os fatores de vulnerabilidade, e os define como aqueles que aumentam a probabilidade de um transtorno ocorrer. Por exemplo, a existência de uma desarmonia entre os pais é um fator de risco para transtorno de conduta. Se a criança que está em risco por esse motivo tem um bom relacionamento com alguém fora de sua família isso

pode agir como um fator protetor, mas se a criança está atrasada educacionalmente isso pode aumentar a sua vulnerabilidade para desenvolver tal transtorno.

Segundo Corrêa *et al* (2005, p. 9), os riscos serão, também, diferentes conforme o grau de desenvolvimento da sociedade: nas mais desenvolvidas, estão prioritariamente vinculados a questões relacionadas ao processo de desenvolvimento - acidentes, violência, suicídio-; nas em desenvolvimento, somam-se à pobreza e ao desequilíbrio social, as doenças carenciais, as infecto-contagiosas, etc. Segundo o autores, na análise dos riscos, também deve-se considerar que eles se interrelacionam, podendo resultar em um efeito somatório ou potencializado, como no caso da desnutrição/infecção, ou em um efeito de danos múltiplos – como no caso do fumo, com ação sobre os aparelhos respiratório e circulatório, entre outros. Ainda há de se considerar que um risco pode gerar outros, como, por exemplo, o tabagismo materno, que predispõe a criança ao baixo peso ao nascer, por si só um risco para a ocorrência de infecção e aumento da morbimortalidade neonatal.

Assim, o conhecimento dos fatores de risco e dos fatores protetores, a interação dos mesmos, é importante para explicar o surgimento ou não de impactos biopsicossociais, a natureza dos mesmos, o curso evolutivo, o prognóstico e orientar as intervenções. A forma como se dá essa interação auxilia na compreensão da resiliência e da vulnerabilidade maior ou menor apresentadas por crianças e adolescentes.

3.4.2 - Os impactos gerais da pobreza e o caso especial da pobreza urbana.

Após a revisão dos conceitos de fatores de risco e protetores serão revistos os efeitos da pobreza e da miséria sobre as crianças, adolescentes, famílias e comunidades. Inicialmente, pretendo citar os textos dos autores, sem interrupções para análises críticas. Os comentários serão feitos ao final da seção.

Os textos dos autores pesquisados serão citados, à medida do possível, de forma completa, o que tornará mais rica a comparação com os resultados dessa pesquisa

Chess, por exemplo, afirma que

“A pobreza na área urbana de uma cidade está muito provavelmente associada à residência em um bairro marginalizado e zona de alta criminalidade, enquanto que a pobreza rural associa-se com residências em prédios velhos e estragados, que não expõem necessariamente as crianças ao mesmo grau de violência e insegurança. Por outro lado, os pobres da área rural têm menos cuidados médicos, e de qualidade inferior do que os disponíveis às famílias desfavorecidas das grandes cidades.

O cuidado pré e pós-natal deficiente ou inexistente está associado com uma incidência maior de prematuridade, baixo peso ao nascimento e outras causas reprodutivas que apresentam uma relação significativa com problemas neuropsiquiátricos. A saúde física deficitária e dieta insuficiente produzem um baixo nível de energia e uma responsividade deficiente ao ambiente, incluindo a aprendizagem escolar. Além disso, as escolas nas comunidades pobres são deficientes quanto à quantidade de materiais educacionais; em lugar de compensar a falta de familiaridade das crianças com as exigências educacionais, elas não provêem a atmosfera ótima para a aprendizagem. A habitação em casas supercheias e estragadas cria não só um sentimento de desesperança e de desespero nos pais, mas pode, com efeito, resultar em um envenenamento crônico por chumbo (tinta das paredes) que leva ao dano cerebral. A alta incidência de crimes em guetos urbanos torna as ruas e praças inseguras para as crianças, privando-as de oportunidades de brinquedos e recreação, e expondo-as ao trauma estressante de observar a morte e a destruição e de serem elas mesmas vítimas de violências. Para os adolescentes, os perigos da identificação com criminosos e do envolvimento em várias atividades delinqüentes estão sempre presentes. Quando os pais não são bem sucedidos em contrabalançar tais influências, ocasional, senão habitualmente, a conduta delinqüente se estabelece.

O desemprego dos pais, numa família, cria sentimentos de insatisfação e impotência que podem afetar seriamente sua função parental. As crianças podem se tornar um alvo fácil para o descontentamento e a raiva dos pais. Conduta infantil e exigências de atenção são experimentadas como imposições. Pais irritados podem realmente infligir severa punição corporal à criança ou se retraírem de qualquer interação com ela e, assim, negligenciá-la. O cuidado médico e psiquiátrico deficiente dos pais afeta indiretamente as vidas dos filhos por não promoverem a melhoria de suas capacidades para cuidar da criança.”

Chess finaliza sua análise afirmando que “a discussão acima não deve absolutamente ser interpretada como se significasse que todas, ou mesmo a maioria das crianças de famílias pobres, manifestam deficiências no crescimento e no ajustamento pessoais. Certos fatores dentro de tais circunstâncias de vida podem, com efeito, facilitar o desenvolvimento da personalidade. Algumas dessas crianças mostram um alto grau de domínio interno em seus encontros com situações estressantes. Outras aprenderam a ser cuidadosa e sensíveis em suas interações com os companheiros. Elas são dispostas a tomar responsabilidades, são motivadas para sobreviver e serem bem sucedidas, são capazes de simpatizar com a condição dos outros, e são efetivamente capazes de resolver problemas concretos de vida que seus companheiros mais afortunados raramente poderiam sonhar em fazer. Suas experiências precoces com as dificuldades da vida deram-lhes um sentimento de auto-segurança e uma penetrante consciência do seu ambiente, que não podem ser medidas pelos seus escores nos testes de inteligência. Seu vocabulário limitado é compensado pelo uso criativo da linguagem simples, que lhe serve bem na formulação de suas experiências singulares e convindo ao uso com os outros.” (CHESS, 1982, p. 132).

Connell, ao se referir à privação sócio-cultural e às famílias com múltiplos problemas cita CUNNINGHAM-DAX & HAGGAR (1977), que definem a

“criança em desvantagem social como aquela para a qual faltam oportunidades para adquirir um crescimento e desenvolvimento saudáveis os quais estão disponíveis para a maioria das outras. Essa criança (geralmente) vem de

favelas de grandes cidades industriais e sofrem de deficiências ambientais físicas e psicológicas. A gravidez costuma ser mal supervisionada e a nutrição da mãe inadequada. Durante a infância, a deficiência na dieta e higiene tornam a criança susceptível a infecções freqüentes que são, muitas vezes, tratadas inadequadamente causando anemia e apatia. Doença crônica comumente afetando o ouvido e trato respiratório superior, a tornam propensa a período de surdez, quando é chamada de estúpida e as pessoas gritam com ela.

No lar o desenvolvimento da linguagem não é encorajado. Nos seus antecedentes, linguagem corporal, caretas, expressão monossilábica (maioria gritos) são o modo comum de comunicação. Também não desenvolve habilidades para expressar seus sentimentos em palavras, porém quando a tensão aumenta aprende a explodir com comportamento agressivo.

Constata-se que foi pouco estimulada. Ninguém lê para ela, assim como não tem oportunidade de praticar habilidades de que necessitará mais tarde na escola, tais como manipular lápis, tesouras ou tintas.

A disciplina é inconsistente. Ninguém raciocina com ela e é forçada a obedecer, geralmente por métodos físicos. O comportamento exploratório é interpretado pela mãe como agressivo e é punida por isto o que resulta em falta de iniciativa.

Adota atitudes dos pais de desconfiança com relação a figuras de autoridade, por exemplo, o pai evita a polícia e ela, por sua vez, evita contatos com os profissionais de órgãos de proteção à criança.

Não aprende a planejar para o futuro porque a família trabalha só para sobreviver. É impulsiva e agarra o que pode em sua existência precária.

Estas deficiências tendem a ser acumulativas e é desnecessário dizer que a criança tem um rendimento fraco quando começa em escola com seu caráter de classe média. Relaciona-se pessimamente com o professor, falta motivação (o pai persistentemente refere-se à futilidade da aprendizagem, pois não teve nenhuma utilidade para ele próprio) e faltam habilidades motoras finas e de linguagem. Sua freqüência à escola é ruim, freqüentemente é mantida em casa para cuidar dos irmãos. Em suma, a criança inicia os estudos provavelmente para fracassar e abandonar a escola. Existe também chances consideráveis de se tornar delinqüente, devido ao fato que outros membros de sua família já têm fama de serem marginais.

Apesar de todas as adversidades mencionadas acima, a criança é precoce em técnicas de sobrevivência em seu ambiente específico. Ela sabe cuidar de si próprio e de seus irmãos, fazer trabalhos de casa e lidar com pais bêbados. O desenvolvimento motor grosseiro é avançado. Tais habilidades não são capitalizadas em nosso sistema educacional.

Embora muitas das crianças venham de lares instáveis e com antecedentes de privações emocionais, por exemplo, o pai está ausente por estar preso ou a mãe abandona a família de tempo em tempo, isto não é, obviamente, sempre o caso. Pode existir calor emocional e intensa lealdade em tais famílias. Uma agência de proteção, com excesso de zelo, que remove uma criança de uma situação de privação social pode também a estar removendo de um apoio emocional. Ambos os fatos de privação devem ser cuidadosamente avaliados antes da ação ser tomada". (CONNELL, 1985, p. 126)

Ajuriaguerra em sua análise sobre a criança em desvantagem sócio-econômica afirma que:

“É mais recente a atenção dirigida às famílias que vivem em condições sócio-econômicas difíceis, famílias nas quais os riscos de morbidade física e mental

para as crianças parecem particularmente elevados. Com efeito, das diversas pesquisas epidemiológicas conduzidas em escala bastante grande resulta regularmente uma constante - *a única população definida de alto risco é constituída pelas crianças criadas em uma miséria intensa e crônica*.

O perfil dessas famílias certamente não é unívoco mas alguns traços são encontrados com freqüência. Ao nível do casal parental, a miséria social crônica é uma constante, a inserção profissional do chefe da família é sempre aleatória e instável. A história do casal apresenta numerosas rupturas e novas uniões mais ou menos transitórias. O alcoolismo e a violência nas relações entre os adultos são habituais. É raro que a família seja incompleta, constituída unicamente de figuras maternas (avó, mãe e filhos), mas em compensação, as figuras masculinas ocupam freqüentemente um lugar anexo (inatividade, ausência prolongada, invalidez, hospitalização...).

As crianças raramente têm um desenvolvimento normal. As famílias são numerosas. A distância entre os nascimentos é sempre curta, ainda abreviada pela freqüência dos acidentes obstétricos da mãe. Os episódios somáticos e a carência de cuidados encontram-se em primeiro plano na primeira infância, ainda que estes bebês pareçam beneficiar-se de aportes afetivos suficientes. Assinalemos, entretanto, uma taxa de mortalidade infantil mais elevada que a média, sejam quais forem as causas.

Nas crianças de idade pré-escolar e escolar, a linguagem encontra-se constantemente perturbada, por vezes mesmo com atrasos marcantes: distúrbios articulatórios, bem como pobreza do estoque verbal e agramatismo (não-utilização do 'eu', mau emprego dos pronomes). As dificuldades intelectuais são constantes: a maioria das crianças situa-se na zona de debilidade limítrofe ou leve ($55 < \text{Quociente Intelectual (QI)} < 85$), ainda que o primeiro desenvolvimento se tenha efetuado normalmente. Os distúrbios do comportamento tornam-se freqüentes com a idade, às vezes misturando inibição e/ou retraimento com atitudes de prestância ou condutas anti-sociais. Não será de espantar a constância do fracasso escolar.

As psicoses infantis, bem como as organizações neuróticas bem estruturadas não parecem particularmente freqüentes nesta população. São comuns, no entanto, a patologia comportamental e a atuação”.

Segundo Ajuriaguerra, o “futuro a longo prazo é dominado pelas possibilidades de inadaptação social: o risco de marginalidade, delinqüência e psicopatia é particularmente grande. É comum encontrar este contexto de ‘família problema’ na história de adolescentes desviantes com a habitual auto-desvalorização, a ausência de um ideal de ego satisfatório e falências muito primitivas no investimento narcísico”. (AJURIAGUERRA, 1986, 343)

Parker *et al*, no capítulo Duplo Perigo: O impacto da Pobreza no Desenvolvimento

Inicial da Criança afirma que:

“É claro que a pobreza coloca a criança em risco através de uma variedade de efeitos comportamentais e evolutivos adversos. Sabe-se também que crianças que se desenvolveram em ambientes similarmente empobrecidos mostram, comumente, conseqüências muito diferentes. Mesmo dentro da própria família, uma criança pode definhar enquanto outra pode florescer. Assim, os fatores de risco relacionados com a pobreza induzem, freqüentemente, porém não invariavelmente, a resultados nocivos para a criança.

As crianças que vivem em pobreza sofrem uma dupla ameaça. A primeira é que estão mais freqüentemente expostas a riscos tais como doenças, estresses familiares, insuficiente apoio social e depressão dos pais. A segunda é a de que

sofrem, mais do que as crianças de estado sócio-econômico mais elevado, as conseqüências desses riscos. É a dupla ameaça sinérgica do aumento da exposição e das maiores seqüelas dos riscos ambientais que predisõem aos resultados evolutivos adversos as crianças que vivem em estado de pobreza”.

Segundo Parker (p.1255), “no ambiente de pobreza, há probabilidade de existirem mais fatores de risco para prognósticos evolutivos e comportamentais adversos. Dentre esses, os mais pertinentes incluem o aumento do estresse, a diminuição do apoio social e a depressão materna”. O autor (p.1259) afirma que “as pessoas que vivem na pobreza sofrem estresse mais freqüentemente e mais cronicamente do que as famílias da classe social média ou superior. A incidência dos grandes estressores (problemas domésticos, escassez financeira, morte de um parente ou amigo, dificuldades escolares) foi duas a quatro vezes maior para as mães com renda inferior [...] do que para aquelas com maiores recursos financeiros. O estresse parece ser essencialmente elevado para as mulheres pobres com filhos abaixo de 6 anos de idade.

Além da freqüência mais elevada de eventos estressantes, há evidência de que estresse gera estresse. Por exemplo, os recursos financeiros insuficientes exacerbam grandemente os problemas manifestados pelos filhos e pelos pais nas famílias divorciadas. Por outra parte, níveis equivalentes de estresse engendram maior depressão clínica entre as mulheres de estado sócio-econômico mais baixo. O estresse crônico, sob a forma de desemprego, falta de bens materiais e outros, é também mais prevalente em famílias pobres e tem muito maior probabilidade de ter conseqüências negativas do que os eventos estressantes agudos.

O estresse é seguido de conseqüências adversas para os pais e, direta ou indiretamente, para a criança. As crianças originárias de ambientes estressantes estão em maior risco de uma variedade de problemas evolutivos e comportamentais, incluindo um desempenho mais deficiente nos testes de desenvolvimento aos 8 meses de idade, índices de QI mais baixos e distúrbios do desenvolvimento da linguagem aos 4 anos, mais deficiente ajustamento escolar e aumento de problemas escolares. Esse último relacionamento é o mais forte para crianças vivendo em famílias de baixo estado sócio-econômico/alto estresse.

O aumento do estresse interfere na capacidade da mãe para reagir de modo apropriado ao seu filho. Tem-se mostrado associado com a perturbação da ligação dos comportamentos entre as mães e seus prematuros e menos interações positivas aos 4 meses. Os pré-escolares de famílias expostas a alto estresses parecem ser menos seguros na sua afeição para suas mães, independentemente da classe social. Existe também menos consistência de ligação de comportamento por essas crianças no decorrer do tempo. Está bem estabelecido que as ligações inseguras estão associadas a um aumento de risco de subseqüentes problemas comportamentais e emocionais. Os dados sugerem que o estresse determina prognósticos negativos, inibindo as interações positivas e a ligação entre pais e filhos.

As famílias que vivem na pobreza além dos estresses estão em maior risco de sentir o insuficiente apoio social”. Segundo Parker (p. 1260), “o apoio social é definido como a disponibilidade de relacionamentos significativos e duradouros que proporcionam criação, segurança e um senso de compromisso inter-pessoal. Os benefícios do apoio social pertencem a três categorias: apoios materiais (por exemplo, creches, suprimentos nutritivos, disponibilidade de auxílio de emergência); apoios emocionais (por exemplo, companheirismo, aconselhamento); e serviços de informação/encaminhamento (por exemplo, disponibilidade dos recursos da comunidade, técnicas de criação das crianças). O apoio social pode derivar das estruturas formais (por exemplo, promotores

de cuidados com a saúde, serviços educativos ou grupos de companheiros) ou das estruturas informais (por exemplo, família, amigos ou o meio).

O problema mais comumente mencionado pelas famílias pobres que vivem em quarto de pensão é a falta de apoio emocional. Foi demonstrado uma associação entre o baixo estado sócio-econômico e o baixo apoio social. Os pais solteiros são especialmente susceptíveis ao isolamento social. Uma vez que a ausência de apoio social é particularmente prejudicial para as famílias sob estresse, seus filhos são postos em um duplo perigo. Por exemplo, os baixos níveis de apoio são acompanhados de um decréscimo das capacidades cognitivas aos 8 meses, de mais problemas de conduta entre os 5 e 8 anos de idade, de QI e capacidade de linguagem receptiva mais baixos aos 4 anos, bem como uma incidência mais elevada de abuso infantil.

Como citado acima as crianças que vivem na pobreza estão freqüentemente em um risco maior de estarem expostas à depressão dos pais”. Segundo Parker (p. 1261), “recursos financeiros insuficientes, baixo nível educacional, estado de imigrante recente, raça, insatisfação com a habitação, eventos estressantes da vida e inadequado apoio social podem todos contribuir para o aumento da incidência da depressão. Com esses fatores de risco em mente, não é surpreendente que numerosos estudos relacionem uma associação entre um baixo estado sócio-econômico e a depressão. [...].

A depressão materna, do mesmo modo que o estresse e a escassez de apoio social, expõe a criança que vive na pobreza a um duplo perigo de maus prognósticos. Esses fatores de risco são altamente inter-correlacionados, e seus efeitos são sinérgicos. O estresse é exacerbado pela falta de apoio. A depressão inibe a procura de apoio adequado. Este ciclo torna-se auto-perpetuado, porque o estresse provoca mais depressão, que instiga menos apoio, que por seu turno causa mais estresse. No final, através do relacionamento pais-filhos e da qualidade do ambiente do lar, esses riscos são passados para a criança”. (PARKER et al, 1988, p. 1258).

No nosso meio Conceição afirma que,

“O ambiente de miséria, além dos baixos salários, caracteriza-se por moradia pobre, condições sanitárias precárias, comida escassa, episódios repetidos de doenças infecciosas, número excessivo de partos, pequenos intervalos entre os partos, cuidados médicos deficientes, instrução deficiente, instabilidade familiar, falta de estímulo por parte dos pais.

Todos esses fatores exercem efeito adverso decisivo sobre o crescimento-desenvolvimento da criança. Assim, nas mesmas ‘casas’ onde falta a comida, faltam brinquedos, jogos, estimulação geral e grassam doenças, particularmente infecciosas, que sempre agravam a desnutrição.

A criança pobre tem mais probabilidade do que a criança não-pobre de nascer com baixo peso, após uma gestação e um parto de maiores riscos; de morrer precocemente e, se sobreviver, ser mais acometida de doenças graves e duradouras. Apesar dessas condições, mais provavelmente receberá assistência médica deficiente e/ou inferior. Provavelmente, também, não receberá educação pré-escolar adequada e freqüentará escola com menores/piores recursos materiais e humanos, onde ocorrerá seu fracasso e evasão.

Portanto, as crianças pobres, não apenas nascem na pobreza: elas nascem da pobreza e estão, desta forma, em permanente risco de deficiência no seu crescimento-desenvolvimento desde sua concepção.

Pobreza gera pobreza, é causa de pobreza e é conseqüência de pobreza”.

Conceição (p. 148) cita Schuftan (1984) o qual “considera os indicadores sócio-econômicos e de privação cultural como núcleo central e invisível da

‘Síndrome da Pobreza’. Esse autor admite, ainda, que o QI baixo e o déficit de altura são conseqüências do pobre ambiente sócio-econômico e cultural que rodeia o dia a dia da criança. E, finalmente, afirma que o rendimento escolar está correlacionado com o QI da criança e que é através desse nexo que ele se relaciona com a **Síndrome da Pobreza** (fig. 1). O fracasso escolar da criança pobre seguramente está preestabelecido pelo ambiente de pobreza”. (CONCEIÇÃO, 1994, p. 198).

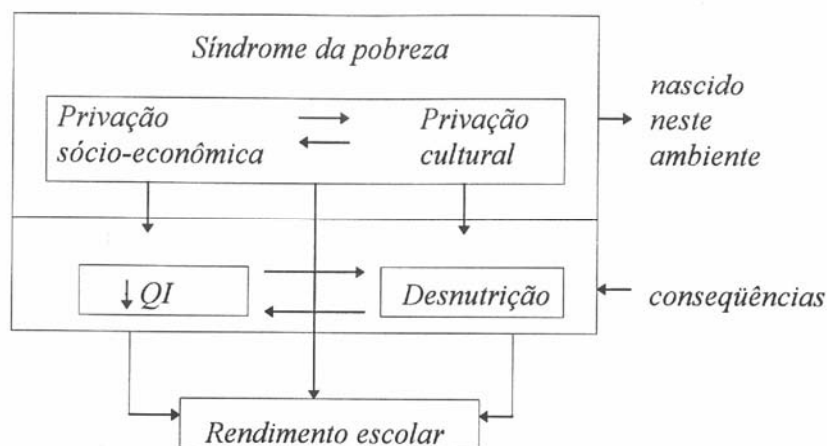


Figura 1: Desnutrição e rendimento escolar

Segundo Graham (2001, p. 17) crianças privadas socialmente, aquelas expostas à pobreza, altas taxas de desemprego dos pais, falta de moradia, condições de vida aglomeradas, apresentam altas taxas de transtornos, especialmente problemas de comportamento. Isto é particularmente o caso se as adversidades são múltiplas. Assim circunstâncias de habitação super-povoadas, desemprego dos pais, dificuldades financeiras podem, se presentes isoladamente, não agir como fatores de risco, mas se presentes em combinação como eles freqüentemente estão, seus efeitos negativos podem ser consideráveis.

Bee faz uma análise dos efeitos da pobreza começando pelos efeitos da pobreza sobre as famílias. Segundo esta autora,

“Entre muitos outros reflexos, a pobreza reduz as opções para os pais. Eles não podem pagar um atendimento pré-natal, de modo que seus filhos correm um risco maior de nascer com alguma incapacidade. Quando a mãe trabalha, ela tem menos escolha quanto ao atendimento dos filhos. Essas crianças passam mais tempo recebendo cuidados de má qualidade e mudam com maior frequência de um arranjo para o outro. As famílias pobres também vivem em residências menores e menos adequadas, em geral em bairros decadentes com altos índices de violência. Muitas delas se mudam com frequência, de modo que as crianças trocam muito de escola. É menos provável que os pais sintam ter um apoio social adequado, e as crianças, muitas vezes, não têm um grupo estável de companheiros de brincadeiras. Acima de tudo, os ambientes pobres são mais caóticos, mais estressados, com menos recursos psicológicos e sociais. As mães e os pais que vivem na pobreza interagem com os filhos de modo diferente ao das mães e dos pais de famílias de classe trabalhadora ou média nos Estados Unidos. Eles conversam menos com os filhos, lêem menos para eles, oferecem menos brinquedos adequados à idade, passam menos tempo com eles em atividades intelectualmente estimulantes, explicam algo de modo menos freqüente e de forma menos completa, são menos carinhosos, são mais rígidos e mais físicos em sua disciplina. Nas famílias pobres é mais provável que os pais sejam negligentes ou autoritários do que competentes. Parte desse padrão é, sem dúvida, uma resposta aos extraordinários estresses e às exigências especiais do ambiente de pobreza – um ponto reforçado pela repetida observação de que é menos provável que os pais que vivem na pobreza, mas sentem ter apoio social suficiente, sejam rigidamente punitivos ou não apoiem os filhos. Em certa extensão, a disciplina mais rígida e a ênfase na obediência que observamos nos pais pobres podem ser considerados como respostas lógicas à realidade da vida em um bairro muito pobre. Algumas das diferenças nos padrões de educação dos filhos entre pais pobres e não pobres podem resultar ainda da modelagem direta de como esses pais foram criados; outras são resultado do desconhecimento das necessidades da criança. Os pais pobres mais instruídos, por exemplo, costumam falar mais com os filhos, são mais responsivos e proporcionam mais estimulação intelectual do que os pais igualmente pobres e menos instruídos. Seja qual for a causa, as crianças criadas na pobreza experienciam condições físicas diferentes e interações bem diferentes com seus pais”.

A seguir Bee analisa os efeitos da pobreza sobre as crianças: “não surpreendentemente, essas crianças acabam sendo diferentes. As crianças de ambientes pobres apresentam índices mais elevados de doenças e de incapacidades. Muitas vezes, elas também têm escores de QI mais baixos e avançam com mais lentidão através das seqüências de desenvolvimento cognitivo – efeitos encontrados em estudos nos quais os pesquisadores controlaram alguns fatores que poderiam confundir os resultados, como o QI da mãe e a estrutura familiar. Essas crianças chegam à escola menos prontas para aprender a ler e, a partir daí, costumam apresentar pior desempenho. É duas vezes mais provável que repitam alguma série e menos provável que ingressem na faculdade. Quando adultos, é mais provável que sejam pobres, mantendo assim o ciclo por mais uma geração. Todos esses efeitos são maiores para as crianças que viveram na pobreza durante o período de bebê e a infância inicial e para aquelas cuja miséria não muda, comparadas àquelas que experienciaram um misto de pobreza e melhores condições econômicas.

A figura 2 mostra um desses efeitos, a partir da pesquisa de Duncan *et al* (1994). Duncan obteve informações sobre a renda familiar de uma grande amostra de famílias no decorrer de alguns anos, desde o nascimento da criança até os cinco anos. Ele observou o escore de QI da criança aos cinco anos como uma função de a família ter sido pobre durante os cinco anos ou apenas em alguns daqueles anos. A figura compara os escores de QI de cada um dos grupos com o QI de crianças que nunca foram pobres. Fica claro que a pobreza constante tem maior efeito negativo do que a pobreza ocasional, e ambas são piores do que a ausência de pobreza. Nessa análise, Duncan controlou a instrução da mãe e a estrutura da família (monoparental *versus* dois genitores, por exemplo), de modo que as diferenças parecem ser efeitos reais da pobreza”. (BEE, 2003, p. 461).

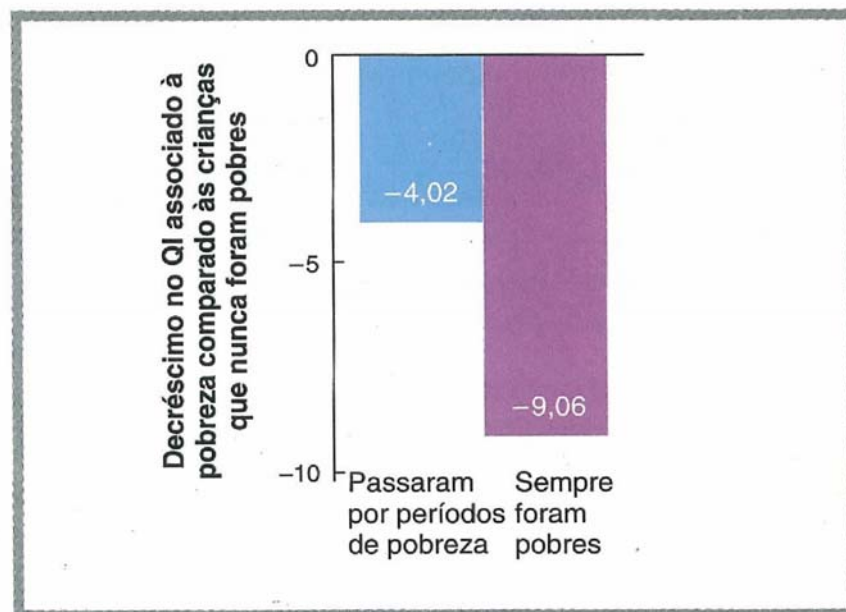


Figura 2: avaliação do QI de crianças que sempre foram pobres com crianças que passaram por períodos de pobreza

Fonte: DUNCAN, G. J., BROOKS-GUNN, J., & KLEBANOV, P. K. (1994). Economic deprivation and early childhood development. *Child Development*, 65,296-318.

Ainda segundo Bee,

Em todas as idades, as crianças que vivem altos níveis de estresse ou de tumulto familiar correm maior risco de adoecer. Podemos observar esse efeito nos estudos sobre crianças de famílias monoparentais, as quais têm mais acidentes, maior risco de asma, dor de cabeça e uma vulnerabilidade muitas vezes maior a vários tipos de doenças do que as crianças que vivem com ambos os pais biológicos. Com mais frequência, sabemos que as crianças que vivem na pobreza apresentam significativamente mais problemas de saúde do que aquelas que vivem em circunstâncias mais confortáveis, como pode ser observado na tabela 1. (BEE, 2003, p. 152).

Tabela 1: Comparação de problemas de saúde de crianças pobres versus crianças não pobres.

Problema	Índice de Crianças Pobres versus Não Pobres
Baixo peso ao nascimento	1,5 a 2 vezes maior
Imunização atrasada	3 vezes maior
Asma	Um pouco maior
Envenenamento por chumbo	3 vezes maior
Mortalidade neonatal	1,5 vezes maior
Mortalidade pós neonatal	2 a 3 vezes maior
Morte de criança por acidente	2 a 3 vezes maior
Morte da criança por doença	3 a 4 vezes maior
Meningite bacteriana	2 vezes maior
Complicações por meningite bacteriana	2 a 3 vezes maior
Febre Reumática	2 a 3 vezes maior
Complicações de apendicite	2 a 3 vezes maior
Cetoacidose Diabética	2 vezes maior
Criança apresentando um estado de saúde regular ou ruim (em vez de bom)	2 vezes maior
Porcentagem com uma condição que limita a atividade escolar	2 a 3 vezes maior
Parada no desenvolvimento (estar no percentil 5 ou inferior de altura)	2 vezes maior
Dias doente na cama ou dias perdidos na escola	40% maior
Visão gravemente deficiente	2 a 3 vezes maior
Grave anemia por deficiência de ferro	2 vezes maior

Fonte: modificada de BROOKS-GUNN, J., & DUNCAN, G. J., (1997). The effects of poverty on children. *The Future of Children*, 7(2), p. 55-71 e 2- STARFIELD, B. Child and adolescent health status measures. *Future Child*, 2:25, 1992.

Para a autora os achados dessa lista,

“Podem ser explicados pelo fato de que as crianças pobres têm um acesso mais limitado ao atendimento de saúde, sendo menos provável que recebam uma imunização no momento certo e completa, e, quando estão doentes não sejam atendidas prontamente pelo médico. Elas, ainda, moram em lares e em bairros mais perigosos, com maior risco de incêndio, maior exposição ao chumbo, maior violência na vizinhança e é mais provável que morem com fumantes. Além disso, é mais provável que sejam mal-nutridas, ou passem por períodos de fome ou má nutrição. Uma saúde e uma nutrição pobres, por sua vez, afetam a capacidade de a criança aprender na escola. Nós sabemos, por exemplo, que as crianças que vão para a escola sem café da manhã pensam mais devagar e rendem menos no ano escolar do que aquelas que tomam café da manhã todos os dias. Assim, a pobreza tem um efeito direto e cumulativo sobre a saúde e sobre o desenvolvimento das crianças”.

Segundo a autora, “o outro ‘lado da moeda’ da má nutrição é a obesidade. Os levantamentos norte-americanos nos dizem que a obesidade (pelo menos nos Estados Unidos) é mais comum entre as crianças latinas e afro-americanas do que entre as crianças brancas, com os índices mais elevados entre os mexicano-americanos. [...] Em parte, essas diferenças étnicas são, na verdade, diferenças de pobreza disfarçadas. Entre as crianças pobres, a obesidade (assim como a fome) é mais comum pela simples razão de que os alimentos altamente gordurosos ou altamente calóricos costumam ser mais baratos do que as frutas e vegetais.” (BEE, 2003, p. 154).

Uma outra enfermidade que tem relação com a pobreza é a asma:

A incidência de asma subiu com rapidez nos últimos anos; ela é particularmente comum entre as crianças das zonas urbanas pobres, que moram em uma casa com alguém que fuma ou em moradias sem estrutura adequada. Nesses grupos, os índices atuais de asma são superiores a 14%. (BEE, 2003, p. 152).

Além disso, Bee faz algumas considerações sobre desenvolvimento fetal, linguagem, quociente intelectual e pobreza.

Desenvolvimento fetal:

A seqüência básica do desenvolvimento fetal é evidentemente igual para as crianças nascidas de mães pobres e para as nascidas de mães de classe média, mas muitos dos problemas que podem ter efeitos negativos no desenvolvimento pré-natal são mais comuns entre as pobres. Por exemplo, nos Estados Unidos, as mães que não concluíram o ensino médio apresentam uma probabilidade duas vezes maior que as mães com formação universitária de terem um bebê com baixo peso no nascimento ou um bebê natimorto. As mulheres pobres costumam ter sua primeira gravidez quando ainda são bem jovens e mais gestações no total, e é menos provável que sejam imunizadas contra doenças como a rubéola. Somado a isso, é menos provável que busquem

atendimento pré-natal ou que este atendimento ocorra tardiamente na gravidez. (BEE, 2003, p. 95).

Linguagem:

As crianças expostas a menos linguagem (e a uma linguagem menos variada) em seus primeiros anos de vida não parecem alcançar, posteriormente, as outras em vocabulário. Nós sabemos que a quantidade e qualidade da linguagem da mãe com a criança varia de acordo com o nível de pobreza: as mães pobres falam menos, lêem menos para a criança e empregam frases menos complexas. Uma consequência disso para a criança é um risco consideravelmente maior de uma linguagem pobre.

Aos quatro anos de idade, a diferença de vocabulário entre crianças pobres e não-pobres já é substancial e continua aumentando no decorrer dos anos escolares. Crianças de quatro anos criadas na pobreza empregam frases mais curtas e menos complexas do que as não-pobres. Muitos fatores, sem dúvida, contribuem para essa diferença, mas a riqueza e a variedade da linguagem que a criança escuta são, na verdade, muito significativas. De todos esses fatores, um dos mais críticos é a mãe/o pai ler muito pouco para a criança”. (BEE, 2003, p. 275).

Quociente intelectual:

Dezenas de pesquisas nos dizem que as crianças de famílias pobres ou de operários, ou de famílias em que os pais são relativamente pouco instruídos, apresentam escores médios de QI mais baixos do que as crianças de famílias de classe média. Pode ser observado esse efeito de modo bastante claro na figura 3. Como é possível observar na figura, o escore médio de QI das crianças aumenta conforme a classe social da família sobe e conforme a instrução da mãe aumenta.

Quanto mais tempo a criança vive na pobreza, mais negativo é o efeito sobre os escores de QI e sobre outras medidas de funcionamento cognitivo. Esses efeitos cumulativos são bastante consideráveis nos testes verbais.

As diferenças genéticas, obviamente, contribuem para o padrão da figura 3, pois pais mais brilhantes, em geral, têm melhor instrução e melhor colocação profissional e também passam para os filhos seus genes ‘inteligentes’. (BEE, 2003, p. 239).

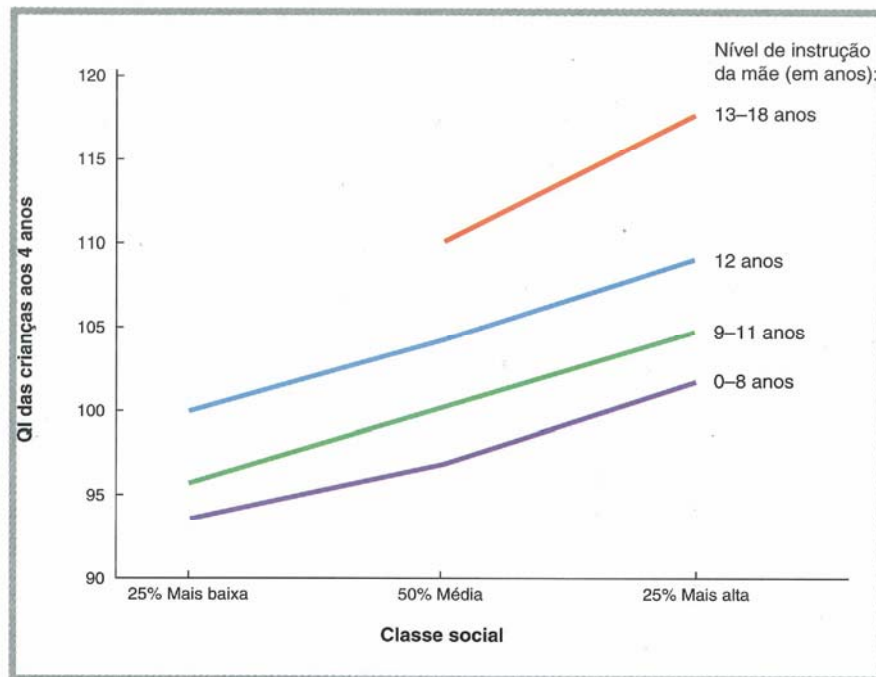


Figura 3: QI de crianças de acordo com classe social da família e nível de instrução da mãe. Fonte: BROMAN, S.H., NICHOLS, P.L. & KENNEDY, W.A. *Preschool IQ: Prenatal and early developmental correlates*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1975.

Em contrapartida, é evidente que o ambiente desempenha um papel significativo, acentuando as diferenças aparentes na figura, em especial no caso dos pais que vivem na pobreza. Essa condição de vida exerce um efeito negativo significativo sobre os escores de QI das crianças, muito além do que pode ser atribuído aos genes dos pais ou ao nível de estimulação que estes podem proporcionar aos filhos. As crianças nascidas na pobreza correm maior risco de problemas pré-natais ou de quadro precário de saúde, em geral. [...]. As crianças que vivem na pobreza, além disso, correm maior risco de subnutrição periódica ou crônica. Nós sabemos que isso contribui para escores de QI mais baixos, já que estudos experimentais realizados em países em desenvolvimento mostram que, quando as crianças que vivem na pobreza recebem suplementos nutricionais de alta qualidade no período de bebê e na infância inicial, no futuro terão escores de QI mais altos e um melhor vocabulário do que as crianças que não receberam suplementos.

As crianças de famílias pobres - sobretudo famílias pobres com um único genitor - correm um risco bem maior de abandonar os estudos no ensino médio do que as crianças de famílias 'intactas' ou com boa situação econômica. (BEE, 2003, p. 239).

Bee, finalmente, analisa também o caso especial da pobreza urbana.

“Todos esses efeitos talvez sejam muito piores para as crianças que crescem nas áreas urbanas assoladas pela miséria – a maioria das quais são afro-

americanas, latinas ou de outras minorias (BROOKS-GUNN *et al.*, 1997). Elas estão expostas a gangues e à violência das ruas, a traficantes de drogas, a casas sem estrutura adequada e a maior risco de abuso. Comunidades inteiras tornaram-se verdadeiras zonas de guerra.

[...]

Levantamentos em algumas cidades grandes indicam que quase metade dos alunos do ensino fundamental e médio dessas áreas testemunhou pelo menos um crime violento no último ano (OSOFSKY, 1995); [...]. Um crescente corpo de evidências mostra que viver em um círculo de pobreza concentrada intensifica todos os efeitos nocivos da miséria familiar; KUPERSMIDT *et al.*, 1995). As características de cada família ainda são os maiores determinantes do desenvolvimento da criança, mas quando todo o bairro é pobre, sobretudo quando os vizinhos vivem em constante fluxo, nós observamos efeitos negativos intensificados (BROOKS-GUNN *et al.*, 1997). Nessas situações, os pais contam com menos recursos não-familiares como ajuda, e as crianças têm modelos adultos mais violentos e menos apoiadores; os índices de abuso da criança aumentam, assim como os de agressão e delinquência infantil (COULTON *et al.*, 1995). Quando a vizinhança também não tem o que o sociólogo William Wilson chama *conexão e estabilidade* – quando os adultos não colaboram para monitorar as crianças e não se apóiam mutuamente em termos práticos e emocionais – os efeitos são ainda piores.

Muitas crianças que vivem nesses bairros apresentam todos os sintomas do transtorno de estresse pós-traumático (GARBARINO *et al.*, 1992), incluindo perturbações do sono, irritabilidade, incapacidade de concentração, explosões de raiva e hiper-vigilância. Muitas experienciam *flashbacks* ou lembranças intrusivas de eventos traumáticos. E já que provavelmente não tiveram muitas das formas de estimulação intelectual e o apoio familiar que lhes permitiriam ter sucesso na escola, elas apresentam índices mais altos de problemas de comportamento e fracasso acadêmico. As razões para esses fracassos escolares são complexas, como já mencionei, mas não há dúvida de que o estresse crônico experienciado pelas crianças pobres é um componente significativo”. (BEE, 2003, p. 462).

Evans (2004) afirma que crianças pobres enfrentam injustiças ambientais generalizadas. Comparadas com seus colegas com vantagens econômicas, elas são expostas a mais desordens familiares, violência, separação de suas famílias, instabilidade, e lares caóticos. Crianças pobres experimentam menos suporte social, e seus pais são menos responsivos e mais autoritários. Lê-se menos freqüentemente para crianças de baixa renda, elas vêem mais TV, e têm acesso mais restrito a livros e computadores. Pais de baixa renda são menos envolvidos nas atividades escolares das crianças. O ar e a água que crianças pobres consomem são mais poluídas. Suas casas são mais super-povoadas, mais barulhentas, e de pior qualidade. As regiões de baixa renda são mais perigosas, os serviços municipais oferecidos são mais empobrecidos e sofrem maiores degradações físicas. Predominantemente, escolas que atendem crianças de baixa renda e unidades diurnas que cuidam das crianças no dia a dia são inferiores. A acumulação de múltiplos riscos ambientais,

ao contrário da exposição a um único risco, pode ser um aspecto especialmente patogênico para a pobreza infantil.

Para Behrman,

A pobreza e a perda econômica diminuem a capacidade dos pais de serem provedores, coerentes e envolvidos com seus filhos. Os clínicos necessitam estar especialmente atentos para o desenvolvimento e o comportamento das crianças cujos pais perderam seu emprego ou que vivem em pobreza permanente. Os pais que ficam desempregados desenvolvem freqüentemente sintomas psicossomáticos, e seus filhos muitas vezes desenvolvem sintomas semelhantes. As crianças pequenas que cresceram durante a **Grande Depressão (1929)** e cujos pais foram submetidos à pobreza aguda sofreram mais que as crianças mais velhas, especialmente se as mais velhas foram capazes de assumir responsabilidades para ajudar a família economicamente. Essas responsabilidades durante a adolescência parecem dar finalidade e orientação à vida de um adolescente. Mas as crianças mais jovens, em vista da depressão paterna, sendo incapazes de fazer qualquer coisa para ajudar, sofreram, com maior freqüência, de enfermidades e menor capacidade para levar uma vida produtiva, mesmo na vida adulta. As crianças que são pobres têm taxas mais altas do que a média, de morte e doença, por quase todas as causas (são exceções o suicídio e os acidentes de veículo a motor, mais comuns em crianças não-pobres brancas, tabela 1). (BEHRMAN, 2005, p. 161).

O autor afirma também que:

A renda familiar é um ponto central para a saúde e bem estar das crianças. As crianças que vivem em famílias pobres têm muito mais probabilidade, em relação às de família rica ou de classe média, de sofrerem de privação material e terem má saúde, de morrerem durante a infância, de se situarem nos mais baixos escores de testes padronizados, de ficarem em graus escolares mais atrasados, de serem expulsas das escolas, de terem nascido de parto acidentado, de serem vítimas de crimes violentos e de sofrerem outros eventos indesejáveis. Em 1998, 18% das crianças dos Estados Unidos viviam na pobreza: brancas, 14%; negras, 36%; hispânicas, 34%. Nos Estados Unidos, 8% das famílias vivem na miséria. Muitas dessas crianças vivem toda a sua infância na pobreza. As que vivem em famílias monoparentais, com adultos de pouca escolaridade, muito jovens, pertencentes à minoria (particularmente negros) ou incapacitados têm mais probabilidade de se tornarem pobres e neste estado permanecerem, do que as que não vivem com esse tipo de família. (BEHRMAN, 2005, p. 2).

Segundo Behrman (2005, p. 162), “muitos fatores associados à pobreza são responsáveis pelas doenças vistas nestas crianças – superpopulação, má higiene e má assistência à saúde, dieta precária, poluição ambiental, educação insuficiente e estresse”.

Para Torjesen & Olness,

Nos países em desenvolvimento, aproximadamente um terço das crianças com menos de 15 anos tem ou está em risco de ter dificuldades para aprender. Os principais perigos para o desenvolvimento do cérebro incluem a desnutrição, as doenças infecciosas (por ex., meningite), a prematuridade e asfixia do recém-

nascido, a exposição ao álcool e drogas *intra-utero*, [...], doenças genéticas, traumas cranianos e institucionalizações. A desnutrição durante os períodos críticos do desenvolvimento cerebral, desde o segundo trimestre da gestação até a idade de 2 anos, tem maior probabilidade de estar associada a subsequente perturbação cognitiva. Galler *et al* (2001) documentaram que alguns meses de desnutrição no primeiro ano de vida são seguidos de dificuldades no aprendizado, problemas de atenção e redução do desempenho escolar em 65-70% das crianças. A deficiência de ferro, muito comum nas crianças no mundo em desenvolvimento, é associada a um contínuo problema de aprendizado até uma década mais tarde. A deficiência de iodo é também comum, especialmente em grandes áreas da China, da África Central e da América Sul e é associada a retardo mental em crianças. Pesquisas posteriores indicaram que a perturbação cognitiva devido a lesões precoces ao cérebro pode não se tornar aparente, senão depois que a criança está há algum tempo na escola. Essas crianças parecem progredir relativamente bem no início do período escolar e começam a manifestar disfunção executiva algum tempo depois, quando passam a ser exigidas as determinações de objetivos, planejamento, organização e controle do tempo. As crianças com dificuldades de aprendizado, especialmente aquelas sem acesso à instrução especial ou treinamento, têm mais probabilidade de abandonar a escola e de ter dificuldades para encontrar e manter emprego, e portanto, menos probabilidade de se tornarem cidadãos contribuintes nas suas comunidades. (TORJESEN & OLNES, 2005, p. 13).

Outro autor, Johnson, afirma que,

Grupos que vivem na pobreza têm maior número de notificações de abuso físico devido (1) ao aumento do número de crises em suas vidas (desemprego ou superlotação nas moradias) (2) acesso limitado a recursos econômicos ou sociais de suporte durante períodos de estresse, (3) aumento da violência nas comunidades onde vivem (4) associação de pobreza com outros fatores de risco, como paternidade ou maternidade na adolescência, ser pai ou mãe sem o parceiro e abuso de substâncias psicoativas (5) a possibilidade de maior intervenção de agentes da comunidade e de vizinhos. (JOHNSON, 2005, p. 133).

Grantham-McGregor *et al* (2007) afirmam que muitas crianças em países em desenvolvimento estão expostas a múltiplos riscos para o desenvolvimento incluindo a pobreza, má saúde e má nutrição. Segundo os autores nos países em desenvolvimento mais de 200 milhões de crianças abaixo de cinco anos de idade não estão desenvolvendo seus potenciais completamente. Países da África Sub-Saariana têm a maior porcentagem de crianças em desvantagem mas o maior número vive no sul da Ásia. As crianças terão prejuízos subsequentemente na escolaridade e provavelmente irão transferir a pobreza para a próxima geração.

Pobreza está associada com alimentação inadequada, problemas de saneamento e higiene os quais levam a aumento de infecções e prejuízos no crescimento das crianças. Pobreza está

também associada com educação materna insatisfatória, aumento de estresse materno e depressão, e estimulação inadequada em casa, fatores que afetam negativamente o desenvolvimento da criança (fig. 4). A criança com desenvolvimento prejudicado, quando inicia a vida escolar terá prejuízos no desempenho escolar, o qual é adicionalmente exacerbado por escolas inadequadas e suporte familiar insuficiente (devido a estresse econômico, pouco conhecimento e reconhecimento dos benefícios da educação).

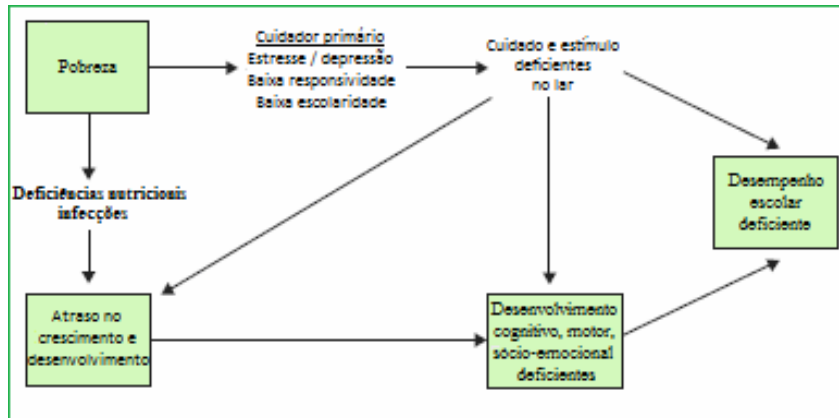


Figura 4: Suposições de ligações entre pobreza, prejuízo no crescimento, desenvolvimento da criança e progresso escolar

Adaptado de: GRANTHAM-MCGREGOR, S., CHEUNG, Y.B., CUETO, S., GLEWWE, P., RICHTER, L., STRUPP, B. and the International Child Development Steering Group. Developmental potential in the first 5 years for children in developing countries. *Lancet*; 369: 60-70, 2007.

Os autores estimam que a perda desse potencial humano está associado com mais de 20% de déficit de renda na idade adulta e terá implicações para o desenvolvimento nacional. Portanto, para os autores, a falta de ações não se justifica nos tempos atuais, considerando os altos custos do desenvolvimento insatisfatório das crianças em termos econômicos, de justiça e bem estar.

Bandin (2008, p.115) no capítulo ‘A Criança em Situação de Pobreza Extrema’ afirma que particularmente na infância os efeitos da pobreza extrema são especialmente negativos, eliminam a esperança de uma vida decente para crianças e adolescentes; é responsável por uma maior taxa de absentismo escolar; as crianças pobres que tiveram baixo peso ao nascer apresentam uma maior mortalidade, pior desenvolvimento cognitivo, acarretando em maiores problemas de aprendizagem (ISSLER, 1996). A associação entre

pobreza e hospitalização tem sido demonstrada, em decorrência da alta taxa de morbidade, crianças que vivem sob a condição de extrema pobreza têm maiores chances de serem hospitalizadas por doenças respiratórias, diarreia etc (ISSLER, 1996).

Bandin destaca a desnutrição protéico-energética, considerada ainda um dos grandes problemas de saúde pública e diretamente ligada à situação de pobreza extrema. As repercussões sociais da pobreza são devastadoras, entre elas podemos citar desemprego, delinqüência, gravidez não desejada e perpetuação da situação de fracasso. Junto com a pobreza e inter-relacionado a ela existem outras circunstâncias como desestruturação familiar, estresse, violência familiar, maltrato infantil e mal-estar psíquico generalizado que resultam da indigência social e econômica.

Está evidente que crianças pobres têm maior probabilidade de sofrerem acidentes, devido ao meio e condições sociais quando comparadas a crianças de classes sociais mais favorecidas; entre esses acidentes estão mortalidade por incêndios, atropelamentos, homicídios.

Bandin (2008) faz uma discussão também sobre a associação entre Psicopatologia e Pobreza. A miséria econômica é considerada uma ameaça constante que aumenta a vulnerabilidade da criança causando privação social e desvantagem educacional. As diversas privações e limitações que a pobreza provoca no ambiente da criança podem influenciar em sua motivação, iniciativa e ação para alcançar um bom desempenho na escola, tornando por vezes esse desempenho lento ou mesmo inibindo-o (CECCONCELLO; KOLLER, 2000).

Vários são os fatores responsáveis pela deficiência mental, entre eles destacamos os fatores perinatais, mais especificamente a anóxia neonatal. Em nosso meio os fatores perinatais que envolvem toda uma gama de problemas relacionados ao atendimento materno-infantil, são provavelmente os fatores mais importantes de deficiência mental. A anóxia não envolve apenas problemas relacionados à gestante (ex. fumo durante a gravidez, uso de álcool), mas principalmente fatores ligados a condições socioeconômicas precárias como a desnutrição materna, anemia durante a gestação e atendimento materno-infantil comprometido (ASSUMPÇÃO, 2003).

Alguns comportamentos parentais certamente influenciam o comportamento mal-adaptado em crianças e adolescentes. Sabe-se que, em condições de pobreza extrema, teremos maior possibilidade de encontrarmos condições domésticas caóticas, lares rompidos, famílias monoparentais, falta de limites nos padrões educacionais, alto nível de tensão entre

os pais, alcoolismo, desemprego, uso de drogas. Estes eventos estão associados ao transtorno de conduta em crianças e adolescentes (GIANCOLA, 2000).

Lins, Bandin, Vidal e Lins (2005) investigaram a prevalência de transtornos depressivos em 78 escolares com idade entre 7 e 9 anos de uma comunidade de baixa renda do Recife (Caranguejo-Tabaiaras), atendida pelo Programa de Saúde da Família onde residem 968 famílias com um total de 3583 pessoas. A prevalência de episódio depressivo maior foi de 2,7 e de transtorno distímico de 5,5% com uma taxa total para transtornos depressivos de 8,2%, taxa já bastante significativa para uma população de escolares numa faixa tão restrita de idade enfatizando dessa forma uma possível associação entre depressão e baixo nível sócio-econômico.

A figura 5, abaixo, de Walker *et al* (2007) pode ser empregada para sintetizar a contribuição dos diferentes autores, citados acima, sobre os efeitos da pobreza sobre as crianças. Os fatores de risco freqüentemente ocorrem juntos ou cumulativamente com efeitos adversos concomitantes mais acentuados no desenvolvimento das crianças mais empobrecidas do mundo. A fig 5 mostra os caminhos que ligam a pobreza ao desenvolvimento deficiente da criança. O desenvolvimento consiste de domínios de funções conectadas: sensório-motora, linguagem-cognitiva, e sócio-emocional. A pobreza e o contexto sócio-cultural aumentam a exposição de crianças mais jovens a riscos biológicos e psicossociais que afetam o desenvolvimento através de mudanças na estrutura e função do cérebro, e mudanças comportamentais. Embora neste texto os autores considerem os riscos individuais, as crianças estão freqüentemente expostas a riscos múltiplos e cumulativos. À medida que os riscos se acumulam o desenvolvimento é comprometido de modo crescente.

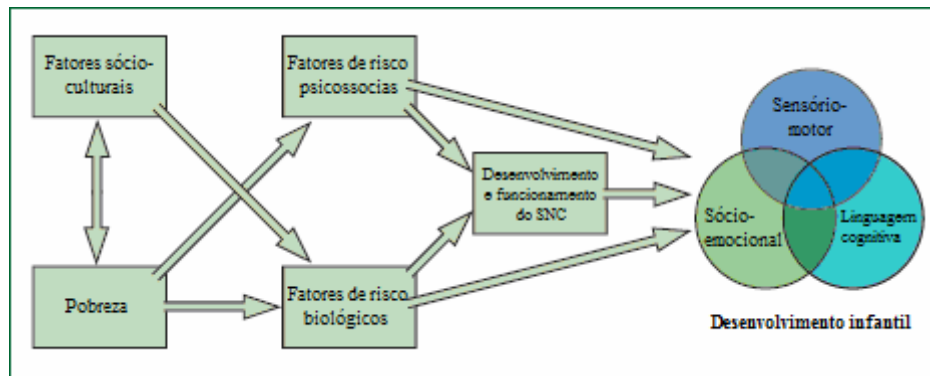


Figura 5: Caminhos da pobreza até o desenvolvimento deficiente da criança.

Adaptado de: WALKER, S.P., WACHS, T.D., GARDNER, J.M., LOZOFF, B., WASSERMAN, G.A., POLLITT, E., CARTER, J.A., and the International Child Development Steering Group. Child development: risk factors for adverse outcomes in developing countries. *Lancet*, 369:145-57, 2007.

Fatores de risco socioculturais incluem injustiça de gênero, educação materna deficiente, e acessos aos serviços reduzidos. Riscos biológicos incluem prejuízos no crescimento pré-natal e pós-natal, deficiências nutricionais, doenças infecciosas, e toxinas ambientais. Riscos psicossociais incluem fatores relacionados aos cuidados maternos e paternos, depressão materna e exposição a violência. As consequências dos prejuízos no desenvolvimento da criança são transmitidos entre as gerações. Crianças com desenvolvimento deficiente provavelmente permanecem na pobreza quando adultos, continuando assim os caminhos mostrados acima para seus descendentes.

Assim, os trabalhos relacionados mostram que a pobreza/miséria:

- atingem as pessoas nas áreas rurais e nas urbanas sendo que nessas últimas podem estar acompanhadas da violência, drogas, criminalidade;
- atingem as famílias de várias formas, disfuncionando-as;
- atingem as pessoas em diferentes idades, inclusive na gestação;
- são importantes fatores de risco e são acompanhadas de outros fatores de risco biológicos, psíquicos e sociais;
- causam impactos sobre as crianças e adolescentes: físicos (muitas enfermidades, desnutrição, etc.), psíquicos (transtornos comportamentais e emocionais, etc.), desenvolvimento (linguagem/fala, cognitivo, etc.) e sociais (fracasso escolar, abuso de drogas, delinquência, etc.);

Além disto, os textos mostram que as pessoas que vivem na pobreza/miséria:

- adoecem mais freqüentemente do que as de outras classes sociais;
- utilizam mais freqüentemente os serviços de saúde;
- recebem menos apoio social; a assistência médica e a qualidade da escola são de qualidades inferiores;
- são submetidas a muitos fatores estressantes;
- continuam empobrecidos na idade adulta o que contribui para que essa situação seja transmitida para outras gerações.

E por último, alguns dos autores, chamam a atenção para o que ocorre em determinados contextos, onde algumas crianças apesar de estarem expostas a muitas adversidades, podem ter uma evolução satisfatória.

Entretanto, apesar dos diferentes autores muitas vezes terem repetido as mesmas descrições e em outras vezes se completarem em seus relatos, não se verifica uma tentativa de descrever cronologicamente e de forma articulada os achados descritos e de se elaborar um possível curso evolutivo tendo como base os diferentes períodos do ciclo de vida. Os autores também não fizeram associações das origens da pobreza/miséria com fatos históricos, assim como, não mostraram, por exemplo, como os fatores de risco podem ter produzidos os impactos psíquicos.

Por fim os autores também não deram ênfase ao fato de que um mesmo indivíduo pode estar exposto concomitantemente a diferentes fatores de risco e que, por este motivo, poderia ficar assim multiplamente impactado.

3.4.3-As repercussões na idade adulta

A seção anterior foi dedicada à fundamentação teórica sobre os efeitos da pobreza/miséria sobre as crianças e adolescentes. Nesta seção serão citados trabalhos que mostram associações entre os impactos dessas adversidades na infância e adolescência e problemas na idade adulta.

Melchior *et al* (2007) investigaram que fatores contribuem para um excesso de risco de uma saúde insatisfatória na vida adulta entre as crianças que experimentam desvantagem sócio-econômica. Os resultados mostraram que baixo estado sócio-econômico na infância estava associado com um risco aumentado de dependência de substâncias (dependência de tabaco, álcool ou droga dependência), e má saúde física na idade adulta (fatores de risco para o estado cardiovascular). Nesse trabalho, nenhum fator de risco isolado emergiu como a

principal explicação, sugerindo que o processo mediando a ligação entre o baixo estado sócio-econômico na infância e a má saúde física na idade adulta é multifatorial. Importante ressaltar que crianças com baixo antecedente sócio-econômico experimentam simultaneamente múltiplos tipos de adversidades, sugerindo que múltiplos mecanismos contribuem para o excesso de risco de má saúde na vida adulta.

Schilling *et al* (2007) mostraram que amostras de adultos jovens de áreas urbanas de comunidades em desvantagem sócio-econômica relatam taxas altas de experiências adversas na infância. O impacto na saúde pública da adversidade na infância é evidente na associação muito forte existente entre adversidade na infância e sintomas depressivos, comportamento anti-social, e uso de drogas durante o início da transição para a vida adulta. Estes achados, juntamente com a evidência de que o impacto das maiores adversidades na infância persistem bastante na idade adulta, fortalecem a crucial necessidade de prevenção e de estratégias de intervenção dirigidas para experiências precoces adversas e suas conseqüências para a saúde mental.

Schoon *et al* (2003) afirmam que os efeitos dos riscos sociais se acumulam durante todo o transcurso da vida, influenciando tanto o ajustamento do comportamento durante a infância quanto o funcionamento psicossocial na vida adulta.

Sob o ponto de vista de saúde pública os achados de Fiddler *et al* (2004) indicam que uma história de adversidade severa na infância está associada com consultas médicas frequentes na idade adulta em clínicas de gastroenterologia, cardiologia e neurologia, mas, esta associação é limitada aos pacientes com sintomas inexplicáveis sob o ponto de vista médico. Na verdade, são transtornos de causas psíquicas, que, de alguma forma, se manifestam com sintomas ligados aos sistemas do organismo atendidos nas clínicas referidas acima, e causam a procura do serviço médico.

Assim, os trabalhos mostram as repercussões na vida adulta dos impactos sofridos na infância e adolescência, completando o que foi visto na seção anterior onde foi relatado que os impactos da pobreza/miséria podem ocorrer em diferentes períodos do ciclo de vida.

Além disso, o trabalho de Melchior *et al* (2007), por exemplo, mostra que um mesmo indivíduo sofre ao mesmo tempo o impacto de muitas adversidades sugerindo, desta forma, que os impactos resultam de múltiplos mecanismos.

Entre os impactos relatados nos trabalhos acima estão os transtornos emocionais e os comportamentais, além do consumo de drogas. Isto levou à reflexão sobre os possíveis

mecanismos por meio dos quais esses transtornos estão presentes na idade adulta. Os conhecimentos até o momento sugerem que, em condições de adversidades, as estruturas psíquicas ligadas ao desenvolvimento - afetiva, cognitiva, moral, social, do auto-conceito, etc. - podem ficar afetadas. Desta forma, os impactos nessas estruturas seriam os elos de ligação entre os períodos do ciclo de vida, ou seja, infância, adolescência, idade adulta jovem e poderiam, portanto, auxiliar na compreensão dos transtornos encontrados na idade adulta. A próxima seção será dedicada a este tema.

3.5 - Os múltiplos impactos: a combinação de várias teorias sobre o desenvolvimento da criança com a teoria de Bronfenbrenner.

As razões pelas quais decidi elaborar esta seção, além das explicitadas no último parágrafo da seção anterior, foram também motivadas pelo fato de que na pesquisa do mestrado (1990 e 1993) foi encontrado que, à entrada para a escola, a maioria das crianças apresentava, ao mesmo tempo, múltiplos problemas biopsicossociais, entre eles os transtornos psiquiátricos.

Além disso, as crianças tinham uma história de exposição desde muito cedo a diferentes fatores de risco; desses, muitos ainda estavam presentes quando da avaliação realizada à entrada para a escola e outros surgiram alguns anos depois como, por exemplo, o fracasso escolar.

Considerando a relevância não apenas clínica desses achados, mas também social, minha intenção nessa seção é tentar oferecer um esquema explicativo que, ao mesmo tempo, fundamentasse explicações não apenas para os impactos sociais e físicos encontrados na pesquisa do mestrado, mas, principalmente, ajudasse a entender o aparecimento dos transtornos psiquiátricos detectados à entrada para a escola e as possíveis ligações desses com os achados dos estudos encontrados na idade adulta.

Em síntese, senti a necessidade de construir um esquema explicativo capaz de contribuir para a compreensão, ao mesmo tempo do aspecto evolutivo, longitudinal e, também, do aspecto transversal do fenômeno. No que se refere ao aspecto transversal, o esquema deveria levar em conta os múltiplos fatores adversos presentes, fora da criança, no contexto onde a criança vivia no momento da avaliação (1990) e suas diferentes origens. E mais, que fosse elaborado de tal forma, que pudesse permitir aprofundamentos em direção

aos aspectos subjetivos conscientes e inconscientes e, assim, pudesse sustentar as tentativas de explicações para os transtornos psiquiátricos encontrados.

Enfim, um modelo que considerasse simultaneamente o tempo, o contexto, os aspectos físicos e a subjetividade da criança e as interações entre eles. Isto tudo porque a minha própria experiência trabalhando em atenção primária, para onde convergem tantas adversidades e tantos impactos, me pressionou para construir esse modelo para servir de ferramenta a ser empregada em minhas abordagens.

A construção de um modelo que levasse em conta tantos aspectos só poderia ser elaborado a partir da combinação de diferentes teorias e da contribuição de vários autores. Bee (2003) facilitou muito esta tarefa.

Mas, primeiramente é necessário destacar, sem querer ser redundante, que a criança não é um adulto em miniatura que vai crescer apenas fisicamente. Ela também se desenvolverá no decorrer de sua vida sob o ponto de vista psicológico e o resultado final é a sua personalidade.

Assim, a criança desde o nascimento, a partir de seus reflexos, seus desejos, necessidades básicas, temperamento, constituição física a qual engloba todos os sistemas do organismo; de seus órgãos sensoriais como visão, audição, etc, de sua capacidade de sentir prazer ou desprazer, de sentir emoções básicas como medo, raiva, de reagir ao ambiente, de elaborar estratégias inclusive as defensivas para lidar com os eventos intrínsecos ou os extrínsecos, negativos ou positivos; de arquivar em sua memória suas experiências e os resultados delas, irá, ao longo de sua vida, através de interações complexas com o meio, progressivamente construindo suas estruturas psíquicas que vão constituir a sua personalidade.

Os modelos biopsicossociais de desenvolvimento reconhecem a importância das forças, tanto intrínsecas quanto extrínsecas (NEEDLMAN, 2005, p.25), ou seja, o desenvolvimento não é determinado exclusivamente pela genética (natureza), nem a criança é somente o produto do ambiente (criação).

Entretanto, antes de prosseguir, é preciso definir temperamento e personalidade. Para Bee (2003, p. 292, 316) temperamento, termo às vezes empregado como sinônimo de personalidade, mas que, de fato, é considerado o substrato da personalidade, determinado pelo menos em parte, geneticamente. A personalidade é uma série de padrões individuais, relativamente duradouros, de reação e interação com os outros, que distingue cada criança ou

adulto. A distinção entre temperamento e personalidade é um pouco parecida com a diferença entre genótipo e fenótipo. O genótipo estabelece o padrão básico, mas o resultado final depende de como o padrão básico é afetado pela experiência específica. Portanto, o temperamento pode representar o padrão básico; o que medimos depois como personalidade, na infância ou na idade adulta, reflete o padrão básico afetado por incontáveis experiências de vida. As estruturas da personalidade que apresentam desenvolvimento ao longo da vida são: auto-estima (BARKER, 2004, p.6), e mais as seguintes estruturas: cognitiva, linguagem, emocional, social, self/gênero/identidade, moral (PAPALIA, *et al*, 2009), e os mecanismos de defesa (BARKER, 2004, p.4). Desta forma, as contribuições acima de Barker e Papalia se completam.

Estas estruturas de personalidade citadas podem ou não serem afetadas no decorrer das experiências de vida o que pode resultar em sintomas psiquiátricos como os transtornos emocionais, comportamentais, etc.

Para Bee (p. 294) pode-se apresentar três visões teóricas diferentes que ajudam a compreender as origens desses padrões individuais únicos que é chamado personalidade. A visão baseada em explicações genéticas e biológicas, as explicações das teorias da aprendizagem (Skinner, Bandura) incluindo as teorias cognitivas (Piaget) e as explicações psicanalíticas. Fazendo parte das psicanalíticas a autora cita além da contribuição de Freud, também Erikson e Bowlby. Os teóricos psicanalíticos enfatizam a importância dos motivos e dos processos inconscientes.

Os elementos das três visões podem ser combinados em uma visão interacionista do desenvolvimento da personalidade. O temperamento pode servir como a base a partir da qual se desenvolve a personalidade. Bee (p. 313) apresenta inclusive o modelo de um sistema (fig. 6) que mostra a formação da personalidade individual.

Nesse modelo a autora sugere que o temperamento inato da criança é um ponto de partida – uma tendência inicial no sistema, altamente significativa. A flecha 1 sugere uma relação direta entre o temperamento inato e a personalidade final que vemos na criança e, mais tarde, no adulto. A flecha 2 sugere um segundo efeito direto entre o padrão ambiental da criança e sua personalidade e seu comportamento social eventual. O fato dos pais responderem ao bebê de maneira confiável e contingente afetará sua confiança ou a segurança de seu apego, o que manifestará no futuro em vários comportamentos; o fato de os

pais reforçarem comportamentos agressivos ou amistosos também influenciará o futuro da criança.

Esses efeitos diretos são simples, inclusive óbvios, mas o que acontece é muito mais complicado. A maneira pela qual a criança é tratada é influenciada por seu temperamento (flecha 3), e tanto o temperamento básico como o ambiente familiar afetam o auto-esquema da criança – suas expectativas em relação a si mesma, suas crenças em relação às próprias capacidades (flechas 4 e 5). Esse auto-esquema ou auto-conceito (incluindo o senso de auto-eficácia da criança), por sua vez, ajudam a moldar o comportamento que observamos, ou seja, a ‘personalidade’ da criança (flecha 6).

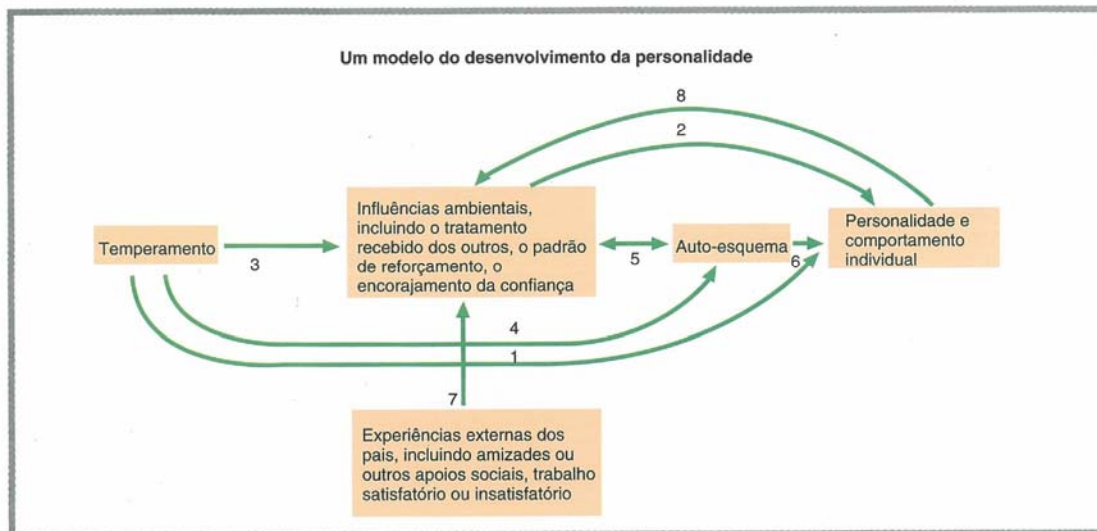


Figura 6: Um modelo de desenvolvimento da personalidade

Aqui está ilustrado uma versão de um modelo interativo descrevendo a formação da personalidade individual. Os efeitos do temperamento inato e das influências não se somam apenas: um afeta o outro, ajudando a criar o auto-esquema (auto-conceito) único da criança, que por sua vez, afeta as suas experiências. Tudo isso ocorre no contexto da família, a qual é influenciada pelas experiências de vida dos pais. O que consideramos como personalidade é um complexo produto de todas essas forças.

Entretanto, a autora enfatiza, que este sistema não existe em um vácuo. A flecha 7 sugere que a capacidade dos pais de manter um relacionamento amoroso e apoiador com os

filhos é influenciada por suas experiências externas – se eles gostam do seu trabalho, se recebem suficiente apoio emocional para ajudá-los a enfrentar crises. Por fim a autora inclui a flecha 8 para sublinhar os elementos transacionais do sistema. Quando o padrão único de comportamento e atitudes (personalidade) da criança estiver formado, isso vai afetar o ambiente que ela encontrará, as experiências que escolherá, as respostas das pessoas em torno dela, o que, por sua vez, afetará seu comportamento.

No parágrafo anterior a autora, ao afirmar que o sistema acima não existe em um vácuo, faz essa afirmação argumentando que para compreender o desenvolvimento da criança, precisamos ir além da própria criança e dos padrões desenvolvimentais intrínsecos que possam existir; precisamos ir além da díade mãe-criança ou pai-criança. Precisamos examinar toda a ecologia de desenvolvimento – o padrão de interação na família e as influências da cultura mais ampla sobre aquela família (BEE, p. 409). Continuando sua exposição afirma que os teóricos sistêmicos como Arnold Sameroff enfatizam que qualquer sistema – biológico, econômico, psicológico – tem certas propriedades. Antes de tudo, um sistema tem ‘totalidade e ordem’, que é outra maneira de dizer que o todo é maior do que a soma de suas partes. O todo consiste das partes e de suas relações mútuas. A analogia comum é feita com uma melodia, que é muito mais do que um conjunto de notas individuais. São as relações das notas umas com as outras o que cria a melodia.

Uma segunda característica importante de um sistema é que ele é *adaptativo* – exatamente como é adaptativo o sistema cognitivo da criança de acordo com Piaget. Quando existe uma mudança em qualquer parte do sistema ou um novo elemento é acrescentado, o sistema o ‘assimilará’, se puder, e o ‘acomodará’, se for preciso. Portanto, os sistemas resistem à mudança tanto quanto conseguem, absorvendo novos dados ou novas partes à estrutura existente, e apenas quando isso não funciona – e freqüentemente não funciona – é que o sistema muda. Por exemplo, quando nasce um segundo filho na família, os pais podem tentar manter suas antigas rotinas tanto quanto for possível, mas a presença do novo indivíduo no sistema familiar inevitavelmente forçará acomodações. E isso será especialmente verdadeiro se o novo bebê for muito diferente do primeiro em termos de temperamento.

Combinando essas duas características dos sistemas, vocês podem ver que qualquer mudança em alguma parte do sistema afetará todas as outras partes. Além disso, são acionados movimentos de *feedback*.

Embora quase todos os psicólogos garantam hoje a validade geral desta abordagem sistêmica, conceituar as várias partes dos sistemas não é uma tarefa simples. Urie Bronfenbrenner, que, a princípio cunhou a expressão *ecologia do desenvolvimento*, propõe uma abordagem.

Desta forma, além das diversas teorias existentes sobre o desenvolvimento das crianças que foram rapidamente lembradas acima e que auxiliam a compreender o desenvolvimento infantil, Urie Bronfenbrenner (2002) propôs uma abordagem que acrescentou muito às outras para o entendimento do desenvolvimento da criança inclusive no ambiente de pobreza. O autor denominou essa abordagem de Ecologia do Desenvolvimento Humano.

Bee (p.38) discorre sobre essa perspectiva ecológica afirmando que outra faceta do pensamento atual sobre os efeitos ambientais no desenvolvimento da criança é uma ênfase crescente no delineamento de uma rede ambiental mais ampla. Até pouco tempo, a maioria das pesquisas sobre as influências ambientais focava a família da criança (muitas vezes, apenas a mãe) e a estimulação existente no lar, tal como os brinquedos ou os livros disponíveis para a criança. Se o contexto familiar mais amplo era observado, normalmente era apenas em termos da riqueza ou pobreza geral da família.

Nos últimos 10 ou 15 anos, entretanto, tem havido um forte impulso no sentido de ampliarmos nosso alvo e considerarmos a *ecologia* ou o *contexto* em que cada criança se desenvolve. Urie Bronfenbrenner, uma das figuras-chave desta área, enfatiza que cada criança cresce em um ambiente social complexo (uma ecologia social) com um distinto elenco de personagens: irmãos; irmãs; o pai, a mãe, ou ambos; avós; babás; animais de estimação; professores; amigos. Esse elenco também está inserido em um sistema social mais amplo: os pais têm empregos dos quais podem gostar ou não; eles podem ter ou não amigos íntimos e que lhes dêem apoio; podem viver em um bairro seguro ou em um bairro cheio de perigos; a escola local pode ser excelente ou ruim; e os pais podem ter um bom ou um mau relacionamento com a escola. O argumento de Bronfenbrenner é que devemos não apenas incluir descrições desses aspectos mais ampliados do ambiente em nossa pesquisa, como também precisamos compreender as maneiras como todos os componentes desse complexo sistema interagem mutuamente para afetar o desenvolvimento de uma determinada criança.

Bronfenbrenner, segundo Bee (p. 410), propõe que pensemos sobre o sistema ecológico em que a criança se desenvolve como tendo uma série de camadas ou círculos

concêntricos (fig. 7). O círculo mais central, constituído por elementos que ele chama *microssistemas*, inclui todos aqueles ambientes em que a criança vive experiências diretas, como a família, a escola, a creche, ou o ambiente em que um adolescente trabalha.

A camada seguinte, que Bronfenbrenner chama *exossistemas*, inclui toda uma gama de elementos do sistema que a criança não experiêcia diretamente, mas que a influenciam, porque afeta um dos microssistemas, sobretudo a família. O trabalho dos pais e o seu local de trabalho são um desses elementos, assim como sua rede de amigos.

Por fim, Bronfenbrenner descreve um macrossistema que inclui o ambiente cultural ou subcultural mais amplo em que tanto o micro como o exossistema estão inseridos. A pobreza ou a riqueza da família, o bairro onde ela mora, sua identidade étnica e a cultura mais ampla em que se insere o sistema inteiro são partes desse macrossistema. O complexo de sistemas encaixados, interconectados, é considerado como uma manifestação de padrões globais de ideologia e organização das instituições sociais comuns a determinada cultura ou subcultura. Esses padrões generalizados são referidos como macrossistema. Os limites entre os sistemas são fluidos; embora separemos os vários níveis de influência para efeito de ilustração, na realidade eles interagem continuamente. Segundo o autor, só compreenderemos o desenvolvimento quando compreendermos, de fato, como todos os elementos desses sistemas complexos interagem para afetar a criança.

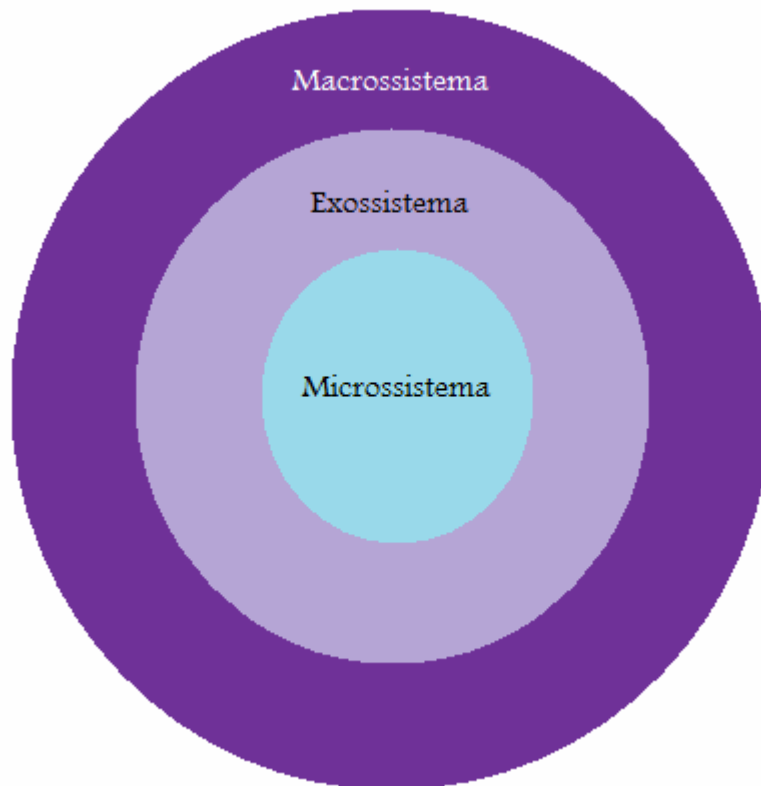


Figura 7: Teoria de Bronfenbrenner

Resumindo o que foi descrito até agora: Bee contribui com um esquema de desenvolvimento da personalidade; Bronfenbrenner contribui com um esquema que leva em consideração os contextos onde a criança está inserida e agora por último cito Bandin (2008, p. 116) e Garbarino (1990) que acrescentam a influência dos fatores de risco no desenvolvimento, e que podem ser encontrados distribuídos pelas camadas do sistema ecológico. Bandin escreve sobre os mecanismos de atuação dos fatores de risco ambientais. O autor começa definindo fator de risco como aquele que, quando presente, determina um aumento da probabilidade de surgimento de problemas.

Segundo Garbarino (1990) citado por Bandin, quando falamos de risco, devemos ter em mente dois tipos de interação: em primeiro lugar a interação da criança como um organismo biológico em relação com o seu meio social imediato, representado pela família (microssistema), em que ocorre uma série de processos, eventos e relacionamentos; em segundo, a interação que diz respeito ao relacionamento desse sistema com o meio ambiente, no seu sentido mais amplo (exossistema ou macrossistema) e através do tempo

(cronossistema). Para Bronfenbrenner (2002, p.21) existe uma outra camada, que não foi citada por Bee na figura 7, chamada mesossistema que inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente tais como para uma criança, as relações em casa, na escola e com amigos da vizinhança. Esse modelo ampliado da Teoria de Bronfenbrenner que está representado na fig.8, destaca a presença da criança no centro do sistema e descreve as relações existentes entre os vários sistemas que influenciam a vida da criança, descritos na teoria ecológica do desenvolvimento desenvolvida por Bronfenbrenner. O autor propõe um modelo onde o desenvolvimento acontece através de processos de interação recíproca progressivamente mais complexa entre a criança e todos os níveis de influência do meio ambiente.

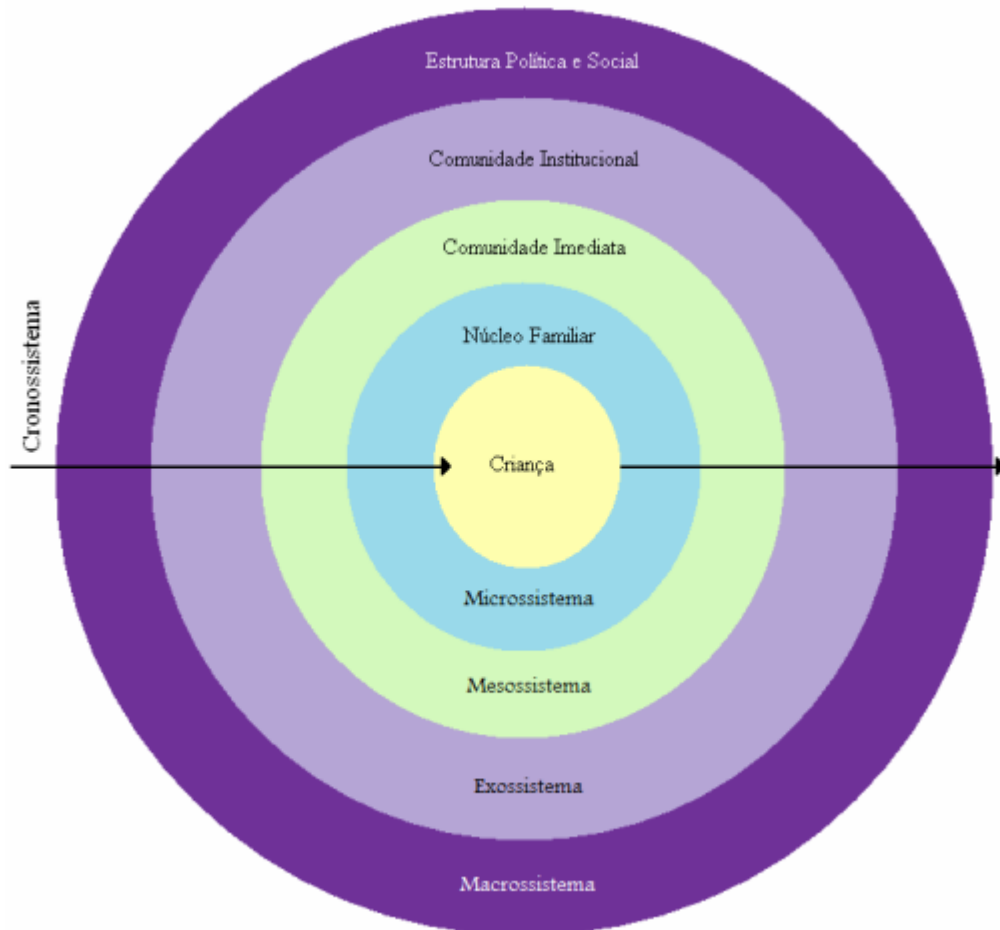


Figura 8: Teoria de Bronfenbrenner (modelo ampliado)

Assim, o desenvolvimento da criança, a qual Garbarino deixa claro que na figura acima ocupa posição central nesse modelo é o resultado da interação entre os fatores genéticos, biológicos e psicológicos da própria criança, portanto intrínsecos, e os fatores ambientais (extrínsecos) que estão representados nos diversos sistemas do modelo acima, ou seja, no micro, meso, exo, e macrossistema. Geralmente são interações complexas e que ocorrem durante toda a vida da criança (cronossistema). Nesse sentido Halpern *et al* (2000) destaca a importância de riscos múltiplos, cujo efeito cumulativo representou um grande impacto no resultado cognitivo e sócio-emocional da criança.

Para finalizar, fundamentado no que foi exposto acima, mas com a intenção de destacar a influência das estruturas psíquicas nesse sistema complexo, proponho um modelo explicativo representado pela fig. 9 abaixo, que combina o sistema explicativo proposto por Bee para a formação da personalidade (fig. 6) com a teoria ecológica de Bronfenbrenner. Nesse modelo, a parte central do sistema, que representa a criança, além da constituição física e neurológica, seria formada por duas camadas, sendo a mais interna, subjetiva, a que corresponde à personalidade da criança com todas as estruturas psíquicas que a formam e a camada mais externa seria representada pelos sinais e sintomas de doenças como, por exemplo, os sintomas dos transtornos psiquiátricos, físicos, nutricionais, etc.

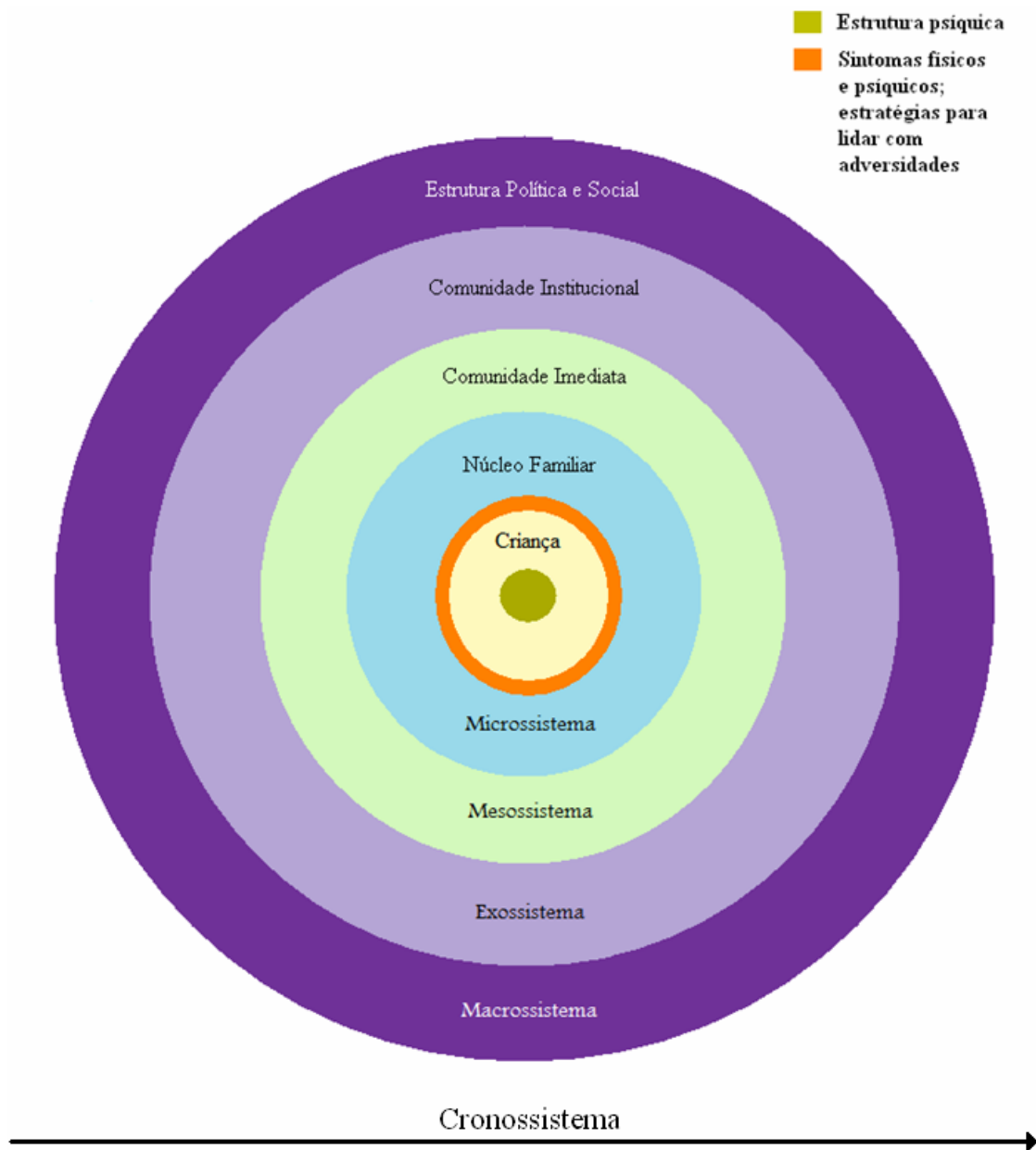


Figura 9: Modelo explicativo mostrando a estrutura psíquica da criança, os impactos sofridos pela criança e o sistema ecológico.

Esse modelo dá maior visibilidade às diferentes fontes e localizações dos fatores de risco que estão distribuídos pelas camadas do sistema ecológico e mostra também que os mesmos poderão atuar ao longo do tempo (cronossistema). Além disso, chama a atenção para as estruturas psíquicas que poderão ficar impactadas durante o desenvolvimento da criança e

cujos impactos, essencialmente, poderão ser os responsáveis pelos prognósticos desfavoráveis encontrados na idade adulta como mostraram alguns trabalhos citados na seção anterior.

Portanto, para finalizar, a intenção neste capítulo foi procurar fundamentar teoricamente os temas que surgiram na elaboração do projeto de pesquisa, entre eles, a Exclusão Social, suas origens e suas conseqüências como a pobreza e a miséria, os fatores de risco e os impactos biopsiocossociais em ambientes de privação sócio-econômica. Por último, a partir de estudos sobre desenvolvimento humano, propor um modelo que ajude a explicar os múltiplos impactos sobre as pessoas ao longo dos diferentes períodos do ciclo de vida, incluindo nesse modelo os aspectos físicos, subjetivos, contextuais e suas relações com o tempo.

Devido à gravidade desses impactos tanto para o indivíduo quanto para a sociedade e, como a pobreza e a miséria, estão ainda muito presentes entre nós, penso que é oportuno, nesse momento, dar uma idéia panorâmica da situação da pobreza e da miséria no país, até mesmo para reforçar a justificativa desse estudo. É o que farei a seguir.

3.6 - A situação atual das crianças e dos adolescentes no Brasil

Conforme dados do Banco Mundial em ‘Notas sobre o Brasil, abril/2009’, as melhorias nos fundamentos econômicos no país foram acompanhadas por avanços igualmente importantes nos indicadores sociais. Desde a década de 1990, o País vem praticamente alcançando a educação básica universal. Nos últimos anos, houve uma expressiva redução nas taxas de pobreza e de desigualdade que apresentavam indicadores historicamente baixos. A taxa de pobreza, medida por uma renda per capita equivalente a meio salário mínimo local (cerca de US\$ 6,5 por dia), caiu de 39,4% da população em 2003 para 30,3% em 2007, tendo atingido com facilidade a Meta de Desenvolvimento do Milênio. Essa redução foi devida principalmente ao maior crescimento econômico, a programas bem direcionados de transferência condicional de renda como, por exemplo, o Bolsa Família, assim como aos aumentos na renda do trabalho, especialmente do salário mínimo, e ao declínio no desemprego, de um nível acima de 12% em 2003 para um índice pouco abaixo de 9% em 2008. O coeficiente de Gini, que mede a concentração de renda, continuou a cair de 0,593 em 2003 para 0,552 em 2007, representando um declínio de 7%. Quanto à distribuição de renda em 2004, os 10% mais ricos da população detinham 44,6% da renda brasileira. Em

2007, esse percentual foi reduzido para 43%. Em 2006, 10,4% da população acima de 15 anos no Brasil era analfabeta. Essa proporção caiu para 10% em 2007.

Desde 2005, o Brasil participa do grupo de países que possuem um alto índice de desenvolvimento humano (IDH), de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Em 2006, o seu IDH foi de 0,807 em uma escala que varia de 0 (país menos desenvolvido) a 1 (mais desenvolvido).

Apesar do expressivo avanço social, existem ainda grandes desafios nessa área. A pobreza e a desigualdade se mantêm em nível elevados e uma grande defasagem ainda pode ser observada no acesso ao ensino pré-escolar e médio, especialmente entre os pobres. Embora os indicadores de educação mostrem que a matrícula no ensino básico está próxima a 100%, a frequência no ensino pré-escolar e médio continua baixa se comparada à de outros países de renda média. Não obstante essas melhorias, a qualidade do sistema educacional ainda é deficiente nos níveis básico e médio. O Brasil também apresenta disparidades regionais extremas, principalmente quanto aos indicadores de saúde, mortalidade infantil e nutrição. Outros desafios estão associados à combinação dos benefícios provenientes do crescimento agrícola, da proteção ambiental e do desenvolvimento sustentável na Amazônia e em outros biomas (BANCO MUNDIAL, 2009).

A partir de dados do Unicef em ‘Situação Mundial da Infância de 2008 – Caderno Brasil’, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (Pnad) de 2006, o Brasil possui uma população de mais de 187 milhões de habitantes, dos quais quase 60 milhões têm menos de 18 anos de idade, o que equivale a quase um terço da população brasileira e um terço de toda a população de crianças e adolescentes da América Latina e do Caribe. A figura 10 e a tabela 2 mostram a distribuição da população de 0 a 6, 7 a 17 anos e adulta.

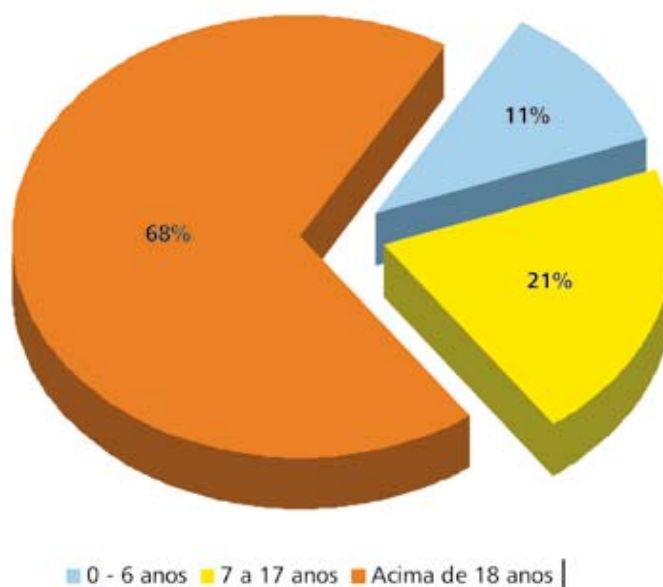


Figura 10: Distribuição da População no Brasil.
Fonte: IBGE/Pnad 2006

Tabela 2: Distribuição da População no Brasil (em milhares)

	População	% em relação à população total do Brasil
Brasil (total)	187.228	100%
0-17	59.071	31,5%
0-6	20.662	11%
7-17	38.409	20,5%
Acima 18 anos	128.156	68,5%

Fonte: IBGE/Pnad 2006

Dos 3 milhões de crianças que completam 1 ano de idade, 370 mil não possuem registro de nascimento (2005), e, portanto, vêm negado seu direito a uma identidade.

Existe no Brasil aproximadamente 59 milhões de arranjos familiares, sendo que aproximadamente 16 milhões de famílias têm crianças de até 6 anos de idade (primeira infância).

Pelos dados do IBGE, quase metade (45,4%) das famílias com crianças na primeira infância tem o rendimento familiar mensal de até ½ salário mínimo per capita, o que as coloca abaixo da linha de pobreza. Quando esse dado é desagregado por regiões, o quadro é

mais alarmante: 55,1% e 66,9% das crianças de até 6 anos no Norte e no Nordeste, respectivamente, são membros de famílias consideradas pobres.

Em termos absolutos, mais de 7 milhões de famílias com crianças de até 6 anos estão em situação vulnerável quanto ao nível de rendimento, sendo que mais de 5 milhões dessas famílias encontram-se no Norte e Nordeste do País.

A proporção de famílias pobres nas regiões reflete-se na situação de crianças e adolescentes. Em termos comparativos, existem mais crianças e adolescentes pobres do que outras faixas etárias da população. Enquanto 31,5% da população em geral vive na pobreza; 50,3% da população de até 17 anos está na mesma situação, sendo que no Norte, essa proporção chega a 61,1% e, no Nordeste, a 72,5% das crianças dessa faixa etária. No Nordeste, o percentual da população em geral que vive em pobreza é de 53,3%.

Detalhando a proporção de pobres por idade pontual pode-se observar que essa proporção é maior na primeira infância do que em qualquer outra fase da vida da criança. Dessa maneira, de acordo com os dados da Pnad 2006, são 29,6 milhões de crianças e adolescentes com até 17 anos em situação de pobreza, desses cerca de 11,5 milhões têm até 6 anos de idade. Do total das crianças (0 a 6 anos) em situação de pobreza, 66% são negras, o que representa 7,5 milhões de crianças negras de até 6 anos vivendo em famílias com menos de ½ salário mínimo per capita.

Segundo dados do IBGE/2006, a taxa de mortalidade infantil (menos de 1 ano de idade) vem diminuindo ao longo dos anos. A taxa nacional diminuiu de 46,9 por mil nascidos vivos em 1990 para 24,9 por mil nascidos vivos em 2006; o que representa uma queda de 44,9% na mortalidade infantil. Esses dados colocam o Brasil no caminho para o cumprimento do ODM 4 (Objetivos do Desenvolvimento do Milênio 4).

Apesar da melhora das taxas de mortalidade infantil, nacionalmente há grandes desafios a superar, como as desigualdades regionais e as iniquidades relacionadas a grupos sociais específicos. O Nordeste apresentou a maior queda (48%), mas a disparidade com a média nacional continua alta – a taxa de mortalidade infantil no Nordeste é quase 50% maior do que a média nacional. Em 2006, a média de mortalidade infantil para o Nordeste foi de 36,9 por mil nascidos vivos, sendo que Alagoas, Maranhão, Pernambuco e Paraíba apresentaram as taxas mais altas.

Em relação à iniquidade, a taxa de mortalidade infantil para índios e negros é maior do que para a população branca. A taxa de mortalidade para a população indígena é de 48,5

por mil nascidos vivos (138% maior do que para a população branca), enquanto para a população negra é de 27,9 por mil, 37% maior do que para a população branca cuja taxa é de 20,3 por mil nascidos vivos. Além da iniquidade, a taxa de mortalidade infantil, quando analisada por componente, revela outro grave problema: os cuidados com o nascimento continuam muito precários. Os óbitos infantis até 1 ano podem ser divididos em três componentes: neonatal precoce (óbitos de crianças de até 6 dias), neonatal tardio (óbitos de crianças de 7 a 27 dias) e pós-neonatal (óbitos de crianças de 28 a 364 dias). No Brasil, de acordo com o IBGE, aproximadamente 66% dos óbitos de menores de 1 ano ocorrem no primeiro mês de vida, sendo que 51% ainda nos primeiros seis dias de vida. As principais causas de óbito na primeira semana de vida estão relacionadas à prematuridade, asfixia durante o parto e infecções, fato que evidencia a importância dos fatores ligados à gestação, ao parto e ao pós-parto. Os mesmos dados apontam que a região nordeste é a que apresenta as mais altas taxas de mortalidade neonatal precoce do país, com 15,3 por mil nascidos vivos, sendo que Alagoas e Paraíba possuem as taxas mais altas de 17,4 e 16,9 por mil nascidos vivos, respectivamente.

A redução da mortalidade materna faz parte dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio-5 (ODM-5). Os números identificados pelo UNICEF mostram que, entre 2000 e 2005, houve um aumento de 2,1% na mortalidade materna; enquanto em 2000, o número era de 52,3 mulheres por cem mil nascidos vivos, em 2005, esse número subiu para 53,4 por cem mil nascidos vivos.

As medidas adotadas para a redução dos óbitos no primeiro mês de vida da criança têm impacto direto sobre a redução da mortalidade materna. Portanto, a insuficiência da atenção ao pré-natal, ao parto e ao pós-parto no Brasil contribui para a mortalidade materna, que ainda atinge condições preocupantes no País. Em 2005, de acordo com dados do Ministério da Saúde, as causas obstétricas diretas, incluindo o aborto, provocaram aproximadamente 73% dos óbitos maternos no País (Ipea, 2007).

O número de consultas de pré-natal recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de mais de seis visitas. No Brasil, aproximadamente 53% das gestantes fizeram mais de 6 consultas durante o pré-natal. Entretanto, enquanto nas regiões Sudeste e Sul, respectivamente, 67% e 68% das mulheres fazem sete ou mais consultas pré-natais, no Norte e Nordeste esse número é de 29% e 35%, respectivamente.

Apesar do número de consultas de pré-natal ainda ser aquém do ideal, a evolução da proporção de gestantes com mais de seis consultas de pré-natal vem aumentando no País entre 1998 e 2005, com exceção da Região Norte.

Embora tenha ocorrido uma evolução da proporção de gestantes com mais de seis consultas de pré-natal, 2,5% das gestantes não fizeram nenhuma consulta pré-natal em 2005. Do total de mulheres que não tiveram acesso ao pré-natal, 68% eram negras. Em termos absolutos, mais de 52 mil mulheres negras não tiveram acesso a nenhum tipo de acompanhamento durante a gestação.

Em relação à escolaridade da mãe, nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, a faixa de mulheres com 8 a 11 anos de estudo formal supera as outras regiões. Já no Norte e Nordeste, respectivamente, 58% e 59,5% das mães não tinham instrução formal ou não terminaram o ensino fundamental.

Quanto à idade das mães, nas regiões Norte e Nordeste, existe um número elevado de mães entre 10 e 19 anos. Dados do Ministério da Saúde de 2005 revelam que 28,5% dos partos na Região Norte e 25,1% da Região Nordeste ocorreram nessa faixa etária, enquanto a média nacional foi de 21,8% do total. O número de bebês nascidos de mães com menos de 15 anos vem aumentando. Na média, para o Brasil, esse número aumentou de 6,9 por mil nascidos vivos em 1994, para 8,8/1000 em 2005, o que representa um crescimento de 28,6%. Houve aumento em todas as regiões. Em 1994, eram 18 mil bebês nascidos de crianças e adolescentes menores de 15 anos; em 2005, foram 27 mil. O Norte continua sendo a região onde ocorre o maior número de nascimentos de mães com menos de 15 anos, registrando 11,0/1000 em 1995 e 14,7/1000 em 2005.

Em termos comparativos, o maior crescimento da proporção de bebês nascidos de mães com menos de 15 anos aconteceu no Nordeste brasileiro, onde esse número aumentou 37,7% entre 1994 e 2005. O menor crescimento aconteceu na Região Sudeste.

O acesso à educação infantil ainda está aquém das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) e da necessidade do País.

Atualmente, 15,5% das crianças (1,7 milhão) de até 3 anos freqüentam creches, sendo que, na Região Norte, esse número cai para apenas 8% – são mais de 2 milhões de crianças que não freqüentam creches na Região Norte. Os números de freqüência à pré-escola são relativamente melhores, mas ainda demandam avanços. Em todo o Brasil, 76% das meninas e meninos (7 milhões) entre 4 e 6 anos estão matriculados na educação infantil. Por outro lado,

muitas medidas ainda são necessárias para incluir os 9,5 milhões de crianças de até 3 anos que não frequentam creches, e os 2,2 milhões entre 4 e 6 anos que não estão na pré-escola, pelo menos nos percentuais estabelecidos pelo Plano Nacional de Educação (PNE). Soma-se ainda à questão, uma perspectiva racial que expõe a face discriminatória à qual as crianças estão expostas. Do total de crianças entre 4 e 6 anos fora da escola, 58% são negras, o que corresponde a mais de 1,3 milhão de crianças.

Comparando os anos de 2005 e 2006, percebe-se que a proporção de crianças de 4 a 6 anos matriculadas na pré-escola subiu de 72% para 76%. Em números absolutos, esse crescimento representa mais 500 mil crianças matriculadas nessa etapa da educação básica. No entanto, apesar da melhoria no indicador nacional, o percentual de crianças negras fora da pré-escola subiu, no mesmo período, de 16% para 21%. Em 2006, das quase 35 mil creches em funcionamento no Brasil, aproximadamente, 30 mil (85% do total) encontravam-se na área urbana. Dessas, mais da metade pertencia a organizações privadas (15,9 mil estabelecimentos), sendo grande parte delas ligadas a associações comunitárias ou a instituições filantrópicas. Outras 13,4 mil instituições estavam sob a responsabilidade dos municípios (UNICEF, 2008).

Conforme o relatório do Unicef ‘Situação da Infância e da Adolescência Brasileira 2009 – O Direito de Aprender: Potencializar Avanços e Reduzir Desigualdades’,

No Ensino Fundamental do total de crianças entre 7 e 14 anos, 97,6% estão matriculadas na escola, o que representa cerca de 26 milhões de estudantes (Pnad 2007). O percentual de 2,4% de crianças e adolescentes fora da escola pode parecer pouco, mas representa cerca de 680 mil crianças entre 7 e 14 que têm seu direito de acesso à escola negado. As mais atingidas são as negras, indígenas, quilombolas, pobres, sob risco de violência e exploração, e com deficiência. Desse contingente fora da escola, 450 mil são crianças negras e pardas.

No Ensino Médio segundo uma análise da PNAD feita pelo IPEA, 82,1% dos adolescentes entre 15 e 17 anos frequentam a escola. Entretanto, 44% dos adolescentes ainda não concluíram o Ensino Fundamental e apenas 48% cursam o Ensino Médio dentro da faixa etária adequada para esse nível. No Nordeste, apenas 34% dos adolescentes de 15 a 17 anos frequentam o Ensino Médio. No Norte, 36% dos meninos e meninas de 15 a 17 anos cursam

o Ensino Médio. A média nacional, de acordo com a Pnad, é de 48%. Na Região Sudeste, esse percentual fica em 58,8% e, no Sul, 55%. (Pnad 2007).

Anos de estudo

Enquanto a população urbana possui, em média, 8,5 anos de estudo concluídos com sucesso, a rural tem apenas 4,5. Em relação à população branca, os negros possuem, em média, dois anos de estudo a menos. A população nordestina acima de 15 anos é a menos escolarizada do País. Essa parcela da população possui apenas seis anos de escolaridade, enquanto a média nacional é de 7,3 anos.

Analfabetismo

Do total de crianças com 10 anos de idade no Nordeste, 12,8% não sabem ler. A média nacional é de 5,5%. Já no Sul o indicador é de 1,2%. Segundo a Pnad de 2007, 82,7% dos analfabetos de 15 anos ou mais do Norte são pretos ou pardos, o que evidencia a desigualdade racial.

Educação no campo

A escolaridade média da população rural de 15 anos ou mais corresponde a menos da metade do índice da população da área urbana. No Nordeste, a situação é mais grave: a população rural da região tem, em média, apenas 3,1 anos de escolaridade, ou seja, menos da metade do que a população urbana. Enquanto 25,8% do total da população rural com 15 anos ou mais são analfabetos, entre os habitantes da área urbana este índice é de 8,7%.

Educação indígena

Foi registrado de 2002 a 2007 um aumento de 50,8% do número de estudantes indígenas. Em 2002 era de 117.171 e passou para 176.714 em 2007. Nesse mesmo período, o crescimento de matrículas de alunos indígenas no Ensino Médio subiu 665%. Apesar desse grande aumento, apenas 4,8% dos indígenas que estudam estão nessa modalidade de ensino, totalizando somente 8.418 alunos. Dez por cento (10%) dos professores indígenas em atuação nessas escolas não só não concluíram o ensino fundamental como nunca receberam nenhuma formação para atuar como professores.

Educação quilombola

Até dezembro de 2008, havia 1.305 comunidades remanescentes de quilombos reconhecidas no País. Em 2006, o número de escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos cresceu 94,4%, chegando, a 1.283 unidades e 161.625 matrículas.

Infra-estrutura escolar

Das mais de 58 mil escolas do Semi-árido, 51% não são abastecidas pela rede pública de água, 14% não dispõem de energia elétrica e 6,6% não têm sanitários. A grande maioria (80%) não possui biblioteca ou sala de leitura, computador (75,8%) e muito menos acesso à Internet (89,2%).

Trabalho infantil

Um dos motivos que leva crianças e adolescentes a abandonar a escola é o trabalho precoce. De acordo com a Pnad 2007, do total de 44,7 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade, 4,8 milhões trabalham. Quase um terço (30,5%) desse grupo trabalha pelo menos 40 horas semanais. São números significativos, apesar de estar havendo queda do nível de ocupação de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade nos últimos anos. Em 2006, existiam 5,1 milhões de trabalhadores nessa faixa etária, o que corresponde a 11,5% do total de crianças. Em 2007, essa taxa caiu para 10,8%. A redução tem sido significativa em todas as regiões, em especial Norte e Nordeste. O abandono da escola em razão da necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar fica evidente quando se analisa a taxa de escolarização dos adolescentes ocupados e não ocupados. De acordo com a Pnad 2007, permanecem na escola apenas 21,8% dos adolescentes entre 15 a 17 anos que trabalham. (UNICEF, 2009).

Assim, minha experiência pessoal trabalhando com populações de baixa renda, os dados da literatura que mostram os impactos da pobreza sobre as crianças e adolescentes e, por fim, a situação do país, ainda muito desfavorável para o crescimento, desenvolvimento e para a saúde das crianças e adolescentes, justificam o presente estudo. O próximo capítulo será dedicado aos métodos empregados para a realização do estudo.

4 – MÉTODOS

Tipo de Estudo

O método utilizado na pesquisa foi o **Estudo de Caso**. Conforme Oliveira (1995, p. 105)

“O Estudo de Caso pode envolver um indivíduo, uma família ou uma pequena amostra de pacientes. Seu objetivo é descrever a doença, o que é feito de forma qualitativa: é uma descrição fenomenológica cujos resultados são apresentados em aberto, isto é, não levam a conclusões, mas sim, a hipóteses.

Constitui um tipo de pesquisa de grande utilidade na área biomédica, seja como estudo-piloto para esclarecer o campo de pesquisa em seus múltiplos aspectos, inclusive quanto às técnicas de observação, seja como pesquisa de síndromes raras.

Em qualquer dos dois casos o método se caracteriza pela observação e descrição dirigidas para o fenômeno. A atenção é enfocada nos aspectos essenciais que caracterizam a doença-fenômeno, procurando alcançar uma captação exaustiva dela. O método fenomenológico é descritivo e, como tal, não procura relacionar variáveis, explicar uma variável por outra. Pelo contrário, ele se centra e se esgota na descrição do fenômeno.

Todavia, sendo o fenômeno uma doença - que necessariamente envolve o doente, suas circunstâncias e sua história - a descrição fenomenológica se amplia em duas dimensões: o espaço e o tempo. O primeiro para enfocar o meio em que o doente vive, a família em que foi gerado e com quem convive; o segundo - o tempo, para enfocar sua história de vida. [...].

Cada caso é descrito na tridimensionalidade: a doença, o doente e sua circunstância. Via de regra, essa abordagem inclui também a descrição do processo evolutivo do caso, mas sempre, do ponto de vista holístico. Uma maneira de estudar o caso na sua totalidade é identificar uma grande variedade de dados sobre ele, de forma a poder chegar à sua caracterização, ou seja, seu espectro de síndromes que é o objetivo último da pesquisa. Tal como nos demais modelos de pesquisa, também esses dados ou traços observados exigem uma categorização ou classificação que torne o fenômeno compreensível, comunicável. O período de seguimento pode ser curto ou de longa duração. Importa, porém que a descrição evolutiva seja também holística, e não separando traços. [...].

Já a pesquisa fenomenológica só dispõe de um caminho e uma marcha: o caminho é a observação do fenômeno doença naquilo que ele tem de típico e a marcha é a descrição perscrutativa, onde o que se procura é conhecer sua essência para construir com mais propriedade seu conceito-diagnóstico.[...]

Depois de uma certa acumulação de relatos de caso na literatura de uma determinada doença (mais de 30), quando descritos com clareza e objetividade, é possível levantar uma

hipótese de trabalho e realizar uma pesquisa quantitativa, até mesmo com grupo controle, buscando analisar as uniformidades das observações, as relações entre variáveis e chegar a explicação do fenômeno, através de análises estatísticas que levam a conclusões inferenciais (OLIVEIRA, 1995, p. 105).

Etapas da Pesquisa

A pesquisa constou de duas partes, sendo cada uma, realizada em períodos diferentes. Na primeira pesquisa, foi feita uma releitura da dissertação do mestrado, com dados referentes aos períodos de 1990 e 1993. Na segunda pesquisa foi investigada a trajetória de vida dos participantes da amostra do estudo anterior. Os dados desta etapa foram coletados em 2008, refletindo a trajetória de vida no período entre 1990 a 2008.

Parte I

4.1 - A releitura da dissertação do mestrado

A metodologia empregada nesta parte está relacionada à revisita à dissertação do mestrado “*Repetência e Evasão Escolar em Classe Sócio-Econômica Desfavorecida: Um Estudo de 39 Crianças de 1ª Série de uma Escola Pública – História de Vida, Perfil Biopsicossocial*” (LOMBARDI, 1995).

Neste estudo, iniciado em 1990, foram examinadas 39 crianças, residentes em favelas, escolhidas aleatoriamente entre as 465 que cursavam a 1ª série do ensino fundamental em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. Em 1993, para completar a pesquisa foi conhecida a escolaridade dessas crianças.

O método utilizado foi o **Estudo de Caso**, conforme descrito anteriormente. A decisão de escolher o método foi reforçada por observações pessoais durante minha atuação como pediatra e professor da UFMG. Pode-se constatar, ao longo dessas experiências, que as crianças de classe sócio-econômica desfavorecida, apresentavam vários problemas de saúde, simultâneos e que demandavam uma estratégia de pesquisa que pudesse compreender com mais profundidade os fatores envolvidos.

Na coleta de dados, foi empregada uma entrevista semi-estruturada cujo roteiro era constituído por temas relacionados aos aspectos físicos, psíquicos e sociais das crianças, na época, alunos de uma escola pública de Belo Horizonte. Desta forma, comprovar ou não a hipótese que gerou a pesquisa, ou seja, a de que crianças em contextos de privação, no caso, um aglomerado de vilas e favelas, adoeceriam de forma difusa, inclusive, a saúde mental. Esta

entrevista foi aplicada aos pais e/ou responsáveis pela criança. Além disso, foram realizados também: exame clínico, avaliação do desenvolvimento e obtidos os dados do relatório da professora sobre o rendimento escolar, interação da criança com a professora, com seus colegas e outras observações. Para fins de análise, foram formadas categorias: história pregressa das crianças, o perfil biopsicossocial em 1990 e a escolaridade prevista em 1993 (4ª série do primário).

O **perfil biopsicossocial**, foi sistematizado em sub-categorias baseado no Esquema Multiaxial de Rutter (RUTTER *et al*, 1985):

Eixo I – síndromes psiquiátricas clínicas

Eixo II – transtornos específicos do desenvolvimento

Eixo III – nível intelectual (não pesquisado)

Eixo IV – condições médicas

Eixo V – situações psicossociais anormais associadas

Os achados ajudaram na compreensão da repetência e evasão escolar de crianças que viviam em contextos de privação. Ficaram evidentes os efeitos de múltiplos impactos na saúde, os prejuízos na escolaridade e o pano de fundo um cenário de pobreza e miséria. Envolve um ciclo de vida que se inicia na gravidez, no parto, período neonatal, lactente, pré-escolar e escola. Os múltiplos impactos encontrados nas crianças, os perfis das famílias, as características da comunidade podem ser visualizados nos eixos I, II, IV e V descritos com detalhes na dissertação de mestrado.

Parte II

4.2 - Trajetória de vida de 1990 a 2008.

História de vida

A metodologia empregada nesta parte também foi o Estudo de Caso e visa conhecer a trajetória de vida dos participantes no período compreendido entre 1990, ocasião da primeira pesquisa, até 2008. Foram realizadas entrevistas, compreendendo, portanto, um período de 18 anos de história de vida. A amostra foi constituída por sujeitos, na época, adultos jovens, participantes da pesquisa de 1990, os quais foram localizados e concordaram participar. Assim, diferente da primeira etapa, quando os responsáveis pelas crianças, na maioria mães, foram os entrevistados; na segunda etapa os próprios sujeitos foram os entrevistados.

Os tópicos norteadores da entrevista foram: a história da vida escolar; a história de vida relacionada ao trabalho, e a saúde ao longo do período estudado. Outros tópicos como os relacionados com a família, comunidade, violência, drogas, morte, envolvimento com a justiça, foram também enfocados, à medida que surgiram espontaneamente durante a entrevista.

Entrevista.

O tipo de entrevista, para cada tópico pesquisado, foi inicialmente a aberta que foi seguida por uma entrevista semi-estruturada formada por perguntas abertas relacionadas aos objetivos da pesquisa.

A entrada do entrevistador em campo

Para Minayo (2006, p.198) “a entrada em campo deve prever os detalhes do primeiro impacto da pesquisa. Ou seja, merece preparação o processo de como descrevê-la aos interlocutores, como e a quem os investigadores se apresentaram, e por meio de quem. Merece cuidado especial o estabelecimento dos primeiros contatos, o que deve ocorrer antes das idas ao campo para que se procedam às entrevistas e às observações. Frequentemente, os primeiros contatos possibilitam iniciar uma rede de relações, correções iniciais dos instrumentos de coleta de dados e produzir uma agenda e um cronograma de atividades posteriores”.

Quanto à apresentação do entrevistador Minayo (p.263) afirma que “o princípio básico em relação a esse ponto é que uma pessoa de confiança do entrevistado (líder da coletividade, pessoa conhecida e bem aceita) faça a mediação entre ele e o pesquisador. Seria muito arriscado entrar, sobretudo em comunidades ou grupos conflituosos, sem antes saber o que o mediador representa: ele tanto pode abrir como fechar portas”.

Apesar de conhecer bem a região onde o projeto foi desenvolvido, devido ao fato de por mais de duas décadas trabalhar no local, senti a necessidade de ter essa pessoa que pudesse estar me introduzindo na comunidade, que localizasse os participantes do projeto do mestrado e para fazer também um contacto inicial com essas pessoas antes de mim, com a finalidade de explicar a natureza da pesquisa. Para isto escolhi Dona Maria Conceição Gomes Souza, líder comunitária, moradora antiga da Vila das Antenas que faz parte do conjunto de favelas da região.

Com a concordância do Padre Aguinaldo atual pároco da Paróquia São Brás, passamos a ter uma sala junto a Igreja onde passamos a nos reunir. Dona Conceição e eu decidimos que iríamos propor aos entrevistados três locais onde as entrevistas pudessem ser realizadas: a residência das pessoas, a Faculdade de Medicina e a sala da Paróquia.

Os contatos iniciais foram feitos procurando as pessoas nas suas residências e/ou por telefone. D. Conceição apresentava dessa forma o projeto, os objetivos, e havendo concordância em participar, a seguir, eu ligava para marcar a entrevista.

A entrevista piloto

Foram realizadas duas entrevistas com um rapaz de vinte e três anos. A história de vida desse jovem poderia refletir a amostra e, portanto, poderia ser muito útil para adequação do método. As duas entrevistas foram realizadas na Paróquia São Brás nos dias 14/05 e 24/05/2008. Avaliação dessa experiência possibilitou mudanças necessárias na forma de conduzir a entrevista.

A amostra

Após a realização do estudo piloto, iniciou-se o processo de procura dos participantes. Dos 39 participantes que fizeram parte do estudo inicial foram localizados 28. Desses, 23 foram entrevistados; no caso de um participante que foi assassinado, o entrevistado foi o irmão mais velho; outro que estava foragido da justiça a entrevistada foi a mãe; uma que tem Retardo Mental e Mutismo Eletivo também a mãe foi a entrevistada mas ela estava presente durante a entrevista. Dos 28 localizados dois não demonstraram interesse em participar da pesquisa. Assim, a amostra foi formada por 26 pessoas: feminino 16 (61,5%) e masculino 10 (38,4%); negros 19 (73%), brancos 6 (23%) e 1 desconhecido (3,8%). Os dados estão na Tabela 3.

Tabela 3 – Características dos 26 participantes da amostra

Nome	Número de registro	Idade (anos)	Sexo	Cor de Pele
D.C.S.	2	25	F	Negra
M.A.S.S.	3	25	F	Negra
L.C.C.	4	26	M	Morena
P.L.F.	7	26	F	Branca
R.F.S.	8	25	M	Negra
E.B.S.	9	26	M	Morena
M.H.G.M.	11	30	F	Morena
R.E.M.	12	32	M	Branca
L.P.J.	13	25	F	Morena
P.P.S.	14	26	F	Negra
E.A.V.	15	26	F	Branca
S.G.B.	16	25	F	Mulata
P.I.S.L.	17	26	F	Mulata
E.M.R.	18	25	F	Branca
D.S.L.	19	25	F	Parada
G.M.	20	27	M	Negra
A.S.F.	22	25	M	Moreno
R.C.S.L.	25	27	M	Moreno
C.L.O.	28	25	M	Moreno/mulato
M.R.G.	31	Falecido	M	Moreno
A.P.S.	32	26	M	-
A.P.G.	33	25	F	Mulata
E.B.C.	34	25	F	Mulata
L.P.S.	35	26	F	Branca
M.A.S.	36	25	F	Branca
E.C.B.	37	25	F	Morena

Dezoito entrevistas aconteceram na Paróquia São Brás, quatro nas residências dos participantes, uma no departamento de pediatria, uma por telefone; para a entrevista de uma participante que vive em Portugal foi utilizada a internet. Uma entrevista foi realizada na penitenciária Jose Maria de Alkimin, localizada na região metropolitana onde a pessoa está cumprindo pena. A primeira entrevista aconteceu no dia 13/06/2008.

Antes de começarem as entrevistas foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 2). Após explicações e esclarecimentos sobre a entrevista que seria gravada, a forma como seria transcrita, o compromisso de manutenção do sigilo das informações individuais obtidas e, sobre a pesquisa, a importância da mesma, foi obtido a assinatura dos participantes.

Apenas não assinaram o termo a participante que está morando em Portugal cuja entrevista foi feita via internet; o participante que alegou não ter disponibilidade de tempo para comparecer ao local da entrevista, mas, aceitou ser entrevistado por telefone e a mãe de uma participante que tem Retardo Mental que aceitou participar mas não assinou o termo porque não sabe ler e escrever.

Análise dos resultados

Primeiramente, após a transcrição, o material bruto colhido através das entrevistas foi preparado para ser analisado. A seguir analisei o conteúdo das entrevistas e categorizei os dados. Essa análise foi baseada nos princípios da análise de conteúdo que “é um estudo minucioso do conteúdo do material, das palavras e frases que o compõem, para procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das idéias principais. Consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 214)”.

Por meios da análise desse material foram definidas as categorias as quais foram formadas tendo como referenciais teóricos a pediatria, a psiquiatria infantil, o desenvolvimento humano, sendo que neste último caso, especificamente ligados às teorias do desenvolvimento da criança. As categorias formadas foram baseadas em características que predominaram na maioria dos sujeitos da amostra.

Aspectos Éticos

O projeto foi submetido e aprovado em 14 de novembro de 2007, parecer n° ETIC 501/07 (ANEXO 1) pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais conforme regulamenta a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma reflexão sobre o contexto geral

Antes de entrar propriamente na discussão dos resultados das duas pesquisas que compõem este estudo, as quais foram desenvolvidas em um contexto específico, é importante destacar aspectos relacionados às origens e constituição do contexto geral, pano de fundo desse estudo.

Como foi visto, no decorrer do processo histórico da humanidade, formaram-se as idéias e as práticas excludentes. A nobreza não apenas resultou da apropriação dessas características. Foi também responsável pela perpetuação das mesmas. Foi justamente essa nobreza que ocupou o Brasil e transplantou para o país as idéias e as práticas excludentes. Isto teve uma forte influência na formação da sociedade brasileira principalmente porque, por exemplo, os reis (nobreza), eram considerados os representantes de Deus aqui na terra e, portanto, serviam de referência para uma sociedade que estava em formação.

A ocupação do Brasil aconteceu sob a influência dessas maneiras de pensar, sentir, legalizar e organizar o poder, governar, julgar, elaborar políticas sociais e executar. Isso porque no momento em que se iniciavam as navegações marítimas, essas formas de ver e sentir o mundo e os povos, já estavam bem internalizadas e fazendo parte das culturas dos colonizadores e seriam inevitavelmente transplantadas para as futuras colônias como o Brasil.

Dois fatos, porém, merecem destaques desde o começo da ocupação do país e que são determinantes na formação desigual da sociedade brasileira. Primeiro, imediatamente após a chegada do colonizador, foram colocadas em prática, a idéia milenar escravocrata, ou seja, a escravidão do índio e a do negro e a exploração do meio ambiente. Isto somente foi possível porque o colonizador estava muito protegido pelos recursos de que ele dispunha e pela retaguarda da metrópole, o que viabilizou as primeiras ações excludentes, como o início da escravidão. Segundo, como durante mais de 300 anos nós fomos colônia, a mentalidade excludente do colonizador, potencializada e continuamente protegida pelo aparato repressivo do Estado monarca, uma vez transplantada para o país, contribuiu para a formação de uma cultura escravocrata, implantou e perpetuou muitas políticas sociais que alimentavam as desigualdades sociais. Lembrando Escorel (1999, p. 78) quando ela cita uma das dimensões da Exclusão Social, a das representações sociais, “é no terreno dos hábitos e costumes, no

cotidiano social, nas interações sociais, no âmbito cultural, no eixo de troca de valores simbólicos, que a exclusão se manifesta de maneira mais radical, criando *dois mundos*". As representações sociais no país ficaram marcadas por essas formas excludentes de ver o mundo e as pessoas.

São muitas as situações que ilustram como as atitudes dos colonizadores europeus, impregnadas nas suas culturas, refletiram na forma como aconteceu a colonização do país. Podemos citar alguns outros exemplos segundo Schmidt (1999, 2008):

- a ocupação das terras, a escravidão, a destruição física e cultural dos índios;
- a entrega de fatias de terras brasileiras, as chamadas capitânicas hereditárias, aos nobres portugueses, ou seja, desde o início predominava um sistema de grandes propriedades rurais nas mãos de uma minoria, ou seja, um sistema de latifúndios;
- a escravidão negra no país;
- a imigração do colono português, em regra individualmente, resultou em uniões irregulares, à margem do casamento, muito frequentes entre o colono português e as índias e negras, o que resultou em filhos ilegítimos;
- a escravidão que estimulou pensamentos racistas e a idéia de superioridade de raças;
- a idéia de uma época em que para o Brasil se tornar civilizado, era necessário o 'embranquecimento' da população;
- a Lei da Terra – só poderia ser dono de terra quem a tivesse comprado, portanto o ex-escravo e o imigrante que eram pobres teriam enormes dificuldades de adquirir terras;
- a forma como aconteceu a abolição da escravatura: as propostas de doação de terras aos escravos foram arquivadas e a idéia de indenizar os escravos foi ignorada;
- a formação de uma sociedade dominada por latifundiários cheios de preconceitos;
- a existência de oligarquias dominantes em todos os estados do Brasil;
- a forma como aconteceu a expansão imperialista no Brasil (empresas estrangeiras investiam no país buscando fontes de matérias primas e mão-de-obra barata);

- a justificativa dos países imperialistas para suas ações: a raça branca merece dominar as raças inferiores (racismo); os brancos civilizados estão levando o progresso para os povos primitivos (o etnocentrismo); na luta pela sobrevivência, as nações mais fortes sobrevivem e as mais fracas devem sucumbir (darwinismo social);

- o significado da frase de um presidente como resposta aos movimentos populares no Brasil: ‘a questão social é um caso de polícia’;

- a idéia de que ‘era preciso deixar o bolo crescer para depois dividir’ na época do crescimento econômico quando os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres.

Concluí-se, portanto, que a “desigualdade brasileira tem componentes estruturais que estão relacionados a um passado caracterizado por um modelo de organização social altamente estratificado, no qual a escravidão desempenhou papel importante, e pela perpetuação de privilégios de classe ao longo dos diversos regimes políticos” (UNESCO, 2006) .

Darcy Ribeiro, em seu livro ‘O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil’ (2006, p.404) resume o que aconteceu com o país:

“O Brasil foi regido primeiro como uma feitoria escravista, exoticamente tropical, habitada por índios nativos e negros importados. Depois como um consulado, em que um povo sub-lusitano, mestiçado de sangue afro e índio, vivia o destino de um proletariado externo dentro de uma possessão estrangeira. Os interesses e as aspirações do seu povo jamais foram levados em conta, porque só se tinha atenção e zelo no atendimento dos requisitos de prosperidade da feitoria exportadora. O que se estimulava era o aliciamento de mais índios trazidos dos matos ou a importação de mais negros trazidos da África, para aumentar a força de trabalho, que era a fonte de produção dos lucros da metrópole. Nunca houve aqui um conceito de povo, englobando todos os trabalhadores e atribuindo-lhes direitos. Nem mesmo o direito elementar de trabalhar para nutrir-se, vestir-se e morar”

Assim, no Brasil, cuja ocupação foi fundamentada por uma ideologia de exploração, tanto humana quanto do meio ambiente, como consequência, de um processo excludente, que foi transplantado da metrópole para a colônia, formou-se um contingente enorme de pessoas, facilmente identificável, que nesses 500 anos está à margem das conquistas sócio-econômicas e culturais, portanto, com dificuldade enorme de inserção social. Ou seja, se formou no país uma população considerável de pessoas que vivem na pobreza e miséria.

Nesse sentido, Prado Jr. (2006, p.359) acrescenta

“...Há ainda outro resultado fundamental que se precisa destacar, e a que levou o processo de colonização [...]. É a proporção considerável de populações que com o tempo vão ficando à margem da atividade produtiva normal da colonização. O círculo desta atividade se encerra quase

exclusivamente com os dois termos fundamentais da organização econômica e social da colônia: senhores e escravos; os primeiros, promotores e dirigentes da colonização; os outros, seus agentes. [...] Mas se formaram aos poucos outras categorias, que não eram de escravos nem podiam ser de senhores. Para elas não havia lugar no sistema produtivo da colônia. Apesar disto, seus contingentes foram crescendo, crescimento que também era fatal, e resultava do mesmo sistema de colonização. Acabaram constituindo uma parte considerável da população e tendendo sempre para o aumento. O desequilíbrio era fatal”

Essas pessoas têm histórias de terem tido dificuldades de se fixarem nos seus locais de origem, ou, se estavam fixadas, perderam essa condição e acabaram migrando, muito pressionadas pelas adversidades que enfrentavam. Milhões deixaram os locais onde viviam e migraram maciçamente, principalmente das regiões interioranas e da zona rural para as cidades atraídas por melhores condições de vida. Essas pessoas nas últimas décadas, têm se fixado nas periferias das cidades, nas encostas de morros, formando aglomerados de favelas e vilas (MOREIRA, 2002, p. 29).

Além de tudo isso, como foi visto no capítulo 3, na seção 3.4 a literatura mostra que muitos fatores de risco que estão associados à pobreza e miséria, produzem impactos sobre os indivíduos expostos e são encontrados no entorno dessas pessoas. Não é exagero, portanto, supor que, para essas favelas, aglomerados e vilas, se dirigiram pessoas fragilizadas, inclusive na saúde física e mental, sem instrumentos importantes para a inserção social como, por exemplo, uma boa formação escolar, bem como uma formação profissional que as habilitassem a concorrer aos cargos mais bem remunerados que as cidades ofereciam.

Essas pessoas tinham motivos de sobra para terem dificuldades de construir suas identidades. Isto porque traziam a auto-estima comprometida assim como imagens negativas dos outros, tanto afetiva quanto cognitiva e já haviam adotado uma variedade grande de estratégias de sobrevivência e de alívio, construídas através dos tempos de privação e de exploração.

Para esses locais convergiram, portanto, uma grande quantidade de pessoas impactadas biopsicossocialmente e uma gama imensa de fatores de risco, de origens e de naturezas diferentes, pontuais e crônicos. Nesses contextos constituíram suas famílias e tiveram seus filhos.

Este contexto, complexo, com muitos fatores intervenientes, pode ser compreendido e representado melhor empregando-se a Teoria Ecológica de Bronfenbrenner. Na figura 11 e no texto relacionado a ela pretendo mostrar características deste cenário.

A idéia é chamar a atenção para o fato de que, nesse contexto, crianças estariam expostas a muitos riscos mesmo antes do nascimento. Esses riscos estão presentes nas várias camadas que compõem o sistema ecológico. Assim temos:

Centro da figura – vazio, antes do nascimento.

Microsistema – núcleo familiar: constituído na sua maioria por famílias com múltiplos problemas biopsicossociais;

Mesosistema e exossistema – comunidade imediata e comunidade institucional: constituídas geralmente pela falta de equipamentos sociais como creches, pré-escola, escola de baixa qualidade, falta de espaços e de políticas públicas de esporte, lazer, cultura, etc. Relato de violência na comunidade, drogas, pobreza e miséria;

Macrossistema – estrutura política e social: políticas públicas sociais iníquas com reflexos negativos na comunidade local, como moradias precárias, falta de saneamento, água, luz, ausência de projetos sociais de apoio às famílias, etc. Além disso, principalmente nas estruturas política e social, estava implícita a ideologia excludente, responsável pela perpetuação das adversidades.

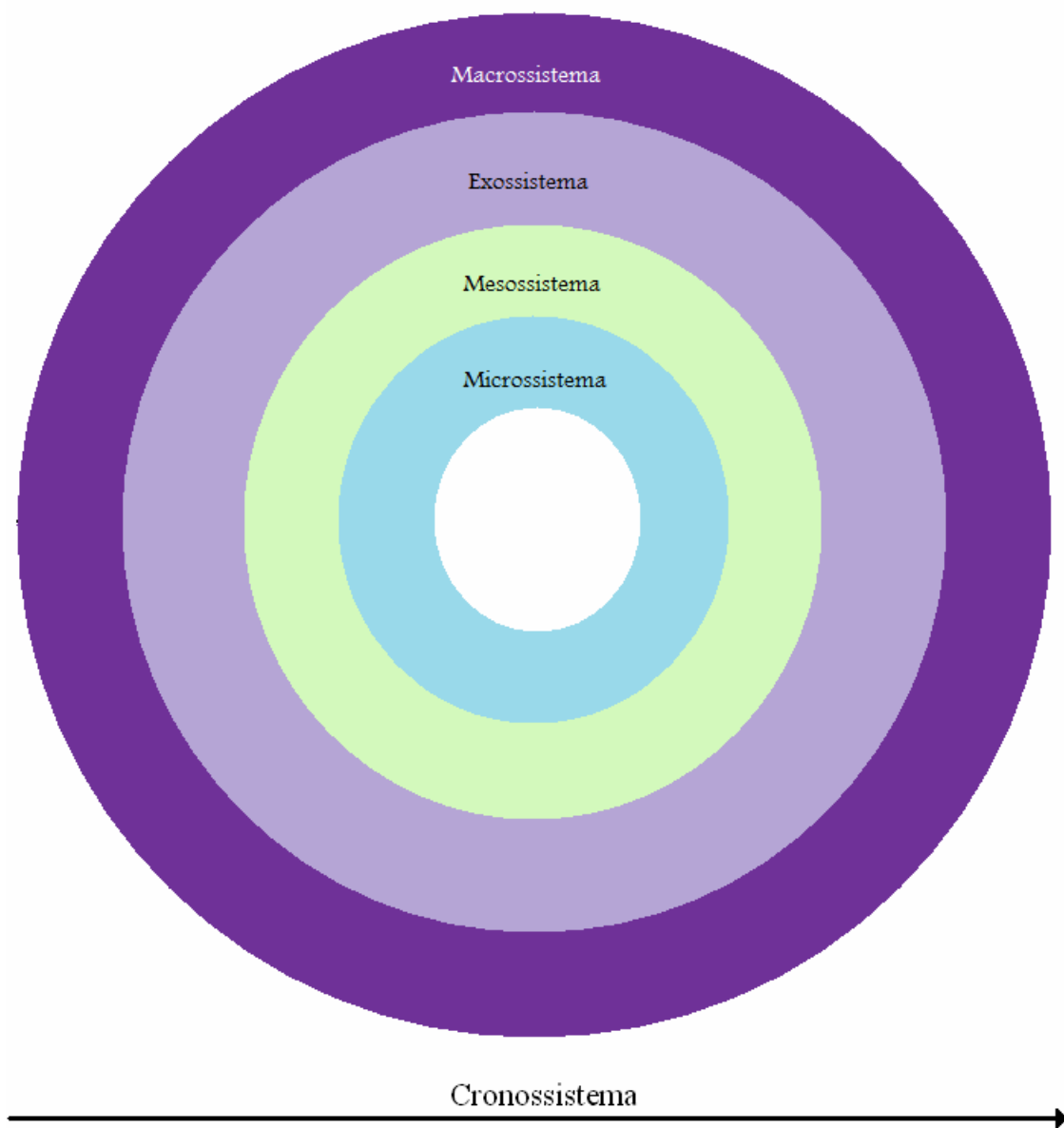


Figura 11: cenário antes da realização do estudo de 1990

Portanto, o que se verifica é a existência de um contexto teoricamente não propício para a geração e criação de crianças, sob o ponto de vista do crescimento, do desenvolvimento e da saúde. Isto porque nas várias camadas do sistema ecológico, verifica-se a presença concomitante de fatores adversos que potencialmente poderiam impactar as crianças.

É oportuno destacar que esse é um momento propício para a prevenção primordial - conjunto de atividades que visam evitar o aparecimento e estabelecimento de padrões de vida social, econômica ou cultural que se sabe estarem ligados a um elevado risco de doença.

As reflexões acima representam para mim uma das primeiras constatações importantes deste estudo, na medida que, até aqui, fundamentado apenas por dados da literatura, inclusive com o auxílio de uma teoria sistêmica e da combinação desta com teorias, que explicam o desenvolvimento da personalidade (esquema de Bee) e o desenvolvimento físico, está sendo possível refletir criticamente sobre esse cenário e até mesmo prever o que poderia acontecer com crianças criadas nesses contextos. Isto era praticamente impensável para mim quando iniciei meus trabalhos em atenção primária há mais de duas décadas. Essas constatações, entre várias vantagens, podem orientar na elaboração de intervenções.

A seguir, tendo como pano de fundo esse contexto geral, iniciarei minhas reflexões e considerações sobre os resultados das duas pesquisas realizadas em um contexto específico, semelhante. Primeiramente a de 1990 e 1993 e posteriormente a de 2008. Os dados do mestrado (1990 e 1993) e o conteúdo das entrevistas realizadas em 2008 estão no apêndice 1.

Sobre a pesquisa de 1990

Este estudo pretendeu descrever justamente o perfil biopsicossocial de um grupo de crianças que viviam em um conjunto de favelas em uma área da região metropolitana de Belo Horizonte.

Durante a releitura daquela pesquisa constatei que:

- Na sua grande maioria as 26 crianças antes de chegarem à 1ª série do ensino fundamental tinham uma história de exposição a múltiplos fatores de risco que se iniciaram muitas vezes na própria gestação dessas crianças e continuaram até o momento que as crianças entraram para a escola (1ª série).

Os relatos de familiares de duas crianças ilustram o que foi visto na amostra como um todo.

Por exemplo: *“E.B.S., reg. 9; 8 anos e 7 meses, (o informante – pai - ficou em dúvida a respeito da data de aniversário), masculino. 1ª série. Pai informa que a criança nasceu prematura, permanecendo hospitalizada após o nascimento por cerca de 2 semanas. Pai relata que a criança “purga” o ouvido. Há história também de falecimento de 2 irmãos da criança. Mãe G5P4A1. Criança não frequentou creche/pré-escola”.*

Outro exemplo: *P.I.S.L., reg.17, 7 anos e 10 meses, feminino, 1ª série. Mãe engravidou com 17 anos, não queria a gravidez e tentou aborto com o uso de chás. Durante a gestação a mãe teve infecção urinária e anemia, além de dificuldades emocionais e familiares. Nos primeiros meses de vida a mãe teve dificuldades em alimentar a criança, por falta de alimento em casa. Criança no 1º ano de vida chorava muito e mãe diz que a criança era desnutrida. Criança teve gastroenterite, pneumonia e infecção urinária. Foi hospitalizada uma vez devido a gastroenterite e pneumonia. Além desta separação, devido a hospitalização, de 4 meses a 1 ano e 8 meses a criança viveu com parentes e vizinhos e via a mãe uma vez por semana; viveu com a avó materna, que é alcoólatra. Há relato de falecimento de uma irmã com meningite e um acidente com queimadura grave em outra irmã. Mãe G4P4A0.*

Estes relatos acima podem ser representados por figuras desenhadas a partir da combinação das teorias como proposto anteriormente. São dois os períodos representados: um compreendido entre a concepção e o nascimento e o outro que vai do nascimento à entrada para a escola.

Período que inicia na concepção até o nascimento (fig. 12):

Este é um período importante quando teoricamente poderiam acontecer impactos sobre a criança. Os dados da pesquisa de 1990 mostram que muitas crianças foram expostas a fatores negativos nesse período do ciclo da vida. Esses fatores adversos estão descritos nas camadas.

Assim, a partir da concepção, a qual é representada a seguir pelo primeiro desenho da figura 12, temos:

O centro da figura – representado pela criança iniciando seu desenvolvimento no útero materno. Refiro-me aqui ao desenvolvimento físico e neurológico assim como ao desenvolvimento das estruturas psíquicas.

A seguir, durante esse período estão descritas nas camadas os possíveis eventos aos quais a criança foi exposta da concepção até o nascimento:

Mãe – gestações tensas, mãe com problemas de saúde, relatos de tentativas de aborto, uso de álcool e medicamentos, alimentação inadequada com prejuízo no estado nutricional, violência doméstica, hospitalizações, gestações não desejadas, etc;

Além das influências do próprio organismo materno, as adversidades presentes nas outras camadas do sistema podem ter influenciado negativamente as gestações. Assim:

Microsistema – núcleo familiar: constituído na sua maioria por famílias com múltiplos problemas biopsicossociais;

Mesosistema e exossistema – comunidade imediata e comunidade institucional: constituídas geralmente pela falta de equipamentos sociais como creches, pré-escola, escola de baixa qualidade, falta de espaços e políticas públicas de esporte, lazer, cultura, etc. Contexto de violência na comunidade, drogas, pobreza e miséria;

Macrossistema – estrutura política e social: políticas públicas sociais iníquas com reflexos negativos na comunidade local;

Assim, ao final desse período, que corresponde ao nascimento, representado pelo segundo desenho da figura 12, acrescento a representação da estrutura psíquica constituída nesse período.

Portanto, neste período, que corresponde à gestação, muitas crianças da pesquisa realizada em 1990 foram expostas a muitos fatores de risco que poderiam impactar as crianças. Os fatores eram de naturezas diversas e poderiam produzir impactos também diversificados, inclusive lesões do sistema nervoso central. No caso de ter havido lesões neste sistema, por exemplo, em áreas responsáveis pela memória, pelas emoções, cognição, linguagem, e outras, este substrato neurológico uma vez comprometido poderia afetar também a formação das estruturas psíquicas da criança.

Apesar de não ter examinado essas crianças logo após o nascimento e, portanto, não haver informações sobre impactos no desenvolvimento neurológico e/ou das estruturas psíquicas ocorridas naquele momento e por isto não representados na figura 12, alguns dados da pesquisa de 1990 sugerem a presença de impactos nesse período. Por exemplo, os muitos relatos pelas mães sobre abortos em gestações anteriores; sobre crianças da amostra que permaneceram internadas logo após o nascimento e de crianças que nasceram com baixo peso e prematuridade.

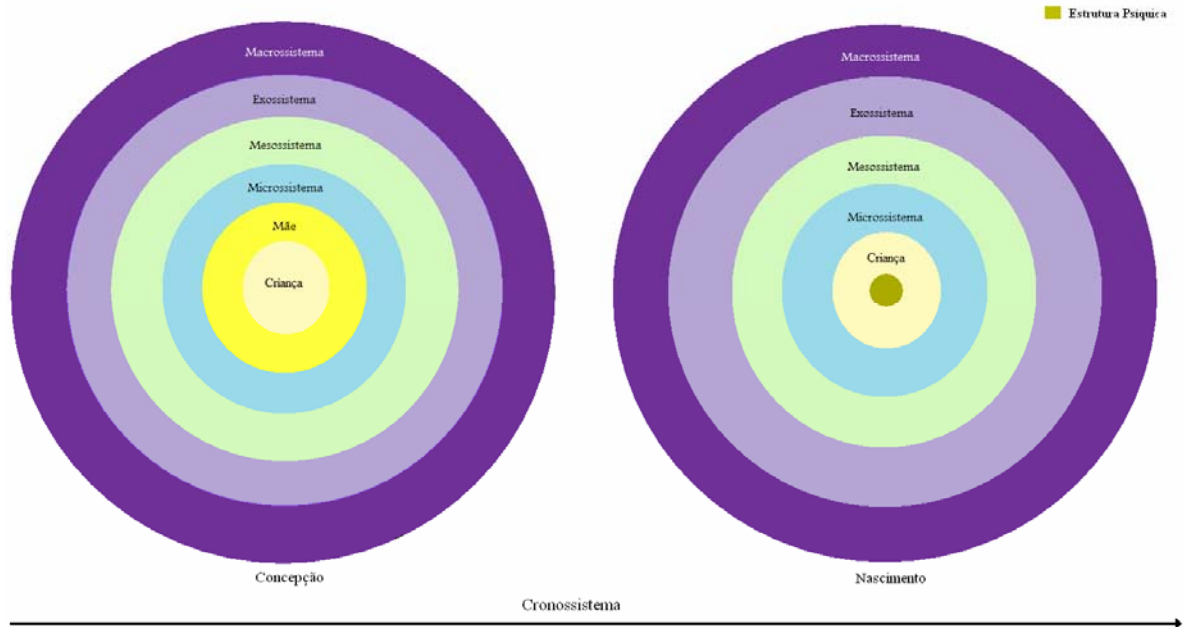


Figura 12: Período entre a concepção e o nascimento

Período compreendido entre o nascimento e a entrada para a escola, 1ª série.

(Fig. 13):

Ao nascimento: corresponde ao segundo desenho da figura 12 acima que retrata a situação ao nascimento

Assim temos:

O centro – que representa a criança com sua constituição física, neurológica e estrutura psíquica ao nascimento. A seguir, durante o período que vai do nascimento até a entrada para a escola, a criança foi exposta a múltiplos fatores de risco distribuídos pelas camadas do sistema da seguinte forma:

Microsistema – núcleo familiar: com múltiplos problemas biopsicossociais como visto nos momentos anteriores. Obviamente que estou levando em consideração que o quadro familiar muda, muitos fatores de risco se mantêm, outros surgem, os impactos sofrem mudanças, as estratégias para lidar com as adversidades com certeza, sofrem transformações.

Mesosistema e exossistema – comunidade imediata e comunidade institucional: da mesma forma que o item anterior esse sistema se apresenta com muitos problemas. Esse sistema sofre transformações, portanto as interações com a criança, com o núcleo familiar se modificam e novas situações se apresentam.

Macrossistema – estrutura política e social: da mesma forma continuaram muitas adversidades. Obviamente aconteceram mudanças no cenário, que não é estático, mas não é exagero afirmar que as adversidades continuavam sempre muito presentes durante esse período.

Para acrescentar, neste período, que corresponde do nascimento à entrada para a escola, muitas crianças apresentaram-se precocemente em condições de maior vulnerabilidade como, por exemplo, baixo peso, nascimento prematuro, desnutrição. Depois vieram os resultados da exposição aos múltiplos fatores de risco como as múltiplas enfermidades, as hospitalizações, maus tratos físicos e psicológicos, negligência; o aparecimento ou o agravamento de várias situações como a violência doméstica, alcoolismo entre os familiares, má saúde física e/ou mental dos pais e outros familiares, falecimentos, mudanças freqüentes de endereço, etc. Como destacado acima muitas adversidades já faziam parte do cenário e outros foram se juntando, até mesmo porque algumas predispunham ao aparecimento de outras.

Assim, no final desses dois períodos, quando a criança estava ingressando na escola, ela era portadora dos impactos das adversidades experimentadas nesses períodos anteriores, representadas no segundo desenho da figura 13 apresentada a seguir.

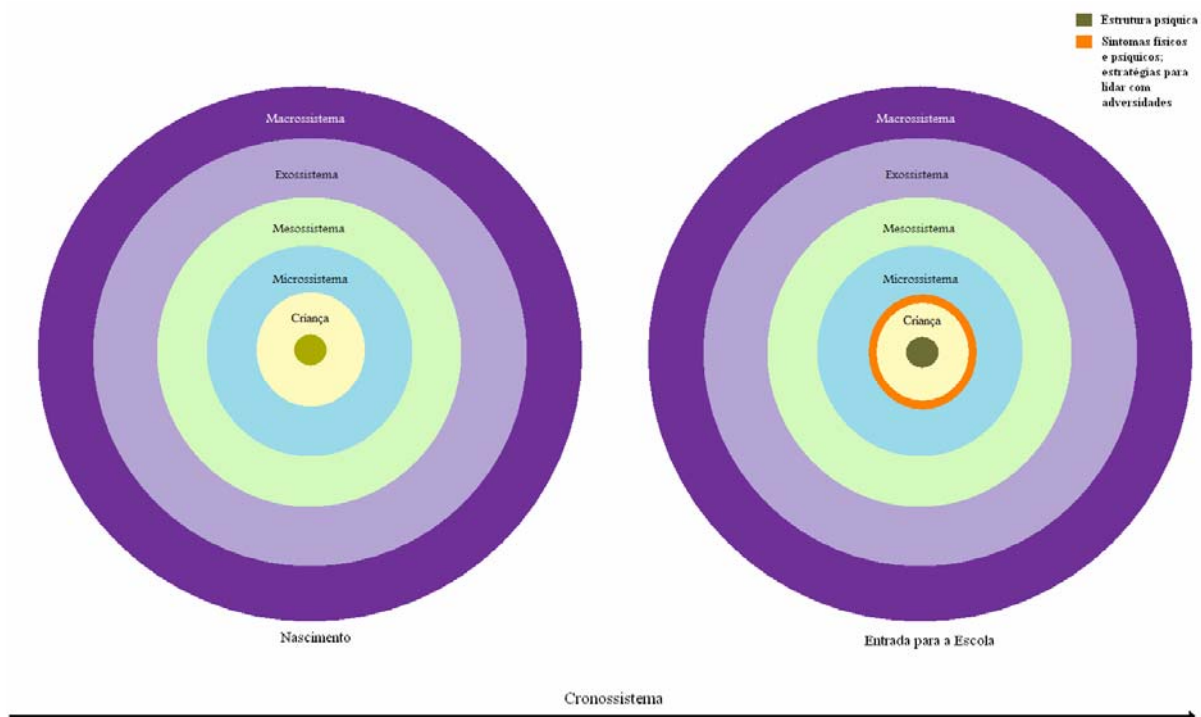


Figura 13: Período compreendido entre o nascimento e a entrada para a escola

Esses impactos foram traduzidos por mim da seguinte forma:

- A maioria das crianças à entrada para a escola apresentava-se com múltiplos impactos biopsicossociais.

Esse momento da entrada para a escola corresponde a um momento mais pontual, transversal, desse período, em que as crianças foram examinadas biopsicossocialmente, o que aconteceu, quando elas estavam na 1ª série. Foi nesse momento que foi constatado que a maioria das crianças estava ingressando na escola multiplamente impactada. Dois casos exemplificam esses achados.

Por exemplo, E.C.B., reg. 37. Perfil biopsicossocial:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

irritabilidade; dificuldade de separação da mãe; inibição

Transtorno de conduta não classificado em outro local:

agressividade

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

enurese noturna

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

aritmética; leitura; não conseguiu copiar o losango (coordenação motora fina); linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Pitiríase alba; suspeita de déficit visual; pediculose; sugestivo de parasitose intestinal (fezes amolecidas); desnutrição; linfadenopatia (residual); I.V.A.S. (coriza); cárie dentária; dentes apinhados

Outro exemplo: *L.P.S., reg. 35, 8 anos e 2 meses, feminino, 1ª série. Perfil biopsicossocial:*

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtornos emocionais específicos da infância e adolescência: tensão; inibição; tristeza; apatia

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

aritmética; linguagem?; dificuldade de coordenação motora fina(?)

Eixo IV – (Condições médicas)

Impetigo; pediculose; cárie dentária; suspeita de parasitose intestinal (abdome abaulado)

A partir desses achados, temos:

No centro do segundo desenho da figura 13, que representa a criança, existem duas camadas. A primeira, mais externa representada pelas alterações clínicas encontradas, tanto as físicas quanto as psiquiátricas (eixos I e IV), assim como os impactos no desenvolvimento da criança, por exemplo, no desenvolvimento escolar (eixo II) e as estratégias para lidar com as adversidades. Não quer dizer que esses achados já não estivessem presentes antes. Eles foram descritos apenas nesse momento porque foi quando aconteceram as avaliações clínicas das crianças.

A segunda camada mais interna representa as estruturas psíquicas da criança as quais fazem parte da sua personalidade. Como vimos anteriormente essa parte interior da criança

em desenvolvimento é formada pelas seguintes estruturas: auto-estima, a estrutura emocional, social, moral, cognitiva, a linguagem, self/gênero/identidade, os mecanismos de defesa empregados até esse momento de suas vidas. Nessa camada, distribuídas pelas estruturas psíquicas que a constituem, estão presentes os resultados conscientes e inconscientes, das interações da criança com os demais componentes do sistema ecológico, constituindo assim o seu modelo funcional interno – cada criança cria uma série de modelos internos que são suposições ou conclusões acerca do mundo, de si mesma e dos relacionamentos com os outros através dos quais toda a experiência subsequente é filtrada (BEE, 2003, p. 38). As inúmeras interações desse modelo interno com fatores presentes nas outras camadas do sistema continuarão acontecendo até a formação final da personalidade.

Entendo que os sintomas psiquiátricos detectados na pesquisa de 1990 são, fundamentalmente, os resultados dos impactos dessas adversidades nessas estruturas em formação, que ocorrem de maneira complexa durante a vida da criança à medida que, muitos fatores interagem ao mesmo tempo em todos os momentos do ciclo de vida.

Estes sintomas psiquiátricos e as estratégias empregadas para lidar com as adversidades intrínsecas e/ou extrínsecas são, na realidade, no meu ponto de vista, indicadores dos impactos sofridos pelas diversas estruturas psíquicas, portanto subjetivas, que compõem a personalidade de cada um. Em outras palavras, os transtornos psiquiátricos encontrados à entrada para a escola significavam que as estruturas psíquicas, de uma forma ou de outra, estavam sendo afetadas por fatores adversos e estavam reagindo aos mesmos.

Entretanto, os dados mostraram que as crianças além de já estarem impactadas multiplamente, continuavam expostas a muitos fatores de risco. Essas constatações foram traduzidas da seguinte forma:

- À época da entrada para a escola, ou seja, 1ª série, elas continuavam expostas a múltiplos fatores de risco, sendo que muitos desses já estavam presentes antes da entrada para a escola e outros eram recentes. As duas crianças citadas acima ilustram essa afirmativa.

Por exemplo, E.C.B., reg. 37. Perfil biopsicossocial (cont.):

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:

pai – irritabilidade, agressividade, alcoolismo;

irmãos – irritabilidade

Relacionamento intrafamiliar discordante:

Entre os pais que culminou na separação; entre pai e os filhos (antes da separação); entre os filhos

Controle parental inconsistente ou inadequado.

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível de escolaridade dos pais; baixo nível de escolaridade dos irmãos inclusive com história de muitas repetências

Condições de vida inadequadas:

Miséria (baixo salário, barraco em precárias condições); aglomeração; mãe e filhos dividem a mesma cama; falta banheiro - “banho de caneca”; falta de esgoto (fossa); lixo exposto

Situação familiar anômala:

família de genitor único – mãe e filhos

Estresses ou transtornos na escola ou ambiente de trabalho:

baixo rendimento escolar

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

Mãe com hipertensão arterial, dentes em péssimo estado de conservação; falecimento de avô paterno há +/- 1ano

Outros: família numerosa; reside em favela.

Outro exemplo, é o de L.P.S., reg. 35, citado acima. Perfil biopsicossocial (cont.):

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível de escolaridade dos pais; mãe analfabeta; irmãos com baixa escolaridade (história de repetência)

Condições de vida inadequadas:

pobreza; aglomeração; lixo exposto; fossa

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

repetência; baixo rendimento escolar

Outros estresses psicossociais intrafamiliar:

mãe asmática; pai com hipertensão arterial; família com relato de vários problemas de saúde repetidos nas crianças; família numerosa

Outros:

família vive na favela

Verifiquei, portanto, que as crianças, apesar de já apresentarem impactos físicos, psíquicos e sociais, continuavam expostas a muitas adversidades as quais podem ser localizadas nas diferentes camadas do sistema ecológico (micro, meso, exossistema). Mas, é importante acrescentar que, principalmente o macrosistema na ocasião da realização da pesquisa em 1990 continuava muito adverso. Isto vai merecer uma reflexão um pouco mais na frente ainda nesse capítulo.

Ainda no que se refere à primeira pesquisa deste estudo, no ano de 1993, foi conhecida a escolaridade dos integrantes da pesquisa. Os dados mostram que:

- Foi constatado prejuízo no desenvolvimento escolar da grande maioria das crianças da amostra em 1993 (Tabela 7).

Por exemplo, E.C.B. reg. 37, no final de 1993, com a idade de 10 anos e 11 meses cursava a 2ª série do primeiro grau. A outra criança L.P.S. reg. 35, também cursava a 2ª série naquele ano. Teoricamente ambas deveriam estar terminando a 4ª série do primeiro grau, portanto, muito atrasadas no que se refere a escolaridade.

Aliás, considero esse baixo desempenho escolar, como mais um fator de risco que foi acrescentado na história de vida de cada criança porque as crianças poderiam interpretar esse baixo desempenho como uma experiência de ‘fracasso’ na escola.

Uma das estruturas psíquicas mais importantes no desenvolvimento da criança é o auto-conceito que poderia ficar comprometido com esse sentimento de fracasso. Além do mais, a criança poderia adotar diferentes estratégias para lidar com esse fracasso à medida que este fosse sentido como frustração. Esta, por sua vez, costuma mobilizar raiva e agressividade, as quais são ferramentas para lidar com fontes da frustração. E mais, essa agressividade e o baixo auto-conceito poderiam ser incorporados na estrutura psíquica em desenvolvimento e a partir daí ser uma das características da personalidade da criança.

Este momento é representado na figura 14:

Centro – representado pelas crianças que, em 1990, apresentavam múltiplos problemas e a maioria das quais apresentavam fracassos escolares em 1993. Como referido acima esses fracassos provavelmente produziram efeitos nas estruturas psíquicas das crianças.

Demais camadas: penso que o cenário o qual é representado pelas outras camadas do sistema ecológico não mudou significativamente:

- 1 – microsistema – núcleo familiar: famílias com múltiplos problemas;
- 2 e 3 – mesossistema e exossistema – comunidade imediata e comunidade institucional: ambas com vários problemas
- 4 – macrosistema – estrutura política e social: ainda com muitas iniquidades no que se refere às políticas públicas, direitos humanos, cidadania, etc.



Figura 14: A escolaridade em 1993

É importante destacar que a criança nesse momento, por causa desse fracasso na escola, além dos impactos negativos na sua auto-imagem, poderia estar introjetando também às suas outras estruturas psíquicas, uma imagem negativa da escola, de pessoas ligadas à escola como professores, diretor, funcionários, colegas, edificações, etc. O resultado dessa experiência negativa poderia ser a formação de um vínculo frágil com a escola e com seus recursos humanos e materiais. Ou seja, os recursos humanos e físicos ligados à escola, poderiam ser uns dos depositários dos sentimentos e comportamentos hostis das crianças, resultantes das frustrações causadas pelo fracasso escolar.

Finalmente, ainda relacionado à releitura do trabalho de 1990 e 1993, constatei que:

- Os múltiplos impactos biopsicossociais encontrados na amostra ainda na 1ª série, funcionaram como fatores predisponentes à medida que poderiam influenciar negativamente funções neuropsíquicas e atividades de vida diária dessas crianças (ver os impactos biopsicossociais que são descritos nos eixos I, II, IV da formulação diagnóstica de cada caso).

Como explicitarei anteriormente nesse capítulo, os impactos físicos encontrados, os sintomas psiquiátricos que são indicadores de acometimentos em estruturas psíquicas e os inúmeros fatores de risco, de naturezas diversas, distribuídos pelas diferenças camadas do sistema ecológico onde as crianças estavam inseridas, juntos, interagiram de forma muito complexa.

Os resultados dessa interação foram os responsáveis pelos prejuízos em uma das atividades de extrema importância para a criança, ou seja, a atividade escolar. Isto porque, em minha opinião, a escolaridade é uma poderosa ferramenta de inclusão social. Pode-se dizer então que, neste período do ciclo de vida – idade escolar – aflorou de forma exuberante, um dos sinais precoces, facilmente reconhecíveis e significativos de Exclusão Social, que é a exclusão escolar.

Mas, é óbvio que, sob o ponto de vista de prevenção, bem antes da entrada para a escola, temos que aprender a identificar e valorizar a presença dos fatores de risco e os primeiros impactos nos períodos do ciclo de vida anteriores ao período da idade escolar. Penso que este papel está estreitamente vinculado ao setor saúde.

Assim, procurei mostrar como os múltiplos fatores de risco, ao longo dos primeiros anos de vida da criança, podem ter produzido a multiplicidade de impactos. Mas, antes de finalizar essa parte da discussão, apresento outro modelo, representado na fig. 15, o qual sintetiza graficamente o que foi visto nas figuras anteriores 11, 12, 13, 14.

Neste modelo pretendo ainda dar maior visibilidade a algumas das características do macrossistema que influenciou a vida dos integrantes da pesquisa desde a primeira metade dos anos 80 quando a maioria foi gerada. Farei isto resgatando alguns dos acontecimentos sociais e políticos que envolveram esse macrossistema no período entre a primeira metade da década de 80 até 1993 (cronossistema).

Como relatado no capítulo que trata da História do Brasil, nos anos 80, o país vivia o fim do regime militar (1964-1985) com inflação alta, dívida externa alta e sérios problemas sociais (salários dos operários eram baixos, maior concentração de renda). Após o fim do regime militar, durante o governo Sarney (1985-1990) a inflação continuou muito alta. Durante o governo Collor (1990-1992), que substituiu o presidente Sarney a inflação persistia muito alta e o Brasil enfrentava uma das maiores recessões de sua história. Com a renúncia de Collor, o vice Itamar (1992-1994) controlou a inflação o que propiciou o aumento do poder aquisitivo e da capacidade de consumo dos setores de baixa renda.

Tudo indica que esses acontecimentos adversos afetando o macrossistema, podem ter produzido mais impactos nos demais sistemas (micro, meso, exossistema) já historicamente vulneráveis e onde os integrantes da amostra foram criados. Como consequência, estes integrantes foram também impactados.

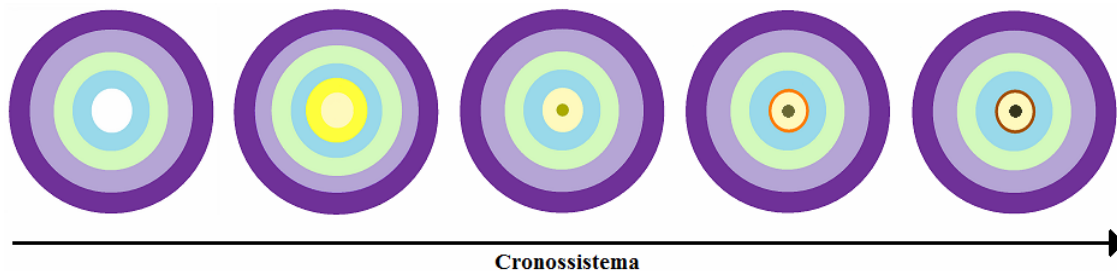


Figura 15: Evolução da amostra durante o período da primeira pesquisa

Este modelo, portanto, baseado nos resultados da pesquisa iniciada em 1990 e finalizada em 1993, ajuda a entender como o processo da Exclusão Social, que tem influências negativas sobre as variáveis que influenciam a saúde, o crescimento e o desenvolvimento normal da criança, produziu os impactos sobre a amostra nos períodos iniciais do ciclo de vida até aquele momento, ou seja, 1993.

Duas constatações emergem a partir dos textos e da análise relacionadas à figura 15. Pode-se dizer que no contexto de Exclusão Social:

-em um único período do ciclo de vida uma criança está exposta simultaneamente a vários fatores adversos distribuídos pelas diversas camadas do sistema ecológico. Isto quer dizer que as ações devem ser dirigidas ao mesmo tempo para diferentes fatores de risco, o que implica ações interdisciplinares e intersetoriais.

-os fatores de risco são encontrados ao longo de todos os períodos do ciclo de vida, o que significa que, políticas sociais devem contemplar as pessoas ao mesmo tempo em todos esses períodos. Por causa disso, uma ação que é restrita a um único período do ciclo de vida poderá não surtir os efeitos desejados.

O que aconteceu com a amostra no período entre 1990 e 2008, que foi narrado pelos participantes tem ligações com o que essa figura 15 sintetiza. Os entrevistados começaram as narrativas a partir do ano de 1990 (período escolar). Pode-se dizer que naqueles anos de suas vidas suas estruturas psíquicas provavelmente apresentavam impactos relacionados às adversidades enfrentadas até aquele momento e eles já haviam inclusive adotado estratégias para lidar com essas adversidades e com os impactos psíquicos resultantes. Com esses antecedentes os participantes, no período que se seguiu, 1990 a 2008, continuaram interagindo com diferentes fatores pertencentes às diversas camadas do sistema ecológico - microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema - onde estavam inseridos. Entendo que essas interações ocorreram no interior de um sistema ecológico, dinâmico, sofrendo transformações nesse período.

Sobre a pesquisa de 2008:

A continuação desse estudo em 2008 teve como objetivo principal verificar se, no período entre 1990 a 2008, o processo excludente continuou a atuar sobre a amostra estudada.

Para isto procurei conhecer a trajetória de vida dos integrantes daquele estudo, ou seja, saber o que aconteceu com aquelas pessoas nesses dezoito anos que separaram as duas pesquisas.

Como visto na metodologia, foram escolhidos alguns tópicos orientadores das entrevistas os quais poderiam ajudar a dar visibilidade a diferentes aspectos da trajetória de vida dos participantes. Os tópicos foram: A Trajetória Escolar, A Trajetória no Trabalho, A Saúde ao longo da Trajetória de Vida. A análise do conteúdo das entrevistas sobre cada tópico resultou na identificação de características uniformes encontradas na maioria dos integrantes do estudo, as quais caracterizam a amostra.

Características ligadas à trajetória escolar.

- Os integrantes da pesquisa enfrentaram enormes dificuldades de inclusão escolar.

Foram freqüentes na amostra as múltiplas reprovações escolares, as desistências temporárias e os retornos e por último a evasão definitiva. Chamou a atenção o estudo noturno associado ao trabalho durante o dia. O grau de escolaridade alcançado e a qualidade da escolaridade foram insatisfatórios.

Por exemplo, L.C.C., registro 4: *“Isso. Eu estudei lá até à oitava série.[...] Eu fui retido... ah, umas três vezes, ou quatro vezes”*. **Perguntei em que série.** Ele respondeu: *“Não lembro. Mas... fui retido. Lá foi até bom, a escola e tal, mas eu tive de parar porque precisava de trabalhar, pra ajudar minha mãe, meu pai. Ajudar principalmente meu pai, porque... meu pai mexe com pintura, né? Aí... tive que ajudar ele. Nas pintura. Mas não só por causa disso, porque eu estudava. Só que ficava cansativo, porque eu tinha que sair lá do... lá da escola, às vezes não dava tempo nem de trocar de roupa, e ir lá pa ajudar ele, né? Levar marmita pra ele, também, aí lá eu já ficava ajudando [...].Da primeira à quarta série eu estudei de manhã. Da primeira à quar... até a quinta série eu estudei de manhã. Sexta... e sétima... e oitava eu estudei à noite.[...] Não cheguei a completar a oitava série, não. [...] Frequentei. Até a metade do ano. Depois eu parei”*. Quanto à idade que começou a trabalhar L.C.C. esclarece: *“Comecei a trabaia eu já tinha uns dez ano de idade”*.

Nenhum integrante do estudo entrou em uma universidade pública. Uma integrante está cursando uma faculdade particular (educação à distância). Apenas um terminou uma faculdade particular de duração de dois anos e meio. Dois tiveram que abandonar a faculdade privada por não conseguirem pagar as mensalidades. É o caso de D.C.S., registro 2: *“De 9h*

às 6h, eu trabalhava o dia inteiro. Depois disto eu comecei a fazer cursinho. Entrei aqui 1 ano depois, fiz o intensivo [...]. Era à noite. Porque também trabalhava de dia. E eu estava ainda como Office-girl neste período, se não me engano. Não, neste período já não era mais Office-girl, tinha mais de 18, já tinha rescindido o contrato com a ASSPROM. E fui contratada pela empresa, que era a Rede Minas, trabalhava de telefonista o dia inteiro, depois ia para o cursinho. Neste período foi importante pro aprendizado. Aprendi muito mais do que um ano de escola. Tive esta impressão”. **Quanto tempo de cursinho?** “Foram 6 meses só. De janeiro a julho. E no meio do ano eu fiz vestibular na PUC, passei. Eu acho que passei mais pela minha redação, que eu quase fechei, porque o restante eu acho que não fui bem mesmo e ingressei na faculdade, fiz o 1º período só. Como meu salário era muito pouco, nossa carteira não era assinada, era contrato, a gente não recebia vale-transporte, era o salário e nada mais. Então, até transporte e alimentação era retirado do salário. Então eu não consegui pagar, não consegui bolsa [...].Era exatamente o valor que eu ganhava [...] esta época acho que era 400 e poucos reais. Aí eu fiz 6 meses com muito sacrifício. Teve um engano da faculdade de preenchimento. Eu preenchi de maneira correta a ficha e eu fui encaminhada para estudar na PUC de Contagem. Então é muito distante. Da faculdade do centro, é uma hora. Então eu trabalhava até tarde, e tinha que acordar muito cedo para estar na faculdade em Contagem [...].Tive muita dificuldade para mudar meu horário de trabalho em função disto, mas eu não abri mão. Aí eu parei de estudar, porque realmente não consegui pagar, não consegui bolsa. E a faculdade não veio fazer, eu não sei o nome certo, eles não vieram à minha casa, fazer aquela inspeção para você ter bolsa [...] Alegaram que não conseguiram encontrar o endereço. E depois disto eu não consegui que eles viessem fazer novamente. Então eu parei de estudar, isto já tem muitos anos, já tem 5 anos e de lá para cá não consegui voltar”

O que observei então na amostra como um todo, foi a continuação das dificuldades de progresso escolar, como exemplo, a repetência, que já havia sido relatada na pesquisa do mestrado. Além disso, esses integrantes já estavam trabalhando e nesse caso estudavam a noite o que representou mais um fator para dificultar a vida escolar, por exemplo, devido ao cansaço que acontece nessas situações o que acaba por levar ao abandono definitivo.

Kelly (2005, p.114) afirma que devido ao fracasso e à frustração persistente, associados ao desempenho na escola, as crianças podem apresentar tristeza, comentários auto-depreciativos, declínio da auto-estima, cansaço crônico, perdas de interesses e até idéias

suicidas. Algumas crianças perdem a motivação. O resultado pode ser a depressão, pessimismo e a perda de ambição. Estes achados sugerem impactos nas estruturas psíquicas e reforçam as observações feitas anteriormente neste trabalho.

Características ligadas à trajetória do trabalho

Aflorou durante a análise do material relacionado a este tópico que:

- A inserção no mundo do trabalho foi caótica, sem planejamento, desde o seu início. Chamou a minha atenção: o trabalho iniciado precocemente, ainda na infância; a falta de treinamento para o início dos trabalhos, a grande rotatividade de empregos, a natureza do trabalho (que exige muito esforço físico, braçal) e a diversidade das atividades muitas vezes sem nenhuma relação entre elas, a baixa remuneração. A amostra de forma geral na idade adulta não estava qualificada profissionalmente.

Por exemplo, L.P.S. reg. 35, relatou que começou a trabalhar com nove anos: *“Eu arrumava a casa da minha mãe e trabalhava numa mansão (de 3 andares) que tem ali perto da igreja católica ali no São Bento[...]. Lá na casa da dona J. Perto da igreja católica [...] . Molhava planta, limpava piscina... lavava banheiro, terreiro [...] Ajudava a empregada, talvez, a arrumar cozinha [...] Eu só chegava lá, tomava café e ia trabalhar”*. Perguntei quanto que ela recebia pelo trabalho, ela respondeu: *“Ah, era muito pouco [...] Num era muito, não [...]. Sei que era muito pouco. Só que eu só trabalhava, memo, só pra comprar meus materiais de escola, assim. Essas coisa assim [...]. Todos os dia. Até sábado [...] . Até meio-dia [...] Não, num era meio salário; era menos de meio salário. Porque ela me pagava por semana. Era muito pouco. Só que eu num lembro quanto. Mas era pouco [...]”* .

E.A.V. reg. 15, falou sobre a natureza do trabalho, a falta de qualificação e as dificuldades para realizá-lo: *“... Eu trabaiei numa creche, lá perto da minha casa, na rua de baixo... Trabaiei, mas eu num fiquei muito tempo, assim, não, porque... assim, os menino... A idade que eu peguei deles... Era o quê? De cinco a seis anos [...] Se eu não me engano, acho que era vinte menino [...] Só que porém os menino... Os menino de hoje em dia, assim, têm uma criação muito diferente. Eu num podia, eh... Se eu passasse alguma coisa no quadro, eu não podia chamar a atenção deles que eles chamavam a mãe. Falava que... E as mãe era*

aquelas mãe muito agressiva [...]. Ficava nervosa demais. Aí eu falei assim: Bom, melhor ficar dentro de casa, porque... do que passar raiva. Que os menino, eles falava: Ah, vou chamar minha mãe. E as mãe era daquelas, assim, que só de você pegar no braço da criança prá criança sentar, as mãe... os menino chegava e falava que batia. Tinha uma lá que a professora teve que sair. Que a mãe queria... levou uma faca... Aí eu peguei e falei assim: É. Isso num é... Bem assim, o jeito da pessoa... Que se até as mãe tão fazendo isso assim, se os fi vê aquilo, vai querer fazer também. E foi aí que eu peguei e saí [...]”.

Segundo Bee (2003, p.454)

“trabalhos mostram que quanto mais horas um adolescente trabalha, mais negativas são as conseqüências. Inclusive, o trabalho pouco qualificado, que proporciona poucas oportunidades de independência e pouca chance de uma aprendizagem profissional que será útil no futuro, está muito mais associado a maus resultados do que o trabalho complexo, qualificado. Além disso, o tempo dedicado ao trabalho tornava difícil fazer a lição de casa e significava que eles, muitas vezes chegavam cansados à escola”.

É oportuno destacar que essa forma desordenada de inserção no mundo do trabalho (falta de planejamento e de qualificação profissional prévia; associados às condições adversas no local de trabalho e a idade precoce de início), combinados com o abandono escolar e a baixa escolaridade, acabam por terem um efeito sinérgico negativo e perverso sobre as pessoas. Isto acontece porque o trabalho precoce dificulta a criança/adolescente de progredir na escola. O prejuízo no progresso escolar por sua vez impede a criança/adolescente de se qualificar profissionalmente pelo fato de que, em geral, a qualificação profissional está na dependência de certo grau de escolaridade para poder avançar. E mais, esses fracassos, ao mesmo tempo escolar e profissional, podem resultar em impactos negativos nas estruturas psíquicas dos sujeitos, os quais podem, ao invés de adotarem posturas de enfrentamento, ficarem paralisados e desistirem com mais facilidade.

Características ligadas à saúde ao longo da trajetória de vida

-Foram freqüentes sintomas muito sugestivos dos Transtornos de Ajustamento provavelmente devido à exposição aos inúmeros estressores.

As manifestações clínicas desses Transtornos de Ajustamento (BARKER, 2004, p.123), entretanto, variaram de caso para caso. Aconteceu por exemplo de um determinado quadro clínico estar presente apenas em um participante e não se repetir em outros sujeitos.

Alguns desses merecem destaque devido sua importância clínica. O que aconteceu com alguns dos participantes exemplifica esses transtornos reacionais.

D.C.S., reg. 2, fala de sua reação, preocupação, sua tristeza e frustração quando teve que deixar a faculdade por não conseguir pagar as mensalidades: *“eu não conseguia dormir com isto [...] extremamente preocupada. Aquele monte de boleto chegando em minha casa e e eu não tendo condições de pagar nenhuma. Aí eu abandonei mesmo o curso, não procurei secretaria, não procurei a faculdade para nada. Eu saí, um dia e falei não volto mais e não voltei. Isto para mim foi arrasador”*. Perguntei o que isto representou para ela. Ela respondeu: *“frustração, incapacidade [...] tristeza mesmo. Este sentimento de incapacidade gera uma frustração, refletia no meu humor mesmo. Ficava muito para baixo. Algumas atitudes assim, de pessoa depressiva. Eu não conseguia reagir. Não procurava nenhuma forma de resolver aquilo. Então foi mais tristeza que me levou a ficar acomodada, nesse período”*. Nesse caso o fator estressante foi ter sido obrigado a abandonar o curso superior. D.C.S. queria muito fazer um curso superior. Toda sua trajetória de vida foi marcada por um esforço enorme, trabalhando desde cedo, estudando a noite, e apesar de todas as dificuldades, uma aluna aplicada. Entretanto, teve que abandonar a faculdade por não conseguir pagar as mensalidades.

Por exemplo, M.A.S.S., reg. 3, falou o que aconteceu com ela ao ser dispensada da creche onde trabalhava: *“Aí, foi... Foi muito triste, viu? [...] Eu lembro que isso me chocou muito [...]. Ai... Num gostei, fiquei um pouco depressiva... Na época... Eu acho que desde criança que eu sou assim, né? Um pouco depressiva, me isolo das pessoas... Mas na época em que eu estava trabalhando na creche eu já estava em depressão, já [...] . Eu já era uma pessoa bastante depressiva. Aí, quando eu saí, aí que... Eu me lembro que eu fiquei cinco dias na cama, num levantava [...] Sem fazer nada [...] Nada. Fazer nada! Nada. Fazer nada [...] Chorava. Mas antes de sair da creche, eu já me sentia meio uma pessoa... Algo já tava me incomodando que num... Tinha uma coisa ainda que num tava legal. Entendeu [...] Num sei. De repente eu olhava no espelho e começava a chorar [...] Entendeu? Então, assim, eu me sentia o tempo todo sozinha... Num tinha ali aquela pessoa pra conversar comigo... Era muita coisa na minha cabeça! Era muita coisa, mesmo. Então sempre coisa, assim, negativa; coisas que num era boas, né? [...] Ah... Nossa, eu não consigo... Vamo pular essa parte?[...]”*.

Está claro que M.A.S.S. já se encontrava vulnerável na ocasião da demissão (fator estressante) o que contribuiu para o desencadeamento da sintomatologia (GRAHAM, p. 392). A justificativa para a demissão foi a mudança na legislação que recomendava que as pessoas para trabalhar como monitoras em creche e pré-escola teriam que ser qualificadas adequadamente na área da educação. A impressão que fica é que ela foi demitida sem ter tido a chance de se adequar às mudanças.

P.P.S, reg. 14, fala sobre as idéias suicidas em um determinado momento de sua vida: *“Medo de morrer. Medo. Eu sentia...[...] Eu morrer. Eu tinha... Inclusive, eu nunca tive medo da morte, mas depois que eu tive a minha filha, eu tive medo de morrer. Teve uma época que passei, uma época muito difícil... Então, eu pensava assim: Eu vou seguir no viaduto... Eu vou me suicidar, mas eu vou levar minha filha junto. Nós duas vamo se jogar lá de cima e nós vamo morrer junto. Se eu pensava em morrer, eu pensava em morrer com a minha filha, sabe? [...]Tudo eu incluía minha filha. Hoje eu amo ela muito”*.

Pedi para a P. falar sobre essa época. Ela disse: *“Não... Aí eu já num tava casada. Eu tava... Porque eu tô casada tem dois anos. Eu vivi um período, assim, separada, morando dentro da casa da minha mãe. E você criar um filho dentro da casa da sua mãe é diferente, porque cê num cria ele do jeito que cê quer. Porque aí cê tem... O irmão vem dar palpite... O tio vem, a vó vem... Entendeu? Eu não sei te dizer, eu sei que a lembrança... Eu num lembro por quê, eu lembro que eu pensava em me matar e pensava em levar ela junto, entendeu? [...] Pra num deixar ela pra ninguém maltratar. Eu num pensava em num deixar ela pra dar trabalho pra alguém, eu pensava pra ninguém maltratar”*. No caso de P.P.S. parece que foram vários fatores estressantes que contribuíram para o surgimento das idéias de auto-extermínio, entre eles, os conflitos com o companheiro, a separação e os conflitos com os familiares.

Em um caso, E.M.R., reg.18:, o estresse desencadeou um quadro clínico compatível com o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) (BARKER, 2004, p.125).

E.M.R. contou que: *“Minha casa foi assaltada, aí eu fiquei com trauma, aí eu não consegui estudar. Aí eu fui e tomei bomba. Já deixei certo”*. Pedi a ela para relatar o fato. *“Teve um assalto na minha casa, e isso foi... Minha mãe trabalhava à noite. Aí, tava eu, meu pai e a Ed. ... dormindo, eu era pequeno. E minha irmã também era... Minha irmã, neném; ela era neném. Aí, vieram uns... Vieram assaltar, atirou na minha casa... Acertou até um tiro assim, de raspão, no meu pai... Aí eu fiquei com trauma. Aí, eu num... Aí, eu não consegui as*

médias. Aí, eu tomei bomba [...] Eu ficava com medo! De sair na rua... Eu fiquei com medo das pessoas me verem... Que eu era filha do meu pai e pelo fato de ter chamado a polícia, né? De fazer alguma coisa comigo. Aí, eu tomei bomba [...] Aí, eu tomei bomba. Aí, eu repeti a 3ª série de novo”.

Perguntei a ela se ela teve alguma dificuldade de aprendizagem. Ela respondeu: *“Não, só quando aconteceu esse... lá em casa, né? Que eu fiquei com dificuldade [...] Eu não conseguia, assim, fazer as coisas, sabe? Acho que eu ficava com medo, assim, de... Eu não ia na aula, que eu tinha medo... Aí, dificultava tudo. [...] Eu ficava com muita coisa na cabeça. Como que eu era pequena, aí...”* Perguntei o que ficava na cabeça. Ela disse *“Assim, de chegar e fazer lá... Eu tô no meio da escola e chegar, e querer fazer alguma coisa comigo e me pegar, entendeu? [...] O meu medo era esse”.* Perguntei se ela tinha algum pensamento em sala de aula, ela disse: *“ Medo... Eh... Medo. Da minha mãe, do meu pai... De fazer alguma coisa com eles. Ficava com medo”.*

Perguntei se ela tinha dificuldade para dormir à noite *“Tinha.[...] Eu ficava com medo e minha mãe tinha que dormir comigo, a Ed. tinha que ficar lá até eu dormir... Aí quando eu dormia...”*

Relatou que chorava *“Assim, eu... Tudo o que eu via era motivo de chorar, sabe? Eu ficava com medo se alguma pessoa gritasse, sabe? Porque os malandro chegou gritando, né? Aí eu ficava com medo... [...] Ah, durou umas meia hora, só. [...] Foi de madrugada que eles invadiram... [...] É, arrobando... Falaram que era a polícia, batendo, quebrando... Querendo dinheiro...”*

Este caso é um exemplo típico das repercussões do T.E.P.T. em uma das atividades importantes da criança, no caso, as escolares.

Assim, a sintomatologia dos Transtornos de Ajustamento podem interferir no bem estar, nas atividades cotidianas e nos relacionamentos das pessoas. Isto significa prejuízos, por exemplo, no trabalho, na escola, na vida afetiva, entre muitas atividades que podem ficar comprometidas. Isto pode ajudar na compreensão dos fracassos escolares, os conflitos familiares e as dificuldades no ambiente de trabalho como dificuldades de relacionamento, as faltas freqüentes, a desmotivação, o baixo desempenho, etc.

Além disso, dois outros achados permeando os três tópicos e caracterizando a amostra como um todo, foram constantes.

O primeiro:

- A maioria dos indivíduos da amostra foi submetida, ao longo do período estudado, a muitas adversidades e a muitos fatores de risco de naturezas diversas.

Por exemplo, R.F.S., reg. 8, relatou que experimentou no período várias situações adversas. Gostaria de chamar a atenção, entretanto, que sua história até 1993 já se caracterizava pela existência de muitas adversidades (ver formulação diagnóstica nos resultados do mestrado). A partir daquela data gostaria de destacar outras situações adversas experimentadas pelo R. ao longo do período:

-história de fracassos na escola: em 1993 ainda estava na 2ª série

-a continuação das reprovações na escola

Da terceira série, eu fui transferido lá pro Nossa Senhora da Aparecida [...] Lá eu tomei uma bomba na terceira... Aí repeti a terceira, fui e passei prá quarta, depois passei prá quinta.[...] Nossa Senhora da Aparecida. Aí, na quinta série, eu fiz a formatura de quinta série e passei pro colégio EMOC. [...]. Aí, estudei um ano lá, tomei bomba e parei de estudar [...] Aí, na quinta, fiquei uns dois ano parado..."

-a falta de apoio do pai quanto aos estudos e o incentivo para o trabalho precoce

"É porque, o meu pai, ele só queria que a gente trabalhasse, entendeu? Ele queria que estudasse, mas num era muito pra estuda [...] Só que meu pai num era muito. Era mais pra trabalhar. Pela condições dele, que ele não estudou muito, ficou mais trabalhando, era desse jeito. Meu pai era mais pra trabalhar..."

-a evasão escolar:

"... Igual, eu estudei aqui até a terceira série... [...] Aí, da terceira série, eu fui pro grupo, no Nossa Senhora da Aparecida. [...] Então fui até a quinta série e fui pro Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC). Só que no decorrer desse tempo eu comecei a trabalhar. Entendeu? Aí eu comecei a trabalhar... E, como eu tava trabalhando até tarde, entendeu? Chegava cansado... Tinha vez que eu fazia até hora extra à noite... Eu fui, parei de estudar. Só que no decorrer do tempo fui estudando, estudando..."

-o início do trabalho na infância: 12 anos de idade

"Com doze ano eu tava na quarta série.[...] É porque eu vi meu pai, entendeu? Meu pai trabalhando... Eu queria ter minha vontade... Igual, eu tinha vontade de ter uma

bicicleta. Num tinha... Igual eu falei, a minha mãe, ela queria dar à gente o que a gente queria, só que não tinha a condições, porque era difícil, entendeu? Então eu sempre tive vontade de ter uma bicicleta, não consegui, aí comecei a trabalhar catando bolinha. Catando bolinha em quadra de tênis. Isso... Aqui no Buritis... Aí comecei a catar bolinha...[...]"

-o falecimento do pai de forma trágica

"...Igual, o senhor tá sabendo, aí, que eu perdi meu pai...[...] Então, o meu pai tava vindo da frente e indo prá direção da minha casa. Ele tava vindo, e tinha um caminhão da construção. Um caminhão de caçamba, dando ré. Só que, quando esse caminhão tá lá, sempre tem um ajudante pra ajudar o manobrista. Só que nesse dia não tinha. E meu pai tava passando. E o motorista dando ré. Então, os vizinho que falou, que na hora que eu cheguei do serviço já tinha acontecido... Eles falou que meu pai escorregou. Na hora que ele escorregou, o caminhão bateu nele, e ele não escutava...[...] Ele foi e caiu. Quando ele caiu, ele tentou sair, mas não tinha jeito. O caminhão veio e passou. Quebrou o pescoço dele e o braço dele. Ele ficou por baixo do caminhão. [...] Morreu ali no local ”.

-a morte trágica de dois irmãos ligadas às drogas

"...Eu perdi dois irmão, entendeu? Com esses vício de droga, esses negócio... Então eu fui crescendo... Um até que é mais velho do que eu! Ele morreu há pouco tempo, tem...[...] É. E um outro que era menor que eu, que ia fazer dezenove ano, que é o Ron. Entendeu? Então, no decorrer desse tempo, eles envolveram com droga. Entendeu?"

-a prisão de outro irmão

"...Pelo exemplo do meus irmão que é mais velho, entendeu? Que eu tenho um irmão, que ele tá até preso até hoje... Que é o Rei. Ele é o mais velho de todos. Ele tá até preso. Ele tá lá na Dutra.[...] Mexia com droga, também, aí começou a roubar.[...] É. Aí os policial pegou ele. Aí ele tá preso até hoje. Entendeu?[...]"

-a depressão materna

"...Então ali é só sofrimento. E a minha mãe, sempre quando ela tá saindo... Quando ela sai pra rua, num final de semana, que vai pra algum lugar, ela fica alegre. Vai chegando em casa... Dá uma tristeza, entendeu? Agora que meu pai faleceu, entendeu? É muito triste! Então, é só sofrimento..."

-o alcoolismo paterno

"...Mas é por causa disso, do que acontecia com meus irmão... Ele via aquilo, só que ele falava pros menino parar com aquilo... Quando via, recebia notícia ruim: Ah, aconteceu

isso, isso e isso... É pessoa batia no meus irmão... Tinha vez que chegava machucado... Aquilo ali, ele ficava... entendeu? Guardando aquilo tudo, ficava triste... Então, pra ele esquecer, ele bebia, entendeu? Aí começou a beber, beber, beber, beber e começou a... entendeu? A viciar! A viciar naquilo. Mas só que tinha vez que ele parava. Ele ficava dois, três meses. Enquanto meus irmão tava ainda tranquilo, entendeu? Começava a manear um pouquinho, talvez eles fumava escondido... Aí quando vinha notícia, acontecia alguma coisa, ele voltava a beber de novo. Entendeu? Igual, ele caiu, ele tava bêbado, ele chegou a cair, a bater a cabeça... Aí começou a não escutar direito no ouvido, a ficar com pobrema no ouvido, entendeu? [...]"

-a desarmonia familiar

"...Ó, era bom...[...] Era. Tranquilo, os dois, entendeu? Os dois dando força um pro outro...[...] Mas, igual eu falei, pelo sofrimento, aí, nós começou a separar um pouco, entendeu? Que é o seguinte: a minha mãe sofria com meus irmão e também com ele, que ele bebia... Sempre quando ele bebia, ele já queria ficar agressivo, entendeu? Que ele chegava no meus irmão, já falava que queria bater neles, entendeu? Isso aí começou a mudar, entendeu? Um pouco..."

-escolaridade atual: 7ª série

-o salário na época da entrevista: entre R\$425 e R\$600,00

Outra participante, A.P. G. reg. 33, relatou suas experiências nesse período. Como no caso anterior, A.P.G. já havia vivenciado várias situações adversas que foram relatadas na pesquisa de mestrado, como por exemplo, a gestação tumultuada de sua mãe (convulsões). Após o nascimento A.P.G. foi abandonada pela mãe e foi então criada por uma tia materna e pela avó. Mas, outras adversidades foram enfrentadas por A.P.G.:

- o sonho não realizado de estudar em uma boa escola porque a mãe não podia pagar a passagem:

"...Não repeti nenhum ano, não.[...] Eh... Da primeira à quarta, eu fiz no Mestre Paranhos. E... então, assim, a minha professora me deu até os parabéns, porque foram poucos alunos... Teve um sorteio, mais ou menos, sabe? Na época, até, o colégio IMACO tava, assim, no auge, todos queriam ir pra lá. E eu tive essa oportunidade de ir pra lá, pro IMACO, porque eu fui uma das crianças que tive notas... assim, umas notas boas. Né? [...] Tive notas boas, e então eu tive essa oportunidade de ir pro IMACO. Só que, por falta de

condições, né, da minha mãe, na época ela não tinha... A passagem. Que pra mim poder deslocar daqui pra ir até o Parque Municipal, que é onde fica o IMACO, né? Então, pra mim... eu não pude ir. Eu fiquei muito chateada.[...] Muito mesmo. Era porque... Nossa! Era meu sonho. Muitas alunas, muitas colegas minhas conseguiram ir pro IMACO [...] Então, eu não consegui, sabe? Por falta de condições da minha mãe pagar a passagem todos os dias... Então foi [...] Ah, eu fiquei muito chateada. Porque... Assim, por... Assim, por todo mundo falar que lá era um colégio muito bom, que pra mim ia melhorar mais ainda, né? Já que eu tava com notas boas. Eu poderia... poderia, acho que, crescer mais lá, né? Às vezes lá eu poderia crescer mais...”

- o início do trabalho precocemente (quatorze anos de idade):

“... Eh... Até a sexta série eu consegui estudar na parte da manhã. De seis... De sete às onze e vinte, né? E aí, depois, eu tive que arrumar emprego [...]É, mais ou menos na sexta. Aí, foi aí que eu tentei mudar meu horário pro turno da noite. Pro turno da noite. E aí eu peguei e consegui. Logo... Eu peguei e consegui. Eu arrumei o emprego, tava olhando duas crianças [...]A mãe delas saía pra trabalhar, então eu ficava com elas o dia todo. Ela chegava à noite, era onde eu ia pro colégio... Seis e meia, mais ou menos, da tarde. Eu entrava geralmente no segundo horário. Quando dava pra chegar no primeiro horário eu chegava, quando não dava, eu chegava no segundo. E aí eu pegava geralmente o... assim, o segundo horário, que a mãe, ela atrasava, e tal, aí eu pegava o segundo horário. E era até dez... De seis e meia até as dez e vinte...”

- o estudo noturno e o trabalho durante o dia:

“...Foi muito cansativo, porque... no período do colégio é um período que a gente tem muito trabalho. Prá gente poder fazer. Trabalho escolar. Apresentações... Então eu lembro que eu ficava, geralmente, até uma hora... eu chegava do colégio às onze horas. Eu ficava até uma hora da manhã. Eu tinha meu tempo de chegar, tomar meu banho, às vezes eu comia alguma coisa, e ia estudar. Eu nem... Teve vez que eu até dormi com o caderno, assim, do meu lado. De tanto sono. Mas eu fazia meus trabalhos todos...”

- a gravidez difícil e o relacionamento conflituoso com o companheiro:

“Foi uma gravidez muito agitada, foi uma gravidez muito triste [...] Eu detalho. Porque foi quando ele começou a trabalhar à noite. Quando eu tava grávida, ele tinha uma área de serviço, tinha pouco tempo. Então ele fez amizades, foi aí aonde que ele começou a beber mais. Ele tinha o costume de beber, mas não muito, pra ficar tonto, pra chegar em

casa tarde... Então, assim, ele começou a mudar. O jeito dele comigo de dentro de casa. Ele começou a beber mais, a chegar mais tarde do que ele tinha costume de chegar do horário de serviço, eh... via, assim, né, alguns boatos de que tinha visto ele com uma mulher, então, foi, assim, pra mim, uma fase muito difícil. Da gravidez dela, do começo até o final, eu tive muito problema com ele [...] Eu chorava [...]Eu chorava a noite inteira! [...] A noite inteira. Tanto que, eu e ele, a gente quase não tinha contato, que eu tava trabalhando no Via Brasil, e eu pegava de sete da manhã às três da tarde. E então... Ele tava trabalhando de nove da noite até, geralmente, sete da manhã. Então a gente quase nem se via. Quando eu chegava, que eu ia... Eu chegava por volta de quatro e meia, cinco horas, que era no Eldorado... Quando eu chegava ele tava dormindo. Então, assim, ele dormia até umas oito hora... umas sete e meia da noite, oito hora... levantava, tomava banho e ia trabalhar. Então, assim, a gente quase num tinha nem contato. Eu acho que foi até... Num sei se foi falha, ou o que que foi. Acho que foi por isso que ele foi procurar... eh... alguma coisa, assim, diferente. Eu creio que seja isso. Ele foi procurar alguma coisa diferente. Porque, eu e ele, quase, a gente não tava tendo contato um com o outro. Então, nisso, eu ficava muito triste com isso. Então foi, assim, foi uma gravidez de muito choro. Muito choro, sabe? [...]Eu chorei muito! Eu passava a minha madrugada chorando. Às vezes com muita câimbra... E ele não tava ali perto de mim. Então foi muito difícil pra mim a gravidez dela. Foi até no... do começo ao último mês. Foi muito difícil. E ele assim com... Ele me traía, assim, memo aqui no bairro, pra todo mundo saber[...]

- a gravidez e o trabalho:

“...Aí eu formei, depois de um ano eu peguei e engravidei, tive minha filha... Aí já me transferiram prum outro lugar. Fui pro Carrefour do BH. Eu fiz várias lojas [...].

Aí tinha época que eu tirava férias, aí colocava outra menina no meu lugar, quando eu voltava, já me mandava pra outra loja... Então, assim, num tinha loja fixa. Aí eu fui pro Super No... aí eu fui pro Carrefour do BH Shopping. Do Carrefour do BH Shopping eu fui pro... Geralmente, eu acho que eu trabalhei até meu sexto mês de gravidez. Eu trabalhei no Carrefour Contagem, no horário da noite. De três da tarde às onze. Foi difícil pra mim essa... [Risos.] Foi uma das piores épocas. Que eu achei muita sacanagem da parte deles. Eu num sei se é porque eles viram que eu tava grávida, não podia me mandar embora, então eles que tinham... eles queriam me jogar na... Porque, na verdade, meu horário sempre foi na parte da manhã. Então, assim, como eu fiquei grávida, eles me trouxeram e me colocaram

numa loja que era no horário da noite. Pra mim era muito mais difícil... Ainda mais em Contagem, né? Carrefour Contagem é muito longe... Mas fui [...].Aí, eh... nisso deu tá trabalhando no Carrefour Contagem, no sexto mês eles pegou e me transferiram, de novo. Me mandaram pro Via Brasil. Via Brasil Eldorado. Aí, fui... Foi minha última loja. Fui pra lá, aí fiquei lá até o oitavo mês, mais ou menos, até perto dela nascer. Cinco dias antes dela nascer eu entrei de licença...[...]”

- o nascimento da filha e os problemas de choro da criança:

“...Ela me deu muito trabalho quando... assim, quando ela era bebê. Ela chorava muito à noite. Não só à noite, como de dia. E com isso eu fui ficando cansada, também, porque ela não dormia nem de dia, nem à noite, então eu também não podia dormir. Tinha que ficar com ela. Então eu resolvi melhor sair. Do emprego. E ficando... Eu fiquei em casa com ela e o pai dela ficou trabalhando [...]

E, assim, daí em diante, ela só foi me dando trabalho. Fui levando em médico, em médico, pra poder ver que que ela tinha; levei em neurologista, fez exames... Num deu nada! Num deu nada. Ela só era uma criança agitada. Agitada. Mas que... esse... ela era uma criança agitada que também deu resultado, deu também poder ficar um pouquinho estressada, e eu não aguentei segurar. Por ser a minha primeira filha, eu comecei a cuidar dela longe, né? Porque quando eu tive ela eu já não tava morando mais aqui perto da minha mãe. Então eu tive que cuidar dela praticamente sozinha. Porque ele trabalhava à noite. De nove da noite até sete da manhã. Então, assim, pra mim... eu passei, assim, uma fase muito difícil. Muito difícil, mesmo. Assim, pra poder cuidar duma criança, num sabia, num tinha noção de como que era cuidar de uma criança... E, assim, por ela ser uma criança chorona, porque eu não sabia o que que ela tinha. Até então era a dor de barriga, até os três meses, mas passou dos três meses, ela continuou com choro. Ela chorou até uns seis meses... Eu vinha pra cá todo final de semana pra mim ficar aqui com a minha mãe pra ela poder me ajudar. Porque eu não tava aguentando, tava ficando muito cansada. Eu tumbém cheguei a levar ela aqui no posto, chegou até a dar uma olhadinha nela, perguntou se ela não tinha caído... Mandou eu vim dar banho nela, voltar com ela... E num... assim, num achava nada nela! Num achava nada. Então, eu lembro que eu cheguei com ela do posto médico... Assim, ele falou que ela não tinha nada, e que era pra eu vir embora com ela pra casa, e qualquer coisa eu poder voltar com ela de novo. Eu vim com ela prá casa, minha mãe levou ela pra benzer, e depois desse dia ela de uma melhorada. Mas eu continuei levando ela pra fazer os exame...

Ela fez exame até na Baleia. Hospital da Baleia. Ela fez lá os exames dela, e num deram nada[...].

...Eh... Então, doutor Lombardi, foi assim. Eh... Ela me deu bastante trabalho. A L. me deu bastante trabalho. Eu até tinha comigo que eu até não ia mais ter criança. Que eu não ia arrumar mais filho. Porque, acho que, se fosse pra eu ter outro filho, eu não ia agüentar. Mas o que que aconteceu? Depois de seis anos, aconteceu. Mas, depois disso, né, eu e o pai dela começamo... começamo a entrar numas fases difíceis... Começou a vim as brigas pra dentro de casa, começou a vim as traições da parte dele... Então, assim, foi aonde eu achei um jeito, assim... Eu acho que eu não consegui segurar essa onda. Dele fazendo isso comigo; eu tando sozinha dentro de casa com uma criança chorando... Então eu entrei numa depressão. Foi o que a pediatra falou. A pediatra dela falou. Quando ela fazia purucultura, a pediatra estranhou o choro dela. O choro dela era muito[...]. Isto. Um choro, assim, de criança que tava batendo, mas mal colocava a mão nela, ela já tava gritando”.

- a depressão de A.:

“... O ano passado eu deixei de trabalhar, foi no meio de outubro. Que foi que a B. viu que eu não tava bem. Eu tava... passei pelo CERSAM (Centro de Referência em Saúde Mental). Tive algumas crises, fui pro CERSAM. Chegando lá eles entraram com medicamento, me deram injeção, me deixaram em observação, porque eu tive crises muito fortes, de agredir pessoas. Perto de mim. Tentei... Fiz vários cortes, assim, nos meus punhos. Eu fui aqui para o posto várias vezes. Eu cheguei a ficar com os dois braços enfaixados [...]. Eu deixei a minha filha jogada durante um bom tempo. Jogada, eu falo, assim, sem poder dar um carinho pra ela. Ela... toda vez que ela chegava perto de mim, eu tava chorando...”

- A prisão do irmão e o excesso de bebida da mãe de A.:

“...E a minha mãe, bebendo. Porque, também, na mesma época, o meu irmão foi preso (devido ao tráfico de drogas). Então, ela não conseguiu lidar com aquilo. Ele preso, eu com uma depressão, ela tinha que cuidar da minha filha, tinha que tá indo visitar ele, também... Então, assim, acho que foi um momento difícil pra ela também. Não foi só difícil pra mim, mas pra ela também. E acho que o refúgio que ela conseguiu, acho que foi na bebida. Então, ali, em vez de melhorar, acho que eu piorava. De ver ela daquela... naquela situação. Eu, doente, em cima duma cama... Eu mal saía pra tomar um sol! Eu fiquei amarela durante um bom tempo; eu emagreci, todo mundo falou que eu tava doente, que eu

tava muito magra. Eu não me alimentava direito. Então, assim, foram momentos que eu passei muito difíceis. Hoje eu posso falar que eu tô um pouco melhor. Eu tô...”

- A separação do companheiro:

“...Que foi aí que eu separei dele. Eu separei dele foi em julho; em agosto eu arrumei esse meu serviço. Que hoje vai fazer o quê? Quatro anos que eu tô nele. Vai fazer em agosto”. Perguntei a ela se ela estava de férias. Ela respondeu: “.. Não, eu to afastada pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) [...] pelo motivo da depressão”

- o salário atual:

Perguntei a ela sobre o salário. Ela disse: “Como eu tô afastada pelo INSS, é o salário mínimo. Quatrocentos e quinze [...]Aí, nisso, eu tenho a pensão da minha filha, que é cem reais, também [...] E é com muito custo eu consegui. Teve... Consegui foi em fevereiro. Pra você ver, eu separei tem quatro anos, só agora eu consegui a pensão dela”.

- a nova gravidez e o novo companheiro:

“... Mas, eh... hoje eu tô aqui, agora, de novo, **[Risos.]** com... Minha filha tem seis anos. Eu já tô grávida de novo. Eu já tô entrando no sétimo mês... Conheci depois que... depois de... acho, três anos... Conheci agora o pai da minha filha. Que é o Cl., agora [...].

Ah, agora eu acho que, se Deus quiser, é casar com o pai da A., que é a menina que eu ‘tô esperando... E, assim, a gente formar uma família. Eu, ele, a L. e a A. A gente já tá até olhando, já, uma casinha prá gente... Eh... A gente já tá, já, providenciando, já. Já tá na hora, também, deu sair da casa da minha mãe, porque eu voltei com os problema da depressão, ela resolveu me trazer pra cá de volta. Pra mim ficar aqui, e eles também me ajuda a cuidar da L., do jeito que eu tava, eu não tinha condições de cuidar dela sozinha [...]. Mas, agora, eu... sinceramente, eu penso sinceramente, assim, em casar e ter as duas... eh... eu, assim, cuidar das duas menina, ...”

Esses achados estão de acordo com Walker et al (2007) os quais afirmam que as crianças em contextos de pobreza estão frequentemente expostas a riscos múltiplos e cumulativos que impactam o desenvolvimento.

Essa seqüência de eventos adversos enfrentadas por essas pessoas, muitas vezes causam os Transtornos de Ajustamento vistos anteriormente. Estes transtornos, como vimos, podem disfuncionar as pessoas e influenciar negativamente nas atividades do dia-a-dia. Além

disso, pelo menos teoricamente, é possível que as estruturas psíquicas fiquem também acometidas por estes fatores e sejam assim responsáveis por prognósticos mais reservados. A hipótese de que, esses impactos nas estruturas psíquicas, sejam os responsáveis pelos transtornos emocionais e/ou comportamentais, pelo abuso de álcool e drogas na idade adulta, como a literatura tem mostrado, faz muito sentido e me parece que está bem fundamentada.

O segundo:

-Muitos participantes da amostra relataram que testemunharam muitos episódios adversos associados às drogas e violência envolvendo familiares e de forma generalizada na comunidade onde viviam.

Como vimos nas entrevistas os depoimentos dos participantes foram além dos seus relatos pessoais. Eles acabaram por narrar outros acontecimentos relacionados às suas famílias (microsistema) e sobre outros sistemas (meso e exossistema) como a comunidade onde viviam. Neste aspecto chamou a atenção nas entrevistas uma gama imensa de depoimentos sobre violência e drogas (tabelas 4 e 5), ambas generalizadas de forma assustadora pela comunidade (tabela 6). Esses temas permearam os relatos sobre a trajetória escolar, trajetória no trabalho e os depoimentos sobre a saúde dos participantes. Por serem temas atuais, com repercussões negativas não apenas para o indivíduo, sua família, comunidade, mas também sobre a sociedade brasileira, decidi que deveria me ater um pouco mais sobre os mesmos.

Pode-se citar alguns relatos dos participantes ligados às drogas:

Por exemplo, ao perguntar para M.A.S., reg. 36, sobre a favela ela respondeu:

“Para mim não é problema morar na favela, mas perigoso que eu falo, é questão da porta pra fora, quando eu estava fazendo enfermagem, por diversas vezes, eu chegando em casa com mochila e bolsa de trabalho, às vezes, tinha quando não era corpo de alguém que acabou de ser baleado, era policial prendendo alguém, batendo em alguém, o beco lá é bem escuro, e o povo vai fazer coisa errada, vai direto para lá, então eu considero perigoso. Para mim, não é tão perigoso porque os malandros são conhecidos meus. Então, pra mim, não é tão perigoso. Mas porque eles me conhecem, eu tenho medo às vezes, quando minhas irmãs saem, a mãe do meu sobrinho de 2 anos, ela costumava muito em ficar em balada... A gente ficava morrendo de medo, uma bala perdida, sei lá, alguém aproveitar a noite para fazer uma maldade, a gente fica com medo, a gente não sabe o que passa na cabeça da pessoa

quando está drogada. Eu tenho medo de doença quando meus filhos tiverem maiorzinhos. Meus vizinhos que vi tudo pequenininho, hoje, mexem com drogas. A gente vê aquelas coisas... Tudo desnutridas, todos raquíticos pela janela da gente.. Tem um lá que nem chegou aos 18 anos. Com 17 anos já está morrendo. Quando não é baleado, overdose, muita droga, não sei o quê, apesar que em todo lugar tem droga, não é só em favela. A gente vê droga em apartamento, condomínio chic, mas por ser favela na hora em que polícia está entrando para pegar, não tem aquela coisa de olhar ao certo onde está tirando, em quem está batendo... Eu tenho meu cunhado que nunca mexeu com droga e foi vítima de violência policial, só porque estava na rua à noite. O perigo está de a gente não saber o que está atrás da rua de um beco. Mesmo morando no local, a gente tem medo. Na verdade, é não dar motivo de ficar até tarde na rua”.

M.I.G.M. reg. 11, relatou como foi que iniciou o uso de droga: *“Ah, primeiro, Doutor, foi o negócio da escola. O meu sonho era de eu ser médica ou então polícia. [...] Aí eu estudando, aquela coisa deu ser aquilo. Só que aí aconteceu isso na escola. Eu fui, saí da escola. Depois veio, né, as pessoa maltratando a gente... Aí depois eu falei... Coloquei na cabeça, sabe? Que uma colega minha me ofereceu. Eu comecei a usar e fui usando até com os meu dezenove, vinte ano.[...]*

Aí ela falou assim comigo: Ô M.I, fuma aqui procê ver como é que é. Aí eu fui e fumei, né? Eu fumei o primeiro, já deu vontade de ir fumando mais. E disse pra cá cabou. [...] Aí ela falava, assim, que... Pra mim fumar, que a gente esquecia de muitos pobrema. [...] Aí eu comecei a fumar. E disse pra cá eu fui fumando. [...] Não, num deu resultado, não! Acabou foi com a minha vida, né? Com a minha vida, com a minha saúde...[...] Num aliviava, não. Só que só... Num aliviava. Só que só dava vontade da gente só ir fumando, só ir fumando [...] É. Com o crack é assim, né? [...]

Eu usei o crack, a maconha...[...] É só os que eu cheguei a usar. [...]É! Do meus quinze ano até os meus dezenove, vinte anos. Que eu fumei.”

Perguntei como ela obtinha a droga. Ela respondeu: “Aí eu via, assim, a... Graças a Deus, roubar os outro, eu nunca roubei, não. Mas eu vendia as coisa que era meu...[...] Vendia roupa minha...[...] Às vezes eu até ganhava... Às vezes já até troquei meu corpo por conta de droga.[...] Isso! Que às vezes... Chegou um tempo, né, que eu num tinha nada pra mim vender... Eu tinha dinheiro, que eu, né, saí do serviço... Pegava faxina e a faxina, às

vezes, era uma vez ou outra... Aí eu fui e comecei a fazer isso. A trocar meu corpo a troco de droga”.

Perguntei a M.I. o que a levou a usar droga. Ela disse: “Ah, foi... *O que me empurrou prá droga é negócio de colega...[...] O estudo, que eu tinha muita vontade de estudar, que eu num tive... Aí, foi juntando isso tudo que eu entrei pro mundo das droga*”.

G.M., reg. 20, falou sobre a experiência dele com as drogas. Perguntei qual estava sendo a reação dele com a saída do emprego. Ele respondeu: “*Porque essa parada de emprego é... Essa parada de emprego... Porque, tipo assim, quem já trabaizou o primeiro emprego sabe. Que quando cê para e fica parado seu pensamento... Quando cê tá trabaizando, seu pensamento é outro. Ali cê tá trabaizando, ali, cê tá prestando atenção no teu serviço... Sem pensamento do mundo. Sem pensamento tá lá fora na rua... Sem pensamento de... Cê num fica pensando... Quando cê tá trabaizando, cê num fica pensando no que tá acontecendo na sua casa. Cê fica assim: Ah, tô trabaizando aqui, chegar lá em casa, lá, eu vou tomar meu banho e vou sair. Agora, ocê desempregado, não. Seu pensamento já é outro. [...]*

...e se ocê num tá recebendo seguro, e ocê vai caçar serviço e num acha, seu pensamento já fala o quê? Uai! Ó, o Fulano de Tal, aí, mexe com droga. Pede a ele uma droga procê vender. Ou então cê fala com ele onde é que tá precisando dum cara pra vender droga e vai! Esse que é o pensamento do jovem de hoje em dia”.

Pedi ao G. para falar sobre esse assunto. Ele disse: “*É, lá do nosso lado é, né? Porque tem muitos vendendo, né? [...] Tem. Tem muitos que vende droga ali. [...] Não, eles vende pra eles memo, sabe? [...] No bairro, mesmo. [...] Da vila usa. Tem muito pessoal lá que usa. [...] Perguntei se existe venda para pessoas de fora. Ele respondeu: Não, da vila e vem de fora, né? [...] Não, o que domina mais é os pessoal mais de dentro, né? Lá na nossa rua, mesmo, tem, lá. Menino criado lá dentro, também. [...] É. Que vende. Aí cê fica desempregado, assim, cê vê eles, assim...[...] Cê fica oiando, assim, cê fala: Ah, vou entrar nessa vida. Cê pensa em entrar...”*

Perguntei ao G. sobre ter estudo e a droga. Ele disse: “*Procê querer ser um traficante ou ocê querer ser um usuário de droga num precisa de estudo, não. [...] Encarar a droga... Encarar procê ser um traficante é fácil.[...]*

É fácil porque os colega que tá com ocê torna aquela coisa ficar fácil, entendeu? Que se ocê num usa e ocê quer ser um traficante, eles sente a vontade em ocê. Não, cê tem

que usar procê ver como o negócio é. Porque aí te... Eles falam assim: Ah... Se 'ocê fumar droga, cê tem mais força. Se ocê cheirar uma cocaína, cê fica mais forte, cê tem mais disposição. É mais fácil. É uma coisa, tipo assim, que estimula o cara a continuar naquilo ali porque é mais fácil e ocê tem dinheiro.[...]

Droga é o tipo da coisa que dá muito dinheiro porque... Por isso que tem jovem aí que num sai porque uns tem medo e outros não. Porque tá dando dinheiro. Porque, eles trabaiano ali, eles falam: Ah, não. Esse tanto de dinheiro que eu tô tendo na droga eu num vou ter trabalhando”

R.F.S., reg. 8, relatou o envolvimento dos irmãos com as drogas e como um deles foi morto: “Usavam droga. Usavam droga... [...]. Não, eles só fumava, mesmo, que era usuário.[...] É. Dava prejuízo em nós, porque, quando num tinha dinheiro, eles roubava.[...] Dentro de casa... Já levaram roupa minha... Até cesta básica... Igual, esse irmão, o P C, ele tinha vinte e seis ano, ele tinha uma filha... [...] Vai fazer seis anos. Vai fazer seis anos agora.[...]

Entendeu? Então, a mulher dele trabalha... Sempre trabalhou... E ele também trabalhava, ele. Só que ele foi, quando ele envolveu com a droga, ele parou de trabalhar, queria só roubar, entendeu? Pra sustentar o vício dele. Quando ele não tinha dinheiro, ele entrava dentro da casa, só roubava, levava roupa da menina dele, entendeu? [...]

Cesta básica, que a esposa dele ganhava, ele vendia... Então ele foi, começou aí a aprofundar, memo, na droga. Começou a vender... Aí ele já começou a roubar os...[...] os bandido, mesmo, entendeu? [...] Começou a roubar eles... Pegar droga, falava que ia... Tipo, pegava dez reais, falava: ‘Ah, ‘cê me dá tanto de droga, aí, que semana que vem eu te dou o dinheiro.’ Marcava o dia. Quando chegava o dia, ele não dava [...]

Então, foi tanto que ele pegava, ficava devendo a eles e não pagava, eles chegava e falou assim que não adiantava mais o dinheiro. Num adiantava. Podia até pagar, que agora ele já vacilou muito com eles. Que o modo deles falar é ‘vacilar’, né? Que já vacilou muito com eles. Que o dinheiro já num valia mais nada. Então foi acontecendo isso. E eu falei pra ele. Falei assim: Ô... Nós chamava ele de P... O nome dele era P. C; nós chamava ele de P. Eu falei: Ô P..., dá um exemplo pra eles, P... Que ‘ocê é pai de família. Que ocê vai parar com isso e não vai mexer com isso mais, sô. Porque, aí, o seu nome agora é... entendeu? É pilantra pra eles, entendeu? Que ‘ocê agora já num tá mais vencendo pra eles, que eles vai acabar te matando ocê. Porque eles não fez isso ainda por causa de mim. Que eu tô avisando

procê pra você mudar de vida, sô. Mostra a eles que 'ocê tem capacidade de trabalhar, de virar um novo homem. Só que aí ele não ouvia, entendeu? A droga dominava ele. Então foi acontecendo isso... 'Inda fazendo roubando droga aqui... Fumando droga ali...[...]

Que aconteceu. Que a morte dele foi muito trágica, entendeu? Que eles pegaram ele numa emboscada, mesmo... Ele na rua, de noite, fumando, lá, aí veio na faixa de uns vinte rapaz, e ele morreu só na paulada. Aí eu fico muito triste com isso, entendeu? Porque no decorrer da minha idade, aí que eu já fui crescendo, aconteceu isso com meus irmão, eu fico muito triste...”.

Perguntei ao R. sobre os motivos que levaram os irmãos a usarem droga. Ele disse:

Experimentando! Foi lá, experimentou... Aí mexeu, começou com a maconha... Então, ficou lá fumando a maconha, fumando, fumando, eles viu que a maconha já num tava fazendo efeito mais, entendeu? Aí já entrou pro mais forte. Como dizer? Ah, isso aqui já num tá valendo mais nada! Vou pro mais forte. Entendeu? Algum amigo deles falava: Ah, fuma uma pedra, fuma um crack, isso aqui é mais forte. Cê vai sentir a onda... A onda mais ver mais boa... Entendeu? Só que a maconha é o seguinte: a maconha é igual um cigarro. A pessoa vicia, mas num fica totalmente dominada por aquilo.[...]

Só que, o crack, ele já é mais pesado, entendeu? Se a pessoa aprofundar mais nele, não consegue dominar, entendeu? Não consegue dominar mais. Já fica dependente daquilo [...].

Então aí é aquilo... Começou a mexer com pedra, com crack... Então aí já começou a vender as coisa... Aí já começou a ficar dominado pela droga...[...]

Pra comprar droga. Porque era o seguinte: eles tinha o dinheiro deles trabalhava... Comprava... Vamo receber trezentos reais. Aqueles trezentos era só praquilo. Aí fumava, fumava a noite toda. Acabava... Igual, a pedra, se fumasse, a pessoa num sentia sono, entendeu? Fixa aceso! Igual, vinte e quatro hora fumando. Acabava, ele ficava com vontade. Porque quanto mais fuma, dá vontade. Quanto mais fuma, dá vontade. Aí ele ia dentro de casa, via... Ah, tem uma roupa boa ali que compensa de eu vender pros cara. Ia lá e vendia. Muitas vezes já chegou até de acontecer isso, meu irmão pegar... Quando ele num tinha dinheiro, pegava a identidade dele e dava pros rapaz: Aí. Eu vou deixar a minha identidade empenhada aqui por cinquenta reais. Aí cê me dá cinquenta reais de crack... Depois de amanhã eu te dou o seu dinheiro, aí cê me devolve a identidade. Só que chegou os pessoal lá

a queimar o documento porque não tinha o dinheiro, não tinha condições de arrumar o dinheiro pra dar. Porque já não tava trabalhando mais, entendeu? É...”

E.C.B., reg. 37, falou sobre seus 11 irmãos E. disse: *“Um morreu. Agora é dez [...] O C. [...] Ele morreu assassinado [...] Ah, dizem que confundiu, né? Porque foi policial que matou [...] Ele e um colega dele de dezesseis ano [...] Ele tinha acabado de fazer vinte e cinco anos [...] Foram assassinado... Não a tiros. Foram espancados por policiais [...] Pegaram eles lá (em Vespasiano). Aí ficou ainda espancando eles uns três dia. Jogaram eles lá no... num lote vago que tem lá ni Ribeirão das Neves [...] Ah, até hoje minha mãe sofre, viu? Por mais que ela tenha vários filho [...] Todo Natal, Ano-Novo, lembra... Aí ela chora. Ninguém conforma até hoje. Tem quatro anos que ele morreu [...]Ah, num dá nem pra entender, né? Porque num sabe quem que foi. Só sabe que foi policial que pegou ele enganado, mas num sabe quem foi... E num tem como dar queixa, porque... Senão os policiais pode fazer alguma coisa com a gente da família...”*

Além dos depoimentos acima sobre experiências pessoais com as drogas, as tabelas 4 e 5 mostram a situação atual de cada participante no que se refere à constituição da família, o envolvimento com a justiça, o número de familiares que estão detidos atualmente e a história de assassinatos de familiares, mortes de familiares por acidentes e morte de filhos devido a doenças.

Tabela 4 – Situação atual dos participantes

Nome	Número do registro	Situação atual		
		Estado civil	Número de filhos	Observação
D.C.S.	2	Solteira	-	-
M.A.S.S.	3	Casada	1	-
L.C.C.	4	Casado	1	-
P.L.F.	7	Casada	2	-
R.F.S.	8	Casado	1	-
E.B.S.	9	Solteiro	-	Preso
M.I.G.M.	11	Casada	5	Perdeu 2 filhas (acidente doméstico; câncer)
R.G.M.	12	Solteiro	-	-
L.P.J.	13	Casada	3	Perdeu 1 filho (infecção respiratória?)
P.P.S.	14	Casada	1	-
E.A.V.	15	Separada	1	-
S.G.B.	16	Casada	-	Vive em Portugal
P.I.S.L.	17	Solteira	1	-
E.M.R.	18	-	1	-
D.S.L.	19	Solteira	1	Filha consequência de estupro
G.M.	20	Solteiro	-	-
A.S.F.	22	Casado	1	Foragido da Justiça
R.C.S.L.	25	Solteiro	-	-
C.L.O.	28	Solteiro	-	-
M.R.G.	31	Solteiro	-	Assassinado
A.P.S.	32	Casado	1	-
A.P.G.	33	Casada	2	-
E.B.C.	34	Solteira	-	-
L.P.S.	35	Casada	2	-
M.A.S.	36	Casada	2	-
E.C.B.	37	Separada	1	-

Tabela 5– Informações sobre os familiares presos, assassinados e acidentados

Nome	Número do registro	Familiares presos	Familiares assassinados	Familiares que sofreram acidente
D.C.S.	2	-	-	-
M.A.S.S.	3	-	-	-
L.C.C.	4	-	Sogro	Avô materno atropelado e morto
P.L.F.	7	-	1 irmão	-
R.F.S.	8	1 irmão	2 irmãos	Pai atropelado e morto
E.B.S.	9	-	-	-
M.I.G.M.	11	-	1 irmão	1 filha morta em acidente doméstico
R.G.M.	12	-	1 irmão	1 sobrinha morta em acidente doméstico
L.P.J.	13	-	-	-
P.P.S.	14	-	-	-
E.A.V.	15	-	-	-
S.G.B.	16	-	-	Pai morto em acidente na construção civil
P.I.S.L.	17	-	-	-
E.M.R.	18	-	-	-
D.S.L.	19	-	-	-
G.M.	20	-	-	-
A.S.F.	22	-	-	-
R.C.S.L.	25	-	-	-
C.L.O.	28	-	-	Pai morto em acidente de carro
M.R.G.	31	1 irmão	2 irmãos e 1 irmã	-
A.P.S.	32	-	-	-
A.P.G.	33	1 irmão	-	-
E.B.C.	34	-	-	-
L.P.S.	35	2 irmãos	-	-
M.A.S.	36	-	-	-
E.C.B.	37	1 cunhado	1 irmão	-

Por último, a tabela 6, abaixo, mostra o nome das vilas do aglomerado onde residem ou residiram os participantes e a existência ou não de relatos sobre drogas e violência nesse aglomerado e que espontaneamente surgiram durante as entrevistas.

Tabela 6 – Nomes das vilas e a existência ou não de relatos sobre drogas e violência na região

Nome	Número de registro	Vila	Relatos de drogas e violência
D.C.S.	2	A	-
M.A.S.S.	3	L	-
L.C.C.	4	C	Sim
P.L.F.	7	L	Sim
R.F.S.	8	L	Sim
E.B.S.	9	B	Sim
M.I.G.M.	11	Próximo à Vila L	Sim
R.E.M.	12	Próximo à Vila L	Sim
L.P.J.	13	C S M	-
P.P.S.	14	L	Sim
E.A.V.	15	L	Sim
S.G.B.	16	A	Sim
P.I.S.L.	17	C S M	Sim
E.M.R.	18	L	Sim
D.S.L.	19	P	Sim
G.M.	20	P	Sim
A.S.F.	22	A	Sim
R.C.S.L.	25	B	-
C.L.O.	28	L	-
M.R.G.	31	A	Sim
A.P.S.	32	L	-
A.P.G.	33	C	Sim
E.B.C.	34	A	-
L.P.S.	35	L	Sim
M.A.S.	36	L	Sim
E.C.B.	37	A	Sim

Diante de todos esses fatos, uma das perguntas que fiz foi a seguinte: como aconteceu a ligação das drogas com as favelas? Magalhães (2000, p. 92) contribui para o entendimento de como as drogas chegaram até as favelas. Segundo o autor: “...a desregulamentação das economias com a globalização resultou em oportunidades inéditas para o crime organizado. Os processos de privatização, da extinta União Soviética à América Latina, proporcionaram condições favoráveis à lavagem do dinheiro da droga. A explosão do desemprego, motivada em parte pelo desenvolvimento de novas tecnologias, em parte pelas políticas de inibição do crescimento econômico implementadas pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e outros

organismos financeiros internacionais, sob a influencia determinante dos Estados Unidos, ajudou a encorpar o narcotráfico . Na América Latina havia 180 milhões de pobres em 1999, segundo o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). Foi numa conjuntura de crises e pauperização que o crime organizado se consolidou no continente latino-americano da década de 80. O Brasil ofereceu condições perfeitas...[...].

Até os anos 80, o Brasil era um mercado emergente, mas secundário, e um corredor pelo qual a cocaína colombiana, boliviana e peruana (98% do suprimento mundial) escoava para o exterior. Na década seguinte, consolidou-se como mercado consumidor de drogas, atrás só dos Estados Unidos...[...]. De início, a cocaína era um luxo, na pirâmide social, da classe média para cima. Com a ‘democratização do pó’, consagrada na década de 80 e 90, as periferias passaram a aspirar e injetar o que antes apenas vendiam...[...]. No caso do crack por ser mais barato, é preferido pelos mais pobres.

Integrar o aparato do tráfico passou a ser, para milhares de jovens, um alvo ambicionado, projeto de vida, a única saída aparente...”

Outra pergunta que fiz estava relacionada aos motivos do uso e do abuso de drogas pelos jovens. Graham (2001, p.304), afirma que drogas representam um papel importante na cultura dos grupos de crianças e adolescentes. Em particular o uso delas:

- Promove a identificação do indivíduo com o grupo: a criança que ocupa o tempo fumando ou cheirando cola pode se sentir atraída para mais próxima do grupo no qual isso é um comportamento normal
- Marca a entrada individual da criança para o mundo adulto: um adolescente o qual se dirige pela primeira vez a um barzinho submete-se a um ritual de passagem
- Reduz a ansiedade em grupos: álcool nas festas diminui a inibição social e assim promove prazer
- Resulta em um incremento da experiência que é compartilhada: pequenos grupos de adolescentes fumando maconha conseguem um prolongamento da experiência normal à qual eles consideram como valiosa e agradável. O fato que, em muitos países, a maconha é uma droga ilegal, pode aumentar ainda mais o prazer.

Infelizmente, todas as drogas, exceto quando usadas em pequenas quantidades, prejudicam a saúde e o funcionamento social. Quando usadas em grandes quantidades todas

elas podem e algumas vezes causam prejuízos, físico ou social importantes, e, ocasionalmente, levam à morte [...].

Graham cita os fatores sociais e os fatores pessoais/individuais como fatores que influenciam o uso excessivo de drogas:

Fatores sociais

-Preço e disponibilidade. O uso está fortemente relacionado ao preço. Existe muita evidência mostrando que, como o custo relativo do álcool tem baixado em relação ao custo de vida, seu uso tem aumentado. Além disso, em muitos países, a quantidade de rendimento disponível para as crianças e pessoas jovens tem aumentado significativamente. Drogas mais prontamente disponíveis em grandes cidades, tais como cocaína e heroína, são usadas menos frequentemente em áreas rurais.

-Padrão de uso por adultos. O uso de certas drogas, tais como solventes, têm crescido relativamente independentemente do uso pelos adultos. O uso na infância de drogas socialmente mais aceitáveis, tais como cigarro e o álcool é, entretanto, influenciado fortemente pelo grau que elas são usadas pelos adultos.

-Efeitos da mídia. A apresentação pela mídia do uso de cigarros e o consumo de álcool como fascinante tem um influente efeito, especialmente entre os desfavorecidos. Letras sentimentais de canções populares não infrequentemente produzem a atração de drogas, principalmente maconha.

-A legalidade do uso. Proibir a droga legalmente pode aumentar sua atração para os adolescentes anti-autoritários, mas a ilegalidade também desencoraja o uso por afetar a disponibilidade. Em muitos locais, entretanto, maconha e o êxtase são tão livremente disponíveis quanto o álcool.

-Propostas de educação para a saúde. Existe, até o momento, pouca evidência que propostas de educação para a saúde (palestras e discussões de grupo sobre os efeitos nocivos das drogas, etc.) tenham algum efeito no uso de drogas, embora elas possam influenciar o conhecimento e as atitudes. Crianças e adolescentes, entretanto, necessitam e merecem informações a respeito do álcool e outras drogas para capacitá-los a fazer escolhas sensatas.

Fatores pessoais/individuais

-Sexo. Existem agora poucas diferenças entre garotos e garotas quanto à quantidade de álcool e outras drogas que eles consomem.

-Fatores genéticos. Com algumas drogas, por exemplo, álcool, existe evidência que fatores genéticos podem predispor um indivíduo à toxicomania uma vez que o padrão regular de uso está estabelecido, mas, no entanto, fatores sociais são de maior importância na determinação do nível de consumo dentro de uma população.

-Circunstâncias domésticas. Moradia pobre, aglomeração, e relacionamentos familiares desarmônicos são condições prováveis que encorajam os adolescentes a passarem mais tempo fora de casa e assim aumentam o contato com outros usuários de drogas.

-Padrão de uso de droga na família. Jovens os quais vêem seus pais e irmãos fumando, bebendo álcool, etc. são prováveis de adquirir hábitos semelhantes. Adolescentes cujos amigos usam drogas são prováveis de serem ainda mais fortemente influenciados.

-Características de personalidade. O adolescente extrovertido, impulsivo e mais inclinado a se arriscar do que seus companheiros é também mais provável de ser um usuário de droga pesada. Baixa auto-estima e depressão estão também relacionados ao uso de drogas.

-Fracasso educacional e ocupacional. Um indivíduo ao qual são negadas estas fontes de auto-estima procurará outros modos de aumentar seu estado de espírito.

Ainda no que se refere ao uso e abuso de drogas, Barker (2004, p. 166) afirma que os usuários de drogas podem ser subdivididos nos seguintes grupos: experimental, situacional (ou recreacional) e compulsivo. Uso experimental: em algum momento muitos adolescentes experimentam pelo menos álcool, cigarros ou maconha. A experimentação pode ser breve e usualmente não leva ao uso regular. Uso situacional (ou recreacional): um grupo menor usa droga em festas e em situações particulares, usualmente na companhia de grupos de companheiros, mas o uso é limitado a tais situações. Uso compulsivo: este é o uso por aqueles que são dependentes de droga ou, mais frequentemente, de drogas – os viciados. Este é até um grupo menor do que os usuários situacionais.

O que determina quem tornará dependente de droga? Isto não está completamente entendido. Pressões sociais podem ser importantes para levar ao uso de droga mas, provavelmente, não determinam quem tornará dependente. Os seguintes fatores, para Barker, podem contribuir para o desenvolvimento de dependência de droga:

Predisposição genética

A estabilidade emocional e a personalidade do indivíduo

A existência de problemas sérios de personalidade ou condições psiquiátricas tais como depressão crônica (pode existir uma história de privação precoce, abuso e/ou outras experiências adversas na criação)

Existe alguma correlação entre uso de droga e ambos - delinquência e fracasso escolar-, embora como estes estão ligados em termos causais, se é que estão, não está claro. Outros fatores que têm sido associados ao uso de droga, mas não necessariamente à dependência, incluem:

Isolamento social

Baixa auto-estima

Mau relacionamento com os pais

Depressão

Crenças e valores não convencionais no que diz respeito às drogas e ao uso delas (entre os Rastafarianos por exemplo)

Pessoas jovens podem procurar obter suas necessidades de afiliação, de curiosidade, os alterados estados de consciência, recreação, redução de ansiedade e o disfarce de preocupações e angústias, satisfeitas através do uso de drogas, especialmente na companhia de outros.

Além da necessidade que tive de compreender as causas da chegada das drogas nas favelas e dos possíveis motivos que levam o jovem a abusar de drogas, um terceiro questionamento que fiz estava relacionado à associação existente entre uso abusivo de drogas e a violência. Esta última aflorou freqüente e espontaneamente, durante as entrevistas.

São duas facetas que se destacam nessa associação. A primeira faceta: os jovens que fazem uso abusivo de drogas podem praticar furtos, arrombamento, distribuição de droga ou prostituição com a finalidade de adquirir o dinheiro necessário para comprar drogas ou álcool (JENKINS, 2005, p. 695). E, a segunda faceta, que mostra a associação entre drogas e violência, é o fato que ocorre, segundo Pinheiro (2003, p. 57):

“as zonas mais empobrecidas, na periferia das metrópoles e, agora, em muitas cidades do tamanho médio (entre 200 e 500 mil habitantes) onde o tráfico de drogas e as ‘carreiras do crime’ em geral fornecem renda considerável para crianças e adolescentes pouco escolarizados, sem perspectiva de entrada no mercado de trabalho. E, mais do que isso, o mundo do crime transforma-se na possibilidade de afirmação pessoal desses jovens. Nesse caso, segundo o autor, a arma é não só um ‘instrumento de trabalho’, mas o único meio de fazer-se escutar”

Para Stotz (2005, p.53):

“o comércio das drogas ilícitas [...] abriu as portas para centenas de jovens miseráveis nas favelas e bairros populares, ao mesmo tempo em que tornou sua existência mais curta, na medida em que se trata de um mercado disputado de armas na mão, outra fonte altamente rendosa para os intermediários da indústria de armamentos”.

O autor finaliza, lembrando que o capitalismo transforma tudo em mercadorias, pouco importando sua origem e natureza.

Assim, a partir dessas fundamentações teóricas, um possível esquema explicativo para a disseminação da droga e a prática extensiva de violência no interior da própria comunidade pode ser sintetizado da seguinte forma. A Exclusão Social produz:

-impactos de longa duração como a pobreza e a miséria as quais impedem esses jovens de terem suas necessidades próprias da idade atendidas convenientemente.

-impactos negativos, por diferentes vias, nas estruturas psíquicas das pessoas, por exemplo, na auto-imagem, na estrutura afetiva, moral, social, apenas para citar algumas das estruturas que podem ficar afetadas. Isto tudo pode ocorrer porque a exclusão está associada às inúmeras frustrações recorrentes, como fracassos escolares, no trabalho, nos relacionamentos pessoais. Nesse contexto excludente muitos são os sonhos não realizados e as pessoas correm um risco muito grande de perderem a esperança de dias melhores e de terem a construção de sua identidade ameaçada. E mais, estas frustrações podem gerar também raiva, agressividade, hostilidade, comportamentos desafiadores, etc.

A entrada da droga na comunidade encontrou esse terreno preparado pela Exclusão Social como propício para a sua proliferação; isto porque, primeiro, o comércio das drogas representaria para muitos, a obtenção de renda, o desenvolvimento e realização pessoal,

ameaçados pela situação de pobreza crônica. Dessa forma, com o comércio de drogas vislumbrou-se a possibilidade de se acabar ou minimizar os efeitos da pobreza e miséria.

E segundo, o uso da droga por causa de seus efeitos de euforia, alegria (JENKINS, 2005, p.697) relaxamento, alívio de ansiedade e de depressão (GRAHAM, 2001, p.308), predisposição para comportamento violento (GRAHAM, 2001, p. 311) vai ao encontro de demandas de parte dessa população. O uso de drogas poderia ser uma forma de aliviar esse estado crônico de desprazer, de enfraquecimento psíquico, em um cenário onde outras alternativas de obtenção de gratificação são muito mais difíceis de serem conseguidas, mas também, poderia ser um meio de potencializar e/ou encorajar as reações comportamentais latentes provocadas pelas adversidades. O uso da droga passa a ser, para muitos, a saída possível e mais fácil.

Assim, a consolidação da droga na comunidade tanto por meio de um ou de ambos os caminhos descritos acima - tráfico e/ ou uso e abuso - gerou outro problema sério, a violência. Esta tem várias origens:

- aqueles que conseguiram espaços e privilégios com o tráfico, os traficantes, ao detectarem seus domínios ameaçados por outros grupos rivais, iniciam guerras para manutenção dos territórios ameaçados o que acaba muitas vezes em morte e prisões;

- os usuários que não pagam suas dívidas com o tráfico são mortos pelos traficantes;

- quando traficantes que adquirem drogas de outros traficantes para vender e não pagam suas dívidas. Uma saída que adotam para a obtenção de dinheiro para pagar suas dívidas com o tráfico é a prática de roubos, assaltos na própria comunidade ou fora dela;

- quando o próprio usuário, o dependente, que não tendo dinheiro para manter o vício passa a vender bens pessoais e de parentes o que acaba por causar conflitos familiares;

- através de roubos e assaltos no interior da própria comunidade ou em outros locais da cidade, praticados pelos usuários, para obtenção de dinheiro ou de bens que possam ser vendidos para compra de drogas.

- como resultado dos conflitos e dos confrontos com a polícia.

É importante destacar que esse uso intenso de drogas nessa comunidade sócio-econômica desfavorecida, de certa forma foi surpresa para mim, uma vez que acreditava, até o momento da realização dessa pesquisa, que a comunidade fosse mais utilizada como rota de comércio de drogas e que o consumo na comunidade não se manifestasse em tão alto grau.

Outro aspecto que aflorou foi a alta taxa de mortalidade de jovens do aglomerado e de outros cumprindo pena. Até então tinha a impressão que a violência afetava predominantemente outras classes sociais que seriam vítimas de pessoas envolvidas com as drogas como traficante e/ou dependente. O que este estudo mostra é que a violência é dirigida de forma marcante também contra jovens da própria comunidade, ou seja, adolescentes da própria comunidade eliminando uns aos outros, claramente num processo auto-destrutivo.

A alta taxa de violência e mortalidade observada na adolescência e adulto jovem parece ser um fenômeno que não difere da mortalidade infantil presente nos primeiros anos de vida que ocorria há algumas décadas; observa-se que ocorreu apenas uma alteração da faixa etária acometida pela mesma violência, cuja causa está relacionada ao fenômeno da Exclusão Social que produz fatores de risco simultaneamente em todos os períodos do ciclo de vida.

Esta evidência significa, portanto, que as medidas para combater estes fatores de risco têm que contemplar ao mesmo tempo todos os períodos do ciclo de vida. Provavelmente isto não aconteceu. As medidas foram concentradas nos primeiros anos de vida e outros períodos, como a adolescência e idade adulta jovem, não mereceram a atenção adequada. Provavelmente, a interação da Exclusão Social com as drogas nessas faixas etárias, potencializou a violência nesses locais e desencadeou a alta mortalidade dos jovens.

Além disso, me parece que as drogas, interagindo com a Exclusão Social, modificaram o curso do processo de exclusão ao potencializar e acelerar esse processo e precipitar assim a autodestruição de segmentos jovens da própria comunidade.

Causou-me indignação a crueldade utilizada nas execuções desses jovens pelos próprios jovens. Para mim é difícil tentar explicar, encontrar os caminhos teóricos que levam a este desfecho, tentar entender os sentimentos e os pensamentos desses jovens nesses momentos de tanta irracionalidade quando acontecem as execuções.

Parece-me que, através desses atos, se atinge o máximo de degradação humana a que se pode chegar, quando o outro não é reconhecido mais como o outro. Não existe nenhum

afeto, compaixão, identificação com o outro, com seus familiares, com a vida e consigo. Simplesmente, o outro não existe.

Nessas situações o jovem decide que não há outra saída para os impasses: o outro não deve continuar a viver porque se viver quem morrerá fatalmente será ele. Pergunto: será que a escolha por este desfecho, na verdade, não simboliza e expressa o impacto mais profundo e mais grave que o fenômeno Exclusão Social-Drogas está realmente causando na subjetividade desses jovens?

A impressão que tenho é que essa realidade, brutal, não é retratada, valorizada e socializada adequadamente. A explicação mais provável é que os jovens envolvidos são pobres ou miseráveis, negros, moram em bolsões de pobreza, ou seja, jovens excluídos ou com dificuldades imensas de inserção social e os quais já são historicamente tratados com indiferença.

Por fim, quando estes indivíduos não são mortos muitas vezes são detidos. A impressão que fica é que, no interior da penitenciária, continua a atuar o processo excludente à medida que estes indivíduos, durante a detenção, não são preparados para o retorno à sociedade. Quando saem da prisão, sem nenhum planejamento de inserção social e de acompanhamento, o estigma que carregam, torna a pressão excludente mais poderosa, agravando a situação. Além do fato de que, muitas vezes, são pessoas gravemente impactadas sob o ponto de vista psíquico, os quais podem se envolver, quando colocados em liberdade, em outras condutas anti-sociais das mais diversas naturezas.

Os achados que acabo de relacionar e fazer minhas considerações, além de relevantes, caracterizaram a amostra, porque foram encontrados na maioria dos participantes do estudo. Entretanto, outras situações adversas, outros fatores de risco e quadros clínicos apresentados por componentes do estudo, nem tão frequentes, merecem ser destacados. São eles:

- A existência de violência doméstica e alcoolismo materno em alguns casos.

Gostaria de destacar os casos E.B.S., reg. 9, que está preso; o caso A.S.F., reg. 22, que está foragido da penitenciária e o M.R.G., reg. 31, que foi assassinado e que teve também um irmão e uma irmã mortos, um irmão preso e o outro que já cumpriu pena. Foi detectado na história familiar alcoolismo materno nas mães de todos eles, assim como, violência doméstica em todas as três famílias. É possível que a evolução desses jovens descrita acima, tenha relação com estes fatores de risco.

Como exemplo, no que se refere a violência doméstica, AUGUSTYN; ZUCKERMAN (2005, p. 131) afirmam que as crianças que experimentam e testemunham a violência podem ver o mundo como um lugar perigoso e imprevisível. A alta exposição à violência das crianças se correlaciona a um pior desempenho na escola, sintomas de ansiedade e depressão e auto-estima mais baixa. Os efeitos sobre a saúde mental podem incluir ainda dissociação, agressividade e abuso de substâncias psicoativas. A violência, particularmente a doméstica, também pode ensinar precocemente às crianças, de forma muito marcante, lições sobre a utilização da violência nos relacionamentos. Algumas crianças expostas à violência grave ou crônica podem apresentar Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).

Quanto ao alcoolismo materno acredito que os efeitos sobre o desenvolvimento das estruturas psíquicas da criança podem ser muito comprometedores uma vez que a mãe representa o primeiro núcleo organizador do desenvolvimento psíquico da criança. Os efeitos sobre as estruturas psíquicas da criança podem, portanto, ser iniciados muito precocemente caso a mãe tenha dificuldades para exercer seu papel como, por exemplo, em caso de alcoolismo. Este, inclusive, é um dos fatores de risco para abuso e negligência, os quais podem comprometer o desenvolvimento psíquico das crianças causando, por exemplo, problemas de aprendizagem, transtornos de comportamento (GRAHAM *et al.* 2001; BARKER, 2004).

-A violência na escola (Bullying) e a Recusa Escolar (Fobia Escolar) em alguns casos.

M.I.G.M., reg.11, relatou sua experiência na escola: “...Aí, teve uma vez que eu tava dentro da sala, né, fazendo os dever, né? Aí a menina lá atrás de mim... Ela tava sentada atrás de mim. Aí ela foi... com um pedaço de lápi... Lápi, esses lápi fincudo. E ficava, sabe, atrás da minhas costa me fincando... E eu num podia falar nada, que nem... Às vezes ela falava que se eu falasse alguma coisa, que depois na saída ela me pegava... E eu fiquei há muito tempo, né, segurando aquilo, né, pra...[...] Segurando de contar prá professora, contar pra alguém e depois eles fazer coisas com a gente, que eles ficava ameaçando a gente. Eles ameaçava. Eles fazia as coisa com nós e falava que, se nós contava prá professora ou pra alguém, que na saída eles pegava nós”.

M.I. se refere durante a entrevista ao material escolar, à roupa de ir para a escola: *“Foi, sim, é porque... Eu falo, né, porque tem muitas criança que num... Como aconteceu comigo memo. Comigo, com meus irmão. Que às vezes deixa de ir à escola porque num tem o material. Às vezes num tem um caderno, num tem um lápis... Num tem a borracha...[...] Às vezes deixa de ir na escola por causa disso [...] E isso, né, faz muita... né? Faz muita falta, porque...[...] Porque às vezes por conta de pouca coisa as criança deixa de ir na escola [...] Aqui, às vez a gente até deixava de ir na escola por conta disso, porque meu pai num tinha condições de dar à gente [...]. Pesava, sim! Às vezes, roupa de escola, assim, a minha mãe fazia era na mão, né? Costurava, fazia era na mão... Material, a gente levava era num saquinho de arroz, ou então numa sacola, que a gente num tinha...[...] É, num tinha bolsa prá gente levar...[...] Sapato, às vez a gente ia com... Que eles falava era um tal de conga, a gente ia era com aquilo... E a gente chegava na escola, a gente era muito abusado, também, por causa disso. Os outros colega, vendo aquilo, ficava...[...] Vendo a gente com roupa assim, né? Roupa feia, costurada na mão, sapato... E ficava abusando da gente. Né? [...] Aí a gente ficava muito triste por causa disso.[...]”*. Este depoimento de M.I. é compatível com o quadro de Bullying (BARKER, 2005, p.14).

Perguntei a M.I sobre a reação dela ao ter que deixar a escola: *“Pra mim foi muito triste! Que hoje eu num ter meu estudo, eu... sabe? Eu fico muito triste de num ter meu estudo na minha vida, hoje. [...]E depois disso pra cá, né, a gente, não estando na escola, foi cuidar de casa... Aí, disso pra cá, eu num voltei prá escola mais, não. Eu até fico muito triste! [...] Isso! Porque depois disso pra cá eu num tive mais vontade de estudar, eu tinha medo de ir prá escola... Medo de ir menos prá outra escola e chegasse lá acontecia a mesma coisa...[...]*”

Ainda sobre a saída da escola M.I. relata: *“Não! Eu só... A única coisa que eu tive, eu... né? Depois que eu saí da escola eu tive era muita saudade. Eu gostava de todo mundo, gostava das minhas professora, dos colega que tratava eu bem...[...] Eu senti muita saudade! [...] Assim, saudade que dava vontade de voltar. Só que, né, no memo tempo que dava vontade de voltar, eu ficava com medo. [...]E, né, eu num tinha coragem. [...]”*

Na verdade, ao sofrer Bullying, M.I., desenvolveu também Recusa Escolar (GRAHAM, 2001, p.220). Como foi visto na entrevista, M.I., abandonou a escola precocemente e é praticamente analfabeta. Hoje, não tem uma profissão. Durante muitos anos foi usuária pesada de crack que para comprar se prostituía.

-A Gazeta (matar aula, cabular aula).

E.B.S. reg. 9, contou como era sua frequência na escola: “*Não, tipo assim, eu ia, aí tem dia que eu faiava e tudo... Meu pai e minha mãe ficava me incentivando pra mim ir...[...] É, incentivava pra mim ir, que era melhor pra mim... Aí, só que eu ia, eu ficava na escola, assim, só que minha mente parece que num... Fui pela cabeça dos outro, né? Aí eu fui envolvendo com os outro, aí eu deixei de lado. Peguei e falei assim: Ah, eu vou estudar mais, não. Aí chegou um tempo que eu nem tava vindo na escola mais, não. Aí passou um tempo eles cortou meu nome e tudo... Aí eu comecei a ficar só na rua, andando pra lá... saindo pros lugares de acá...[...] Aí eu comecei ficar ali vigiando carro e tudo... Aí eu fui vendo os acontecimento, né? Vigiando carro, aí depois disso aí eu fui crescendo mais um pouco... Aí depois eu comecei a envolver com outras pessoa... Aí eu fui começando a fazer as coisa errada”.*

Este relato é compatível com o quadro de Gazeta que pode ser um sintoma de fracasso na escola, mas também de problemas familiares (GRAHAM, 2001, p. 222). Como foi visto nas avaliações de 1990 e 1993 esse participante apresentava graves problemas familiares, começou a praticar roubos e hoje está preso. Este quadro é compatível com Transtornos de Comportamento (GRAHAM, 2001, p. 240). Uma intervenção ainda na infância, a partir da compreensão do que a Gazeta estaria significando, poderia ter mudado a trajetória de vida desse participante.

-A violência psicológica no local de trabalho

L.P.S., reg. 35, relatou sua experiência como empregada doméstica na infância: “*A única lembrança que eu tenho é que a gente é maltratado, né, quando a gente tá trabalhando. Inda mais gente nova demais, a gente [...]É maltratado quando a gente chega, quando a gente... Igual, eles tava almoçando, eu chegava, aí minha patroa: Vai pra lá! Você num pode ficar aqui! Você é empregada! Você tem que ficar na cozinha!’ Ou senão, às vezes eu tava almoçando... chegava hora de almoço... Na dona J., mesmo... Ela, em vez de ela deixa eu servir meu prato, ela colocava comida pra mim no resto dela. Pra mim comer, pra mim... Igual, hoje em dia eu penso... Tem vez que eu deito na cama e penso: Gente, eu num precisava disso. Por que que eu... Porque ali eu era tratada como se fosse uma cachorra, porque ela num deixava eu comer as coisa; quando colocava, era resto; se ela comia um pão, na hora de eu tomar café de manhã, me dava era o resto do pão [...]*”

E.C.B., reg. 37, falou sobre o seu trabalho em um estabelecimento comercial (casa de lanches): *“Não. Só tenho do último, desse trabalho que eu trabalho, eu tenho muita dificuldade, mesmo [...]. Não, é porque só chega cliente bêbado... Aí eles começa a xingar a gente... Eu não fico calada eu respondo mesmo.[...] É, porque a gente é obrigada a tratar bem, mesmo eles xingando a gente [...] maltratando a gente. Porque sempre o cliente tem razão [...]. É. Eles po até tá errado, mas... é a gente que tá errado. Entendeu? [...] Ah, é ruim, né? Porque direto eu xingo o gerente... Porque... Nem sempre eles têm razão, porque várias vezes eles já chamaram eu, uma colega minha de palhaça... Falou que o salário que a gente que a gente ganha em um mês, eles gasta ni uma noite... Entendeu? É humilhante pra gente [...]. Teve um dia que o cliente jogou [Risos.] o troco dele, que era noventa e cinco centavos, que ele não queria em moeda... Num tinha como num dar em moeda, porque, noventa e cinco centavos... Tem que dar em moeda. Ele pegou e jogou lá dentro do balcão e falou comigo e com o gerente que... Ele falou pra nós pegar o nosso salário no chão [...]. Tem cliente chato, que chega e já quer os trem dele sem a gente saber que que é; tem que dar a ele na mão. Tem uns que já chega brigando... Eles quer brigar. Tem umas que chega lá já querendo brigar. Quando num briga com a gente, que é o atendente, eles têm que brigar com outro cliente, na outra fila... Ou da fila, que tiver atrás ou na frente dele...”*

-A morte de filhos

L.P.J., reg. 13, falou sobre a morte de um filho: *“Foi muito difícil. Foi muito difícil. Porque na época a gente só tinha ele, né? [...] Aí, foi muito difícil. Não... Eu quase entrei em depressão. Ficava na cama, chorava o tempo todo... Ficava na rua andando, sabe? Ia prá porta da escola que ele estudava... Ficava lá, achava que ele tava lá, que ele ia voltar, que ele num tinha morrido. Foi muito difícil. [...] Ah, foi um momento muito difícil. Fui trabalhar pra poder esquecer um pouco... sabe? Da época que eu tava trabalhando... Foi muito difícil, né?”*

M.I.G.M, reg. 11, falou sobre a morte de duas filhas. O primeiro foi a morte de uma filha devido a uma queda de uma pilastra sobre ela:

“Num sei! As menina, né, brincando ao redor daquilo, né? Num sei que que aconteceu... [...] ...que foi e caiu. E era pedreiro profissional que tava fazendo! [...] Aí, disso

pra cá, mesmo, que eu num... sabe? Que eu num tinha memo felicidade. Aí que eu montei nas droga, memo”.

O segundo foi a morte de outra filha devido a um tumor renal: *“A menina que faleceu é gêmea com o menino que tá aqui. [...] Ela faleceu quando ela deu um tumor. [...] A primeira vez que começou... Porque ela fez xixi, daí o xixi já saía sangue, umas pelota de sangue.[...] Isso! Que eu corri com ela pro hospital que foi descobrir. [...] Aí já descobriu que era o tumor... [...] É, aí já correu, já fez cirurgia, tirou o rim esquerdo, só que ele já tava velho, sabe? Descobriu velho. [...] Que o cirurgião falou assim que ela já nasceu com isso. [...] Quando ela descobriu, ela tava com três anos. Ela morreu com quatro”.*

Perguntei o que representou para ela a doença e o falecimento dessa filha. Ela disse: *“Nossa! A doença da minha menina, pra mim, foi muito triste! Eu acompanhei dia e noite. Foi muito triste... [Pausa.][...] [Chorando.] Aí foi até o dia que Deus levou ela, ela foi sofrendo. E ela gritava, sabe? Ai, mãe! Tá doendo! ‘Tá doendo! Aquilo eu ficava num desespero! Chorava, eu vendo ela sofrendo e num podia fazer nada. Pra mim, foi muito difícil. Nó...! E disso pra cá, sabe, eu num... Já num tinha felicidade, assim; agora que eu num tenho felicidade, memo. Eu tento ser feliz, só que tem uma coisa que num deixa eu ser feliz.[...]*

Como vimos acima essa participante abandonou a escola ainda na primeira série do primeiro grau e durante muitos anos foi usuária de crack. É possível que essas mortes possam estar associadas a estes fatores de risco. No caso do acidente doméstico devido à negligência materna associada ao uso de crack. No caso do tumor a uma possível ligação do efeito cancerígeno da droga (crack) sobre a criança durante a gestação.

-A apresentação de quadros clínicos estruturados sob o ponto de vista psicopatológico em integrantes do estudo.

Por exemplo, A.S.F., reg. 22, apresentava um quadro clínico compatível com Transtorno de Comportamento, mais estruturado sob o ponto de vista psicopatológico (GRAHAM, 2001, p.240). Os sintomas começaram na idade pré-escolar, continuaram na idade escolar, adolescência e idade adulta. Teve várias reprovações na escola, gazeteou, entrou para o tráfico, participou de assaltos, cometeu homicídio, foi preso várias vezes e hoje está foragido. Não tem escolaridade e profissão. Está fora da penitenciária sem nenhum

acompanhamento do serviço social, da saúde e da justiça. Além da complexidade, pode-se destacar vários aspectos nesse caso. Um deles é a possibilidade da intervenção precoce em casos semelhantes, uma vez que ainda criança este participante apresentava sintomas que poderiam ser indicadores de acometimentos na estruturas psíquicas em formação, portanto, pelo menos teoricamente, passíveis de intervenções com resultados satisfatórios. Outro aspecto se refere à situação atual do A.S.F., o qual me parece ter acometimentos em sua estrutura psíquica (afetiva, moral, social, cognitiva, auto-estima) assim como em níveis do sistema ecológico onde está inserido (microsistema familiar, exossistema, macrosistema). Estes acometimentos múltiplos fazem com que a intervenção seja interdisciplinar e intersetorial o que parece não estar ocorrendo.

A.P.G., reg. 33, apresentou quadro clínico compatível com Transtornos Emocionais (BARKER, 2004, p. 85). O relato de A.P.G. é compatível com este diagnóstico: *“O ano passado eu deixei de trabalhar, foi no meio de outubro. Que foi que a B. (Psiquiatra) viu que eu não tava bem. Eu tava... passei pelo CERSAM (Centro de Referencia em Saúde Mental). Tive algumas crises, fui pro CERSAM. Chegando lá eles entraram com medicamento, me deram injeção, me deixaram em observação, porque eu tive crises muito fortes, de agredir pessoas. Perto de mim. Tentei... Fiz vários cortes, assim, nos meus punhos. Eu fui aqui para o posto várias vezes. Eu cheguei a ficar com os dois braços enfaixados [...]. Eu deixei a minha filha jogada durante um bom tempo. Jogada, eu falo, assim, sem poder dar um carinho pra ela. Ela... toda vez que ela chegava perto de mim, eu tava chorando... E a minha mãe, bebendo. Porque, também, na mesma época, o meu irmão foi preso (devido ao tráfico de drogas). Então, ela não conseguiu lidar com aquilo. Ele preso, eu com uma depressão, ela tinha que cuidar da minha filha, tinha que tá indo visitar ele, também... Então, assim, acho que foi um momento difícil pra ela também. Não foi só difícil pra mim, mas pra ela também. E acho que o refúgio que ela conseguiu, acho que foi na bebida. Então, ali, em vez de melhorar, acho que eu piorava. De ver ela daquela... naquela situação. Eu, doente, em cima duma cama... Eu mal saía pra tomar um sol! Eu fiquei amarela durante um bom tempo; eu emagreci, todo mundo falou que eu tava doente, que eu tava muito magra. Eu não me alimentava direito. Então, assim, foram momentos que eu passei muito difíceis. Hoje eu posso falar que eu tô um pouco melhor. Eu tô... Um pouco, não! Eu tô bem melhor do que eu tava antes. Foi aí que a B.... eu comecei a fazer o tratamento com a B., que eu comecei a fazer no CERSAM. No CERSAM eles me liberaram pra eu poder trabalhar. Então, assim,*

chegava lá, eu chegava pra trabalhar, eu passava mal todos os dias. Eu desmaiava... Eu não tava me alimentando! Então não tinha como, né? Então foi aí que a minha empresa pegou e decidiram. Falou assim: Olha, A.... Eles me chamaram e conversaram comigo. Você não tá em condições de trabalhar. Você vai procurar um médico. Se o médico não te afastar, nós vamos tentar te afastar pela empresa. Porque você não tá com condições nenhuma de trabalhar. Eu chegava lá super agitada. E eu trabalho com máquina de fatiar. Presunto e mussarela. Então, assim, eles... o medo deles era acontecer alguma coisa no trabalho. Num tinha condições de eu continuar trabalhando. Foi aí que eu vim no posto mais uma vez... Eh... Quem me consultou foi a doutora C. ... Foi aí que ela me encaminhou prá B.R. Que eu já, no outro dia, mesmo, fui com o encaminhamento prá B. R., ela já abriu minha ficha, e já entrou com os remédio. Já entrou com os remédio... E isso ela foi me dando atestado. De uma semana... depois ela já passou a aumentar, me deu de quinze... E daí em diante ela pegou... Falou: Olha, A., você vai ter que ir pro INSS. Eu vou ter que te mandar pro INSS. Foi por onde eu passei por perícia, e sendo afastada durante noventa dias. E de noventa em noventa dias eu vou lá, retorno lá no INSS pra poder fazer perícia. E assim tô, até hoje, afastada”

Este é mais um caso de psicopatologia mais estruturada, diferentemente do caso anterior quanto à natureza da sintomatologia. Os dados de 1990 (ver formulação diagnóstica do caso) e os dados do presente estudo mostram que esta participante desde muito precocemente (gravidez) até a época da entrevista foi submetida a muitas adversidades crônicas e circunstanciais que devem ter influenciado o aparecimento da sintomatologia (GRAHAM, 2001, p.229). A impressão é que a evolução, nesse caso, poderá ser desfavorável devido à possibilidade das estruturas psíquicas, como a afetiva, estarem muito afetadas e também porque o contexto onde A. está inserida parece estar vulnerável pela presença de adversidades simultaneamente nos vários níveis do sistema. Tudo isto indica a necessidade, além dos medicamentos, de outras intervenções difíceis de serem colocadas em prática.

- Alguns integrantes se culpabilizaram pelos ‘fracassos’ na vida.

Alguns deles se responsabilizaram ‘duramente’, por exemplo, pelos fracassos escolares. M.A.A.S., reg. 3, explicou assim os problemas escolares apresentados por ela: “ *Acho que é porque eu, assim, eu guardava... Eu num tirava as minhas dúvidas [...] Não. Não tirava. Então, eu ficava com as minhas dúvidas. Não tirava com nenhum professor [...] Ah, assim... Acho que devido à timidez, eu num tinha aquela... Entendeu? Aquela liberdade de*

perguntar, né? De tirar... Isso aí [...] Ah, talvez tinha, mas a vergonha, a timidez... deixava... Aí eu cabava, ficava com a dúvida, mês [...] Acho que se eu tivesse me aproximado mais das professoras... Se eu num tivesse queixado tanta dores... né? Com certeza eu ia aprender mais, eu ia aproveitar mais”.

L.C.C., reg. 4, explicou as reprovações escolares da seguinte forma: *É porque eu tinha que trabaiá, né, às vezes, né? Preguiça [...]. E eu... Tamém é porque eu acordava tarde, né, tamém... Vencido [...]. E ... Causa eu tamém arrumei filho cedo, né?”*

As explicações de P.L.F., reg. 7, para não ter feito o 2º grau: *“Ah, eu nunca pensei, não, mas é sem-vergonhice da pessoa mesmo [...]. É sem-vergonhice. A preguiça, o cansaço...[...] Ah... Eu penso. No ponto de vista meu e de qualquer uma pessoa [...] Porque eu acho assim: querer é poder. A gente tem que pensar e fazer as coisas boas. Se a gente pensasse em fazer coisas boa, nada disso ia acontecer. Nada disso... né? [...] E eu num estudei porque eu engravidei. E deu uns poblema na gravidez. Mas...”*

R.F.S., reg. 8, deu as razões para ter parado de estudar; *“Porque eu, pela minha idade, entendeu? Era pra mim já ter formado, tá trabalhando num serviço bom, entendeu? Tranquilo... Mas foi por minha causa, mesmo. Muita das vez, tinha vez que... entendeu? Foi por causa do trabalho. Mas muita das vez eu num tive aquele esforço total, mesmo, pra [...] no estudo.*

L.P.J., reg. 13, analisou as reprovações dizendo: *Eu achava que eu que era culpada, mas... Ah, num...[...] É... Que a culpa era minha, mesmo”.*

Perguntei a ela se a responsabilidade não poderia ser da escola, da professora. Ela disse: *“Não, porque, tipo assim, várias crianças passavam, na sala. Só eu que... Tipo assim, eu que não, então a culpa era minha. Entendeu?...”*

Destaca-se nesses depoimentos o rigor excessivo e ao mesmo tempo a ingenuidade, como essas pessoas se culpam e se punem pelo fracasso. Como se sabe, uma das estruturas psíquicas importantes que se desenvolve plenamente durante a infância e adolescência é o auto-conceito. Nesses casos a chance do auto-conceito de cada uma dessas crianças ter ficado prejudicado foi muito grande. Este impacto negativo em uma estrutura tão importante pode influir negativamente nos desejos dessas pessoas, contribuindo para diminuir os investimentos no mundo externo, dificultando assim o desenvolvimento pessoal de cada uma delas.

- Algumas integrantes relataram a experiência negativa de uma gravidez não

desejada e o abandono pelo companheiro.

Algumas participantes falaram sobre as experiências que tiveram com a gravidez. P.I.S.L. reg. 17, falou “*Mas, assim, a questão de ter um filho agora pra mim foi um choque. Porque... Tudo bem que a minha mãe fala assim: Ah, mas cê foi irresponsável. Deveria ter sido mais responsável e evitado o filho. Mas já que eu num fui e aconteceu, nó! Eu acho que eu ainda não acostumei, até, eu acho. Eu num me sinto, assim, mãe, ainda. [...] Eu faço tudo. [...] Mas é como se fosse tudo muito automático. Uma coisa que cê tem que fazer, que 'cê faz... É engraçado, né? [...] Mas, assim, foi mais difícil acho que por isso. Porque o pai dele num deu assistência... [...] ... num quis saber, nem nada. [...] Ah, eu fico triste. [...] Psicologicamente, eu fico triste, porque eu queria que não tivesse sido assim, dessa forma... Eu nunca pensei que eu fosse ser... Não, assim, uma mãe solteira; eu não me vejo uma mãe solteira, não. Mas, assim, criar um filho sozinha, sem a ajuda do pai... O que mais me deixa chateada, angustiada é o pai não querer saber do filho dele. [...] Ele nem conhece! O filho... [...] É! Era namorada e quando eu falei que tava grávida ele simplesmente sumiu. [...] E isso mexeu comigo, mesmo, sim. Em todos os sentidos da minha vida. Eu acho que psicologicamente, emocionalmente, tudo. Eu fiquei abalada, sim. No início, se a minha mãe não tivesse me ajudado muito, igual, meu pai... A estrutura que eu achava que eu tinha, eu comecei a perceber que u num tinha mais. [...] Ainda bem que eu tive o apoio deles, porque eu perdi, assim, o apoio da pessoas que cê tá junto, se cê perder o seu pai e a sua mãe, cê fica sem rumo”.*

Várias mulheres nesse estudo, como a P.I.S.L., se queixaram de terem sido abandonadas pelos companheiros após engravidarem. E mais, engravidaram ainda muito jovens. Outras, apesar de muito jovens, se separaram precocemente e já com filhos. Esses fatos, além de se constituírem situações estressantes, que afetam emocionalmente essas mães, assim como as crianças, cuja saúde, crescimento e o desenvolvimento podem ser comprometidos. Isto porque, à medida que estas crianças são criadas, predominantemente por essas mães sozinhas, sem o apoio dos pais, essa situação, se constitui em mais um fator de risco, entre muitos outros, aos quais essas crianças são expostas.

É importante destacar que, em algumas situações, aconteceram interações entre fatores de risco de naturezas diferentes, os quais podem ter mudado o curso evolutivo do quadro apresentado pelos integrantes. Estes ocorreram:

-na adolescência porque justamente nesse período do ciclo de vida

aconteceu a interação da situação de privação, que caracteriza a Exclusão Social, com as drogas, potencializando a violência urbana, o que precipitou a mortalidade de muitos jovens da comunidade.

- em algumas famílias, onde além de outros fatores de risco como a pobreza, a presença de alcoolismo materno e a violência doméstica, influenciaram o aparecimento de condutas anti-sociais em integrantes do estudo.

Até agora, neste capítulo, focalizei a experiência dos sujeitos da amostra com os fatores de risco e os possíveis impactos negativos destes. Entretanto, é importante e oportuno neste momento introduzir a discussão da influência dos fatores protetores sobre as pessoas. As pessoas evoluem de forma diferente quanto às conseqüências apesar de viverem em ambientes semelhantes. Neste sentido, constatamos que:

- Muitos integrantes do estudo relataram a influencia positiva dos fatores protetores em suas vidas.

Como vimos os fatores protetores reduzem a probabilidade de uma desordem aparecer (BARKER, 2004, p.211; PARKER, 1988, p.1262). Isto parece ter ocorrido com alguns participantes do estudo os quais apesar de experimentarem muitas adversidades presentes no sistema ecológico me parece também que tinham certa proteção. Por exemplo, M.A.S., reg. 36, se refere à família, a mãe e ao pai alcoólatra: *“Apesar de a gente brigar muito, a gente é muito unido, a gente de muito aquilo de assumir a dor do outro, de compra a briga do outro, acho que isto dá um conforto pra gente, saber que a gente a qualquer momento a gente pode olhar para trás, abraçar as minhas irmãs, meus pais. Meu pai apesar de ser alcoólatra ele é bem carinhoso com a gente, a minha mãe é um amor de pessoa. Eu acho que a gente é o que é hoje, por causa da minha mãe, porque a minha mãe é uma pessoa muito forte.”* Pedi para M. falar sobre o que ela considera ‘ser forte’, ela respondeu: *“ O que eu chamo de forte. Só de agüentar o meu pai bebendo do jeito que ele bebe, e até hoje ele tem aquela coisa de adolescente de dormir fora de casa, ele não tem muito juízo não [...]. A bebida atrapalha muito o meu pai”*.

Pedi a M. para falar sobre seu pai *“ o lado positivo dele é a questão do carinho. Meu pai é um homem muito amoroso, quando ele não está bêbado, ele é muito apegado à gente,*

ele é aquele tipo de homem, que não tem medo de dizer que ama a gente, chega à noite ele tá meio tonto, dá beijinho de boa noite, pega as crianças fala que ama, os netos [...] O que atrapalha mesmo é a questão da bebida, deixa ele relaxado, preguiçoso, e gente tem que desdobrar fazendo as coisas. Ele costuma, às vezes, passar susto na gente. Chega machucado em casa porque o assaltante pega, bate. A gente passa um pouco de medo de perder ele...”

P.P.S., reg. 14, se refere a Deus, à mãe, aos vizinhos como agentes protetores. Sobre Deus: *“Num sei... Ah, acho que pra mim foi normal, né? [...] Porque... Eu falo que Deus cuidou da nossa família, porque, mesmo a gente criada dentro da favela, a gente... Graças a Deus, nenhum de nós se perdemos na prostituição, no tráfico, nem morreu assassinado, nem nada, sabe? [...] Isso. E mesmo assim... É Deus cuidando, né? Da nossa família. Eu falo que Deus cuida porque Deus cuida. Porque uma família criada, quatro filhos, só com a mãe... Porque a minha mãe trabalhava, né? A gente ficava... Não trancado. A gente tinha a chave do portão. Então, se a gente quisesse ficar na rua o dia todo e na hora que minha mãe tivesse pra chegar entrasse pra dentro... Mas não, sabe? Graças a Deus, nunca... Na minha família num tem caso de maconha, num tem caso de prostituta, num tem caso de quem teve que ganhar a vida traficando, entendeu? Prá glória de Deus, isso [...].*

Ah, num sei. Pra mim, é Deus, mesmo, porque meu irmão, ele tinha acesso. Ele ficava no meio desses tipo de pessoa... Eu mesmo ficava no meio desse tipo de pessoa...[...] Pra mim, é Deus. Eu falo... Hoje tudo eu atribuo a Deus. Eu falo: É Deus que cuida da minha família. Porque, minha mãe, ela trabalhava o dia todo. Porque minha mãe chegava em casa seis horas da noite. Já chegava direto pro fogão. Então é Deus cuidando, mesmo [...].

Entendeu? Então eu falo que é Deus cuidando. E minha mãe, assim, ela nunca foi daquelas, assim, de sentar e conversar. Vamo conversar: o mundo é assim, assim, assim e assim, ó. Hoje, não. Eu já falo com a minha filha. Inclusive, ela falo comigo: Mãe, cuidado! Ó, a senhora tá vendo o que tá acontecendo. E eu já converso com ela. E lá em casa já num tinha disso, porque minha mãe... Hoje eu entendo. Minha mãe era muito... Num é que ela é nervosa, é que... Hoje eu, na posição de mãe e na posição de quem muitas vezes eu tenho que trabalhar e chegar em casa já cansada e por a comida não só no armário, como por pronta da mesa, eu vejo, né? A dificuldade. Então a gente não tinha esse diálogo entre família, sabe? Então eu atribuo isso a Deus, mesmo. Deus cuidando, Deus tratando da nossa família.

[Risos.]”

Sobre a mãe: “Olha... Porque a nossa família é muito unida. Quando eu falo família, eu falo eu, minha mãe e meus irmãos. Nós temos uma união muito grande. Graças a Deus. E eu atribuo isso a... Mesmo a minha mãe se estressando o dia todo, chegando cansada, indo direto pro fogão, indo arrumar a casa... Porque a gente era tudo criança... Criança só faz bagunça. E mesmo assim ela ganhava... Muitas vezes ela ganhava na rua... Porque a minha mãe começou na SLU. Ela fez um concurso, o concurso... Hoje tudo é o estudo, né? Antes foi na corrida da PUC. Num sei se o senhor lembra disso, da corrida da SLU da PUC... E minha mãe era um fiapinho de magreza! Minha mãe era sofrida, e ela conseguiu a vaga na Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) correndo na PUC [...] (eram admitidos os primeiros colocados na corrida). E ela conseguiu essa vaga e ela trabalhava na rua. Então, se ela ganhava uma banana na rua, ela não comia essa banana. Ela chegava em casa, descascava e cortava em quatro pedaço. Eu me lembro como se fosse hoje. Então ela ganhava uma maçã, ela partia essa maçã em quatro parte. Hoje eu não deixo a minha mãe fazer isso mais porque, além de nós ser adulto, né, eu... Assim, o que eu puder fazer pela minha mãe, eu faço, né? Porque ela... A gente sempre ficava... Cada um comia aquela bandinha da maçã e a minha mãe não ficava nem olhando, né? Então eu atribuo isso ao carinho da minha mãe. Mesmo ela se estressando... A gente apanhou muito... Eu não me importo de ter apanhado... A gente apanhava de mangueira, a gente apanhava de fio... Hoje eu não... Antes, a gente ficava com raiva. Hoje eu já não me importo de ter apanhado. Hoje eu falo que a surra da minha mãe foi uma lição de vida pra nós, porque a gente apanhava, então a gente fazia as coisas erradas, sabia que não podia fazer... Tipo, errada das coisas lá de casa. Sabia que não podia fazer, que ia apanhar... E minha mãe corrigia a gente debaixo do chicote, debaixo do couro, mas tinha aquele carinho o dia que ela recebia... Tinha aquela regalia das frutas, dos biscoitos, naquele dia... Depois passava, não tinha mais. Mas naquele dia que ela recebia ela mostrava carinho, ali, com biscoito, com uma fruta. Ela fazia questão de trazer um pra cada um... Antes era Mirabel, hoje é Waffer. Trazia um pra cada um... O que ela podia fazer, o que ela sabia que a gente gostava, um pãozinho, uma broa, ela trazia um pra cada um... Entendeu?”

Sobre os vizinhos: “Tipo... Chega no meio do mês, aí você precisa de um copinho de açúcar, uma colherzinha de café... Aí os vizinhos tá sempre lá. Até hoje tem a P., que ajudava muito minha mãe... Quando ela chegava lá em casa e via que estava faltando as coisas, ela ia lá na casa dela, pegava escondido dos fios dela, tudo criado, já, e levava pra minha mãe...

Ajudava com uma sopa, ajudava com uma comida pronta, ajudava com uma comida sem ser pronta...”

No caso de G.M., reg. 20, me parece a mãe que assumiu o papel protetor: *“Eu me lembro. Me lembro. [...] Vendo aquela situação, querendo fazer alguma coisa, só que cê oiava pra mim, assim, eu era pequeno...[...] Num tinha nem completado pra ser de maior, já. Nem pensava em ficar de maior... Vendo aquela situação, assim, em casa, assim... Meu pai querendo bater na minha mãe... Vendo aquela situação, eu falei assim: Ah... Já pensava até em sair de casa.[...]”*

É. Tanto de dificuldade... Hoje, então, era pra tá vivo, ma era pros irmão... pra mim, que eu, principalmente... era pra tá tudo na bandidagem ou já morto, ou tá na cadeia ou virado ladrão. [...]

O que fazia... É porque eu olhava... Eu num só olhava não só pra mim se eu fosse entrar na bandidagem. Eu, vendo assim, eu num olhava só pra mim. Eu olhava prá minha mãe. [...] Eu olhava prá minha mãe e via assim: Se eu foi na bandidagem... Minha mãe já sofreu muito. Já foi... Tava sofrendo. Se eu for prá bandidagem, vou fazer ela sofrer mais ainda![...]”

G. continua a descrição da experiência: *“Aí eu fui, falei assim: Ah, não. Num vou querer andar com bandidagem, não. Ficava... Tipo assim, ficava no meio dos cara, mas eu... no momento, eu parava... Quando eles vinha pra me oferecer alguma coisa, eu parava pra pensar e falava assim: Se eu for fazer isso, e se a minha mãe ficar sabendo, um: vai trazer problema pra ela, já tá com mais problema, vai trazer mais problema pra ela. Então, parava, assim: Não, muito obrigado... É ocês pra lá, e eu num curto isso... Aí eu ficava assim...”*

Posso citar também os participantes L.C.C, reg. 4, e P.I.S.L., reg. 17; sobre os quais parecem ter atuado fatores protetores, em ambos os casos, os pais. Estes conhecimentos sobre fatores protetores contribuem para a compreensão do aparecimento e evolução da sintomatologia, mas também auxiliam na elaboração de medidas tanto de prevenção quanto de intervenção em ambientes desfavoráveis.

Ainda dentro desse tema dos fatores protetores, em outros depoimentos alguns participantes falaram o significado para eles de terem participado de projetos que estavam sendo desenvolvidos na comunidade. Por exemplo, M.A.S.S., reg. 3, falou sobre o projeto que participou: *“Nossa! Muito bom! Tudo de bom! [...]. Todos! Ali, as amizades... ali, o trabalho deles... Nossa! A conversa que eles tinham com a gente, a palestra, os cursos...”*

Era muito bom! Né? Então, assim, eu sempre fui apaixonada por futebol, então aquilo ali, pra mim, era tudo o que eu queria, né? ‘Tá jogando ali. O que num era bom era sempre as brigas que tinha, né? [...] Ah, briga entre os colegas, mesmo, né? E falta de água, do banheiro... né? Então, ali era muito aberto, então deixava as coisa, roubava... Então num tinha aquela sala, assim, apropriada pra deixar os objetos, não [...] Também brigas, foram muitas brigas...”

Um último exemplo que mostra a importância dos fatores protetores e que penso que é pertinente destacar é a experiência da participante S.G.B., reg. 16, que foi para Portugal. Pessimista quanto ao seu desenvolvimento pessoal aqui no país conforme suas palavras em dois momentos da entrevista, afirmou:

“[...] O que eu sei é que eu tive aquela vontade, assim, de sair do Brasil, mas eu gostava do Brasil. Mas era mais porque eu ia prum lado, num dava; eu ia pro outro, num dava”.

E em outro momento disse:

“ no Brasil, se a gente for ver, no Brasil há tudo! [...]”

Há tudo, mesmo! Há riquezas... E por que, essa riqueza, ela não é dividida? Por que que o governo num faz alguma coisa, não toma uma... Porque senão daqui uns dias vai ser tipo uma guerra civil. Então acho que vai do governo, mesmo, pra melhorar o Brasil. Porque o Brasil há tudo! [...] Quer dizer, há muitas saídas, né? Há muita plantação de soja... Então a gente fica vendo que o Brasil é um país muito rico, mas é um país que num... né? Há tudo! Igual, a gente fica aqui assim: Puxa, no Brasil há tudo, tudo, tudo, tudo, e por que nós estamos aqui? (em Portugal) [Risos.]”

S.G.B. ao sentir que não mudaria o contexto onde vivia arranjou uma alternativa mudando-se para outro contexto com mais equilíbrio social onde ela pudesse estar mais protegida. Parece que está conseguindo êxito, pelo menos em termos econômicos, ao fazer o caminho inverso dos colonizadores. Como consta na entrevista, ela já comprou um apto para a mãe, localizado no centro de Belo Horizonte.

Deste modo, no que se refere à interação entre fatores de risco e fatores protetores, o possível curso evolutivo de quadros apresentados pelos integrantes sofreu modificações em algumas situações quando na presença de fatores protetores. Estes podem minimizar os efeitos adversos de fatores de risco, o que pode explicar a resiliência e as evoluções mais

satisfatórias, pelo menos sob alguns pontos de vista, de alguns componentes da amostra.

Para finalizar, investiguei também a escolaridade, profissão e renda da amostra em 2008. Estes dados dos entrevistados estão na tabela 7. A escolaridade da amostra não era satisfatória. Apenas um participante terminou uma faculdade particular de duração de 2 anos e 6 meses. Outra integrante está cursando uma faculdade particular uma vez por semana à noite (educação a distância).

Além disso, é pertinente chamar a atenção para o fato que, a partir de 1995, foi implantada a Escola Plural no município de Belo Horizonte. A Escola Plural possibilitou uma progressão escolar com mais facilidade porque as avaliações escolares deixaram de existir regularmente. Isto ajuda a explicar o uso inadequado da língua portuguesa por parte de muitos participantes da pesquisa, os quais apesar de terem até mesmo concluído o 2º grau, apresentavam um uso incorreto da língua portuguesa.

Este problema poderia ter sido resolvido com uma avaliação adequada e com propostas pedagógicas de correção dos problemas encontrados o que, entretanto, não aconteceu. Na verdade as pessoas melhoraram o grau de escolaridade, o qual, entretanto, não se acompanhou, paralelamente, do mesmo grau de aquisição de conhecimentos, até mesmo básicos, como o emprego adequado da língua.

Tabela 7 – Escolaridade em 1993 e escolaridade, profissão e renda atuais da amostra (2008)

Nome	Número de registro	Escolaridade Série 1993/atual (2008)	Profissão	Renda
D.C.S.	2	4ª /2º grau completo	Telemarketing	R\$ 860,00
M.A.S.S.	3	3ª /2º grau completo	Balconista padaria	R\$ 430,00
L.C.C.	4	2ª /1º grau completo	Loja de acessórios para carro	R\$ 700,00
P.L.F.	7	2ª /1º grau completo	Garçone	R\$ 500,00 a R\$ 1.000,00)
R.F.S.	8	2ª /7ª série completa	Lava-jato	R\$ 425,00 a R\$600,00)
E.B.S.	9	2ª /2ª série incompleta	Sem profissão, preso	0
M.I.G.M.	11	1ª /1ª série (1º grau) incompleta	Faxineira; não trabalha	0
R.E.M.	12	2ª /3ª série (1º grau) incompleta	Trabalhador rural	R\$ 680,00
L.P.J.	13	2ª /1º grau completo	Balconista	0
P.P.S.	14	3ª /3ª série (2º grau) incompleto	Faxineira	0
E.A.V.	15	4ª / 2º grau completo	Empregada doméstica	R\$ 400,00
S.G.B.	16	4ª /1º grau completo	Empresária, modelo, publicidade	R\$ 3.000,00
P.I.S.L.	17	4ª /3º grau em andamento (faculdade de administração)	Vendedora	± R\$ 450,00 (mais comissão, R\$ 700,00)
E.M.R.	18	3ª /3ª série (2º grau) incompleta	Babá	R\$ 120,00
D.S.L.	19	1ª /Analfabeta	Não tem profissão	0
G.M.	20	3ª /3ª série (1º grau) incompleta	Faxineira	R\$ 360,00#
A.S.F.	22	3ª /7ª série incompleta	Não tem profissão	0
R.C.S.L.	25	3ª /3º grau completo (tecnologia e banco de dados; 2 anos e 6 meses)	Estágio na área do curso	± R\$ 400,00
C.L.O.	28	3ª /2º grau completo	Trabalha na Oi	± R\$ 450,00
M.R.G.	31	2ª /2ª série (1º grau) completa	Não tem profissão	assassinado
A.P.S.	32	2ª /1º grau completo	Armador de ferragem	R\$ 500,00
A.P.G.	33	4ª /2º grau completo	Balconista de padaria	R\$ 415,00 *
E.B.C.	34	4ª /2º grau completo	Vendedora	R\$ 500,00
L.P.S.	35	2ª /6ª série completa (1º grau)	Faxineira	R\$ 400,00
M.A.S.	36	4ª / 2º grau completo	Setor administrativo de imobiliária	R\$ 600,00
E.C.B.	37	2ª /2º grau completo	Atendente de uma casa de lanches	R\$ 400,00 a R\$ 500,00

(seguro-desemprego); * afastada INSS por doença

Situação semelhante aconteceu com a profissionalização. Em geral a amostra ficou muito prejudicada no que se refere à qualificação profissional. A baixa escolaridade combinado com a qualificação profissional inadequada impediu essas pessoas de

progredirem, de aspirarem melhores salários. Esses fatos acabam por aprisioná-las num padrão de vida de qualidade muito ruim, não desejável e extremamente difícil de ser mudado.

É difícil prever os sentimentos e pensamentos que essas situações despertam nas pessoas individualmente. Entretanto, arrisco a dizer, numa tentativa de ser o porta-voz desses cidadãos, que tudo isto tem representado uma fonte de frustração crônica para essas pessoas e tem contribuído para a perda de esperança e o surgimento do desencanto, com o aparecimento de tristeza, de raiva, agressividade, devido a uma vida vivida no limite.

A tabela 7 mostra que a renda dos integrantes da amostra do estudo é muito baixa. A combinação da pouca escolaridade com a pouca qualificação profissional têm como conseqüência uma renda que não desejamos para nossos filhos e, portanto, para nenhum cidadão desse país. Este fato obviamente é agravado porque o salário mínimo do trabalhador no país é insuficiente o que contribui para que os salários dessas pessoas se mantenham em níveis muito baixos. A única participante que teve realmente um aumento salarial foi a que deixou o Brasil para trabalhar em Portugal, porém para isto acontecer, está tendo que enfrentar a saudade de todos os dias causada pela enorme distância de familiares, no caso a mãe, irmãos, amigos.

Enfim, acredito que os dados descritos sugerem que a condição social da amostra estudada permanece preocupante, depois desses 18 anos. O balanço é muito negativo. Além do que vimos acima, dos 26 integrantes do estudo de 1990, um está morto (assassinado, dois irmãos, inclusive uma irmã, também assassinados e outro preso); outro está foragido da justiça (suspeito inclusive que tem um quadro psicopatológico comportamental, não tem profissão e tem pouca escolaridade), um está preso em uma cela de uma penitenciária, e me parece que permanece o tempo todo no interior da mesma, vivendo isolado, segregado (tudo indica que tem uma psicopatologia comportamental, não tem escolaridade, não tem profissão e não está sendo preparado para viver aqui fora quando estiver em liberdade).

Além disso, me parece ainda que a maioria enfrenta no cotidiano múltiplos estresses, em seqüência, responsáveis pelos inúmeros transtornos emocionais e/ou comportamentais associados a esses estresses, os quais contribuem para disfuncionar essas pessoas. A constatação desses múltiplos estresses experimentados por um único cidadão ao longo dos diferentes períodos do seu ciclo de vida é um dos achados mais significativos desse estudo.

O sofrimento psíquico apresentado por estas pessoas é uma marca desse estudo. Estes sofrimentos psíquicos foram pontuais ou crônicos e, muitas vezes, deixaram seqüelas nas

estruturas psíquicas desses sujeitos como verificado em várias entrevistas; entre elas cito A.P.G., reg. 33; M.I.G.M., reg. 11; P.P.S. reg. 14; D.S.L., reg. 19; M.A.S.S., reg. 3.

As evidências indicam, portanto, que os integrantes do estudo, agora na idade adulta jovem, estão comprometidos em vários aspectos essenciais de suas vidas e a inserção social dos mesmos está fragilizada o que os tornam vulneráveis e predispostos a outros agravos.

O que mais me surpreende é que a grande maioria, apesar de todas as adversidades e todos os impactos, está trabalhando e tentando levar uma vida honesta, muitas vezes em condições de trabalho muito difíceis e com os baixos salários como relacionados na tabela 7. Infelizmente esta estratégia de “adaptação” pacífica dessas pessoas às adversidades, em última análise, é o que desejam muitos segmentos da sociedade indiferentes ao quadro descrito. Esta estratégia adaptativa para estes não tem valor simbólico, portanto, não sensibiliza, não é compreendida e reconhecida como um problema social.

Desde quando comecei a idealizar este estudo percebi que estava diante de um fenômeno social, excludente, que provocava impactos biopsicossociais sobre os indivíduos em diferentes períodos do ciclo de vida. Para atingir estes objetivos, no decorrer deste estudo, procurei identificar as partes desse fenômeno, ou seja, as origens, os fatores de risco implicados, como estes poderiam causar os impactos e para isto decidi acompanhar um grupo de pessoas que sofreram estes impactos ao longo de um tempo até a idade adulta jovem.

Acredito que este estudo conseguiu juntar essas partes desse fenômeno, dando-lhe uma unidade, e esta é a grande contribuição dessa pesquisa. No próximo capítulo, o das conclusões, esclareço esta afirmação.

7 – CONCLUSÕES

A primeira conclusão está relacionada especificamente à amostra do estudo.

A amostra pesquisada se apresentava com grande dificuldade de inserção social na idade adulta jovem.

O esquema explicativo para este fato é constituído pela articulação de diferentes fenômenos observados durante o estudo e pode ser resumido da seguinte forma:

As idéias e as práticas do fenômeno da Exclusão Social transplantadas para o país ao longo da colonização foram responsáveis, durante a formação da sociedade brasileira, pela produção de muitos fatores de risco.

No caso da amostra estudada estes fatores de risco atingiram as pessoas em todos os períodos do ciclo de vida sendo que uma única pessoa foi exposta, simultaneamente, a muitos fatores adversos em um único período do ciclo.

As conseqüências da exposição a esses fatores foram os múltiplos sintomas biopsicossociais pontuais e ou crônicos, reativos e ou internalizados, apresentados pelos integrantes do estudo em todos os períodos do ciclo.

Ao atingirem a idade adulta jovem os sujeitos, além de serem portadores de impactos dos períodos anteriores, ainda continuavam expostos à muitas outras adversidades de natureza diversa mantidas pela ideologia excludente. O resultado dessa seqüência de eventos negativos sobre os integrantes da amostra foi a inclusão social fragilizada.

A segunda conclusão está relacionada ao conjunto de vilas e favelas onde viviam os integrantes do estudo.

Nesse contexto foi constatada uma mortalidade significativa de adolescentes assim como muitos relatos sobre violência.

Neste caso, o esquema explicativo, foi a ocorrência de uma interação sinérgica entre os fatores de risco. De um lado estava o fator de risco, a droga, e, do outro, os múltiplos fatores de risco e os múltiplos impactos biopsicossociais produzidos pelo fenômeno da exclusão sobre as pessoas. O resultado dessa interação perversa foi o aparecimento da violência.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Antes de terminar gostaria de fazer duas observações: A primeira relacionada à generalização das conclusões da pesquisa e a segunda no que se refere às sugestões para prevenção e intervenção.

Generalização das conclusões: Laville e Dionne (1999, p. 156) “afirmam que a principal censura feita ao Estudo de Caso é de resultar em conclusões dificilmente generalizáveis [...]. É verdade que as conclusões de tal investigação valem de início para o caso considerado, e nada assegura, *a priori*, que possam se aplicar a outros casos. Mas também nada o contradiz: pode-se crer que, se um pesquisador se dedica a um dado caso, é, muitas vezes, porque ele tem razões para considerá-lo como típico de um conjunto mais amplo do qual se torna o representante, que ele pensa que esse caso pode, por exemplo, ajudar a melhor compreender uma situação ou um fenômeno complexo, até mesmo um meio, uma época”. As autoras têm o mesmo ponto de vista no que se refere a generalização das História de Vida.

Neste mesmo sentido Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p.174) afirmam que “a responsabilidade do pesquisador qualitativo é oferecer ao seu leitor uma ‘descrição densa’ do contexto estudado, bem como das características de seus sujeitos, para permitir que a decisão de se aplicar ou não os resultados a um novo contexto possa ser bem fundamentada. Este conceito de generalização é conhecido como ‘generalização naturalística’.

Tendo em vista essas considerações, como a pobreza e a miséria ainda estão muito presentes entre nós e milhares de pessoas com histórias semelhantes vivem ainda em condições miseráveis em centenas de favelas espalhadas por este país, a intenção desse estudo, respeitando os limites de seu desenho metodológico, é o de fazer com que as conclusões do mesmo possam contribuir para a elaboração de propostas de abordagem, generalizáveis, que alcancem as milhares de pessoas acometidas.

E esta contribuição, torna-se mais real na medida em que é possível, ao analisar a evolução dos casos descritos no estudo, perceber certa repetição e uniformidade desses quadros quanto à evolução, suas origens, quanto aos fatores de risco, os impactos produzidos e quanto ao prognóstico, o que possibilita assim pensar em prevenções e intervenções.

Detalhando melhor e levando em consideração o que se observa em cada caso pode-se afirmar que o curso evolutivo em geral é o seguinte:

A **origem**, como vimos, está na ideologia excludente construída historicamente e presente nos diferentes níveis de governo e da sociedade brasileira. Esta ideologia está implícita nos conteúdos das políticas públicas, nas instituições públicas, na mente e comportamento de muitas pessoas encarregadas de executá-las e até mesmo espalhadas entre os cidadãos em diversos setores da sociedade.

O **contexto** comunitário onde em grande parte a Exclusão Social se expressa de forma mais marcante é caracterizado por moradias precárias, com poucos cômodos, com problemas de saneamento, água, energia elétrica, e coleta de lixo. Nele faltam equipamentos sociais ou estes existem em pequeno número, como creche, pré-escola, escolas e centro de saúde, grupos de apoio. Muitos equipamentos sociais não são de boa qualidade. Muitas vezes as moradias são construídas nas encostas dos morros, próximos aos córregos. Faltam espaços para lazer, esporte, artes e cultura, assim como cursos profissionalizantes. Geralmente existe violência, abuso e tráfico de drogas, os quais podem, inclusive, ser generalizados na comunidade.

Os **moradores**, em geral, tem baixa renda ou são desempregados, têm pouca qualificação profissional e baixa escolaridade. Muitos tem história de serem migrantes, como resultado ainda do êxodo rural. A maioria de cor negra ou descendentes de negros e até mesmo de índios. As **famílias** ainda são numerosas, as moradias são superpovoadas, existem mais estresses no ambiente familiar como desarmonia, violência. São mais freqüentes as doenças físicas e/ou psíquicas nos pais os quais fazem uso freqüente de medicamentos como antidepressivos e ansiolíticos. É comum mais doenças nos irmãos, assim como falecimentos. Os acidentes também são mais comuns. Usam com maior freqüência os serviços de saúde. Muitas mães criam os filhos sozinhas sem companheiro e trabalham fora de casa. Muitas delas são adolescentes. Os pais geralmente usam métodos físicos, punitivos, na criação dos filhos, conversam pouco com os filhos e lêem pouco para eles. Os moradores, na sua maioria, não participam de movimentos comunitários reivindicatórios ou políticos. Existe muita divisão na comunidade.

As **gestações** nem sempre são desejadas e/ou planejadas. Acontecem muitas intercorrências como tentativas de abortar, hemorragias, hipertensão, depressão e asma, hospitalizações, uso mais freqüente de medicamentos, drogas, álcool e fumo, experiências estressantes como violência doméstica, excesso de trabalho. Muitas gestantes se alimentam mal. Acontecem mais abortos espontâneos.

Ao **nascimento** nascem mais crianças prematuras e de baixo peso. Acontece mais intercorrências no parto como traumatismos, hipoxia, transtornos respiratórios, distúrbios metabólicos, etc. Muitas crianças tem infecções no período neonatal, permanecem internadas nesse período. Muitas mães desenvolvem depressão pós-parto; a amamentação muitas vezes dura pouco tempo.

No período de **lactente e pré-escolar**, muitas vezes, essas crianças apresentam desnutrição de graus diversos, assim como deficiências de vitaminas e de ferro o que provoca anemia ferropriva. Apresentam mais infecções respiratórias, otites agudas e crônicas, asma, infecções intestinais e parasitoses intestinais. Tem mais acometimentos de pele como a escabiose, pediculose, impetigo. Com mais frequência são vítimas de negligência, abuso psicológico, físico e abuso sexual. Geralmente o desenvolvimento nesses períodos dos seus ciclos de vida também está afetado em setores como a linguagem, motor fino, cognitivo, etc. Apresentam mais transtornos reativos (transtornos de ajustamento). São levados aos serviços de saúde com muita frequência. Quando apresentam doenças crônicas ou malformações, seqüelas neurológicas, todas mais comuns nessa população, os cuidados dessas crianças ficam prejudicados, inclusive a administração de medicamentos, a adesão ao tratamento é afetada e apresentam mais recidivas. São hospitalizados mais vezes. A mortalidade nesses primeiros períodos do ciclo de vida ainda é alta. A maioria não frequenta creche e pré-escola.

No período **escolar**, cuja marca é a entrada para a escola, elas já apresentam os impactos dos inúmeros fatores de risco aos quais estiveram expostos nos períodos anteriores, ou seja, é muito comum, simultaneamente, uma mesma criança apresentar: desnutrição ou atualmente a obesidade, anemia ferropriva, cárie dentária, parasitose intestinal, déficits no desenvolvimento como linguagem e fala, cognitivo, motor fino. Além disso, apresentam também os transtornos emocionais e/ou transtornos de comportamento. Como estes últimos transtornos são indicadores de impactos nas estruturas psíquicas (auto-imagem, emocional, social, cognitiva, etc.) acredito que estas estruturas muitas vezes já estejam afetadas. Além disso, nesse período escolar, continuam a apresentar, com mais frequência, muitos dos problemas agudos relatados nos períodos anteriores como as infecções respiratórias, de pele, diarreias, os transtornos de ajustamento. O resultado objetivo desses impactos todos é a infrequência e a dificuldade escolar, a reprovação e muitas vezes a evasão escolar temporária ou definitiva.

No período da **adolescência** muitos já estão trabalhando precocemente, apesar de não terem qualificação profissional e a remuneração ser baixa. Mudam com frequência de empregos. Há relatos de sofrerem humilhações nos locais de trabalho. Os que continuam estudando o fazem à noite devido ao trabalho diurno. A trajetória escolar se caracteriza pela exposição a muitas adversidades relacionadas à família, à escola e à comunidade, muitas já detectadas nos períodos anteriores mas que ainda continuam presentes e outras que se apresentam como o cansaço, o agravamento das dificuldades escolares, o fracasso escolar. Constituem famílias o que aumentam as dificuldades de permanecerem na escola. São comuns também, como no período anterior, as repetências, as interrupções e mesmo as evasões escolares temporárias ou definitivas. O progresso escolar fica afetado e a grande maioria não chega à universidade pública e, quando chega em um curso superior, são faculdades particulares, às vezes de qualidade duvidosa, as quais abandonam por não conseguirem pagar as mensalidades. Durante este período da adolescência apresentam transtornos psíquicos reativos como irritabilidade, agressividade, e outros, provavelmente relacionados às inúmeras circunstâncias estressantes que enfrentam. Alguns se envolvem com o tráfico e/ou consumo de drogas e com a violência no interior e fora da comunidade. Pode acontecer de serem presos e mesmo assassinados. Muitos que cumprem pena o fazem em condições precárias e não são preparados para o retorno à sociedade o que facilita a recidiva.

Ao atingirem a idade **adulta jovem** não estão instrumentalizados adequadamente, ou seja, não têm uma escolaridade satisfatória nem qualificação profissional que garanta uma inserção segura no mercado de trabalho e mesmo progressão. Além disso, é bastante provável que tragam as marcas das adversidades enfrentadas nos períodos anteriores impressas nas estruturas psíquicas como baixa auto-estima, dificuldades nos relacionamentos sociais, propensão a ansiedade e depressão, etc. Nessas condições a inclusão social, quando existe, tem enorme chance de ser frágil. Isto, por sua vez, agrava a própria situação do sujeito o que pode, a partir desse período do ciclo de vida, desencadear a sua auto-exclusão social. Os sujeitos aprisionados dessa forma pouco ou nada podem fazer para agir sobre as origens do fenômeno e o mesmo então se perpetua.

Penso que o quadro descrito acima, que estou denominando “**Síndrome da Exclusão Social**” apresenta, apesar da complexidade e das muitas variações possíveis, um eixo

principal, que tem certa regularidade e previsibilidade em toda sua evolução. A estrutura desse eixo principal é a seguinte:

A ideologia excludente construída historicamente e impressa na cultura produz a Exclusão Social que, por sua vez, causa a pobreza e a miséria. Estas, em geral, são acompanhadas de muitos fatores de risco biológicos e psicossociais os quais afetam o indivíduo em todos os períodos do ciclo de vida (gestação, parto, período neonatal, lactente, pré-escolar, adolescência e idade adulta jovem, idade adulta mais velha) produzindo múltiplos impactos biopsicossociais. A saúde e as estruturas psíquicas do sujeito, sua escolaridade e formação profissional são afetadas o que resulta muitas vezes, na idade adulta, em uma inclusão social fragilizada ou mesmo em exclusão social definitiva. Este resultado final contribui para a perpetuação do fenômeno.

A caracterização e conceituação desse quadro é importante, amplia a literatura existente sobre o tema e aponta, com certa segurança e clareza, os caminhos que devem ser seguidos para prevenção e intervenção.

Sugestões de prevenções e intervenções:

Desde o início desse estudo deixei transparecer que gostaria não apenas de descrever com detalhes o fenômeno que estava estudando e de tentar compreendê-lo, mas, também, contribuir com propostas de intervenção. Isto porque, como pediatra, trabalhando em serviço de saúde em atenção primária, em cuja área de abrangência vivem populações de maior risco de adoecer, sempre senti necessidade de ser instrumentalizado neste aspecto.

Como relatado acima na descrição da Síndrome da Exclusão Social verificam-se impactos em todos os períodos da vida da pessoa. Por este motivo acredito que a abordagem baseada no ciclo de vida possa se constituir uma ferramenta bastante adequada e eficaz nas situações descritas acima.

Abordagem baseado no ciclo de vida

O ciclo de vida oferece uma poderosa estrutura para a compreensão das vulnerabilidades e oportunidades para investimento em crianças e adolescentes. O desenvolvimento humano durante a infância e juventude não é um processo uniforme, existem períodos críticos durante o ciclo de vida. Qualquer dano significativo que ocorra durante estes períodos críticos produz efeitos particularmente severos, frequentemente

irreversíveis e entre gerações. Estes períodos sensíveis também representam janelas de oportunidades por intermédio de intervenções em uma variedade de setores.

São várias as vantagens de abordagens baseadas nos ciclos de vida. É reconhecido que:

-As intervenções são cumulativas;

-O máximo benefício em um grupo de idade pode ser o resultado de intervenções em um grupo de idade anterior; intervenção em um ponto ou em poucos pontos não é suficiente para melhora sustentável do prognóstico entre os pobres;

-Intervenções em uma geração trarão benefícios para sucessivas gerações;

Esta abordagem também permite um uso melhor de recursos esparsos ao facilitar a identificação de riscos essenciais e lacunas, e a priorização de intervenções fundamentais para ajudar a quebrar o ciclo da pobreza. Neste sentido, Corrêa *et al* (2005, p. 9) afirmam que “...na interação dos sistemas social, ecológico e biológico, embora gerando diversos riscos, cuja identificação é importante para o planejamento das ações de promoção, prevenção e recuperação da saúde, é necessário observar e trabalhar para que essa interação gere mais fatores de proteção que fatores de risco.” É o caso da abordagem baseada em ciclo de vida a qual pode ser usada e aplicada:

-Como um instrumento de avaliação para identificar lacunas e riscos negligenciados em relação aos pobres em diferentes estágios do ciclo de vida;

-Como um instrumento de planejar projetos para facilitar a priorização e seleção daquelas intervenções que influenciam riscos críticos e lacunas e aquelas que são viáveis, acessíveis, apropriadas e de custo efetivo;

-Como um instrumento de defesa e comunicação no processo estratégico de redução da pobreza e para atrair a atenção para os múltiplos determinantes da pobreza;

-Para identificar ações sinérgicas dentro e além dos diferentes setores e áreas de intervenção.

A figura 16 abaixo mostra os períodos essenciais no ciclo de vida, começando pela infância, e anos pré-escolares, seguindo através dos anos escolares, adolescência, início da

idade adulta e os anos de procriação e períodos de gravidez no caso das mulheres, e idade adulta mais velha. Cada estágio do ciclo de vida pede por intervenções prioritárias específicas.

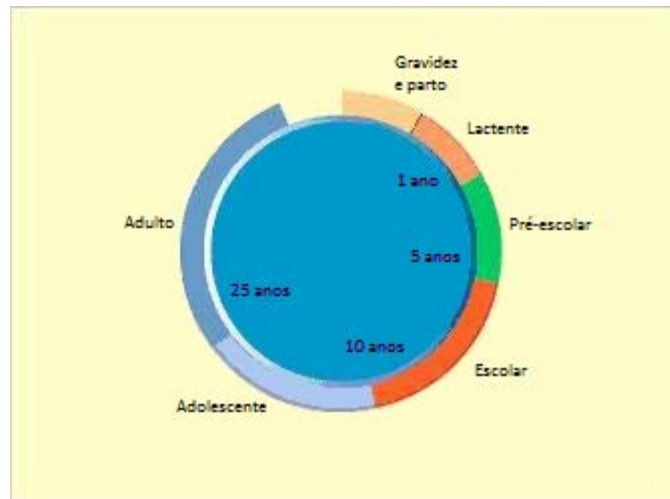


Figura 16: Períodos críticos ao longo do ciclo de vida

Fonte: World Bank

Intervenções prioritárias ao longo do ciclo de vida

Empregando o curso evolutivo da síndrome como referência para a elaboração das ações de prevenção e de intervenção temos:

Em nível da comunidade – neste caso estou considerando ações simultâneas que contemplem desde as comunidades de onde se originam os contingentes do processo migratório (interior ou mesmo zonal rural) até aquelas localizadas na região metropolitana (vilas, favelas). Nessas comunidades, apesar da especificidade de cada uma que deve ser respeitada, o que é constante são as múltiplas privações existentes denunciadas em diferentes momentos desse estudo. As propostas de intervenção dependem, portanto, de ações de diferentes setores (economia, administração, saúde, justiça, educação, engenharia, esporte, lazer, cultura, etc.) os quais devem atuar sinergicamente e terem como objetivo comum a promoção de saúde e a melhor qualidade de vida das pessoas. A consequência natural dessas ações é o desenvolvimento social das pessoas e da comunidade.

Especificamente na área da saúde, tem acontecido muitos avanços com a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) que entre seus princípios, o Controle Social, pode ser um instrumento importante de mudanças. Outra estratégia significativa e promissora está sendo a implantação do Programa de Saúde da Família (PSF).

No nível das famílias – as ações acima visando o desenvolvimento social das pessoas e da comunidade resultam em benefícios para as famílias. Além disso, os setores precisam estar estruturados para atender as famílias em momentos de crise como desarmonia familiar, divórcio, desemprego, doenças, mortes, catástrofes ambientais, etc.

Nas gestações – garantir o pré-natal, o atendimento à mulher durante a gestação inclusive quanto à saúde e alimentação, assistência ao parto e período neonatal.

No período de lactente e pré-escolar – incentivo e suporte à amamentação, garantir a alimentação, vacinas, acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, implementação da Caderneta da Criança, prevenção e pronto atendimento às crianças com enfermidades típicas desse período; estas ações fazem parte das diretrizes atuais do Programa de Atenção Integral à Saúde da Criança. Ajudar os pais a adquirirem ou aumentarem as habilidades para lidar com os filhos e serem capazes de oferecer adequada estimulação cognitiva. É fundamental garantir a educação infantil (creches, pré-escolas).

Relacionado às ações endereçadas a esses períodos iniciais do ciclo de vida é oportuno citar Engle *et al* (2007) os quais afirmam que os programas mais efetivos para o desenvolvimento de crianças iniciados precocemente oferecem experiências diretas de aprendizagem para elas e seus familiares, têm como alvo crianças mais novas e desfavorecidas, são de longa duração, de alta qualidade e intensidade e são integrados com suporte familiar, saúde, nutrição, ou sistemas educacionais e serviços.

Segundo os autores, apesar de evidências convincentes, a cobertura do programa é baixa. Para alcançar os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM) de redução da pobreza e garantia de escola primária completa para ambos meninas e meninos os governos e sociedade civil devem considerar a ampliação de programas de desenvolvimento de crianças com início precoce e que sejam de alta qualidade e custo efetivo.

Estas medidas se fazem necessárias porque os fatores de risco frequentemente atuam concomitantemente e interferem com o desenvolvimento das crianças, contribuindo para uma trajetória que inclui saúde insatisfatória, falta de prontidão para a escola, desempenho

acadêmico ruim, preparação inadequada para as oportunidades econômicas e perpetuação do ciclo de pobreza entre gerações (fig. 17).

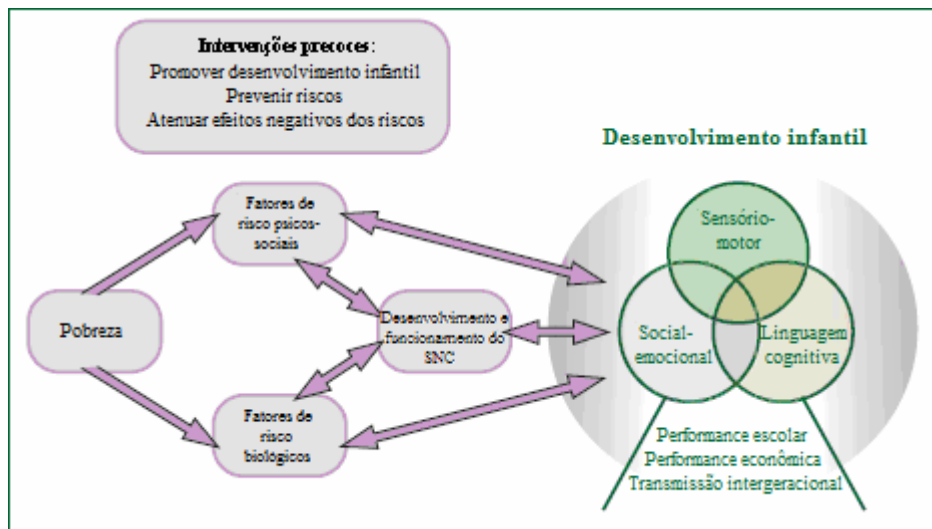


Figura 17: Um modelo conceitual de como intervenções podem interferir no desenvolvimento precoce da criança. Adaptada de: ENGLE, P.L., BLACK, M.M., BEHRMAN, J.R., MELLO, M.C., GERTLER, P.J., KAPIRIRI, L., MARTORELL, R., YOUNG, M.E. Strategies to avoid the loss of developmental potential in more than 200 million children in the developing world. *Lancet*, 369: 229-42, 2007.

Mas, continuando a escrever sobre as ações endereçadas aos diferentes períodos de vida temos:

No período escolar – devem continuar as ações visando o estado nutricional e a saúde das crianças. Juntamente com essas ações outras medidas são necessárias para garantir o progresso escolar como bolsas para as famílias. Fortalecer a infraestrutura, o material da escola e o número de vagas; o transporte escolar, melhorar a qualidade da escola através da capacitação e incentivo ao professor. É importante destacar que, para as crianças com dificuldades escolares, múltiplos fatores biopsicossociais podem estar atuando. Isto faz com que a intervenção, muitas vezes, tenha que ser interdisciplinar e intersetorial para ser realmente eficaz. Nesse caso os setores de saúde e o serviço social local, a escola, a família, precisam trabalhar articulados.

Na adolescência e idade adulta jovem - aumentar as oportunidades de acesso e permanência na educação secundária através de bolsas e subsídios, incluindo oportunidades para alcançarem a educação superior. Melhorar a qualidade da educação secundária incluindo habilidades de tecnologia da informática. Promover acesso a serviços de saúde, inclusive relacionados a reprodução; e informação adequada sobre AIDS, doenças sexualmente transmissíveis. Melhorar o acesso às oportunidades existentes na comunidade para o desenvolvimento de habilidades para o sustento e para a vida com a participação de organizações de jovens.

Estabelecer e apoiar ligações entre as organizações de jovens e empregadores para oferecer informações sobre oportunidades de empregos existentes; facilitar o acesso ao microcrédito; desenvolver uma política local e nacional inclusiva para a juventude para promover a participação do jovem em decisões políticas que afetam suas vidas.

Novamente é oportuno destacar a multiplicidade de fatores e impactos biopsicossociais acometendo simultaneamente os jovens com dificuldades escolares, com transtornos comportamentais e/ou emocionais e os dependentes de droga e/ou envolvidos no tráfico. Assim, como chamei a atenção previamente, essa realidade faz com que as intervenções devam ser intersetoriais e interdisciplinares. Além disso, acredito que essas abordagens devam ser realizadas na comunidade e, para isto ocorrer, como foi destacado deva estar à disposição da comunidade equipamentos sociais adequados em recursos humanos e materiais.

Finalizando, como vimos, o fator perpetuador das adversidades é a ideologia excludente infiltrada em vários setores da sociedade. Ela impede o sucesso das propostas de intervenção. Ela se constitui o fator de resistência para as mudanças acontecerem definitivamente. Por este motivo gostaria de modificar a figura 17 anterior. A intenção é mostrar que pobreza não é um fenômeno natural, descontextualizado e sim, histórico. À medida que todas as pessoas têm acesso à educação, inclusive a educação para a saúde, a sociedade resultante, mais crítica, cidadã e solidária, teria a função de trabalhar na desconstrução dessa ideologia excludente para que as iniquidades sociais acabem ou mesmo diminuam, rompendo assim com os ciclos da pobreza e da miséria (Fig. 18).

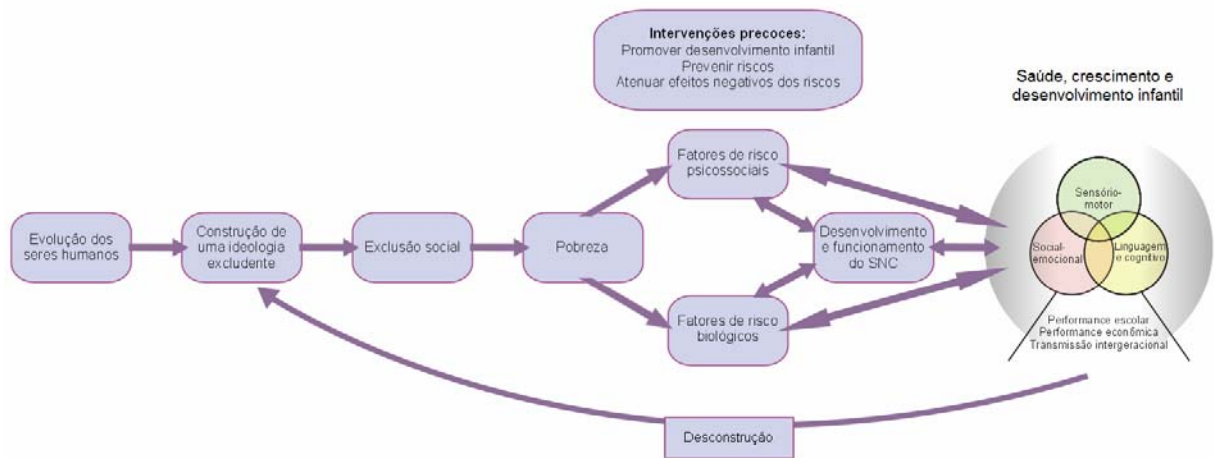


Figura 18: Um modelo conceitual de como intervenções podem interferir na saúde, crescimento e desenvolvimento da criança. Modificada e adaptada de: ENGLE, P.L., BLACK, M.M., BEHRMAN, J.R., MELLO, M.C., GERTLER, P.J., KAPIRIRI, L., MARTORELL, R., YOUNG, M.E. Strategies to avoid the loss of developmental potential in more than 200 million children in the developing world. *Lancet*, 369: 229-42, 2007.

Como constatado em vários momentos deste estudo, várias áreas do conhecimento estão implicadas de alguma forma com o fenômeno da Exclusão Social. Pode-se citar as áreas da saúde (medicina, psicologia, serviço social, enfermagem, terapia ocupacional, fisioterapia, nutrição), pedagogia, história, geografia, sociologia, ciências políticas, direito, economia, antropologia, filosofia, engenharia, arquitetura, etc.

Isto significa que a Universidade tem um papel estratégico na desconstrução desse processo excludente e isto pode ser feito através do ensino (graduação, pós-graduação), pesquisa e extensão desde que o tema seja incluído nas metas destas áreas de ensino.

Este estudo, se por um lado me ajudou a compreender os impactos perversos da Exclusão Social sobre um grupo de pessoas, e contribuir para orientar políticas sociais, por outro lado e muito mais importante, mostra o quanto a sociedade brasileira ainda é injusta e precisa mudar para realmente avançar em termos de direitos humanos e cidadania. E, para mudar o quadro descrito é preciso antes de tudo que mudemos também.

9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J.; MARCELLI, D. *Manual de psicopatologia infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 454 p.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B. Deficiência mental. In: ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B., KUCZYNSKI, E. (Eds.). *Tratado de psiquiatria da infância e adolescência*. São Paulo: Atheneu, 2003. 813 p.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B.; KUCZYNSKI, E. *Situações psicossociais na infância e adolescência*. São Paulo: Atheneu, 2008. 371 p.
- AUGUSTYN, M.; ZUCKERMAN, B. Impacto da violência sobre as crianças. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. v. 1, cap. 34, p. 131-132.
- BANCO MUNDIAL. *Notas sobre o Brasil*. Washington, DC, Abr. 2009. Disponível em: <<http://go.worldbank.org/QQY8CVTMJ0>>. Acesso em: 31 Jul. 2009.
- BANDIN, J. A criança em situação de pobreza extrema. In: ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B.; KUCZYNSKI, E. *Situações psicossociais na infância e adolescência*. São Paulo: Atheneu, 2008. p. 113-123.
- BARKER, P. *Basic child psychiatry*. 7th ed. Oxford: Blackwell Science, 2004. 248p.
- BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 612 p.
- BEHRMAN, R. E. Visão geral da pediatria. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. v. 1, cap. 1, p. 1-6.
- BEHRMAN, R. E. Crianças em risco especial. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. v. 1, cap. 39, p. 161-165.
- BROMAN, S.H.; NICHOLS, P.L.; KENNEDY, W.A. Preschool IQ: prenatal and early developmental correlates. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1975 *apud* BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 612 p.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. 267 p.
- BROOKS-GUNN, J.; DUNCAN, G. J. The effects of poverty on children. *The Future of*

- Children*, Princeton, v. 7, n. 2, p. 55-71, Summer/Fall 1997.
- BROOKS-GUNN, J.; DUNCAN, G. J.; ABER, J. L. (Eds.). *Neighborhood poverty: Vol.1. Context and consequences for children*. New York: Russel Sage Foundation, 1997.
- CECCONELLO, A.; KOLLER, S. *Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza*. *Estudos de Psicologia*, v. 5, n. 1, 71-93, 2000.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002. 440 p.
- CHESS, S.; HASSIBI, M. *Princípios e prática da psiquiatria infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. 535 p.
- CONCEIÇÃO, J. A. N. Desnutrição, ambiente de vida e fracasso escolar. In: CONCEIÇÃO, J. A. N. *et al. Saúde escolar: a criança, a vida e a escola*. São Paulo: Sarvier, 1994. p. 139-150.
- CORRÊA, E. J. *et al.* O atendimento pela equipe de saúde. In: LEÃO, E. *et al. Pediatria ambulatorial*. 4. ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2005. p. 9-17.
- COSTA, C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997. 307 p.
- COSTA, L. C. A.; MELLO, L. I. A. *História geral e do Brasil: da pré-história ao século XXI*. São Paulo: Scipione, 2008. 656 p.
- COSTELLO, E. J. *et al.* Relationships between poverty and psychopathology. *The Journal of the American Medical Association*, v. 290, n. 15, 2023-2029, 2003.
- COULTON, C. J. *et al.* Community level factors and child maltreatment rates. *Child Development*, v. 66, p. 1262-1276, 1995.
- CUNNINGHAM-DAX, E.; HAGGAR, H. Multiproblem families and their psychiatric significance. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, vol. 11, 227-232, 1977 *apud* CONNELL, H. M. *Essentials of child psychiatry*. 2nd ed. Oxford: Blackwell Scientific, 1985. 344 p.
- DIAS, L. S. *et al.* A saúde da criança e do adolescente. In: LEÃO, E. *et al. Pediatria ambulatorial*. 4. ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2005. cap. 1, p. 1-8.
- DUNCAN, G. J.; BROOKS-GUNN, J.; KLEBANOV, P. K. Economic deprivation and early childhood development. *Child Development*, v. 65, n. 2, p. 296-318, 1994.

- DUNCAN, G. J.; BROOKS-GUNN, J. (Eds.). *Consequences of growing up poor*. New York: Russel Sage Foundation, 1997.
- ENGLE, P.L. *et al.* Strategies to avoid the loss of developmental potential in more than 200 million children in the developing world. *Lancet*, v. 369, p. 229-242, 2007.
- ESCOREL, S. *Vidas ao léu: trajetórias da exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. 276 p.
- EVANS, G.W. The environment of childhood poverty. *American Psychologist*, v. 59, p. 77-92, Feb./Mar. 2004.
- FIDDLER, M. *et al.* Childhood adversity and frequent medical consultations. *General Hospital Psychiatry*, v. 26, n. 5, p. 367-377, 2004.
- FRANÇA, J. L. *et al.* *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 242 p.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. *Situação mundial da infância 2008*. Brasília, DF: UNICEF, 2007. 158 p.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. *Situação da infância e da adolescência brasileira 2009 : o direito de aprender: potencializar avanços e reduzir desigualdades*. Brasília, DF: UNICEF, 2009. 129 p.
- GALLO, S. *Subjetividade, ideologia e educação*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. 150 p.
- GALLER, J. F.; BARRETT, L.R. Children and famine: Long-term impact on development. *Ambulatory Child Health*, v. 7, p. 85-95, 2001.
- GARBARINO, J. The human ecology of early risk. In: MEISELS S. J.; SHONKOFF, J. P. (Eds.). *Handbook of early childhood intervention*. Melbourne: Cambridge University Press, 1990. p. 78-96.
- GARBARINO, J. *et al.* *Children in danger: coping with the consequences of community violence*. San Francisco: Jossey-Bass, 1992. 288 p.
- GIANCOLA, P.R. Temperament and anti-social behavior in pre-adolescent boys with or without a family history of a substance use disorder. *Psychology of Addictive Behaviors*, v. 14, n. 1, p. 56-68, 2000.
- GIDDENS, A. *Sociology*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 598 p.
- GRAHAM, P.; TURK, J.; VERHULST, F. *Child Psychiatry: a developmental approach*. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 2001. 554 p.

GRANTHAM-MCGREGOR, S. et al. Developmental potential in the first 5 years for children in developing countries. *Lancet*, v. 369, p. 60-70, 2007.

HALPERN, R. et al. Fatores de risco para suspeita de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor aos 12 meses de vida. *Jornal de Pediatria*, v. 76, n. 6, p. 421-428, 2000.

HALPERN, R.; FIGUEIRAS, A. C. M. Influências ambientais na saúde mental da criança. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n. 2 (supl.), p. 104-110, Mar./Abr. 2004.

HARLAND, P. et al. Family factors and life events as risk factors for behavioural and emotional problems in children. *European Child and Adolescent Psychiatry*, v. 11, n. 4, p. 176-184, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. 231 p.

ISSLER, R. M. S. et al. Nível de pobreza e estado de saúde das crianças: um estudo de fatores de risco em população urbana de baixo nível sócio-econômico. *Revista de Saúde Pública*, vol. 30, n. 1, p. 1-10, 1996.

JENKINS, R. R. Abuso de drogas lícitas ou ilícitas. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. v. 1, cap. 29, p. 109-117.

KELLY, D. P. Disfunções do desenvolvimento neurológico da criança em idade escolar. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R.M.; JENSON, H.B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. v. 1, cap. 29, p. 109-117.

KESSLER, R.; DAVIS, C.; KENDLER, K. Childhood adversity and adult psychiatric disorder. *Psychological Medicine*, v. 27, n. 5, p. 1101-1119, Sep. 1997.

KUPERSMIDT, J. B. et al. Childhood aggression and peer relations in the context of family and neighborhood factors. *Child Development*, v. 66, p. 360-375, 1995.

JOHNSON, C. F. Abuso e negligência contra crianças. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, v. 1, cap. 35, p. 133.

LAPA, J. R. A. *Os excluídos : contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930)*. Campinas: Editora Unicamp, 2008. 245 p.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

- LINS, L. H. et al. Depressive disorders and depressive symptoms in 7-9 years old school children: a census-type study in a small community of Recife, Brazil. *Neurobiologia*, Recife, v. 72, n. 2, p. 51-59, Abr./Jun. 2009.
- LOMBARDI, A. B. *Repetência e evasão escolar em classe sócio-econômica desfavorecida: um estudo de 39 crianças de 1ª série de uma escola pública – história de vida, perfil biopsicossocial*. 1995. 249 f. Dissertação (Mestrado em Pediatria) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
- LOMBARDI, A. B.; LAMOUNIER, J.; Repetência e evasão escolar: sintomas da exclusão social. *Boletim*, Belo Horizonte, n. 1446, Jul. 2004.
- LOMBARDI, A. B.; LAMOUNIER, J. Repetência e evasão escolar em classe socioeconômica desfavorecida: exemplos de indicadores de exclusão social. *Revista Médica de Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 20-24, Jan./Mar. 2005.
- MAGALHÃES, M. *O narcotráfico*. São Paulo: Publifolha, 2000. 104 p.
- MARCÍLIO, M. L. *História social da criança abandonada*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 331 p.
- MCLOYD, V. C. Socioeconomic disadvantaged and child development. *American Psychologist*, v. 53, n. 2, p. 185-205, 1998.
- MELCHIOR, M. et al. Why do children from socioeconomically disadvantaged families suffer from poor health when they reach adulthood? A life course study. *American Journal of Epidemiology*, v. 166, p. 966-974, 2007.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 406 p.
- MOREIRA, I. *Construindo o espaço brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002. 336 p. (6ª série).
- MOREIRA, I. *Espaço geográfico: geografia geral e do Brasil*. 47. ed. São Paulo: Ática, 2006. 455 p.
- NEEDLMAN, R. Visão geral e avaliação da variabilidade. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. v. 1, cap. 7, p. 25-29.
- OLIVEIRA, T. F. R. *Pesquisa biomédica: da procura, do achado e da escritura de tese e comunicações científicas*. São Paulo: Atheneu, 1995. 237 p.

- OSOFSKY, J. D. The effects of exposure to violence on young children. *American Psychologist*, v. 50, n. 9, p. 782-788, 1995.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 10. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2009. 889 p.
- PARKER, S. *et al.* Duplo perigo: o impacto da pobreza no desenvolvimento inicial da criança. *Clínicas Pediátricas da América do Norte*, v. 6, p. 1253-1268, 1988.
- PETTIT, G. S.; BATES, J. E.; DODGE, K. A. Supportive parenting, ecological context, and children's adjustment: a seven-year longitudinal study. *Child Development*, v. 68, p. 908-923, 1997.
- PINHEIRO, P. S.; ALMEIDA, G. A. *Violência urbana*. São Paulo: Publifolha, 2003. 88 p.
- POLLITT, E. Developmental sequel from early nutrition deficiencies: concensive and probability judgments. *American Society for Nutrition Sciences*, vol. 130, sppl., 350-353, 2000.
- PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 390 p.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 435 p.
- RUTTER, M.; SHAFFER, D.; STURGE, C. *A guide to a mulit-axial classification scheme for psychiatric disorders in childhood and adolescence*. London: Department of Child and Adolescent Psychiatry of the Institute of Psychiatry, 1985. 46p.
- SAMPSON, R. J.; LAUB, J. H. Urban poverty and the family context of delinquency: a new look at structure and process in a classic study. *Child Development*, v. 65, p. 523-540, 1994.
- SCHILLING, E. A.; ASELTINE JUNIOR., R. H.; GORE, S. Adverse childhood experiences and mental health in young adults: a longitudinal survey. *BMC Public Health*, v. 7, n. 30, p. 1-10, 2007.
- SCHMIDT, M. F. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999. 272 p. (5ª série).
- SCHMIDT, M. F. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999. 272 p. (6ª série).
- SCHMIDT, M. F. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999. 318 p. (7ª série).

- SCHMIDT, M.F. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999. 333 p. (8ª série).
- SCHMIDT, M.F. *Nova história crítica: ensino médio*. São Paulo: Nova Geração, 2008. 840 p.
- SCHOON, I.; SACKER, A.; BARTLEY, M. Socio-economic adversity and psychosocial adjustment: a developmental-contextual perspective. *Social Science & Medicine*, v. 57, n. 6, p. 1001-1015, 2003.
- SCHUFTAN, C. Low school performance: malnutrition or cultural deprivation? In: BROZEK, J.; SCHÜRCH, B. (Eds.). *Malnutrition and behavior: critical assessment of key issues. An international symposium at a distance 1982-1983*. Lausanne: Nestlé Foundation, 1984. 389 p. *apud* CONCEIÇÃO, J. A. N. *et al. Saúde escolar: a criança, a vida e a escola*. São Paulo: Sarvier, 1994. 286 p.
- SCHWARTZMAN, S. *As causas da pobreza*. Reimpressão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007. 208 p.
- SCOTT, S. *et al.* Financial costs of social exclusion: follow-up study of antisocial children into adulthood. *British Medical Journal*, v. 323, n. 7306, p. 191-195, 2001.
- SPINELLI, E. População nas favelas dobra após governo revisar cálculo. *Folha Online*. 14 Jul. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u311892.shtml>>. Acesso em: 31 Jul. 2009.
- STARFIELD, B. Child and adolescent health status measures. *The Future of Children*, v. 2, p. 25-38, Winter 1992.
- TORJESEN, K.; OLNESS, K. Saúde infantil do mundo em desenvolvimento. In: BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. *Nelson: tratado de pediatria*. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. v. 1, cap. 4, p.13-15.
- UNESCO. *Marco Estratégico da UNESCO no Brasil*. Brasília: UNESCO, 2006. 60 p. <<http://www.brasilia.unesco.org/Brasil/ContextoBrasileiro>>. Acesso em 28 nov 2009
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Medicina. *Processo de Desenvolvimento Curricular em Educação Médica (PDCEM)*. Belo Horizonte, [197-].
- VALLA, V. V.; STOTZ, E. N.; ALGEBAILLE, E. B. *Para compreender a pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 160 p.
- WALKER, S. P. *et al.* Child development: risk factors for adverse outcomes in

developing countries. *Lancet*, v. 369, p. 145-157, 2007.

WORLD BANK. Life cycle approach. Washington, DC, 2009. Disponível em: <<http://go.worldbank.org/YYGVLCF8N0>>. Acesso em: 31 Jul. 2009.

ZUCKERMAN, B.; WEITZMAN, M.; ALPERT, J. J. (Eds.). Crianças em risco: questões médicas e sociais atuais. *Clínicas Pediátricas da América do Norte*. Rio de Janeiro: Interlivros, 1988. v. 6.

9 – APÊNDICES

APÊNDICE 1 - DADOS DA DISSERTAÇÃO DO MESTRADO E CONTEÚDO DE ENTREVISTAS REALIZADAS EM 2008

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE 1

DADOS DA DISSERTAÇÃO DO MESTRADO E CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM 2008

A apresentação dos resultados constará de uma reapresentação da Formulação Diagnóstica de cada caso realizada em 1990 que constou de uma História Progressiva, Perfil Biopsicossocial, e pela Escolaridade de cada um alcançada em 1993. Estes dados de 1990 e 1993 serão seguidos pela apresentação das entrevistas realizadas em 2008 já preparadas para serem analisadas e interpretadas.

Apresentação dos resultados:

Reg. No 2

Formulação diagnóstica (1990)

História progressiva

D.C.S., 7 anos e 1 mês, feminino, 1ª série. Mãe relata que teve hipertensão durante a gravidez. A criança teve pneumonia 2 vezes, inclusive com uma hospitalização de cerca de 30 dias. Mãe G3P2 (está grávida pela 3ª vez).

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação de Doenças Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

N.D.N.

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

sugestivo de atraso de leitura; atraso de aritmética e de linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Obesidade; sugestivo de parasitose (fezes amolecidas); sugestivo de déficit visual; infecção respiratória aguda (tosse e alterações à ausculta)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

pai analfabeto; pai trabalhador braçal sem qualificação profissional; mãe com baixa escolaridade, trabalhadora braçal

Condições de vida inadequadas:

pobreza; condições habitacionais ruins (barraco); crianças dormem na cozinha; sem área para lazer

Outro:

família vive em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 6 m – 4ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista com a D.C..S., 25 anos, foi feita na Paróquia São Brás no dia 24/06/2008. Ela estava aparentemente tranqüila, bem vestida. Após os esclarecimentos e a assinatura do termo de consentimento iniciamos a entrevista: *“Eu cursei o ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Regularmente, acho que tive um bom desempenho neste período. Tive só um obstáculo, minha pneumonia. Acho que eu tinha entre 6 a 7 anos. Eu entrei na escola com 6 anos e tive pneumonia. Então entrei um mês atrasada, porque fiquei um mês internada. Mas isto não impediu o meu rendimento na 1ª série, fui muito bem. De 1ª a 4ª, pelo que me lembro, também tive um desempenho excelente. Depois cursei de 5ª a 8ª, na escola Estadual Professor José Mesquita de Carvalho”.* Perguntei à D. porque deixou a escola do bairro. *“Porque nem eu, nem minha família tínhamos uma boa visão do ensino aqui à noite. Era muito desorganizado, pelo menos eram as referências que a gente tinha, que o noturno aqui nesta escola era muito desorganizado”.* Perguntei se não tinha de 5ª à 8ª série durante o dia. Ela respondeu: *“Não. Tinha só de 1ª a 4ª série. Muita bagunça, enfim, não tinha o respeito entre os professores e alunos, aí fui para escola Prof. José Mesquita de Carvalho, onde eu gostei muito de estudar lá, foi excelente para mim, cresci demais. Neste período eu tive algumas recuperações, mas também não me lembro quais séries. Aí eu comecei a estudar com 15 anos. O 2º grau, comecei a trabalhar, entrei na ASSPROM (Associação Profissionalizante do Menor) e não cursei o 2º grau no Mesquita de Carvalho porque era muito distante para o meu trabalho. Aí fui para a Escola Estadual Maestro Vila-Lobos [...]. Era mais próximo do meu trabalho. Mas no primeiro ano, como eu havia dito pro senhor, parei de estudar em outubro porque para mim estava muito pesado, era office-girl trabalhava andando o dia inteiro e mesmo estando no final do ano, não estava conseguindo agüentar. Aí, parei de estudar. No ano seguinte eu voltei mesmo atrasada, fiquei arrasada porque todo mundo ia formar antes de mim, mas conclui meu ensino médio”.* Pedi a ela para falar sobre essa experiência, ela respondeu: *“Para mim foi muito estranho na minha cabeça, porque pela questão de meus amigos estarem na minha frente. Eu fiquei muito chateada com aquilo. Arrependi de ter parado, mas também reconheci que não tinha condições físicas de continuar. E foi uma bobagem também ter parado quase no final do ano mesmo, mas naquele período eu não tinha condições de continuar, nem que fosse por mais dois meses, eu não tinha condições. Estava arrastando mesmo, empurrando com a barriga. Se eu passasse, eu ia passar muito mal. Eu ia passar empurrada. Então eu, tive essa sensação de novamente um fracasso porque todo mundo estava na minha frente e eu tinha parado de estudar por 2 anos e todo mundo ia formar primeiro do que eu. Então foi este sentimento de inferioridade em relação a isto”.*

Perguntei sobre o horário de trabalho: *“De 9h às 6h, eu trabalhava o dia inteiro. Depois disto eu comecei a fazer cursinho. Entrei aqui 1 ano depois, fiz o intensivo [...]. Era à noite. Porque também trabalhava de dia. E eu estava ainda como Office-girl neste período, se não me engano. Não, neste período já não era mais Office-girl, tinha mais de 18, já tinha rescindido o contrato com a ASSPROM. E fui*

contratada pela empresa, que era a Rede Minas, trabalhava de telefonista o dia inteiro, depois ia para o cursinho. Neste período foi importante pro aprendizado. Aprendi muito mais do que um ano de escola. Tive esta impressão”. Quanto tempo de cursinho? “Foram 6 meses só. De janeiro a julho. E no meio do ano eu fiz vestibular na Pontifícia Universidade Católica (PUC), passei. Eu acho que passei mais pela minha redação, que eu quase fechei, porque o restante eu acho que não fui bem mesmo e ingressei na faculdade, fiz o 1º período só. Como meu salário era muito pouco, nossa carteira não era assinada, era contrato, a gente não recebia vale-transporte, era o salário e nada mais. Então, até transporte e alimentação era retirado do salário. Então eu não consegui pagar, não consegui bolsa [...]. Era exatamente o valor que eu ganhava [...] esta época acho que era 400 e poucos reais. Aí eu fiz 6 meses com muito sacrifício. Teve um engano da faculdade de preenchimento. Eu preenchi de maneira correta a ficha e eu fui encaminhada para estudar na PUC de Contagem. Então é muito distante. Da faculdade do centro, é uma hora. Então eu trabalhava até tarde, e tinha que acordar muito cedo para estar na faculdade em Contagem [...]. Tive muita dificuldade para mudar meu horário de trabalho em função disto, mas eu não abri mão. Aí eu parei de estudar, porque realmente não consegui pagar, não consegui bolsa. E a faculdade não veio fazer, eu não sei o nome certo, eles não vieram à minha casa, fazer aquela inspeção para você ter bolsa [...]. Alegaram que não conseguiram encontrar o endereço. E depois disto eu não consegui que eles viessem fazer novamente. Então eu parei de estudar, isto já tem muitos anos, já tem 5 anos e de lá para cá não consegui voltar”.

Quanto ao trabalho D. relata que começou a trabalhar na ASSPROM: *“só na ASSPROM mesmo, comecei com 15 anos [...]. Eu sempre quis trabalhar. Nem foi por pressão e família, de mãe não. Foi porque eu sempre quis mesmo. Eu sempre tive desejo de trabalhar. Eu conheci a ASSPROM de alguém falar e achava muito interessante o trabalho deles. E foi porque eu quis mesmo [...]. Aprendi digitação. Fiz curso básico de informática: word, excel, power point”.* Relata que na ASSPROM trabalhava como office-girl e permaneceu lá até 18 anos. A seguir falou que: *“fui contratada pela empresa que era a Rede Minas [...] o período todo que eu ficava lá de office-girl e telefonista foram 5 anos, 3 anos como office-girl e 2 anos como telefonista”.* D. relata que além dos cursos de informática que fez na ASSPROM fez também um módulo avançado no SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem) através da Rede Minas. *“Depois desse período, surgiu oportunidade, na Contax, empresa que eu trabalho atualmente [...] é de telemarketing mesmo, presta serviço para a Oi [...] entrei como operadora de telemarketing [...] passei por alguns setores lá, são considerados promoções, mas não tem diferenciação de salário. Minha promoção mesmo foi quando eu vim pra supervisão [...] estou lá até hoje como supervisora”.* Perguntei a respeito do salário, ela disse: *“R\$860,00 reais”.*

D. acrescentou *“Eu esqueci de mencionar. Teve um período deste que estava na faculdade que eu dei aula em uma escola infantil. Trabalhava em dois empregos, porque eu tinha muito tempo livre entre o término da aula e o início do outro trabalho meu . Eu não me lembro muito bem, porque não tenho uma memória muito boa, mas me parece que na Rede Minas eu pegava de 4 às 10, ou de 3 às 9, uma coisa assim. Então, este tempo que eu ficava livre, nem sempre eu tinha trabalho para fazer, nem sempre eu*

tinha nada para estudar. Ai eu arrumei este trabalho de dar aula de informática para criança e fiquei só 4 meses. Não consegui, era muito pesado. Então eu creio que era de 3 às 9 ou de 4 às 10 na Rede Minas. Eu não voltava para casa, porque era muito mais gasto”.

Perguntei a D. se ela teve momentos difíceis durante essa caminhada, ela respondeu: *“Tive. Por exemplo, quando eu tive que sair da faculdade, eu pensei que ia entrar em depressão. Primeiro porque meus pais não podiam me ajudar pagar e também não sentia interesse deles em me ajudar. Depois porque eu não conseguia pagar. Depois tive que sair da faculdade, fui forçada. Tinha excelente desempenho também. Pensei em continuar no mesmo ritmo. Eu era uma aluna excelente, tanto que meus amigos assim, eu tinha que mentir que não estava em casa. Por que meus amigos às vezes nem aceitavam que eu deixava de sair por causa disto. Até encontrei uma amiga minha que fazia faculdade na mesma época que eu. Ela disse que eu não devia ter saído porque ela estava devendo até aquele momento. Acho que ela nem conseguiria pegar diploma, né? E ela consegue dormir normalmente, eu não conseguia dormir com isto [...] extremamente preocupada. Aquele monte de boleto chegando em minha casa e e eu não tendo condições de pagar nenhuma. Aí eu abandonei mesmo o curso, não procurei secretaria, não procurei a faculdade para nada. Eu saí, um dia e falei não volto mais e não voltei. Isto para mim foi arrasador”.* Perguntei o que isto representou para ela. Ela respondeu: *“frustração, incapacidade [...] tristeza mesmo. Este sentimento de incapacidade gera uma frustração, refletia no meu humor mesmo. Ficava muito para baixo. Algumas atitudes assim, de pessoa depressiva. Eu não conseguia reagir. Não procurava nenhuma forma de resolver aquilo. Então foi mais tristeza que me levou a ficar acomodada, nesse período”.*

Reg. No 3

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

M.A.A.S., 7 anos e 7 meses, feminino, 1ª série. Gravidez não planejada, sem alterações, criança foi amamentada cerca de 1 mês. Criança teve uma pneumonia com um ano de idade com um mês de hospitalização. Há relato de falecimento de um irmão da criança. Mãe G6P6A0. É o segundo casamento do pai.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Doenças Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:
irritabilidade; medo; choro

Síntomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:
roer unhas; distúrbios específicos do sono (sonambulismo)

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:
leitura; dificuldades de coordenação motora fina; aritmética; e sugestivo de atraso de linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Enterobíase e quadro clínico sugestivo de outras parasitoses; linfonodos aumentados de tamanho

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:
pai - irritabilidade, alcoolismo; mãe – irritabilidade
Relacionamento intrafamiliar discordante:
maus tratos físicos (pai-filhos)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:
analfabetismo materno; analfabetismo paterno; pai trabalhador braçal, sem qualificação profissional; irmãos com baixa escolaridade e história de repetência

Condições de vida inadequadas:
miséria; aglomeração; lixo exposto

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

criança com baixo rendimento escolar; dificuldade de relacionamento com a professora

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

desemprego paterno e materno; mãe relata problemas cardíacos e de coluna

Outros:

família numerosa; criança vive em favela; mãe preocupada com drogas na comunidade

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11 anos – 3ª série.

... Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista com a M.A.A.S., 25 anos, aconteceu no dia 05/07/2008 e foi realizada na Paróquia São Brás. Achei que ela estava um pouco apreensiva mas estava sorridente. Veio com sua filha Isabela de Iano e 9 meses, e a cunhada mas estas foram para a casa da mãe da M.A. Atualmente ela mora em outra região de B.H. Começamos a entrevista pela história escolar. Relata que estudou na EMMP da 1ª à 8ª série. Afirma “*que a primeira série eu me lembro que eu tinha repetido [...] Ah, na minhas conta, eu fui cinco vezes reprovada [...] Na primeira... Se eu não me engano, na terceira [...] Ah, a outra eu não me lembro. A outra que eu lembro que foi num ano... Num sei se foi na sétima [...].* Sobre os horários da escola M.A. relatou que “*Da primeira série até a quarta série foi na parte da manhã [...].* *Aí, já passei prá quinta e já foi à noite. Quinta à oitava série à noite”.*

M.A. relata que estudou o segundo grau na Escola Leopoldo de Miranda. O horário era de seis e meia às dez e meia da noite. Era mais longe de sua casa: “*É, porque eu já trabalhava lá perto, então eu ia a pé, e na hora de voltar, que já era tarde, eu voltava de ônibus”.* M.A. relata que chegava em casa meia noite. Perguntei se ela havia terminado o segundo grau: “*Terminei, mas sosseguei, não procurei fazer nenhum outro curso. Queria ser enfermeira, mas ali... né?”.* Perguntei porque não fez o curso de enfermagem, ela respondeu: “*Porque... Assim... [Pausa.] Pelo tempo do curso, né? Então, se eu continuo pensando assim, eu sou muito ansiosa, então eu quero aquela coisa ali rápido [...] Então é ‘pá-pum’.* **[Risos.]** *Mas dois anos... Até que dois anos é pouco, né? Ma’ ficar ali dois anos... Então, assim, eu cabei desistindo, também devido às dificuldade, né? [...] Ah, trabalho... né? Num tinha, assim, o dinheiro pra tá pagando o curso”.*

Perguntei para a M.A. sobre os motivos das reprovações, ela respondeu: “*Acho que é porque eu, assim, eu guardava... Eu num tirava as minhas dúvidas [...] Não. Não tirava. Então, eu ficava com as*

minhas dúvidas. Não tirava com nenhum professor [...] Ah, assim... Acho que devido à timidez, eu num tinha aquela... Entendeu? Aquela liberdade de perguntar, né? De tirar... Isso aí”. Perguntei se na casa dela ela não poderia tirar as dúvidas, ela respondeu: “Não, porque os meus pais num estudaram, né? [...] Então, ali era completamente, assim, impossível pedir ajuda pra eles. Perguntei se ela não tinha vontade de tirar as dúvidas, ela disse: “Ah, talvez tinha, mas a vergonha, a timidez... deixava... Aí eu cabava, ficava com a dúvida, mês [...] Acho que se eu tivesse me aproximado mais das professoras... Se eu num tivesse queixado tanta dores... né? Com certeza eu ia aprender mais, eu ia aproveitar mais”. Solicitei a ela que falasse sobre essas dores, ela disse: “Ah... Era dor de cabeça, dor na barriga... Era unheiro que eu tinha no dedo [...] Então, ali, pra mim, tudo era desculpa pra mim sair da sala de aula [...]. Ah, só o que eu me lembro... Assim, uma vez, tava com unheira no dedo, ele tava bastante inflamado, mas aquela vez tava doendo mesmo, eu lembro perfeitamente. Mas o resto era só desculpa, mesmo [...] Ai, me liberava. Me levava pra casa”. Perguntei porque ela não queria ficar na sala de aula, ela respondeu: “Ah, eu acredita que pela dificuldade, né? De ‘tá ali aprendendo... Então, sempre eu me desculpava por eu tá saindo [...] . Assim... A questão num é ‘aprendendo’. Assim, digamos, igual, tinha uma matéria... Se eu num pegava ou então amanhã vai ter prova, então a gente tinha que ter uma desculpa pra num tá fazendo [...] . Eu acredito que foi isso. A dificuldade, mesmo, de aprendizado”.

Quanto a história dos trabalhos M.A. relata que começou a trabalhar “com doze anos[...]. Olhando as criança dessa minha cunhada que estava aqui [...] Os quatro [...] Ah... De oito às cinco [...] Ia prá escola à noite [...] Ah, era ali... Só cuidava, mesmo. Dava almoço, dava banho... Entendeu? Lavava roupa, arrumava a casa... Esse tipo de coisa, mesmo”. Perguntei sobre a remuneração, ela respondeu que não era remunerada “Ah... Ficou de pagar, né, mas ficou só no fala, mesmo, né? Mas num [...]”. Perguntei até que idade ela olhou essas crianças: “Ah, uns... Até uns catorze [...]. Muito trabalhoso. Era muito responsabilidade [...]. Nossa, quatro crianças ali... [Risos.] Num sabia nem cuidar de mim, quanto mais de quatro, né? ‘Inda de casa. Então, assim, era uma responsabilidade muito grande. Né? Eu acho que [...]. É uma responsabilidade, porque quatro criança. Se acontecer qualquer coisa ali com eles, eu sou a responsável. Né? Então, ali, eu num sabia direito... Então, jogaram essa responsabilidade pra mim, porque eu acho que... Eu consegui. Hoje em dia eu posso falar que eu consegui. Né? Mas talvez lá poderia ter acontecido algo que eu não poderia resolver sozinha, né? Quatro, tudo pequeno! Eu também, né?” M.A. relata que o mais velho tinha seis anos e o mais novo um ano e pouco.

“Depois eu fui olhar uma criança pra uma vizinha. Aí, assim, já tinha ali um recurso, né? Fiquei ali... Não fiquei muito tempo... Aí depois eu saí [...] Ganhava [...] Acho que foi cinquenta reais, só (por mês)”. M.A. relata que trabalhou nessa casa até 16 anos. “Depois eu fui prá creche. Trabalhar na creche [...] Eu era auxiliar de monitora. Ajudante [...] Olha, eu fiquei lá um ano e cinco meses”. M.A. conta que trabalhou na creche até 18 anos quando foi dispensada “Porque eu não tinha magistério, né? Então eles me dispensaram [...]. E aí houve uma mudança e eles pediram pra... aproveitaram só pessoas que tinham magistério [...]. Aí, fiquei um bom tempo desempregada...[...] me dispensaram, falaram que, se eu fizesse o magistério, eu teria chance de tá voltando [...] Ma na época eu falei: Ah, não. Num compensa, não, porque

eu num gosto muito de reunião. Sou muito... Não gosto. **[Risos.]** Aí falei assim: Deixar, né? Aí hoje eu me arrependo amargamente de num ter feito. Hoje, inclusive, eu tô pensando em voltar a fazer, né? E... Quero voltar. Muito bom...”

Perguntei a M.A. como ela reagiu, ela respondeu: “Ai, foi... Foi muito triste, viu? [...]. Eu lembro que isso me chocou muito [...] . Ai... Num gostei, fiquei um pouco depressiva... Na época... Eu acho que desde criança que eu sou assim, né? Um pouco depressiva, me isolo das pessoas... Mas na época em que eu estava trabalhando na creche eu já estava em depressão, já [...]. Eu já era uma pessoa bastante depressiva. Aí, quando eu saí, aí que... Eu me lembro que eu fiquei cinco dias na cama, num levantava [...]. Sem fazer nada [...]. Nada. Fazer nada! Nada. Fazer nada [...] Chorava. Mas antes d’eu sair da creche, eu já me sentia meio uma pessoa... Algo já ‘tava me incomodando que num... Tinha uma coisa ainda que num tava legal. Entendeu [...] Num sei. De repente eu olhava no espelho e começava a chorar [...]. Entendeu? Então, assim, eu me sentia o tempo todo sozinha... Num tinha ali aquela pessoa pra conversar comigo... Era muita coisa na minha cabeça! Era muita coisa, mesmo. Então sempre coisa, assim, negativa; coisas que num era boas, né? [...] Ah... Nossa, eu não consigo... Vamo pular essa parte?[...]”

M.A. continua falando sobre os trabalhos: “Depois eu fui trabalhar na padaria [...] Fiquei oito meses. Aí... [...]. Carteira assinada. Faliu... [...]. Aí fiquei... parei de novo, depois eu arrumei ali na Prudente de Moraes, como auxiliar de escritório. Né? Ali eu fiquei... se não me engano, uns dois anos. Sem carteira assinada [...]. Aí... **[Pausa.]** Aí depois fiquei desempregada de novo... E arrumei onde...? Não me lembro onde que eu arrumei o outro. Depois que eu saí de lá. **[Pausa.]** Aí eu fiquei parada bastante tempo, e... depois eu viajei...[...] E aí viajei, fiquei, engravidei, voltei... acho que dois anos parada, né? Não! Aí depois eu arrumei no Multibeb, também. Ali como steward. Só que era muito pesado, eu não...[...]. Steward é como se... É uma faxineira, né? Digamos assim [...].Faxineira. Era muito pesado, era muito exigente, então eu num... Aí eles me mandaram embora. Aí eu fiquei um ano desempregada, e foi aí que eu arrumei esse, agora [...] Padaria [...]. esse aqui tem um mês, só [...]”. Perguntei sobre o salário. Ela disse: “Quatrocentos e trinta [...] Na carteira tá quatrocentos e trinta, aí vem o desconto, tal...”. Perguntei sobre o salário do marido, ela respondeu: “Quatrocentos e trinta na carteira, também... Mas ele trabalha em dois serviço, né? Aí eu até num sei direitinho, não, porque... É uma confusão, assim. Porque a gente ‘tava separado, né? Então a gente ‘tava separado e tem um mês só que...”.

M.A. toca em uma fase de sua vida antes da viagem com o companheiro atual quando engravidou: “Aí a gente viajamos... Só que, antes disso, foi o seguinte: eu fui lésbica por volta de uns sete anos”. Pedi a ela para falar sobre esse fato, ela disse: “Ai, foi parte horrível da minha vida, né? [...]. Acho, assim, o que me levou - hoje eu tenho essa conclusão - a carência, o tempo todo eu me sentia sozinha, não tinha ninguém ali comigo. Então, de repente, eu vi uma colega fazendo, né? No caso, beijando. Então eu queria, né? [...].Também. Aí foi que eu entrei ali... Fiquei por volta de uns cinco anos, seis anos...”

Perguntei a M.A. se ela fez algum tratamento psicológico, ela respondeu: “Ah, fiz. Quando eu ‘tava em depressão, eu fiz [...]. Não dormia, não comia...[...]. Eu fiz com a S. ali, no pavilhão. Só que aí, no meio do tratamento, me deixava pra trás. Né? Aí ele ia, ficava muito pior [...] Assim, porque ele

começava a fazer o tratamento, vamo supor, aí ele entrava de férias. Aí, aquilo, assim, eu ficava sozinha [...]. Aí eu continuava com aquela bola de neve. Aí depois eu fiz com... Não, eu acho que depois eu num fiz com ninguém, não... Ah, eu não me recordo com quem eu fiz de novo, não. Também aconteceu a mesma coisa [...]. Também me deixou no meio do tratamento...[...]. Isso! E depois eu fiz... assim, um pequeno número de sessões, lá, com um psiquiatra. Aí, assim, pequenas, eu já notei a diferença”.

M.A. relata que antes de começar a trabalhar na creche ela participou de um projeto chamado Toriba que acontecia na comunidade. M.A. fala dessa experiência: “Nossa! Muito bom! Tudo de bom! [...]. Todos! Ali, as amigas... ali, o trabalho deles... Nossa! A conversa que eles tinham com a gente, a palestra, os cursos... Era muito bom! Né? Então, assim, eu sempre fui apaixonada por futebol, então aquilo ali, pra mim, era tudo o que eu queria, né? ‘Tá jogando ali. O que num era bom era sempre as brigas que tinha, né? [...] Ah, briga entre os colegas, mesmo, né? E falta de água, do banheiro... né? Então, ali era muito aberto, então deixava as coisa, roubava... Então num tinha aquela sala, assim, apropriada pra deixar os objetos, não [...] Também brigas, foram muitas brigas...”

Reg. 4

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

L.C.C., 7 anos e 8 meses, masculino, 1ª série. Segundo a mãe ela teve “ problemas de rins” na gravidez e a criança nasceu prematura. Permaneceu 23 dias hospitalizada devido a infecção intestinal. Não foi amamentada ao seio. Mãe G3P3A0.

Após o nascimento ficou 8 dias sem contato com a mãe e depois desse período recebia 2 visitas diárias.

Na história pregressa é relatado que a criança chorava muito na creche. Está em ludoterapia no Centro de Saúde.

Apresentou dermatite seborréica generalizada aos 6 meses de idade.

Criança recusou a ser examinada na 1ª vez. Apenas em outro dia concordou em ser examinada.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação de Doenças Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

irritabilidade; choro; medos; inibição; tensão

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

roer unhas

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

aritmética; leitura; linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Déficit visual (foi encaminhada ao oftalmologista e confirmado miopia); a pressão arterial estava elevada em 3 mensurações; em outra mensuração feita posteriormente estava normal; linfonodos palpáveis

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Condições de vida inadequadas:

pobreza; fossa; lixo exposto

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

choro em sala de aula

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

pai com hipertensão arterial

Outros:

família vive em favela; mãe preocupada com o envolvimento da criança com drogas

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11a 1 m – 2ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista do L.C.C., 26 anos, foi realizada no dia 29/06/2008 na paróquia São Brás. L. estava alegre, simpático e estava acompanhado da mãe que o deixou em seguida. Começamos pela história escolar. L. estava um pouco apreensivo no início da entrevista: “Tá. **[Pequena pausa.]** Minha... Minha... Quando... Quando... eu...” Notei que L. estava apreensivo então perguntei sobre a trajetória escolar na EMMP. Ele respondeu: “Isso. Eu estudei lá até à oitava série.[...] Eu fui retido... ah, umas três vezes, ou quatro vezes. Perguntei em que série. Ele respondeu: “Não lembro. Mas... fui retido. Lá foi até bom, a escola e tal, mas eu tive de parar porque precisava de trabalhar, pra ajudar minha mãe, meu pai. Ajudar principalmente meu pai, porque... meu pai mexe com pintura, né? Ah... tive que ajudar ele. Nas pintura. Mas não só por causa disso, porque eu estudava. Só que ficava cansativo, porque eu tinha que sair lá do... lá da escola, às vezes não dava tempo nem de trocar de roupa, e ir lá pa ajudar ele, né? Levar marmita pra ele, também, aí lá eu já ficava ajudando [...]. Da primeira à quarta série eu estudei de manhã. Da primeira à quar... até a quinta série eu estudei de manhã. Sexta... e sétima... e oitava eu estudei à noite.[...] Não cheguei a completar a oitava série, não. [...] Freqüentei. Até a metade do ano. Depois eu parei. Perguntei ao L. em que séries que aconteceram as retenções. Ele relatou: “Foi da primeira à quinta. [...] Depois eu passei direto.[...] Até a oitava. Sobre as explicações para as retenções e o que sentiu, L. disse: “Ah, a gente sente incapaz, né? Tem hora, né? Você estuda... Às vezes, nem porque eu era ruim em matéria, não; às vezes é porque eu faltava muito. Faltava muito de escola. É porque eu tinha que trabaiá, né, às vezes, né? Preguiça [...]. E eu... Tamém é porque eu acordava tarde, né, tamém... Vencido [...]. E ... Causa eu tamém arrumei filho cedo, né?”

Perguntei ao L. sobre o trabalho. “Comecei a trabaia eu já tinha uns dez ano de idade. [...] É. Ajudando meu pai. Ajudando meu pai. Eu levava marmita pra ele e já ficava lá, né? [...]. Recortava parede, ajudava ele a lixar [...] amassar [...]. Até o final da tarde. [...] Aí, parei de estudar, mexi com pintura até uns... uns dezessete ano... Até uns dezessete ano eu ajudei meu pai. Depois ficou ruim de serviço, meu pai trabaiou por conta própria... Aí eu segui meu caminho, meu pai seguiu o dele. E... com dezessete ano, eh... com dezesseis ano, eu arrumei uma esposa... e com dezesseis ano ela engravidou... Quando eu tinha dezesseis ano ela engravidou, e... aí começou a minha dificuldade, né, com as coisa, porque... ela ‘tava grávida, né? Eu tinha apoio só da minha mãe e do meu pai... A família dela não me dava apoio nenhum. Entendeu? E... e... eu tava... Como eu tava trabalhando por conta própria não tinha serviço direto. Eu tive de correr atrás, né? Porque tava grávida. Aí eu juntei com ela; com dezesseis ano eu juntei. Ficamo... Fomo morar na casa da mãe dela. Com dezesseis ano. Com dezessete ano, eu... ‘tava mei... ‘Tava ruim de serviço aqui, trabalhando por conta própria, aí eu fui, e... e... Como fala? Fui correr atrás de serviço fora. Fui pra Nova Serrana pra trabaia. [...] Só que eu tinha o meu primo que morava lá; só que aí eu fui iludido porque ele falou que lá era bom de serviço e não era o que eu ‘tava pensando. Aí eu fui pra lá, não era o que eu tava pensando, eu arrumei um serviço lá de... ajudar pedreiro. Ajudante de pedreiro. E... fiquei lá, ajudando pedreiro. Só que é um serviço que... ‘rebenta a pessoa, né? Aí fiquei lá ajudando, vi que não era bom, voltei pra cá. Aí voltei pra cá, eu arrumei um serviço que é de entregar panfleto. Aí eu fui entregar panfleto pra ganhar... quarenta reais. Quarenta e cinco. Até eu [...], quarenta e cinco reais. [...] Por mês. [...] Aí... rolou uma oportunidade d’eu pintar uma casa. Meu pai me ajudou, levei meu pai. Aí, beleza. Pintamo a casa, ficamo tranqüilo”.

L. relata também que durante um mês trabalhou como ajudante de pedreiro: “Eh... Eu... tava precisando de comprar uns trem. Prá A. (sua filha). E... lá na onde que minha mãe trabaia, tava reformando o prédio. O prédio lá era de quatro andar. Quatro... Três andar. Três andar. E eles tava reformando lá e tava precisando de ajudante de pedreiro. Sabe? Aí eu fui lá, conversei com o cara... No mesmo dia... Eu ‘tava precisando tanto que no memo... Ele falou assim: Que dia você pode começar?; aí eu falei: Agora. Com a mesma roupa que eu fui, eu comecei trabaia. [...]

Trabaiei no Pizzarella também, né? De ajudante [...] Eu era faxineiro. [...] E... lá, também, eu tive algumas dificuldades, sabe? Porque... Dificuldade, assim, no serviço, porque eu era faxineiro e lavava panela. Panela, prato, sabe? Aí tinha dia de domingo lá que era umas dez fileira de panela; aí eles reclamava até de mim porque eu num dava conta, sabe? Porque quando... quando dava de tarde, lá pelas sete horas, já vinha outra pessoa... Já substituía, né? A da parte da noite. [...] É, o plantão. Aí eles sempre escrevia papel porque eu num tava dando conta; porque era muita coisa memo, sabe? [...] Lavava... Lavava as vasiia tudo de lá, né? Lá só ficava lotado”.

Outra atividade que L. teve foi de lavador de carro “Ah, eu lavava... lavava carro lá no posto, né? De vez em quando. No posto de saúde. [...] Era eu e o C., o senhor num lembra? O L.C.? [...] Ele tá até preso, né? [...] Lavava carro da... da... da ex-patroa da minha mãe, também. Ela pediu pra eu lavar... Lavava uns carrinho lá na porta da casa da minha vó [...]. E... eu tive uma oportunidade boa na vida de...

aprender a mexer com acessório de casa... de carro.[...] Foi o meu patrão, que eu trabalho com ele hoje. Chama Sandro. Ele me levou pra lá, falei com ele que eu tinha interesse de aprender... Aí, eu peguei... Ele me deu a oportunidade. Aí, eu... trabalho com ele. Comecei lá ganhando sessenta reais por semana, e hoje, eu... hoje, graças a Deus, tenho uma profissão, tem quatro ano que eu trabalho com ele [...] Eu tiro lá setecentos reais. Setecentos reais. Fichado” Perguntei sobre o tipo de serviço: *“Eh... Mexer com alarme de carro, eh... trava elétrica, vidro elétrico... Sistema de... elétrico do carro, né. L. relata que foi a partir da entrega dos panfletos que conheceu o patrão. Começou como ajudante de instalador até chegar a instalador: “nessa empresa que eu trabalho hoje, eu entrei lá, eu não sabia nada. Aí ele me ensinou tudo. Tudo que eu sei hoje, eu sou grato a ele. De termo do serviço, né, que eu aprendi. Eu sou grato a ele, que quando eu entrei lá eu não sabia nem que que era um fio positivo; hoje eu faço tudo. Hoje em dia eu ponho alarme, ponho vidro, ponho trava... entendeu? Ponho bloqueador de furto, ponho bloqueador via satélite... ponho trava... trava carneiro no carro, tal... Porque ele... Eu ganhei... Eu sou o tipo do rapaz que eu fui curioso. Com as coisa. Quando eu comecei lá, ele falou... ele memo falou que ele dava a oportunidade, né? Aí eu... Quando o instalador instalava alguma coisa lá, eu ia lá correndo, olhava... Vendo aqueles prospecto da peça, como é que... você... Tipo, te ensinando você a ligar. Eu ia lá, pegava, levava pra casa, ficava lendo, sabe? Porque eu sempre fui curioso com essas coisa. Aí, nisso, eu no dia-a-dia fui aprendendo. Aí ele... Chegava um carro lá que ele ficava muito tempo lá, eu ia lá, ele falava assim: Não, po mexer aí. Vai tentando, aí. Aí eu ia tentando. Né? Mas foi muito bom. [...] Eu fiz curso agora de... de... bloqueador via satélite, e de trava carneiro. Lá em Uberlândia. L. comenta sobre o trabalho na loja: “E lá na loja, lá, eu... Graças a Deus, como tem confiança ni mim, eu sou... pra ele, eu sou o gerente, lá da loja”.*

L. fala sobre as oportunidades para o jovem: *“E... Aí, igual eu ‘tava te falando da... da minha vida, igual, agora depois de adulto, eh... Tem coisas que, igual a gente ‘tava comentando o negócio do jovem, falta oportunidade pros jovem, hoje em dia, que [...]Falta oportunidade... No caso de serviço, sabe? Porque, eh... a oportunidade de serviço que eles dão pruma pessoa é só quando a pessoa... Tipo assim, sai um anúncio, mas já pede experiência. Mas se você não dá serviço prum jovem como é que ele vai adquirir uma experiência? Nunca ele vai ter uma experiência, não, se você não dá uma oportunidade pra ele... né? [...] Pra aprender. Você tem que dar uma oportunidade. Porque se você... Igual eu tô falando com o senhor, se o senhor não dá uma oportunidade pum... pum jovem, puma... pra ele aprender, ele não vai adquirir experiência. Ele não vai ter experiência nunca na vida dele, né?”*

L. relata acontecimentos na sua vida conjugal: *“Ma, aí, a minha sogra começou... eh... começou a pegar no meu pé, né, porque falando que eu não tenho... que eu não tinha oportunidade, que eu não tinha... que eu não tinha condição de cuidar, né, da menina que a minha esposa ‘tava esperando... E... começou... Os parente dela queria me agredir, sabe? Queria me bater, e tal. Que falou que eu era menino, que eu não tinha possibilidade de criar uma criança. E ela também era nova na época né? Deu... Aí, passou um tempo, ela começou a agredir a filha dela, deu remédio pra ela tentar abortar... Sabe? No banheiro... E... Aí, nisso, nós... teve ela e tal”.* Perguntei ao L. a idade da esposa dele quando ela engravidou. Ele disse: *“Ela ‘tava com onze pa doze [...] Eu tava com dezesseis pra dezessete [...] Ah... No começo a gente fica*

meio preocupado, né? [...] Ah, eu ficava mei' preocupado, né? Às vezes, porque eu... Por eu ser novo, né? E eles ficava... O pessoal, mais da minha esposa, pegava muito no meu pé, aí eu [...] No meu pé porque, que nem, igual eu 'tava comentando, né? Porque quando... quando ela... Quando ela engravidou, ela... A minha sogra queria... tirar... eh... queria... Quando ela engravidou, a minha sogra não queria, né? Deu remédio pra ela abortar; ela desmaiou dentro do banheiro. Eu 'tava... inclusive, eu tava até trabalhando. Um primo dela me ligou, eu tive de sair do serviço pra mim ir lá buscar ela. Eu cheguei lá ela tava desmaiada dentro do banheiro. E... ela me criticava muito [...] Eles ficava me criticando muito. Entendeu? Eu acho que isso aí foi dando uma coisa esquisita na cabeça, porque, desde o momento que ela fez isso com ela, né, com a própria filha, aí eu não senti mais, eh... – como é que fala? – seguro de deixar ela lá. Às vezes eu trabaiava com... preocupado. Às vezes eu tava lá mexendo ni altura, pensando no que que tava acontecendo lá na casa dela, entendeu? 'Que... eh... ela me criticou demais. Ela falou que eu num ia dar conta, que... que menino num era boneco; falou um tanto de negócio comigo. Falou... Aí depois ficou insinuando que eu tinha de pagar plano de saúde prá filha dela, e na época eu não tinha condição. Sabe? E... E... os parente dela, os primo dela querendo me bater na rua; os tio dela de cara virada pra mim, chamando eu de sem-vergonha, de vagabundo... sabe? Mas graças a Deus eu dei a volta por cima e tô com ela até hoje". Perguntei ao L. o que ele sentia. Ele falou: "Ah, tinha hora sentia raiva; tinha hora que eu... igual, eu me sentia incapaz das coisa, 'que ela ficava falando que... igual, minha esposa ficava falando: Não, nós tem que arrumar uma casinha pra nós, aí você... né? Deita no travesseiro... a cabeça no travesseiro pensando naquilo. [...] Porque... eu já tenho família mas eu não tenho minha casa, né? E... o pai dela me ameaçou, falou que ia me matar. O pai dela é... era bandido. O pai dela faleceu.[...] Faleceu. Eles mataram ele lá em Ibirité. Três tiro. Jogaram ele lá dentro daquela lagoa da Petrobrás. Falou que ele... na hora que ele boiasse, que ele ia me matar. [Pausa.] Aí graças a Deus não aconteceu nada disso, não".

Sobre os familiares perguntei ao L. sobre seu avô materno que havia falecido quando ele era ainda pequeno. Ele disse: "Quando eu era pequeno. Aí, fatalmente, aconteceu uma tragédia, né? O ônibus foi... lá na rua da Bahia, perto ali do... do Parque Municipal, ele tropeçou, caiu, o ônibus passou em cima dele".

Durante a entrevista L. faz referências aos pais "[...] Os obstáculo da vida da gente é isso memo. E... graças a Deus, sou grato, né? E sou grato demais ao meu pai, porque... por ter me ensinado a ser alguém na vida. Porque, se não fosse meu pai e minha mãe, minha família, né, e meus amigo que me quer bem, eu num tava, numa hora dessa, nonde que eu 'tô. Porque... eh... Não sei se vale a pena contar, ma eu tive, quando na minha época de colégio, eu tive... tinha dois caminho na escola. Até hoje tem isso. Tem o caminho do trabaiador e o caminho das droga. Eu... Eu fui no caminho do trabaiador, ma, os meus colega que fez o caminho das droga, a maioria já morreu. Da época do colégio. Se não morreu, tá preso".

L. continua falando sobre essa questão da droga: "Eu namorei com uma menina ali na V.L., ali; eu ficava muito lá à noite. Aí teve até uma época que eles tava falando que eu 'tava mexendo com droga, ma num é não, é que eu tava namorando a menina lá. E nisso meu pai, nessa época, até me xingou, sabe?"

Falando pra mim sair de lá... Ai uma vez que eu num fui lá tava os colega... Porque lá era tipo uma esquina, e ficava uns colega meu, sabe? Na esquina. Ficava o irmão... E nesse dia tava o irmão dessa minha ex-namorada e mais três colega. Ali na Leonina. Ai, esquentou uma fogueira, que era época de frio... Nisso, desceu uns cara encapuzado, já desceu já dando tiro, sabe? Pegou no irmão dessa ex minha... ex-namorada. Faleceu. Tomou um tiro de 12 atrás da nuca. E esse outro colega meu conseguiu correr, os dois; mas um tomou um tiro no braço e o outro tomou um na perna, de raspão. Mas eles guentou correr, mas eles foi lá pa matar ele. Mas eles era tudo trabaiador. Foi confundido com bandido. Uns falam que é polícia, outros falam que é bandido memo que matou...” Perguntei ao L. se ele costumava ficar ali. Ele disse “Ficava. Normalmente. Mas naquele dia lá num sei que eu me deu... Eu ficava lá direto, num sei que que me deu, num fui. Parece que é até Deus, memo, que avisa, né? E esse cara que era irmão da minha ex-namorada, eles pegaram ele, eles tavam rastando ele no chão, sabe? Fizeram a maior covardia com ele...”.

Reg. No 7

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

P.L.F., 8 anos e 1 mês, 1ª série, com história de uma repetência. Gravidez não desejada. Criança foi amamentada cerca de 10 dias. Mãe relata anemia durante a gestação. Criança chorou muito nos primeiros 20 dias de vida. A informante relata que teve muitas dificuldades no início devido a mudanças frequentes, por não ter casa para morar. Criança foi hospitalizada 5 vezes devido a pneumonia, bronquite e diarreia. Mãe G4P3A1.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Doenças Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I - (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

irritabilidade; choro

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

roendo unhas; enurese descontínua; gagueira; pesadelos

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

aritmética; leitura e linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Sugestivo de parasitose intestinal (fezes amolecidas e dor abdominal); linfonodos inguinais palpáveis; fígado aumentado de tamanho (parasitose intestinal ?)

Eixo V – (Condições psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:

alcoolismo paterno e agressividade; sugestivo de depressão materna

Relacionamento intrafamiliar discordante:

desarmonia inclusive com agressão física entre os pais; maus tratos emocionais (pais e filhos)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível de escolaridade dos pais principalmente da mãe; pai trabalhador sem habilitação

Condições de vida inadequados:

pobreza; aglomeração; arranjos para dormir inadequados: uso da cozinha; falta de água (apenas à noite); lixo exposto

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

desemprego paterno; irmãos com problemas de saúde

Outros:

família vive em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11 a 6 meses – 2ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de P.L.F., 26 anos, ocorreu no dia 13/07/08 na Paróquia São Brás. Estava sorridente, foi simpática comigo. Estava um pouco nervosa no início da entrevista. Começamos pela vida escolar: “Ah, eu estudei pouco... Eu era muito atenta... **[Risos.]** [...] As professoras eram muito boas comigo... E eu gostava muito das professoras; até hoje eu lembro de algumas [...] Então eu gostava muito de estudar! Então foi indo, aí eu passei pra segunda. Aí eu passei pra terceira... Mas a escola sempre me ajudou, sempre deu material... Sempre que eu precisava de um lápis, uma borracha, elas me dava... E já levei muita suspensão, que eu era muito atenta [...] Bagunçava... Brincava na hora errada... Queria sair da sala, queria ir no banheiro toda hora... Respondia muito... Mas já melhorei muito, graças a Deus. Então, da terceira, fui pra quarta... Só que estudar de manhã era muito difícil, né? Pra acordar, a gente perdia a aula... Depois eu fui pra noite. À noite era mais arriscado. Meu pai me buscava... E depois, com doze, treze anos, já comecei a namorar. Dava uns beijinho escondido... **[Risos.]** [...] Meu pai era bravo... Depois eu namorei com um rapaz dentro de casa, com catorze anos... E depois eu fiquei com ele... Formei a oitava. Não estudei mais. Queria ter estudo, mas...” Perguntei sobre reprovações. Ela inicialmente negou mas, a seguir, disse: “E eu tava tomando muita bomba! [...] Duas na primeira e uma na segunda [...] Depois disso aí eu pus a cabeça no lugar e... Porque todo mundo passando e eu ficando pra trás! [...]. As professoras pegavam no meu pé pra mim poder estudar. Mas o ensino eu sempre gostei. Da escola. Eu num tenho nada a reclamar do ensino [...]. Então eu... Ah, eu pus a cabeça no lugar e comecei a estudar e esforçar. Aí eu passei direto da terceira pra quarta, da quarta à quinta... Quinta pra sexta, sétima pra oitava... Aí eu... [...]

Não repeti”. Perguntei sobre os horários das aulas. Ela respondeu que até a 4ª série ela estudava pela manhã e da 5ª série até a 8ª série estudava a noite porque não tinha estas séries durante o dia.

“Então, depois disso eu parei, porque já ‘tava ficando mais madura, né? Bem grandinha, né, pra fazer o que eu tava fazendo... E respondia muitos pros professor, mesmo... Mas sempre fui meiga, carinhosa... Todos os professores, eles gostam de mim até hoje, também! Se eu vim aqui na escola, eles me conhecem, também, e vai falar bem de mim. Depois da oitava eu arrumei... com esse namorado. Fiquei muito tempo com ele. Estudei no Mesquita... Engravidei. Tive problema na gravidez... Então eu num ‘guntei estudar. Parei de estudar”. Perguntei se ela chegou a iniciar o segundo grau. Ela respondeu: *“Comecei. Eu ia fazer duas série em um ano [...] Aí eu num tava dando conta...[...] E aí eu parei de estudar, né? [...] Quería estudar. Quería formar o terceiro ano...”*.

Perguntei os motivos que ela não fez o 2º grau. Ela respondeu: *“Ah, eu nunca pensei, não, mas é sem-vergonhice da pessoa mesmo [...]. É sem-vergonhice. A preguiça, o cansaço...[...] Ah... Eu penso. No ponto de vista meu e de qualquer uma pessoa [...] Porque eu acho assim: querer é poder. A gente tem que pensar e fazer as coisas boas. Se a gente pensasse em fazer coisas boa, nada disso ia acontecer. Nada disso... né? [...] E eu num estudei porque eu engravidei. E deu uns problema na gravidez. Mas...”* Perguntei qual foi o problema. Ela disse: *“Toxoplasmose”*. Ela teve seu primeiro filho que hoje está com oito anos. Perguntei se vive com o pai desse filho. Ela disse: *“Não. Não vivi com ele [...]. Me engravidou e saiu fora [...] Ficamos cinco ano no namoro... Depois que eu engravidei, ele... Nem falava que o filho era dele! Isso é uma revolta das mulheres, também, né? Que os caras namora com a gente... [...] Só que ele é gente boa, sabe? Ele é um ótimo pai... É trabalhador...”*

Quanto ao trabalho P. relatou que começou a trabalhar com: *“Treze ano [...] . Ó, eu trabalhei na padaria, era muito bom. Só que era muito perigoso pra mim. Eu pegava, assim, seis hora da manhã. E eu trabalhei lá dez meses. Era todos os dia, uma folga por semana [...] Lá no bairro... [Tsc.] dos Funcionários. Lá na Savassi. Ali pro lado da Savassi [...] Eu era atendente balconista”*. Perguntei que horas que ela saía de casa. Ela respondeu: *“Cinco e quinze da manhã. [...] E depois desse eu arrumei mais um no depósito, que eu não fichei, que a mulher ficou com ciúme de mim do marido dela...[...] Fiquei dois meses, só [...] Eu vendia, né, os material. Fazia os... Aham. Fazia os orçamento pros pessoal e...E o outro eu arrumei, depois, na Silva Lobo... que foi um restaurante...Depois, com dezessete ano... Pra dezoito...[...] Fiquei lá um ano... Lá era saladeira. Eu era auxiliar de cozinha.[...]*

E agora tô no quarto, que já ‘tá há seis anos.[...] Eu sou garçõete. [...] Eu pego nove hora (da noite) e largo quatro da manhã. [...] Todos os dia. Lá, agora, fecharam aos domingo. Agora a gente trabalha de segunda a sábado. Perguntei a ela como faz para ir para casa. Ela disse: *“Ah, eu fico até cinco e meia... cinco horas esperando o ônibus na rádio... (Raja Gabaglia)[...] Eu fico lá no serviço (aguardando o ônibus). [...] Cinco horas eu pego o ônibus... Cinco e meia eu tô no Centro, seis horas eu chego em casa”*. Perguntei o salário. Ela respondeu: *“A gente ganha quinhentos reais.[...] E a gente somos comissionado. A gente ganha por comissão. A gente ganha por venda. [...] Então eu tiro mil, mil e*

quinhentos... mil e oitocentos... [...] Até dois mil a gente consegue tirar, mas a gente tem que esforçar, né? E vender muito, né? [...] Ah, a gente num tira menos de mil, não[...].

Lá é muito bom de trabalhar...[...]. E tanto que eu agradeço muito a eles, porque eu não sabia nada, né? Nunca fui garçõete. Nunca trabalhei em petisco. Eles me deram a oportunidade. E lá eu conheci o meu marido. Hoje eu tô casada [...] Segundo companheiro, meu. Tô casada, tenho um filho de três ano com ele... E tô vivendo bem, graças a Deus!”

Como ela trabalha a noite perguntei como ela concilia o trabalho com o descanso e os cuidados com os dois filhos. Ela relatou que chega do trabalho noturno e: “Ai... *Eu durmo demais, né? Falar a verdade: eu durmo muito... Mas aí eu acordo, tem que mandar o outro prá escola...[...]* o meu filho para a escola. [...] *E eu tenho um irmão de criação que mora comigo. Que a minha mãe pegou ele com dois meses...[...]* E aí, agora ele vai fazer doze ano. Aí ele me ajuda muito. Entendeu? Aí, ele estuda de manhã... *O meu menino óia meu menino de manhã, e ele óia à tarde”*. Perguntei o que os dois filhos fazem de manhã. Ela respondeu: “*Aí o pequenininho e o outro fica brincando [...] Aí o meu marido ‘tá lá, também, né? Dá um café...*” Perguntei se o marido se encontra em casa pela manhã. Ela acrescenta: “*É. Trabaia à noite comigo, também [...]*

Aí os menino fica lá sozinhos. Eles e Deus. Um dia sim, um dia não. O meu de oito ano vai prá escola à tarde, chega com fome, varado de fome... Aí eu vou e faço um lanche, depois faço a janta, deixo eles jantar, lá, e venho trabalhar”. P. relata que sai de casa para o trabalho às dezenove horas e quinze minutos. Demora cerca de cinqüenta minutos para chegar ao trabalho.

Perguntei se treze anos não era muito cedo para começar a trabalhar. Ela respondeu: “*Acho que não. Acho que todo mundo devia começar a trabalhar cedo, porque aí aprende a ter o seu dinheiro, aprende a dar valor”*.

Em certo momento da entrevista quando P. estava falando dos filhos ela disse: “*Não quero que eles passem o que eu passei...*”. Perguntei sobre isso. Ela respondeu: “*Os amigos da gente tudo morreu. Tudo de tiro. É triste demais cê saber... Eu mesmo perdi meu irmão... Então é muita revolta...*” Perguntei sobre a morte do irmão. Ela disse: “*Ai... Levou tiro, né? Nunca faltou nada pra ele... Minha mãe separou... A gente ficou assim, né? [...] Ah... Sofrendo, né? Porque separação... de pai e mãe... difícil, né? [...] Ah, eu acho que os filhos têm que ficar com os pais. O pai e a mãe [...] Então, minha mãe foi embora.... [...] Meu pai ficou... Nós ficamos sofrendo. Sem a mãe. Aí meu pai sofreu um acidente, também, né? Antes disso. Levou tiro, também. Levou seis tiro...[...]* Passou por quatro cirurgias... *Então ‘tá vivo graças a Deus. E o meu irmão... Que ele ficava muito num bar, né, aqui, porque... Igual eu ‘tô te falando: aqui num tem nada, aqui num tem uma área de lazer, num tem uma estrutura, num é um lugar bom de morar. Mas, pra você viver aqui, é dentro de casa! Que na rua cê só aprende o que num presta. Então, meu irmão tava junto com a galera... A pessoa ia pegar o outro, pegou foi ele... Deu dois tiro nele, e assim... Cabou com a vida da gente! Cabou! Só Deus sabe o que minha mãe tá passando... Minha irmã... [...]*

Então, eu tenho filhos... Num quero passar o que a minha mãe tá passando... E espero que Deus me dê força pra mim criar meus filhos. Porque esse mundo de hoje...[...] É muita droga e muita violência!”

Perguntei a idade do irmão. Ela respondeu: “Vinte e um. Ele ia fazer vinte e um.[...] É. Novo demais. Num precisava disso, né? Hoje deixou um filhinho... Que hoje ele tem dois anos, chamado Cauã...[...] E nós tá ajudando, né? Porque ele num pediu pra vir ao mundo. Sem pai, agora... Tem ajudar e educar, porque, igual eu tô te falando, ‘tá difícil... Difícil.”

Perguntei sobre sua saúde. “Ó, eu sempre, quando eu estudava na escola, eu sempre tinha muitos probleminhas, assim. Eu era muito anêmica. E eu tinha gastrite. Tinha, não; eu tenho gastrite. Então..”. Perguntei sobre a gastrite. Ela explicou: *Dor! Muita dor! Sinto muita dor, mesmo! [...] É, na barriga. Abdômen [...] Então, tipo assim, a minha dor, ela ataca de vez em quando. Ela sumiu, graças a Deus, mas sempre eu tô tomando remédio. Então, não tenho mais nenhum problema de saúde, graças a Deus...*”

P. relata que foram muitas as pessoas importantes para a vida dela além do pai, da mãe, tia, professores, pessoas da comunidade que trabalham na creche, e os patrões atuais. Em relação a estes ela afirma: “Nunca me maltratou, nunca deixou faltar nada pra mim, nem pros meus filhos... Que eu comecei lá do zero, do nada... Hoje que nós somos comissionados, a casa cresceu mais, aí... Agradeço a eles, porque é uma oportunidade, ali, pra poucas pessoas... Porque eu acho que a dificuldade das pessoas que num arruma serviço, que não trabalha é porque a oportunidade... Eles num dão curso, eles não deixa... não conhece a pessoa, não deixa elas trabalhar... Então, muitas num tem, então existe caso de panelinha [...] . Se eu te conheço, eu vou te por lá; se eu num te conheço, cê num entra. Entendeu? Então eu agradeço por ter eles, mesmo. Nó! Que eu entrei ali do nada, sem saber nada, sem fazer nada”.

Reg. No 8

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

R.F.S. 7 anos e 2 meses, masculino, 1ª série. Após o nascimento a criança ficou internada 5 dias devido a “problemas de pele”. A criança foi hospitalizada outra vez, devido a pneumonia. Mãe G10P6A4. Criança não frequentou creche/pré-escola.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Doenças Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

*Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:
irritabilidade; medo*

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

*Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:
leitura; aritmética; linguagem*

Eixo IV – (Condições médicas)

Estrabismo a E e suspeita de déficit visual a E; problemas dentários (dor); linfonodos aumentados de tamanho

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:

pai aposentado por invalidez; relatando problemas psiquiátricos; história de alcoolismo

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

pai analfabeto; mãe – baixa escolaridade; irmãos com história de múltiplas repetências e baixa escolaridade

Condições de vida inadequadas:

miséria; aglomeração; fossa; lixo exposto

Outros estresses psicossociais intrafamiliar:

irmãos da criança com problemas de saúde; pai relatando também problemas de saúde física

Outros:

família numerosa; família vive em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 6 meses. Mudou de escola; 2ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista do R.F.S., 25 anos, foi realizada no dia 17/08/2008 na Paróquia São Brás. Ele veio acompanhado da sua esposa e de seu filho, mas estes não participaram da entrevista. O R. estava bem disponível para participar da entrevista. Começamos pela história da vida escolar: “... Igual, eu estudei aqui até a terceira série... [...] Aí, da terceira série, eu fui pro grupo, no Nossa Senhora da Aparecida. [...] Então fui até a quinta série e fui pro Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC). Só que no decorrer desse tempo eu comecei a trabalhar. Entendeu? Aí eu comecei a trabalhar... E, como eu ‘tava trabalhando até tarde, entendeu? Chegava cansado... Tinha vez que eu fazia até hora extra à noite... Eu fui, parei de estudar. Só que no decorrer do tempo fui estudando, estudando... [...] Eu cresci, comecei a trabalhar... Graças a Deus, entendeu? Fui sempre trabalhador, desde pequeno, mesmo... Só que o meu estudo eu tive que parar, entendeu? Parei. Igual, eu tô ainda na sétima série. Mas por causa do estudo...[...]

Única coisa é só o estudo, que parou um pouquinho, mas não porque... Fala que tem pessoa que num gosta de estudar, para de estudar. Mas só que eu parei foi por causa do trabalho, entendeu? Negócio aí de ajudar minha família, aí parei. Mas eu tô querendo começar... Tô querendo fazer um vestibular... um supletivo... Entendeu?

Perguntei se ele havia sido reprovado alguma vez. Ele disse: “Não. [...] Passei a terceira série... [...] Da terceira série, eu fui transferido lá pro Nossa Senhora da Aparecida [...] Lá eu tomei uma bomba na terceira... Aí repeti a terceira, fui e passei prá quarta, depois passei prá quinta.[...] Nossa Senhora da Aparecida. Aí, na quinta série, eu fiz a formatura de quinta série e passei pro colégio EMOC.

[...]: *Aí, estudei um ano lá, tomei bomba e parei de estudar [...] Aí, na quinta, fiquei uns dois ano parado. Voltei, estudei aqui no Mestre Paranhos, de novo. [...] Aí já passei pra sexta, à noite...[...] Parei! Aí parei de estudar, que eu comecei a trabalhar, entendeu? [...] Comecei a trabalhar de tarde, mas que ia até a noite, aí num tinha como. Parei o estudo [...].*

Aí eu... Há poucos ano... Foi em dois mil e seis! [...] Dois mil e seis, eu comecei a trabalhar no Caiçara. [...] Como o meu patrão fazia o caminho que era pra direção do IMACO... [...]...que é no Parque Municipal... [...]...eu fui, já matriculei lá pra mim estudar lá. Aí eu aproveitava pra num pagar passagem... Ele me dava carona até o IMACO... Aí eu comecei a estudar lá. Fui, passei pra sétima. [...] Aí eu passei prá sétima lá no IMACO... Aí, igual eu falei sobre o serviço, né? Me deixava muito cansado. Tinha vez... [...] É, eu estudava à noite.[...] : De sete às dez. [...] Aí eu tava estudando. Só que, como eu chegava muito cansado... Porque eu trabalhava num lava-jato. Então, eu tinha que... Eu trabalhava lá na frente pra liberar os carro pro pátio. Então era um serviço muito cansativo, entendeu? Tinha que ficar por baixo pra limpar chassi, motor... Então eu chegava na sala, o professor passava uma matéria, eu ficava até cochilando. Então eu vi que num tinha como, através do serviço, estudar, estudar, eu fui e parei. Aí, até hoje eu tô na sétima...”

Ainda quanto os motivos que o levaram a parar, R. disse: *“...E outra coisa, eu tô nessa série, aqui, não é por causa da minha mãe, que minha mãe me deu muito exemplo, entendeu? Eu lembro quando ela... Tinha vez que ela até batia na gente. Falava: Vai estudar! Vai estudar Ah, eu num vou estudar! [...]*

Porque eu, pela minha idade, entendeu? Era pra mim já ter formado, tá trabalhando num serviço bom, entendeu? Tranquilo... Mas foi por minha causa, mesmo. Muita das vez, tinha vez que... entendeu? Foi por causa do trabalho. Mas muita das vez eu num tive aquele esforço total, mesmo, pra [...] no estudo. E eu falo prá minha mãe: Ô mãe, eu agradeço à senhora pelo incentivo, mas... Igual, eu tô até arrependido, mesmo, porque já era pra mim ter formado... Mas num é por causa da minha mãe. Eu sempre falo com a minha mãe que a mão tá limpa, memo, porque se fosse pelo esforço dela, eu já tinha formado há muito tempo, porque exemplo, mesmo, pra estudar, ela deu, mesmo”.

Quanto ao pai, ele disse: *“É porque, o meu pai, ele só queria que a gente trabalhasse, entendeu? Ele queria que estudasse, mas num era muito pra estudar. Só que minha mãe era só estudar! Estuda, estuda porque até ocês dessa idade nós vamos sustentar ocês, mas estuda, que mais pra frente'cês vai ser alguém! Só que meu pai num era muito. Era mais pra trabalhar. Pela condições dele, que ele não estudou muito, ficou mais trabalhando, era desse jeito. Meu pai era mais pra trabalhar...”*

No que se refere a história relacionada ao trabalho, comecei perguntando ao R. com que idade ele começou a trabalhar. Ele relatou: *“Com doze ano eu tava na quarta série.[...] É porque eu vi meu pai, entendeu? Meu pai trabalhando... Eu queria ter minha vontade... Igual, eu tinha vontade de ter uma bicicleta. Num tinha... Igual eu falei, a minha mãe, ela queria dar à gente o que a gente queria, só que não tinha a condições, porque era difícil, entendeu? Então eu sempre tive vontade de ter uma bicicleta, não consegui, aí comecei a trabalhar catando bolinha. Catando bolinha em quadra de tênis. Isso... Aqui no*

Buritis... Aí comecei a catar bolinha...[...]

Porque eu vigiava carro. Eu vigiava carro aqui no Buritis, ali do lado da quadra. Então como o pessoal já tinha confiança comigo, que era tempo, entendeu? [...] Era menininho pequeno, ficava lá, só vigiando carro, eles dava dinheiro, aí eles foram e falou se eu queria trabalhar lá. Aí eu falei que queria, que eu queria ter dinheiro pra comprar roupa, comprar... Comprar as coisa. Brinquedo, esses negócio de infância, entendeu? [...]

O primeiro serviço foi esse... Depois eu fui crescendo... Aí eu comecei a lavar carro... Entendeu? Lavando carro... O segundo, eu fui no... [...] Eu fui no Gutierrez, no bairro Gutierrez... Comecei a trabalhar em supermercado. Carregava sacola em supermercado... E sempre assim: eu trabalhava num lugar, mexia com um, mexia com outro... Sempre esses serviço pouquinho, assim. Aí eu comecei a trabalhar no supermercado. No supermercado, eu conheci um rapaz, o nome dele era Emanuel, entendeu? Que era no Gutierrez... Agora, eu... Tem tempo... Ele sumiu, também... Então foi através dele, ele colocou eu lá dentro, aí eu comecei a trabalhar lá. Aí, nessa época, eu ganhava... Aí eu já 'tava com dezessete ano.[...] Aí eu já tava ganhando na faixa duns oitenta... Uns oitenta reais, mais ou menos... Sententa... É, por mês. [...]

Aí eu fui e parei. Eu comecei a trabalhar e fiquei na faixa duns oito mês trabalhando com eles, lá. [...] É. No supermercado. Aí eu fui, parei... Como eu já queria trabalhar... Pelo meu estudo. Não tinha condições de eu trabalhar, através do estudo, num serviço melhor, entendeu? Aí eu comecei a trabalhar em obra. Eu já tava com dezoito ano, entendeu? Aí eu comecei a trabalhar em obra...[...] Era servente, trabalhava em obra... [...]

Aí, no decorrer desse tempo, fui trabalhando, até os vinte e dois anos. Os vinte e dois anos. Então, no decorrer desse tempo, eu fui, já comecei a trabalhar no lava-jato...[...] É, com vinte e dois anos. Comecei a trabalhar no lava-jato... E esse é o meu serviço até hoje. [...]

Eu trabalho de oito às sete. [...] É, de segunda a sábado, mas só que agora já tá indo pra domingo. [...] Então, agora, no mês, eu só tenho duas folga”. **Perguntei há quanto tempo ele trabalha nesse emprego e qual era o salário. Ele respondeu:** “Tem três anos [...] É... Quatrocentos e vinte e cinco. Mas com a hora extra, que eu trabalho muito, vai pra uns seiscentos...

Perguntei ao R. sobre sua saúde física. Ele disse que estava bem Graças a Deus. Quanto a parte emocional ele respondeu: “Ah, é sobre o exemplo as coisa que eu passo em casa... entendeu? [...] Igual, o senhor 'tá sabendo, aí, que eu perdi meu pai...[...] Então, o meu pai tava vindo da frente e indo prá direção da minha casa. Ele tava vindo, e tinha um caminhão da construção. Um caminhão de caçamba, dando ré. Só que, quando esse caminhão tá lá, sempre tem um ajudante pra ajudar o manobrista. Só que nesse dia não tinha. E meu pai tava passando. E o motorista dando ré. Então, os vizinho que falou, que na hora que eu cheguei do serviço já tinha acontecido... Eles falou que meu pai escorregou. Na hora que ele escorregou, o caminhão bateu nele, e ele não escutava...[...] Ele foi e caiu. Quando ele caiu, ele tentou sair, mas não tinha jeito. O caminhão veio e passou. Quebrou o pescoço dele e o braço dele. Ele ficou por baixo do caminhão. [...] Morreu ali no local ”.

No início da entrevista R. relatou que dois irmãos tinham morrido. Ele disse: “*Eu perdi dois irmão, entendeu? Com esses vício de droga, esses negócio... Então eu fui crescendo... Um até que é mais velho do que eu! Ele morreu há pouco tempo, tem...[...]*

É. E um outro que era menor que eu, que ia fazer dezenove ano, que é o Ron. Entendeu? Então, no decorrer desse tempo, eles envolveram com droga. Entendeu?”

Retomei esse assunto dos irmãos nesse momento da entrevista. Ele disse: “*Usavam droga. Usavam droga... [...]. Não, eles só fumava, mesmo, que era usuário.[...] É. Dava prejuízo em nós, porque, quando num tinha dinheiro, eles roubava.[...] Dentro de casa... Já levaram roupa minha... Até cesta básica... Igual, esse irmão, o P C, ele tinha vinte e seis ano, ele tinha uma filha... [...]. Vai fazer seis anos. Vai fazer seis anos agora.[...]*

Entendeu? Então, a mulher dele trabalha... Sempre trabalhou... E ele também trabalhava, ele. Só que ele foi, quando ele envolveu com a droga, ele parou de trabalhar, queria só roubar, entendeu? Pra sustentar o vício dele. Quando ele não tinha dinheiro, ele entrava dentro da casa, só roubava, levava roupa da menina dele, entendeu? [...]

Cesta básica, que a esposa dele ganhava, ele vendia... Então ele foi, começou aí a aprofundar, memo, na droga. Começou a vender... Aí ele já começou a roubar os...[...] os bandido, mesmo, entendeu? [...]. Começou a roubar eles... Pegar droga, falava que ia... Tipo, pegava dez reais, falava: ‘Ah, ‘cê me dá tanto de droga, aí, que semana que vem eu te dou o dinheiro.’ Marcava o dia. Quando chegava o dia, ele não dava [...]

Então, como eu tinha uma consideração, um exemplo que eu dava pra eles, que eu não mexia com droga, eles chegava perto de mim e falava que meu irmão tava devendo a eles, que eles, se não pagasse, ia dar tiro nele, só que eles não chegou a dar tiro nele, ainda, por causa de mim. Que era pra mim dar um conselho pra ele pra pagar e parar de mexer. E eu avisava ele. Só que sempre ele falava comigo: ‘Ah, eu vou parar, eu num vou mexer com esse negócio, mais, não... Aí minha mãe, como minha mãe tinha medo deles fazer alguma coisa com ele... Que eles chegava ameaçando, até chutando a porta lá de casa, minha mãe assustava... Quando sabia que não, eles já tava entrando, querendo caçar ele, ele corria... Minha mãe chegava e pagava. Teve uma época que minha mãe chegou a pagar até oitocentos reais pra eles... Que é o seguinte, eles vendia tanto, dava uns duzentos reais, eles já cobrava o dobro, o triplo, entendeu? Aí chegou e falou com a minha mãe que era oitocentos reais que tava devendo, minha mãe foi e pagou. Mas só que tanto... Tipo assim, que ele começou a roubar eles... Pegava, roubava...[...]

Então, foi tanto que ele pegava, ficava devendo a eles e não pagava, eles chegava e falou assim que não adiantava mais o dinheiro. Num adiantava. Podia até pagar, que agora ele já vacilou muito com eles. Que o modo deles falar é ‘vacilar’, né? Que já vacilou muito com eles. Que o dinheiro já num valia mais nada. Então foi acontecendo isso. E eu falei pra ele. Falei assim: Ô... Nós chamava ele de P.... O nome dele era P. C; nós chamava ele de P. Eu falei: Ô P..., dá um exemplo pra eles, P.... Que ‘ocê é pai de família. Que ocê vai parar com isso e não vai mexer com isso mais, sô. Porque, aí, o seu nome agora é... entendeu? É pilantra pra eles, entendeu? Que ‘ocê agora já num tá mais vencendo pra eles, que eles vai

acabar te matando ocê. Porque eles não fez isso ainda por causa de mim. Que eu tô avisando procê pra você mudar de vida, sô. Mostra a eles que 'ocê tem capacidade de trabalhar, de virar um novo homem. Só que aí ele não ouvia, entendeu? A droga dominava ele. Então foi acontecendo isso... 'Inda fazendo roubando droga aqui... Fumando droga ali...[...]

Que aconteceu. Que a morte dele foi muito trágica, entendeu? Que eles pegaram ele numa emboscada, mesmo... Ele na rua, de noite, fumando, lá, aí veio na faixa de uns vinte rapaz, e ele morreu só na paulada. Aí eu fico muito triste com isso, entendeu? Porque no decorrer da minha idade, aí que eu já fui crescendo, aconteceu isso com meus irmão, eu fico muito triste. Mas só que aí eu penso no outro lado, mais pra frente, que é: 'Não, aconteceu isso, mas só que a vida da gente continua. E o exemplo que eu vou dar prá minha mãe agora é trabalhar... Ela saber que aconteceu essa tristeza aí atrás, que agora vem alegria prá frente, entendeu? Que agora 'tá vindo o meu filho, aí, que é o neto dela... Ela vai ver ele crescendo, entendeu? Um exemplo, igual, ele chama ela de vó, fala que gosta muito dela... Então isso ela fica alegre. Mas olhando do outro lado ela fica triste, num canto. Como eu também, entendeu? Igual, aconteceu isso com o meu pai, também... Mas não é porque que aconteceu isso que a vida vai parar. Entendeu? Então agora é seguir em frente e vencer, né? Agora. Só vencer”.

A seguir perguntei ao R. sobre o outro irmão, o Ron. Ele relatou: *“Ele também começou de pequeno, né? Com uns treze anos...[...] Ele começou a ir na casa de amigo... Ele começou a fumar cigarro.[...] Aí ele começou a fumar cigarro, eu via ele, aí ele corria de mim. Porque ele num gostava, sempre eu contava pra minha mãe. Se eu visse, eu sempre contava pra minha mãe. Eu cheguei, falei com ele. Falei: Ô Ron., para de mexer com isso... Ele: Não, eu só tô zoando, só tô brincando. Eu falei com ele: Aí, cê começa brincando, mesmo. Cê começa brincando. Depois, quando cê viciar, aí é tarde Então, nisso, ele começou... Ele tava estudando, só que aí ele começou a mexer com cigarro. E através dos amigo, entendeu? Chamando ele: Ah, vamo fumar cigarro..., depois começou a fumar maconha. Pequeno! Ele pequeno, ainda, começou a fumar... Aí parou de estudar. Num queria estudar mais. Minha mãe chegou a levar ele na escola. Todo dia levava ele na escola, ele estudava um horário, minha mãe vinha embora. Quando dava o outro horário dele, que era a merenda, ele pegava o material dele e fugia.[...]*

No decorrer da idade dele, que era de doze a dezessete ano, ele já chegou a ser expulso da escola de três a quatro vezes, entendeu? Porque ele fazia muita bagunça, ele começava a brigar... Talvez ele fumava e ia prá escola, entendeu? Talvez drogado, num queria estudar mais, brigava com professor. Chegou a ser até expulso. Então, através de uns 'amigo' – que isso daí pra mim num é amigo, né? [...] Aí com o decorrer do tempo ele foi pro Nossa Senhora Parecida, que é o grupo, lá...[...]

Aí estudou só lá. Só que aí ele já num queria estudar mais, entendeu? Aí já começou, já, a ficar na rua... Minha mãe sempre falava pra ele estudar, e ele num queria mais. Já começou a envolver com droga... Pelo exemplo do meus irmão que é mais velho, entendeu? Que eu tenho um irmão, que ele tá até preso até hoje... Que é o Rei. Ele é o mais velho de todos. Ele tá até preso. Ele 'tá lá na Dutra.[...] Mexia com droga, também, aí começou a roubar.[...] É. Aí os policial pegou ele. Aí ele 'tá preso até hoje. Entendeu?[...]

Então, pelo exemplo dos meus irmãos... Meu irmão de menor, que é o Ron, ele cresceu vendo meus irmão mexendo com droga. Tinha vez que meus irmão chegava de dentro de casa pra fumar droga. Aproveitava que minha mãe saía pra trabalhar mais meu pai e ficava fumando. Então ele foi vendo, olhando meus irmão, num sabia que que era aquilo, queria experimentar, entendeu? Talvez meus irmão pegava e escondia, ele ia lá e experimentava. Então aquilo foi alimentando, foi gostando, deixando a droga dominar ele..."

Perguntei ao R. qual era a droga que o irmão fazia uso. Ele disse: *"Aquela pedra, igual o crack. [...] Entendeu? Começou na maconha, só que a maconha num satisfaz ele direito, aí via meus irmão fumando pedra, começou a misturar a pedra com a maconha, que eles fala que é mesclado, misturou e começou a fumar. Só que aquilo já num tava dando efeito, e já começou a ir na pedra, já, direto, começou a fumar... Então, como ele era de menor, a mente dele tava... entendeu? Ele era muito pequeno, tava muito fraco, a droga dominou ele, que com quinze ano ele já tava em rua. Já ficava dormindo em rua. Ficava dois, três dia em rua...[...]*

Ficava no centro da cidade... Aí fez dezessete anos, foi preso, lá. Aí eles roubaram, foi preso, lá. Ficou preso no Centro de Internação Provisório (CEIP).[...]

Aí ficou preso na fase de um ano e pouco... Ele foi e veio embora. Só que, quando ele tava preso, ele falava: Ô mãe, eu num vou mexer com isso mais... Entendeu? O sonho dele... Ele sempre teve um sonho de trabalhar, comprar um... A vontade dele era de ter o quarto dele, separado... Ter um som... Que ele gostava de ouvir música... Ter um som, uma televisão... As coisinha dele. Ele sempre teve essa vontade. Mas, quando ele saía da cadeia, que ele vinha pra casa, ele não conseguia, porque ele chegava na rua, ele via pessoa fumando. Entendeu? Ele evitava, tinha vez que ele saía. Mas só que perto da minha casa, memo, tinha muitas pessoa fumando, andando armado no meio de rua... Não tem como uma pessoa que é viciado... Ficou um tempo pra recuperar e volta naquele lugar onde que vinte quatro horas por dia... Vinte e quatro horas, quarenta e oito horas, as droga, entendeu? No dia, assim, ó... Num tem como aquela pessoa... entendeu? Recuperar. Então quando ele saía, que ele via aquelas pessoa fumando, dava aquela vontade. Só que ele saía, entrava dentro de casa de novo, tal... Depois voltava de novo, os cara chamava ele. Aí ele fumava maconha de novo, ficava só na maconha... Depois voltou aqui de novo... Aí começava no crack de novo. Aí saía pra rua. E foi sempre assim. Ele vinha, ia preso, ficava um tempo... Como ele era de menor, ele num ficava muito preso. Só ficava lá o tempo de recuperar. Ficava seis meses, um ano, saía de novo. Aí ele fez dezoito ano... Tava com dezessete e meio, tinha sido preso. Aí quando ele fez dezoito ano, era pra eles ter transferido ele do CEIP pruma cadeia, né? Pra de maior. Então, como eles via o sofrimento da minha mãe, eles chegou e falou assim: Ô dona Eva, nós vamo segurar ele até os dezenove anos. Igual, nós num podemos fazer isso, mas pelo sofrimento... Porque, o Ron., ele num é uma pessoa ruim. Dá pra ver que ele tá aqui é pelo embalo das pessoa, que fala que é amigo dele, que chama ele. Porque dá pra ver que ele é uma pessoa boa, que ele quer trabalhar, entendeu? Ele conversa com nós, nós gosta muito dele! Então ele fez dezoito ano, fez dezenove ano e ficou dois ano e pouco. Então, com dezenove ano, eles foi lá no Exército, deu baixa lá no Exército no certificado dele, como ele tinha ido no Exército... Tirou

os documento dele todinho... Que é identidade, carteira de trabalho... E pra aproveitar eles deram ainda um serviço a ele na mão! Que ele saiu na sexta-feira pra na segunda-feira ele começar a trabalhar. Porque, como ele era de maior, a pessoa, quando tá preso, num consegue arrumar serviço. Puxa lá... Ah, é um ex-presidiário! A pessoa, ninguém acredita, né? Confia naquela pessoa. Até se a pessoa, tipo, se ela não mexer mais, for trabalhadora, pela ficha dele, ninguém aceita. Então, eles pos na ficha do Ron. 'Limpo'. Com um serviço na mão. Só que, na sexta-feira que ele saiu, nem eu sabia que ele tinha saído. Minha irmã foi buscar ele, trouxe os documento tudo e ainda falou assim: Ó, Ron., na segunda-feira cê começa a trabalhar. Então, no decorrer do tempo que ele tava preso, ele fez curso de padeiro, pizzaiolo, aprendeu a fazer pizza...[...]

Só que na sexta-feira ele foi e dormiu na casa da minha irmã. E minha mãe também não sabia que ele tinha saído. Que minha irmã queria fazer uma surpresa pra minha mãe. No sábado de manhã, ele saiu. Ele saiu e falou assim: Ô... Falou com a minha irmã. Que o nome dela é Re..., só que nós chama ela de N... Falou assim: Ó, N..., eu vou lá no CEIP, que tem umas roupa, lá, que o agente falou que vai me dar. Aí cê me dá dez reais, que de tarde eu vou voltar. Só que minha irmã falou assim... Que nós tinha medo! Porque sempre quando ele saía, ele ia pra rua, ficava três, quatro dia. Ele tinha disso, entendeu? Aí minha irmã falou assim: Ô Ron, cê num vai fazer igual cê fazia, não, né? Que agora ocê já é de maior, vai mudar de vida. Mostra pra minha mãe que ocê é um novo homem! Aí ele: Não, num vou fazer isso, não. Só vou lá buscar minha roupa e vou voltar. Só que isso aí... O que ele falou, num foi, entendeu? Ele foi e ficou o sábado, o domingo... Quando foi domingo à noite, a minha irmã falou se eu tava sabendo que ele tinha saído, eu falei: Não! Mas ele tinha saído, eu fiquei alegre! Só que aí ela falou assim: Só que até hoje ele num voltou. Ele saiu no sábado de manhã e até hoje ele num voltou mais. Na segunda-feira, aí eu já fiquei preocupado com a minha mãe. Aí minha mãe já ficou sabendo que ele tinha saído, todo mundo ficou preocupado, que ele num voltou segunda... terça... quarta. Saiu desde sábado! Na quinta-feira de manhã, era umas dez e meia, mais ou menos, ele ligou pra minha mãe. Aí já tava sem roupa, todo sujo... Ligou pra minha mãe, falou que era pra levar umas roupa, lá... Ali no centro, que é ali na pedreira, ali no Horto... Falou que era pra levar umas roupa pra ele, que ele vinha embora. Aí ele falou assim: Ô mãe, de tarde eu já ligo pra senhora. Quando eu ligar pra senhora, já vou marcar o lugar que é pra senhora vir me buscar... Beleza! Aí minha mãe ficou esperando a ligação. Já tinha preparado as roupa, já pronta pra buscar ele. Só que, quando foi à noite, de quinta pra sexta, ele foi prum lugar... Convidando ele, os amigo deles lá... Eles levou ele lá e executou ele. Ele foi, tomou cinco tiro. Aí ele tomou cinco tirou... Quando foi no sábado, ele sempre... Quando eu ia trabalhar, eu ficava ouvindo reportagem, né? De seis e meia... Aí eu escutei falando que tinha um jovem aparentando ter dezenove ano, forte... Que ele era forte, entendeu? Aparentando uns dezenove ano, só que não tinha o nome, num tinha identificação... E que tinha assassinado. Aquilo ali, o meu coração apertou e eu fiquei preocupado, né? Aí eu já fiquei pensando na minha mãe, falei: Nosso Deus! E sempre a gente tinha mania de ir pra lá pra Pedreira Padre Lopes ... Aí foi no sábado. Quando foi na segunda-feira, eu trabalhei, falei: E aí, mãe? Ele chegou? Falou: Não. De tarde. Quando foi no domingo, eu liguei pra minha mãe e falei: Ô mãe, o Ron já chegou? Falou: Não. Aí

nós fomo lá. No lugar onde nós ficamo' sabendo que essa pessoa tinha morrido. Fomo' lá no endereço e conversamo' com as pessoa, levamo uma foto e perguntamo se eles tinha visto... Ah, eu vi ele, mas eu vi ele na sexta-feira... Só que até hoje eu num vi ele, não.[...]

Mas talvez num era ele... Mas muitas pessoa sabia que era ele mas num queria falar. Ah, mas talvez num é ele, não. Beleza. Então nós fomo, pegamo o endereço do lugar onde que a pessoa tinha ido, tinha sido assassinada, fomo no IML... Pelo endereço, nós puxamo, eles mostraram a foto. Aí foi onde que nós vimo nosso irmão. Entendeu? E fez uma covardia com ele! Acredito que ele sofreu muito, porque ele tava arranhado... Parece que ele entrou em luta corporal com aquelas pessoa... Como ele era forte... entendeu? As pessoa num conseguiu através de briga, entendeu? A combater com ele... Aí chegou o outro e executou ele. Aí... É isso que aconteceu”.

Perguntei ao R. sobre os motivos que levaram os irmãos a usarem droga. Ele disse:

Experimentando! Foi lá, experimentou... Aí mexeu, começou com a maconha... Então, ficou lá fumando a maconha, fumando, fumando, eles viu que a maconha já num tava fazendo efeito mais, entendeu? Aí já entrou pro mais forte. Como dizer? Ah, isso aqui já num tá valendo mais nada! Vou pro mais forte. Entendeu? Algum amigo deles falava: Ah, fuma uma pedra, fuma um crack, isso aqui é mais forte. Cê vai sentir a onda... A onda mais ver mais boa... Entendeu? Só que a maconha é o seguinte: a maconha é igual um cigarro. A pessoa vicia, mas num fica totalmente dominada por aquilo.[...]

Só que, o crack, ele já é mais pesado, entendeu? Se a pessoa aprofundar mais nele, não consegue dominar, entendeu? Não consegue dominar mais. Já fica dependente daquilo [...].

Então aí é aquilo... Começou a mexer com pedra, com crack... Então aí já começou a vender as coisa... Aí já começou a ficar dominado pela droga...[...]

Pra comprar droga. Porque era o seguinte: eles tinha o dinheiro deles trabalhava... Comprava... Vamo receber trezentos reais. Aqueles trezentos era só praquilo. Aí fumava, fumava a noite toda. Acabava... Igual, a pedra, se fumasse, a pessoa num sentia sono, entendeu? Fixa aceso! Igual, vinte e quatro hora fumando. Acabava, ele ficava com vontade. Porque quanto mais fuma, dá vontade. Quanto mais fuma, dá vontade. Aí ele ia dentro de casa, via... Ah, tem uma roupa boa ali que compensa de eu vender pros cara. Ia lá e vendia. Muitas vezes já chegou até de acontecer isso, meu irmão pegar... Quando ele num tinha dinheiro, pegava a identidade dele e dava pros rapaz: Aí. Eu vou deixar a minha identidade empenhada aqui por cinquenta reais. Aí cê me dá cinquenta reais de crack... Depois de amanhã eu te dou o seu dinheiro, aí cê me devolve a identidade. Só que chegou os pessoal lá a queimar o documento porque não tinha o dinheiro, não tinha condições de arrumar o dinheiro pra dar. Porque já não tava trabalhando mais, entendeu? É...”

Perguntei ao R. como tem representado emocionalmente para a família o que ele me relatou. Ele falou que: “:É sofrimento. Muito sofrimento! Igual, por exemplo, a minha mãe, mesmo. Eu tô querendo que a minha mãe muda de lá, entendeu? Igual, eu mesmo num consigo... Eu vou na casa da minha mãe porque é minha família [...].Porque, se num fosse, eu nem queria mais pisar naquele lugar,

entendeu?[...] Porque no decorrer desse tempo até minha idade agora, falar uma coisa: é só sofrimento que acontece. Porque ali é droga vinte e quatro horas, entendeu? [...]

Se a pessoa num tem uma cabeça, mesmo, pra querer trabalhar, mesmo, pra querer ter uma vida honesta, entra na vida do crime, entendeu? Entra nas droga, aprofunda, mesmo. Porque lá, pra levar, isso aí tem é muito, entendeu? Igual, até já falei que me convidou eu pra mexer com droga, só que, como o meu caminho é outro, eu num aprofundei naquilo. Porque eu também podia falar: Ah, meus irmão tá, eu também vou seguir. Entendeu? Então ali é só sofrimento. E a minha mãe, sempre quando ela tá saindo... Quando ela sai pra rua, num final de semana, que vai pra algum lugar, ela fica alegre. Vai chegando em casa... Dá uma tristeza, entendeu? Agora que meu pai faleceu, entendeu? É muito triste! Então, é só sofrimento...”.

Perguntei como o pai reagiu a tudo. Ele respondeu: “O meu pai, ele era o seguinte: ele começou a beber muito pelo sofrimento que ele teve dos meus irmão, entendeu?[...] Porque, pra ele, ele bebendo, ele ia esquecer aquilo que tava acontecendo. [...] Que era o meu irmão mexer com droga, outros tava preso... Era bandido chegando armado... entendeu? Ele perdia a cabeça! Que ele queria que os menino... entendeu? Seguisse uma vida boa. Mas quando eles mexia com droga, ele achava que, ele bebendo, ele esquecia. E sempre ele chegava perto de mim e falava que gostava de mim, que tinha dó, entendeu? Que tinha dó de mim, que ele queria era só morrer, porque ele não aguentava mais, entendeu? [...]

Chegava perto da minha mãe, falava... Então ele tentava esquecer aquele sofrimento através da bebida. Entendeu? Isso aí fazia ele beber. Porque ele pensava que ele bebendo, ele esquecia aquilo... Eu falava: Ô pai! Para de beber, pai! Para de beber! Ele falava: Não, eu já vou parar de beber, mas é muito sofrimento. Entendeu? Sempre ele falava isso comigo, entendeu? Ele chegou a chorar comigo, entendeu? Mas é por causa disso, do que acontecia com meus irmão... Ele via aquilo, só que ele falava pros menino parar com aquilo... Quando via, recebia notícia ruim: Ah, aconteceu isso, isso e isso... É pessoa batia no meus irmão... Tinha vez que chegava machucado... Aquilo ali, ele ficava... entendeu? Guardando aquilo tudo, ficava triste... Então, pra ele esquecer, ele bebia, entendeu? Aí começou a beber, beber, beber, beber e começou a... entendeu? A viciar! A viciar naquilo. Mas só que tinha vez que ele parava. Ele ficava dois, três meses. Enquanto meus irmão tava ainda tranquilo, entendeu? Começava a manear um pouquinho, talvez eles fumava escondido... Aí quando vinha notícia, acontecia alguma coisa, ele voltava a beber de novo. Entendeu? Igual, ele caiu, ele tava bêbado, ele chegou a cair, a bater a cabeça... Aí começou a não escutar direito no ouvido, a ficar com pobrema no ouvido, entendeu? [...]

Sempre ele falava que era o sofrimento, entendeu? Que o sofrimento era muito...”

Perguntei ao R. como era o relacionamento entre os pais. Ele disse:

“Ó, era bom...[...] Era. Tranquilo, os dois, entendeu? Os dois dando força um pro outro...[...] Mas, igual eu falei, pelo sofrimento, aí, nós começou a separar um pouco, entendeu? Que é o seguinte: a minha mãe sofria com meus irmão e também com ele, que ele bebia... Sempre quando ele bebia, ele já queria ficar agressivo, entendeu? Que ele chegava no meus irmão, já falava que queria bater neles,

entendeu? Isso aí começou a mudar, entendeu? Um pouco”.

Reg. No 9

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

E.B.S., 8 anos e 7 meses (o informante – pai - ficou em dúvida a respeito da data de aniversário), masculino. 1ª série. Pai informa que a criança nasceu prematura, permanecendo hospitalizada após o nascimento por cerca de 2 semanas. Pai relata que a criança “purga” o ouvido. Há história também de falecimento de 2 irmãos da criança. Mãe G5P4A1. Criança não frequentou creche/pré-escola.

Perfil biopsicossocial

Utilizando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Doenças Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

tristeza; irritabilidade; inibição

Sugestivo de transtorno de conduta não classificado em outro local – gazeta

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

leitura; aritmética; coordenação motora fina; linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Pediculose; linfonodos aumentados de tamanho; otite média crônica supurada à esquerda com suspeita de déficit auditivo; suspeita de parasitose intestinal (dor abdominal); conjuntivite; cárie dentária; verruga vulgar; discreta escoliose à esquerda

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:

pai com história sugestiva de alcoolismo; irritabilidade; mãe com relato de “desmaios” e irritabilidade; mãe com história sugestiva de alcoolismo

Relacionamento intrafamiliar discordante:

discussão entre os pais

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

pais com baixa escolaridade; uma irmã da criança com história de uma repetência escolar

Condições de vida inadequadas:

miséria; aglomeração; fossa; luz (emprestada do vizinho); lixo exposto

Estresses ou transtornos na escola ou ambiente de trabalho:

criança com baixo rendimento escolar e tem faltado às aulas

Migração ou deslocamento social:

família tem mudado freqüentemente de endereço

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

Pai relata ter hipertensão arterial (sem tratamento); pai com dentes em péssimo estado de conservação

Outros:

Família numerosa; família vive em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11 anos. Não estuda mais; mãe acha que o filho irá estudar mais tarde quando achar necessário.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista com o E.B.S. hoje com 26 anos, aconteceu no dia 08/08/2008. E. está preso na Penitenciária Jose Maria Alkimin aproximadamente há 5 anos. Deverá cumprir uma pena de 11 anos. Para esta entrevista acontecer fui primeiramente na penitenciária para conversar com o diretor. Ele me pediu para eu oficializar a solicitação através da pós-graduação. Isto foi feito com a participação do Professor Joel A. Lamounier e enviada à penitenciária. O diretor respondeu rapidamente autorizando a entrevista.

A entrevista aconteceu em um salão de reuniões mas ficamos acompanhado por um segurança da direção da penitenciária. E. foi trazido até o local, estava algemado e assim permaneceu durante toda a entrevista. Estava muito ansioso, praticamente não conseguia falar nos primeiros instantes da entrevista. Os primeiros contactos com o diretor até a entrevista, principalmente durante esta, foram um dos momentos mais difíceis da minha vida profissional.

O E. estava muito ansioso quase não conseguia falar, ele disse: “Ah, dá uma força aí”. Comecei pela vida escolar. Lembrou de uma professora com que teve aula: “Foi com a dona Eleuza”. Perguntei quanto tempo estudou na EMMP. Ele respondeu: “Ah, eu fiquei pouco. Eu cheguei estudar até chegar na segunda série, aí eu peguei e saí. Saí de lá...[...] Uai, tinha uns menino, lá... Nós arrumava confusão todo dia... Peguei e saí e comecei a andar com outros menino, outras pessoa. Aí depois disso nós começou fazer as coisa... ficar só na favela brincando, ali... fazia algumas coisa... E depois disso pra cá eu comecei a entrar na vida”. Perguntei se ele havia reprovado alguma série. Ele disse: “Não, eu tava na primeira. Aí eu tava estudando. Aí eu tomei bomba [...]É. Aí depois eu passei...[...] Aí, só que aí eu peguei e desisti. Eu saí”. Perguntei como foi essa saída da escola. Ele relatou que: “Não, tipo assim, eu ia, aí tem dia que eu faiava e tudo... Meu pai e minha mãe ficava me incentivando pra mim ir...[...] É, incentivava pra mim ir, que era melhor pra mim... Aí, só que eu ia, eu ficava na escola, assim, só que minha mente parece que num... Fui pela cabeça dos outro, né? Aí eu fui envolvendo com os outro, aí eu deixei de lado. Peguei e falei assim: Ah, eu vou estudar mais, não. Aí chegou um tempo que eu nem tava vindo na escola mais, não. Aí passou um tempo eles cortou meu nome e tudo... Aí eu comecei a ficar só na rua, andando pra lá...

saindo pros lugares de acá...[...] Aí eu comecei ficar ali vigiando carro e tudo... Aí eu fui vendo os acontecimento, né? Vigiando carro, aí depois disso aí eu fui crescendo mais um pouco... Aí depois eu comecei a envolver com outras pessoa... Aí eu fui começando a fazer as coisa errada”.

Perguntei ao E. como era a aprendizagem dele na escola: “É, tem isso também, que às vezes eu tentava fazer alguma coisa, aí num tinha muita paciência... Aí eu ficava meio aborrecido. [...] É, tipo, eu queria aprender, mas parece que na hora que eu ia tentar, eu não conseguia.[...] Não, tipo assim, eu queria, né? Só que aí ficava difícil, aí às vez eu ficava meio perturbado e tudo...[...]

Aí eu tentava, né? Tipo assim, eu começava a escrever... Aí tem uma hora que eu errava, eu oiava assim, via que num tava certo, aí em vez d’eu tentar, num tentava. Aí eu desanimava! Eu baixava a cabeça, deixava os lápis de lado e falava assim com a professora: Vou fazer mai nada, não! Falei assim: Num vou fazer mai nada, não! Ela falou assim: Por quê? Eu falava: Num tô conseguindo, não. Aí na hora que ela vinha, ajudava eu. Aí dava certo.[...] Aí dava tudo certo. Mas só que tinha gente que num ajudava, né? Perguntei com que idade ele deixou a escola: “Tipo assim... Entrei com sete, né? [...] Acho que eu sai foi com... Acho que foi nove, eu acho. [...] Mais ou menos nove. [...] O máximo que eu fiquei na escola”.

Sobre o primeiro emprego E. disse: “É, eu comecei a vigiar carro. [...] Acho que foi com... Acho que foi com doze, por aí. [...] É. Comecei a vigiar carro... Aí eu fiquei uns tempo vigiando carro... Aí depois... Aí meu pai chegou a arrumar um serviço fora, aí eu comecei a trabalhar com ele. [...] Meu pai é pedreiro. Aí ele começou a arrumar um serviço, aí eu comecei a trabaiá com ele e tudo... Aí tava tudo dando certo, né? Aí eu tinha largado da vida, tinha largado os companheiro que ficava na rua, lá... Tava trabaçando com meu pai, e tudo. Aí tava sossegado... Aí depois eu comecei... Aí o serviço acabou...”

E. relata que era servente de pedreiro. Afirma que: “Não, com o meu pai, tipo, quando ele tava fazendo, assim, ele me ensinava eu a fazer assim, assim...[...] Aí eu cheguei a aprender alguma coisinha a mais. Aí depois disso eu peguei e... Parou o serviço, eu peguei e comecei a ficar na favela, né? Aí eu comecei a envolver nessa vida, na vida do crime. [...] que... Aí às vez... Aí eu parei, né? Aí foi passando uns tempo e eles também parou... Aí eles começou a entrar na vida do crime, também. Juntou todo mundo. [...] Aí começou a entrar na vida errada... Começou a roubar... Fazer as coisa errada... Aí depois, de uns tempo pra cá, eu comecei a só vim prá cadeia, memo.[...]Vai pra cinco ano, já, que eu tô nessa cadeia. É que na cadeia é onze anos e um mês”.

Sobre a vida na penitenciária E. relata: “A gente fica às vez pensando se vai sair, assim, tão rápido... Num sabe que que vai acontecer, né? Que aqui dentro, aqui, é fogo. A gente fica pensando. Fica preocupado, um pouco, fica às vez deitado na cama, ali, vai passando o tempo, cê vai pensando... quando eu sair, o que que eu vou fazer pra mim... A gente fica pensando...[...]

Ah, minha vida aqui dentro é... Eu fico na cela, sossegado... Sozinho. [...] Eu fico numa cela, assim, aí tem um jornal, alguma coisa que mandou pra mim, né? Fico lendo, fico pensando um pouco... Aí, enquanto isso, o tempo passando, né? Porque tem hora que a gente fica um pouquinho mei nervoso porque vai passando o tempo, assim, cê vai oiando e tudo... Mas...[...]

Tem hora que a gente fica, assim... Fica tipo, assim, nervoso, mas é na ansiedade de poder plantar alguma coisa; tipo assim, plantar alguma coisa prá gente e tudo...[...] Tipo pra plantar alguma coisa. Uma saída, alguma coisa.[...]

Aí a gente fica ansioso. Sem querer, a gente fica ansioso. [...] Ansiedade! Tipo assim, ansiedade, vontade de sair! A gente sabe que tem que esperar, mas às vez dá ansiedade, querendo sair. Às vez cê fica ali preso, mas cê fica, assim, tipo meio angustiado... Fica preso ali sozinho, né? De noite cê fica sozinho, aí cê fica meio..."

Perguntei se ele estava trabalhando lá dentro. Ele respondeu: *"Não, eu tava trabaiano, aí, né? Tava trabaiano na faxina, aí. [...] Aí só que eu peguei e saí, porque lá onde que eu tava trabaiano, lá, num deu certo, não. [...] Agora eu tô mais dentro da cela, memo..."* Perguntei como ele se sente. Ele disse: *"Ah, tem hora que a gente óia assim... Sem querer, não, ma tem hora que a gente dá uns... lágrima. [...] Ah, tipo assim, às vez cê fica meio calmo, com o corpo tranquilo... Ma depois que cê óia, assim, para e vê sua situação como é que tá... Seus pobremas, assim, aí cê dá uma caída, né? Dá um desânimo, assim... [...] Aí cê fica tipo angustiado, né? Às vez dá vontade de fazer assim: Ah, num tá tendo jeito memo, num vou fazer mais nada, não. Vou ficar só deitado, dormindo... Num tem jeito, mesmo. Aí vou ficar só deitado. Ma tem hora que ocê levanta meio animado, mas..."* Perguntei se ele sai da cela, ele respondeu: *"Dois, três dia. Pro sol. É. É dois, três dia. Tem dia que dá dois, tem dia que é três...[...] Aí, na hora que volta, entro pra cela e já tomo um banho e já limpo a cela, né? Limpo lá o centro, lá, e fico lá. Oiando, assim... Fico esperando"*.

Perguntei sobre escola dentro da penitenciária. Ele disse: *"Tem. Tem até a quinta... Acho que é primeiro grau...[...] Não, eles já... [Tsc.] A psicóloga me chamou, já, pra mim se eu queria estudar. [...] Ela falou comigo: Enquanto cê tiver aqui dentro, é melhor procê. [...] Aí cê já passa até o tempo. Aí já sai da cela, também... Aí já passa até o tempo. [...]*

Aí eu conversei com ela também, né? Peguei e falei com ela. Aí ela falou assim: "Po deixar, que na hora que eu chamar ocê, na próxima vez, aí se cê tiver querendo estudar, eu encaminho ocê prá escola. Peguei e falei com ela assim: Dá um tempinho. Eu pensar lá na cela, aí... Aí eu resolver, lá, eu vou estudar aí..."

Perguntei para o E. sobre a visita dos familiares. A mãe nunca veio vê-lo; ela alega não querer vê-lo preso. Sobre as visitas do pai e da irmã ele relata: *"É bom, né? [...] Mema hora, tipo assim, é bom... Tipo assim, naqueles momento é bom, mas o ruim mesmo é quando... tipo, eles chega, aí depois na hora que eles vai embora, né? Aí a gente fica tipo meio... pensando, tipo... É uma batida, tipo, a gente fica alegre e triste ao mesmo tempo, né? [...] Sem poder... Igual eu, assim, num escutei eles, num dei valor... Aí eu fico, tipo, sentindo, tipo, culpado, memo, né? Por causa que..."*

O pai recentemente não pôde visita-lo, sobre isto ele fala: *"É, ele falou que ele num tava vindo porque ele tinha adoecido, e tal. [...] Adoeceu, ficou internado e tava... num tava dando pra ele vim aqui... Porque às vez, tipo assim, eu vejo só ele, aí eu fico pensando: Pô, ele num vem? Aí tem hora que eu tento ligar... Ligar pra lá. Aí eu num consigo... Aí aquilo ali me dá meio nervosismo, às vezes: Pô, num consegui*

falar com eles...[...] Às vezes num consegue falar, assim, cê fica meio, tipo: Pô... Fica pensando, né? Pô, que 'tá acontecendo...? Minha mãe já tá de cama..."

Perguntei porque ele escolheu esse caminho. Ele respondeu: "Pra curtir, né? Tipo uma vaidade. Aí cê óia assim, cê num tem dinheiro, num tem nada. Aí cê pega e quer fazer aquilo procê ter um dinheiro procê, procê curtir, também. [...] Procê ficar, tipo, dependendo, assim, dos outro, né? Ficar só...[...] Aí cê quer fazer, tipo assim, quer fazer sua correria. Procê arrumar procê. Procê num ficar dependendo só dos outros. Mas daí só que tá fazendo uma correria prum lado errado, né? Num é prum lado certo...[...]

Tipo, às vez achar que aquilo ali que cê tá fazendo te dá lucro mais pra frente... Achar, tipo assim, cê ia ser aquilo ali, ia te dar lucro; cê ia ser... Tipo assim, cê ia ser aquilo, os outro te ia respeitar ocê... 'Cê tipo ser o... [Tsc.] Tipo assim, o... [Tsc.] pessoa da favela, assim, que os outro óia procê e fala assim: Ah! Que ele é isso e isso... Mas depois num é nada disso...[...] É, que às vez a gente pensa, né? Cê é aquilo, aquilo e os outro oiá você... respeitar você, e tudo, mas... tem nada a ver. [...]

É tipo assim, eu procurei... Tipo assim, eu procurei aquele caminho... Aí eu achei aquele caminho, ali, eu entrei, tipo assim... O que eu fazia, aí eu tenho, tipo assim, tenho, tipo assim, mais segurança, né? Ninguém vai ficar mexendo comigo, e tudo. Aí eu já... Que eles viu como é que eu era, né? A pessoa, como é que eu era na rua, antigamente. Aí ali ninguém ia mexer comigo, deixava eu pra lá, né?[...] Perguntei se isso tinha relação com sua família, ele respondeu: "Tipo assim, às vez ficava todo mundo em casa, né, eu pegava e ficava mais isolado. Aí na hora que eu via, assim, as coisa de casa... Aquilo ali eu ficava meio esquisito, né? Que antes meu pai e minha mãe bebia... Meu pai bebia, minha mãe... Aí às vezes... Como é que eu posso te falar? Aí às vezes, também, brigava, e tudo... Aí eu ficava nervoso, né? Eu ficava oiando aquilo, assim, eu ficava entusiasmado. Aí eu peguei... Teve uma hora que deu uma louca, eu peguei e falei assim: Ah, se tá assim... Aí eu peguei, saí prá rua e já começava, né? Falei pro senhor..."

Aí eu pegava, via eles brigando... Isso eu era mais novo, né? [...] Aí, tipo, eu saía, né? Eu saía prá rua e já ficava meio, assim, solitário. Sempre eu ficava mais sozinho [...] Eu ficava mais sozinho. Eu ficava, tipo, às vez, guardando essas coisas... Que eu num queria, né? Andava, ficava assim..."

Tipo assim, ficava assim... Cê para... Se é novo, se é criança, cê para e óia... Aí cê óia e fica imaginando aquilo, né? Aí cê fica oiando... Cê fica mei triste, que cê... Tipo assim, às vez seu pai batendo na sua mãe, os dois brigando... Cê num queria, tipo, ver aquelas imagem, os dois brigando. Aí cê fica mei...[...]

Uai, tem hora que eu, tipo... eu saía, né? Aí eu saía, ficava na rua um pouco. Sentado, um pouco. Aí depois, na hora que eu voltava, eles já tinha parado. Aí ficava mais sossegado. Que às vezes eu, tipo, num queria ver eles brigando, né? Aí eu saía. Pra ver se parava. Eles num parava, eu pegava e saía pra num ver aquilo. Aí eu saía, depois eu voltava. Aí 'tava..."

E. fala da reação dele e da irmã: "Mas aí, né, minha irmã foi, tipo, pegando no pé deles também, né? Na hora que nós foi crescendo, nós foi pegando no pé deles pra eles parar com aquilo...[...]

ia sair de casa e num voltar mais. Aí eles pegou e parou, num ligou mais...[...] Aí meu pai parou de beber... Minha mãe ficou mais assim... Aí eles parou, cabou”.

Perguntei ao E. sobre sua saúde. Ele respondeu: “Não, até que... tá bom, né? [...] Não, eu tive só um problema que... Mas tá melhor, já. Que eu sofri um acidente, também, né? Que eu caí do prédio, aí...[...] É. Caí do quarto andar. [...] Que... ‘ava assim, eu tava fazendo coisa errada. [...] Eu peguei e fui entrar no prédio... Aí, tipo, tem umas pilastra pra cima e embaixo do buraco. [...] Aí, tipo, eu fui entrar no prédio pra mexer coisa errada, aí na hora que eu ia sair os polícia tava passando. Aí eles pegou e começou a dar tiro, né? Dar tiro em mim. Aí eu peguei, fui correr. Tava tão escuro! Aí eu peguei e caí. Nem vi, não. Aí, na hora que eu acordei, eu acordei só no hospital. Aí eu quebrei braço, quebrei o maxilar, aqui, quebrei a perna... Acertou um tiro na minha perna, aqui, ainda...[...] É. Aí depois, antes de vim pra cá, eu sarei... Aí, tipo, aquilo ali eu... fui traumatizado, né? Oiei eu, assim, falei: Agora que... To meio assim, memo, agora que eu vou ligar pra mais nada! Num vou ligar pra mais nada. Acho que se eu tivesse parado eu num...” Perguntei como ele se sentia emocionalmente. Ele disse: “Ah, a gente fica assim, né? A gente fica calmo, às vezes fica ansioso, fica tranquilo... Tem hora que a gente fica meio preocupado... A gente vai levando, né? Ma tem hora que a gente para, assim, e pensa no que a gente fez... o erro... Fica pensando numa coisa, mas...”

No que se refere a saída da prisão, perguntei se ele se sente preparado E. disse: “Não, então, por isso aí eu fico pensando, assim. Chegar a hora, amanhã, d’um benefício, que eu vou procurar pra mim... Se eu vou procurar alguma coisa de melhor, se eu vou continuar naquela vida, se eu num vou... Aí a gente fica pensando, né? Ma’ eu fico pensando, assim, se eu ganhar uma oportunidade, aí, eu vou ficar sossegado, memo, porque...[...] Ah, eu fico assim, né? Eu sou ajudante de pedreiro, né? Mas eu saindo, aí, eu ainda consigo fazer algumas coisinha, assim, mais... Assim, faxina, sei limpar, fazer algumas coisas, assim...[...] É. Tipo assim, o que eu tô passando aqui tá... Esse tempo todo aí eu tô vendo que essa vida num dá... Eu vou ter que procurar – assim que eu sair – eu vou ter que procurar alguma coisa melhor. Vai ser difícil, mas... esforçar pra sarar”.

Reg. No 11

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

M.I.G.M., 12 anos, sexo feminino, 1ª série, gravidez não planejada, com náuseas e vômitos até o 4º mês. Mãe G1P10A1, nascida de parto domiciliar, com história de possível tétano neonatal, vacinação incompleta. Criança apresentou bronquite. Não freqüentou creche/pré-escola.

Perfil biopsicossocial

Utilizando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtorno emocional (ansiedade):

choro

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outra parte:

enurese descontínua

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Esta criança apresenta um atraso educacional importante quando se leva em consideração a sua idade cronológica, apesar de estar indo bem na escola

Eixo IV – (Condições médicas)

Pediculose; linfadenopatia cervical

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixa escolaridade dos pais e irmãos; primeiro contato com a escola aos 12 anos de idade

Condições inadequadas de vida:

pobreza; aglomeração; irmãos dividem a mesma cama; fossa; lixo exposto

Estresse ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

criança abandonou a escola porque “apanhou” de 3 meninos no morro e sofreu novas ameaças

Migração ou deslocamento social:

família proveniente do interior de M.G. vivendo em B.H. há +/- 1 ano

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

irritabilidade materna e de irmãos; irmão com epilepsia (uso de gardenal e tegretol); hipertensão materna

Outros:

família numerosa; residem em favela; preocupação da mãe em relação a drogas

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 15 a 3 m. Não está estudando. Não quer estudar porque acha que atrapalha o serviço de casa.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista da M.I.G.M., 30 anos, aconteceu no dia 06/01/2009 e foi realizada na casa de uma irmã em Ibirité, cidade da região metropolitana de BH. O pai dela, Sr. Raimundo, me acompanhou de BH até o local da entrevista. A M.I. estava muito receptiva, disponível, demonstrando vontade de participar. A M.I. é irmã do R. outro participante da pesquisa que inclusive já foi entrevistado.

Começamos pela história relacionada à escola. Ela relatou: “*Tá bom. Na época que eu estudei era bom, sabe? Só que... Eu gostava muito de estudar, né? Só que teve uma ocasião que as menina começou a brigar comigo, me batia dentro da sala... Aí um dia, eu fui... Num guentando aquilo mais, eu fui e falei com*

ela, né? Para de me bater! Que eu num mexo com ocês! Aí depois ela foi, me pegou, me bateu, eu chorando... Meu irmão foi e conversou com eles, né? Só que...[...]

Só que eles num aceitou, né, a conversa. Aí já falou com nós que no outro dia ia trazer turma pra pegar nós... E como eles falou, eles trouxe mesmo.[...]

Aí eles veio com faca, uns veio com a caneta com gilete na beirada... Aí, nós nem chegou a entrar na escola. Aí, disso, eles foi e começou a brigar com nós, fez aquela roda, né, e nós no meio... Aí meu irmão lutando... Eles começou a brigar com o meu irmão, meu irmão lutando com eles... E as menina em cima de mim... Aí nós lutando, e nós foi e conseguiu e aí saiu correndo, e eles correndo atrás de nós. E depois disso pra cá, né, a gente ficou com medo de voltar prá escola, com medo deles fazesse alguma coisa com nós... E a mãe da gente e o pai da gente num entendia isso muito bem. Nós veio aí da roça com a maior dificuldade... Aí, depois disso, nós num voltou prá escola mais, não”.

Perguntei em qual série que ela estava: “Primeira [...] É, eu completei a primeira. Quando eu ia passar prá segunda - que nós ia passar prá segunda -, aí, né...?[...] Nós foi e saiu.

M.I. continua relatando as experiências da escola: “Aí, teve uma vez que eu tava dentro da sala, né, fazendo os dever, né? Aí a menina lá atrás de mim... Ela tava sentada atrás de mim. Aí ela foi... com um pedaço de lápi... Lápi, esses lápi fincado. E ficava, sabe, atrás da minhas costa me fincando... E eu num podia falar nada, que nem... Às vezes ela falava que se eu falasse alguma coisa, que depois na saída ela me pegava... E eu fiquei há muito tempo, né, segurando aquilo, né, pra...[...] Segurando de contar prá professora, contar pra alguém e depois eles fazer coisas com a gente, que eles ficava ameaçando a gente. Eles ameaçava. Eles fazia as coisa com nós e falava que, se nós contava prá professora ou pra alguém, que na saída eles pegava nós”.

M.I. se refere durante a entrevista ao material escolar, à roupa de ir para a escola: “Foi, sim, é porque... Eu falo, né, porque tem muitas criança que num... Como aconteceu comigo memo. Comigo, com meus irmão. Que às vezes deixa de ir à escola porque num tem o material. Às vezes num tem um caderno, num tem um lápis... Num tem a borracha...[...] Às vezes deixa de ir na escola por causa disso [...] E isso, né, faz muita... né? Faz muita falta, porque...[...] Porque às vezes por conta de pouca coisa as criança deixa de ir na escola [...] Aqui, às vez a gente até deixava de ir na escola por conta disso, porque meu pai num tinha condições de dar à gente [...] . Pesava, sim! Às vezes, roupa de escola, assim, a minha mãe fazia era na mão, né? Costurava, fazia era na mão... Material, a gente levava era num saquinho de arroz, ou então numa sacola, que a gente num tinha...[...] É, num tinha bolsa prá gente levar...[...] Sapato, às vez a gente ia com... Que eles falava era um tal de conga, a gente ia era com aquilo... E a gente chegava na escola, a gente era muito abusado, também, por causa disso. Os outros colega, vendo aquilo, ficava...[...] Vendo a gente com roupa assim, né? Roupa feia, costurada na mão, sapato... E ficava abusando da gente. Né?[...] Aí a gente ficava muito triste por causa disso.[...]

É portanto mais sobre isso que começou a briga na escola. Que a menina começou a chatear, né, nós por conta das roupa... Aí, foi indo, foi indo até... Que eles num sustentou com aquilo, né? Que nós num dava coisa pra eles, né? Que eles foi e bateu em nós, que aconteceu isso.[...]

Era, né, igual, quando a gente estudava, a gente via os coleguinha da gente, né? Com uma roupa bonitinha, um sapato bonitinho, e a gente, né? A gente ia com as mesma roupa todo dia, com o memo sapato... Às vezes a gente, chegava de tarde, a gente tirava aquela roupa e lavar, né? Pra no outro dia ir...[...] *Que tinha vezes que as roupa nem chegava a secar, a gente vestia até moiada pra... né?*

M.I. cita um episódio do uniforme: *“Num podia ir sem uniforme. Aí minha mãe, na época, num tinha condições de comprar o uniforme pra nós, aí ela foi e arrumou um pano... Eu lembro como se fosse hoje. Ela arrumou um pano azul e a brusa branca, né? Aí ela fez uma brusa branca aberta na frente com botão, e a saia ela fez cheia de preguinha.[...] Aí a gente passava a saia, né? A saia ficava cheia de preguinha, a gente ia. Ficava tipo um uniforme e a gente ia prá escola. [...]É. Só que era muito triste, nossa! Porque a gente aguentava muita humilhação.[...]”*

Humilhação é as pessoa, né, às vezes, né? Às vezes nem ligava prá gente! A gente passava, às vezes até falava alguma coisa... Os colega na escola às vezes nem gostava de brincar com a gente...[...] *Né? A gente ficava, tipo, jogado pelos canto. Que às vezes nem colega a gente arrumava, né? Sobre as coisa...[...]*

É muito triste porque a gente tinha de vontade, né, de andar bonitinho, só que os pais da gente num tinha condições de dar, né? E as criança desfazia da gente por conta daquilo”. Perguntei sobre o sentimento dela quando acontecia isso. Ela disse: “É porque a gente pensa, né, que tá feio, e as criança fala: Ah, não. Aquele ali tá feio. Num vamo brincar com ela, não. Olha como que ela tá. Aí é isso...[...] *Às vezes a gente chegava no portão da escola, mesmo, assim que eles via a gente, eles já começava a gritar. E falando, sabe? Ó lá, Fulano aí vem! Óia como que eles tá. Com a mesma roupa. Aquilo doía muito na gente. Às vez a gente ia pros canto, começava a chorar...”*

Sobre os motivos que levavam os colegas a agirem assim, M.I fala que: *“Aí, eu acho, assim, porque... do jeito que tá, né? Se esse mundo... As criança já cresce com aquela cabeça, né? Com violência... Aí já vai, né... Ah, já chega na escola com aquilo na cabeça, de brigar, chegar lá e brigar com os colega... Desse jeito. Eu acho que é isso, né? [...]*

Ai... Eu acho assim... Porque no meu pensamento eu acho assim que a sala, assim, nós era o mais bobo... E os outro brigava com nós, nós num brigava com ninguém, sabe? [...] *Eu acho que era por conta disso! [...]* *Que eles achava nós, né? Falava assim: Ah, aqueles ali é bobo...[...]* *E aí eu acho que é isso. Porque nós num era de brigar com ninguém, nós fazia os dever nosso normal...[...]* *Isso! A gente tratava todo mundo bem, né? Só que aí eles encrencou com nós, né?”*

Perguntei a M.I. sobre a reação dela ao ter que deixar a escola: *“Pra mim foi muito triste! Que hoje eu num ter meu estudo, eu... sabe? Eu fico muito triste de num ter meu estudo na minha vida, hoje. [...]* *E depois disso pra cá, né, a gente, não estando na escola, foi cuidar de casa... Aí, disso pra cá, eu num voltei prá escola mais, não. Eu até fico muito triste! [...]*

Isso! Porque depois disso pra cá eu num tive mais vontade de estudar, eu tinha medo de ir prá escola... Medo de ir menos prá outra escola e chegasse lá acontecia a mesma coisa...[...]

Depois disso minha mãe queria colocar nós na outra escola, só que eu chorava, sabe? E falava com a minha mãe que num era prá minha mãe colocar nós... Que, chegasse lá, era perigoso até deles matar nós. Porque, né, aconteceu na outra... Aí eu fiquei com medo, falei assim: Se nós for prá outra escola, é perigoso até eles matar nós! Porque aquele outro dia, lá, eles só num matou nós porque foi Deus, né? Que eles com faca... né? Com gilete na ponta da caneta... Num fez uma coisa pra nós pior porque foi Deus que num deixou.

Ainda sobre a saída da escola M.I relata: “*Não! Eu só... A única coisa que eu tive, eu... né? Depois que eu saí da escola eu tive era muita saudade. Eu gostava de todo mundo, gostava das minhas professora, dos colega que tratava eu bem...[...] Eu senti muita saudade! [...] Assim, saudade que dava vontade de voltar. Só que, né, no memo tempo que dava vontade de voltar, eu ficava com medo. [...]E, né, eu num tinha coragem. [...] Aí eu senti muita saudade das professora, da diretora, né? E do meus colega que eu gostava muito*”.

M.I. relatou durante a entrevista que tinha vindo da roça. Perguntei quando vieram para BH e os motivos, ela disse: “*Isso! É! Foi em 89, mesmo. [...] Ah, porque a vida nossa no interior foi muito difícil, Doutor. [...] Foi muito difícil porque nós era dez irmão. [...] Aquilo era... Na roça, meu pai... Pra nós comer, meu pai tinha de plantar pra dar pra nós comer, né? E tinha época que era tão difícil na roça! Né? Num dava. Aquilo, meu pai ficava doido, tadinho. Ele ficava pelos canto pensando, e nós tudo lá com fome, sabe? Que às vezes num tinha tem onde comer dentro de casa. Aí, disso pra cá, meu irmão mais velho morava aqui em Belo Horizonte...[...]*

Aí ele morava aqui num cômodo e foi e falou com o papai que ia construir mais um cômodo e que ia trazer nos pra cá, aí ele construiu, e aí nós foi e veio pra cá.[...]

O interior, Doutor, era... A nossa vida era muito sofrida. Nós era feliz, mas a nossa vida era muito sofrida.[...] Que o meu pai, tadinho, às vezes era ele só pra cuidar de nós...[...] Aí era muita criança, tadinho, só ele pra cuidar de nós... Aí ele ficava pelos canto, né? Nós foi crescendo e vendo aquilo... A gente vendo ele pelos cantos, triste... E a gente num podia falar nada... Num podia ajudar, né? Num podia falar nada... Às vezes, quando ele arrumava um dinheirinho, que ele ia prá cidade, aí ele falava assim: Ô meus fio, eu vou aí comprar pão procês. Que ele chegava com a bisnaga de pão, nós ficava todo mundo gritando alegre que tava trazendo pão pra nós, né?”

Perguntei se ela se lembrava da vinda para BH. Ela respondeu: “*A vinda, não*”. Pedi para ela falar sobre o início aqui em BH. Ela disse: “*Ah, Doutor, quando eu vim pra cá, pra mim num foi muito bom, não! Porque eu achei muitas colega, sabe, que ficava muito abusando da gente, porque a gente, né, num tinha condições de comprar uma roupa, de comprar um sapato... E quando a gente veio pra cá a gente achou muitas pessoa que desfazia da gente por causa disso. [...]*

Aí nós passou muita luta, sabe? Por conta disso. É portanto que uma vez teve uma colega minha que ela ficava me chamando eu ‘Da roça’, que ela ficava falando eu parecia mendiga, que eu num tinha roupa, que eu num tinha sapato... Aí ela começou me pegar, sabe? Eu tomei remédio, eu fiquei no João XXIII...[...] Eu tomei Gardenal e tegretol, que era do meu irmão, que ele toma [...] Ah, porque de tristeza,

que as pessoa ficava desfazendo da gente, desfazendo de mim, eu fui e vi os remédio do meu irmão. Peguei, tomei trinta gardenal e trinta tegretol.

M.I. explica: “Que depois que eu saí da escola a cabeça ficou muito ruim, aí, juntando as pessoa que ficava desfazendo, né, aí eu falei assim: Eu vou é morrer! [...] Aí eu tomei os remédio. Aí eu fiquei no João XXIII muito tempo... Aí eu num via nada como que eu tava morta. Aí...[...] Eu fiquei quase três anos lá no João XXIII e...[...] (segundo o pai esse foi o tempo que durou o acompanhamento naquele hospital e não o tempo que ficou internado). Fiquei no CTI. Portanto, que...[...]Fiquei. Uma vez eu cheguei quase a morrer. Aí meu pai mais minha mãe conta que eles arrumou aquele desespero dentro do hospital, né? Aí a sala encheu de médico, de enfermeiro... Veio fazendo aqueles coiso em mim, sabe, que Deus abençoou que eu voltei. Só que eu voltei, só que sempre, assim, sabe? Eu fiquei com...[...] Todos remédio que eu tomei, os médico falou que eu num morri, só que eu ficava com sequela, sabe?”

M.I. disse então que a vida aqui em BH não foi boa: “Num foi, não! Num foi bom, não. Aí, né... [Tsc.] Depois eu fui crescendo, depois eu entrei na vida das droga...[...]

O local que nós morava era pequenininho...[...] Era dois cômodo... Era dois cômodo, e depois que meu pai...[...] Era doze, né? Era doze, que nós somo dez irmão e meu pai e minha mãe...[...] Os primeiros mês foi difícil, né? Os primeiros mês foi difícil. Só que depois, graças a Deus, meu pai arrumou um serviço, né? De vigilante...[...] Aí ele foi trabaiaá, aí nós já foi controlando a nossa vida”. Perguntei o que representou para ela sair do interior e vir morar em uma favela. Ela disse: “Ah, num foi bom, né? Porque a gente ficava vendo a... A gente via muitas coisa, né? Tirando vida das pessoa...[...] Ah, a gente, né... As droga...[...] Já! Já tinha droga, já tinha... né? Num era muito, não, mas... Ficava, né, matando as pessoa, né? Num era muito que nem hoje em dia tem, não. É que agora, hoje em dia tem, né, muito menos! Era difícil, mas matava. E já tinha as droga, já, também.

Sobre o envolvimento com as drogas M.I. relata: “Eu fiz uso de droga até com meus vinte anos...[...] Dezenove, vinte anos. Perguntei porque começou a usar drogas. Ela respondeu: “Ah, primeiro, Doutor, foi o negócio da escola. O meu sonho era de eu ser médica ou então polícia. [...] Aí eu estudando, aquela coisa deu ser aquilo. Só que aí aconteceu isso na escola. Eu fui, saí da escola. Depois veio, né, as pessoa maltratando a gente... Aí depois eu falei... Coloquei na cabeça, sabe? Que uma colega minha me ofereceu. Eu comecei a usar e fui usando até com os meu dezenove, vinte ano...[...]

Aí ela falou assim comigo: Ô M.I, fuma aqui procê ver como é que é. Aí eu fui e fumei, né? Eu fumei o primeiro, já deu vontade de ir fumando mais. E disso pra cá cabou. [...] Aí ela falava, assim, que... Pra mim fumar, que a gente esquecia de muitos pobrema. [...] Aí eu comecei a fumar. E disso pra cá eu fui fumando. [...] Não, num deu resultado, não! Acabou foi com a minha vida, né? Com a minha vida, com a minha saúde...[...] Num aliviava, não. Só que só... Num aliviava. Só que só dava vontade da gente só ir fumando, só ir fumando [...] É. Com o crack é assim, né?[...]

Eu usei o crack, a maconha...[...] É só os que eu cheguei a usar. [...]É! Do meus quinze ano até os meus dezenove, vinte anos. Que eu fumei.”

Perguntei como ela obtinha a droga. Ela respondeu: “*Aí eu via, assim, a... Graças a Deus, roubar os outro, eu nunca roubei, não. Mas eu vendia as coisa que era meu...[...] Vendia roupa minha...[...] Às vezes eu até ganhava... Às vezes já até troquei meu corpo por conta de droga...[...] Isso! Que às vezes... Chegou um tempo, né, que eu num tinha nada pra mim vender... Eu tinha dinheiro, que eu, né, saí do serviço... Pegava faxina e a faxina, às vezes, era uma vez ou outra... Aí eu fui e comecei a fazer isso. A trocar meu corpo a troco de droga.*”

Perguntei a M.H. o que a levou a usar droga. Ela disse: “*Ah, foi... O que me empurrou prá droga é negócio de colega...[...] O estudo, que eu tinha muita vontade de estudar, que eu num tive... Aí, foi juntando isso tudo que eu entrei pro mundo das droga.*”

Perguntei qual tinha sido a reação dos pais. Ela disse: “*Nossa! Muito triste! Minha mãe, memo, já cansou de me buscar eu nas esquina, fumando droga...[...] Era muito triste. Meu pai mais minha mãe sofreu muito com isso. Eles sofreram muito. Nó! Só que eu tentava parar, mas num conseguia; às vez eu ficava um dia por outro... Nó! Eu num conseguia. Aí de todo jeito eu tinha que tirar o dinheiro das droga...[...] É. Sempre a... né, a minha colega ia... Aí eu saía, eu e mais ela, aí nós virava a noite fumando...[...]*”

Ah, eles ficava triste, né? Que eles falava que nunca imaginava que, né, que ia ver um filho naquele jeito, um dia... Que foi criado na roça...”

Perguntei a M.H. se ela conseguiu sair da droga. Ela respondeu: “*Graças a Deus, saí. [...] Porque eu fui e arrumei um companheiro. [...] Só que, na época que eu arrumei esse companheiro, ele vendia, sabe? Droga. [...] Só que aí falou assim: Pra mim ficar com ocê, ‘cê tem de parar de fumar. Aí eu fui e falei assim: Pra mim parar de fumar, cê tem de parar de vender, então. Porque eu vejo e fico com vontade de fumar. [...] Aí ele foi e parou, sabe? Só que ele trabaia e vendia. Foi e parou de vender.[...]*”

Aí, memo assim, quando ele saía, assim, aí eu ia e fumava. [...] Aí, só que teve um dia... Aí ele chegou... Ele chegou... Foi num domingo. [...] Ele me deu dinheiro pra eu comprar frango. [...] Só que o serviço, né, é difícil. Aí o dinheiro que ele me deu pra comprar frango eu dei à minha prima pra comprar a... [...]O crack. [...] É. Aí eu dei à minha prima pra comprar pra nós fumar com o dinheiro que ele tinha dado. Aí ele foi, menino, na hora que ele chegou, ele foi, me pegou, me bateu... Até me machucou minha barriga. Me bateu, e disse pra cá eu fui e num fumei mai, não. [...] Isso! Aí, disse pra cá, depois que ele me pegou, me bateu, aí eu num mexi, num fumei mai, não. [...] Só que foi difícil pra mim parar! [...] Nossa! Foi muito difícil! [...]

Porque dava aquela vontade, dava aquele nervoso, né? Aí a gente... né? Aí, assim... Prá gente parar, tem que ter muita força de vontade. [...] Primeiramente, Deus e força de vontade”.

Perguntei a ela quando foi a última vez que usou droga. Ela disse: “*A última vez eu ‘tava com dezenove anos (hoje M.I. está com 30 anos) [...] Teve uns tempo atrás... Assim, muito tempo! E assim, quando eu parei, assim, sempre eu fumava, né, aos fins de semana pra...[...] Né? Aí eu fui fumando, assim. Só que depois eu fui...[...]* Aí, só que depois, eu pedindo a Deus e indo prá igreja, né? [...] Aí eu fui e parei de vez. [...] Graças a Deus, hoje eu sou livre. Graças a Deus. [...] Ah, tem uns sete anos”.

M.I. acrescenta no que se refere a saída da droga: “Essa força que eu tive foi Deus! [...]Primeiramente, foi meus filho... Primeiramente, foi Deus; depois, meus filho. [...] Que depois eu fui, né, crescendo, tendo meus filho, e eu acho que num podia ficar com aquilo e meus filho crescendo, vendo. [...] Num queria fazer eles sofrer, e nem, né, vendo eu fazer aquilo, um dia querer fazer também. [...] É, que minha mãe conversava muito comigo. Minha mãe, meu pai conversava muito comigo. Meus irmão...”

Sobre a história dos trabalhos, empregos M.H. contou que: “Comecei, sim. Eu comecei trabaiaando em casa de família. [...] Eu comecei a trabaiaá com meus catorze anos”. Perguntei se antes disso ela trabalhava em casa. Ela respondeu: “Trabaiava dentro de casa. Dentro de casa, memo, eu comecei a trabaiaá, assim, com meus oito, nove anos, que eu ajudava minha mãe dentro de casa...[...] Assim, eu arrumava casa, que as minha irmã ia casando, né? [...] E a gente ia crescendo, ia cuidando da casa. [...] Aí eu fazia comida pra levar pro meu pai e pro meus irmão na roça... Lavava roupa... Tudo do serviço de casa eu fazia. [...] Quando eu morava no interior. [...] É, eu cheguei aqui, fiquei... né? Uns anos... Que eu queria estudar... [...] Aí, né, comecei a estudar... Saí da escola... Aí eu fui e arrumei um serviço e fui trabaiaá. Só que depois veio as droga, nem serviço mais eu num tava querendo, não”.

Perguntei o que ela fazia. Ela respondeu: “Casa de família. [...] Eu cuidava de uma idosa e um idoso e cuidava da casa.[...] Do serviço da casa todo”. M.I. relata que tinha 14 anos. M.H. disse: “Ah, eu fiquei lá um ano e pouco. [...] Quando eu saí de lá, eu ‘tava com quinze pra dezesseis anos. [...]”

Após esse serviço M.I. disse que: “Tive, sim, mas só que todos os trabalho que eu tive é faxina.[...] Ah, assim, por semana, eu fazia duas faxina...[...] Aí eu fiquei muito tempo trabaiaando assim. [...] Ah, eu fiquei assim, trabaiaando de faxina, até... até pouco tempo, que eu comecei a trabaiaá de faxina... Aí, disso aí pra cá, eu fiz... Perguntei sobre o trabalho e a droga. Ela disse: “A droga entrou com uns quatorze. [...] É. Não! A droga foi com quinze pra dezesseis anos que eu comecei a usar. Que eu peguei o vício, também [...] Ih! Me atrapalhou, assim, né, no serviço...[...] Assim, minha juventude, né? Eu num tive juventude, assim. [...] Eu num ia trabaiaá. Aquilo eu ficava no pensamento é só nas droga. [...] Aí num tinha disposição, sabe? De trabaiaá, às vezes... Aí ficava o pensamento só nas drogas”.

Sobre os companheiros e filhos M.I. conta que: “E com os meu... acho que... Num sei se é quinze ou se é dezesseis ano... Só sei que se a minha menina tivesse aí, ela tava com doze ou treze anos. Num sei. Minha cabeça tá ruim. Aí depois eu fui e engravidei...[...] Tive minha filha. Minha filha morreu com um ano e oito meses...[...] Eu engravidei com quinze pra dezesseis ano”. M.I. relata que o nome da filha era Raí. e era filha do segundo companheiro. Com o primeiro companheiro ela não teve filho. Perguntei sobre a morte da filha. Ela disse: “Aconteceu que meu pai... A casa do meu pai, lá no Jardim América, aí eles tava fazendo uma varanda. [...] Aí eles tava fazendo uma pilastra desses tijolinho de barro. Aí a minhas irmã brincando ao redor daquilo... Aí foi, caiu, pegou na cabecinha dela...[...] Aham. Em cima da cabecinha dela. [...]”

Num sei! As menina, né, brincando ao redor daquilo, né? Num sei que que aconteceu...[...] ...que foi e caiu. E era pedreiro profissional que ‘tava fazendo! [...] Aí, disso pra cá, mesmo, que eu num... sabe? Que eu num tinha, memo, felicidade. Aí que eu montei nas droga, memo”.

Perguntei como que ela reagiu a morte da filha. Ela disse: *“Muito triste! [...] E o pai dela ainda era traficante... Só que o pai dela era traficante, só que ele me ajudava muito. [...] Tudo que, né, que precisava, ele dava...[...] E ele era traficante. Só que ele nunca me deu, assim, droga, assim, ele nunca me deu, não. Ele era um bom homem, sabe? Só que ele era casado. [...] É. Aí, depois, eu, né, entrei pras droga, nem cabeça pra homem mais eu tive, não. Só era as droga e trocar o corpo a troco de droga. [...] Assim, coisa séria eu nunca queria mai, não”*.

M.H. continua seu relato no que se refere a constituição de sua família: *“Eu arrumei um companheiro com o meus vinte anos.[...] É. Que eu tive três sério, né? O resto era só memo, né, ficar a troco da droga. [...] Aí, com o meus vinte ano, eu fui e conheci a pessoa que eu tô até hoje.[...] Aham. Nós teve três, porque essa mais véia minha (chamada H.) de dez ano, num é dele, não. [...] Só que é ele que cuida, né? Ma num é dele, não. Perguntei se no total eram cinco filhos. Ela respondeu: “No total, foi seis, né? Que eu perdi duas. Procurei então verificar com a M.I. os filhos que ela teve após a informação que ela me deu acima: Ela teve a Raí. que faleceu com 1 ano e 8 meses, depois veio H. hoje com 10 anos e os 3 filhos desse último relacionamento sendo que desses 3 filhos dois são gêmeos. Diante disso entendi que ela teve foram cinco filhos e não seis como ela falou acima. Entretanto apesar de ter enumerado com ela os filhos em seguida ela disse: “É. Só que eu tive dois aborto. Vivo que tem quatro, né?[...] Vivo, dele, tem dois. Que eu perdi uma tem três meses...” Na verdade conclui que M.I. teve 5 filhos e não 6 como ela falou sendo que 3 estão vivos e não 4 como ela disse acima. Conclui isto porque em outro instante da entrevista perguntei diretamente quantos filhos ela tem. Ela respondeu: “Eu tenho três filho, né? Que a outra faleceu...”*

Perguntei a M.I. sobre a morte dessa outra filha. Ela respondeu: *“A menina que faleceu é gêmeas com o menino que tá aqui. [...] Ela faleceu quando ela deu um tumor. [...] A primeira vez que começou... Porque ela fez xixi, daí o xixi já saía sangue, umas pelota de sangue.[...] Isso! Que eu corri com ela pro hospital que foi descobrir. [...]Aí já descobriu que era o tumor... [...]É, aí já correu, já fez cirurgia, tirou o rim esquerdo, só que ele já tava velho, sabe? Descobriu velho. [...] Que o cirurgião falou assim que ela já nasceu com isso. [...] Quando ela descobriu, ela tava com três anos. Ela morreu com quatro. Perguntei sobre o tratamento. Ela disse: “Quimioterapia, radioterapia...” M.I. relata que ficou com a filha no hospital: “Ficava! Dia e noite. Essa última vez, memo, que ela morreu, eu fiquei com ela lá dois pra três meses.*

Perguntei quem cuidava dos outros filhos enquanto ela estava no hospital. Ela respondeu: *“Meus menino ficaram, assim, bem dizer, sozinho, porque meu esposo, ele pega bico. Ele é pedreiro. Ele pega bico, né? E num podia ficar sem trabaiá pra mandar um dinheirinho pra mim. [...] Aí meus menino ficavam com a minha menina mais véia, de dez ano. Ficava sozinho com Deus dentro de casa. [...] Ah, um mês. Eles ficou um mês, mais ou menos, assim, junto, só.[...]*

Isso! Aí teve uma época que elas ficou quinze dia, nos último mês, que elas ficou quinze dia na casa da minha mãe... E meu menino, que depois que eu vi que a minha menina só tava piorando, né? Que ela chegou a ir pro CTI, que aí que o meu esposo teve que ficar comigo no hospital, que eu num podia ficar

sozinha, aí, quando a minha mãe, a outras pessoa, a minha irmã, num podia ir, aí ele ia, né? Aí que eu fui e mandei as duas prá casa da minha mãe e o menino ficou na casa da minha irmã”.

Perguntei o que representou para ela a doença e o falecimento dessa filha. Ela disse: “Nossa! A doença da minha menina, pra mim, foi muito triste! Eu acompanhei dia e noite. Foi muito triste... [Pausa.][...] [Chorando.] Aí foi até o dia que Deus levou ela, ela foi sofrendo. E ela gritava, sabe? Ai, mãe! Tá doendo! Tá doendo! Aquilo eu ficava num desespero! Chorava, eu vendo ela sofrendo e num podia fazer nada. Pra mim, foi muito difícil. Nó...! E disse pra cá, sabe, eu num... Já num tinha felicidade, assim; agora que eu num tenho felicidade, memo. Eu tento ser feliz, só que tem uma coisa que num deixa eu ser feliz. [...]

Nó! Me abalou eu muito! [...] Aí, às vezes... Igual eu falo pro meu esposo: às vezes, se eu achar um serviço pra mim sair todo dia cedo e chegar tarde, eu acho que aquilo a gente vai saindo, vai distraindo a mente, porque a gente fica dentro de casa, o serviço é... né? Praticamente, dentro de casa é pouco. Eu num tenho muita coisa. Aí a gente termina de fazer o serviço da gente, aí o resto do dia a gente fica sem fazer nada. Aí a gente parece, assim, fica só pensando nas coisa. Aí vai acabando com a gente. [...] E eu também tenho vontade de trabaia pra mim... Porque a gente depender de homem, né, é ruim.[...]

E ele também num tem condições de dar à gente as coisa que precisa, porque trabaia, tem que pagar aluguel, tem que pagar conta de água, luz, vem a despesa, né? Aí pra uma pessoa só é difícil. Eu até entendo. Eu tinha vontade de trabaia pra mim comprar as coisa pra mim, pro meus filho, né? E ver se eu, né, conseguia uma coisa pra mim, uma casinha, alguma coisa pra mim um dia... Porque a gente pagar aluguel pro resto da vida... Porque essa casa lá em Jaboticatubas, bem dizer, num é da gente, né? Porque negócio de, né, herança, negócio de parente. E é muitos...”

Atualmente M.I. se mudou e está morando em Ibitiré onde ela está pagando aluguel. Perguntei quanto que o marido recebe ela respondeu: “É. Cento e cinquenta, duzentos”. Essa quantia corresponde a uma semana de trabalho. Ela continua: “Isso aí quando ele tá trabaiaando. Porque é época de chuva, às vezes num tem serviço, né? [...] Ele é pedreiro. Aí época de chuva, às vez, num tem serviço... Que, né, tá chovendo. Aí é a época que a gente fica mais preocupado. E o lugar que eu moro, também, chove, móia tudo...” M.I. afirma que ele trabalha como autônomo porque ele não pode ser registrado e explica: “É porque ele tem pobrema com a Justiça. [...] Que ele é procurado pela Justiça.[...] Porque ele é pedido. Por conta de uma intimação que ele num compareceu lá no fórum...[...] É porque ele matou a ex-mulher dele”. Perguntei a M.I. sobre o relacionamento dela com o companheiro. Ela disse: “Meu esposo é muito bom, num deixa faltar as coisa, assim; só que às vezes ele é muito ignorante...[...] Às vezes... Ele já me bateu muito, também. Dês de dentro de casa, ele chegava, sabe? Agora, graças a Deus que ele num faz isso mais, né? Uns anos pra cá, ele num faz isso mais. Olha, eu sofri muito, também. Eu tô, assim, com ele é por tá. Meu amor acabou. Só que ele num sabe, né [...] Ma meu amor acabou! Eu num separo dele porque eu tenho medo”.

Perguntei sobre sua saúde. Ela respondeu: “Ah, minha saúde num tá boa, não, Doutor. [...]Porque, assim, minha saúde às vezes... Eu sinto, assim, muita dor de cabeça, me dá muita falta de ar... Abafamento, sabe? [...]

Ih! Eu choro muito. ‘Tava passando num psicólogo, só... Eu ‘tava passando no hospital, né? [...]

Depois que eu saí do hospital, né? Que a minha menina faleceu, eu parei de ir. De passar no psicólogo. Que ela era a psicóloga do hospital, aí... Que acompanhava a...[...] Aham. Que acompanhava a gente.

Aproximadamente no meio da entrevista M.I. faz uma espécie de uma síntese de sua vida e nesse instante ela se refere a morte de um irmão: “Aí, esses tempo pra trás, perdi um irmão meu”. O irmão da M.I., o R., que também foi entrevistado disse que esse irmão deles chamado Rein. Foi assassinado. M.I. relata que esse irmão também deixou a escola na 1ª série. Perguntei qual lembrança que ela tinha dele. Ela disse: “Ah, lembrança dele é as droga, né? Que ele começou a fumar...[...] Teve um tempo que ele vendia e ele fumava. [...] Mas teve um tempo que aí ele só fumou... Ele vendeu, mesmo, um dois mês.[...] Através dele vender, né, ele começou a fumar.

Perguntei a M.I. se outros irmãos se envolveram com droga. Ela relatou que: “O Ru. usou, também. [...] Saiu! Graças a Deus. Tem muito tempo, também. Que ele conseguiu sair. [...] É, ele usou mais foi o crack. [...] Que eu lembro, foi o crack. Outras coisa, assim, eu acho que ele num chegou a usar, não. E hoje, né, tem a outra irmã minha, lá, né?”

Por último ela se refere a irmã caçula: “Rit...[...] Tem ela lá, né? Tá lá, também, né? [...]Uhum. Ela tava fazendo uso é de tudo. [...]Ela é tudo! Tá, nó! Acabada...[...] Num teve estudo, também.[...] Só que ela... Eu acho assim, né? Nós num teve estudo porque nós... né? Por conta de... né? Porque aconteceu isso na escola. Mas eles num teve coisa assim pra eles sair da escola, não. Eu acho que foi a cabeça, memo. [...] A Rit. tem uma filha. [...] Ah, ela namora... fica, né? Assim, marido ela num tem, não.[...] Assim, dorme um dia sim, um dia não, esses negócio, assim. E ela tá cheirando thinner, fumando crack, maconha...[...] Rit. tá com vinte e dois... Vinte e dois, vinte e três ano”.

Reg. No 12

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

**R.G.M., 14 anos, masculino, 1ª série, gravidez não planejada, mãe G11P10A1, nascido de parto domiciliar, vacinação incompleta, história pregressa com relato de “desmaios” e uso de comital. Criança não frequentou creche/pré-escola.*

Perfil biopsicossocial

Utilizando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação de Doenças Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtorno emocional (ansiedade):

medos (morrer, pivete, de vir a escola sozinho); inibição, timidez

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outra parte:

enurese descontínua

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Esta criança apresenta um atraso educacional importante quando se leva em consideração sua idade cronológica

Eixo IV – (Condições médicas)

Cefaléia; suspeita de parasitose intestinal (diarréia, hepatomegalia); desnutrição crônica; suspeita de anemia; linfadenopatia cervical satélite (residual)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixa escolaridade dos pais e irmãos primeiro contato com a escola aos 14 anos de idade

Condições inadequadas de vida:

pobreza/miséria; aglomeração; irmãos dividem a mesma cama; fossa; lixo exposto

Migração ou deslocamento social:

família proveniente do interior de M.G. vivendo em B.H. há +/- 1 ano

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

irritabilidade materna e de irmãos; irmão com epilepsia (uso de gardenal e tegretol); hipertensão materna

Outros:

família numerosa; residem em favela; preocupação da mãe com relação a drogas

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 17 a 4 m – 2ª série (outra escola). Saiu da escola anterior porque os “malandros” queriam pegá-lo.

** As crianças de registro 11 e 12 são irmãs.*

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista do R.G.M., 32 anos, aconteceu no dia 4/09/2008 na Paróquia São Brás. Apesar de ter facilmente concordado em participar achei que o R. estava um pouco apreensivo e talvez desconfiado. Comecei pedindo a ele para falar do tempo da escola. Ele disse: “Aí, depois daquela época, Doutor, eu peguei e... Eu saí daqui da escola, né? Por causa de briga. Aí...[...] Foi uma briga assim... Através do meu irmão, eu era pequeno...[...] Que hoje ele chegou a falecer assassinado...[...] Eu

perdi ele. Já tem dois ano. Vai fazer três ano em novembro, agora[...]Isso... Né, ele... Foi através de briga, memo”.

R. volta a descrever o que aconteceu no tempo da escola: *“Né? Coisa terrível... E aí um menino e uma menina, né, estudante, também, pegou eu na rua pra bater. Eu peguei, num achei graça naquilo...”*. R. conta que seu irmão Rein. era pequeno e parece que os meninos queriam bater no seu irmão: *“Era. Mais novo, mais pequeno, e peguei e fui pra dentro dele. [...] Né? Apesar que num ia ser bom... E quase que no outro dia, ainda, eles me mataram eu. Porque veio uma galerinha, né? Com faca, esses trem... Aí foi na onde que eu saí da escola. Que eu... né?[...] Nessa época eu tava ainda fazendo a primeira, né?[...] Eu tinha... Na época eu tava com uns treze ano...[...] Minha mãe me tirou, na época. [...] Nós foi... Pegou transferência... né?[...]”*

Aí saí, fui pra estudar no Milton Sales. Estudei um bom tempo à noite... E lá eu cheguei até... Era terceira série. [...]Lá eu fiz mais ou menos até a terceira e depois andei largando.[...] Aí eu parei o estudo... Eu tenho vontade de voltar a estudar, de novo”.

Perguntei ao R. sobre a reação ao ser transferido. Ele respondeu: *“Eu achei muito ruim de ter saído. Eu gostava muito aqui da escola. Eu gosto dela ainda até hoje, né? Que é aonde eu aprendi uma boa parte, né...? Que eu vim do interior... No interior era até bom, doutor! Sabe? No interior nós estudemo’... A escola era longe, mas era aquela coisa: cê unia, ali, a turminha e ia prá escola.”*

R. relatou que estudou até a 3ª série e parou. Perguntei a ele os motivos: Ele disse: *“Às vezes, eu saí foi por culpa de colega. Porque vem muitos colega... né, matar... Às vezes... Ah, hoje eu num vou estudar, não. Cê vai estudar, Fulano? Falei assim: Ah, eu também num tô com muita vontade, não. E aquele que tá falando sempre tira ocê de cabeça, aí na hora ocê fica ali, zanzando...[...]*

‘Ocê ‘tá perdendo coisa lá na sala, que a professora tá dando, que às vezes cê num vai nem mai’ recuperar... No outro dia, eu num vou estudar hoje, também, não.’ Ah, eu também num tô com vontade de estudar, não...[...]

É aonde que cê vai perdendo tempo. Né? E é aonde que eu... né? Eu peguei... Até que nisso aí eu num fui muito, não. Mas eu andei ainda... Como diz o outro, a farra do adolescente é, ali, matando aula... Que hoje em dia eles fala matar aula, né? Então... Depois eu fui e abandonei... Eu fiz errado, também... Larguei os estudo. Mas eu sei que me faz falta. Faz falta, sim, o estudo”.

Quanto a história relacionada aos trabalhos, perguntei ao R. com que idade ele começou a trabalhar em B.H. Ele disse: *“Aí eu fui trabaiaá uma vez... Até de menor eu tava trabaiaando. [...] Eu era catador de bolinha de quadra de tênis. [...] Trabaiei um bom tempo. Ma depois, né, eu vi que aquilo num tava muito me servindo ieu...[...]*”. Perguntei sobre o horário de trabalho: *“É, tinha os período, né? Pela manhã, assim, de oito hora até meio-dia e voltava quatro hora até seis. Era até um tempo que eu saía, né? Um tempo bom que eu saía de lá e ia pra escola [...]É até a idade de dezesseis ano pra dezessete ano eu andei parando, né? Fui mexer com o meu... Já comecei a dar entrada no meu alistamento, né?”* R. relata que não foi registrado na carteira: *“Não, não! Num era carteira assinada, não...”*

Depois R. disse: “Eu trabaiei aqui na frente, aqui perto do trevo novo. [...] Servente de pedreiro. É.[...] E ali... Eu trabalhei ali era um contrato de três mês. E a gente trabalhava! [...] Nó! Que nem... Nosso Deus! Os pessoal lá, os encarregado, engenheiro era muito chegado, ali, na pessoa, né? Queria ver seu serviço! Suor, memo. E eu dizia: Meu Deus, um dia eu vou sair disso aqui...[...]

E ali foi. Esse amigo meu arrumou esse serviço pra mim lá de vigia... Trabalhando de vigia doméstico, né? Que não... Esse aí chama vigia doméstico. Do emprego que eu tô mexendo, hoje[...] Aí eu peguei, eu fui ainda, passei na experiência dos contrato dos três mês, né? E peguei e fui... Surgiu a vaga lá pra mim, ele me chamou, falou se eu interessava, eu assim: Interesse! Que aquele que eu tô é muito pesado.[...] Lá eu pegava das sete às sete da manhã [...] À noite. Doze hora. Só tinha uma folga, só, no domingo. Então, assim, mas graças a Deus. Lá era pesado, aqui eu posso ficar sentado... É só... né? Tomar um pouco de cerimônia pra ver... pessoa, né, que tem nessas banda pra vim roubar... Até eu servi pra profissão, que nem, eu tô até hoje, né? Eu peguei... Desse aí deu pobrema lá, meu patrão com a esposa dele. Isso aí já é uma coisa... Ele pegou, foi, acertou comigo, falou pra mim num mexer mais, que ele ia mudar. [...]

...E aí saí de lá e parei, mas graças a Deus parei pouco. E fui depois... Depois que surgiu esse serviço pra mim trabalhar de ajudante de armador. E eu fui e encarei. Esse serviço num é muito ruim, também, não. Encarei e... Fui trabaiano ali de ajudante de armador e recebendo... Que o empreiteiro andava meio danado, né, mas no acerto recebia no valor de servente. Falei assim: Ai, meu Deus! O estudo faz falta, memo! Faz falta, né? Eu tenho vontade de voltar a estudar... E ali falei assim... né? Falei assim: Meu Deus! Vou encarar. Aí que eu cheguei... Primeiro trabaiei um ano nesse de ajudante de armador, né? Peguei o prédio lá no chão e levei na caixa d’água. Montei uma caixa d’água e tudo.[...]

E aí, rapaz, nós pegou e trabaio ali... Trabaiei na faixa de um ano... Um ano e pouquinho, mais ou menos... E depois eu parei. Parei, né? Fui receber os meus direito, né? Que nem, eles pagou tudo direitinho... E peguei e... Ali eu num parei, também, não. Continuei atrás de outro, e fui, arrumei... Arrumei numa firma e... Lá pra mim já foi bom.[...]

Na época, lá, né? Porque o pessoal já vai... Noventa e poucos centavo por hora o ajudante de pedreiro, e eu ganhei minha classificação. Aí eu já comecei a ficar alegre. Aí eu falo.[...]

Ganhei minha classificação de ajudante de armador. Ali eu tava ganhando um real e dezesseis centavos por hora. Pra quem tava ganhando noventa centavo por hora, pra ganhar um real e dezesseis por hora, já tem uma diferença boa, né? Do pagamento.[...]

E graças a Deus eu fui. Trabaiei mais um ano e tanto nessa empresa, né? Que era de prédio, de construção... E de lá eu peguei... Parei de novo, aí surgiu... O que eu fui trabaia agora. Aí eu larguei, né? Através dessa classificação que eu ganhei, de vigia. Né? Através desse lugar com esse moço que eu trabaiei, que deu pobrema mais a esposa dele... Que eles separaram... Aí eu peguei e fui trabaia de vigia. Arrumei, né? Através daquela assinatura que eu ganhei de vigia, eu peguei nas construção... E meu pai sempre me... né? Num esquecendo do meu pai... Num pode esquecer, não, porque graças a Deus, Deus dá a ele saúde... E sempre ele procurava onde é que tava precisando porque eu tinha uma experienciazinha

que ele... Podia contar com ele, que ele garantia pra mim na área. E ali eu fui trabaiaá, né? Passei prá área de vigia, que eu tô até hoje, graças a Deus... Trabaiei lá no BH Shopping um bom tempo, também, dois ano e pouco, numa firma, lá, de vigia... Né? Onde que veio até a seleção do Brasil, que veio jogar, teve hospedagem, né? Lá no hotel, lá, né? Lá é hotel, hoje. E aí, graças a Deus, tô com cinco ano, já, nesse emprego que eu 'tô nele... O estudo faz falta. Faz falta porque onde é que eu cheguei hoje, eu agradeço muito a Deus..."

R. relata o tempo que está nesse emprego: *"Fazer cinco anos agora, em março do ano que vem.[...]"*

O horário de trabalho do R. é o seguinte: de 2^a a 6^a feira ele trabalha de 9 da manhã às 18 horas. Aos sábados ele trabalha de 19 horas às 7 horas do domingo. Aos domingos ele tem folga. Além disso R. disse que faz um biquinho: *"Porque segunda, quarta e sexta, eu faço um bico de sete e meia até nove hora. [...]Por fora, né? Eu trabaio numa outra casa, lá, né? Mexendo num jardim. [...]Entendeu? Eu tomo... Eu faço, lá, limpeza... Ou então, o calor que tá agora, eu águo as pranta..."* Perguntei a renda mensal dele. Ele disse: *"Tá na faixa duns... Hoje... Com o meu bico, ali, por fora, que ali é uma mixariazinha, né? Um trocadinho... Apesar que é pouco, seja bem-vindo. Dá mais ou menos uns seiscentos reais"*.

Há quatro meses, R. recebeu um convite para voltar a trabalhar na roça. Ele aceitou e hoje ele trabalha em um sítio a 70 km de B.H. O salário líquido é de R\$680,00 por mês.

Perguntei ao R. sobre sua saúde. Ele respondeu: *"Graças a Deus, minha saúde tá indo bem"*. Diz que não faz uso de medicamento, mas faz uma ressalva: *"Eu só num uso uma coisa... Eu só num posso comer pimenta"*.

Perguntei sobre a parte emocional. Ele disse: *"Graças a Deus, num tem...[...] Eu só tinha um tempo, uma época que eu tomei dez injeção, mas só numa dor de cabeça. [...] Me dava em mim uma dor de cabeça que era só Deus! Eu chegava até a gritar e...[...] Mas graças a Deus. Hoje em dia eu tenho aquela dorzinha, ainda, mas eu ando preparado, com remedinho..."*

Esclareci mais sobre a pergunta ao R.. Ele disse então: *"Às vez a gente passa por um poblema, né? Que nem a gente passou, que, assim, eu fico chateado, mas eu pretendo não fazer coisas com as minhas mão, porque isso não é permitido por Deus... A gente num pode tirar uma coisa que a gente num pode dar, que é uma vida... Eu sou meio, assim, entristecido é só com a perda do meu irmão, que ele foi assassinado...[...] Foi em novembro de 2005.[...] Né? Porque cê escapa, aqui, da justiça aqui embaixo, mas de Deus, da justiça lá de cima, ele num escapa, não.[...]"*

Né? Um dia eles vai ter que prestar conta pra Deus. Né? Mas, nisso aí, tirando isso aí, né? Eu entrego ele na mão de Deus, lá, onde ele tá... Que Deus dá pra ele um bom lugar... Isso aí..."

Ainda sobre o irmão ele disse: *"Quando ele morreu, ele tinha vinte e quatro ano...[...] Não, em Vespasiano...[...] Ele morreu lá na... Eles pegaram ele ali na emboscada na MG-10. Na MG-10 (Rodovia*

MG-10). *Pra cima do (Centro de Treinamento) C.T. do Galo. Que a gente morava perto do CT do Galo. Centro de Treinamento do Atlético”.*

R. fala de sua irmã M.I. que também participou da pesquisa e que parou de estudar na época que o R. foi transferido de escola pelos pais. Ele disse: *“Minha irmã, também, a M.I. que cê conhece, né? Também andou parando... Saiu...[...] É, aí nós fomo e saímo tudo, né? Porque estudava eu, ela e meu irmão Rein. né? [...] Que é falecido. E aí, nisso aí, nós foi estudar lá... Eles pegou, também, já perdeu o destino, também, de mexer com estudo”.*

R. fala da situação da M.I. hoje: *“E tá com a famiinha dela lá... Perdeu duas menina... Né? Nova... Eu creio que ela tá em bom lugar... E ela tá com mais três, duas menina e um menino...”*

R. fala da morte das filhas de M.I.: *“E ela ali, passando, ali, até fome, né? Fome, mas fome... não falta das coisa, né? Através da menina, né? Que ela queria, né, saúde pra ela. Que nem, eu tive ali no hospital... Nosso Deus! É uma coisa impressionante! Criança... No Hospital da Baleia... E ela ali, né? Tem um mês que a menina faleceu, através da doença, né? Que é o danado do câncer...”*

R. relata a morte da outra filha de M.I.: *“Aí elas vinha cá fora na rua, na parte de cima, e descia correndo na parte de baixo, aonde que hoje é uma varanda. E chega lá... Um amigo do meu pai, lá, chama Sod..., tinha feito, lá, aqueles tijolo queimado. Suspendeu uma pilastra pra poder atravessar uma cinta em cima. Uma viga de ferragem em cima, que até eu memo fazia. E faço. Aí as menina tava... Naquele memo dia que ele tinha assentado aquilo ali tava... né? As massa tava mole, ainda. Ainda num tinha pregado no chão, na laje. [...] E aí uma correndo atrás da outra, vai lá, vem cá, e a menininha perto, oiando aquilo e achando bonito, né? Rindo... Aí foi numa que correu, veio correndo, assim, passou por trás da pilastra e com o peso do braço, né, pegou e foi, ela deitou. Pesada, aquilo pesado, com a massa e os tijolinho queimado... E foi, caiu em cima da menina. Aí saiu correndo... Ela chegou a falecer no braço da minha cunhada e do outro menino que tava ajudando a socorrer. Coisa impressionante”.*

Perguntei ao R. que conselho que ele daria para as crianças e adolescentes: *“É, isso aí, o conselho que eu dou pra elas, que elas tá com oportunidade, hoje, né? Na faixa de hoje... Quando eu vim da roça pra cá já foi uma vida mais dura, sofrida... Porque todos pai... né? Quem mora aqui sabe que no interior não é fácil... E o conselho que eu dou pras criança é elas, né, sair fora de coisa ruim. Dos caminho das droga, de... [...] Eu andei passando perto...[...] O que eu posso dizer... Se eu contar uma mentira aqui pro senhor, eu tô... né? Diante da presença de Deus, lá, eu num passo, né? Se for no caso, eu num passo...[...]*

Né? Às vezes eu minto pro senhor, aqui, se for o caso de Deus arrebatat nós agora, chega lá, ele vai mostrar aquilo pra nós. Aí o senhor vai pensar: Ah, cê ‘tá mentindo. Cê mentiu pra mim, lá. Então, eu passei por uma vida, também, sabe? Ruim... Eu digo pras criança, pra elas seguir, ali, em frente...[...]

Solicitei ao R. esclarecimento sobre o que chamou de ruim. Ele falou: *“É através dos mau conselho, memo. [...] Né? Dos mau conselho de...[...]* Amigo, tudo... Colega. Ali, tudo é colega. Cê tem que sair é fora”.

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

L.P.J., 7anos e 6 meses, sexo feminino, 1ª série, com história de ter permanecido no hospital 8 dias após o nascimento, com indícios de ter recebido oxigenioterapia; com história recente de ter feito controle no Centro de Saúde para desnutrição. Apresenta relato de tratamento anterior com a psicóloga do Centro de Saúde devido a cefaléia e falta de atenção. Mãe G2P2A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtorno emocional (ansiedade):

tristeza; dificuldade de se separar da mãe; timidez; sugestivo de fobia escolar

Sugestivo de transtorno de déficit de atenção:

falta de atenção

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

atrasos de coordenação motora fina; de leitura; de aritmética; de linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Cefaléia frontal; parasitose intestinal (dor abdominal, hepatomegalia); impetigo em fase de cicatrização; suspeita de anemia; linfadenopatia submandibular, inguinal; cárie dentária; rinite; avaliação de acuidade visual – sugestivo de déficit visual; cifose lombar.

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixa escolaridade da mãe e analfabetismo paterno

Condições inadequadas de vida:

lixo exposto

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

rendimento escolar regular (desatenta, dificuldade motora); timidez

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

pai com hipertensão arterial; irritabilidade (nervosismo) paterna com uso de medicamento;

pai alcoólatra sob controle (membro do AAA); mãe com história de ter sido hipertensa; mãe com “problemas de nervo”

Outros:

residem em favela; vizinhos que usam drogas; preocupação da mãe com relação a roubos e mortes na área onde moram.

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 8 m – 2ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista com a L.P.J., 25 anos, ocorreu no dia 09/08/2008 na Paróquia São Brás. A Leid. veio acompanhada do marido P. que participou também da entrevista. Começamos pela vida escolar: “*Ah, eu estudei na creche, né? Até os doze anos. [...] Na creche. É porque... Tipo assim, é porque na creche, lá ficou tipo uma aula de reforço... Tinha tipo uma aula de reforço que minha mãe trabalhava... [...] Então eu continuei estudando aqui no Mestre Paranhos e depois, à tarde, eu ia pra lá. Lá eu fazia os para casa e ficava até a minha mãe chegar. Até cinco horas da tarde. [...] Estudei aqui até... - uns doze anos? - uns doze anos. Eu acho que foi até a quarta série, mas eu num lembro*”. Perguntei a respeito de reprovações. Ela respondeu: “*Repeti! [...] [Risos.] Várias vezes!* Perguntei quantas vezes, ela respondeu: “*Ah, num lembro... [...] Ah, deve ter, né, uns três ano. Que eu lembro que a minha mãe ficou muito nervosa comigo. [Risos.]*”

Leid. relata que da 1ª à 4ª série ela estudou na EMMP e “*De quinta à oitava, aí eu estudei em outra escola. No Nair Santana, no Nova Gameleira. Afirma que nessa última escola ela não foi reprovada.*

Leid. recorda que a creche que ela estudou foi “*Centro Infantil União. Aí, depois, minha mãe mudou, meu pai resolveu vender ali onde que a gente morava, comprou uma casinha maior, né, e a gente mudamo. Lá pra onde que a gente... Pro Nova Gameleira... [...] Isso. Pro Nova Gameleira. Aí, depois disso eu continuei estudando lá... Ah, que eu lembro, é isso. E depois eu engravidei... [...] [Risos.] Eu engravidei com quinze anos... [...] Ganhei neném com dezesseis anos... Foi isso. Aí casei, com dezesseis anos, também. Aí fui morar no bairro Cabana. Depois o meu filho faleceu. Esse...*

Perguntei até que série que ela estudou. Ela disse; “*Terminei a oitava série. [...] Aí, depois que eu engravidei, decidi sair da escola. Aí saí da escola. [...] Não. Voltei, não.*

Leid. fala da reação da mãe dela quanto as repetências: “*Ah, minha mãe falava tanto na minha cabeça! Que eu num tinha nada na cabeça... sabe? Ah, foi um pouco difícil, né? [...] Ah, eles me condenavam muito! [...] Ih! Eu apanhava que é uma beleza, por causa disso. [Risos.] Leid. fala da reação dela própria: Foi! Foi fuito difícil. [...] Ficava! Ficava morrendo de medo de chegar a época de pegar o boletim e vim que eu tinha tomado bomba... Nossa! Ficava com aquilo na cabeça. [...] A gente fica com medo, mesmo, de ir prá escola; de chegar lá, num conseguir aprender o que tá lá; e chegar em casa, às vez... E tem uma prova, a gente num conseguir resolver ela, e fica aquele medo de, às vez, tomar... Ah, se eu num fazer essa prova, eu vou tomar bomba e vou chegar em casa, a minha mãe vai me bater! Sabe? [...] Eu achava que eu que era culpada, mas... Ah, num... [...] É... Que a culpa era minha, mesmo”.*

Perguntei a ela se a responsabilidade não poderia ser da escola, da professora. Ela disse: “*Não, porque, tipo assim, várias crianças passavam, na sala. Só eu que... Tipo assim, eu que não, então a culpa era minha. Entendeu?*

É! Nossa! Num via a hora de sair da escola logo! **[Risos.]** Ah, num gostava muito de vim, não. Perguntei a ela se o fato de não querer ir a escola não era devido aos problemas na aprendizagem. Ela respondeu: “É. Também. [...] É, eu num gostava muito de vim prá escola, não. Eu ficava doida pra vim embora logo”.

Perguntei a Leid. qual os motivos das reprovações na opinião dela. Ela disse: ... Ah, num sei por que que eu repetia, não. Eu repetia direto! **[Risos.]** Ah, num sei... Acho que era falta de atenção, mesmo.

Pedi a Leid. para ela comentar sobre sua experiência com a escola: Ela disse “Ah, na escola, é ficar bem atento, né? Porque, na época... A minha mãe, mais meu pai, num teve estudo. Num sabe nada, né? [...] Então, tipo assim, a gente chegava com o para casa em casa, aí num tinha quem chegar e explicar procê como é que fazia... sabe? Tipo assim, pros pais ter mais atenção. Achei que... Tem para casa, senta com ele, conversa, mostra como é que é... Na minha época num tinha isso. Era lá. Se eu quisesse fazer o para casa, fazia; se eu num quisesse fazer, ficava do memo jeito. [...] É, sentia. Eu ficava lá do memo jeito. Se eu quisesse fazer, eu fazia; se num quisesse fazer, ele ia sem fazer”

Comentei com Leid. sobre a possibilidade dela voltar a estudar. Ela respondeu: Ah! Eu num quero voltar a estudar mais, não. [...] **[Risos.]** Isso é muito prá minha cabeça. [...] **[Risos.]** Ah, num entra nada na minha cabeça! É muito difícil, sabe? Não, eu num volto a estudar mais, não”.

Leid. falou que engravidou com 15 anos. Solicitei a ela falar sobre isso. “Foi difícil, porque era muito nova, né? E aí fiquei com muito medo... Mas depois que ele nasceu a gente acostumou, gostou, sabe? Gostava muito dele... Gostava muito. [...] Perguntei sobre a família: “Tive. Tive que enfrentar, porque a minha mãe num aceitava, né? Porque eu era muito nova... [...] Nem conhecia o... O P. na época, eles conheciam... Então eles... Ah...! Eles me julgaram bastante, sabe? Ah, foi muito difícil. Leid. relata as repercussões da gravidez: “Aham. Foi... Nó, eu parei de estudar por causa da gravidez. Senão eu tinha continuado. [...] É. Porque aí tinha a questão de quem ia ficar com o meu menino... [...] Pra mim poder estudar... Aí foi por causa disso mesmo que eu parei de estudar... [...] Porque eu acho que se eu não tivesse engravidado eu tinha continuado a estudar”.

Sobre a gravidez e o parto Leid. relata: “É... O parto tava muito difícil... [...] Foi fórceps, porque não dava mais tempo de fazer cesárea... [...] Aí eu fui pra Odete; da Odete mandou pro Sofia; era pra ser cesárea, eles num fizeram... [...] É que nem... Lá nesse Sofia, num sei se cê já ouviu falar, lá eles têm a mania de esperar o parto normal... [...]...o máximo possível. E sendo que a bolsa já tinha arrebentado, assim, já, há uns dois dia. [...] Eu acho que por aí veio a agravar o nascimento do bebê, né? [...] Ele ficou internado um mês... [...] Leid. conta o que aconteceu com o filho, J. C.: “Ele ficou no CTI, muito ruinzinho, mas escapou. Leid. relata que também teve eclampsia, ficou hospitalizada após o nascimento do filho: “Nisso, eu dei eclampsia... [...] Aí eu também fiquei lá no hospital... Aí depois que ele saiu da incubadora ele veio amamentar. Mas amamentou muito pouco”.

Leid. relata que esse filho faleceu com quatro anos de idade. Ela conta como aconteceu: “Primeiro dia. Aí a gente fomo, levamo o J. no hospital. [...] Foi sexta-feira... A gente foi seis e pouco. Ele

tava tossindo bastante, tava sentindo dor no ouvido. [...] A médica falou, assim, que era uma virose, uma gripe comum. Que era pra dar... Que ele ia ter febre... A orientação médica foi para dar dipirona e um xarope.

“É. Isso foi sexta. Aí quando foi sábado, deu febre, deu remédio a ele, a gente obrigou ele a tomar o leite... No domingo, ali, mesma coisa. Deu febre de manhã, deu o remédio... Achando que era coisa normal, que ele ia passageiro. [...] O pai continua: “Aí, tudo bem. Agora, na segunda-feira, já... Na segunda-feira à tarde, ele já apresentava roxo, roxinho...[...] Ele tava meio baqueado...” Leid. completa: “Já tava dando parada cardíaca. Tanto que ele num tava aguentando segurar nada. O pai disse: “Já corremo com ele pro hospital. Aí lá ele já foi direto, já, pra CTI. Leid fala: “Incubaram ele e levou pra CTI. Aí eu fiquei... Por eu achar... Eu achava que num era nada, portanto, ele tava comigo, falei com ele: Vai em casa, busca fralda pra ele dormir. Pode deixar que eu fico aqui com ele. Num precisa ficar aqui comigo, não. Pra mim, ele ia ficar ali e ia voltar. Aí, na hora que eu cheguei na porta do CTI, a médica virou pra mim que eu podia chamar alguém pra ficar comigo, porque dali ele não ia sair. [...] Que ele num tinha mais jeito. Que ela ia iniciar o medicamento, o antibiótico e ver se combatia. Ver se combatia o vírus. Mas só que aí não conseguiu combater. Já tinha tapado tudo. Num tinha mais jeito”.

Perguntei para a Leid. o que representou para ela a morte do filho. “Foi muito difícil. Foi muito difícil. Porque na época a gente só tinha ele, né? [...] Aí, foi muito difícil. Não... Eu quase entrem em depressão. Ficava na cama, chorava o tempo todo... Ficava na rua andando, sabe? Ia prá porta da escola que ele estudava... Ficava lá, achava que ele tava lá, que ele ia voltar, que ele num tinha morrido. Foi muito difícil. [...] Ah, foi um momento muito difícil. Fui trabalhar pra poder esquecer um pouco... sabe? Da época que eu tava trabalhando... Foi muito difícil, né?”

Leid. fala do outro filho, J. que está agora com três anos: “É, ele tá bem. Graças a Deus, tá bem. Mas a gente fica com um pouco de medo, né? Que agora ele tá na faixa de idade, mais ou menos, do que o outro faleceu...[...] É. Porque, tipo assim, ele tava pondo três pra quatro anos... Ele completou quatro anos em outubro; em dezembro ele faleceu... Então a gente fica com um pouco de medo, com um pouco de receio de ele falecer, também. Ele tinha a mesmas coisa que o outro tem: bronquite, asma, uma alergia na pele que nunca descobria que que era...[...] E esse, agora, tem a mesma coisa... Então a gente fica, assim, fica com medo de vim a acontecer a mesma coisa com ele. Né? Portanto... Na época a gente num tinha convênio, nem nada... Aí a gente veio providenciar o convênio... Pra acompanhar ele por causa disso...”

Leid. fala também da filha, Pol.: “Aí veio a pequenininha... Aí as condições foi ficando mais difícil, aí não fizemo convênio prá pequenininha. A gente... Eu consulto ela pelo SUS, mesmo, né? Faço controle dela no Valdomiro Lobo e especialidade no Plano Saudade e...”

Sobre a história relacionada ao trabalho Leid. relata que: “...Eu comecei a trabalhar menos... Eu trabalhei, acho que uns dois anos, de diarista. De... Como é que fala? [...] Faxineira! Daí eu fazia faxina na casa dos outro, né? [...] Eu já tinha acho que quinze anos. [...] Aí trabalhava como doméstica, né? Tomava conta de duas criança e arrumava a casa, e tal. Com quinze anos.

[...] Fiquei uns dois anos.[...] Aí depois que eu fui como balconista (de padaria). Aí já era carteira assinada... Tudo direitinho. [...] Com dezessete...[...] ... Mas aí depois eu saí do serviço, aí depois eu voltei prá mesma firma, de novo...[...] Acho que eu voltei três vezes prá mesma firma. Aí agora, depois que o Juan nasceu, eu fiquei até com uns quatro meses, né? [...] Aí depois eu fui e saí da firma, por causa dele. Tinha que levar muito ao médico... Aí tava faltando muito, aí resolvi sair pra tomar conta dele”.

Eu penso, depois que a neném fazer um ano (hoje está com sete meses), eu vou trabalhar de novo. [...] O J.tá na escolinha”. A Leid. relata que eles pagam C\$85,00 mensais pela escolinha. Ela conta: “Não consegui na prefeitura. Não tem e é muito difícil. Não consegui, fiz inscrição, mas não consegui. Vaga na escolinha. [...] Aí foi onde a gente optou pra poder pagar uma escolinha pra ele. Porque ele é muito elétrico...”

Reg. No 14

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

P.P.S., 8 anos e 1 mês, feminino, 1ª série, recém nascido de baixo peso, com história de coqueluche (s.i.c.) no período neonatal; separação da mãe neste período devido a hospitalização materna. Teve sarampo, caxumba, varicela; teve queda de beliche com fratura. Foi hospitalizada 2 vezes devido a bronquite e broncopneumonia na 1ª vez e broncopneumonia, septicemia e anemia na 2ª vez. Nesta 2ª vez caiu do berço na enfermaria. Mãe G3P3A0.

Perfil biopsicossocial

Tomando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtorno emocional

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

sucção do dedo

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

De linguagem? (atraso)

Eixo IV – (Condições médicas)

Cárie dentária; sugestivo de enterobíase; infecção respiratória aguda (rinorréia, tosse); sugestivo de déficit visual à esquerda?

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtorno mental em outros membros da família:

Mãe: irritabilidade; choro; uso de diazepam diário; queixas sugestivas de origem psicossomática

Controle inadequado ou inconsistente dos pais:

crianças sozinhas em casa, presas

Estímulo social, linguístico ou perceptivo inadequados:

mãe com 2º ano primário

Condições inadequadas de vida:

pobreza; aglomeração (barraco com 2 cômodos); a família toda dorme no mesmo quarto; fossa; lixo exposto

Situação familiar anômala:

família de genitor único

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

Separação dos pais; mãe – doença de Chagas?; irmão – usou gardenal devido à convulsão, agressividade, cefaléia; irmã – teníase; pai diabético

Outros:

residem em favela; droga na comunidade (cola, tiner)

Observação:

Esta criança, nos primeiros 2 anos de vida foi cuidada pela avó e depois de 2 até 7anos freqüentou creches (2).

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11 a 3 m. 3ª série (outra escola; saiu porque acha a escola longe).

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de P.P.S, 26 anos, foi realizada no dia 10/09/2008 no departamento de pediatria da FM-UFMG. Ela chegou no horário combinado e estava muito alegre em participar. Começamos pela trajetória escolar: *“Assim, eu tenho muita dificuldade pra aprender. Meu aprendizado ficou lá, mesmo, sabe?[...] Então, assim, tomei uma bomba na terceira série, depois tomei outra na sétima série... Eu parei de estudar no início do primeiro ano, que eu engravidei da minha menina, que hoje vai fazer sete anos, no mês que vem...[...] eu completei quarta, quinta, sexta, sétima e oitava. Eu parei no primeiro ano. Eu formei... Eu formei pela Mestre Paranhos, mesmo...[...] Inclusive, a formatura foi na Paróquia São Brás...”*

P. relata que engravidou com dezenove anos: *“Aí engravidei, parei de estudar, porque eu ia estudar muito longe e eu ia a pé. Eu descia a Raja Gabaglia a pé. Até na Prudente de Moraes.[...] Isso. Descia a pé até lá... Então ficava muito difícil pra mim. Eu ia... Que eu engravidei no começo do ano, que eu ganhei em outubro, eu ia até seguir pra mim retornar no ano que vem, mas pelo menos concluir o primeiro ano naquele ano. Só que num deu porque ia ficar muito difícil, ia ficar muito longe, muito puxado. Pra grávida, né?[...]”*

Aí eu parei, fiquei três a quatro anos sem estudar, voltei a estudar quando ela tinha três ano de idade... Fiz o primeiro e o segundo, parei de novo... Por desleixo, mesmo, sabe?[...]”

P. não recorda o nome da escola onde iniciou o primeiro ano do 2º grau e parou por causa da gravidez. Quando ela reiniciou o primeiro já foi em outra escola como ela descreve: *“Mas o meu primeiro*

ano eu concluí no EMOC.[...] Escola Municipal Osvaldo Cruz, no Bairro Jardim América.[...] Concluí meu primeiro ano lá, meu segundo ano lá, e meu terceiro eu tô concluindo perto da minha casa [...] Aí eu voltei esse ano pra mim cumprir meu terceiro ano, pra mim ver se eu consigo um bom emprego...[...] Causa que agora tudo precisa do segundo ano, né? E eu acordei tarde demais. [Risos.] [...]

P. relata que estuda atualmente em Contagem, onde reside com o segundo companheiro e a filha. O nome da escola é “Escola Municipal Maria de Sales Pereira. [...] Período da noite”.

Mas, retornei ao assunto da dificuldade de aprendizagem que P. falou que tem: “Isso! Até hoje.[...] Ah, eu num sei te explicar...[...] Tenho pra mim que é... Porque o aprendizado, ele é tipo neurônio, né? É o neurônio. [...] Pra mim, eu devo ter pouco. Num sei. [Risos.]

P. cita a inteligência da filha como comparação: “Porque a minha filha, ela é muito inteligente.[...] O que eu num guardo, ela guarda. O que eu num sei, ela sabe. Sabe? Tudo... Se eu precisar, eu falo assim: Ó, Larissa, o nome daquela pessoa é isso. Ela me ouviu eu falar com ocê no telefone e ela me lembrou: Mãe... Segunda-feira [...] Mãe, tem a entrevista com o Doutor Lombardi lá na UFMG. Hoje de manhã ela falou de novo. Terça-feira, ela falou de novo [...] Então ela é muito inteligente! [...] Eu tenho até medo dela perder essa inteligência que ela tem. [Risos.] [...] Creio que num perde, não [...]

E eu, perto dela, eu num sou... [Risos.] Questão de inteligência, eu num sou nada [...] E eu sempre tive muita dificuldade. Até hoje[...].

Eu não gravei a tabuada até hoje... Hoje, voltando a estudar, com vinte e seis anos, comprei uma tabuada, eu tenho que decorar, eu não consigo... Eu decoro muita pouca coisa, assim, sabe? É coisa, assim, se forçar minha mente, mesmo, que eu decoro. Mas eu tenho uma dificuldade de decorar, de aprendizado muito difícil [...] Isso! De memorizar. Eu tenho uma dificuldade de aprendizado muito difícil. Eu conseguir chegar no terceiro ano, eu vou falar... Num sei por quê”.

Perguntei a P. como ela reagia a esses problemas de aprendizagem. Ela respondeu: “Como eu reagia...[...] Eu tentava esconder dos meus colega. Porque na sala de aula a gente tem sempre aquela pessoa que é muito inteligente, que cê vê isso, né? Então eu tentava esconder isso e tentava me esforçar o bastante pra mim conseguir uma boa nota, porque na hora... Pra mim num ir assim na prova, prá minha prova num ficar muito rebaixada diante das outras...[...] E isso, eu tentando esconder que eu não era burra, eu ia passando por cima, e nisso eu ia me esforçando pra conseguir passar de ano, pra conseguir ter uma nota boa [...] Ficava. Até hoje eu fico triste com isso. Eu queria ser inteligente. Que nem, quando eu vejo reportagem que estimula o cérebro, estimula a pessoa a ficar inteligente, eu vou e falo: Ah, vou comer mais isso, vou comer mais peixe...[...] Vou me alimentar mais assim pra estimular meu cérebro mais. Entendeu”?

Perguntei a P. o que na opinião dela causou o problema de aprendizagem. Ela disse: “Eu falo que é desleixo meu. Da minha parte. Porque se eu tivesse me esforçado, hoje eu teria concluído o meu estudo. Porque, o meu irmão, ele morou na mema casa que eu, teve a mema dificuldade que eu e terminou os estudo primeiro que eu. A minha irmã, ela já terminou os estudo. Ela é mais nova que eu e já terminou os

estudo dela". Ela continua: "Que eu parei de estudar pela minha filha, mas eu tive a oportunidade... Tanto é que eu voltei a estudar e concluí o primeiro e o segundo ano consecutivo. Um atrás do outro. Mas não concluí o terceiro. Então, assim, eu falo que foi descuido meu porque eu tive a oportunidade de estudar... Tinha uma pessoa pra olhar minha filha, que minha mãe olhava a minha filha pra mim, à noite, pra mim poder estudar... Então foi desleixo da minha parte, porque... Eu podia atribuir isso à minha filha, né? Porque meus irmão tudo concluíram. Menos o de menor, que é quinze anos... Sem filhos. E eu sou a única que tem filho. E eu poderia atribuir a isso, mas não. É desleixo meu, mesmo".

Quanto a trajetória no trabalho P. relatou: "Eu comecei a trabalhar quando minha filha completou dois anos de idade.[...] Foi cinco anos que eu comecei a... Mas nunca trabalhei de carteira assinada[...] Eu sempre trabalhei como diarista. Perguntei o que ela fazia, ela respondeu: "Faxina [...] Em apartamento. Em apartamento [...]Trabalhei cinco anos fazendo faxina de apartamento [...] Era... É, era praticamente todos os dias, né? Assim, mais que eu folgava era na quinta-feira. Não porque era folga opção minha, sabe? Porque geralmente num tinha trabalho pra esse dia [...] . E de oito às quatro, né? Porque sempre eu impunha isso: Eu posso trabalhar de oito às quatro [...] Porque quatro horas eu tenho que sair pra pegar a minha filha na creche". P. relata que atualmente não está trabalhando: "Eu parei pra mim cuidar da minha filha, sabe?[...] Só que aí eu dei uma parada pra 'tá levando ela pra escola, porque esse é o primeiro ano de escola dela, primeira vez com meio horário... Só que, aí, quando eu tiver uma oportunidade, eu vou retornar, mas não como diarista, entendeu? Atualmente P. não tem renda pessoal; vive com a renda do companheiro atual.

Solicitei a P. que falasse do ambiente de trabalho. Ela disse: "Eu já trabalhei num lugar que eu já passei até mal de fome [...]De fome [...] Tipo, eu ia com o dinheiro da passagem; chegava lá, me dava um cafezinho de manhã... Muita das vez...[...] Isso. Casa de família. Um apartamento... Muita das vez me dava um café, me dava um pão dormido, né? Que o pão novo ia pra mesa deles... E eu ficava nisso o dia todo. Eu já cheguei... Minha pressão abaixou, eu cheguei a cair na cozinha de fome! E...[...]

Não. Eu já trabalhei num lugar que eu só comia se sobrava. Eles almoçavam e se sobrava ali, na mesa, na hora que eu tava tirando a mesa, se sobrava, aí eu fazia o meu lanche, mesmo assim, já frio. Mas também já trabalhei em muitos lugar em que a pessoa fazia questão que eu isse lá no fogão, colocava comida e sentava lá com eles, entendeu? Já trabalhei em muitos lugar...[...] Com eles, lá. Vestida de faxineira, fazia questão que sentasse. Já passei por muita dificuldade trabalhando, já passei, também, por muitos momento bom... Já passei por muita gente que a gente, por ser pobre, a gente é miserável... E dava lixo. Sabe aquelas coisa que nem eles... nem o lixo quer? Rejeitaria? Dava aquilo pra levar pra casa. Eu pegava, chegava na rua, colocava no saco de lixo... Colocava na lixeira... Mas também já trabalhei em lugar que a pessoa me dava dinheiro... Compra isso pra sua filha. Já trabaiei em lugar que quando a pessoa ia fazer compra, me chamava pra ir com ela, mandava eu escolher coisa pra Larissa, entendeu?[...]

Tenho eu que o governo... Eu já trabalhei numa casa que... Ela era funcionária pública... Ela era funcionária do governo. Secretária do governador A. E ela mandava o motorista em casa pra, muitas vezes, buscar um brinco que ela esquecia. Motorista particular do governo. Motorista civil... né? [...]

Pra mim, isso era o meu dinheiro, o meu imposto que eu pago sendo jogado fora, porque ela mandava o motorista num carro grande, gastava gasolina do governo pra buscar um brinco que ela esqueceu em casa. Então, pra mim, isso já é dinheiro jogado fora, né? O governo, ele gasta muito dinheiro, ele joga muito dinheiro fora. Eu tenho pra mim que... Eu trabalhei muito tempo com essa pessoa. E eu via, muita das vez... Ela, muita das vez, mandava eu no supermercado a pé comprar compra, e o motorista podia muito bem buscar a compra. Não, mas o brinco ele tinha que buscar em casa, entendeu?

Então, pra mim, é um dinheiro jogado fora. Eles abusam muito. O governo abusa muito. Tenho eu pra mim, né? Que nem, eu acho que o candidato tem que fazer a campanha eleitoral, mas o que gasta de panfleto, o que gasta de dinheiro com papel, aí, né? Se investisse muito mais em outras coisa, né...? Porque papel depois vai tudo pro lixo. [...]Aí, é muito difícil. Esse mundo é difícil demais. [Risos.][...] É muita gente... Ah, num sei...! [Tsc.] Muita corrupção, tudo muito difícil... É difícil, eu num sei te explicar..."

No que se refere a saúde ao longo desses anos P. relatou: *"Pra mim, é boa, né? [...] Só que, quando eu tava grávida da Larissa, eu andava muito e subia muita escada, muito morro... Porque o Jardim América, o senhor já viu, né? [...] Lá é muito morro, muita escada. Então, assim, minhas perna ficou comprometida. Minhas veia, sabe? [...] E hoje eu sinto muita dor nas perna. Depois que eu parei de fazer faxina, coisa corrida, muito trabalho, então eu passei a ter muita dor nas perna. [...] Tirando problema de varizes, que eu devo ter, que eu nunca fui ao médico pra olhar, que eu não tenho paciência com posto de saúde... [Risos.]"*

Perguntei sobre a parte emocional. Ela disse: *"Pra mim, tá bom. Única coisa que tá, assim, atrapalhando meu emocional, que eu vejo eu de vez em quando, que eu falo assim, prá minha filha e pro meu esposo: Me deixa eu quietinha, porque hoje eu tô estressada; é o fato de eu tá parada, de eu não tá trabalhando, né? Porque, que nem eu já falei, que, cinco anos trabalhando, quando a gente para, a gente era totalmente dependente... Eu. Totalmente dependente de mim mesma, né? Eu tinha o meu dinheiro e gastava o que eu queria, na hora que eu queria, comprava o que eu queria, da forma que eu queria e agora eu não tenho mais isso. Só isso que tá um pouco mexendo um pouco com o meu emocional, assim, sabe? De vez em quando eu fico assim: Nossa! Pra que que eu fui parar?[...] Assim, só isso. Agora, distúrbio, essas coisa assim...[...]*

Hoje eu posso dizer que a falta do meu terceiro ano, de eu ter concluído o meu ensino médio, tá atrapalhando, tá um pouco mexendo com o meu emocional, porque eu preciso do meu ensino médio. Hoje o mercado de trabalho oferece emprego sem você ter experiência, mas você tem que ter o terceiro ano. Tem que ter o ensino médio, né? Então, hoje eu posso dizer que, além da falta de renda tá atrapalhando o meu emocional, então o terceiro ano também tá atrapalhando, né?

No início da entrevista P. relatou que engravidou quando tinha 19 anos e parou os estudos. Procurei saber mais sobre esses fatos: *"Ah, eu num cheguei a conciliar os dois, a gravidez com o estudo, né? Porque eu parei. [...] Mas logo no início quando eu tava grávida, foi muito cansativo, porque, além de ser a primeira gravidez, a grávida, no início, passa muito mal, né? Eu passava muito mal...[...]*Eu tinha

muita ânsia de vômito... [...]Então eu parei mais por isso, memo. Por causa do cansaço...[...]Por causa daquilo que a gravidez põe na pessoa...”

Perguntei como a família dela reagiu a gravidez. Ela disse: “Ah... Num vou dizer que é normal, porque além de ser mãe solteira... Né? Meu primeiro namorado...[...]Assim... Foi... Num me agrediram, num deu couro, né? Acho que é porque eu num fui criada com meu pai, porque senão meu pai tinha me dado um coroa...[...]Mas, assim, foi normal, minha mãe conversou comigo. Toda vez que tocava no assunto gravidez, eu danava a chorar. [Risos.] Então num dava pra ninguém conversar comigo [...]Num dava nem pra ninguém falar nada comigo, sabe? [...]Mas depois que todo mundo descobriu que eu tava grávida, que viu que eu tava grávida, mesmo, levaram como se fosse uma coisa normal...[...]E todo mundo aceitou minha gravidez, né? [...]Eu também, né? Graças a Deus”.

Perguntei como foi o relacionamento com o companheiro. Ela disse:

“Eu morei com ele; quando a minha filha completou um ano de idade, eu separei dele. [...]Ele era alcoólatra, né? [...]Então, ele me ameaçava, e nessas ameaças, assim, eu preferi me separar do que acabar me levando à morte, né? Que ele... Quando ele tava alcoolizado, ele ficava fora de si. E no outro dia ele não sabia do que ele fazia. Então eu preferi me separar, né? E depois que eu conversei com ele, pedi a ele me ajudar com ela, porque eu nunca havia trabalhado na minha vida...[...] Aí ele aceitou me ajudar, eu fui e separei, que era melhor, né? Porque ele nunca me agrediu, mas pra num chegar a isso, pra num chegar numa violência, até mesmo numa morte, eu preferi separar dele... Fui morar de aluguel, sozinha, eu e minha filha, com a ajuda dele...[...]Financeira... E depois Deus foi dando a direção, e graças a Deus tô viva até hoje... [Risos.][...]”

Inclusive, antes de eu engravidar da minha filha, eu julgava amar ele muito, então eu não largava ele por nada! E depois de um ano de convivência com a minha filha... Eu tomei um amor tão grande pela minha filha, que o que eu num tinha coragem de fazer antes dela eu já tive coragem de fazer depois dela, que foi separar dele. Prefiro o bem-estar meu e dela do que conviver com ele num conflito entre família, entendeu?[...]A gente tinha uma relação boa, mas enquanto ele num bebia. Quando ele bebia todo dia, a gente...[...]”

É um conflito que eu falo é que... O que eu já falei, né? Que quando ele bebia, ele ficava fora de si, ele não sabia o que tava acontecia. No outro dia eu contava pra ele, ele não acreditava. Teve um dia que ele falou comigo... Eu vi que ele tava fora de si. Ele falava que ele ia me picar em pedacinho e ia me comer. Nesse dia... Ia comer meus pedacinho. Nesse dia eu num dormi. E ele ainda num acreditava. Ele só acreditou em mim porque um dia ele caiu da escadaria de mais de vinte degrau e não machucou. Por incrível que pareça. E no outro dia os vizinho bateu de manhã cedo perguntando se ele tava bem. E ele não sabia que tinha caído, e pelos vizinho, muitos vizinho perguntando se ele tava bem, aí que ele começou a acreditar em mim, sabe? Aí que eu vi, memo, que ele ficava fora de si. Ficava totalmente fora de si. Esse é um conflito, entendeu? Porque, fora isso, a gente se dava bem”.

Perguntei a P. como ela reagia as esses fatos. Ela respondeu: “Medo de morrer. Medo. Eu sentia...[...]Eu morrer. Eu tinha... Inclusive, eu nunca tive medo da morte, mas depois que eu tive a minha

filha, eu tive medo de morrer. Teve uma época que passei, uma época muito difícil... Então, eu pensava assim: Eu vou seguir no viaduto... Eu vou me suicidar, mas eu vou levar minha filha junto. Nós duas vamos jogar lá de cima e nós vamos morrer junto. Se eu pensava em morrer, eu pensava em morrer com a minha filha, sabe? [...]Tudo eu incluía minha filha. Hoje eu amo ela muito”.

Pedi para a P. falar sobre essa época que teve vontade de se matar. Ela disse: “Não... Aí eu já num tava casada. Eu ‘tava... Porque eu tô casada tem dois anos. Eu vivi um período, assim, separada, morando dentro da casa da minha mãe. E você criar um filho dentro da casa da sua mãe é diferente, porque você num cria ele do jeito que você quer. Porque aí você tem... O irmão vem dar palpite... O tio vem, a vó vem... Entendeu? Eu não sei te dizer, eu sei que a lembrança... Eu num lembro por quê, eu lembro que eu pensava em me matar e pensava em levar ela junto, entendeu? [...] Pra num deixar ela pra ninguém maltratar. Eu num pensava em num deixar ela pra dar trabalho pra alguém, eu pensava pra ninguém maltratar. Entendi que esses fatos aconteceram quando P. se separou do primeiro companheiro e ela voltou a morar com a mãe. Hoje ela está casada com outra pessoa e mora em Contagem.

Perguntei sobre o pai. Ela falou: “Inclusive, quando eu estudei meus primeiros anos na escola, eu tinha muito rancor do meu pai... Que hoje eu, casada, depois que eu tive a minha filha, eu comecei a entender o que é uma família, né? Mas antes eu tinha uma revolta muito grande do meu pai, e isso atrapalhava um pouco meus estudos. Eu falo que atrapalhava porque... Eu até tava conversando com o senhor quando nós tava subindo, que eu me lembro um pouco de alguém que me... Eu num me lembro do senhor, mas eu me lembro de alguém que me entrevistava, porque toda vez eu chorava. Tocava no assunto...[...]

Toda vez que tocava no assunto do meu pai, em qualquer lugar, em qualquer ambiente que eu tivesse, eu começava a chorar. Porque eu num aceitava o fato de eu ter sido criada sem pai. Eu num aceitava o fato do meu pai ter abandonado a minha mãe. Porque nada justifica o pai ter abandonado o filho, né? Nada justifica. Então, hoje eu já consigo lidar com isso, mas antes eu não conseguia lidar. Toda vez que alguém perguntava sobre o meu pai, eu chorava, e chorava muito! E, nesses vinte e seis anos de vida, meu pai visitou a gente duas vezes. Duas vezes... E toda vez que ele ia embora eu ficava muito revoltada. Eu chorava muito... Lá de casa, de nós quatro, a única que sentia a falta dele, que sentia na pele o que é não ter pai, era eu”.

Perguntei qual era a idade dela quando o pai foi embora. Ela disse: “Eu num me lembro de criança...[...] ...com o meu pai. Creio que quando eu tinha... Meu irmão com dois e eu com um. Creio que foi assim. De dois anos. Que eu num me lembro do meu pai de quando era criança [...]Tipo... Isso! Me incomodava eu não ter o meu pai[...]

...Conciliar isso. Eu sei que me atrapalhava muito! Porque eu era a única que sentia... Tanto é que eu num me lembro da minha infância. Eu num me lembro dos sete anos de idade, do oito anos, do nove anos... Meus irmãos se lembram tudo! Eu vivi a minha infância inteira presa nisso, sabe? Meu pai me abandonou. Meu pai num ajudou minha mãe cuidar de nós. Entendeu? Meus irmãos, não. Quando meu pai veio visitar a gente, eu era a única que chorava. Meus irmãos, não. Então eu num sei. Eu num sei... Eu sei

que atrapalhou. Eu sei que atrapalhou muito! [...] Eu não sei. Eu era muito ligada... Eu não tive o carinho de pai, eu não sei o que é ter o pai do lado, mas eu era muito ligada no fato de eu queria ter um pai, entendeu? Eu acho que isso que atrapalhou. Eu acho que é mais é... Não o fato dele ter saído; é mais o fato de eu ter guardado isso na minha mente, no meu coração como um fato: Ele tinha que tá aqui. Eu acho que foi mais é isso que atrapalhou”.

Perguntei a P. o que representou para ela ter sido criada em uma vila, favela. Ela respondeu: “*Num sei... Ah, acho que pra mim foi normal, né? [...] Porque... Eu falo que Deus cuidou da nossa família, porque, mesmo a gente criada dentro da favela, a gente... Graças a Deus, nenhum de nós se perdemos na prostituição, no tráfico, nem morreu assassinado, nem nada, sabe? [...] Isso. E mesmo assim... É Deus cuidando, né? Da nossa família. Eu falo que Deus cuida porque Deus cuida. Porque uma família criada, quatro filhos, só com a mãe... Porque a minha mãe trabalhava, né? A gente ficava... Não trancado. A gente tinha a chave do portão. Então, se a gente quisesse ficar na rua o dia todo e na hora que minha mãe tivesse pra chegar entrasse pra dentro... Mas não, sabe? Graças a Deus, nunca... Na minha família num tem caso de maconha, num tem caso de prostituta, num tem caso de quem teve que ganhar a vida traficando, entendeu? Prá glória de Deus, isso [...].*

Ah, num sei. Pra mim, é Deus, mesmo, porque meu irmão, ele tinha acesso. Ele ficava no meio desses tipo de pessoa... Eu mesmo ficava no meio desse tipo de pessoa... Hoje, o meu irmão mais novo, ele num fica no meio desse tipo de pessoa, porque hoje ele tem o que a gente num teve. Hoje ele tem uma bicicleta... Hoje ele tem um computador dentro de casa... Quando num tinha o computador, ele tinha um Playstation... Quando num tinha o Playstation, ele tinha uma televisão a cores... Com a TV a cabo ligado... Entendeu? Então hoje ele teve uma regalia que a gente num teve, mas a gente não tendo esse regalia, a gente, mesmo assim... Pra mim, é Deus. Eu falo... Hoje tudo eu atribuo a Deus. Eu falo: É Deus que cuida da minha família. Porque, minha mãe, ela trabalhava o dia todo. Porque minha mãe chegava em casa seis horas da noite. Já chegava direto pro fogão. Então é Deus cuidando, mesmo. Meu irmão, hoje ele é professor de tênis. Meu irmão de vinte e sete anos, né? Aí eu falo: isso é prá glória de Deus. Ele é... Ninguém da minha família tem um carrinho. E ele já tem a motinha dele. É uma moto, né? Dentro da favela... Mas é dele. Comprada com o suor dele, entendeu? Com a profissão dele [...].

Entendeu? Então eu falo que é Deus cuidando. E minha mãe, assim, ela nunca foi daquelas, assim, de sentar e conversar. Vamo conversar: o mundo é assim, assim, assim e assim, ó. Hoje, não. Eu já falo com a minha filha. Inclusive, ela falo comigo: Mãe, cuidado! Ó, a senhora tá vendo o que tá acontecendo. E eu já converso com ela. E lá em casa já num tinha disso, porque minha mãe... Hoje eu entendo. Minha mãe era muito... Num é que ela é nervosa, é que... Hoje eu, na posição de mãe e na posição de quem muitas vezes eu tenho que trabalhar e chegar em casa já cansada e por a comida não só no armário, como por pronta da mesa, eu vejo, né? A dificuldade. Então a gente não tinha esse diálogo entre família, sabe? Então eu atribuo isso a Deus, mesmo. Deus cuidando, Deus tratando da nossa família.
[Risos.]

Perguntei sobre o papel da mãe na vida dela. Ela disse: *“Olha... Porque a nossa família é muito unida. Quando eu falo família, eu falo eu, minha mãe e meus irmãos. Nós temos uma união muito grande. Graças a Deus. E eu atribuo isso a... Mesmo a minha mãe se estressando o dia todo, chegando cansada, indo direto pro fogão, indo arrumar a casa... Porque a gente era tudo criança... Criança só faz bagunça. E mesmo assim ela ganhava... Muitas vezes ela ganhava na rua... Porque a minha mãe começou na SLU. Ela fez um concurso, o concurso... Hoje tudo é o estudo, né? Antes foi na corrida da PUC. Num sei se o senhor lembra disso, da corrida da SLU da PUC... E minha mãe era um fiapinho de magreza! Minha mãe era sofrida, e ela conseguiu a vaga na Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) correndo na PUC [...] (eram admitidos apenas os primeiros colocados)*

E ela conseguiu essa vaga e ela trabalhava na rua. Então, se ela ganhava uma banana na rua, ela não comia essa banana. Ela chegava em casa, descascava e cortava em quatro pedaço. Eu me lembro como se fosse hoje. Então ela ganhava uma maçã, ela partia essa maçã em quatro parte. Hoje eu num deixo a minha mãe fazer isso mais porque, além de nós ser adulto, né, eu... Assim, o que eu puder fazer pela minha mãe, eu faço, né? Porque ela... A gente sempre ficava... Cada um comia aquela bandinha da maçã e a minha mãe num ficava nem olhando, né? Então eu atribuo isso ao carinho da minha mãe. Mesmo ela se estressando... A gente apanhou muito... Eu não me importo de ter apanhado... A gente apanhava de mangueira, a gente apanhava de fio... Hoje eu num... Antes, a gente ficava com raiva. Hoje eu já num me importo de ter apanhado. Hoje eu falo que a surra da minha mãe foi uma lição de vida pra nós, porque a gente apanhava, então a gente fazia as coisa errada, sabia que num podia fazer... Tipo, ‘errada’ das coisa lá de casa. Sabia que num podia fazer, que ia apanhar... E minha mãe corrigia a gente debaixo do chicote, debaixo do couro, mas tinha aquele carinho o dia que ela recebia... Tinha aquela regalia das fruta, dos biscoito, naquele dia... Depois passava, num tinha mais. Mas naquele dia que ela recebia ela mostrava carinho, ali, com biscoito, com uma fruta. Ela fazia questão de trazer um pra cada um... Antes era Mirabel, hoje é Waffer. Trazia um pra cada um... O que ela podia fazer, o que ela sabia que a gente gostava, um pãozinho, uma broa, ela trazia um pra cada um... Entendeu?”

P.fala também do papel dos vizinhos: *“Tipo... Chega no meio do mês, aí você precisa de um copinho de açúcar, uma colherzinha de café... Aí os vizinho tá sempre lá. Até hoje tem a Pascoalina, que ajudava muito minha mãe... Quando ela chegava lá em casa e via que ‘tava faltando as coisa, ela ia lá na casa dela, pegava escondido dos fi dela, tudo criado, já, e levava prá minha mãe... Ajudava com uma sopa, ajudava com uma comida pronta, ajudava com uma comida sem ser pronta...”*

Reg. No 15

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

E.A.V.; 8 anos, feminino, 1ª série, com história de uma repetência. Criança não frequentou creche/pré-escola. Mãe G6P5A1.

Perfil biopsicossocial

Tomando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação de Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos;

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

N.D.N.

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

de linguagem e sugestivo de atraso de aritmética e leitura

Eixo IV – (Condições médicas)

Pediculose

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível educacional materno; crianças ficam mais isoladas de outras

Condições de vida inadequadas;

pobreza; aglomeração; os pais dividem a cama com a filha menor, a paciente dorme na

cozinha; lixo exposto

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

mãe com história de alcoolismo, atualmente não está usando bebida alcoólica

Outros:

Família numerosa; residem em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11a 2 m – 4ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A E.A.V., 26 anos, foi entrevistada no dia 05/07/2008 na Paróquia São Brás. Ela trouxe o filho E.H. de um ano e oito meses e veio acompanhada da irmã e da mãe. Estava bastante receptiva para a entrevista. A entrevista começou a partir da 1ª série. “*Passsei prá segunda... Na segunda eu fiquei de recuperação. Aí passei prá... na recuperação, passei prá terceira... Da terceira, passei direto prá quarta. Aí, da série, assim, até a quinta, não cheguei a ficar de recuperação em nenhuma matéria, não. Só na sexta série que eu fiquei de recuperação em português [...] Sexta série eu fiquei de recuperação em português no meio do ano. Na sétima, eu fiquei no final do ano. Na oitava, não; a oitava eu passei direto. Foi a melhor série, pra mim, foi a oitava série*”. E. informa que da 5ª série até a 8ª série estudava a noite porque a escola não oferecia estas séries durante o dia. “*Aí... da oitava eu passei pro Mesquita. Fiquei o primeiro... o segundo; o segundo foi de recuperação. O terceiro ano eu fiquei de recuperação, também. Aí eu formei em 2000. É, em 2000... Só que aí eu num fiz... assim, uma faculdade, esses negócio assim, nem nada, não. Quis dar um tempo...*”. Perguntei a E. sobre as reações dela relacionadas às recuperações. Ela disse “*Na sexta*

série, assim, quando o professor falou, eh... Punha lá os aluno que ficou de recuperação... Aquilo, assim, eu ficava, já, meio, assim: Nossa, será que eu vou passar? Aí na hora juntava, assim, se eram... cinco sala... vamo supor, cinco sala, aquelas menina que tava tudo de recuperação, as cinco oitava... as cinco quinta, aí entrava tudo numa sala só. Aí eu ficava... Eu num conhecia ninguém, aí eu fiquei, assim... Vai que eu fiquei...[...] Agora, as recuperações dava vontade de chorar. Chegava em casa, assim, tava naquele desânimo. As minhas colega tudo num ficava... Igual, a M., eu lembro, ela ficou comigo ni geografia na sétima série, porém a professora olhou lá e falou: Ah, não, você não ficou, não. Aí sempre era ieu que ficava. **[Risos.]** Aí me dava aquela coisa esquisita, né? Por que eu não me esforcei mais?'[...].Num estudei mais? É, eu ficava esquisita, assim, estranha”.

E. fala do que sentiu na oitava série quando não ficou para recuperação: Agora, na oitava série, quando eu cheguei que a profes... Eu não acreditei. Que eu fiquei de recuperação, sexta e sétima. E na oitava, o último ano, eu não ficar. E a professora, forte demais. A professora de português.[...] Pra mim, ela era uma, assim, das melhores. Que eu já tive. Que ela pegava no pé, mesmo, pra ensinar. Quando eu falei, assim... ‘Que a média era vinte e cinco. Aí eu falei: Pera aí, mas quantos que eu fiquei? Ela falou: Você ficou com doze e treze no primeiro e no segundo. É, o primeiro e o segundo. Aí aquilo, assim, foi muito bom. Na hora que eu peguei, eu fui lá, deu vinte e cinco! [...] Aí eu nem acreditei! Eu fui caçar as outras... as outras professora pra mim ver as nota também. Aí, pra mim, foi, assim, foi uma experiência muito boa [...] Ah, foi uma sensação muito boa [...] senti vontade de chorar. [...] Não, foi bom e... Tipo assim, foi bom e também... Que foi o último dia, que foi pegar o resultado pra mostrar que passou na oitava, mas depois foi triste. **[Risos.]** Que eu num ia ver mais aqueles aluno... Aqueles colega, lá, né?”

Conversamos também sobre os trabalhos. E. disse que começou a trabalhar antes dos 15 anos ajudando a cuidar dos 5 sobrinhos: “...cuidava sim, mas não recebia, né? Eu ajudava oiá, assim, mas a mãe ficava em casa”. E. relata que a partir de 15 anos sua irmã começou a pagar para cuidar dos sobrinhos: “Ela me dava cinquenta reais [...]. Por mês”. Além disso ajudava em casa.

Quanto à idade de início do trabalho fora de casa relatou: “Pera aí... Dezesete... Acho que foi com dezesete... É. Foi com dezesete [...] Foi numa distribuidora de bebida [...] Lá eu... Tipo assim, eu chegava umas nove hora, assim... Eu fazia mais era comida pros que trabaiaava [...] E lavava roupa do dono, e passava, e vinha embora [...] Ó, fiquei lá uns dois anos [...] Aí então eu fui mandada embora. Depois E. relata que trabalhou numa creche: “... Eu trabaiei numa creche, lá perto da minha casa, na rua de baixo... Trabaiei, mas eu num fiquei muito tempo, assim, não, porque... assim, os menino... A idade que eu peguei deles... Era o quê? De cinco a seis anos [...] Se eu não me engano, acho que era vinte menino [...] Só que porém os menino... Os menino de hoje em dia, assim, têm uma criação muito diferente. Eu num podia, eh... Se eu passasse alguma coisa no quadro, eu não podia chamar a atenção deles que eles chamavam a mãe. Falava que... E as mãe era aquelas mãe muito agressiva [...]. Ficava nervosa demais. Aí eu falei assim: Bom, melhor ficar dentro de casa, porque... do que passar raiva. Que os menino, eles falava: Ah, vou chamar minha mãe. E as mãe era daquelas, assim, que só de você pegar no braço da criança prá criança sentar, as mãe... os menino chegava e falava que batia. Tinha uma lá que a professora

teve que sair. Que a mãe queria... levou uma faca... Aí eu peguei e falei assim: *É. Isso num é... Bem assim, o jeito da pessoa... Que se até as mãe tão fazendo isso assim, se os fi vê aquilo, vai querer fazer também. E foi aí que eu peguei e saí [...]. Na creche eu devo ter ficado, assim, um mês, que eu não aguentei, assim, sabe? [...]* Eu tava, tipo assim, me desgastando muito com eles. Eu até adoeci. **[Risos.]** Fiquei duas semanas sem ir na creche [...] Num sei... *É por causa que eu tenho sinusite; acho que por causa do nervosismo, também... Aí começava a sair sangue do nariz... Num sentia cheiro de nada [...].Eu emagreci demais! Eu chegava em casa, era a conta deu tomar banho, jantar e cair na cama. Aí acordava às seis, que eu pegava às sete. Seis e meia eu descia [...]. Aí eu fiquei duas semanas; depois de duas semanas eu fui e falei com ele que não ia ficar mais [...]. Eu era professora deles [...].Eu sempre sonhei, assim, ser professora. De criança. Só que... Apesar, assim, de ver os menino do jeito que eles era... Tipo assim, eu num tenho muita recordação, não. Não gostei muito...”.*

E. relata que trabalhou em seguida no Banco de Minas Gerais (BMG), na cantina: *“Trabaei na cantina, auxiliar de cozinha. Ajudante de cozinha. [...] E. descreve sua experiência neste emprego: “Só que, assim, foi... As pessoa era muito mandona [...]Foi assim: eu chegava... Primeiro eu pegava serviço de nove às... seis. De nove... É. De nove às seis. Como uma entrou de férias, eu comecei a pegar serviço de sete às quatro. É. De sete às quatro. Porém, tinha uma nutricionista. Que ficava... eh... Como é que eu falo? Eh... Tipo assim... [...]É! Supervisionando todo mundo, por causa que eles tinha achado... Antes deu entrar lá. Eles tinha achado caco de vidro na comida, né? Aí ela ficava sempre em cima oiando. Aí ficava... Tinha uma cozinheira e as outra tudo ajudante. E eu ficava mais uma outra, eh... ‘Que era self-service, aí eu ficava... As pessoa pedia as coisa, eu tinha que levar a comanda e colocar lá. Só que tinha uns dia da semana... um dia sim, um dia não, que lavava o chão. E nisso, tava lavando o chão e tinha que ficar servindo... Ao memo tempo lavando chão, lavando prato e servindo. E a nutricionista ficava pegando muito no meu pé: Ah, olha, tem comando lá! Tem num sei o quê! [...] Só que ela queria que eu fosse três em uma [...]Tipo assim, ela queria que eu lavasse o chão, lavava o prato, secava, colocava lá e pegava a comanda [...]É. Ela falou assim: Você tem que dar conta [...] Aí aquilo foi que a raiva foi tanta [...] Eu até chorei de raiva na bandeja [...] Por causa que tem... tinha outra e ela pegava mais no meu pé. Aí eu peguei a bandeja, fui bater na cabeça dela, só que peguei sem... bati na pia...”*

Outro relato da E. nesse trabalho se refere ao horário de almoço. Ela disse: *Nós só almoçava depois que eles todos almoçava. Isso era o quê? Umas três e meia, quatro horas. E a minha...[...] Aí, enquanto tinha gente almoçando, a gente tinha que ficar. E era o quê? No estômago da gente era o quê? Só o pão e o café de manhã. E nisso eu fui e passei mal. Cheguei a desmaiar na cozinha, servindo, eu fui e encostei e só vi na hora que eles pegaro... na hora que eu acordei, assim, eu tava em outro lugar [...]* Perguntei se ela não poderia parar para fazer um lanche. Ela respondeu: *“Não podia. E não podia pegar nada pra comer [...] Causa que elas chegava e falava com a gente: Não é hora de você almoçar Ela ia e almoçava primeiro. Ela tinha aula, sete aulas. Almoçava antes de todo mundo. Onze hora ela sentava junto com os funcionário [...]E almoçava”.* E. relata que ficou nesse emprego cerca de um mês e meio.

Após esse emprego E. começou a trabalhar como doméstica onde ela está trabalhando há cerca de três anos: “Faço todo o serviço [...] Lava, passa e cozinha [...] Segunda a sábado”. Perguntei sobre o salário, ela respondeu: “Quatrocentos e quinze”.

Perguntei para E. como ela está vendo a situação das crianças hoje. Ela respondeu se referindo as crianças que moram perto da casa dela: “Ah, tipo assim, igual, num é uma... Por causa que eu tenho um filho, agora, mas eu tenho muito medo, assim... Que hoje em dia as criança num tá tendo tanto, assim, valor à escola. Eles querem ficar mais é na rua. É na rua... Igual, perto de casa eu vejo aqueles menino, lá, de seis, sete anos, tudo fumando, e mexendo com esses negócio. Eu fico assim... Eu tenho o maior medo do meu... crescer e ficar desse jeito. Assim, a convivência dos coleguinha. Que antigamente num tinha isso [...] Nossa imagem, assim, é os pais, né? Que a criança... Acho que a partir do momento que a criança começa a mexer, começa a fazer uma coisas assim, é a convivência dos pais. Ver o pai em casa maltratando a mãe... Eles fala assim: Quando eu crescer, meu pai num vai encostar a mão ni mim, num vai mais bater ni mim, que eu vou tá com o revólver na mão. Hoje em dia a maioria das criança pensa nisso. Aí mudou bastante, assim. Antigamente, assim, num era, assim... Que aqueles menininho da rua, assim, era muito difícil de ver. Hoje em dia o que tem mais, assim, é menino na rua. E, assim, eu tenho o maior medo. [...]Eu paro, assim, na rua, assim, eu vejo, assim... Mas me dá é umas... dá é dó daquelas criança [...] Ah, assim, igual, perto da minha casa tem menino de seis, sete ano. Até pequenininho, assim, de três anos... quatro anos [...]É droga. Aquele cigarrinho feito de papel, lá, com a criança, lá, fumando... E, assim... Acho que é mais assim também os pais que bebe, as criança tamém perde [...]”.

Ainda quanto a este assunto E. completa: “Incomoda, preocupa, causa que eu vejo aqueles menino daquele jeito lá... Na rua quando... Tem vez... tem vez, assim, que o pai tá espancando o filho... Teve um dia desses mesmo que eu tava passando o pai tava espancando o filho numa certa forma que aquilo ali num era... aquilo ali ele tava espancando. Chegou de afundar o oio da criança. O menino tinha o quê? Oito anos. O menino tava todo machucado. E, assim, igual, eu não deixo, não quero, assim, que meu filho tenha convivência com o lado... Tipo assim, o pai po ver... a qualquer hora. Mas devido do pai, eh... andar com um amigo que mexe com isso, também”.

Perguntei sobre a relação dela com o pai do seu filho. Ela relatou: “Eu engravidei em 2006. Fevereiro de 2006, eu tava grávida. E ele, simplesmente, virou a cara. Ele passava... Que ele já tem uma outra filha, ele passava, me via e virava a cara [...] Não. Não dá nada pra ele, não. A última vez que ele eu foi em outubro. Tem oito meses que ele... Oito meses? Tem oito meses que ele não vê o menino. Aí eu entrei na Justiça e tô esperando chamar. Que se ele... Ele sempre fica assim: se ele vê o menino, ele vira o rosto [...] Aí eu tô esperando, assim, a Justiça me chamar... pra aí, assim, eu arrumar uma creche pra ele. Eu num tô querendo colocar ele nessas creche aqui que eu vejo que as criança num é bem assim oiada, né? Eu quero uma particular [...] Aí eu tô esperando eles me chamar pra começar a receber o dinheiro dele, pra colocar ele, tipo assim, numa escolinha que... da escolinha já manda ele prum colégio”.

Perguntei a E. se ela tinha algo a mais para dizer. Ela disse: *Eu acho que a única coisa que foi ruim pra mim foi deu até hoje, assim, num ter conseguido, assim, um emprego, assim... O meu emprego que eu quero, assim, é que... que eu saia assim... Tem aquele uniforme, assim... Tipo aqueles terninho? [...]* Assim, que chama a atenção? A pessoa sabe que tem um emprego importante! [...]

Aí, tipo assim, tenho vontade de ter um emprego, assim, importante... Assim, que não seja impor... Assim... que eu seja valorizada!” Perguntei o que impedia ela de ter este emprego. Ela respondeu: “*É cursos, a oportunidade, assim, que às vezes, assim, a gente chega numa... numa... agência de empregos... Agência de empregos? É, né? [...]* A gente tem que ter experiência de alguma... Ah! Seis meses de experiência. Como que a gente vai ter experiência naquilo sendo que a gente num trabalhou naquilo? [...]

Vamo supor: tem lá de recepcionista, entendeu? Experiência de seis meses. Como é que vai... Ou de um ano. Como é que a gente vai ter experiência sendo que a gente nunca fez isso? Às vez a gente caba de estudar, forma naquilo... só que a gente não consegue porque a gente num tem experiência”.

Reg. No 16

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

S.G.B., 7 anos e 5 meses, feminino, 1ª série, com história de ter tido glomerulonefrite aos 5 anos de idade e hospitalização devido a este problema por 15 dias. Apresentou também otite média unilateral com supuração recidivante de +/- 6 meses até 2 anos de idade. Criança não frequentou creche/pré-escola. Mãe G3P3A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação de Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sintomas ou síndromes não classificadas em outro local:

gagueira

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtornos (atrasos) mistos de desenvolvimento:

sugestivo de atraso de leitura e aritmética

Eixo IV – (Condições médicas)

Enterobíase; cicatrizes de prurigo e impetigo (braços e pernas); linfadenopatia cervical; pediculose (lêndeas); déficit visual a E(?)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, linguístico ou perceptivo inadequados:

pais com baixo nível de escolaridade

Condições de vida inadequadas:

pobreza; aglomeração; toda a família dorme no mesmo quarto

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

fraco rendimento escolar

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

irmã de 3 anos e 8 meses com cardiopatia, déficit visual unilateral e um atraso severo de desenvolvimento da fala e marcha

Outros:

Residem em favela; mãe – ausência de dentes (anteriormente na boca), tristeza, medo, insônia; pai – perseguido por pivetes com ameaça de morte, está morando no trabalho; família se encontra nos fins de semana, no local de trabalho do pai; crianças ficam mais dentro de casa

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 7 m – 4ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A S.G.B., 25 anos, foi entrevistada por meio do m.s.n. no dia 14/07/2008. Atualmente S. mora em Lisboa, Portugal, para onde se mudou há sete anos. Está casada com um português, não tem filhos. Desde o primeiro contato se mostrou muito simpática, disponível para participar. Ela começou a entrevista dizendo: “*Tá bom. Olá, eu me chamo Simone Gonçalves Barbosa Gamela... Hoje estou com vinte e cinco anos... Já estou morando há sete anos, já, fora do Brasil... Estou em Portugal... E durante a minha vida eu estudei na Escola Municipal Mestre Paranhos até os meus dezesseis anos. Porque eu estudei lá foi até a sexta série e logo depois eu mudei de escola, mudei de bairro e comecei de novo meus estudos... E completei até a oitava série, no Brasil, e chegando aqui... Eu tive a oportunidade de vir pra Portugal... Porque eu conheci um casal amigo meu que trabalhava aí, no Hotel Orto Palace, e surgiu a possibilidade de vir pra fora. Porque eu, aos meus treze anos de idade, eu perdi meu pai... num acidente de trabalho...*”

S. relata como aconteceu a morte do pai que trabalhava na construção civil: “*Então ele subiu o andaime e a partir do momento que ele... Acho que apertou, alguma coisa pra subir. Aquela peça... Ele tava no terceiro andar, o prédio tinha quinze andares, e aquilo veio descendo até o terceiro andar, pesando mais de cento e cinquenta quilos. Sobre a cabeça dele. Só que ele tava com o capacete, mas o capacete saiu, não aguentou. [...] Foi aí que ele teve um traumatismo craniano e veio a falecer daí a uma hora depois [...].*”

Eu estava vendo um filme... A minha mãe tinha ido no hospital, falou que ele tinha tido um pequeno acidente, e eu fiquei em casa cuidando dos meus irmãos mais novos. Aí eu fiquei sabendo... Tava passando um filme, então eles interromperam o filme para passar esse acidente. Então eu vi meu pai, uma maca passando, então foi meio difícil, porque ele deixou três filhos pequeno... A mais velha que tinha era eu, que ia fazer treze anos... A minha irmã tava com dez... O meu irmão tava com sete anos... E então foi muito difícil. Foi mesmo muito difícil, mesmo, viver naquela época. E...[...] E aquilo foi um choque pra gente, também. [...] Porque num é fácil, né? A pessoa... A gente, quando é pequeno, perder um pai... E depois disso nós ficamos mais três anos no bairro que a gente morava, que é o Conjunto Santa Maria...”

Após esse relato inicial sugiu então o tópico da escolaridade. Ela falou: “E eu estudei lá até a oitava série... Teve a oportunidade de vim pra Portugal, eu garrei e vim... Eu sabia que num ia ser fácil... Que dizer, a pessoa vem cheia de sonhos, né? Pensando que tudo vai ser fácil! [...] Eu tinha dezoito. [...] E eu vim trabalhar num restaurante”.

Ainda sobre a escolaridade S. relatou que: “Eu fiz direto, mas da primeira série pra segunda eu reprovei”.

Sobre o trabalho S. relatou que: “Eu comecei a trabalhar com doze. [...] É, doze anos [...] Doze anos... Deixa eu ver, eu acho que eu tava na... Acho que era terceira ou na quarta série.[...] E eu trabalhava de babá. [...] É tomar conta... [Risos.] Eu tomava conta de uma criança. [...] É assim: eu tomava conta dela mais nas férias. [...] Depois quando tinha festas, assim, dela... Mas era mais assim nas férias, sábado e domingo, final de semana. Que a mãe dela, né, G., viajava, então eu ia com eles pra tomar conta da criança.[...]

Olha, eu peguei ela com dois anos e larguei com sete, mas eu tomava conta dela mais era final de semana...” **S. disse que recebia pelo trabalho mas não falou quanto.**

Perguntei se ela ajudava em casa também. Ela respondeu: “É, na minha casa, ajudava minha mãe. [...] Minha mãe trabalhava, né? Naquela época meu pai trabalhava também... Então tinha que cuidar... Eu era a mais velha, né? Eu tinha que fazer comida, arrumar casa... né? Cuidar dos mais novos... [...]E... né? Mas eu trabalhei, também, em tantos lugar, também, que eu já nem lembro, também. Nas feiras, também, que era uma vez por ano, também, aí na... na Rua Sampaio, também, que tinha aquela feira enorme. Eu já não me lembro o nome.[...] Trabalhei de vendedora de roupa na feira... Eu num lembro muito bem daquela feira que tinha aí todos os anos...[...]

No esporte, também, academia, também, aí perto, também... Também no bar, também...[...] Padarias... É.”

S. fala da ida para Portugal: “Então, chegando aqui, né, eu trabalhava no restaurante completamente, quase o dia todo. [...] Mas trabalhava, né? Porque, assim, quando surgiu a oportunidade de vim praqui, eu vim... Porque eu sempre tive o sonho de dar o melhor, assim, pra minha mãe. Pra minha irmão, pro meu irmão. Quando eu vim praqui a primeira vez, o que eu pensei, sabe... [...] Eram eles. Era dar uma vida melhor. [...]” **Perguntei para a S. se no Brasil ela não conseguiria a mesma coisa. Ela respondeu:** “Não! É assim: o Brasil, né... A pessoa estudando, a pessoa trabalhando... Mas o salário do Brasil é muito baixo! [...] É muito baixo, o salário do Brasil. E aqui eu consegui coisas que, no Brasil, eu acho que nem em trinta anos eu conseguiria! [...] Sim, eu tinha a oitava série”.

S. fala do trabalho no início: “Porque nos sete anos que eu trabalhei aqui... sabe? Foi muito difícil porque é muitas horas de trabalho, são muitas horas de trabalho, mesmo! [...] Sete dias da semana

e uma folga. [...]

Só que conta, agora: eu trabalho com o meu marido, nós temos um estabelecimento próprio...[...] Já, também, trabalhamos, também, muito, mesmo. Só que agora é mais... Tipo, trabalhamos pra nós mesmos, então já não tem aquela preocupação...

Perguntei sobre a renda pessoal. Ela respondeu: *“Assim, porque ela é... Além de hoje em dia nós temos um estabelecimento próprio... [...] Eu faço trabalhos, também, aqui, de modelo... [...] E publicidade, também. [...] Eu fiz duas publicidade, uma pra França e outra pra Espanha... [...] Agora eu vou... Vou assinar um contrato, agora, com uma agência aqui de Portugal... Porque mesmo eu tando com vinte e cinco anos... [...] Mas aqui tem oportunidade! Por eu ser brasileira, por eu ser morena, alta... [...] Tá... A renda tá aí em uns quase três mil. [...] Mas, aqui, em termos de um salário daqui de Portugal pro Brasil, hoje em dia, pra quem trabalha aqui em fábricas, é assim... É um pouco diferente. Entre uns mil, quinhentos reais...”*

S. relata que adquiriu um apartamento em B.H. : *“Sim. É assim, eu consegui comprar um apartamento no Centro pra minha mãe”. Perguntei o valor do apto. Ela respondeu:* *“Olha, eu acho que... Igual, eu acho que eu dei muita sorte de ter encontrado aquele apartamento [...] Porque, o senhor, ele tinha... Ele era um carioca, ele tinha esse apartamento e tava com a corda no pescoço. [...] E então ele vendeu bem barato, mesmo! É até aquelas coisa assim: ou você pega, ou você deixa”*

S. fala sobre a saída do país de origem: *“Mas a pessoa, né, pensar muito bem, né, antes de deixar teu país... Antigamente era mais fácil [...]Entendeu? Antigamente tava bem melhor... né? A economia do país... [...] E hoje já não está!”*

Solicitei a S. falar sobre o que foi para ela ser imigrante. Ela disse: *“Ah, eu, como imigrante, aqui... Assim, num foi fácil, porque também a gente tem que... né? A gente também tem que... Esqueci a palavra. Que nós somos imigrantes, mesmo. [...]*

Que nós num tamos na nossa terra. [...]Então o quê? Então todas as vezes eu sujeitava a fazer trabalhos que os portugueses não fazem! [...]Que é trabalhar no... Ficar trabalhando, por exemplo, no shopping de segunda a domingo... Com só uma folga por semana. [...] Eu já trabalhei no shopping dois, três anos numa loja de roupas... [...] Quando eu tinha só uma folga por semana... [...] Ganhava muito bem, mas era o quê? Praticamente de duas da tarde, meio-dia até meia-noite! [...] Isso com só uma folga por semana. [...]Quer dizer, você saía com a luz do sol; quando você já ia pra casa, você já não via a luz do sol [...] Já trabalhei em cafés, em restaurante que era de nove da manhã até as três... Quatro, ou hora que eu terminasse... Depois eu voltava sete da noite até meia-noite... Quer dizer, era repartido... [...] Então, aqui... né? Igual antigamente falava: trabalha-se e ganha, né? [...] Hoje eu vejo que as minhas amigas trabalham, outras pessoas que trabalham, trabalham, trabalham, trabalham, mas que num... Tipo, elas num preenchem a expectativa delas”.

Perguntei a ela se as coisas estão mais difíceis em Portugal. Ela respondeu:

“Era completamente diferente. As coisa era bem mais barata... O dinheiro valia muito mais. Dava

pra fazer tudo que você queria. [...] E hoje eu vejo que não está bem! [...] Principalmente a economia do, tipo assim, do próprio Portugal, mesmo. [...] Porque, em termo da União Européia, Portugal tá dos países bem mais pra trás. [...] É o país mais pobre da União Européia”.

Perguntei a S. porque ela saiu do Brasil. Ela respondeu: *“É assim, eu desde pequena ficava falando: Ai, um dia eu vou pros Estados Unidos...[...] Eu acho... Parece que tinha uma coisa dentro de mim, assim. Num sei que que é, não. [...] O que eu sei é que eu tive aquela vontade, assim, de sair do Brasil, mas eu gostava do Brasil. Mas era mais porque eu ia prum lado, num dava; eu ia pro outro, num dava”.*

Durante a entrevista da S. surgiram outros assuntos importantes. Um deles foi o falecimento do irmão. Ela contou: *“E, assim, em dois mil e três, em tive no Brasil... Pela primeira vez quando eu tive... Foi em dois mil e três... Foi a segunda vez que eu tive aí! Né? Perdi o meu irmão mais novo, também...[...] Eles... Eu vim passear... [...] Só que, de repente, o meu irmão começou a passar mal. E ele era o mais novo, ele não falava. [...] É. E ele não falava. Ele tinha um pouco de deficiência. [...] Mental. Então minha mãe, né, falou assim: [...] venha pra cá que seu irmão não tá muito bem. Só que uma semana antes ele tinha... [...].*

Então, ele teve um acompanhamento, e, quinze dias antes, a minha mãe, né, me disse que ele tinha feito todos os exames. [...] E acusou uma infecção urinária. [...]

Só que ele num falava, então ele tinha muita dor, e a minha mãe e a gente num sabia o que que era. Eu tive aí, também... A gente não sabia o que que ele tinha. Pensava que ele tinha caído da escada, alguma coisa. Só que quando a gente foi ver, daí ele começou a ter uma dor muito forte... Minha mãe levou pro hospital, né? A gente chegou a correr até muito com ele. Ele num gostava muito de que corresse de carro com ele... [...]

Chegou lá no pronto-socorro, ele já tava, já, sem ar. E foi dar uma entrada, mesmo, pro CTI... E no CTI ele ficou três meses! [...]

E no hospital, como que no CTI, né, há outras bactérias... né? Ele entrou com essa infecção urinária, só que depois ele pegou uma pneumonia. Quando ele tava tornando a mijar, ele pegou uma pneumonia. [...]

E nessa pneumonia que ele pegou, teve duas cirurgia... né? O pulmão... E depois ele já tava, assim, mais melhorzinho. Só que um dia depois ele veio a falecer”.

S. fala da renda baixa da família e o cuidado com o irmão com deficiência mental: *“Porque na época que nós tinha, minha mãe... né, que meu pai faleceu, nós tinha aquela renda do meu pai, só que era muito pouca. [...] Tinha o meu irmão, né? E ele não conseguiu... Porque ele tinha dezoito anos e ele não conseguiu aposentar aí no Brasil. [...] Ele nunca pegou nenhuma aposentadoria. Nenhuma! [...] E aquilo a gente vivia só com um salário. Muito baixo, mesmo. Que é aquele mínimo do Brasil. [...] Então,*

num dava, porque só pra ele, só pra fraldas, iogurte, leite já dava um salário. [...] Então era isso que me deixava mais triste”.

S. continua a falar da dificuldade acima e acrescenta: “E, né, muitas pessoas que ganham, também, a... *Que não tem nada, ou que fala que tem uma doença e não tem... Meu irmão, ele ficou dezoito anos... Né? Ele viveu dezoito anos e ele num teve direito a nenhum centavo do Estado. Não teve direito! Era dinheiro... Tá bem que era pouco, mas naquela época [...] mas se é pra falar as coisas, assim, eu falo, porque se daquela época o Estado tivesse ajudado tudo que ele tinha direito... A minha mãe foi atrás, lutou, foi ao INSS, tudo, mas falou que nossa renda, por o meu pai ter morrido, nossa renda passava de sessenta e oito reais por pessoa, então isso eu fiquei lembrando, falei: Puxa vida! [...] Só porque nossa renda passava de sessenta e oito reais por pessoa? Que que é isso? [...] Então é coisas que a gente fica pensando, que a gente fica assustado. [...] Como que uma família, só por ganhar mais de sessenta e oito reais cada pessoa e não ter direito... [...] ...de ganhar... né? Porque o meu irmão, ele usava, né, muita fralda, tomava... A gente tinha que ter as coisas pra ele, os remédios, iogurte... E nada disso... Eles não deram”.*

Perguntei a ela sobre o sentimento relacionado a essa experiência com o irmão. Ela respondeu: “*É! Não por causa do dinheiro. Num é isso. [...] É pelo que ele tinha direito*”.

Outros assuntos que surgiram espontaneamente durante a entrevista estavam relacionados a droga e violência. Ela relatou: “*E nós mudamos pra esse lugar... Eu, a minha mãe, a minha irmã, o meu irmão mais novo. E ali nós começamos uma vida nova. [...] Lá era um bairro mais calmo... Num era tão complicado igual o bairro que a gente morava antigamente... [...] Porque lá é muito perigoso até hoje... [...] A maioria das pessoas que estudaram comigo, né, cresceram comigo, hoje já não existe mais... [...] Muitos, né, entraram na droga... [...] E no meio do conflito, aí acabaram por falecer. Por morrer*”.

Perguntei a S. o que significou para ela morar naquele bairro. Ela disse: “*É assim... O que significava era: eu acho que a pessoa ainda nessa vida tá porque quer. Eu acho que há muitas escolhas de vida... Eu mesmo num concordo... Eu num concordo... Tipo assim, eu acho que até hoje eu odeio a droga! Porque ela... [...] ...ela faz as pessoas... Ahn? [...] Porque, assim, o que significou foi me dar força, me dar coragem pra ser uma pessoa na vida. [...] Morar lá! [...]*

Em que aspecto... Porque, assim, desde pequena eu sempre fui muito... né? Vendo, né? Porque a gente vê as coisas que acontece... E a gente... Muitas pessoas, não! Muitas pessoas quer experimentar e pensa que a vida é só aquilo. Não todo mundo. Porque eu acho que muitas pessoas, muitos, né, jovens vão pra droga por falta de emprego no Brasil! [...] Porque num tem um emprego, né? A pessoa quer um tênis, quer um sapato, não tem, vê que o filho de papai tem... [...] O que que eles fazem? Roubam... Matam, né? Pra quê? Pra ter uma vida... Tipo, uma vida melhor. Pra ter as coisas! [...] As coisas que eles vêem e querem! E que desejam! [...] E eu acho que muita das vezes o que faz uma pessoa entrar nessa vida eu acho que é o desemprego. E a área também, né? Que a pessoa mora. [...]

Por mais que hoje em dia tenha uma escola, tudo; por mais que hoje em dia tem um

acompanhamento... Mas, se num tem emprego... O que é o mais importante na vida de uma pessoa, na sociedade... E eu acho que vai muito, também, do Governo aí do Brasil [...]

É o desemprego, porque eu acho que se tivesse... Eu acho que o governo, eu acho que a gente olha pro Brasil e vê que o Brasil é uma... Igual, aqui mesmo, né? Hoje, se a gente for ver, igual, o euro tá valendo muito mais que o dólar... Tá um país, assim, tipo... Em termo de economias. E no Brasil, se a gente for ver, no Brasil há tudo! [...]

Há tudo, mesmo! Há riquezas... E por que, essa riqueza, ela não é dividida? Por que que o governo num faz alguma coisa, não toma uma... Porque senão daqui uns dias vai ser tipo uma guerra civil. Então acho que vai do governo, mesmo, pra melhorar o Brasil. Porque o Brasil há tudo! [...] Quer dizer, há muitas saídas, né? Há muita plantação de soja... Então a gente fica vendo que o Brasil é um país muito rico, mas é um país que num... né? Há tudo! Igual, a gente fica aqui assim: Puxa, no Brasil há tudo, tudo, tudo, e por que nós estamos aqui?" **[Risos.]**

Então eu acho que... Acho que é o desemprego que faz as pessoas ser hoje o que estão sendo. Né? A pessoa vê o desemprego, e a pessoa quer uma coisa, não tem, o que que a pessoa vai fazer? Vai roubar... Igual eu disse anteriormente. Vai roubar... [...]

Pra ele poder ter as coisas. Porque é muito triste”.

A S. fala dos contrastes no Brasil: “Tipo assim, num é discriminação, né? Mas... né? Tem... Igual, por exemplo, eu lembro... A gente, né, a gente... Eu era pequena e uma vez eu fui lá embaixo, ali, naquela... Num tem aquelas casas, assim, lá embaixo... Ali descendo pro posto... [...] ...pro posto de saúde, aquelas mansões, num tem? [...] Tem umas casas boas, né? [...]

Aí, uma vez... Na época eu tinha o quê? Eu era bem pequena. Aí eu olhei lá pra baixo, né, daquelas mansões, falei assim: Puxa! Só porque a gente... né? Um pessoas tão ali com aquelas mansões, com aquelas piscinas... né? Têm uma vida, né, boa... E por que nós vivemos assim? No meio de tanto tiro, no meio de tanta droga...? Então pensava que era tão, assim, tipo... [...] que num tem hoje, né? Tipo assim, eu imaginava por que, mas era pequena e num sabia que a pessoa tinha que lutar, trabalhar... Mas num vinha isso na minha cabeça, eu só perguntava assim: Mas por quê? Né? [...]

Por quê? Né? E então, quando eu era pequena, também, eu tinha mania de falar: Mãe, quero aquilo! Mãe, quero aquilo outro! Ela falava: Num posso. Num posso dar. Né? Ah, mãe, no meu aniversário, eu quero um bolo tal, tal, tal. Eles iam lá, compravam um pedaço de bolo pra cantar meu aniversário, que naquela época a gente num tinha muito dinheiro... Que ela trabalhava de doméstica e ganhava pouco; meu pai trabalhava de pedreiro e ganhava pouco... Então são coisas assim que ficam, né, pra vida toda! Que a gente nunca vai esquecer. [...]

Pra gente poder, né, falar que queria tomar uma Coca-Cola... Tipo assim, uma Coca-Cola era só nos domingos, era só uma vez... Eu acho que é por isso que hoje eu me encho de Coca-Cola. **[Risos.]**

[...] Num é, né, assim, pra falar assim, tipo... É coisas que... sabe? Assim, é engraçada? [...] Ao mesmo tempo, marca? [...] Essa coisa de poder querer e num ter? [...]

E a gente ia, né, a minha mãe levava a gente pro shopping. A gente via, lá, aquelas meninas, lá, de classe alta com tênis melhor, e a gente com tênis furado... São essas coisas assim... Tá bem que eu fui muito feliz, né? Eu acho que o dinheiro num é tudo, felicidade não é tudo. Eu acho que hoje em dia o que mais importa é o bem-estar de uma pessoa...[...] É o bem-estar, é a paz... Eu acho que a paz interior e a paz exterior. [...]

Sabe? Antigamente eu tinha aquele sonho. Num é. Não é! Não é a coisa mais importante. Eu acho que a coisa mais importante pra gente é a gente, sabe, realmente ter o nosso trabalhinho, né? Ter as nossas coisinhas... Mas sonhar: Ah, quero ter aquela mansão! Ah, eu quero ter aquele carro! Num é. Eu acho que se você viver numa sociedade onde você possa chegar em casa a hora que você quiser, sabe? Você possa sair, que ninguém vai roubar tua mala... Eu acho que esse ponto de saúde, o ponto de paz de espírito, paz... Eu acho que esse ponto é o que faltava.[...] E o trabalho, né? [...]

De você num sair com medo de uma bala perdida. [...] Isso é o que é mais importante. De tudo! [...] É de você poder levar os seus filhos pra brincar na rua, de poder ver brincar num parque... [...] Sem ao menos tá ali com aquela preocupação: Ah, eu vou ganhar uma bala perdida! É esse que eu acho que o Brasil falta. [...] Falta pro Brasil. Eu acho que esses ponto, assim, é o mais importante. De qualquer coisa!”

Ainda sobre o medo das balas perdidas S. acrescenta: “*Eu tinha. [...] Porque quantas vezes eu, a minha mãe, o meu irmão, a gente tinha que se esconder, abaixar pras balas num virem”.*

Perguntei a S. sobre sua saúde. Ela respondeu: “*É assim, da minha saúde, né, física... É assim, eu sou bem... Em termos de saúde, eu sou ótima. [...] A única coisa que eu sofro muito é com anemia. [...] Né? Eu sou muito anêmica. [...] Perguntei sobre a parte psicológica. Ela disse:* “*Ah, é assim, eu me considero uma pessoa muito calma. [...] Uma pessoa muito calma. Ahn... E às vezes... Assim, eu acho que eu sou muito calma”.*

Reg. No 17

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

P.I.S.L., 7 anos e 10 meses, feminino, 1ª série. Mãe engravidou com 17 anos, não queria a gravidez e tentou aborto com o uso de chás. Durante a gestação a mãe teve infecção urinária e anemia, além de dificuldades emocionais e familiares. Nos primeiros meses de vida a mãe teve dificuldades em alimentar a criança, por falta de alimento em casa. Criança no 1º ano de vida chorava muito e mãe diz que a criança era desnutrida. Criança teve gastroenterite, pneumonia e infecção urinária. Foi hospitalizada uma vez devido a gastroenterite e pneumonia. Além desta separação, devido a hospitalização, de 4 meses a 1 ano e 8 meses a criança viveu com parentes e vizinhos e via a mãe uma vez por semana; viveu com a avó

materna, que é alcoólatra. Há relato de falecimento de uma irmã com meningite e um acidente com queimadura grave em outra irmã. Mãe G4P4A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

idéias de morte; tristeza; medos

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

pesadelos

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Coordenação motora fina – teve dificuldades em copiar um losango

Eixo IV – (Condições médicas)

Otite média crônica; rinorréia bilateral; linfadenopatia cervical; cárie dentária e dentes apinhados; suspeita de déficit visual; suspeita de desnutrição (paciente de altura desproporcional ao peso, cabelos secos, descorados)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Relacionamento intrafamiliar discordante:

rejeição paterna e maltrato físico; rejeição materna(?) e maltrato físico

Falta de afeto (calor) no relacionamento intrafamiliar:

entre o pai e a paciente

Superenvolvimento familiar:

estimulação sexual (revistas pornográficas de fácil acesso à criança trazidas pelo pai)

Condições de vida inadequadas:

tio materno no mesmo quarto da criança; uma mesma cama para mais de uma criança

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

irmã – irritabilidade,. seqüela de queimadura; falecimento recente de uma irmã da criança devido a meningite

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 11 m – 4ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de P.I.S.L. foi realizada no dia 17/12/2008 na casa dos seus pais em Sta Luzia, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. P. hoje com 26 anos, desde o primeiro contato estava muito receptiva e me recebeu de forma muito simpática em sua casa. Em alguns momentos durante a entrevista ela teve que dar atenção ao seu filho de dois meses. Iniciamos a entrevista pela

trajetória escolar. Ela relatou: “Eu fiz, lá no Mestre Paranhos, eu estudei da primeira série até a quarta...[...] E fui fazer a quinta série lá no IMACO. Aí eu já tava com doze anos. **Perguntei se ela repetiu alguma série. Ela disse:** Até a quarta, não. [...] Aí eu fui fazer a quinta no IMACO...[...] Durante o dia. Isso. Estudava à tarde. Aí, na quinta série, eu peguei recuperação. Lá no IMACO. Em matemática. Minha mãe pagou aula particular pra mim em matemática, eu passei pra sexta. Aí na sexta série, no IMACO, eu tomei uma bomba. [...] Aí, quando eu passei pra sétima, estudando lá, ainda, eu tava à tarde... E quando eu passei pra oitava série, eu comecei a trabalhar. [...] Isso! Eu passei pra noite. [...] Aí a oitava série eu fiz à noite lá no Maestro Villa-Lobos. Lá no Barro Preto. [...] Fui pra lá. Aí eu fiz a oitava lá. Oitava e o primeiro ano do segundo grau. No Villa-Lobos.[...] Eu fui até... Eu só fiz dois anos lá. Porque depois, num sei o que aconteceu, eles transferiram os alunos lá pro Caetano Azeredo. [...] Aí eu terminei o segundo grau no Caetano Azeredo, que também é estadual. [...] À noite.[...] Ah, é! Aí teve um projeto, lá... Acho que foi no Caetano Azeredo, mesmo. Que quem tinha tomado bomba podia fazer duas séries em um ano pra recuperar.[...] Aí acabou que eu formei certinho! Com dezoito anos eu formei no segundo grau. **Perguntei se ela continuou estudando. Ela respondeu:** “De estudo? Eu fui fazer cursinho. [...] Nossa! Fiquei uns dois ano fazendo cursinho! [...] Fui fazer na Pré-UFMG. [...] À noite. [...]Trabalhava o dia todo, de manhã e de tarde... [...]...e estudava à noite.[...] Minha aula começava sete horas. Aí eu ficava até as dez”. **Perguntei os motivos dos dois anos de cursinho. Ela disse:** “Porque eu tentei Federal uma vez, não consegui, voltei pro cursinho de novo. [...] Pra mim tentar Federal. Aí fiz dois anos, não consegui, aí fui fazer particular. [Risos.][...] É, eu queria uma pública”. **Perguntei se ela foi para a faculdade privada após os dois anos de cursinho. Ela respondeu:** “Não! Não! É, eu fiz o cursinho e parei. Num fui imediatamente entrando na outra faculdade, não. Fui fazer outras coisas”. Perguntei em que período estava na faculdade. Ela disse: “Tô no segundo período.[...] Foi! Tem um ano e meio que eu tô fazendo. [...] É. Segundo período, quarto módulo. Isso mesmo. [...]” **P. fala qual curso e universidade:** Administração. [...] UNOPAR. (Universidade do Norte do Paraná).

Perguntei a respeito da carga horária, mensalidades e local onde acontece o curso. Ela disse: “À noite. [...] Uma vez na semana, toda terça-feira, de sete às dez. É uma vez na semana, só. [...] São oito períodos. Quatro anos. [...]Pago duzentos e cinquenta por mês.[...]Porque tem várias unidades,né? O meu é aqui no São Benedito”

Perguntei para P. o que significou para ela não ter entrado numa faculdade pública. Ela disse: “Olha, na época que eu tentei a segunda vez eu fiquei chateada, fiquei triste... Porque eu queria estudar na UFMG. Mas, assim, num deu! Num deu pra entrar, num deu pra passar... Assim, as provas são... É muito difícil! [Risos.] As provas da Federal... Nossa! Se você não tiver realmente, assim... Como é que eu posso dizer...? Qualificado, mesmo, a gente num passa, não. Aí eu vi que era muito difícil. Num é que eu tenha desistido. [...] Mas eu tentei procurar uma coisa, assim, meio termo pra mim. Porque eu num podia ficar só tentando, tentando e num passar, porque o tempo passa”. **Perguntei qual curso que ela tentou na UFMG. Ela disse:** “A primeira vez que eu fiz foi biblioteconomia... Era um curso que eu queria fazer... E a segunda, eu tentei história. [...] Aí nenhum dos dois eu passei”.

Perguntei a P. sobre o motivo dela não ter ingressado em uma faculdade pública. Ela respondeu: “Ai... Num sei. Mas eu acho que com certeza é escola. [...] Acho que faltou, assim, uma escola mais forte. [...] Estudar numa escola mais forte.[...] Porque mesmo fazendo cursinho eu já tinha dificuldade”.

Quanto a trajetória do trabalho P. relatou que: “E quando eu passei pra oitava série, eu comecei a trabalhar. [...] Isso! Eu tinha treze pra catorze anos. [...] Aí comecei a trabalhar de fazer serviços gerais, de rua: ir no banco, fazer depósito de cheque, essas coisa. Era uma corretora de seguros.

Perguntei o que ela fazia. Ela respondeu: “Ia nos bancos, ia nas outras corretoras de seguro... [...] Ia nas casa de cliente, pegava o cheque... [...] Ia também nas seguradora... Aí, assim, eu fui conhecendo, também. O centro de Belo Horizonte...[...] Fui conhecendo a cidade... Fui conhecendo o centro, fui conhecendo as ruas...[...] Então, assim, esse primeiro emprego, pra mim, foi meu primeiro emprego. Foi muito importante. Me ajudou muito”. **P. relatou que fazia esse serviço a pé.**

Perguntei quanto tempo ela trabalhou nessa empresa. Ela disse: “Fiquei até os dezoito. Quatro anos”. **Perguntei a respeito do salário, ela respondeu:** “Na época acho que era... Ganhava por hora. Era bem pouquinho! Num dava nem cem reais, não. [...] Mas era meio horário, também. [...] Aí depois ele foi aumentando pra mim... E com dois anos que eu já estava lá, já, eu já tava ganhando um salário. [...] Aí depois minha mãe saiu de lá, eu fiquei sendo a secretária. Aí já tava, já, com dezessete, já. Com dezessete anos... Aí já ganhava um pouco mais de salário”.

Perguntei para a P. a respeito do trabalho que veio a seguir, depois que ela saiu desse. Ela relatou: “Depois desse trabalho, eu fui trabalhar... Quer ver? Com dezoito anos, né...? Nô, é engraçado! Tem que voltar tudo atrás, né? A gente esquece algumas coisas... Porque eu, nô! Já trabalhei com tanta coisa! Já fui babá de criança... [...] Pois é, mas aí eu era mais novinha. Aí eu devia ter doze anos... [...] É porque com catorze que assinou a carteira”.

P. completa então dizendo que começou a trabalhar com 12 anos.

Perguntei sobre o trabalho como babá. Ela disse: “Era. Uma criança. [...] Não. Era lá no Bairro São Lucas. [...] Longe da minha casa. Ela tinha três anos. [...]Era todo dia. Aí eu ficava lá... Deixa eu... Eu estudava à tarde, eu trabalhava de manhã... Isso. Aí eu ficava de manhã e da escola eu ia embora pra casa. [...] Isso. Depois que eu fui pra corretora. [...] Até dezoito anos”

O trabalho que veio após os 18 anos que ela não estava se lembrando. Então ela disse: “Isso. Vou ter que fazer uma retrospectiva. [Risos.] [...] Eu num tô conseguindo lembrar direito! [Risos.]

Nesse momento da entrevista como a P. estava tendo dificuldade de recordar voltei para o tópico da trajetória escolar. Dessa forma ela lembrou de outro trabalho:

“... Dois mil e três, eu entrei lá na Viação Torres. [...] Empresa de ônibus. [...] É. Trabalhar na bilheteria” **Insisti com a pergunta se esse trabalho veio a seguir ao da corretora. Ela respondeu:** “Não... [...] Num tô conseguindo lembrar que que eu fiz depois. [...] Eu tô até querendo pegar a minha carteira de trabalho pra mim ver. [...] Vou pegar. [...] Eu num tô conseguindo lembrar. Que engraçado..”.

Alguns minutos depois P. retomou dizendo: “Tô lembrando de uma coisa que... [Tsc.] Acho que eu tô meio perdida. Engraçado, né? História da minha vida e eu tô meio perdida. Porque na época que eu estudava, que eu fazia o cursinho à noite, era a época que eu tava trabalhando de babá lá no São Lucas. Que eu olhava a Bárbara, de três anos. [...] Quando, com doze anos, que eu tava trabalhando de babá com doze anos, num era no São Lucas. Minha mãe trabalhava no Wall Street. Ela limpava o escritório, lá, e eu olhava as crianças... Eram duas crianças. Dessa moça que era arquiteta, minha mãe limpava lá e eu olhava as crianças dela. [...] Num tô conseguindo fazer direitinho, assim, o caminho direitinho. [...] Aí eu fui pegar e lembrei. Porque na época eu num conseguia esses empregos bons assim rapidinho, não. Primeiro eu trabalhei de babá... Muitos anos, mesmo, como babá. Aí depois que eu consegui esse emprego, aí... [...] É, na corretora. Com catorze anos. Aí fiquei até os dezoito... E com dezoito anos... É, com dezoito anos, agora, me deu um branco. Que que eu fiz? Eu sei que eu formei em dois mil e um... Deixa eu ver se tem alguma coisa assinada, aqui, com dois mil e um... Que que eu fiz...?”

Apenas no decorrer da entrevista após conversarmos sobre outros tópicos que P. se recordou do que fez após sair da corretora. Ela relatou: “...num localizamos. Mas agora eu descobri. [...] Com dezoito anos... Porque na verdade eu confundi os fatos, aqui. Porque eu trabalhei de babá. Então, quer dizer, com doze anos eu trabalhei nessa casa. Foi a Tina, que eu olhava os dois meninos dela. Aí, com dezoito anos, eu voltei a trabalhar de babá de novo. É, isso mesmo. Porque eu fiz o curso de auxiliar de enfermagem quando eu estava trabalhando lá nesse escritório da corretora. Eu fiz auxiliar de enfermagem. Aí, quando eu formei do curso, eu formei do segundo grau, formei do curso, saí da corretora e eu não consegui emprego de auxiliar de enfermagem, na. [...] Eu fazia o curso, trabalhava à tarde, que era lá na corretora, era só meio horário, e estudava à noite. [...] É. Aí eu não consegui emprego com enfermagem nos hospitais, comecei a trabalhar de babá de novo”.

Perguntei o que aconteceu que ela não conseguiu trabalhar como auxiliar de enfermagem. Ela respondeu: “Parece que foi uma época assim que num conseguia nem como axiliar de escritório, que eu tinha experiência na carteira, nem com o curso que eu tinha feito, porque tinha que ter experiência... Eu fiz o curso, eles queriam que eu tivesse experiência. **Perguntei se o curso de auxiliar de enfermagem não tinha estágio. Ela respondeu:** “Não! Dava estágio, mas eles não contavam como experiência. [...] Aí só contratava quem já tinha experiência. [...] É. Quem já tinha trabalhado na área. [...] Aí eu voltei pra babá de novo. Com dezoito anos. Aí foi a época que eu comecei a fazer cursinho. Porque eu tava trabalhando de babá lá no São Lucas, olhando a Bárbara, que tinha três anos... [...] Eu devo ter ficado com ela uns dois anos. Doz dezoito aos vinte, mais ou menos. [...] Porque aí, com vinte e um, eu entrei lá na Viação Torres. [...] Aí eu larguei o emprego de babá e fui pra Viação Torres. [...] Lá eu trabalhava na bilheteria. Vendendo passagem de ônibus.[...]”

Aí, depois que eu saí de lá, eu trabalhei uns seis meses olhando uma senhora idosa... Por causa do curso que eu tinha feito de auxiliar de enfermagem, podia olhar a senhora idosa. [...] Olhava ela... Aí fiquei seis meses lá... E já tava, já, fazendo, já, o vestibular pra mim tentar aqui. Aí já tava mudando pra cá [Sta Luzia].”

Na época da entrevista P. estava afastada do trabalho atual após ter deixado o da senhora idosa. Ela falou: “Eu 'tô de licença-maternidade, mas eu trabalho. [...] Vendedora. [...] Lá é distribuidora de material descartável.” Perguntei há quanto tempo trabalha lá e a respeito do salário. Ela respondeu: “Dois anos [...] Meu salário... Eu ganho um pouco mais de um salário mínimo, mais a comissão. [...] Dá uns setecentos reais por mês”.

Após conversarmos sobre a trajetória do trabalho perguntei a P. sobre o bebê. Ela respondeu: “Nó! Difícil. [Risos.] [...] Foi difícil demais! Porque, na verdade, um bebê pra mim, agora, num foi planejado, num foi esperado... Num foi desejado. Mas, assim, veio, graças a Deus que veio, né? Com saúde. Aí eu tô... Agora tem que cuidar. [Risos]. Perguntei se ela vivia com o pai da criança. Ela respondeu: “Não. [...] É. Eu, meu pai e minha mãe. [...]” Perguntei se ele tem algum compromisso. Ela disse “Nenhum. Nem quis registrar, nada.[...] É, psicologicamente me abalou muito. [...] Muito, muito mesmo! Ontem mesmo eu conversava isso com a minha mãe. Eu falei assim: Que engraçado, o doutor Lombardi vem aqui amanhã... E, assim, eu vou ficar feliz, assim, de poder falar que a minha vida, assim, pra mim, profissionalmente, tá bem, tá estável. Eu tô num emprego bacana, tô ganhando, assim, razoavelmente bem... Né? Mas, assim, a questão de ter um filho agora pra mim foi um choque. Porque... Tudo bem que a minha mãe fala assim: Ah, mas cê foi irresponsável. Deveria ter sido mais responsável e evitado o filho. Mas já que eu num fui e aconteceu, nó! Eu acho que eu ainda não acostumei, até, eu acho. Eu num me sinto, assim, mãe, ainda. [...] Eu faço tudo. [...] Mas é como se fosse tudo muito automático. Uma coisa que cê tem que fazer, que 'cê faz... É engraçado, né? [...] Mas, assim, foi mais difícil acho que por isso. Porque o pai dele num deu assistência... [...] ...num quis saber, nem nada. [...] Ah, eu fico triste. [...] Psicologicamente, eu fico triste, porque eu queria que não tivesse sido assim, dessa forma... Eu nunca pensei que eu fosse ser... Não, assim, uma mãe solteira; eu não me vejo uma mãe solteira, não. Mas, assim, criar um filho sozinha, sem a ajuda do pai... O que mais me deixa chateada, angustiada é o pai não querer saber do filho dele. [...] Ele nem conhece! O filho... [...] É! Era namorada e quando eu falei que tava grávida ele simplesmente sumiu. [...] E isso mexeu comigo, mesmo, sim. Em todos os sentidos da minha vida. Eu acho que psicologicamente, emocionalmente, tudo. Eu fiquei abalada, sim. No início, se a minha mãe não tivesse me ajudado muito, igual, meu pai... A estrutura que eu achava que eu tinha, eu comecei a perceber que u num tinha mais. [...] Ainda bem que eu tive o apoio deles, porque eu perdi, assim, o apoio da pessoas que cê tá junto, se cê perder o seu pai e a sua mãe, cê fica sem rumo”.

Perguntei o que significou para ela ter vivido no C. S. M. Ela disse: “Porque, assim, lembranças muito boas, eu num tenho, não. [Risos.] [...]Porque é aquilo que eu falo pro senhor: a gente vive uma coisa, mas a realidade da gente é outra. [...] Na época era um contraste, pra mim, muito grande. Principalmente pra mim, que comecei a trabalhar muito cedo... Eu saía pra trabalhar, via outras coisas. Eu tinha, assim, contato com outras pessoas diferente e eu voltava pra minha casa, eu queria sair de lá. [...] Porque, na minha casa, o que é que eu via? Eu via um monte de gente morrendo perto de mim. Aquele consumo de drogas... [...] Aonde eu morava, sim. [...]Porque eu morava perto da quadra. [...] É. Então toda noite matava gente ali na quadra. Adolescente, jovem... [...] Lá era terrível. É, toda noite

talvez seja exagero, né? Mas, assim... [...]Numa frequência grande!” **Perguntei o motivo das mortes. Ela disse:** “Por causa das droga. Assim, a gente morava numa área muito... [...] Isso. Porque isso me chocava! O que ficou... [...]É. Na minha cabeça, isso num sai. Infelizmente.[...] Pois é. Porque aí eu trabalhava. Aí eu chegava, então, estudava. Aí a gente aprende na escola como que tem que tratar o ser humano, por exemplo. Aí cê vai pra sua casa... Tudo bem que a gente num ficava na rua, num saí, mas aí você vê que a realidade é outra! Aí você pensa assim: Mas eu estudei isso na escola. Mas eu chego aqui e vejo que aqui eles fazem isso assim. Um xinga outro, briga... Lá tem muito bar, então, quer dizer, aquele monte de briga no bar... Um quebrando garrafa na cabeça do outro... As drogas, né? Que a droga lá é... né? [...]Então, assim, era tudo muito intenso. Naquela época... Na minha época, que eu morava lá, era”.

Perguntei o que a impressionava. Ela disse: “É. Eu via morte. [...]Via morte... Eles chegando, assim, dando tiro na cara da outra pessoa... Na frente da gente, assim. [...]Via o... É camburão que eles fala, né? Vindo pra recolher os corpos e levar... [...] Essas coisas. Isso que ficou gravado de negativo. Na minha mente, isso que ficou gravado. [...]Tinha medo. [...] Assim, a gente num tinha medo de ir pra escola, não. Mas a gente vivia pedindo pro meu pai pra gente mudar. Pra gente achar uma casa, ir pra outro lugar. Pra gente ir embora de lá”.

P. continua descrevendo sua vida na vila. Ela relatou: “As criança andando na rua descalço... Um monte de criança que num vai pra escola... Sabe? E aí foi essa realidade que chocou, na verdade. A gente vinha de uma realidade, centrou em outra”. **A realidade que P. se refere é a de outro local em que havia morado na própria comunidade onde segundo ela era mais tranqüilo. Nesse local agora ela fala:** “Nós ficava trancado em casa o dia inteiro. Não saía pra rua. [...] Num saía. Ficava o dia inteirinho dentro de casa. [...]

Só saía pra escola, voltava e ficava dentro de casa. Porque num podia ficar brincando na rua! [...]Por que que num podia? Porque cê 'tava brincando.[...] De repente, os traficante vinha em grupo, lá de baixo, lá de cima, da Pedreira, da Antena e começava a brigar. Aí tinha as bala perdida. [...] Aí tinha que sair tudo correndo pra dentro de casa. E essa realidade ainda existe lá, porque onde a minha prima mora ainda é assim. [...] Então cê num podia ficar na rua, porque, ao mesmo tempo que tava tudo calmo e tranqüilo, cê tinha que sair correndo pra casa porque podia acontecer um tiroteio.[...] E alguém podia ser atingido”.

Perguntei qual era a percepção dela. Ela respondeu: “Ah, eu pensava... Eu ficava pedindo a Deus pra gente ir embora.[...]Eu queria ir embora de lá.[...]Isso que eu queria. Porque aí eu lembro que minha mãe começou a trabalhar pra ver se ajudava meu pai, pra ver se... Porque, essa casa da Antena, meu pai, parece que fez um acordo numa das empresa dele, lá, e ele conseguiu comprar essa casa lá na Antena. O dinheiro que ele deu num deu pra comprar nos blocos, num deu pra comprar no seu J., mas deu pra comprar na Antena. [...]Porque as casas na favela são mais baratas, né? [...] Né? Com cinco mil, três mil, cê compra uma casa. Aí meu pai comprou uma casa lá. [...] Aí começou a investir lá, colocou uma porta de madeira, tudo... Aí começou a ter os tiroteio... À noite, as balas pegava na parede. Aí nós tivemos

que fazer um muro. Num sei se o senhor lembra da Dona S. [...] Aí teve uma briga, lá, com a minha mãe e ela por causa do muro.[...]Num podia fazer o muro na quadra, porque a quadra pertencia à comunidade. Mas a nossa casa tava sendo atingida com balas perdidas. [...] Aí, num sei... Aí teve umas burocracia, lá, mas a minha mãe fez o muro assim mesmo. Podendo, num podendo, ela fez”.

P. justifica a construção do muro: “Aí tinha que fazer o muro...[...] onde era a parede, né? Que dividia a quadra. Porque as balas atingiam a nossa parede. [...]É! As brigas. Era ali. [...] Minha mãe fez, assim, mas sem deixar. [...] Pra proteger a gente. Porque de madrugada...”

P. relata um fato que ocorreu quando ela estava chegando da escola: “Eu lembro uma vez que eu tava chegando da escola... Estudava no Caetano Azereado. Fazia o segundo grau. Eu já tava com dezoito anos, já. Quase formando. [...] À noite. Eu eu tava chegando da escola, era umas dez e meia da noite, e eu cheguei no meio de um tiroteio. Aí eu tive que ficar quietinha lá, paradinha lá... Sabe? Pra depois entrar dentro de casa”.

Perguntei se ela deixava de ir a escola por causa disso. Ela respondeu: “É, deixa de ir pra escola a gente num deixava, não. [...] Só num ficava brincando na rua, ficava mais preso dentro de casa. Né? Ficava brincando dentro de casa. Num podia brincar na rua. [...] Ah, ficava brincando de boneca... Brincava de esconde-esconde, porque, como eu tinha mais irmãos, né? [...]Então a gente ficava brincando ali dentro. [...] De casa. Num saía pra rua, não”.

Perguntei sobre a saúde da P. Ela respondeu: “Tá boa... [...] Ah, assim, eu nunca tive nenhum problema psicológico, não. [...] Às vezes eu fico triste por causa da situação, assim... Mas, assim, é uma situação que eu tô resolvendo. Porque eu tô indo no fórum...[...]Tô levando ele na Justiça pra registrar o meu filho. [...]Então, assim, eu tenho que... Eu acredito que quando isso passar eu vou ficar mais tranquila, mais calma [...] Mas, assim, eu tô bem”.

Perguntei quais eram as pessoas importantes para ela. Ela respondeu: “Na minha vida? [...]Uhum. Bom, primeiro, meu pai e minha mãe, né? [...]Que sempre me ajudaram em tudo. Minha mãe e meu pai, eles são muito, assim, mente aberta! Eles são muito liberais.[...] Eles têm uma cabeça mais aberta. Então, eles sempre foram muito, assim... Sempre ajudou a gente em tudo. Eu, minhas irmãs...[...]Impulsionando a gente, mesmo, a trabalhar, estudar, fazer curso... [...] Sempre. Então, assim, eu agradeço primeiro eles: meu pai e minha mãe [...] Segundo, minha vó... Minha vó M. que também, assim, sempre me ajudou muito. [...] Mãe da minha mãe. [...] Inclusive, quando eu tinha o quê? Até dois anos, minha vó que me criou, né? [...] Porque meu pai... [...] Aí meu pai naquela ‘assume? Num assume?’, né? [Risos.] Esses homens quer fazer os filhos mas num quer assumir, não. Aí eu ficava com a minha vó. Com a minha vó M.. Aí minha vó que cuidou de mim, fez o que pôde...[...]Porque aí depois ele voltou, eu tinha dois anos... Tirou eu e a minha mãe da casa da minha vó...[...] Casou com a minha mãe, né? [...] Aí foi construindo uma vida. [...] Aí, com certeza foi difícil. Foi tudo muito difícil.[...] Aí, com quê? Depois vieram cinco filhos, só meu pai trabalhando, né? Era uma vida difícil! Nós passamos por privações, também.

[...] Mas, assim, o que... Na verdade, quando eu lembro da minha infância, do meu tempo que eu

morava lá, eu num lembro das provações que eu passei. Eu lembro, assim, do afeto que existia entre nós, do amor que existia na minha família...[...]Da confiança, da segurança, do meu pai e da minha mãe sempre junto... Sabe? Nos orientando... Eu lembro... É isso que eu guardo da minha infância, pra mim. Eu guardo isso. [...] Não das privações. Não porque às vezes eu comia arroz e feijão e ovo... Ou às vezes arroa e feijão...[...] É, porque quando nós mudamos pra lá... muita gente falou assim: Olha, as suas filhas, elas vão todas se perder... Seu filho vai virar bandido, vai mexer com droga. E nada disso aconteceu! Graças a Deus. Aconteceu o contrário, né? Mas as pessoas falavam assim [...]Talvez a gente foi superprotegido até por isso, mesmo. Porque talvez eles tinham, já, quando a gente mudou, eles tinham esse medo de que pudesse acontecer de verdade e nos superprotegeu de uma certa forma pra que isso num acontecesse”.

Reg. No 18

Formulação diagnóstica (1990)

História progressa

E.M.R., 7 anos e 7 meses, feminino, 1ª série, mãe relata que não desejou a gravidez, no início da mesma, chegou a ingerir chás para abortar. Relata sentir-se deprimida, fumando bastante. Teve anemia ferropriva. Mãe G2P2.

A criança com 3 anos de idade foi hospitalizada, uma vez, cerca de 8 dias devido a pneumonia. A mãe a visitava duas vezes por dia.

Perfil biopsicossocial

Tomando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos de conduta:

agressividade

Transtornos emocionais:

irritabilidade; tristeza; choro

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

roer unhas

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Criança apresentou bom desempenho nas provas de sua idade

Eixo IV – (Condições médicas)

Cefaléia; cárie dentária; déficit visual (?); às vezes sangramento nasal (epistaxe)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Sugestivo de relacionamento intrafamiliar discordante

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

analfabetismo paterno; profissão paterna – servente de pedreiro

Condições de vida inadequadas:

pobreza; não tem água encanada; fossa comum; lixo exposto; aglomeração; família toda dorme no mesmo quarto

Estresses ou transtornos na escola ou ambiente de trabalho:

agressividade com colegas

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

pai – dor de “estômago” e de cabeça; irritabilidade

Outros:

residem em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 8 m – 3ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de E.M.R., 25 anos, aconteceu em 10/09/08 na residência de seus pais no Bairro Jardim América onde ela também mora com seu filho de dois anos e quatro meses. A mãe dela inicialmente estava presente, mas depois se retirou. É uma moça bonita. Estava com seu filho e com uma criança que ela toma conta. Após me apresentar, inclusive mostrei o crachá da faculdade e após ela assinar o termo de consentimento, iniciamos a entrevista.

A E. relata que estudou na EMMP (Escola Municipal Mestre Paranhos) até a 4ª série e depois mudou de escola, a EMOC (Escola Municipal Oswaldo Cruz), porque mudou para o Bairro Jardim América. “[...] estudei no EMOC até o segundo ano, parei e agora eu retornei de novo. Eu estudo a noite [...]. No terceiro ano”. Está terminando este ano o segundo grau. Perguntei se ela havia sido reprovada em alguma série. De pronto ela disse que não. Disse a ela então que nas minhas anotações constava que ela havia sido retida na 3ª série. Aí ela confirmou que havia sido retida. Perguntei a ela o motivo. Ela respondeu: “Minha casa foi assaltada, aí eu fiquei com trauma, aí eu não consegui estudar. Aí eu fui e tomei bomba. Já deixei certo”. Pedi a ela para relatar o fato. “Teve um assalto na minha casa, e isso foi... Minha mãe trabalhava à noite. Aí, tava eu, meu pai e a E. ... dormindo, eu era pequeno. E minha irmã também era... Minha irmã, neném; ela era neném. Aí, vieram uns... Vieram assaltar, atirou na minha casa... Acertou até um tiro assim, de raspão, no meu pai... Aí eu fiquei com trauma. Aí, eu num... Aí, eu não consegui as médias. Aí, eu tomei bomba [...] Eu ficava com medo! De sair na rua... Eu fiquei com medo das pessoas me verem... Que eu era filha do meu pai e pelo fato de ter chamado a polícia, né? De fazer alguma coisa comigo. Aí, eu tomei bomba [...] Aí, eu tomei bomba. Aí, eu repeti a 3ª série de novo”.

Perguntei a ela se ela teve alguma dificuldade de aprendizagem. Ela respondeu: “Não, só quando aconteceu esse... lá em casa, né? Que eu fiquei com dificuldade [...]Eu não conseguia, assim, fazer as coisas, sabe? Acho que eu ficava com medo, assim, de... Eu não ia na aula, que eu tinha medo... Aí, dificultava tudo. [...]Eu ficava com muita coisa na cabeça. Como que eu era pequena, aí... Perguntei o que ficava na cabeça. Ela disse “Assim, de chegar e fazer lá... Eu tô no meio da escola e chegar, e querer

fazer alguma coisa comigo e me pegar, entendeu?[...] O meu medo era esse”. Perguntei se ela tinha algum pensamento em sala de aula, ela disse: “ Medo... Eh... Medo. Da minha mãe, do meu pai... De fazer alguma coisa com eles. Ficava com medo”.

Perguntei se a pessoa havia entrado na casa: “É. Com a gente. Pra assaltar. Aí, eh... ‘tava chovendo, aí tirou tudo do guarda-roupa... Querendo dinheiro, sabe?[...] a gente não sabe quem é. Até hoje. A gente não sabe quem é”.

O pai de E. chamou a polícia e parece que isso a deixou preocupada, poderia dar problema para a família. E. fala a respeito: “Isso. Prá gente, né? Fazer alguma covardia. Chamou a polícia, vou fazer alguma coisa pior, né? Ficava com medo disso”. Perguntei se a noite ela tinha dificuldade para dormir “Tinha.[...] Eu ficava com medo e minha mãe tinha que dormir comigo, a E. tinha que ficar lá até eu dormir... Aí quando eu dormia...”

Relatou que chorava “Assim, eu... Tudo o que eu via era motivo de chorar, sabe? Eu ficava com medo se alguma pessoa gritasse, sabe? Porque os malandro chegou gritando, né? Aí eu ficava com medo... [...] Ah, durou umas meia hora, só. [...] Foi de madrugada que eles invadiram...[...] É, arrobando... Falaram que era a polícia, batendo, quebrando... Querendo dinheiro...”

Perguntei a ela quanto tempo durou o medo “Foi só esse ano, né? Perguntei se a mãe a levou a um psicólogo “Eu acho. Acho que ela também nem lembra mais se ela levou ou não”. E a escola fez alguma coisa, tomou alguma providencia, perguntei “Não. Se eu tiver recebido, eu não lembro. Eu não lembro”. E. relata que na época faltava muito as aulas.

Procurei também ver com a E. sua história de vida relacionada ao trabalho. Relata que começou a trabalhar com quatorze para quinze anos: “Eu já trabalhei em casa de família, ó, com quinze anos. Com quinze anos eu já trabalhava em casa de família. [...] Arrumando casa.[...] Lavava, passava, cozinhava pra elas. [...] Ah, um ano, mais ou menos. Aí depois saí, fui pra outra casa de família. Que era uma escolinha também. Aí depois saí e fui trabalhar numa padaria. [...] Aí, de carteira assinada, eu comecei com dezoito, que eu trabalhei cinco anos numa padaria. [...] Aí depois da padaria eu saí e fiquei trabalhando em uma agência de que... Tipo uma oficina de carro... Fiquei... seis meses. Aí, saí. Depois não trabalhei mais, não. Perguntei a E. se ela estava trabalhando atualmente, ela respondeu: “Não. Porque... pela questão dele (o filho de 2 anos e 4 meses) Por quê? Eu... a gente não tem condições de pagar uma escolinha de duzentos reais pra ele. Aí eu tô esperando sair a inscrição, pra mim ver se eu consigo de graça assim, nessas escolinhas do governo que é boa, pra mim tá colocando ele na escolinha, pra mim trabalhar pelo menos meio horário [...] Eu olho uma criança [...] aqui em casa. [...] De sete da manhã às sete da noite. Aí, à noite, eu vou prá escola. A E. relata que recebe cento e vinte reais por mês para olhar essa criança.

Procurei esclarecer com a E. o motivo que a levou a parar em um determinado momento o 2º ano do 2º grau. Ela respondeu: “Porque eu tava trabalhando numa padaria... Aí, eu trabalhava de manhã, de cinco horas da manhã à uma e meia da tarde [...] Aí eu queria mudar de horário porque eu tava muito cansada. Aí, eu tinha que trabalhar à tarde. Aí, eu tinha que mudar, entendeu? Aí, eu trabalhava de manhã e estudava à noite. Aí, à noite eu ficava com medo também de ir pro colégio que era perigoso, né? Aí, eu

parei... Aí, agora eu voltei de novo. Que agora já não tem perigo mais, aí eu vou. Pedi a E. para falar sobre o medo que ela tinha quando estava na 3ª série do 1º grau na EMMP e esse medo que ela experimentou no 2º ano do 2º grau no EMOC. Ela disse: “O de lá era medo das... medo dos assaltantes me ver e querer fazer alguma coisa comigo e com a minha família. E o daqui, que eu parei de estudar, era medo de... porque guerra, né, gangues, eu tinha medo de ir, e aí eles iam começar a guerra deles lá e iam acertar nas pessoas que não tem nada a ver. O meu medo é esse [...] Agora eu estudo lá no EMOC de novo, só que à noite, e... não tem mais nada. [...] Tem segurança, né, guarda municipal, aí você fica mais tranqüilo”.

Reg. No 19

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

D.S.L., idade aproximada de 8 anos, 1ª série, com história pregressa de atraso de desenvolvimento da fala e da marcha. Há relato de complicação com vacinação aos 3 anos de idade que a levou a hospitalização prolongada de +/- 2 meses. A informante diz que com 5 anos de idade a D. ficou com uma tia cerca de 2 semanas. Há relato também de uma pneumonia. A criança segundo a mãe não frequentou creche.

Mãe informa que não queria a gravidez. Mãe G15P13A3 (1par de gêmeos) e perdeu 3 filhos por falecimento.

Perfil biopsicossocial

Tomando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

tensão (ansiedade); tristeza; timidez excessiva; mutismo eletivo; irritabilidade; medo

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

gagueira; enurese noturna (descontínua)

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtornos (atrasos) mistos do desenvolvimento:

coordenação motora fina; linguagem; aritmética; leitura; escrita

Eixo IV – (Condições médicas)

Desnutrição; pediculose; parasitose (abdome distendido e hepatomegalia); rinite (rinorréia); dentes cariados; sialorréia

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:

pai – irritabilidade, alcoolismo, uso de medicamento para o sistema nervoso; uma irmã de 19 anos com provável retardo mental; uma irmã de 5 anos com quadro provável de epilepsia, usa gardenal

Relacionamento intrafamiliar discordante:

pai – agressão física e verbal em relação à mãe e às crianças

Controle dos pais inconsistente ou inadequado

Estímulo perceptivo, linguístico ou social inadequados:

analfabetismo paterno e materno; irmãos com história de reprovação na escola e baixa escolaridade

Condições de vida inadequadas:

miséria; família numerosa com aglomeração; uso comum das camas inclusive uso da cozinha como quarto; barraco precário com correnteza durante as chuvas; falta banheiro; lixo exposto; fossa

Estresse ou transtorno no ambiente da escola ou trabalho:

criança com rendimento escolar muito prejudicado

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

pai – cardiopata (?), história de derrame, gagueira; mãe – hipertensão arterial, esquistossomose, esquecimento, dentes em péssimo estado, aspecto miserável

Outros:

vizinhança:

violência inclusive contra o pai da criança e outros; usuários de drogas

residem em favela

família numerosa

Esta é uma família numerosa vivendo em estado miserável; pais sem habilitação profissional e sem escolaridade, com história materna de vários abortos e perda de filhos por falecimento. Trata-se de uma família que migrou da roça para B.H. há cerca de 9 anos.

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 1 m – 1ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A Dona M. da G., mãe da D.S.L. é que foi entrevistada. Isto porque a D., hoje com 25 anos, não responde as perguntas. Ela compareceu com sua mãe, não falava, às vezes sorria, parece que entendia mas não falava. Muito obesa. Apenas sorria quando eu me dirigia a ela. Roupa um pouco suja. D.M. da G. estava melhor vestida porém muito humilde. A entrevista aconteceu no dia 2/07/2008 na Paróquia São Brás. D. M.da G. não assinou o termo de consentimento porque não sabe escrever seu nome.

A história de vida relacionada a escola foi a seguinte: “Ah, doutor Lombardi... Ela ficou... daquela época, ela ficou até... Ela virou mocinha na escola [...]Ela num passou da primeira, não. [...]Ficou esses anos todos e num aprendeu nada. Num aprendeu nem a assinar o nome dela. Botei duas à noite pra ver se

ela aprendia, nada. Num aprendeu, não [...] Perguntei se ela não aprendeu a assinar o nome. Ela respondeu: “*Não! Num aprendeu nada*”.

Perguntei se ela aprendeu a fazer alguma coisa. Ela respondeu: “*Não, não. Não, num aprendeu nada, não [...]* *Nem a roupa dela ela num lava! [...]* *Não, num faz nada, não. Ela num quer que lava uma vasiã, ela num varre uma casa [...]* *Se falar com ela pra lavar as vasia: Ô neguinha, lava essas vasilha pra mim. Eu num vou lavar vasia, não! [...]* *Nessa hora, ela fala. Eu num vou lavar vasilha, não! Eu num vou lavar vasilha, não. E eu num mando ela lavar vasilha, que quando ela começa a fazer alguma coisa ela começa a babar, aí pronto. Cabou [...]* *Aí eu num... num deixo ela lavar vasia, não. Quando ela lava vasia, ela baba os trem tudo! [Risos.] Começa a babar [...]. Quando eu tô lavando roupa [...]* *Essa aqui só fala: Ô mãe... Quando eu tô lavando roupa, essa aqui fala: Ô mãe, você quer que eu estendo procê? Você quer que eu estendo procê? [...]* *A senhora quer que eu estendo procê? Mas do jeito que ela tira a roupa da bacia, ela pega e põe lá no varal. Num sacode, nem nada. Do jeitinho que tá ali ela joga lá...[...]* *Única coisa que ela sabe fazer é ir lá na panela tirar a comida e comer; aí ela sabe. [Risos.] Mas o resto? Mais nada! [...]* *Comer é com ela mesmo. Comer. Que café num tem tanto! [...]* *Quando ela lembra de brincar de boneca, passa a mão na boneca, vai brincar de boneca [...]* *Até hoje ela brinca de boneca. Adora uma boneca [...]* *Ela pega a boneca da menina dela. Ela tem uma menininha [...]* *A menina dela tem seis anos. Perguntei se a D. vivia com o pai da criança. Ela respondeu: “Não, não, não. Eu viajei, aí ele aproveitou que eu viajei e pegou ela. Ela tava brincando de boneca, aí eles chamaram ela e levaram ela e induziram ela”*”

Perguntei se foi mais de um que abusou da D. Ela respondeu: “*Não, acho que num foram, que ele usou ela seis vezes, que eu fiz os exame dela. Que eu corri atrás pra ver quem que era, que eles tava jogando que era um, era outro. Eu pus no meio dela, ela pegou e falou que foi ele [...]* *Falou. Na hora que ela ficou nervosa, aí ela falou [...]* *Citou o nome dele [...]* *Aí ele não quis assumir a menina... Não quis registrar a menina. E também ele era novo. Também num ia ter [...]*” D. M. da G. falou que a D. estava com quinze anos, entretanto é mais provável que tivesse cerca de 18 anos uma vez que a filha da D. tem hoje seis anos e ela está com com 25 anos.

Perguntei para a D. M. da G. como aconteceu tudo. Ela respondeu: “*Não... Num foi lá dentro de casa, não. Ele levou acho que foi prá casa dele. Num sei, eu num tava em casa, não [...]* *Porque a Lor. tinha saído, buscar lenha, e deixou ela com mãe. Porque a minha mãe num levanta da cama [...]* *Aí ela tava... Diz que a Lor. falou com ela: Ô Neguinha, você num sai de dentro de casa que eu vou na mãe Cl., aqui. Num sai, não. Ela pegou e saiu. Pra brincar com as boneca. Eles pegaram e induziram e levaram ela pra casa deles, lá, e... Lá fez o que quis com ela. Ela num falava, ela num gritou, nem nada! Falou nada... Aí ela ficou grávida. E eu sem saber quem era... Quase que eu ainda mato é ela com remédio! Que eu comprei regulador pra dar a ela. Eu falei: Meu Deus, a situação dessa menina tá demorando! Porque todo mês ela regula... regulava certinho. E ficou faiando, faiando, sem vim. E ela só estressando, cada vez mais estressada! Aí... peguei lá e lá e falou assim... Eu comprei... Fui na farmácia e comprei o regulador pra dar a ela. Quando eu peguei o regulador, parece que Deus tocou na minha cabeça e falou: Num dá a essa*”

menina esse remédio, não. Quando eu peguei a colher do remédio pra dar a ela... Num cheguei a dar a ela a colher do remédio. Falei: Mãe... Ela falou: Gl., você leva essa menina no médico! Você leva essa menina no médico, que essa menina num tá boa, não! Passei a mão nela e fui com ela pro médico. Quando eu chego lá, foi fazer o exame dela, o médico olhou e falou pra mim: Infelizmente, a senhora vai ser vó. Ela tá esperando neném. Aí eu fui no outro mundo e voltei. Porque ela num saía de casa, pra dizer que ela tinha namorado pra poder... coisa com ela. Aí... fui perguntando ela, fui perguntando ela, fui perguntando ela, fui perguntando, perguntando, e ela sem querer falar! Fui perguntando: É um? É outro? É um? É outro? E ela: Não, não! Aí acho que ela cresceu aquele nervoso de ficar perguntando ela, aí ela pegou e soltou [...] Ela falou. Falou! Ela: Foi Douga! Foi Douga! Foi Douga da Déba! Foi Douga da Déba. Aí... quando eu chamei ele a atenção, ele pulou pra trás, que num era ele, não. Num era ele, e a menina ficou na minha responsabilidade”.

D. M. da G. fala da relação da D. com a filha chamada R. de apelido Ró: “...A menina dela... Quando ela ganhou a menina, ela tentou matar a menininha três vezes [...] Aí ela pegou a menina lá e ela ia jogar pa janela abaixo na casa da Lor...Eu vou matar essa menina! Eu vou matar essa menina! Eu num quero essa menina, não! Quando ela levou a menina, ela chegou na hora e tomou a menina dela [...] E ela pega a menina pelo pescoço. A menina já tá grandinha, [...] ela tá garrando a ela e... diz que vai jogar a menina, matar a menina. Fica pegando ela e...[...].

Ah, ela com a filha dela num... É muito difícil ela brincar com ela. Ela num é uma menina carinhosa, que dá carinho pra ela... Não, a menina já nem gosta dela, também, não. Num chega perto dela, não: Eu num gosto de você, não, nequinha. Num gosto de você, que você me bate. [Risos.] Você me bate! Você queria matar eu e eu num quero você, não. Num quero saber de você, não [...].Pra ela. Ela num gosta dela de jeito nenhum. Tem hora, ela chama ela: Ô, Ró, vamo brincar, Ró! Vamo brincar! Eu, não! Num vou brincar com você, não! Vou brincar com você, você me bate! Você quer tomar minhas boneca, eu num vou brincar com você, não! [Risos.] Aí ela larga a Ró. de lado, passa a mão nos cachorro e vai brincar com os cachorro pra lá. Tanto que brinca... [...] Ela brinca. Tem dois cachorrinho pequenininho, assim, ó... Ih! Ela pega os cachorrinho, vai brincar lá fora com os cachorrinho [...]Criação ela gosta. Ela adora criação. Os gato, cachorro, isso que ela gosta [...] Só de menino, não, que acho que os menino enfeza ela fica...”

Já no início da entrevista D. M. da G. se referiu a um comportamento agressivo de D.: “Antão, a história dela é a seguinte: desde aquela época que o senhor examinou ela, ela já partiu pro médico direto. Ela e a outa. A outa já passou a tomar gardenal e parou. Num quis tomar mais...[...].E ela continuou. Continuou tomando injeção, ‘que ela fica muito agressiva, então...[...]. É, uma vez por mês tem que levar ela pra tomar essa injeção (haloperidol). Ela fica muito agressiva, e ninguém guenta ela! Tem hora que eu perdo a paciência com ela. Aí, bate nela. Quando ela começa demais, aí os outro bater nela, que ela inviste ni mim que nem uma fera! Ela dá pa me agredir. Aí precisa eu pegar ela... pelas cabeça, pela oreia, sacudir ela pra lá e pra cá pra ver se ela volta... E quando ela pega os menino? Ela falta matar os menino! [...] Quando é volta de lua, então, nó! Ela fica mais agressiva [...] Ela toda vida foi assim, agressiva.

Desde pequena ela já veio crescendo com aquela agressi... agredindo a gente. Depois eu peguei e falei: Meu Deus, eu tenho que partir com essa menina pro médico, mesmo, pra ver se ele dá um remédio pra ela pra controlar esse medo dela [...] Aí foi que ele passou a injeção pra ela, ela vem..."

Perguntei a D. M. da G. como que ela estava percebendo essa situação da D., ela disse: *"Uai, a Neginha... Eu fico assim pensando: Meu Deus, essa menina que podia ser uma menina saudável... né? Pra me ajudar, trabalhar, fazer alguma coisa... fica desse jeito. Não faz nada... Aí eu fico oiando pra ela, assim: Ô meu Deus... Que luta essa vida minha! Que cruz pesada Deus me deu pra carregar! Eu tenho que carregar ela até num sei que dia... Eu num sei mais o que fazer, não! Tem hora que eu penso assim: Meu Deus, se eu cair e morrer aqui, o que seria dessa menina? Sozinha nesse mundo? Que o pai, num é dizer que o pai tá aí pra ajudar. Se eu morrer, cair aí e morrer agora, vai sofrer, porque... Num é todo mundo que tem paciência que nem eu. Né?"*

Perguntei sobre o pai da D. Ela respondeu: *"S. sumiu, doutor [...]S. foi embora! Eles quase mataram ele aí e... foi embora [...]Eu sei que eles bateram nele demais! Foi parar no pronto-socorro [...] hora que ele melhorou... acho que a hora que ele saiu de lá, ele... ele foi embora, que eles falaram que se ele voltasse eles iam matar ele. Eu falei: Ô S., vai embora! Vai embora, que senão eles vai matar você! Que eles mandou ele falar comigo pra mim aprontar o caixão dele... comprar o caixão dele, que eles ia matar ele. Agora, que que ele fez na rua, não sei. Num sei que que ele aprontou na rua [...] Ah, já tá com uns quatro anos, doutor...[...] Acho que ele deve tá na casa dos parente dele. Lá na roça, lá".*

Perguntei a D. M. da G. como que ela está percebendo tudo isso que está vivenciando. Ela respondeu: *"Ah, o que tem passado é que minha luta é muito difícil, doutor Lombardi! Eu num sei nem distribuir a minha luta, a minha vida como tá...[...] É tanta coisa na minha cabeça que... não dá mais pra... [...]"*

Ah, tem dia que a cabeça fica... Dá vontade de sair assim, ó, às vez, assim correndo, quando eles começa com aquele desespero deles. Que eles começa a falar, a mãe (D.Cl.) começa a falar do lado, dá vontade de sair assim correndo e largar todo mundo dentro de casa, e sair, e sumindo, e andando, e andando, sem ter paradeiro, sabe? [...]"

Dá vontade de sumir e largar eles tudo lá dentro de casa! Tem hora que eu falo pra eles assim: Gente, se vocês começar desse jeito, eu vou sair. Vou sair e vou largar vocês aí [...]Quelas brigaiada deles lá dentro de casa. Que começa a falar...[...] eles mai mãe (D. Cl.), lá. Que ela fala dum lado, eles fala do outro...[...] Ela. (D.) Ela é danada, também. Aí perguntei, mas a D. fala dentro de casa? Ela respondeu: "Ela fala, e hora que ela tá irritada ela começa a falar, e começa a gritar, e vira aquele desespero! Ela mai Li. ... Falei: Hora que vocês ficar desse jeito, eu vou sair e vou largar vocês aí. Que eu num vou dar conta, não. Vou sair e largar vocês tudo aí dentro de casa passando fome! Vai ficar todo mundo dentro de casa passar fome aí, ó. Não vou correr atrás de nada pra encher suas barriga, não. Vou sair fora. Aí ela fica assim, pensando..."

Mãe (D. Cl.) fala: É... Bem que eu num queria vim pra cá. Eu num queria. Uai, ma, mãe, como é que a senhora num ia vim, mãe? A senhora tava doente. Como é que ia fazer?' Que eu truxe ela pra cá

pensando que a doença dela era uma coisa simples, que ela sarava logo e ia embora prá casa dela. Mas acabou que aí, ela chegou aqui... Ela veio... Ela ainda veio andando com os pé dela, ainda”.

Perguntei para D. M. da G. sobre a saúde dela. Ela disse: “*Ah, minha saúde, doutor Lombardi... Eu tô sentindo: pressão alta... úlcera... Eu até tomo remédio direto pra úlcera... e remédio pra pressão, também [...] Diz a doutora que eu tô com uma... Como é que fala? Nunca ouvi falar o nome desse troço... Tirose, sei lá como é o negócio, lá... Diz que tá muito alto [...]Tem que controlar. Fazer controle. Ah, eu num quero tomar essa remedada, não! [Risos.] É tanto remédio!” .*

Reg. No 20

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

G.M., 9 anos e 11 meses, masculino, com história pregressa de gravidez materna com edema, hipertensão e uso de aldomet. Relata fratura de clavícula este ano e uma hospitalização de um dia devido a dor abdominal, com a idade de 4 anos. Há história de falecimento de irmãos. Criança freqüentou a creche por 1 ano e depois só foi para a escola com 8 anos de idade. G14P13A1.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação de Desordens Psiquiátricas na Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

tensão; inibição; retraimento; apatia; medos

Sintomas especiais e síndromes não classificadas em outro local:

roendo unhas

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtornos (atrasos) mistos do desenvolvimento:

Leitura; matemática; linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Sugestivo de parasitose (palpação de áscaris e dor abdominal, abdome abaulado. eliminação de áscaris); cárie dentária; desnutrição aguda?(criança emagrecida, pele seca)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:

pai – agressividade, irritabilidade, alcoolismo; mãe – insônia, preocupação, desânimo, deprimida

Relacionamento intrafamiliar discordante:

desarmonia; maus tratos paternos

Falta de afeto no relacionamento intrafamiliar:

agressividade paterna

Controle paternal inconsistente ou inadequado:

agressividade paterna

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

pai – servente de pedreiro, analfabeto; irmãos – muitos analfabetos e sem habilitação profissional, história de repetência escolar

Condições de vida inadequadas:

miséria; aglomeração; fossa; banho em “bacia de pneu”; dividem a mesma cama; luz de vela; lixo queimado

Estresses ou transtornos no ambiente escolar:

baixo rendimento escolar; repetência escolar; isolamento dos colegas

Outros estresses psicossociais intrafamiliar:

irmãos – irritabilidade, choro, transtornos da fala; mãe – problemas dentários, hipertensão arterial, cefaléia

Outros:

família numerosa; residem em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 13 anos. Não está estudando. Mãe diz que não tem condições de comprar material e acha que quando eles crescerem será mais fácil porque eles mesmos comprarão o material visto que o pai não importa. Só o mais velho está estudando à noite.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista do G.M., hoje com 27 anos, aconteceu no dia 26/08/2008 na Paróquia São Brás. Ele veio acompanhado da mãe, D. E., (D.N.) que também participou da entrevista. Eles estavam receptivos e chegaram até um pouco antes do horário marcado.

Começamos pela vida escolar. G. relata que estudou até a 3ª série. D.N. disse que: “É. Ele tinha passado prá terceira. Aí ele parou”. G. afirmou que nunca tinha sido reprovado mas D.N. corrige: “Acho que ele teve só um ano, só. Só um ano reprovado”. G. completa: “Ah! O ano que eu fui reprovado foi o ano que eu quebrei isso aqui, né?” D.N. fala: “A clavícula...[...]pegando traseira do caminhão”. G. relata que: “Nessa época eu tava estudando! Tava estudando. Memo assim, que eu tava estudando... Quebrei a clavícula, memo assim eu num deixava de ir na escola, não! [...]”

Num deixava de ir na escola, era raramente eu matar aula... Assim, se eu matasse aula, eu preferia ficar em casa. Pra mim matar aula... Eu falava assim: Não, hoje eu num vou na aula, não. Então, preferia ficar em casa. Num vestia o uniforme e falava assim: Mãe, eu vou prá escola e chegava lá e num entrava. Nunca fiz isso! Chegar e num entrar na escola, não. Se for pra mim matar aula e vestir o uniforme e falar assim: Mãe, vou prá aula e matasse aula fora da escola e... Aí eu nem ia na escola, não. Ficava

dentro de casa. Falava: Mãe, hoje eu num vou na aula, não. Ia na escola, estudava... Gostava de estudar... Nunca falava assim: Ah, não. Hoje a aula tava ruim. Hoje a aula de Português é ruim; a aula de Matemática, ruim. Num falava, não. Se eu tô aqui, então eu vou ter que aprender isso de qualquer maneira! Num posso ficar indo na escola e... Tanto que, quando eu parei, a minha mãe falou assim: Cê num vai na escola mais, não? Eu falei assim: Ah, mãe, num vou na escola mais, não. [...]

D.N. acrescenta: *“Mas só tinha um porém. Sabe o que que acontecia com ele? Se tivesse a comida pra ele comer... aí ele ia na escola. [...] Se cê falasse com ele assim: Num tem...[...]*

Acontecia... Aí ele ficava nervoso... Falava assim: Ah, mas eu quero estudar, mas eu tô com a minha barriga vazia. Como é que eu vou na escola? Falei: Ô meu Deus...” G. explica: “Porque a merenda na escola era muito tarde, sabe?[...] Aí, porque ocê almoçando em casa, ou ocê fazendo um lanche em casa, até pra chegar na hora da merenda, ocê guentava. Ma aí, quando a merenda era tarde assim, eu nem ia na escola, não. Falava: Ah, mãe, eu num vou na escola, não. Num tem comida em casa. Como é que eu vou na escola [...] Tendo comida, eu estudava tranquilo! [...] Nó...! Eu lembro que quando tinha comida em casa, eu falava assim: Hoje eu vou na escola. Chegava na escola, nossa! Bom demais! [...] Se num tivesse comida, num gostava de jeito nenhum!”

Perguntei porque G. parou de estudar. G. respondeu: *“Ah, a dificuldade era muita demais”*. D.N. acrescentou: *“Ah... Ficava sem alimentação, né? Inclusive, tem essa irmã dessa vizinha que veio com a dona Conceição, lá, ajudava muito eles na escola. Eu devo ela muito. Sobre a merenda, sabe? Ela falava que podia mandar eles que a merenda era por conta dela, que ela dava a eles um pouco mais... né?”* D.N. fala que: *“É. Num tinha nada”*. G.: *“É, da alimentação, negócio de roupa procê ir prá escola, né, não?”* D.N. fala que: *“Num tinha sabão, não tinha nada...[...] Olha que eu contar pro senhor que teve uma vez... Que eu morava nessa mesma rua que eu moro, mas debaixo, na onde que tá os prédio, agora [...] E nós passamo um ano comendo aquele macarrão cortado purinho! Um ano certinho.[...] Só o macarrão purinho. Sem nada, nada”*. Perguntei se havia alguma outra dificuldade, D.N. disse: *“Não... Era só isso, porque até bom pra estudar... Engraçado, o pai dele num gostava...”*

Sobre ter deixado a escola, G. completa: *“Depois de cinco ano que eu parei de estudar, eu falei assim: Nó, arrependi de ter parado de estudar. Era pra mim ter parado de estudar, não. Pensava assim: Nó, esses cinco ano que eu parei de estudar, se eu tivesse estudando, eu tinha formado, tava com um bom emprego... Hoje, aqui, nem com emprego eu tô... Mal, mal sei assinar meu nome... Mal, mal sei ler... Eu falava assim... Eu queria voltar a estudar, só que num tinha ânimo! Tá ligado? Porque, antigamente, quando cê estudava, tinha uns colega seu que... Apesar que eles num ia na escola pra... Alguns estudava e alguns, não... Pelo menos cê tinha alguma companhia procê ir prá escola. Mas hoje em dia cê num tem colega procê ir prá escola”*.

G. relata que *“Tô até hoje parado [...] E tem hora que eu penso em voltar prá escola, assim, pra mim ter mais um aprendizado melhor, mas só que...”*

Perguntei quantos ele tinha quando saiu da escola. G. respondeu: *“[Pausa.] Num sei se é onze ou doze ano. Por aí”*.

Quanto ao histórico da vida profissional, G. relata que: “Ah, os primeiro... Quando eu comecei... O primeiro trabalho que eu peguei, assim, foi de jardineiro, né?” D.N. corrige: “É... Não, mas antes disso, quando cê era menor, era carregar material...[...] pros vizinhos. [...] Carregar areia, e tal...areia, cimento [...] brita, tijolos [...] É... Vocês todos faziam, lá, o frete, sabe? G. comenta sobre esse último serviço: “Pesado, memo! Pesado, que a gente ficava ali... Ficava assim... Nó! Tem hora que até hoje eu lembro. Tem hora... Nó! Ficava morrendo pra carregar areia, brita, assim, esses negócio pesado, pra ganhar uma mixaria... Hoje em dia, aí, a gente olha assim, o pessoal chama – num é que a gente num quer – mas, chama a gente, assim, pra carregar areia, brita, assim, eu falo: Ah, não, zé. Isso aí...”

G. continua: “É. Às vezes a gente saía e andava, assim, alguém falava assim: Ou, me ajuda a limpar um lote, ali? Me ajuda a carregar umas madeira, aqui? Ajudava a carregar as madeira...[...] Trabaia de capinar...”[...]

Lavava carro, também. De dia de sábado, assim, a gente marcava... Na sexta-feira ou na quinta, saía nas... Tem, Reg. carro aí no dia de sábado? Não, pode vim aqui que eu deixo cê lavar... Lavava carro, ganhava um dinheiro... Trazia prá minha mãe... Daí que a coisa começou mais equilibrar, assim, quando eu comecei a trabalhar em obra, assim. Já tava indo em obras...[...]

Dezenove pra vinte ano, aí eu comecei a ir em obra. [...] Ah! Fazia massa, carregava massa...[...] É. Servente. Servente de pedreiro.[...] Carregava massa... Carregava tijolos... E fazia o que na obra a maioria dos servente faz, né?[...]

Ah, depois de servente de pedreiro eu arrumei um serviço com um colega meu de jardineiro, né?[...] É, numa casa. Aqui no...[...] É, a família me dava o almoço... Comecei a trabaia... Trabaiaando, né? Igual, trabaiaando, assim, mexia com as planta... limpava piscina... lavava o carro...[...] Aprendi a limpar piscina... Aprendi a limpar piscina, lavava as casinha do cachorro, o carro... Tudo que eles pedia pra eu fazer lá na casa, eu fazia”. Perguntei se teve a carteira assinada: “Não. Num era, não. Era bico, ainda”. D.N. acrescentou: Mas sem contar, né, que o vizinho, lá, chamava ele pra mexer com pintura. [...] Aprendeu a pintar... assentar cerâmica...”

G. continua: “Aí, trabaiei lá um mês e pouco, depois saí. Saí... Saí, fiquei desempregado... Que falava com a minha mãe: Nó, mãe, precisando arrumar um emprego pra mim, né? Falei: Não, vou arrumar um emprego! Aí foi, arrumei um emprego. Terminei num que trabaia eu e um colega meu. Ele arrumou pra mim, né? Nó, tô precisando dum cara, ali, pra me ajudar ali a furar uns tubulão... Trabaiei até de furar tubulão! Óia procê ver que...[...]

É o Joh.... Joh. ... Chama até Joh. Ele chamou eu, falou: Nó, tio, tô precisando de um cara pra ajudar eu a furar um tubulão, ali... Eu furo e o cara ajuda a puxar terra, puxar... Eu falei: Ah, vam bora lá! Num tô fazendo nada, memo! Vam'bora! É bom que eu distancio dessa rua, aqui, que cê sabe que essa rua nossa, aqui... O cara, a pessoa que fica parada nessa rua, aqui, é... Atrai só problema. Só coisa ruim. Falei: Vamo! Comecei a trabaia lá... Trabaiei lá o quê? Quase um mês, também. Depois saí...[...]

Sem carteira assinada. Aí, depois que trabaiei sem carteira assinada, saí desse emprego, fiquei o quê? Mais ou menos, o quê? Uns... Ah, uns cinco mês, seis mês parado, desempregado. Num arrumava serviço em lugar nenhum... Até que surgiu esse serviço lá perto de casa...

D.N. explica: “Vila Viva [...] É. Com esse projeto de acabar com as favela, né? Foi bom que...[...].” G. continua: “Foi o ano passado. Foi ano passado, que eu... Ih! Comecei a trabaia de carteira assinada, tinha o quê? Vinte e seis ano, uai. [...]

... tava lá... Meus irmão... Todos dois meus irmão já trabaia lá, né? Aí surgiu esse emprego lá, essa vaga lá, aí eu fui e falei assim: Ah... Cheguei lá, falei: Ca. ... Peguei e falei: Cê ‘tá precisando dum faxineiro, aí? Ele falou assim: Não, eu tô precisando dum faxineiro aqui, memo. Fui, tirei o meus documento tudo... Comecei a trabaia lá de faxineiro...[...] Ah, eu fiquei lá acho que dez mês. [...] Eu saí em... Ah, ele acabou agora. No quê, mãe? Em novembro...[...] É, em... É, em julho! É. [...]

Não. Eles num me demitiram, não. Eles tinha outro... Eles tava trabalhando noutro... Eles pegou outro serviço. [...] Só que eu falei assim: Ah, não. Num quero ir pra lá, não, porque num sei se lá eu vou ter a mema função que eu tô aqui, né? Então eu fui e falei assim: Ah, não. É melhor, se eles num me demitir, eu memo... Aí eu fui e pedi a eles pra me demitir. Aí eles foi e me demitiu, aí. G. finaliza: “...Eu tô três meses de seguro”. Perguntei a renda dele agora que ele está no seguro desemprego. Ele respondeu: “Quatrocentos e tantos...[...] Dá! Dá trezentos e sessenta, por aí...[...] Até... Agosto, setembro, outubro... [...] É. Final de outubro, acaba”.

G. fala do trabalho e os colegas da vila: “Na obra, assim, fazia bico ali... Nunca falava assim: Ah, não. Aqui tá ruim demais. Nunca falava assim, não. Porque, emprego, quando a gente tem emprego... Assim, a gente trabaia de carteira assinada, assim, a gente ter um emprego, assim, de carteira assinada... A gente trabaia sabendo que tem um salário da gente, assim, um dinheiro prá gente gastar, assim, num tem coisa melhor, não. Vendo, assim, olhava, assim... Os pessoal: Cê ‘tá trabaiaando? Tô. Ah, não! Se eu fosse ocê, eu num trabaiaava, não! Se... Menino, memo. Tinha um dia, assim, cê oiava assim pra eles... cê vira assim pra eles, assim, e falava assim: Ah, não. Se eu fosse ocê eu num trabaiaava, não. Aí eu falei assim: Por que não? Ah, não. Trabaia é ruim demais, sô! Porque, aqui, nós num trabaia, não! É preferível nós ficar... Nós fica aqui... Nós fuma nossa droga aqui... Joga bola... Ah, não. Falei. Ah, não. Sou mais trabaia, mesmo. Sou mais... Muitos colega meu falava pra mim num trabaia, mas eles ficava na rua, envolvendo com a malandragem... Me chamava eu, eu falava assim: Ah, não, zé. Sou mais ficar ralando, aqui, carregando isso aqui, memo... carregando cimento... carregando tijolo... de que ficar aí na rua, aí, zé. Chegando final de semana, cê precisa de um dinheiro, cê num tem... Chegando... Cê ‘tá afim de comer alguma coisa... Quando eu num tava trabaiaando, eu ficava oiando, assim, as pessoas comendo... Comendo o quê? Biscoito, zé! Biscoito... Ficava comendo pão, assim, e eu falava: Nó! Eu afim de comer um pão, ficava oiando, assim, falava assim: Nó... Num tenho um dinheiro pra mim comer um pão... Num tem nem prum biscoito... Eu já ficava assim, eu falava assim: Ah... Vinha uns pensamento, assim: Ah, vai roubar! Falei assim: Roubar? Ah, não. Num tenho coragem, não. Num tem coragem de tirar dos outro pra mim me sustentar, não. Num tenho coragem de entrar, assim, acordar, assim, e falar: Eu vou roubar aquilo ali pra

mim comprar um pão, comprar um biscoito. Eu falava assim: Ah, não. Num tenho coragem, não. Se aqueles pessoal, ali, têm, porque eles lutou pra ter, então... Se eu for lutar, eu num preciso de roubar. Se for pra mim roubar, então... Se for pra mim roubar, então, nem precisa de roubar, não. É preferível morrer, então. Alguém vim e querer me matar do que roubar e ficar olhando, assim, vendo os colega meu, que era pequeno, os polícia batendo, assim, na casa deles, assim, procurando. Ah, procuro Fulano de Tal... E eu pensava: Nossa, se eu tivesse entrado nessa vida, o que seria da minha casa, hoje, hein? Polícia batendo, polícia caçando eu... Óia procê ver. Não... Eu num entrei, óia aí como eu tô. Polícia passa perto de mim, num fala nada. Nem... Mal, mal revista... Enquanto que os meus colega de infância, assim, ó, uns tão preso, outros tão morto... Por quê? Porque preferiu o outro lado, né? Eu, não. Graças a Deus, Deus me deu força pra eu num prossegui pro outro lado... Apesar que eu num tô trabaiano, mas num penso em ir pro outro lado..."

Perguntei qual está sendo a reação dele com a saída do emprego. Ele respondeu: *"Porque essa parada de emprego é... Essa parada de emprego... Porque, tipo assim, quem já trabaioi o primeiro emprego sabe. Que quando cê para e fica parado seu pensamento... Quando cê tá trabaiano, seu pensamento é outro. Ali cê tá trabaiano, ali, cê tá prestando atenção no teu serviço... Sem pensamento do mundo. Sem pensamento tá lá fora na rua... Sem pensamento de... Cê num fica pensando... Quando cê tá trabaiano, cê num fica pensando no que tá acontecendo na sua casa. Cê fica assim: Ah, tô trabaiano aqui, chegar lá em casa, lá, eu vou tomar meu banho e vou sair. Agora, ocê desempregado, não. Seu pensamento já é outro. [...]"*

...e se ocê num tá recebendo seguro, e ocê vai caçar serviço e num acha, seu pensamento já fala o quê? Uai! Ó, o Fulano de Tal, aí, mexe com droga. Pede a ele uma droga procê vender. Ou então cê fala com ele onde é que tá precisando dum cara pra vender droga e vai! Esse que é o pensamento do jovem de hoje em dia".

Pedi ao G. para falar sobre esse assunto. Ele disse: *"É, lá do nosso lado é, né? Porque tem muitos vendendo, né? [...] Tem. Tem muitos que vende droga ali. [...] Não, eles vende pra eles memo, sabe? [...] No bairro, mesmo. [...] Da vila usa. Tem muito pessoal lá que usa. [...] Perguntei se existe venda para pessoas de fora. Ele respondeu: Não, da vila e vem de fora, né? [...] Não, o que domina mais é os pessoal mais de dentro, né? Lá na nossa rua, mesmo, tem, lá. Menino criado lá dentro, também. [...] É. Que vende. Aí cê fica desempregado, assim, cê vê eles, assim...[...] Cê fica oiando, assim, cê fala: Ah, vou entrar nessa vida. Cê pensa em entrar..."*

Perguntei ao G. sobre ter estudo e a droga. Ele disse: *"Procê querer ser um traficante ou ocê querer ser um usuário de droga num precisa de estudo, não. [...] Encarar a droga... Encarar procê ser um traficante é fácil.[...]"*

É fácil porque os colega que tá com ocê torna aquela coisa ficar fácil, entendeu? Que se ocê num usa e ocê quer ser um traficante, eles sente a vontade em ocê. Não, cê tem que usar procê ver como o negócio é. Porque aí te... Eles falam assim: Ah... Se 'ocê fumar droga, cê tem mais força. Se ocê cheirar

uma cocaína, cê fica mais forte, cê tem mais disposição. É mais fácil. É uma coisa, tipo assim, que estimula o cara a continuar naquilo ali porque é mais fácil e ocê tem dinheiro.[...]

Droga é o tipo da coisa que dá muito dinheiro porque... Por isso que tem jovem aí que num sai porque uns tem medo e outros não. Porque tá dando dinheiro. Porque, eles trabaiano ali, eles falam: Ah, não. Esse tanto de dinheiro que eu tô tendo na droga eu num vou ter trabalhando”

Perguntei sobre a saída do tráfico. G. disse: “ ... Ele num sai porque ele acha que... se ele sair, acho que a sociedade fala assim: Ah, ele era traficante, agora saiu das droga e tá trabaiano. E ele também acha que, se ele sair, ele tem menos respeito, sabe? Ele vai ser... Solicitei ao G. para falar sobre esse respeito. Ele disse: “É. É menos respeito é assim: quando o cara é traficante, ele tem mais respeito. A sociedade, assim, olha pra ele assim e fala: Ó, Fulano de Tal é bem respeitado. A polícia fala assim: Nó, que Fulano de Tal é... Ah, cê conhece Fulano de Tal? Aí a gente fala: Não. Num conheço, não. Esse Fulano de Tal, fiquei sabendo que ele tá aprontando aqui demais. Aí quem fala no nome dele fala assim: Fulano de Tal é bem respeitado. Cê chega, assim, todo mundo: Ó, Fulano de Tal é isso; Fulano de Tal é aquilo... Fulano de Tal... Todo mundo respeita ele. Por quê? Porque ali ele é o quê? Todo mundo olha ele, assim, e fala: É o chefe! Ele é que comanda.”

Aí o quê? Se ele saísse e falasse assim: Ah, não. Agora num quero vender isso mais, não. ele seria desrespeitado. [...] Ele ganharia muitos o quê? Muitos falava assim: Ah, eu num respeito ele mais, não. Ele num é nada, mais... Agora ele é, assim, simples trabalhador.”

D.N. acrescenta: “...Mas é baseado nisso aí, mesmo. Porque quando um traficante bem, mesmo, daqueles, mesmo, forte, mesmo...[...] Né? Eles têm várias carros...[...] ...têm várias motos, têm várias casas...[...] O dinheiro rola solto mesmo...! Né?”

G. continua: “ porque quem tá sem dinheiro e vendo que o traficante tem dinheiro, tem carro, tem moto... Aquele jovem que tá ali vendo aquilo ali... Nó! Fulano de Tal cabou de passar de carrão aí agora! Muito jovem fala assim: Nó! Quando eu crescer, eu quero ser que nem ele! Então, agora, se ele fosse um cara trabaiao, fosse um cara que largasse aquilo lá e começasse a trabaiao, quando aquele jovem vê ele, assim, fala: Nó, aquele cara é trabaiao, também vou trabaiao. Tá ligado? O pensamento dele já era outro. Agora, se ele vê o traficante com o carro... Nó! Aquele traficante ali tem altos carro, altas moto. Nó! Quando eu crescer, eu vou ser que nem ele. Muitos jovem pensa assim, tá ligado? Acha que só por o traficante ter arma, ou ter carro, ou ter dinheiro, acha que quando crescer vai ser que nem ele. Num é assim, não. A coisa num funciona assim, não. Ele, ali, ele pagou um preço pra tá ali. Porque se ele num tivesse pagado um preço ele num tava ali, não. Todo nós, se a gente quiser ter alguma coisa...[...] É. Todos nós que quiser ter alguma coisa, a gente tem que pagar o preço.”

Perguntei ao G. sobre a profissão dele. Ele disse: “Ah, eu acho que eu num tenho uma profissão ainda certa, não”.

Desde o início da entrevista, quando eu solicitei ao G. para falar da época de escola ele se refere a família “Aí daquela época lá foi que começou os problema em casa, né? O meu pai (hoje falecido) era muito nervoso... Aí aquilo ali dava vontade, assim, da gente até ser... Ah, vou virar bandido. Falei assim.

Ah... Mas... Pensamentos que vinham, assim, na cabeça da gente: Ah, vira bandido, sô! É bom que cê sai da sua casa... Aí veio aqueles pensamento, só que eu preocupava muito com a minha mãe, né? Porque em casa era minha mãe, mas meus irmão era tudo pequeno, né? O mais véio lá num era grandão assim, não, né, era maior. Aí veio os pobremas... Meu pai chegava em casa... Bebia... Uma hora chegava em casa querendo bater na minha mãe... Aí o tempo foi passando, né? Eu comecei... Aí eu fui... Minha mãe... Vendo a dificuldade, assim, em casa, eu passei a.. Ah, quando eu crescer, eu vou ter que começar a trabaiá pra ajudar em casa. Aí fui fazendo um biscate ali, fazendo outro aqui... Aí eu falei assim: Ah, não, isso aí num tá me gerando o fruto pra mim, pra dentro de casa, não. Aí eu falei assim: Ah, eu vou começar a trabaiá agora... Comecei a trabaiá, agora, num biscate de, assim, de segunda a sábado... Pensava em voltar prá escola, só que... Ah, não, voltar prá escola e parar de trabaiá... Isso aí... Pode trazer um lucro no futuro, mas eu ter de deixar de trabaiá pra... E eu vendo as coisa dentro de casa, assim... A gente passava praticamente até fome, né? Teve uma vez que meu pai saiu... Voltava só no outro dia. E, memo assim, quando ele voltava, voltava bêbado...”

D.N. lembra da participação dela e do pai do G. nas reuniões da escola: “É. Nas reuniões, eu participava... A professora chamava pra ir pra conversar, eu ia, conversava, sabe? Eu num deixava, não. Isso aí, não. [...] Porque se dependesse do pai, num ia fazer, mesmo, né? [...] Ele não ajudava porque ele não trabalhava. [...] É. O mal dele era esse. Era beber dia e noite... E jogar... Ah, jogava baralho. [...]

Jogou muito baralho! E ali, se eu não ficasse atenta, até as coisa dentro de casa ele levava. A roupa do corpo... Sabe? [...] Tudo no jogo. [...] Era jogo e bebida. É. [...] É. O maldito do jogo. Odeio.[...] Não. Fazia nada.”

Perguntei se acontecia alguma outra coisa que preocupava. Ela respondeu: “Ah, violência, né? [...] Porque ele sempre pegava os menino, ele falava... Porque ele não dava uma alimentação... É claro que uma criança, principalmente pra fazer, ela tem que chorar à noite. Como é que ela vai conseguir dormir? Ela num entende, né? Ele falava que ia bater, que ia pegar a cabeça, jogar na parede... Falei: Ah, num vai, não. [...] Aí eu... É como se diz: num é que eu media força com ele, porque eu num era páreo pra ele, né? [...]

Ah, mas Deus, na hora, Deus me dava força ali... Que eu defendia eles. E eu também. Mas só que aí eles foram crescendo, foram vendo aquilo, aí ele passava a amolar a faca e colocar embaixo do travesseiro. Aí eu não sabia se eu dormia, nem se eu ficava acordada, com medo. Que ele falava que ia me matar, né? Aí eu falava: Meus menino é pequeno.

Era briga demais, né? Constante. Era todo... Mas o ano inteiro. O ano inteirinho! De domingo a domingo, de Natal a Natal... Natal, lá, num existia, né? [...] Num existia. Porque ele num ligava pra nada, num preocupava com nada... Adoecia, tudo era eu... Se eu num socorresse, eles morria à míngua... [...]

A gente não conseguia ter paz. Era entrava ano, saía ano... Às vezes a gente tava tranquilo, né? Eu e eles em casa. Era só ele chegar, aí o inferno começava. Mas esse homem xingava tanto palavrão! E falava, e xingava.. Mas, aquilo, ninguém tinha mais sossego. E foi assim a vida inteira!”

D.N. continua: “É... O pai fez falta porque ele deixou a responsabilidade toda na minhas costa. Quer dizer que se algum deles fosse pro caminho errado, a única responsável seria eu. [...] Porque ele tirou o corpo totalmente fora. Ele falava memo: Os filhos são seus. Então cê se vira com eles! Era a palavra dele. [...]...ele jogou todos nas minhas costa. E eu carreguei, né? [...]

E então aquela sensibilidade todinha sozinha. Só com Deus, né? Porque, enquanto eles dormiam, eu rezava e chorava. Sabe? Eu via todos dormindo, naquela pobreza toda...”

D.N. lembra o que acontecia quando chovia: “Quando arrumava um temporal de chuva muito forte, ele saía de casa, sabe? Quando tava arrumando chuva, ele saía. Eu ficava só com eles! Aquele temporal...[...] Uai, eu acho que ele saía... Porque o barraco molhava todo! [...]

E eu tava grávida dele, e os outros pequeno, nós enchia lata de água, em vez de dormir... Onze hora, meia-noite, nós tava enchendo lata, porque goteirava muito... Tinha que encher aquelas lata d’água e jogar fora. E ele nem... Pra ele, era a mesma coisa. Nem pensava em arrumar. Né? [...]

É só começar a chover, ninguém mais podia ficar dormindo. Tinha que levantar todo mundo. E ele num ligava. Xingava demais. Quando ficava em casa, xingava. E num ajudava. Disse que num ia me ajudar, porque não sei o quê, que ele num era obrigado a nada! Ó, ele casou, teve os filho, mas num era obrigado a nada. Ele falava, memo: Eu num sou obrigado a tratar de vocês. Eu num sou obrigado a dar nada... Até falar que a gente podia morrer de fome, ele falava! Sabe? Falava assim: Ó, por mim, ocê e esses menino, que morra de fome!”

G. relata também que: “Quando eu era pequeno, memo, minha mãe até lembra, a dificuldade era tanta lá em casa que eu comecei até pedir. [...] Ó, quando era... A gente saía pra pedir, assim, na casa, assim, mais de gente rica, assim... São Bento...[...] No São Bento, assim... A gente chegava batendo, assim, na casa: Ou, cê num tem um pão aí pra senhora me arrumar, não? Aí as pessoa vinha com aquela sacolada de pão. A gente saía num momento...[...]

É. Comida, pão, saco de comida... Num momento, a gente saía até feliz daqui. Nó, chegar lá em casa, minha mãe vai ficar, nó, feliz que eu tô trazendo isso... Chegava a ganhar carne... Chegava a ganhar pão... Chegava de ganhar um monte de coisa. Chegava, assim, em casa: Nó, minha mãe vai sair até feliz. Teve uma vez que a gente saiu pra pedir... Era até final, até, de ano. Aí ganhei uma cesta... Bolo, esses negócio tudo, assim, caro, véi! Todo mundo, assim, tava assim... Num tinha nada! Num tinha nada, memo. Chegava, assim, aquele pão, aquela cesta, assim... Minha mãe falava assim: Onde cê arrumou essa cesta? Falei: Ah, mãe, eu saí pra pedir, eu ganhei. Aí, falei assim: Ah, faz prá gente, aí, que eu sei que aqui em casa, aqui, pelo jeito, num tem nada... Meu irmão inda ia pro serviço, mas só que recebia, igual, por mês, né? [...] Aí falava assim: Ah, então eu vou sair. Saía pra pedir, memo. Num tinha vergonha. Isso aí...[...]

Ah... Quando eu pedia, aí eu já tava com o quê? Uns dez, onze ano...[...]

Doze, treze ano. Saía pra pedir, memo”.

D.N. relata o que pensava: “Eu pensava em beber veneno... Eu pensava em abandonar eles com ele... Sumir! Sumir no mundo! Mas... [...] Pensei! Eu falo sinceramente: pensei!”

G. relata também como vivenciava o que acontecia em casa: “*Eu me lembro. Me lembro. [...] Vendo aquela situação, querendo fazer alguma coisa, só que cê oiava pra mim, assim, eu era pequeno...[...] Num tinha nem completado pra ser de maior, já. Nem pensava em ficar de maior... Vendo aquela situação, assim, em casa, assim... Meu pai querendo bater na minha mãe... Vendo aquela situação, eu falei assim: Ah... Já pensava até em sair de casa.[...]*”

É. Tanto de dificuldade... Hoje, então, era pra tá vivo, ma era pros irmão... pra mim, que eu, principalmente... era pra tá tudo na bandidagem ou já morto, ou tá na cadeia ou virado ladrão. [...]

O que fazia... É porque eu olhava... Eu num só olhava não só pra mim se eu fosse entrar na bandidagem. Eu, vendo assim, eu num olhava só pra mim. Eu olhava prá minha mãe. [...] Eu olhava prá minha mãe e via assim: Se eu foi na bandidagem... Minha mãe já sofreu muito. Já foi... Tava sofrendo. Se eu for prá bandidagem, vou fazer ela sofrer mais ainda! [...]

G. continua a descrição da experiência: “*Aí eu fui, falei assim: Ah, não. Num vou querer andar com bandidagem, não. Ficava... Tipo assim, ficava no meio dos cara, mas eu... no momento, eu parava... Quando eles vinha pra me oferecer alguma coisa, eu parava pra pensar e falava assim: Se eu for fazer isso, e se a minha mãe ficar sabendo, um: vai trazer problema pra ela, já tá com mais problema, vai trazer mais problema pra ela. Então, parava, assim: Não, muito obrigado... É ocês pra lá, e eu num curto isso... Aí eu ficava assim... Vendo aqueles – que era meu amigo, antigamente, né? – vendo eles tudo indo... tudo assim, oiando, assim, eles, assim... Eles falava: Nó! Isso aqui é bom demais! Eu falava: Ah, não, zé. Isso aqui num é pra mim, não. O tanto de problema que eu passo e eu ainda vou entrar em mais um problema? E ficava oiando, assim, e falava assim: Não... Essa num é uma vida pra mim, não. Por mais que eu quero, aí, me envolver com isso aí, isso aí num é pra mim, não. Num é pra falar que eu nunca cheguei a fumar isso, que aí eu vou tá mentindo.*”

Uma vez eu experimentei memo.[...] Ah, eu experimentei maconha. [...] Saí...[...] Uma vez eu experimentei, de curiosidade, né, zé? Quando a gente é pequeno, assim... quinze, dezesseis ano, a gente olhava assim: Ah, vou experimentar, de curiosidade. Só que experimentei... Minha mãe... Tô contando isso, que eu nunca contei isso prá minha mãe”.

G. continua a descrever seu contato com a droga: “*Oferecia. Sempre oferecia. [...] De graça. De graça. [...]Oferecia de graça.Cê chegava, assim, se tivesse passando, assim, parava pra conversar com um amigo seu, eles já: Nós vamo rolar um ali. Cê quer fumar com nós? Eu sempre falava: Ah, não, zé. Isso num é pra mim, não, zé.*”

Sei. Aí nós fomo pruma festa, né? Uma festa numa rua pra baixo da minha casa, né? Aí os menino tava lá enrolando, eu fui e falei assim: Ó véi, vou experimentar isso, hoje. Só pra mim ver. Só que... Experimentei. Só que num achei que... Eu pensava: Nó! Isso aqui... Todo mundo que eu via fumando aquilo falava: Nó! Isso aqui é bom demais! Só que, pra mim, aquilo num era bom. Experimentei, falei: Não, isso aí num é bom, não. Isso aí... Aí os cara falou: Cê gostou? Falei assim pra eles: Eu vou ser sincero com ocêis: eu num gostei nada disso, não. Isso aí num é pra mim, não, véi. Sou mais eu ficar na minha, mesmo; ficar de cara, igual cês fala, aí. Tem que ficar de cara. Ficar de cara, memo...[...]

Não, usar num é crime. Só que porém, né? Conforme for a droga que ocê fuma, cê vicia. Se ocê viciou, ali já era! Ali não tem como cê tentar sair...[...]

Ó, o vício é... Tipo assim, cê fuma a primeira vez. E ocê vai e gosta. Cê quer fumar da segunda. Seu corpo já pede ocê fumar da segunda. Cê fuma da terceira. Cê fuma da quarta, aquilo ali, procê, já passa de ser um vício.[...] Aí, aquele vício, se ocê num tiver trabaiano, procê manter ele, ele... o vício mesmo, se torna a querer ocê a roubar.[...]

Aí ocê vender alguma coisa que tem valor... Aí ocê vai lá e vende, que muitos colega meu eu já vi fazer isso... Tem o vício e tendo que roubar pra querer manter o vício... E ali, ali gera ocê a roubar, a ocê ser preso... Aí ocê... Muitos colega da minha infância, alguns morreu, outros estão preso, outros estão no mundo, aí, por afora, aí... Eu, igual, o único... Não, o único, não, né? Que muitos aí também que... meus colega, também num fuma isso, num faz isso. Muitos consertaram... Outros deve tá até preso até hoje... Mas, aí, vício é uma coisa! Vício da droga é uma coisa que, nó, se o cara num tiver força, memo, e num quiser falar assim: Não, eu parei... Tanto que, do vício da droga, vem o vício, também, da bebida.

Aí é que tá. Vício da bebida é um vício que... Nó! Eu tentava num beber... Eu num bebia... Bebia. Só que, quando eu era mais... quando eu comecei a saber, assim, do vício da bebida, assim... Eu via meu pai. Eu falava assim: Nossa, será que eu... Muitos falavam assim: Nó! Cê vai ser que nem seu pai. Nó! Seu pai bebe pra danar! Cê vai ser que nem ele. Aí eu pensava. Colocava aquilo na cabeça: Puxa... Eu num posso seguir o exemplo do meu pai, porque meu pai bebia, assim, ó o exemplo que ele dava. Beber, chegar em casa, assim, eu... Ah, não. Quando eu tiver de maior, assim, eu num vou querer ser que nem meu pai, não. Vou querer seguir outro caminho. Um caminho onde que eu num preciso ficar bebendo, de ficar vindo bêbado, assim, pra dentro de casa, assim... Só que comecei a beber... Comecei a beber em festa. De pequeno, assim, bebia... Só que eu bebia mais final de ano. Ou então em festa, assim. Num gostava de ficar bebendo, assim, todo dia em bar, não. Nem em bar, assim, eu entrava pra comprar bebida, não. Era raro. Aí, vindo o vício da bebida, assim, bebi... Cheguei uma vez em casa – eu lembro até hoje! – cheguei uma vez em casa bêbado, memo... Oiando assim... Minha mãe falou: Cê bebeu, né? Cê tá bebim, né? Aí, vendo aquela situação, assim, no outro dia, assim, eu pra pensar, assim: Ah, não. Esse negócio de bebida, esse negócio de cê ficar indo prá balada... Isso aí, comigo, num tá fazendo bem. Aí eu falava com a minha mãe... Até eu falei com a minha mãe: Parei de beber. Falei prá minha mãe: Parei de beber, mãe. Aí minha mãe: É? Falei:É. Até vinho! Até vinho. Eu falava. Até vinho eu parei de beber, mãe. Até vinho! Minha mãe até falava: Cê num vai beber? Falava: Ah, não, mãe. Nem vinho, eu não. Quero beber, não. Parei disso”

G. volta a falar no que sentia dentro da família: “Ah... Da forma deu pensar assim que... Que que eu tô fazendo aqui? Que que eu tô fazendo, assim, dentro de casa? Com esse tanto de problema assim... Pensava em fugir, tá ligado? Pensava em arrumar um lugar e esconder... Ah, não. Vou desaparecer... Vou caçar outra coisa pra mim fazer, um negócio pra mim ficar bem longe, bem longe de dentro de casa, porque do jeito que tá num dá pra continuar, não. Só que, memo tempo que eu pensava em fugir, eu falava assim:Nó!... Que eu pensava: Nó! E meus irmão? E minhas irmã? E minha mãe? E meu pai? Pensava, assim, meu pai velho... E meu pai?”

Aí pensava assim: Ah, não. Num vou fugir, não. Se for encarar isso aí e passar por isso aí, então eu vou ter que encarar; ma não querer encarar e... Igual, assim, muito tentam encarar... Muito jovem daquela época minha tentava encarar aquilo ali e... nas droga. Via problema dentro de casa e... Chegava, assim, a comentar comigo: Nó, eu tô passando dificuldade de dentro de casa demais... E eu vendo ele, assim... Mas cê tá passando dificuldade dentro de casa? Tô, zé. Nó! Então é dois, viu? É eu e ocê, viu, zé? Que lá em casa também... Vício, também, lá em casa tá pegando também, viu? Nó! É dificuldade demais, véi.

Aí eu vendo eles assim, eu falei: Ah, vou ir pra festas! Sair que... Me chamavam: Vamo prá festa? Eu falava: Ah, vamo véi! Vamo. Chegava lá, eles... Nó, vou fumar um ali, ver se eu esqueço os problema. Eu falava: Ah, não, zé. Vou ficar memo... assim, ficar de cara, memo... Vou fumar nada, não; vou beber nada, não, zé. Ma por que não? Ah, não, zé. Vou beber nada, não. Já basta os problema que eu tô vivendo em casa, eu vou caçar outros problema? Aí os cara: Ah, eu vou, eu vou. Falei assim: Ah, eu num vou, não. Vou ficar assim memo... Quando for a hora, aqui, também, daqui a pouco eu tô indo embora... E ficava pensando... Tipo assim, ia em festa, mas sempre pensando em casa, né? Que que tá acontecendo lá em casa? Que que será que tá acontecendo lá em casa? E vinha embora, né? Vim embora... Chegava em casa, meu pai num tava em casa... Meu pai chegava tipo uma hora, duas hora da manhã... Três horas... Sempre chegava bêbado. Nunca chegava são”.

Perguntei ao G. se essas experiências afetavam sua parte emocional. Ele respondeu: “Afetava. Afetava. [...] A minha parte emocional afetava que tem hora que eu ficava, assim, num canto, assim, sozinho, querendo ficar solitário. [...] Ficava ali num canto, assim, sozinho, assim, pensando. Né? Aí, gostava de jogar futebol, comecei a nem ter vontade de jogar bola, vontade de ficar saindo... Nem vontade de querer trabaia... Igual aí, comecei trabaia bem tarde, memo. Nem vontade de trabaia eu tinha. Da parte emocional, assim... Dá vontade de você fazer nada! Dá vontade docê ficar sozinho num lugar, solitário... Tipo assim, longe de tudo e longe de todo mundo. [...] Longe de todo mundo. Ficava assim: Ah, não. Num tô afim de fazer nada. Fica, tipo, viajando. Tá ligado? [...] Viajando. [...] Ficava parando, assim, viajando, assim, né? Que que tá acontecendo? Num tenho força pra fazer nada! [...] Isso eu tinha o quê? Vinte e três pra vinte e quatro ano.

Perguntei se no tempo da escola o que acontecia em casa interferia na vida escolar. Ele respondeu: “Tipo assim, era muito nervosismo. Dentro de escola... Eu gostava de estudar, só que... Eu me lembro, quando alguma pessoa, tipo assim... te tirava ocê dentro da escola, aquilo ali já subia um nervosismo, tá ligado? Aí o que... Cê pensava: Ah, não. Isso aí tá acontecendo em casa, assim, então eu vou querer descontar nele. E quem tava querendo tirar alguma coisa... tipo, tirar... aí o que tava acontecendo dentro de casa já me pegava num... Tipo assim, nem todo dia a gente amanhece bem.[...]”

Aí, se falava assim... Tem problema dentro de casa, aí cê falava assim: Ah, não... Hoje eu vou prá aula, mas se alguém me tirar na aula, hoje, eu vou brigar, e num quero saber de nada. Se mandar expulso da escola, eu vou ser expulso, mas que hoje eu vou brigar, eu vou. Só que isso aí, pra mim, num levava a nada, num trazia nada, tá ligado? Eu ia trazer meus problema de dentro de casa pra dentro da escola. Aí

não... Aí chegava na escola, ficava, assim, mais calmo... Num pensava mais nisso... Aí eu falava assim: Ah, não... Aí eu via, assim, quando a pessoa começava a escrever no quadro, eu falava: Ah, vou estudar, pra mim ver se eu tiro esse pensamento da cabeça. Aí...[...] Ah, o pensamento de desistir de tudo. [...] Gostar de desistir... Ou entrar na vida do crime...[...]

É, vindo na minha mente. Vou entrar na vida do crime... Ficava assim: Ah... Depois falava assim: Ah, num vou entrar nessa vida do crime, não. Tô vendo meus colega, aí, tudo aí, andando, aí, ó. Ó.”

Perguntei ao G. como que ele estava vendo as perspectivas de vida. Ele disse: “Ah, eu tô sentindo que tá difícil, viu? De crescer, assim...[...] De desenvolver, tá difícil demais! Porque eu acho que a sociedade, ela olha, assim, e vê, assim, que aquelas pessoa, assim, que vem de humilde... mora, assim, em favela, assim... Acha que a maioria é bandido. Eles leva tudo isso pros lado, assim... Vê, assim, as pessoa, assim, de cor diferente, de cor negra, acha, assim, que é bandido. Todos. Que a maioria da sociedade olha assim. E num é pra esses lado, aí, que as coisas anda. Que as coisas caminha. Porque nem tudo que mora na favela é bandido. Muito daqueles jovem ali daria tudo pra... Ah, se eu tivesse fazendo um curso, se eu tivesse ali jogando um esporte, se eu tivesse ali fazendo alguma coisa que eu sabia que no futuro ia trazer benefício pra mim, ele, com certeza, o jovem... Ele ia afundar de cabeça ali e num ia querer saber de nada! Num ia querer saber de droga, num queria saber de envolvimento no álcool... Porque se há alguma coisa que a sociedade, assim, gosta de julgar, assim, é porque o jovem... Ah... Vê o jovem, assim, fumando uma droga, ele acha assim: Nó, aquele jovem ali, óia procê ver a vida que ele... Porque num é ele que tá querendo aquilo, tá ligado? É de tanto a sociedade julgar e os amigo inda falar assim: Ah, a sociedade num quer saber de nós, não, sô. Eles quer só julgar, memo. Aí eles fala assim: Ah, então vamo usar droga, memo. Vamo roubar, vamo querer assaltar...[...]

É. De desafiar a sociedade, sabe? Porque aí a sociedade olha assim e fala assim: “Ó, o jovem que a gente julga, olha aí: hoje ele rouba, hoje ele mata... Hoje ele fuma e num quer saber se alguém tá vendo ou se alguém num tá vendo... Tipo assim, ele quer mostrar praquilo ali que a melhor forma pra sociedade ver ele ali é daquele jeito.[...]

Porque aí a sociedade já fica com medo, já, que... Nó! Esses jovem que a gente tá julgando aí, ó, cê vê... Porque num tem um incentivo. Se tivesse alguma coisa pra incentivar o jovem a não... Uma coisa pro jovem praticar, pra não o jovem usar droga, eu acho que ele ia... O jovem, ele ia... A sociedade já olha, assim, já vê assim: Opa! Aquele jovem ali, ele num usa droga, ele tá fazendo curso... Algum dia ele pode ser um grande empresário! Porque, se tivesse isso, eu acho que a sociedade num julgaria tanto, sabe? Se tivesse algum curso, algum projeto. Um projeto que tirava o jovem daquelas...”

Perguntei se esse caminho do desafio escolhido pelo jovem iria dar certo. Ele respondeu: “É, no pensamento deles, eles acha que vai dar certo, né? Porque, eles desafiando a sociedade, eles acha que, ali, eles sai... Olha, assim, fala assim: Poxa, eu desafiei a sociedade. Quer dizer que, se eu continuar desafiando, vai dar certo! Vai dar certo, porque eles vão parar pra pensar, assim... Vão querer falar assim: Poxa, vou fazer alguma coisa pra parar aquele jovem, porque senão aquele jovem vai crescer

demais. E é assim que acontece. Se num tiver nada pra parar eles, pra... tipo, alguma coisa, algum incentivo ali, ele vai continuar! Ele vai continuar crescendo. Ele nunca vai parar, não, véi. Porque, ali, a sociedade deu liberdade pra ele crescer, ele vai crescer. Enquanto num tiver ninguém pra chegar nele e falar assim: Num é pra esse lado, tem altas forma docê prosseguir..., ali ele vai continuar crescendo. Ele num vai parar, não, véi.[...] ...um apoio de alguma coisa chegar ali, ele vai continuar crescendo! Até...! Até ele morrer, ou ir prá cadeia...[...]

Perguntei como que o G. estava percebendo as coisas que estava acontecendo. Ele disse: “*Eu acho que tá tendo muita injustiça, sabe? [...]Eu acho que tá tendo muita injustiça porque muitos, muitos, muitos são injustiçado por uma coisa que, tipo, num comete. Eles acha que a maioria dos jovens são bandidos. E num é por esse lado, aí. Nem todos jovens que moram, assim, nos aglomerados, são bandidos. Nem todos jovem. Tem aqueles que gosta de fazer uma gracinha, mas, assim, por dentro, memo, ele num é bandido. Eles... Tipo assim, ilusão. Ilusão. A palavra que tem é ilusão. Acha que fuma uma maconha, a sociedade olha assim, a injustiça fala assim: Ó! O policial vê aqui um jovem fumando maconha... Opa! Aquele ali já é bandido. Já é traficante. Num é esse lado. Esse lado num... que eu acho, num é bem o certo. Bem o certo é... O certo, memo, é a pessoa chegar, assim, e falasse: Poxa, se eu tô indo por esse caminho... Se a Justiça tá deixando eu ir por esse caminho, então quer dizer que o quê? Quer dizer que mais pra frente eu posso virar um bandido. Né?[...]*

Aí o jovem fala: Poxa, vou continuar nesse caminho. Agora... Aí, a polícia vai e pega um jovem daquele fumando maconha. Fala assim: Ah, cê é traficante. E leva ele preso. Tá. Cai na... O juiz julga ele, ele vai preso. Lá na cadeia, lá, com certeza, se ele num mudar lá dentro... Se ele num mudou aqui fora, quando ele começou a fumar maconha, dele num ser bandido, lá na cadeia, quando ele sair de lá, ele vai ser traficante. Porque ele sabe que a coisa que vai dar a ele dinheiro é isso. O que vai render a ele é o tráfico. Num adianta, não.[...]

Se tivesse alguma coisa pra incentivar ele... Num é que na cadeia num tem. Na cadeira tem muita coisa boa. Cê aprende a fazer várias coisa... Num é que num é isso, mas se antes dele cair lá... se antes dele cair na cadeia, se pro lado de fora tivesse algum incentivo, eu te garanto que ele num tava lá, do jeito que ele tá lá. Se tivesse algum... Igual, escola... Escola tem muitas, tem muitas escola aberta, mas num tem aquele incentivo pro jovem parar e falar assim: Vou pegar firme nisso aqui, que isso aqui vai me ajudar. No futuro eu vou ter algum benefício por isso. Mas num tem...”

Reg. No 22

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

A.S.F., 7anos e 7 meses, masculino, 1ª série, criança foi RN de baixo peso, gravidez não planejada. Mãe G4P4. Apresentou varicela e pneumonia há +/- 1 ano o que o levou a ser hospitalizado por 8 dias. Teve também no episódio da pneumonia uma convulsão. Apresentou também com 1 ano e 8 meses “deslocamento” da clavícula.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sugestivo de transtorno de ajustamento:

irritabilidade há +/- mês

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

roendo unhas e mastigando gola de camisa, enurese

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

N.D.N.

Eixo IV – (Condições médicas)

Fotodermatose; parasitose intestinal (diarréia e dor abdominal freqüentes); linfadenopatia submaxilar; infecção respiratória aguda (rinorréia)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixa escolaridade dos pais; um irmão com baixa escolaridade

Estresse ou transtornos no ambiente da escola:

baixo rendimento escolar

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

Epilepsia materna a qual faz uso de gardenal; atraso de crescimento de uma irmã, está em tratamento; doenças freqüentes em 2 outros irmãos

Outro:

residem em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 8 m – 3ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista aconteceu com a D.M., mãe do A.S.F. Isto porque o A., hoje com 25anos, está foragido da justiça. Estava cumprindo pena e durante a visita aos familiares não retornou para a prisão. Mora com a companheira, tem um filho de 6 anos. O local da entrevista foi a Paróquia São Brás e foi realizada no dia 1/07/2008.

Sobre a vida escolar do A., D. M. relata que: “*Ele fez até a sétima [...]Depois eu tive que tirar porque num tava adiantando nada. [Risos.] E quem cuidava dele dentro de casa era minha filha. Né? Porque eu saía pra trabalhar e ela ficava com os outros três...[...] Pus ele pra estudar à noite, aqui... Vinha pra estudar. A gente só num sabia se tava na escola. Aí veio, repetiu a quinta série... Depois*

conseguiu fazer a sexta... Passou prá sétima... Aí já num quis estudar mais. E também já num tava compensando. E a gente vinha no grupo de noite, tava correndo pra lá e pra cá. Olhava prá mão, as mão tudo suja. Aí eu ainda perguntava: Uai, num sei se quem tá escrevendo tá com uma mão imunda desse jeito... Né? Aí foi que eu falei: Ah, não. Pra ficar desse jeito, num compensa, não. Em vez de você estudar, você tá tirando vaga de outro. Então não compensa. Aí saiu da escola. Ficou sem fazer nada. E eu continuando trabalhando, né? Então de dia tinha o dia todinho livre. [...]”. Perguntei se ele havia sido reprovado entre a 1ª e 4ª série. Ela respondeu: “Não. No grupo, mesmo, ele não repetiu, não [...] Só na quinta que ele... Na quinta ele teve repetência [...] No Mestre Paranhos, na época, a turminha num era... Era também meninos difícil, viu? [...] Aquela época... Mas eu vinha mais nas reuniões [...] Sabe? Porque era onde eu tinha oportunidade de vim. Mas, quando ele aprontava... Entendeu? Que às vezes brigava com os menino... Que eles chamava... Ou respondia [...] É. ‘Que já tava demais. Aí eles chamava. Chegava em casa, eu corrigia. Aí melhorava. Mas, naquela época, a gente num chamava a atenção igual chama hoje. Que nem eu entendia direito! Que eu era muito nova, eles também...” D. M. fala que colocou o A. na creche: “Coloquei na creche, também, não ficou... Tanto que...[...]Ele era agitado [...]Ó, pro senhor ter uma idéia, eu coloquei ele na creche aqui, uma época, ele não ficou [...] Queria pular muro... Cê entendeu? Já queria bater nos outro...Já tinha uns balanço que ele já queria subir...[...]”. Perguntei desde que idade ela havia notado esse comportamento do A. Ela respondeu: Ó, eu vou falar pro senhor uma verdade: o A. desde cinco anos até chegar no grupo ele já era assim [...]Já, já. Ô! Ele batia muito a cabeça na parede... Eu inda brincava com ele assim: Ô bobo, se eu fosse você, eu colocava um travesseiro, que assim, a hora que ocê bater, ocê não vai machucar. Aí você vai bater no travesseiro [...]

Num podia fazer raiva nele, não [...] Não! Se fizesse raiva nele, meu filho... **[Risos.]** Já! Ele já ficava, assim... violento...[...] Ele já era assim. Porque, numa parte, também, o pai dele era muito severo. Tudo que os menino fazia, ele ia lá e xingava. E num olhava onde batia, não, sabe? Batia em qualquer lugar. Aí os menino ia pra lá, chorava, chorava, chorava, aí ele ia do lado adular. E nós já falava: Se bater, num pode adular. Deixa ele desse jeito.”

Perguntei sobre a escolaridade atual do A. Ela respondeu: “Ó, pra ele ler, ele lê, mas detesta a leitura. Escrever, ele escreve, mas num tem aquela caligrafia de uma pessoa que foi até a sétima série. Tem muito erro. Entendeu? Então, cê entende, mas...”

Sobre a história do trabalho, D. M. relata que ele não trabalhou com carteira assinada: “Não. Fichado, não [...]As única ocupação que ele tinha era quando meu marido levava [...]Meu marido é caripinteiro [...]Então às vezes levava ele. Mesmo que não fosse pra pegar pesado; varrer... catar prego[...]Entendeu? Mas memo assim ele não gostava [...]O negócio dele... Ele queria ficar na rua”. Perguntei se ele tem uma profissão. Ela respondeu: “Nada. Ele num aprendeu a fazer nada. Nem lá dentro (na prisão) ele num interessou [...]O sonho dele seria jogador de futebol [...].Nossa! Adorava! Ele era um craque aqui no conjunto, uai [...]. Se ele tivesse jogando hoje, hoje ele seria até um profissional. Sabe? Inclusive, aonde ele mora, ele joga ainda. Ele joga lá. Sabe? Aí tentei colocar na escola do Atlético... Mas na escola do Atlético ele falou que ele num ia, porque ele era cruzeirense. **[Risos.]**”

Perguntei sobre a renda do A. ela respondeu: “nenhuma [...]A esposa dele que trabalha aqui no tribunal [...] Mas é assim: ela que mantém a casa. Ou ele, também, porque eu, na minha desconfiança, eu acho que ele num parou com...”

D. M. relata outra preocupação com o A.: “Agora, o que marcou mais... assim, marcou mais quando ele já começou a me dar outro tipo de problemas [...] Teve uma época de... Aí já começa o drama da gente, sabe? Lá pruns catorze anos dele, quinze ano dele, numa época de carnaval, saiu com uma turma, aí, de noite... Diz que chegou num posto de gasolina na hora de vir embora... Ele nem bebia. Uma que ele nem bebia, nem fumava. A turma foi no posto de gasolina, livrou... pra pegar latinha de cerveja e de refrigerante. Que que acontece? Polícia vem, pede. Aí, no outro dia, liga... liga o assistente social, ligou lá pro meu serviço, eu peguei e falei: Num vou, não. Vou deixar ele lá. Até na quarta-feira de cinzas, pra ver se ele... porque foi a primeira vez, talvez, eu deixando ele, ele vai criar juízo. Quando foi na quarta-feira de cinzas, depois do meio-dia, eu fui buscar ele lá na Augusto de Lima. Lá no Juizado de Menores. Aí chegou lá, o juizado conversou, explicou pra ele... Na hora lá, pra ele, tava tudo bem... Assinei o termo, trouxe ele embora... E num parou por aí. Aí depois foi com bala. Bala de revólver. Aqui na Raja. Ele colo... Colocaram na mão dele... Mas ele, na época, num tinha maldade com as coisa, não [...].

Depois que ele foi pegando a maldade. Aí levaram ele... Aí levaram ele lá pro lado do Pantanal, colocaram na mão dele um saco com noventa e duas bala. Os pessoal, os outros rapaz, quando viu a polícia, jogou e correu. Ele, bobo, ficou com a dele na mão. Lá vai ele de novo. Juizado de Menor. Aí, dessa vez, já foi lá na Praça da Sagrada Família. Quando eu fiquei sabendo, lá vai... Isso tudo, às vezes, no horário de eu tá trabalhando, eu tinha que sair do meu serviço, ficar um dia ou uma tarde esperando até na hora que eles tivesse disposto a liberar. Sabe? Isso, nessa época, ainda num tinha fiança, não. Num pagava fiança, não. Então, ia lá, tirava... e tinha ainda a gozação dos policiais, né?”

Perguntei sobre essa gozação. Ela disse: “Gozação. Porque era assim: o meu tinha uma bala; tinha as bala; os outros dois que tava sentado ali tinha uma arma, mas não tinha a munição. Aí os policial virava e falava assim: Aí, ó: ele tinha munição, mas num tinha arma; vocês dois tinha que tá junto, que aí completava! Sabe? Então você tinha que ficar lá, escutando, e não poder fazer nada. Aí, liberava pra vim embora, a gente pegava e vinha embora. Chegou... Aí veio... Foi chegando os dezesseis, dezessete ano, começou a envolver com o tal de crack. Eu, pra mim descobrir como é que foi...” Perguntei de que forma que ele estava envolvido. Ela respondeu:

“Na venda [...].Eu, pra descobrir, o que é que foi? Um dia eu fui mexer no quarto deles, e quando... e ia sair prá excursão de manhã cedo. Quando eu fui mexer na roupa deles, eu achei um negócio de... que vem filme, de tirar retrato, achei umas pedra lá dentro. Eu nem conhecia aquilo, eu peguei aquele trem, joguei fora. Ele já tinha saído, memo, prá excursão, joguei fora. Aí passou. E ele, parece que esqueceu, né, num me perguntou nada... E eu também num falei nada... Aí, um menino que mora aqui na Raja, né, começou a ir lá em casa. Todo dia ele ia lá em casa... E eu, no terceiro dia, falei: Que que é que você tá querendo? Aí ele falou: Nada, não, tô querendo falar com o seu menino. Aí eu falei assim: Uai, mas você tá vindo aqui direto... E ele num tá aqui. Você nunca foi de vim aqui em casa. Hoje eu vou sentar

com você, você vai me contar o que que é. Aí ele pegou e falou pra mim assim: Não, é que ele pegou umas pedra de crack na minha mão pra vender, e num vendeu, nem me deu o dinheiro. Aí eu peguei e... Inda na época eu fiquei muito revoltada... Aí eu peguei e falei com ele assim: Mas o que que é isso? Como que você pega uma coisa dessa e põe na mão do meu menino? Aí ele pegou e falou assim: Não, mas ele vai ter que me pagar. E nisso ele começou perseguir meu menino na escola, dava coronhada... Que tinha a Zezé aqui dos bloco que um dia me chamou e me falou: Ó, você dá uma olhada no C., que ele tá pegando seu menino, tá dando coronhada nele... Tá batendo nele na hora que ele sai da escola... Sabe? Aí eu peguei e falei assim: Não, pode deixar que eu vou verificar. Aí eu... na época, eu comprei Samsonite pra ele, pros dois... pro menino e prá menina, né? Que eu falei: Não, compra o Samsonite, que dura mais, que a gente num precisa de ficar trocando. Aí, num belo dia de noite, ele chega lá sem a Samsonite. Ele chegou lá em casa sem a Samsonite, e eu tô perguntando ele, ele fala: Ó, tá na casa do meu colega. Tá na casa do meu colega. Aí eu falei assim: Ó, uai, mas ninguém vai prá escola sem sacola, não. Aí, quando eu cheguei aqui na escola, eu perguntei, uma coleguinha dele falou assim: 'Não, o C. pegou. Saí, fui lá na casa dos pais dele... Cheguei lá, sabe que que a mãe dele olhou pra mim e falou? A obrigação de quem vende droga é pagar. Que eu memo vivo descendo o morro aí e pagando dívida do meu filho. Eu simplesmente virei pra ela e falei assim: Mas eu num sou a senhora, não. A senhora entendeu? E outra coisa: quanto que é? Aí ela pegou e falou comigo que era noventa e tantos reais, na época. Aí eu peguei e falei com ela assim: Uai, mas eu num tenho condições de pagar isso, não. E eu quero a Samsonite dele. Aí ela falou assim: Não, mas se num pagar, num vai levar. Aí eu falei: Não, mas eu quero. Senão... a coisa vai ficar mais preta. Aí, com muito custo, o pai dele virou pra mim e falou assim: Eu vou devolver prá senhora. A Samsonite. Mas a senhora vai pagar esse dinheiro, aí, que ele tem que pagar. Aí eu falei: Não, tudo bem. Eu posso até pagar... Porque, na época, eu fiquei com medo dele matar ele. Que ele era perigoso... Mas eu num tenho condições de pagar de uma vez, não. Aí ele:

Não, não, a senhora paga de duas. Aí eu paguei duas de quarenta e cinco. E era assim: no dia do pagamento, o pai dele é que ficava na esquina pra esperar. O pai do menino. Aí foi onde eu paguei, no mesmo dia eles já me devolveram a Samsonite..."

D. M. continua contando: "Aí, essa foi a primeira. Saiu, parou de mexer com crack e tudo, já começou a envolver em venda de maconha. Aí começou o meu suplício. Envolveu com um rapaz que chama Car., e o meu menino mais velho começou a envolver com ele. Porque eu num consegui tirar. Aí já passou a andar armado...[...] De dezessete anos, num ano o A. foi preso umas quatro vezes. E foi indo. Subsequentemente.[...]"

Até ele chegar uma certa idade... Era... a fiança era: duzentos, cento e cinquenta, trezentos, trezentos e cinquenta... Entendeu?[...] Olha, ele frequentou... Ele foi na Savassi... Sagrada Família... Nossa! Pagamento de cesta básica, que tinha que levar lá no Prado... Naquele negócio que tem de polícia, lá... E foi indo. Quando ele foi preso com droga, fiança. Que na época... Arma... Fiança. Ele foi preso atrás da Emater com uma arma. Tentou jogar fora, num deu... Porque viram que era ele. Porque na hora que o farol bateu nele, ele apontou, achando que era outro tipo de carro. Era polícia. Sabe?[...] umas duas

vez, eu achei arma dentro de casa... E a polícia, a partir do momento que ele começou a ser preso, a polícia começou a ir lá em casa. Quando balearam uma moça no Sacolão, eles falaram que era meu filho... Aí foram lá em casa... E ele tava até dormindo, tiraram ele... Mandou ele levantar... Que ele tinha um coleguinha também que... ele foi até cunhado dele, mas eles mandaram matar, que é o Ch., mandaram ele levantar... O dinheiro que ele tinha no bolso, se eu não soubesse a origem, eles não devolviam pra ele... Sabe?

[...]Depois, de dia, o pessoal começou a me falar que ele tava andando... Punha duas arma na cintura e saía prá rua afora. Aí eu cheguei a pegar, um dia no horário de almoço, eu já ia pra casa... Quando eu olho, quase chegando na minha casa, aí vem ele. Com as duas arma na mão. Ô, mas eu corri desse dia, tanto, mas ele ainda correu mais do que eu. Porque eu fui subir nas escadaria do escadão, mas eu acho que ele enfiou em alguma casa. Porque num tinha condições dele sumir igual ele sumiu, não. Sabe? Aí fui passando, olhando, mas num teve jeito. Aí, que acontece, doutor? Com... dezenove... Logo que ele completou dezenove anos, teve um pessoal daqui... Juntou um taxista, um rapaz lá de Barão de Cocais, um... meu menino... Taxista, o rapaz de Barão, o meu menino e um tal de D. Foram lá pra Barão de Cocais. E deixaram um recado aqui pra mim falando que tavam indo pra Divinópolis pra casa da vó de um, lá. E eu sem saber de nada, ele ficou uns três dia sumido. Isso foi na... ele sumiu na... segunda... E eu mandando caçar, caçar, ninguém falava nada. Aí um dia minha nora passou aqui perto do serviço, eu falei: Ô, Cl., tem três dias que o A. tá sumido. Você num sabe dele, não? Ela falou: Você num tá sabendo, não? Ele tá preso lá em Barão. Aí eu peguei e falei assim: Uai, por quê? Tentativa de assalto a banco [...]Lá ele ficou cinco meses e dezessete dias [...] Truxemo pra casa. Chegou aqui, foi uma soltação de foguete, e eu falei: Vem embora discreto.Fica quieto. Mas aí num tinha envolvimento com nada aqui. Aí que que acontece? Começou uma guerra aí... que eles mataram... Primeiro, mataram um na antena, um tal de Ed. ... Depois, mataram um tal de N., na rua lá debaixo de casa... E uma gangue virou pra outra e falou que, se num matasse quem tinha matado o N., que ia matar eles. Que que eles fizeram? Juntou meu filho... Juntou o Gê, que já morreu, também... Juntou o Ch., e juntou mais um... Desceu aqui pro fundo da Leonina, matou um tal de Caveirinha. Isso, sabe que hora? Sete hora da manhã. Saindo pro serviço eu escutei. Eu vi, pela roupa, eu falei: Aquele é meu menino. Num tem outro. Mas nesse ponto eles deram uma sorte. Graças a Deus, por assassinato e por suspeita ele não foi sujo. Só foi sujo por poucas coisas... E memo assim, quando ele já era de maior, o que era de menor já não caiu na ficha dele. Mas, lá o de Barão caiu, porque ele já tava com dezenove anos.

Aí, com vinte e um... com vinte... com vinte e um anos, juntou ele de novo... Saiu daqui, juntou com um tal de Ca., daqui, foi lá pro bairro Água Branca. Chegou no bairro Água Branca, tentaram assaltar o Sacolão. Tentaram, não; chegou a assaltar. Só que num tinha dinheiro, porque já tinha sido recolhido. Memo assim, diz que um colega de lá inda pegou o celular dos outro, pegou quinhentos reais, e correu. Escapuliu dessa. E ele mais esse Ca., lá, diz que ainda foi numa casa, trocou de roupa... Mas tinha gente inda dentro da viatura, quando viu ele, a polícia 'cráu'. E nesse 'cráu', meu filho, aí ele passou... Furtos e Roubo... E teve até uma época que teve uma epidemia, lá, nessa época que ele ficou lá. Passou por Furtos,

aí ficou lá um tempão... Aí começou o nosso constrangimento, né? Porque, pena, ninguém merece. Tinha uns pessoal muito ruim lá, também. Tinha uma moça lá que... nossa! Vai tratar os outro ruim assim... Passou pela Furtos, ficou um tempo... Depois da Furtos, ele foi pro Centro de Remanejamento de Segurança Profissional (CERESP) da Gameleiras... Ficou mais um tempo no Ceresp da Gameleira... Do Ceresp da Gameleira jogaram ele lá prá Doutor Ladeira... E foi julgando. Foi julgando. Da Doutor Ladeira, jogaram ele lá prá José Maria de Alckmin. E lá na José Maria de Alckmin, ele cumpriu um ano... um ano e oito meses, lá. Porque, no total, ele tinha cumprido cinco anos... cinco anos e oito mês, ele tinha cumprido. E, por bom comportamento, vai fazer dois ano, agora, esse ano, eles deram a ele saída, pra ele vim em casa... Vim em casa, assim... e voltar. Aí, nós conversamo muito com ele, falei com ele: Ó, A., você vai e comporta direitinho, que se você for e voltar, daqui a pouco você tá livre. Da primeira ele veio, voltou tranquilo. Da segunda também. Da terceira ele falou: Num volto mais, não. Porque antes eu ficava na cela. Agora eles quer me por no pavilhão, aonde eu tenho muito inimigo, mãe. E eles vão me matar lá. E eu num vou voltar, não.”

Perguntei para a D. M. qual o balanço que ela fazia de tudo que tem vivenciado. Ela respondeu: *“Uai, pra mim, eu vou falar pro senhor: tinha dia que nem parecia que era eu que saía de casa. Procê ver, primeiro... Eu comecei a ser prejudicada até no serviço, que eu passei a chegar atrasada... Tinha dia que eu cismava de num ir, eu num ia... Passei... Teve uma época... Porque beber, eu gosta de uma cerveja; mas teve uma época que eu tava bebendo era demais! E num era cerveja, era pinga, mesmo [...] É, foi nessa época [...]Não tava dormindo... Passava as noite em claro...[...]Uai... Deita e não consegue. A televisão amanhecia ligada. Acho que, se eu cochilava, eu cochilava muito pouco. [Risos.] Foi até que eu comecei a tomar diazepam... Deu alteração na minha pressão...[...] [Risos.] Alterou minha pressão... Então eu tô tomando hidrocor... hidrocortiazida... Sei lá! Um negócio assim...[...]É. Tô tomando... Sabe? E senti que eu engordei até meio demais. Agora eu tô bem melhor. Porque teve uma época que eu tava um palitinho. Virei perto de uma caveira. [...] [Risos.]”*

Em outra parte da entrevista D. M. relata que: *“Porque desde criança que eu já tomava remédio controlado [...] Tomava aquele gardenal. E depois que o A. começou a criar trabalho eu comecei... Eu ia alimentar, a comida não ficava, não. Voltava tudo pra trás. Aí eu confundia... Falei: Não, vou fazer uns exames. Aí eu num vinha trabalhar, passei mal, fiquei dez dia internada. Aí a médica falou comigo assim: Eu acho que você tá com alguma coisa sangrando. Aí, ginecológico, na época... Que tava vindo muito... menstruação... Aí ela falou assim: Vamo controlar. Aí controlamo. Fiz exame, minha úlcera tava sangrando que o senhor precisava de ver! No primeiro, sangrou. Aí, no segundo, o doutor M. falou comigo que já tava bom. Aí ano passado tornei a repetir. Aí eu num guentei, saí do hospital. Porque mudou a diretoria de lá, virou outra coisa. Aí mudou encarregado; aquele outro encarregado começou a colocar as culpa tudo ni mim; eu falei: Não. Num vou ficar aqui, não. Eu já tô com esses poblema de úlcera, depois vai transformar em outra coisa. Aí ano passado eu fiz uns exame, a médica falou assim: Você ainda tá com anemia. Eu falei: Uai, mas num sei, não. Essa anemia já tá grande. Já tá longa. Essa semana que*

passou, também, eu fiz. Esse ano eu já fiz. A médica mandou eu repetir tudo de novo! Ontem eu fui lá, colhi: a anemia não acaba. Aí mandou eu fazer exame de úlcera de novo pra ver se é a úlcera”.

Perguntei para D. M. como era a reação do marido em relação ao que estava acontecendo. Ela disse: *“Se ele tinha preocupação, ele nunca demonstrou [...] Que ele é muito fechado [...] Ele num demonstrava. Entendeu? Ele num falava nada. Mas tinha muita gente que falava que é pior assim, né? A pessoa num desabafar... Também, ele chamava muito os menino de pilantra, de sem-vergonha, safado, ladrão... Entendeu? Vai roubar procê ser preso! Entendeu? Então, antes de acontecer, já vinha essas palavras lá em casa [...]Uai... Às vezes parece que nem ele sabe o que ele falava, ele mandava os menino ir roubar pra ser preso. [Risos.] [...]É, preso, mesmo!”*

Perguntei para D. M. como era o relacionamento do A. com o pai. Ela respondeu: *“Ó, vou falar uma coisa pro senhor: eles cresceram assim mais revoltado, que meu marido, na época, ele me batia muito [...] Me batia muito [...]. Batia, cê entendeu? [...] Qualquer... Porque toda vida ele foi nervoso [...] É. Então, qualquer... Por coisa boba. Igual quando eu comecei a trabalhar, mesmo... Cê entendeu? Então, eu fiquei vinte anos. Tem dois anos que eu saí... Então eu larguei os menino muito pequeno. Ele falava comigo que eu num ia trabalhar, que num tinha necessidade... Aí, nesse dia, até eu fiquei nervosa. Acabei dando uma trena na cara dele. Ele caiu lá, ficou o dia inteiro sem conversar comigo... Depois com muito custo que ele voltou. Tudo que ele voltou a conversar, ele mandava os menino vim falar... Sabe? Então os menino foram crescendo naquela coisa. E eu nunca fui agressiva [...] Eu, sempre que acontecia alguma coisa, eu tava ali escondendo. Eu procurava nem chorar na frente dos menino.*

Tanto... Agora, o que me do... Eu vou falar uma coisa com o senhor: tem uma coisa na vida que é certa: o que dói mais é isso aqui, ó. Porque isso aqui dói, a dor passa. Mas, aquela mágoa que fica na gente... Aquilo ali cê carrega [...] Nó! E uma coisa que fala, uma coisa tipo que cê num fez. Ah, cê num vale nada! Ah, cê é isso, cê é aquilo! Sabe? Então, isso dói mais que um coro [...] Então, eles chegaram numa certa idade, que quando eles... Eles podiam tá tomando banho. Se o pai deles viesse pra me agredir, eles saía do banho do jeito que tivesse pra vim agredir ele [...]Desse jeito. E o... Até que o A. num chegou... assim, sair mão a mão com ele, não. Que o A. era mais de separar. E conversar. Mas já tinha o meu menino mais velho, que um dia os dois saíram na mão de um até ferir o outro. Sabe? Então, os dois cresceram naquele risco porque, neu sair pra trabalhar, ele ficou muito inseguro.

Sabe? Então, sempre que eu chegava do trabalho, tinha sempre um motivo pra uma briga, uma discussão [...] Ah, que esse arroz num tá pronto direito. Pegava a panela e tacava pro chão afora. Pegava prato... Só isso. Entendeu? Essas coisa assim. Mas era tudo com o efeito de me atingir. Então tá um clima que... Foi até bom a gente tocar, que foi um clima que os meninos foram crescendo nele [...].

Ah, eu sei que, independente de muita coisa, carinhoso ele sempre foi. O pai dele sempre foi... Sempre carregava ele pra futebol... Sempre incentivava pra vim pro campo jogar bola...”

Perguntei se era possível ela me falar qual era a idade do A. na ocasião. Ela disse: *“Não, dá pra conseguir, sim, porque vamo por... se eu tivesse trabalhando hoje... Ah, quando eu comecei a trabalhar, o A. tava com três ano! Porque, no caso, eu fiquei vinte anos lá. Esse mês, dá dois anos que eu saí, então dá*

vinte e dois...[...]Fiquei vinte anos. **[Risos.]** Então ele tava com três ano de idade. Eu larguei a Al. com um ano e sete meses...E a Ad. já tomava conta deles, tadinha, com sete anos... sete, oito anos...[...] Cuidava do A., da Ale do Ma. [...] A Al. tinha um ano e pouco [...] O A. tinha três...[...] E o Ma. tinha sete... Três, quatro, cinco... Com sete! E a Ad. já tava pros oito [...].

É. Por... Tinha dia que dava pra trazer a menina prá creche. Tinha dia eu num dava, não; tinha que largar tudo na mão dela. Ela tinha que trazer prá creche e vim até a escola! [...] Ih, cuidou desde que eu saí de três ano até ela casar, ué! Ela casou com dezenove anos! [...]Primeiro, eu trabalhava de sete às quatro. Foi vários anos assim. Depois, eu comecei a trabalhar doze horas, de sete às sete. Mas aí ele já era bem maior!”

D. M. fala da vida do A. na prisão e sobre a saída dele: “...A oportunidade de emprego tá muito pouca pra quem sofre o tipo de coisa que eles sofreram. Que, mesmo se cês cumprisse sobre tudo que cês têm que cumprir, quando sai lá, não tem como; na hora que vê a ficha da pessoa, não tem como trabalhar [...] Entendeu? Então é onde acontece muito da pessoa sai hoje, volta amanhã [...] Porque chega aqui fora, aí não tem condições [...] É, uai! Uai, cê vê, uma pessoa, se ela vai lá tirar o atestado de bons antecedente, o que que vai sair nele [...]Entendeu? Inda mais se sair lá: por que que cê foi preso? Ah, tentativa de assalto. Aí ela fala: Como é que eu vou por essa pessoa aqui se ela tá saindo por tentativa de assalto? Que confiança eu vou ter? Se acontecer alguma coisa, memo que num foi ele [...] . Fica marcado, ué”.

Perguntei o que poderia ser feito. Ela respondeu: “Poderia ser feito é o seguinte: igual, se uma pessoa tá nesse lugar dois ano, a pessoa tá à toa! Ela num faz nada! Ela fica o dia inteiro presa numa cela. Ela num tem um livro pra ela ler lá dentro, que se ocê num levar, num tem... A cabeça fica só matutando, só matutando. Quando sai pro banho de sol, inda tem uma bola lá pra jogar. Mas nesse banho de sol que que pode tá acontecendo? Uns já tão até maquia... Sabe? [...] Então, se tiver... Tem que ter alguma coisa pra fazer! Tem que ter, mesmo.

Igual muitos lugar aí... Aqui num... Eu acho, num sei se tem. Na de mulheres eu sei que elas costumam, elas bordam, fazem muita coisa. E na dos homens, se tiver, são poucas que tem. Porque as que eu passei num tinha, não”. D. M. relata que: “Ele num aprendeu a fazer nada. Nem lá dentro ele num interessou. Porque tem gente que aprende a fazer aquelas casinha, fazer aqueles navio, aquelas casinha com pauzinho de pirulito, os negócio com a caneta... Ele nunca teve interesse em nada”.

Sobre o que levou o A. a cometer o que foi relatado acima D. Marli disse: “Eu fico pensando se talvez não foi o motivo de ter isso trabalhar...[...] Tem hora que eu fico pensando: Será que não é porque eu fui trabaí e larguei eles pequeno? Mas aí eu falo: Ô meu Deus, num tem nada a ver! Por que que só eles são diferente? Em outro instante da entrevista ela continua: “Eu, de uma coisa eu vou falar: que falta de diálogo não foi. Porque tinha um ditado que eu falava muito: se ocê entrar por essa porta direita, aqui, cê tem que saber entrar por ela e sair por ela; assim como cê entrou, cê tem que sair. Toda vida eu falei. Cê tem que saber andar limpo, meu filho. Ver uma coisa ali e não mexer... Então aqueles bons conselhos que se dá pra um filho, nisso aí eu num tenho queixa, não. Porque não foi falta d’eu falar.[...]”

Agora, eu acho que, ni algum ponto, foi um pocuo das más-companhias. [...]Porque, quando começou a andar em má-companhia, aí começou. [...]É. Foi um pouco da má-companhia. Entendeu? [...]Sabe? Porque atrás da Emater, onde que nós tava, num tinha essa má-companhia, essa má convivência. Foi nós mudar pro lado de cá, que aí veio essa má convivência. E chega um período que você vem prá escola, também... cê vem prá escola e já tem uns menino que é mais levado que ocê! [Risos.] [...] Aí cê já começa a ver os tipo de violência, a ver aquelas coisa... E uma coisa que o A. toda vida foi era ambicioso ”

Pedi para ela falar sobre esta ambição. Ela disse: “Ó, a ambição é o seguinte: por exemplo, enquanto eles eram criança, eu podia manter; se eu comprava um ki-chute pra um, eu podia comprar pros quatro. Mas foi chegando numa certa idade que eles já não queria aquele tipo de roupa. Por exemplo, se ele quisesse uma calça da Cyclone, tinha que ser da Cyclone. Se eu comprasse outra, num dava. [...]

Então, quer dizer, dos catorze aos quinze anos que ele foi entender... começar a entender por gente... A camisa dele do Cruzeiro é tudo oficial... Se ele veste uma do Flamengo, é oficial... Num vem nada falso mai, não. [...] Aí foi onde eu já tive que começar... Cê pegar uns cento e vinte, na época, dar numa camisa... [...] Um tênis dele, hoje, se for comprar, num é menos de quatrocentos e cinquenta reais, um tênis que o A. calça. [...] Entendeu? A ambição dele foi assim. Tudo dele é melhor! [...]”. D. M. fala da influência dos colegas: “Não sei! Eu acho que foi através de ver os colega dele vestindo...[...]Porque os colega ia lá, vendia droga... A droga tinha... [...]Então, acho que ele foi vendo aquilo, viu que tava sendo fácil”.

Ainda sobre esse assunto, porém, no que se refere aos assaltos D. M. disse: “Porque, na idéia dele, teve uma vez que eu percebi que ele achava, se ele fosse lá e fizesse uma coisa grande, a gente ia ficar muito satisfeito. [...]Vam por, conseguisse um assalto muito grande.[...]E truxesse aquilo pra dentro de casa, que a gente ia ficar muito satisfeito. Só que toda vida eu falava: Claro que ninguém vai ficar satisfeito. E aonde que cê vai, nesses lugar que nós vamo, cê aparece com uma grande quantia e começa a gastar”.

Durante um momento da entrevista D. M. lembrou: “Ó, tem uma coisa, assim, que eu lembro, que ele era muito doente. Teve pneumonia, mesmo, que ele teve umas três vezes. Sabe? Ficava internado direto... Da última vez, ele ficou dezesseis dias lá no Hospital da Criança... Ficava sozinho, porque na época os pais não podia ficar... [...] Ele era pequeno, mas num tinha esse lei que tem agora. Que os pais deve ficar com o filho [...] Então eu ia lá, visitava, era quinze minutinho e visita.

Pra mim vim embora... Como toda vida eu adorava leitura, e adoro até hoje, e ele sabia que, se eu largasse o meu livro, eu ia voltar [...].

Então, pra mim sair de perto dele, eu falava: Ó, segura o meu livro aqui, que eu vou voltar. Então aquilo ele abraçava o livro sabendo que eu ia voltar de qualquer jeito [...] E pra vim embora, aí, se eu despedisse dele, eu chorava. Então eu falava: Ó, você segura o meu livro, que eu vou voltar. [Risos.] Só que eu só voltava no outro dia. Mas eu chegava lá, ele tava sempre agarrado com o meu livro. [Risos.]”

Reg. No 25

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

R.C.S.L., 8 anos e 10 meses, masculino, 1ª série. Criança foi um recém-nascido de baixo peso. Há relato de uma queda aos 6 meses com possível perda de consciência e acidente de carro aos 7 anos. Aos 2 anos teve 3 crises convulsivas generalizadas com uso de fenobarbital por 3 anos. Foi hospitalizado 2 vezes devido a convulsão e pneumonia. Começou a falar aos 2 anos. Há história de falecimento de uma irmã da criança. Criança não frequentou creche. Mãe G9P9A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtorno emocional específico da infância e adolescência:

tristeza; inibição; tendência ao isolamento; mutismo eletivo; evita contato olho a olho

Sintomas ou síndromes não classificadas em outro local:

roer unhas

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento

leitura; linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Rinorréia crônica; parasitose intestinal (diarréia, cólicas); desnutrição; linfadenopatia cervical; afecção respiratória (roncos)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Falta de calor humano no relacionamento intrafamiliar:

possivelmente entre o pai e os filhos

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

mãe estudou até a 1ª série do 1º grau

Condições de vida inadequadas:

fossa; pais dividem a mesma cama com um filho

Estresses ou transtornos na escola ou ambiente de trabalho:

repetência; baixo rendimento na escola; dificuldade de relacionamento com a professora e

colegas

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

pai – irritabilidade

Outros:

família numerosa

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 12 anos – 3ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista do R.C.S.L., 27 anos, foi realizada na Paróquia São Brás dia 20/06/2008. A aparência dele era boa, mas acho que ele estava um pouco apreensivo. Começamos a entrevista pela escolaridade. Ele relatou: *“Após a 1ª série, estudei a 2ª, 3ª, 4ª série, passei normal, todas elas. [...] até 8ª série. Durante o dia. Que foi da 1ª a 5ª série, aí eles mudaram para noite...6ª, 7ª e 8ª série à noite[...]. Fazia um futebol no campo, com Sr. Domingos, você deve conhecer?, e com isto estudando, jogando futebol, pensando neste futuro, ser jogador de futebol e não deu certo. Fui estudar, aí estava sério, estudei, trabalhei. Parei de estudar quando formei na 8ª série, aí retornei aos estudos fazendo supletivo, prestando vestibular”. Procurei saber com R. sobre o 2º grau “Tentei, até esqueci. Tentei também fazer em outras escolas, só que normal, mas tinha que trabalhar. Aí ficava pesado para trabalhar e estudar. Como era longe, 2 anos fiquei parado e então resolvi fazer supletivo”. Perguntei a ele com que idade ele fez supletivo. Ele respondeu “com 22 anos”. Supletivo de 2º ou 1º grau? Ele respondeu “2º grau, o ensino médio. Fiz 6 meses, fiz as provas. Fiquei devendo algumas matérias, mas fiz o curso e passei. Em 2006, entrei na faculdade, fazendo o curso de tecnologia, agora estou fazendo o curso de tecnólogo e banco de dados”. Procurei saber mais sobre o curso, duração, se a faculdade é particular. Ele disse “...eu estudo de 19 às 22:45...de 2anos e meio. Já estou no 5º período, formando agora no final do ano, em dezembro. É privada. A mensalidade é R\$308,00 por mês. E agora eu consegui estágio nesta área, tive que deixar meu serviço e agora está complicado, vou receber bolsa e estagiário ganha pouco. R\$ 400,00 reais”. Confirmei se ele estava deixando a empresa que trabalhava. Ele disse que sim “Isto.Para fazer estágio e formar no final do ano [...]. Lá eu ganhava, R\$650,00 o salário, mais a bolsa de R\$144,00, que era a metade da faculdade. Mas necessitando estágio para formatura, então...” Disse que “...está difícil [...] porque estes R\$400,00 mal dá para pagar a faculdade. Ainda tem outras contas a serem pagas. Aí complica”. Perguntei a ele se o estágio é obrigatório, ele respondeu: “É. Eu tive que abandonar a empresa para conseguir este estágio”.*

No estudo do mestrado detectei repetência escolar no histórico de R. Procurei saber quantas vezes e a reação dele: *“Acho que foi uma vez ou duas [...] foi horrível. Meus amigos passavam para outra série e eu continuei. Porque tinha coisa que eu não sabia e a escola antes era rigorosa”.*

Nesse momento da entrevista o R. se refere a escola plural. Perguntei se ele havia estudado na escola plural: *“ Peguei três anos. Da 6ª a 8ª série [...] Era só assistir à aula, não precisava fazer prova. Não fazia avaliação, não aprende. Você não faz uma avaliação, só vai na aula para escutar e escrever, mesmo matando aula e não tendo aula, aí você não aprende. É porque na avaliação que você sabe se aprendeu ou não. E na repetência, né?...”* Pedi para ele explicar como a repetência é uma maneira de aprender, ele disse: *“É. Porque na 6ª série eu encarava como se fosse...6ª série: tenho que estudar muito para isso. Passei normal pra 7ª, aí vi que a 7ª também ia ser fácil. Então não procurava estudo, só procurava passar de ano”.*

Quanto a idade que começou a trabalhar ele disse: “O pai pedia né? Falava: você tem que trabalhar [...] tem que estudar também [...] tive que trabalhar, ajudar em casa [...]. Comecei a trabalhar com 17 anos [...] servente, ajudante de pedreiro [...] até uns 18 anos por aí. Depois fui trabalhar no estacionamento, fiquei lá até os 20 anos”. Perguntei até que horas ele trabalhava no estacionamento. Ele respondeu: “até 8 horas da noite. Só que aí, não deu motivação de estudar, procurava trabalhar. Acabei desistindo do ensino médio e procurei supletivo [...]. Trabalhei como garçom a noite, só no final de semana. E depois eu trabalhei nessa empresa, na empresa de couro que saí agora [...] para fazer estágio e formar no final do ano”.

Atualmente R. fica no estágio de 8 h às 18 horas e tem aulas na faculdade de 19 horas às 22h 45 minutos. “Bem corrido. Tem que estudar no ônibus, na hora do almoço, na hora do intervalo”.

No final da entrevista R. comentou: “Eu acho que muitas coisas eu não recordo e acaba atrapalhando esta pesquisa”. Respondi como assim? “Esta semana não está sendo boa para mim ...deixar uma empresa e sair para outra... esta semana surgiu o acerto, que deu pouco. Para pagar a faculdade vai ser difícil. Acaba atrapalhando um pouco”. Perguntei de que forma não foi boa? Ele respondeu: “De ter perdido este dinheiro que eu ganhava. Até fazer este estágio aí, vou ter que segurar as pontas com este dinheiro que vou ganhar, vai ser pouco. São muitas contas...”

R. comenta que sua mãe: “manda um dinheirinho, comprar alguma coisa”, vai ajudá-lo nesses meses que faltam para terminar o curso: “vai durar uma eternidade ... questão do dinheiro. Pouco dinheiro, vai aparecer uma eternidade. Em vez de sobrar vai faltar...”

Ao revisitar a dissertação do mestrado me chamou a atenção o desenho que R. fez na ocasião daquela pesquisa. Hoje revendo o desenho constatei que o mesmo era sofisticado para a idade que ele tinha. Perguntei se ele teve oportunidade de explorar este talento, ele respondeu: “ Estudando eu já fazia estes desenhos, só que eu não sabia como investir, ganhar dinheiro [...] só que não teve como dar seqüência nisto, porque não foi tão explorado assim pelo meu lado, de outras pessoas poderem ajudar . Então aí, estudei, joguei futebol e deixei o desenho de lado, só por hobby”. Perguntei por que deixou o desenho de lado? “Não deu. Não saiu renda”.

Perguntei para o R. sobre as perspectivas para o futuro “São difíceis [...] O financeiro. É que me preocupa muito. Tem que concentrar para estudar, é terrível”.

Reg. No 28

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

C.L.O. 7 anos e 5 meses, masculino, 1ª série. Apresenta história de hospitalização por 4 dias, devido a broncopneumonia. O pai faleceu há 2 anos devido a acidente de carro. Mãe G2P2A0. Criança sofreu acidente de carro com escoriações.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação da Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

*Sugestivo de transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:
tristeza; irritabilidade*

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

N.D.N.

Eixo IV – (Condições médicas)

Sugestivo de anemia; linfadenopatia inguinal; sugestivo de desnutrição aguda (desproporção entre a altura e o peso)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

*Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:
mãe com baixa escolaridade*

Condições de vida inadequadas:

pobreza; sem rede de esgoto; fossa; lixo exposto

Situação familiar anômala:

família de genitor único

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

falecimento recente do pai (há 2 anos)

Outro:

residência em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 7m – 3ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de C.L.O., 25 anos, foi realizada no dia 19/06/2008 na Paróquia São Brás. C. estava tranqüilo. Boa aparência. Assinou o termo de consentimento e iniciamos a entrevista. Comecei com sua história escolar: “*A primeira série... A primeira série eu estudei aqui no Mestre Paranhos, de primeira à quarta série... Eh... Acabei repetindo o segundo ano, não lembro exatamente o motivo... Assim, especificamente o motivo, o porquê da repetição e tudo mais.[...]Mas... Até a quarta série foi tranqüilo, tirando a segunda série que eu acabei repetindo, né? Na quinta série havia um processo seletivo na escola que os cinco melhores alunos de cada classe eram encaminhados pra outra escola e... na época eu fui pro IMACO; e lá eu estudei quinta, estudei sexta... Estudei quinta, repeti a quinta de novo... Eh... Eu repeti a quinta até meio que, digamos... por gosto, né? Criança, né? ‘Que no início da adolescência a gente acha que sabe de tudo e tudo mais, por isso a gente acaba... Na verdade, a gente não sabe, né? Então assim, por*

uma causa de uma coisa boba, eu acabei repetindo de ano. Eu lembro que minha mãe ia viajar... Ela tinha me prometido de me levar pra viajar, também, se eu passasse de ano. Chegou no final do ano, então, eu tava quase passando... Já tinha praticamente passado em todas as matérias, faltava só uma... E ela acabou falando que não ia dar mais prá gente viajar, que não sei o quê lá... E eu falei: Ah...! Aquela bobeira, né, de criança, mesmo. Ah, se você não me levar, eu vou tomar bomba. Acabei que eu fui reprovado de propósito. E aí na quinta série eu repeti; estudei quinta, sexta, sétima no IMACO...”. Perguntei ao C. se ele tinha uma explicação para a reprovação na 2ª série. Ele respondeu: “Isso que eu não sei, eu não consigo lembrar. Eu já tentei lembrar disso, mas assim... Igual, eu dei um detalhe por alto, assim, da minha trajetória escolar, exatamente porque eu... tem certas coisas que eu não lembro muito, assim, entendeu? Tipo... Igual, o segundo ano eu não lembro exatamente o porquê que eu fui. Não sei se foi porque eu não consegui aprender, mesmo, nada... ou alguma coisa. Eu lembro que, naquela época, muitos alunos foram reprovados. Mas eu não lembro por quê. Eu lembro que havia um rodízio muito grande de professores na escola; nós não tínhamos um professor fixo. Mas, hoje em dia, eu não... Antigamente, eu falava que isso me atrapalhou, mas hoje em dia eu já não acho, porque, mesmo tendo um rodízio muito grande de professor, não sei se naquela época como criança eu... tá certo de não ter esse entendimento, mas... se eu tivesse procurado, por exemplo, estudar em casa, eu teria passado como alguns alunos passaram. Poucos passaram, mas alguns passaram. Então, assim, que que eles fizeram que conseguiram passar que o restante não fez? Entendeu? Então eu acho que foi exatamente isso que aconteceu. Agora, assim, lembrar o motivo, especificamente, eu não lembro direito. Mas, assim, eu acho... na época, há muito tempo atrás, eu achava que esse rodízio de professor, por não ter um professor fixo, ficamos... acho que foi... quase seis ou sete meses sem um professor fixo. Assim, atrapalhou muito, porque cada dia, cada professor que chega te ensina uma coisa de um jeito diferente. E, assim, você, com oito anos de idade, você não tem aquela noção de que ah, me ensinou desse jeito, mas eu posso fazer desse, desse, desse, desse jeito. Hoje, se você me ensina uma coisa, eu sabendo como eu tenho que começar e como eu tenho que terminar, o processo que eu vou fazer eu posso desenvolver de várias formas, né? Mas, naquela época, eu acho que eu não tinha essa noção, então, assim... eu acho que... o motivo, especificamente, eu não lembro, mas isso ajudou bastante”.

C. relatou que começou a trabalhar com 14 anos, nos Correios e por isto teve que mudar de escola “E como eu tinha que trocar o horário de escola e no IMACO eu não poderia fazer isso eu acabei trocando de escola. Eu voltei a estudar numa escola aqui perto chamado José Mesquita. Tem aula no Luxemburgo aqui embaixo. Né? E lá eu estudei... Acabei terminando... Fiz a oitava, né? Terminei a sétima, fiz a oitava... Fiz o segundo grau... Fiz o primeiro ano do segundo grau lá também... E também foi super tranquilo, não tive problema nenhum. As notas, assim, eram até razoavelmente boas... Nunca tive problema com notas, coisas assim... A não ser na segunda e na quinta, que [...] repeti, né? Já o primeiro ano também foi muito bom, foi uma experiência muito boa... Início de adolescência, né? Conhecendo muitas coisas, as coisas todas... E... aí, também, eu comecei a fazer alguns cursos, como, por exemplo, comecei a fazer curso de Informática, também, né? Porque na época os meus pais não tinham condições de

pagar, mas, como eu já tinha começado a trabalhar, esse dinheiro eu não precisava ajudar em casa, mas em compensação eu usava esse dinheiro pra poder fazer curso, né? Acabei fazendo curso de Informática, fiz também dois anos de inglês nessa mesma escola... E no final do primeiro ano eu tive um problema lá na escola com uma... Aquele namorinho de escola, aquela coisa toda, né? [...] Acabei saindo da escola. Saí da escola, acabei ficando dois anos sem estudar... Esses dois anos que eu fiquei sem estudar eu só fiquei mesmo trabalhando... E terminei o curso de Informática, né? Que a duração dele foi exatamente dois anos... Terminei o inglês, também, a parte básica... A segunda parte era fazer o intercâmbio... Os alunos da escola tavam... iam fazer o intercâmbio, alguma coisa assim... E por condições financeiras mesmo acabei não podendo fazer esse intercâmbio. Então, eu concluí o inglês, parei por aí, né? Falei que depois eu continuava no processo... num estágio avançado do inglês, mas acabei que eu desisti, não voltei mais; acabei que hoje em dia eu já não lembro quase mais nada de inglês. [...] Da Informática foi o que eu realmente desenvolvi, assim, que eu peguei gosto, mesmo, e comecei a desenvolver algumas outras coisas, aprendi mesmo... Fui atrás, e o pessoal lá do Correio me dava muita força, mesmo, porque gostavam do meu trabalho e me incentivaram a fazer coisas desse tipo, então eu acabei fazendo curso, acabei ficando em empresa por um bom tempo; coordenei um grupo lá com noventa pessoas de uma equipe; acabei coordenando uns programas lá mesmo, mesmo trabalhando como terceirizado; e depois eu saí de lá agora no último ano... Na verdade, antes de eu sair do Correio... Um ano, mais ou menos, antes de eu sair de lá, eu resolvi que já dava pra eu prestar vestibular, que o salário que eu tava ganhando já era mais ou menos compatível com o que dava pra eu poder pagar. Ia ficar um pouco apertado, mas dava, né? E... Nisso, quando... Nesses dois anos que eu parei de estudar... Quando eu voltei, eu voltei porque um amigo meu também tinha parado, e eu tava incentivando ele a voltar a estudar, mas eu mesmo tava parado, né? E então a gente combinou que, se ele voltasse, eu também voltaria. Acabei que eu voltei a estudar, né? Fui... Matriculei no Colégio Paulomar (Palomar), no centro, fica na Afonso Pena [...] Paulomar. Paulomar Aprova, o nome da escola. E... Eles trabalham até... mais com pré-vestibular, hoje em dia, mas na época era colégio... E acabei pagando particular pra poder concluir também o segundo grau. Aí eu estudei o segundo e o terceiro ano nessa escola particular chamada Paulo Mar, né? [...] É até muito conhecido como pré-vestibular e depois eles fecharam... Agora tá uma escola super pequena, assim, e tal. Aí conclui o segundo grau lá, né, e graças a Deus terminei. Foi quando eu fiquei mais uns... fiquei um ano sem estudar de novo, sem fazer também curso nenhum, e resolvi fazer o vestibular. Fiz o vestibular, né, aqui na Infórium, mesmo, faculdade da rádio (Av. Raja Gabaglia), quando... logo quando ela abriu, ali, faculdade perto de casa, já não vou ter custo com passagem, essas coisas, já dá pra dar uma... já dá pra pagar a mensalidade. [...] Fiz vestibular, fiz pra Sistemas de Informação, Informática. Passei, fiz um semestre, tudo bem, tranquilo, um semestre, né? Deu pra pagar tranquilinho. Foi onde eu comecei a ficar estressado, assim, no Correio e tal, já não tava mais..."

C. relata que acabou deixando os Correios "Conversei com eles, mesmo, falei que eu tinha resolvido mesmo de sair e tal... E, nisso, eu tranquei a faculdade... Na mesma época em que eu resolvi sair eu tranquei a faculdade, no segundo período... No meio do segundo período, eu tranquei... E... Porque eu

resolvi sair, né, e não daria mais pra eu poder pagar essa faculdade. E resolvi procurar outra coisa. Nisso, eu fiquei... quatro meses parado, e depois desses quatro meses eu falei: ah, agora já tá tranquilo; vou procurar... já deu pra dar uma refrescada, vou procurar alguma coisa pra eu poder fazer. Então, eu comecei a trabalhar muito cedo, e... meio que era uma pressão muito grande em cima de mim porque a família sempre falou: ah, você é o único que, se estudar, se for fazer alguma coisa, vai ser você, e aquela coisa toda, [...] eu acabava ficando meio, um pouco pressionado. Da mesma forma que não tinha como eles me ajudarem, digamos, financeiramente, pra poder bancar a faculdade. Eu já não tava mais dando conta nem de bancar a faculdade... Não tinha condições também de pedir bolsa, essas coisas todas, exatamente porque precisava de fiador, e não ter... ninguém que eu conhecia, assim, que tem um volume de dinheiro nessa quantidade poderia fazer isso... Lançaram esse programa de financiamento do ProUni, né? Porém, também, não caía naquela regra em que eu tinha escolhido fazer segundo grau em escola privada. Então, não se encaixou... Eh... Eu mandei alguns e-mails, até, pro Ministério da Educação, pra perguntar se tinha alguma forma e tal, mas eu nem obtive resposta. Nisso, eu acabei desistindo da faculdade, mesmo; tranquei a faculdade [...] Mas a faculdade, o curso tava até muito interessante, eu tranquei mesmo pela questão financeira, mesmo, que eu já não tava mais dando conta de pagar...” Perguntei ao C. quanto era a mensalidade da faculdade. Ele respondeu: “Anh... Seiscentos reais. Agora me parece que deve tá uns seiscentos e pouquinho, uma coisa assim. E...” E o seu salário?

“Seiscentos e pouco.[...] Então, ia todo prá faculdade. Como não tinha passagem e era perto de casa, pra mim não... E eu não era muito de sair, então, pra mim não... não tinha. E o dinheiro ia todo, mas era aquela coisa assim, coisa que eu achava que ia me... que vai mudar alguma coisa, e tal. Então, eu acabei trancando, né? Devo voltar agora no final do ano, agora só não sei o curso certo, e se eu volto pra essa mesma faculdade, até mesmo por causa duma...[...] Não sei se, também, o que ajudou a trancar o curso foi a faculdade, que eu também não gostei muito... o ambiente da faculdade, porque... eu imagino aquela coisa, né? Tipo... O pessoal geralmente imagina faculdade, campus, aquela coisa toda, que tem vários cursos, várias pessoas e tal; e ali, não, é uma faculdade específica...”

Quanto a história relacionada ao trabalho C. relata que: “Quando eu entrei na sexta série, no caso eu já tava com mais ou menos, aproximadamente, catorze anos, eu... Tinha uma Fundação Poselinski (Fundação Paul Zielinski) aqui embaixo, né, do próprio padre... daqui da São Brás, e ele tinha um programa chamado ‘O Menor Aprendiz’. Prestava serviço pros Correios, alguns outros lugares assim. Eu me inscrevi nesse programa, comecei a trabalhar nos Correios aos catorze anos; fiquei dos catorze aos vinte e quatro anos lá, né? Quando eu completei dezoito, eu teria que sair... por causa da maioridade e uma série de processos...” Perguntei porque começou a trabalhar com quatorze anos, ele respondeu: “Necessidade de ser independente. [...] Assim, eu sempre... desde pequeno eu sempre falei assim: Ah, eu vou estudar, vou... eu quero trabalhar, vou comprar minhas coisas, vou guardar dinheiro pra poder estudar..., aquela coisa, né? Tipo, fazia mil e um planos: Ah, vou estudar, vou... vou guardar dinheiro pra poder fazer faculdade, essas coisas todas, e... assim, depois que eu fui vendo mesmo, não sei o que foi acontecendo que eu fui... deixando algumas coisas que eu achava de lado, desacreditando de outras, que

eu vi que já não era tão fácil quanto eu imaginava que fosse, e... mais mesmo pela necessidade de... de ser independente, entendeu? De comprar o que eu queria, na hora que eu queria... Eh... Fazer curso, que às vezes... que a minha família, a minha mãe e o meu pai... meu pai já tinha falecido, a minha mãe já tinha me... casado de novo, né? Não casou legalmente, mas meu padrasto mora com a gente, e... assim, a relação com ele é... assim, não digamos que é boa, mas também não é ruim, porque eu não fico muito em casa... além de não ficar muito em casa, quando eu tô, geralmente ele não tá, então a gente quase não se vê... Então, assim, mas... não sou de parar pra conversar com ele, bater papo, essas coisas todas, mas também não sou de ficar brigando, essas coisas todas assim, né? Então, assim, eles não tinham uma condição de poder me dar o que eu queria, então, assim... eu falei assim: Ah, pô, eu já acho que eu posso trabalhar, tem muita gente que já tá trabalhando nesse mesmo programa que faz a mesma coisa que eu, por que que eu não posso fazer a mesma coisa também? Aí foi quando um amigo meu que começou lá e era... ele era um ano mais velho que eu, que também estudou comigo aqui no Mestre Paranhos, né, falou que tinha esse programa, que lá eles contratavam com catorze anos e tal, aí eu resolvi ir lá pra poder ver como é que é. Chegando lá, eles me explicaram, tal. A minha mãe foi lá também, depois... teve que ir lá depois, né? Porque eu sozinho não podia. Teve que ir lá depois, assinou alguns documentos, eu passei por um psicólogo, fiz exame médico, uma entrevista, toda assim, né? Pra ver se tinha condições, mesmo, de começar a trabalhar naquela idade... Naquela época, ainda tinha que andar com uma autorização do juiz, pra você poder fazer... trabalhar... e o motivo, mesmo, foi exatamente esse de me tornar mais independente o possível do pessoal da minha família, entendeu?”

Perguntei a respeito do trabalho nos Correios, ele disse: “Eh... Distribuindo documentos, mesmo como office-boy, essas coisas todas, e... quando eu completei dezoito anos, eu fui trabalhar na gerência financeira dos Correios. [...] Trabalhei na seção administrativa durante um certo tempo, trabalhei na seção de contas a pagar também, trabalhei na seção de controle financeiro, eh... Foi lá até que eu coordenei uma equipe. Grande, até. E assim, foi a maior coisa que, eu digo, profissionalmente falando que eu já fiz. E... Depois dessa época, eu fui pra gerência de Informática que foi quando eu comecei a estudar Informática. Indo pra essa gerência de Informática, lá eu comecei a... Assim, não sei se eram as pessoas que eram diferentes, né? Eu comecei... Ou é porque eu já tava acostumado a sentir o pessoal mais próximo de mim, assim, essas coisas todas... Eu comecei a sentir o pessoal mais frio, assim, também, e tal, e comecei a estressar mais com o trabalho, já tava também há um tempo sem férias, [aí] eu falei com eles que eu preferia sair, essas coisas todas. Aí eu acabei resolvendo sair. Fiz algumas viagens, né, por recomendação, mesmo, médica, pra desestressar, essas coisas todas [...] Agora eu já voltei a trabalhar. Tô trabalhando pra Oi, né? E...” Perguntei o salário, ele respondeu: “Quatrocentos e pouquinho [...] Tá. Tá carteira registrada... E na carteira registrada o salário é de trezentos e alguma coisa, porém, assim, eles dão comissão, essas coisas todas, e acaba... por enquanto, né, como eu ainda não peguei, assim, cem por cento a minha função toda, ainda não tá dando pra ganhar a comissão que o pessoal ainda ganha. Mas já tá... esse mês, por exemplo, já tá meio que encaminhado pra eu já ganhar mais, então, assim, geralmente o

pessoal ganha seiscentos, setecentos reais. Eh... Eu ainda tô ganhando em torno de quatrocentos e cinquenta, quinhentos reais”.

Pedi ao C. para que falasse sobre a experiência do estresse. Ele relatou que *“Não... Praticamente não dormir, ficar dias assim, sem dormir; quando dormia, dormia uma ou duas por dia... Eh... Ficar muito nervoso, começar a irritar com qualquer coisa que as pessoas falavam, assim, eu já... ficava meio irritado, e... me isolei um pouco das pessoas, assim... dos poucos amigos que eu tinha, mas eu me isolei do resto que eu tinha, né? Eh... Parei de ligar prá pessoas, daí quando elas me ligavam eu não dava muita importância. E no trabalho mesmo eu já não tava conseguindo ter aquela concentração e aquele desempenho. Ficar na dúvida de... disso e aquilo, por exemplo: Ah, será que é isso que eu quero? Será que é aquilo outro que eu quero? E... um pouco essa dúvida me pegou também porque... eh... eu queria fazer faculdade, mas assim, tava trabalhando numa coisa, tava trabalhando com Informática mas não sabia se era aquilo que eu queria. E tinha o Direito que eu queria muito fazer. Né? Aí, assim, na época, a faculdade de Informática tava mais em conta e tava dando pra eu poder pagar; a de Direito daria... ia faltar pouca coisa, mas ia faltar pra eu poder fazer. Falei: Entrou uma coisa que eu já tô trabalhando com ela e que daria pra eu poder pagar, eu prefiro fazer vestibular e fazer isso. E outro. Mas o nível de redação tava alto, e procurei um psicólogo, cheguei a marcar consulta, né? Porque a gente tinha convênio médico, essas coisas todas, aí eu procurei, por indicação deles, mesmo, pediram pra que eu fosse, coisa assim, procurei... ele me indicou que viajasse um pouco, e tal, não chegou a passar... não foi aquelas coisas de tomar remédio, essas coisas todas... Mas ele me indicou que viajasse um pouco pra poder diminuir um pouco o ritmo que eu tava, porque também eu trabalhava... o meu horário de trabalho eram seis horas por dia, porém acabava que eu trabalhava oito, dez horas porque... principalmente nessa época que eu tava coordenando o pessoal, então assim, eu passava na empresa antes de chegar... ir pra escola, eh... ligava todos os computadores, carregava tudo que tinha pra fazer, deixava o pessoal pronto [pra] chegar às sete da manhã e trabalhar. Nisso, eu ia prá escola, voltava prá escola, como a escola era do lado, né? Ia pra escola, ficava na escola, e no horário do intervalo acabava dando uma passada do lado, né? Acabava dando uma passada pra poder ver como é que tava, essas coisas todas. E, quando eu saía da escola, eu acabava indo direto pra lá, aí ficava aquela coisa: não almoçava, não comia direito, aí eu acabei... assim, dando vários problemas, né? Entendi que C. teve estresse em duas ocasiões. A primeira quando ele ainda estava no final do terceiro ano do 2º grau e a segunda vez quando já freqüentava a faculdade. Em ambas as vezes teve falta de sono, falta de apetite, irritabilidade. Procurou ajuda de um psicólogo e em outra ocasião de um psiquiatra.*

Perguntei ao C. a respeito das dificuldades que ele tem enfrentado. Ele respondeu: *“Isto. A princípio, a questão financeira, mesmo. Pra poder fazer a faculdade, tal, uma coisa assim. Eh... Hoje em dia, também, eu não sei. Parece que de um tempo pra cá num nível de... de... facilidade de aprender, que antes eu achava muito boa, que era... eu considerava excelente, eu aprendia muito fácil, hoje em dia já não tá mais tão assim, eu não sei o porquê, mas eu acho que já não tá bem assim... Eu ainda aprendo muito*

rápido, porém não com aquela velocidade que eu aprendia. Mas, tipo... Igual, eu sei que existem outras formas, porém... é um meio que... não sei se desânimo, ou o que que é que me impede de correr atrás de outras formas de fazer. A princípio, eu falei assim: A questão financeira da faculdade, tem faculdade privada. Poderia correr atrás? Posso. É muito difícil? É. Porém, se eu estudar, eu vou dar conta. Porém, eu já não acho... eu acho que já não vou dar conta, entendeu? Mas assim, eu sei que se eu... conseguir, eu... se eu... por exemplo, se eu tentar correr atrás, às vezes eu... eu posso tentar correr atrás, mas... eu acho que tem alguma coisa que me bloqueia que fala: Ah, eu não vou conseguir. Então, isso não deixa que eu vá atrás daquilo. Então a minha opção, mesmo, é fazer faculdade particular, que foi onde eu já comecei, e tal, assim, já tem uma facilidade assim pra gente voltar, né? Mas... eu não voltei ainda por causa da questão financeira, mas com certeza eu pretendo voltar, assim que o salário tiver compatível com alguma coisa, e até mesmo... tô verificando a possibilidade, mesmo que trabalhar em dois empregos, alguma coisa, já que lá o horário já não é tão assim, né? E eu ainda posso... encolher mais esse horário, porque geralmente eu fico até às quatro porque eu quero, porque eu poderia ficar até tipo... até três horas, por exemplo, e geralmente fico até às quatro pra poder fazer alguma coisa a mais. Mas assim, desse horário de três até... tipo dez da noite, que daria, assim, eu acho que daria pra eu poder trabalhar em alguma outra coisa, mesmo pra guardar um dinheiro, alguma outra coisa, pra poder... voltar pra faculdade, alguma coisa desse tipo, né? O problema, assim... achar um outro emprego que te dá a oportunidade de trabalhar seis horas já não é fácil, né? O pessoal geralmente quer oito horas, tal, fim de semana, essas coisas todas. E, por esse motivo, eu prefiro optar por aguardar, esperar por esses seis meses, né, que é o tempo que vai completar... acho, deixa eu ver: agora fizeram quatro... Em agosto... a partir de, provavelmente, o dia 15 de agosto, eu já posso fazer esses tipos de processos na empresa, então, assim, eu tô esperando isso acontecer... Vai ser tipo como se fosse o gatilho, né? Pra eu poder ocupar um cargo melhor na empresa pra poder dar conta de pagar uma faculdade, entendeu? Mas assim, o que me impede, mesmo, assim, mesmo, que eu acho, é só isso. A outra barreira de correr atrás de outras formas, por exemplo, que seriam faculdades... públicas, sinceramente nem eu mesmo sei o que que é, mesmo, tipo, não sei se desmotivação, ou alguma coisa desse tipo, que o pessoal lá de casa nunca foi de, tipo, sentar com a gente, conversar, falar: Não, você tem que estudar mesmo e tal. Eles só falavam assim: Ah, não, se alguém for fazer alguma coisa na vida, vai ser você; mas ninguém nunca tá nem aí, não falam: Ôu, vai lá, estuda mesmo, ou então: Ah, não, vou te ajudar com isso, você tá precisando disso?, ou então você tá precisando daquilo? Eles não são de fazer isso, entendeu? Então assim, é você por você mesmo, eh... mesmo te dando aquela coisa assim... não te dá força, mas também não te atrapalha. Certo? A princípio, assim, eu acho que seria só isso mesmo, assim... não tem... A barreira, mesmo, por que que eu não consigo fazer isso eu não sei te dizer, especificamente”.

A respeito do futuro ele disse: “[...] Questão de emprego... eu, pelo menos, tô nesse... acho que temporariamente, mais porque lá... pelo que eu vejo, assim, entre aspas, lá eles dão uma oportunidade muito grande de você crescer. Entendeu? Então, assim, eu vou ganhar menos, porém aqui eu vou ter uma oportunidade de crescer, independente do nível em que eu vou chegar. Já, se eu continuasse no Correio,

era ali que eu ia ficar, a não ser que fizesse um concurso, alguma coisa assim. Então, como um concurso sai, assim, uma vez ou outra, eu cheguei a fazer um concurso, passei, foram... cheguei a fazer um concurso, né, pra técnico... técnico administrativo, na época. Salário bacana, era mil e trezentos reais, mais ou menos, de salário, essas coisas. Bacana, tudo bacana... pra trabalhar no hospital dos Correios; passei, porém, eu passei em... a minha colocação foi oitenta e quatro. Desses oitenta e quatro, me parece que eles chamaram trinta e poucos, assim, nesse período. E assim, o pessoal lá, todo mundo tava até empolgado, me deram a maior força, falou que era uma colocação bacana... e assim, falou que era uma colocação bacana, boa até, e que era bem provável que me chamassem, mas depois disso, desse lance de não ser chamado, eu acabei... assim... meio que perdi um pouco as esperanças, né? Falei assim: Ah, não vai... não vou passar, alguma coisa assim. Aí, não sei, né, aquela coisa que te dá de vez em quando, que você... acaba te desmotivando. **[Pequena pausa.]** Agora... lá na Oi, mesmo, pessoal dá uma oportunidade muito grande de você crescer, porque é uma empresa antiga, né, só mudou o nome, porém ela é assim: são pessoas novas, com uma visão diferente, e eles te dão mesmo a oportunidade de crescer, se você tiver afim e quiser correr atrás, você pode. Então, assim, eu entrei lá com a mente de eu vou ganhar menos, porém, depois de seis meses (né, que é o que eles pedem pra que você esteja na empresa) eu posso fazer o processo seletivo lá dentro. Que assim, há praticamente todos os meios de ter um processo seletivo pra alguma coisa, são muitas coisas e são muitos leques. De lá eu posso trabalhar com Informática, posso trabalhar com vendas, se eles quiserem, posso trabalhar com... com cliente, posso trabalhar, assim, em vários setores, que eles são essa opção pra você, entendeu? Então, assim... eu aceitei trabalhar exatamente... com o salário baixo, exatamente por a empresa dar esse leque de opções e... entrei lá mesmo porque eu quero crescer lá dentro, entendeu? Pra poder ganhar um salário melhor, pra poder voltar a fazer faculdade, e desenvolver um trabalhar na área que eu terminar o curso que eu escolher, mesmo, entendeu, pra poder fazer nessa área. Então, assim, lá o pessoal é muito bacana, assim, você conhece muita gente nova, tem um pessoal bem novo trabalhando com pessoas bem experientes, também, né? Você aprende muito; o aprendizado é muito grande. Então, assim, e eles dão essa oportunidade de você crescer, né? Não é aquela empresa que põe lá naquele cargo e te esquece lá. Entendeu? Então, assim, a minha esperança é de crescer na empresa, fazer minha faculdade e formar, e desenvolver alguma coisa na área, até mesmo montar um negócio pra mim ou alguma coisa assim, ou mesmo continuar trabalhando em alguma empresa, mesmo que seja privado ou público, também mais ou menos nessa área. De Informática, mesmo”.

Reg. No 31

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

M.R.G., 9 anos e 9 meses, masculino, 1ª série. Mãe não queria a gravidez e por isto tentou abortar com chás caseiros. A criança apresenta história de 3 hospitalizações devido a broncopneumonia e anemia. Teve também uma fratura do braço esquerdo. Com 7 anos a criança entrou para o Centro

Integrado de Atendimento ao Menor (Ciame) - órgão da FEBEM, que se localiza na comunidade; a criança permanece apenas parte do dia nesta instituição, que dá assistência para crianças da própria comunidade. Criança frequentou uma creche local, que segundo a mãe fazia ameaças à criança. G5P5A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Síndromes ou sintomas especiais não classificados em outro local:

roendo unha; enurese noturna

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

tensão; irritabilidade; tristeza; timidez

Transtornos de conduta não classificados em outro local:

gazeta (prefere ficar na rua)

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtornos (atrasos) mistos do desenvolvimento:

leitura; aritmética; linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Sugestivo de desnutrição aguda e crônica; rinite crônica (rinorréia)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Relacionamento intrafamiliar discordante:

desarmonia entre os pais; desarmonia entre os pais e filhos; mau trato físico pais/filhos); mau trato emocional (pais/filhos)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixa escolaridade do pai; analfabetismo materno; irmão mais velho com atraso na escolaridade

Condições de vida inadequadas:

miséria; aglomeração; crianças dividem a mesma cama; lixo exposto

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

repetência; baixo rendimento escolar; dificuldade no relacionamento com a professora e meninas

Outros estresses psicossociais intrafamiliares:

irmão mais velho com passagem pela FEBEM e com transtornos de conduta; mãe alcoólatra; pai alcoólatra?

Outros:

Mãe com quadro sugestivo de depressão; mãe preocupada com drogas na comunidade; homicídio recente de uma criança na favela; residem em favela; família numerosa

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 12 a 10 m – 2ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista com o M.R.G. não pode ser realizada porque ele foi assassinado. Pedimos ao irmão dele, chamado Ma. para participar da entrevista. Ele aceitou e a entrevista aconteceu no dia 08/07/2008 na Paróquia São Brás. Ma. chegou na hora marcada e estava bastante animado em participar. Da família do M.R.G. composta pelo pai, mãe e cinco filhos, estão vivos o pai, o Ma. e o Mar. A mãe faleceu e além do M., a irmã Mar. e o irmão Marc., também foram assassinados pelo envolvimento com drogas. Durante a entrevista que tinha como objetivo conhecer a história do M. constatei que o Ma. acabou por falar predominantemente dele próprio, assim em vários momentos da entrevista existem trechos onde Ma. fala dele e do M.

Ma. começou a entrevista assim: *“Boa tarde. Meu nome é Ma. R. G.. Sou irmão do M. E eu gostaria de falar... Através dessas palavras, né? Contar um pouco da vida, o que aconteceu no passado sobre M.R.G., e até outros também que talvez tá ouvindo essa melodia, tá ouvindo essa canção aí, e você para e reflete nessas palavras. Em 1990, ele tinha apenas, praticamente, sete anos, quando ele estudava perto da igreja, no conjunto Santa Maria, no Colégio Estadual Mestre Paranhos. Viveu uma vida agitada, como um menino normal. Pessoa trabalhadora que mora em bairro periferia – como muitos dizem, ‘favela’, né? – por causa da situação precária ... [...] Bom, eu estou aqui porque eu tenho vinte e oito anos, convivi, vi a dor que o meu irmão sofreu... Usava droga, bastante droga. Era revoltado, brigava com a minha família. Até ele fugia da escola. Não porque era falta de estudo que alguém levava, não. Tinha pessoas pra levar, mas ele era orientado. Não tinha orientação para ele ficar naquele lugar, porque várias vezes ele já falou pra mim que ele tava ali, mas a... Comigo memo já aconteceu isso. Que tava ali, mas a minha cabeça tava em outros lugares. Tava pra brincar, pra sair dali, pegar traseira de ônibus, roubar supermercado...”*

A gente só ouvia coisas ruim. Até mesmo dentro das escola. Que muitas pessoas acha que a maldade está do lado de fora, mas tá do lado da escola, também. Através do colega, através de pessoas que vai ali não com intenção de estudar, mas com intenção de fazer várias coisas errada. E isso eu fui vendo na vida do meu irmão. Como a dele, eu fui encaminhando, também. Encaminhando só pro buraco, pro buraco. Meu irmão foi crescendo... Meu irmão saiu da escola – como eu, também, fui expulso do colégio. Fui expulso várias vezes do colégio por causa de briga, por causa de coisas errada. Ele... Eu vi ele praticar vários roubos. Já presenciei várias vezes ele chegando em casa com coisas roubada... Polícia pegando, algemando... Várias vezes”.

Sobre a à escolaridade de M., Ma. se refere a ela em um momento da vida deles quando eles estavam detidos em um órgão de segurança pública (centro especializado para menores infratores), durante uma conversa dos dois, Ma. fala para o M.: *“Eu falei assim: “Ó, estudar, pelo menos, nós não sabe ler.*

Nós entrou várias vezes na escola... Num sabemo ler, num sabemo escrever. Então, prá gente viver esse mundo aí, num tem mais jeito. Num tem ninguém pra ajudar a gente; os pai da gente só sabe bater na gente. Os pai da gente, a gente vai pedir eles dinheiro a eles pra comprar alguma coisa, eles num dá dinheiro prá gente porque num tem, a situação é precária ...” Perguntei até que série o M. estudou Ma. respondeu: “ Se foi muito... Se foi muito, muito... Que ele fez a segunda série. Que eu já comprovei, já. [...]Que eu fui pegar o meu histórico, aqui... Que eu ia fazer o supletivo, pra fazer concurso público... Aí eu vi o histórico dele aqui. De muitos anos atrás. Eu vi a segunda série”.

Perguntei sobre trabalho, profissão. Ele respondeu: “Ah, que eu me lembro... Porque eu e ele era unha e carne! [...] Que eu me lembro, ele num tinha profissão, não. **[Risos.]**”

Sobre a saída dele e do irmão de casa Ma. relata que: “...Me separei de casa. Saí de de casa praticamente com uns... Primeira vez que eu saí de casa, que eu fugi de casa foi com uns... dez anos de idade. E ele foi prum lado, eu fui pro outro; meu irmão foi prum lado... Aí desandou a família toda. Ninguém mais parava na escola... Ninguém mais queria saber de estudar, num tinha mais força. Num tinha mais força pra fazer nada [...] eu me separei da minha família, eu fugi de casa, eles fugiram... Um foi morar num lugar, outro foi morar em outro... Aí a vida começou desandar. A vida começou cair... Eu vi mortes, eu vi muitos crime... Aí eu fui viver no tráfico, meu irmão foi viver no tráfico... Minha irmã com treze pra catorze anos já tava esperando o primeiro filho dela... Isso que eu nem sabia. A família toda nas drogas ...”

Sobre o envolvimento do M. com droga Ma. relata: “Eu fui o primeiro. Depois foi meu irmão. Meu irmão cansava... Ele fumava tanta droga, tanta droga, que, só o que eu já vi, o M., duas vezes ele teve overdose na minha frente, no quarto lá de casa. Duas vezes. Eu vi ele tendo overdose, menino puxando a língua dele... E era a própria droga que eu tinha passado pra ele. [...]”

Ma. se refere a uma das conversas que teve na ocasião com o M.: “Eu ‘tô na vida totalmente errada e eu vou dar um jeito de mudar de vida. Eu falei assim: Ah, eu também. Tô pensando de mudar de vida, também. Aí nós começamos envolver no crack. Praticamente, eu entrei; dois anos depois, ele entrou. Porque ele saiu... Ele era usuário. Eu nunca usei droga na minha vida. Mas já vendi muita coisa, já fiz muita coisa... Não. Se eu falar que eu nunca usei, eu tô falando mentira”.

Ma. continua: “Aí foi passando os tempos... [...]Foi passando os anos... Meu irmão parou de usar droga. Mas aí tem outra parte: ele parou de usar droga e foi vender droga. Que deu no mesmo, também, né?[...]Num saiu da lama, só trocou a camisa. Começou a vender droga.Começou a trocar tiro com polícia... Que isso aí eu já presenciei, já, várias vezes... Que eu num quero citar nome de policiais...Que eu conheço, porque ele já me falou, já, que num é porque meu irmão morreu, mas que já deu muito trabalho pra ele, já. Os dois irmão”.[...]

Sobre o assassinato da Mar, irmã deles, Ma. relata: “Diz umas pessoas que viram minha irmã, lá, e esses rapazes... Eu num cheguei a encontrá-los, eu ouvi boca de outros [...] Que a minha irmã parecia muito com esse menino que tinha entregado...[...]Aí eles falou assim que foi ela que indicou para matá-lo, mas ele num morreu”. Ma. relata a conversa que teve com a pessoa que a Mar. havia entregue: “Hoje eu

sei de todas as história não através de boca das pessoas, mas como eu pego o ônibus praticamente todo dia com esse rapaz. Que levou esses tiros todos. E ele falou pra mim que tinha uma menina... Hoje ela saiu da favela... Idêntica à minha irmã: morena, do olhos claro, cabelo grande, liso... Que denunciou ele para a autoridade. Falou que ele vendia droga.[...] Ele me contando! E ele falou assim: Ma., eu falei pra pegar essa menina. Só que esses rapazes, aqui, que vieram de São Paulo... Num sei se é de Iturama, Campina Verde... Ele falou dum trecho donde é que era. Eles achou que era a sua irmã. Porque não tem condições uma pessoa ser idêntica! Viu e num quis saber de nada! Chegou, num perguntou o nome dela... Nem sei o nome da menina, na época. Num quis saber de nada! Chegou, derrubou ela no chão e deu dois tiro nela. Ele contando pra mim que ficou sabendo no hospital, que eles, os rapazes dele, tinha efetuado esse crime. [...] Aí ele falou assim: Ma., eu num sei como isso aconteceu, mas era idêntica, mas num era sua irmã. Mas agora num tem mais jeito! [...]

Aí meu irmão ficou revoltado. [...] Ele falou: “Ó ali. Mostrou aquele tanto de sangue, de coisa, ali... Falou: Eu vou correr atrás disso aí. Eu vou fazer isso. E foi aí...[...] Ma., a minha cabeça tá rodando. Num tenho mai nada...[...] Não, eu vou fazer isso, fazer aquilo ‘ Perguntei para o Ma. a idade da Mar. Ele respondeu: “Ah, minha irmã morreu com... Nem dezoito ano ela tinha. Acho que ela ia fazer dezoito anos”.

Ma.continuou relatando a reação do M.: aí. Falei: “Olha o tanto de coisa que aconteceu com a gente, aí. Olha o tanto de coisa! Eu passei esse tanto de tempo preso, aí. Me recuperei, tô andando, aí. Agora cê tá pensando de fazer coisas errada? Aí ele falou: Não, eu vou fazer... Vou fazer aquilo. Eu tô com isso. Como é que ele fala: Eu tô com o cão! [...] Uma hora, você vai ver, eu vou fazer coisa errada. Eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo. Ma. continua descrevendo a reação do M.: “E ele com essa revolta de vingança, ali. No peito dele. Essa revolta, essa revolta.[...] Aí foi que meu irmão... Esses mesmos rapazes que um dia meu irmão ameaçou, eles mataram ele. Mataram. Muito tiro, nó! Muito tiro que ele morreu. Muito tiro, mesmo! [...] Chamou ele pra usar droga... Assim meu primo me contando. Chamou ele pra usar droga, aí ele foi, aí eles efetuaram vários disparos nele. Vários disparos. O médico falou assim que, com oito tiro que tinha tomado, ele num tinha morrido, ainda. Ele só tomou o... Acho que foi depois do décimo primeiro tiro que ele tomou que ele veio a falecer.

Ainda, quando eu cheguei, que era só eu que poderia liberar o corpo dele, porque num tinha irmão mais velho. Minha mãe já... Meu pai num sabia de nada, tava fora de Belo Horizonte. Que ele tava de férias do serviço dele, onde que ele já há mais de doze anos trabalhando, ele tava de férias. Nem sabia o que que tinha acontecido com o filho.[...]

Aí eu fui, liberei o corpo, conversei tudo, lá... Da minha mãe, também, eu tive que liberar o corpo... Porque isso foi tudo assim, ó. Foi tudo, aos pouco, foi acontecendo, igual dominó. [...] Foi acontecendo assim, ó. Tudo caindo, tudo desmanchando, tudo desmanchando. E eu vendo tudo aquilo ali sem poder fazer nada”.

Perguntei ao Ma. se quando a Mar. foi morta a mãe ainda era viva. Ele respondeu: “A minha mãe, ela era viva!” Ma. disse que ela morreu pouco tempo depois da morte da Mar.: “Porque a minha mãe morreu nessas conseqüências... Assim com o médico me falou...[...] É, da morte da Mar.[...] Porque meu

pai que... Quando eles ficaram sabendo da história, aí aconteceu que ela deu um infarto. [...] Minha mãe. Só que ela foi pro hospital e voltou. Depois, só, que ficou... Num sei se é porque viu as foto... Ficou grave. Aí ela internou na Santa Casa. Teve um estado grave e veio a falecer. O médico fala que foi consequência disso. Choque misto, parada cardíaca, e falou outra coisa. Porque...[...]

Aí ele falou assim... Me perguntou se tinha alguma coisa que ela ficava pensando. Eu falei que era a minha irmã. Por causa disso que tinha acontecido. [...]

Aí, né, o doutor falou comigo que ela num guentou, que era muita pressão”.

Perguntei sobre os outros dois irmãos. Ma. respondeu: “Isso. Só tem um vivo, só. Que hoje ele tá com... três anos. Tá três anos preso. Três anos e seis meses tá preso [...] Só esse que tá vivo. E o Marc. morreu...[...] Envolvição do tráfico, mesma coisa [...] . Porque ali tinha uma boca de fumo que é aonde que eles morreram [...]E nessa época... Isso foi uns doze dias antes de ele morrer. Eu levei ele na igreja e falei assim: Ó, tem dois caminho. Você num pode ficar em cima do muro. Você vai prá direita ou prá esquerda, ou não. Cê tem que andar em linha reta. Você vai escolher esse caminho que você quiser. E depois daí nunca mais eu vi. Só vi ele no caixão.[...] hoje faz três anos que ele faleceu. Quando mataram, ele estava com dezessete anos”.

Perguntei ao Ma. porque as pessoas envolvidas nas situações descritas por ele resolviam os problemas matando. Ele respondeu: “A pessoa tá com a cabeça quente, só depois que esfria é que ela vai refletir. Ma naquele momento, ali, se num tiver uma força pra ajudá-la...”. Insisti na pergunta, ele continuou: “Rivalidades. [...] É uma pessoa, por exemplo, tá ganhando mais dinheiro que outro ali. Ele tá ganhando mais dinheiro, ela... Eu já vi várias pessoa morrer por causa de cinco reais, por causa de uma grama... Perguntei se a pessoa não pensa nos familiares do outro. Ele disse: “Não, isso num passa pela mente, não. [...] Num passa, não. Num passa. Isso eu tenho certeza.

Num passa. Porque, igual, se acontecer alguma coisa que toma posse daquela pessoa... Igual de mim, que aconteceu... Parece que alguma coisa que tomava posse de mim que eu ficava em si... Tinha vez que eu ficava duas noites... Igual essa vez que o rapaz veio matar o meu irmão, eu fiquei três semanas... Que foi minha primeira droga, foi a cocaína, que eu tive que cheirar pra ficar lúcido. Mas eu andava assim, ó, andava assim dormindo, igual zumbi. Igual zumbi. Então, num pensa. Num pensa. Num pensa. São várias... É muito difícil, muito difícil, muito difícil a pessoa chegar pra executar, pra... Porque ela já tá planejando aquilo ali dentro da mente dela”.

Perguntei se não haveria uma outra forma de resolver. Ele disse: “Nessa vida aí num tem outro plano, não. [...] É igual eles fala: o crime é cheio de falhas. É cheio de falha. Mas ele num aceita. Ele é todo podre. Tudo ali de errado, ali, tá ali dentro. Mas ele não aceita que você fale. [...] Ele não aceita que você pratica uma falha. E, se você praticar uma falha, você tem que pagar com a sua vida. [...] A pessoa que entra dentro dela já tá ciente, já. Não porque os outro fala, mas porque ela vê. Foi o que aconteceu comigo. Por que que muitos fazem isso aí e num para pra pensar? Num para... Porque ela só vê aquela coisa ruim sem defesa. [...] Num tem defesa, então ela já cresce com aquilo ali. Como se fosse uma coisa mecânica”.

Sobre a família, Ma. relatou: “*Meus pais brigava dentro de casa, aprontava, meu pai falava que ia matar minha mãe, e eu olhando aquilo e crescendo naquela revolta. Só crescendo naquela revolta [...] Meu pai espancava demais a minha mãe. E minha mãe chorava, chorava, chorava, chorava, chorava. E chorava muito, soluçava. Batia demais nela. Eu via aquilo, aquilo ali criava uma revolta dentro de mim. Eu falei: Pra que... E eu pequeno! Eu falei: Pra que que eu vou ficar estudando, vendo meu pai espancar minha mãe? [...] Pra quê? E ele ia pro colégio! Ele estudava à noite [...] . Meu pai! Aí eu falei assim: Ah... Pra que que eu vou ficar fazendo isso aí, indo pro colégio? É isso que me veio a fugir de colégio.*”

Ma. recorda o que o M. falou para ele em uma ocasião dessa relatada acima: “*E meu irmão: Uai, cê num defende, não? Cê num defende minha mãe, não?, o M. falando. Falei assim: Uai, como que eu vou defender, o meu pai grosso desse jeito aí? E tá estudando, ainda! Falei, que eu lembro disso aí até hoje. Falei: Tá estudando! Estudava no EMOC, na época. Tá estudando, ainda. Diz ele que tá estudando. E grosso desse jeito, aí. Batendo na minha mãe, batendo na gente ...[...]*”

Assim, a minha mãe bebia muito... Bebia demais, demais. O meu pai dava de tudo pra ela. De tudo, de tudo. De tudo! Naquela época... Aquela época lá, nossa! Ele deixava de... Vendia até fé... Que ele sempre foi uma pessoa trabalhadora. Até hoje. Hoje ele tá... Quase treze anos que ele tá nesse serviço. Esse serviço, ess outro dele.[...]

Sempre foi uma pessoa trabalhadora. E ele sempre foi uma pessoa trabalhadora, sempre deu de tudo, só que a minha mãe num dava valor. Num dava valor. Isso eu via. Então ele ficava nervoso... Muitas vezes eu ficava pensando: Por que ele fica nervoso? Porque muita das vezes ele chega em casa, num tem nada pronto. E tinha mantimento. Tinha mantimento... Na época tinha uma televisão, que era muito difícil, eu me lembro. Até televisão ele tinha comprado prá gente. Que era muito difícil da favela toda ter, ele tinha comprado... Aí... Briga, desunião, minha mãe chegava bêbada lá em casa, lá, e dormia... Colocava as panela no fogo e deixava queimar tudo! Eu penso o seguinte, que aconteceu isso aí por causa desse motivo. De vícios... Fumava demais... E meu pai era muito nervoso. [...] Não. Nem bebia, nem fumava [...]. Mas era uma pessoa nervosa. Por causa dos problemas [...] Então, muitas vezes a pessoa acha que a pessoa é nervosa porque ela bebe, porque ela fuma. Num tem nada a ver com isso! Tem nada a ver!

Ó, lembrança, eu num tenho nenhuma, pra falar pro senhor a verdade. Porque foi só coisas horríveis que eu vivi ali dentro, ali. Só coisas horrível. Porque eu fiquei pouco tempo com eles, também. Porque, igual eu falei pro senhor, a minha trajetória de vida foi só... Me afastei deles, porque era muita coisa. Muita coisa! Então, o que eu lembro deles... Eu tenho poucas lembrança. Eu num lembro nem... Quando eu tinha dez anos, onze anos, eu num lembro nem onde é que eu dormia na minha casa. Eu num lembro... Porque foi poucas as vezes que eu morei dentro de casa. Porque eu fugia, ficava um dia, fugia de novo. Então eu num lembro isso. Eu num tenho essa recordação. Só vivia nas ruas, nas casas dos outros... Vivia...”

Perguntei ao Ma. porque o M. havia escolhido esse caminho que ele descreveu. Ele disse: “*Assim, meu pai e minha mãe, assim, no a gente perceber, eu pensava que eles sofria mais no bem materiais e*

quando num há diálogo. *Que os dois... Num sei se é porque a renda era baixa renda e tinha cinco pra sustentar... E via a gente indo prum lado, pro outro, dormia na rua... A gente dormia na rua! Eu, por exemplo, várias vezes fugi de casa, já. Eu conversava com meus irmão, ficava cheirando cola... Tinha minha irmã, o Mar., o M.... Várias vezes eu pegava eles cheirando cola, levava, voltava... Voltava, voltava... Teve uma vez que eu falei: Ah, eu vou ficar mais com esses menino, não! Vou fugir de casa! Vou fugir! O que eu penso, o seguinte, que levou ele a esse aspecto, a essa trajetória de vida tão infrutífera foi isso. Muitas coisas horríveis que teve passado... E ele num teve como... falar com alguém, desabafar”.*

Perguntei se ele tinha conversado com o M. Ele respondeu: *“...quando ele me falava, assim, ele falava que ele tinha vontade de sair dessa vida, que eu foco muito isso, que ele falava que ele tinha vontade de sair dessa vida. Mas muitos acha: Que vida que é? Ó, a vida que a pessoa num dorme, a vida que a pessoa num come... Pessoa tem que dormir escondida... Igual ele, eu já... Eu já vi! Ele dormindo em cima de árvores, armado, por causa do medo de alguém chegar, matá-lo... Eu já vi, presenciei com os meus próprios olhos...”*

O Ma. em muitos momentos da entrevista fala bastante sobre si próprio. Um desses momentos foi a saída do colégio. Perguntei ao Ma. se o colégio não o teria ajudado. Ele respondeu: *“Não. Não só eu, como várias crianças que estão lá dentro agora. Ou que tá até ouvindo, aí. Ouvindo isso aí. Você que está ouvindo aí, quantas vez vocês pensou várias coisas dentro da sala de aula? Você tá aqui, mas sua mente, seu corpo tá em outro lugar”*. Perguntei se isso não havia acontecido com ele também. Ele disse: *“[Risos.] Direto! [...] Eu tava ali, mas só tava a matéria! Mas o meu espírito num tava ali, só tava a carne! [...] Ah, tava na rua, tava nas briga dentro da minha casa. O centro de tudo era ali. [...]*

Por exemplo, eu ia pro colégio fazer a vontade da minha tia. Não a vontade da minha mãe, vontade da minha tia, porque ela foi uma pessoa que - primeiramente, Deus; segundo ela na Terra - que me ajudou demais nessa vida! Então eu ia fazer a vontade dela pra estudar. Não fazer a minha vontade ou pra mim pensar que eu ia ser alguém na vida. Assim como o meu irmão! [...] Porque ele era... né? Fugia... Mas era tanta coisa ruim que a gente ouvia! Tanta praga! Porque aquilo ali ficava na nossa mente e num saía! [...]

Eu já saía, assim, prá hora do recreio, pensava: Nossa... Nó, eu tô comendo uma comida aqui, lá em casa num tá assim, tá ruim... Aqui eu tô comendo melhor do que em casa... Mas eu num quero ficar aqui assim, não. Agora eu vou chegar, vai bater o sinal... Na época nós falava bater o sinal... E eu vou pra casa e vai ser aquela mesma rotina, meu pai vai me espancar... [...] Eu vou ver aquela briga de novo... Isso... Quer dizer, a minha mente estava lá em casa [...] E a minha matéria, que é o meu corpo, estava na onde? Na escola! E eu ficava pensando nisso aí. Ficava pensando, pensando, pensando...”

Perguntei sobre o relacionamento do Ma. com o M. Ele respondeu: *“É. Assim, como irmão, a gente tem ciúme do outro. Isso todo lugar tem. Então eu via que várias coisas eles faziam mais pro meu irmão e prá minha irmã do que pra mim [...] Aí aquilo ali me ficava pra mim assim: Eles gostam mais deles do que de mim. Que eu sou o mais velho. Eu pensava nisso, assim, que eles gostava mais deles, dava mais atenção pra eles do que pra mim. Agora, eu num sei se é porque eu fazia várias coisas errada... E*

eles tava começando ali, ó. E eu pensava: Poxa... Hoje, assim, eu tenho certeza que naquela época eu precisava mais de ajuda do que eles [...]

Aí eu pensava: Falam mais deles... Falam mais da minha irmã... Eu já fugi um cado de vezes de casa, já; já fiz um cado de coisa. Por que que eles num conversa comigo? E eu pensava nisso aí. [...] Que eles davam mais atenção pra eles do que pra mim. [...] Pensei... Eu me revoltava, nossa! Eu saía prá rua, muita das vezes... Por causa disso aí, que meu primeiro roubo do carro, que eu fiz com doze anos, foi por causa disso aí. [...] Por causa disso. Deles dar mais atenção pra eles...[...]

Eles falava: Cê vai, cê faz... Eu falava: É, vou fazer uma coisa horrível. [...] Isso. Não, pra eles ver que eu tinha coragem. Porque eles falou assim: Ah, cê é pequeno. Cê já fugiu de casa, já fez isso, já fez aquilo, cê num tem coragem de fazer coisas grande, não. Falou comigo.[...]

Me desafiava. Não muito a minha mãe, mas o meu pai, né? Fala comigo assim... Sempre, sempre falava assim: Ah, cê fez isso, cê fez aquilo... Batia muito! Me batia de soco, mesmo! Ó! De soco, como se tivesse brincando. Falou assim: Ah, cê já fez... Ele falando. Cê já fugiu de casa... Você já passou em colégios, já, num conseguiu adaptar... Você já foi pra vários lugares, já, longe da gente, sem a gente saber... Depois de três, quatro dias a gente ficava tendo notícia sua... Ele falando. Fugiu de casa, dormiu em praça da Assembléia... Várias vezes já dormi ali naquela praça... Então, você quer viver nessa vida, eu quero ver até quando você vai viver... E eu quero ver se você tem coragem de fazer essas coisas. Aí eu: Essas coisas? Aí hoje eu penso, 'essas coisas', essas coisas errada. Falei: É? Então eu vou começar a roubar agora. Porque, nesse tempo, eu nunca tinha praticado crime, não. Só fugia de casa. Eu nunca quebrei... Assim, nunca tinha roubado nada, não. Isso aí eu posso ter certeza. Com doze ano. Aí eu falei: É? Então tá bom. Quando aconteceu isso aí, eu nem fui muito com a intenção pra roubar aquele toca-CD. Que na época nem era toca-CD. Na época era aqueles rádio de carro, aqueles toca-fita. Mas eu fui na intenção pra... E eu fazia questão deles me pegaram, ainda. Só pro meu pai ver que eu tinha coragem. Pro senhor ver que, quando eu taquei a pedra no vidro do carro, eu nem abri a porta. Só quebrei lá, joguei a pedra, sentei no chão e fiquei esperando. [Risos.] Fiquei esperando, lá. Dava pra mim sair, dava pra mim ir tomar uma Coca-Cola, um refrigerante, ma eu fiquei esperando a polícia chegar. Só pra eles me levarem, pro meu pai ver que eu tinha coragem. Qual é o motivo? O senhor disse. Qual é essa força? A não ser a da família, de dentro da minha casa, o que me dava essa força por fora era isso aí. Eu pensava assim que era muita praga, que era muita coisa, assim, que eles falavam... Aí que eu falei: Ah, num tenho coragem, não? Acha que eu num tenho coragem, não? Vou fazer isso! [Risos.]”

Ainda sobre o relacionamento do Ma. com o M. ele continua: “Assim... Igual eu vejo hoje... Igual, agora que eu vejo... Igual, eu tenho um primo que eu considero... Assim, porque eu num tinha um afeto dum irmão. Mas esse primo que eu tenho que eu vejo como se fosse um irmão. É um irmão que eu nunca tive. Porque se eu tava com ele, mas não estava presente muito tempo com ele. E a minha lembrança que eu tenho dele é... São poucas coisa. Eu num tenho praticamente nada! E se for pra mim falar, me lembrar de alguma coisa boa que eu tive com eles, num... Se eu falar que eu tive, tô falando mentira”.

Ma. relata na entrevista que esteve preso mais de uma vez. Solicitei a ele para falar da vida na prisão. Ele relatou: *“Porque eu passei por várias coisas na vida... Até mesmo tomando a água de descarga durante três vezes que eu tomava ao dia! Preso me humilhava, tudo! Fogo, tudo!”* Perguntei o porque da água de privada. Ele respondeu: *“Não, porque eu estava preso. E lá só dava a água três vezes ao dia. E era água de descarga de privada. Falou assim: Não, cê fez isso, cê matou polícia, cê tem que fazer isso. Cê tem que tomar isso aí. [...] Não, você matou polícia, então você vai ter que passar por isso. E eu passei por isso. Comi o pão que o diabo amassou! Passei gemendo, no fogo, tudo, ma passei! Sobre o fogo ele falou: “Teve uma vez, lá, que o rapaz colocou fogo no colchão, que ele suicidou. [...] Aconteceu isso foi em 2001... 2001. Esse rapaz enrolou no colchão... Que ele num tava aguentando o sofrimento. Ele enrolou no colchão e saliou fogo no colchão. Eu vi aquilo ali, aquilo ali eu num abomino, aquilo ali, não. Lembro da última vez, quando a enfermeira... Porque era penitenciária, tinha enfermeira. Quando ela chegou pra aplicar uma injeção nele, a pele dele tava se decompondo. A pele dele tava se deteriorando, tava caindo, já.”*

Sobre sua escolaridade, profissão e renda ele afirmou: *“Igual, hoje, por exemplo, eu tenho o primeiro ano completo do segundo grau... Adquiri, graças primeiramente a Deus, mas depois do... Eu pensei bem das situações que eu estava vivendo e tomei uma decisão. Lá dentro da cadeia. Me formei dentro da cadeia. Não foi no colégio”*. Ma. afirmou que completou o primeiro ano. do segundo grau. Quanto a profissão ele disse: *“Hoje minha profissão, hoje... Eu sou... Como se pode dizer...? Mais... Pra vocês entender melhor, eu sou um engenheiro, hoje, de solo.[...]*

Que eu desço, hoje, eu mexo com tubulões. Mexo com tubulões, com arquitetura de casas, de prédios... Trabalho fichado, hoje. E a minha renda mensal, ela é três mil e duzentos reais. Pra quem vivia numa situação de sobrevivência! ‘Que eu tava sobrevivendo, memo, naquela situação. Hoje eu sou formado, hoje. Hoje eu sou formado. Hoje eu posso dizer que o que eu faço, eu tenho certeza do que estou fazendo. E a minha renda é essa. Três mil e duzentos reais. Eu digo que graças, primeiramente, a Deus, e depois da situação que eu soube sobreviver através dela. Situação de caído, ali, na amargura... Eu falei: Vou tirar proveito dessa situação. Eu vou me dar bem.”

Perguntei ao Ma. qual a percepção que ele tinha dele próprio. Ele respondeu: *“Eu me vejo como um grande vencedor, hoje. Porque eu tenho consciência de que ninguém pode me acusar de nada, hoje. Porque hoje eu estou livre. Num devo mais à sociedade. Num devo mais perante a Deus, paguei. E continuo pagando. Por mais que eu faça, eu nunca vou conseguir pagar tudo o que eu fiz pra Deus e o que ele fez pra mim, também. Mas, com a sociedade, eu tenho certeza que eu estou livre. Eu posso me dizer que eu sou um grande vencedor. Isso eu tenho certeza. Falo sem ter dúvida, sem ter nada. Porque tem mais de dez anos, hoje, que eu num pego numa arma. Que eu num tenho vontade de fazer nada”*. E o M. perguntei, ele respondeu: *“Ah, ele seria um grande vencedor, viu?”*

Reg. No 32

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

A.P.S., 8 anos e 8 meses, 1ª série. Gravidez não planejada; mãe relata ter ficado deprimida quando soube que estava grávida. Afirma que o relacionamento dela com o A.P. S. foi difícil no início porque ela teve que desmamar o irmão mais velho, o qual reagiu muito. Inclusive adoecendo. A criança foi hospitalizada uma semana, devido à anemia aos 5 meses de idade. Aos 5 anos de idade teve um acidente com corte o qual precisou ser suturado. Mãe G3P3A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

gagueira; enurese noturna

Transtorno emocional específico da infância e adolescência:

dificuldade de separar da mãe (ansiedade, tristeza); medo; timidez

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

atraso de leitura e aritmética

Eixo IV – (Condições médicas)

Pitiríase alba; pediculose; parasitose intestinal (diarréia, dor abdominal e eliminação de parasitas

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível de escolaridade dos pais; irmão com atraso na escolaridade e repetência; ambos os pais trabalhadores braçais

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

repetência; baixo rendimento escolar

Outros estresses psicossociais intrafamiliares:

pai – cardiopata e com hipertensão arterial; mãe – gastrite, enxaqueca; irmão –tiques

Outros:

família vive em família

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 12 anos – 2ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de A.P.S. foi realizada no dia 13/08/2008 e por telefone. AL. alegou não teria tempo para ir para a entrevista inclusive aos sábados e domingos. Disse que está em novo emprego, faz horas extras e não teria tempo para ser entrevistado. Hoje ele reside em outro local de BH. Perguntei então se não poderia conversar com ele por telefone, ele concordou; a entrevista não foi gravada. Hoje ele está com 26 anos, vive com uma companheira e tem uma filha de 6 anos. Mora em Vespasiano, em um lote do pai

AL. completou o 1º grau, repetiu a 1ª série 3 vezes. Parou de estudar na 6ª série e depois retornou e completou o 1º grau. Atribui as reprovações a imaturidade

Começou a trabalhar com 15 anos, na construção civil, como servente, ajudante de eletricista, meio oficial de eletricista de manutenção elétrica. Afirma que hoje é armador de ferragens. Relata que trabalhou em cerca de 8 empresas. Relata que não fez cursos porque não tinha condições de pagar os cursos e pela falta de tempo. Me pareceu durante a entrevista que ele sente falta de uma melhor escolaridade e por não ter feito cursos para uma maior capacitação profissional. Afirma que a sua renda é de R\$500,00 mensais.

Relata que as pessoas importantes para ele são: o pai (já falecido) em primeiro lugar, ensinou tudo da vida. Sua mãe e a esposa com a qual vive há dez anos e com quem tem uma filha. Sua esposa tem o 2º grau e trabalha em casa de família.

Sobre o futuro AL. Diz que não vê muito esperança no futuro. Acha que existe muita desigualdade.

Reg. No 33

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

A. P.G., 7 anos 11 meses, feminina, 1ª série. Gravidez não planejada, mãe com episódios de convulsões e internamento hospitalar durante a gravidez. Mãe deixou a criança após o parto a qual foi criada por uma tia e pela avó. Foi separada da avó que foi internada em um asilo para velhos. Criança teve varicela, 2 acidentes com corte que necessitou sutura. Mãe biológica G3P?A?.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

*Sugestivo de transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:
tensão (tremor de pálpebra); medos*

*Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outros local:
roendo unhas*

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Sugestivo de atraso de aritmética e leitura

Eixo IV – (Condições médicas)

Pitíriase alba; pediculose (lêndeas); linfadenopatia; cárie dentária

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtorno mental em outros membros da família:

mãe biológica com quadro compatível com epilepsia e transtorno psiquiátrico

Falta de calor humano no relacionamento familiar:

criança rejeitada por ambos os pais biológicos; criança demonstra não gostar de ambos os pais biológicos

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível de escolaridade dos pais adotivos

Condições de vida inadequadas:

pobreza; aglomeração; lixo exposto

Outros estresses psicossociais intrafamiliares:

avó foi para o asilo; avó diabética; irmãos adotivos da criança com história freqüente de enfermidades e hospitalizações

Outros:

família residente em favela; preocupações com drogas na comunidade

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11 a 1 m – 4ª série.

... Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de A.P.G., 25 anos, aconteceu no dia 25/06/08 e foi realizada na própria casa de A. Ela estava bastante receptiva. Ela estava morando no mesmo endereço onde reside sua mãe e irmãos, porém em outra casa. Me parece que outras pessoas também residem no terreno. Moradia muito simples, perto do Centro de Saúde. Começamos pela escolaridade: “É, eu não tive nenhum problema. Da primeira série até... eu formei no segundo grau. Num tive nenhum problema pra poder chegar, num tomei nenhuma bomba. Assim, né, teve algumas matérias que a gente teve alguma dificuldade, mas eu consegui passar todas, graças a Deus. Mas não repeti nenhum ano. Não repeti nenhum ano, não.[...] Eh... Da primeira à quarta, eu fiz no Mestre Paranhos. E... então, assim, a minha professora me deu até os parabéns, porque foram poucos alunos... Teve um sorteio, mais ou menos, sabe? Na época, até, o colégio IMACO tava, assim, no auge, todos queriam ir pra lá. E eu tive essa oportunidade de ir pra lá, pro IMACO, porque eu fui uma das crianças que tive notas... assim, umas notas boas. Né?[...] Tive notas boas, e então eu tive essa oportunidade de ir pro IMACO. Só que, por falta de condições, né, da minha mãe, na época ela não tinha... A passagem. Que pra mim poder deslocar daqui pra ir até o Parque Municipal, que é onde fica o IMACO, né? Então, pra mim... eu não pude ir. Eu fiquei muito chateada.[...] Muito mesmo. Era porque... Nossa! Era meu sonho. Muitas alunas, muitas colegas minhas conseguiram ir pro IMACO [...]Então, eu não

consegui, sabe? Por falta de condições da minha mãe pagar a passagem todos os dias... Então foi [...]Ah, eu fiquei muito chateada. Porque... Assim, por... Assim, por todo mundo falar que lá era um colégio muito bom, que pra mim ia melhorar mais ainda, né? Já que eu tava com notas boas. Eu poderia... poderia, acho que, crescer mais lá, né? Às vezes lá eu poderia crescer mais. Não que eu tô falando que o Dom José Gaspar foi aquilo tudo; mas eu acho que, se eu tivesse ido pra lá, teria sido melhor do que... né? Do que aqui, no Dom José Gaspar. Então, minha mãe não pôde pagar pra mim a passagem pra mim poder ir, então ela tentou pra mim a vaga aqui mais próximo de casa. Que dava pra mim deslocar até mesmo a pé. E então ela conseguiu a vaga. Mas, assim, eu fiquei torcendo pra ela não conseguir. [Risos [...]]Então, eh... Aí eu fiquei muito chateada, sabe? Porque ela conseguiu aqui. E eu queria ir pra lá de qualquer jeito! Ela falou:Eu vou tentar lá, mas, se eu não conseguir, aí você vai ter que ir pro IMACO, mesmo. Porque, eu não me lembro muito bem, mas, se eu não me engano, colégio, aqui, só tinha à noite, no Mestre Paranhos.[...] Num era? Pois é, da quinta... até, né? Em diante. Só tinha à noite, então ela não queria correr esse risco de me colocar aqui. Ela falou que num ia me colocar aqui de jeito nenhum, que eu praticamente era uma criança, ainda. Então ela conseguiu lá no Professor José Mesquita. Então lá eu fiz da quinta série até o segundo grau [...]. Eh... Até a sexta série eu consegui estudar na parte da manhã. De seis... De sete às onze e vinte, né? E aí, depois, eu tive que arrumar emprego [...]É, mais ou menos na sexta. Aí, foi aí que eu tentei mudar meu horário pro turno da noite. Pro turno da noite. E aí eu peguei e consegui. Logo... Eu peguei e consegui. Eu arrumei o emprego, tava olhando duas crianças [...]A mãe delas saía pra trabalhar, então eu ficava com elas o dia todo. Ela chegava à noite, era onde eu ia pro colégio... Seis e meia, mais ou menos, da tarde. Eu entrava geralmente no segundo horário. Quando dava pra chegar no primeiro horário eu chegava, quando não dava, eu chegava no segundo. E aí eu pegava geralmente o... assim, o segundo horário, que a mãe, ela atrasava, e tal, aí eu pegava o segundo horário. E era até dez... De seis e meia até as dez e vinte”.

A. descreve como conciliava o trabalho com a escola: “As crianças dela estudavam no Pandiá Calógeras. Então eu buscava, levava, tinha as minhas... né? [...] Depois... E ela (mãe das crianças) trabalhava numa fábrica. De massas. Então, depois não deu certo aonde tava a fábrica, aí ela passou vim prá casa dela. Ela começou a trabalhar dentro da casa dela, mesmo. Aí ficou mais difícil pra mim poder estudar. Porque eu tinha que ajudar; além deu mandar as menina prá escola, eu tinha ainda que ajudar ela na fábrica. Então, assim, eu lembro que, nessa época, eu até cheguei a queixar com a mãe. Que eu num tava tendo tempo pra mim estudar mais... Aí eu tive que mudar meu horário de novo. Eu passei pra de manhã de novo. Porque num dava tempo pra mim poder estudar. Aí, eh... eu passei a chegar da escola, mandava as menina prá escola, já chegava e tinha que ficar com ela na fábrica até o horário das menina sair da escola. Então, aí sim, foi indo”. A. foi dispensada e já em outro emprego relata a rotina da escola: “Aí eu já tive que mudar meu horário de novo na escola. Tive que ir prá noite, porque o horário de trabalhar era de oito a cinco. Aí eu tive que mudar meu horário de novo. Né? Aí, assim, ficou até mais próximo pra mim, porque do Martplus ali pro Professor José Mesquita é só eu atravessar a rua. Então eu

levava as coisas de escola [...] Aí eu passei a entrar até no primeiro horário, pra mim poder mais... entrar nas aulas mais cedo. Aí, eh... Então assim fo”.

Ainda no que se refere à época da escola A. falou que: *“Foi muito cansativo, porque... no período do colégio é um período que a gente tem muito trabalho. Prá gente poder fazer. Trabalho escolar. Apresentações... Então eu lembro que eu ficava, geralmente, até uma hora... eu chegava do colégio às onze horas. Eu ficava até uma hora da manhã. Eu tinha meu tempo de chegar, tomar meu banho, às vezes eu comia alguma coisa, e ia estudar. Eu nem... Teve vez que eu até dormi com o caderno, assim, do meu lado. De tanto sono. Mas eu fazia meus trabalhos todos”.* Perguntei a ela quantos anos ela tinha quando terminou o 2º grau. Ela respondeu: *“Com... Acho que foi com dezesseis, que eu formei, né? Porque... Não, acho que foi com dezessete”.*

A. freqüentou pré-escola, por esse motivo perguntei a ela o que havia representado a pré-escola para ela. Ela respondeu: *“ Muito...Porque eu fui pro primeiro ano já sabendo escrever o meu nome, ‘Belo Horizonte’... eu acho que as vogais, os número de um a dez...”* Perguntei sobre as demais que chegavam na 1ª série e que vinham da pré-escola: *“É, geralmente a... Acho que a turminha toda que formava foi... acho que formava no mesmo grau, ali. Todo mundo sabendo escrever o seu nome...”* E as outras crianças ? perguntei. Ela respondeu: *“Mas, assim, num era todo mundo que sabia, não. Eu lembro que a minha professora, que era a M., na primeira série, chegou a separar, umas duas fileira, que era das criança que sabia um pouquinho a mais e mais duas fileiras que era prá s crianças que tava mais fraquinhas. E eu lembro que eu tava na fileira que já sabia mais ou menos. Tanto que, quando ela pedia pra mim poder... ela escrevia um texto no quadro... Eu lembro que eu acho que era até ‘pipoca’. A gente tava estudando a letra P. Ela pedia pra mim ler, me dava um frio na barriga! Com medo de errar! Mas tava certo”.*

Quanto às experiências ligadas aos trabalhos A. relatou inicialmente que tinha 15 anos quando começou a trabalhar mas depois mudou: *“...Foi até um pouquinho mais cedo... Eu devia ter uns quatorze. Porque, depois de um, dois anos, eu consegui numa empresa, mesmo. Então eu olhei duas crianças durante mais ou menos dois, três anos [...].Eu... Assim, eu, praticamente, eu morava lá [...]* Perguntei a respeito do salário, ela respondeu: *“Eu não lembro muito, mas era muito... era menos que o salário mínimo”.* A. foi dispensada e depois começou a trabalhar numa empresa: *“Aí, foi aí que ela me dispensou. Eu fiquei alguns meses em casa. Aí, logo depois, eu peguei e consegui numa empresa. Num empresa de massas, mesmo, também. Só que eu mexia com pizzas [...] essa empresa era lá em Venda Nova, mas era uma empresa que tava pegando funcionários pra trabalhar ni supermercado. Então foi quando abriu o Martplus [...].Aí eu fiquei no Martplus mais ou menos dois anos. No Martplus [...]. Aí, assim, depois que eu tava nessa empresa, que que aconteceu? Aconteceu um problema entre a minha empresa e o Martplus... Num sei, eu não me lembro, mais ou menos... Aí resolveram me transferir. Me transferiram pro Super Nosso do Barreiro. Então, assim, já ficou um pouquinho mais difícil pra mim. [Risos.] Lá pro Super Nosso do Barreiro. Na mesma empresa. Eles não me dispensaram, não. Aí, eu já fui pro Super Nosso do Barreiro... Fiquei lá dois ano, também, no Super Nosso do Barreiro [...].Aí o serviço tava ficando pouco lá no Super Nosso. Aí eles resolveram me dar mais uma loja. Lá em Lagoa Santa. Então eu tinha que fazer o Super*

Nosso do Barreiro e do Lagoa Santa. Então, assim, eu tava acabando o meu serviço mais cedo, também. Aí eles resolveram me dar mais uma loja. Foi no Super Nosso do Funcionários. Aí eu peguei e fazia três lojas. Nisso, depois uma outra menina [...]

É. Isso. Por exemplo, se eu ia pro Super Nosso do Barreiro, acabava meu serviço meio-dia. Aí eu tinha que deslocar de lá até o Super Nosso do Lagoa Santa. Aí eu... Mas eu fazia duas lojas por dia. Aí, no outro dia, eu tinha que ir pro Super Nosso do Funcionários, e pro Super Nosso do Buritis. Então, assim, foram quatro lojas que eu fiquei fazendo rodízio. Aí, assim, eu fui ficando cansada, mas ali, assim, estudando. Eu também não deixei de estudar, também, não. Falei assim: Eu vou formar meu segundo grau. Eu não vou deixar pra trás de jeito nenhum [...].E nisso eu continuei trabalhando nessa mesma empresa. Nessa mesma empresa. Aí eu formei, depois de um ano eu peguei e engravidei, tive minha filha... Aí já me transferiram pra outro lugar. Fui pro Carrefour do BH. Eu fiz várias lojas [...].

Aí tinha época que eu tirava férias, aí colocava outra menina no meu lugar, quando eu voltava, já me mandava pra outra loja... Então, assim, não tinha loja fixa. Aí eu fui pro Super No... aí eu fui pro Carrefour do BH Shopping. Do Carrefour do BH Shopping eu fui pro... Geralmente, eu acho que eu trabalhei até meu sexto mês de gravidez. Eu trabalhei no Carrefour Contagem, no horário da noite. De três da tarde às onze. Foi difícil pra mim essa... [Risos.] Foi uma das piores épocas. Que eu achei muita sacanagem da parte deles. Eu não sei se é porque eles viram que eu tava grávida, não podia me mandar embora, então eles que tinham... eles queriam me jogar na... Porque, na verdade, meu horário sempre foi na parte da manhã. Então, assim, como eu fiquei grávida, eles me trouxeram e me colocaram numa loja que era no horário da noite. Pra mim era muito mais difícil... Ainda mais em Contagem, né? Carrefour Contagem é muito longe... Mas fui [...].Aí, eh... nisso deu tá trabalhando no Carrefour Contagem, no sexto mês eles pegou e me transferiram, de novo. Me mandaram pro Via Brasil. Via Brasil Eldorado. Aí, fui... Foi minha última loja. Fui pra lá, aí fiquei lá até o oitavo mês, mais ou menos, até perto dela nascer. Cinco dias antes dela nascer eu entrei de licença...[...]

... a minha licença acabou no mês de dezembro. A minha empresa, nesse período que eu fiquei de licença-maternidade, a empresa, não o que aconteceu, se faliu, eu sei que eles fecharam, dispensou os funcionários tudo. Ficou só eu, porque tinha que... eles tinha que aguardar o tempo que eu voltei, não podia me mandar embora logo. Então eles me pagaram esses meses que eu fiquei em casa... Depois que passaram esses meses, depois de seis meses, aí eles não poderiam me mandar embora, aí eles me dispensaram. Mas eles me perguntaram se queria... se eu queria continuar, porque eles tavam com uma lojinha, mas menor. Sabe? Menor, a loja. Então eles perguntaram se eu queria continuar. Só que a minha menina... Ela me deu muito trabalho quando... assim, quando ela era bebê. Ela chorava muito à noite. Não só à noite, como de dia. E com isso eu fui ficando cansada, também, porque ela não dormia nem de dia, nem à noite, então eu também não podia dormir. Tinha que ficar com ela. Então eu resolvi melhor sair. Do emprego. E ficando... Eu fiquei em casa com ela e o pai dela ficou trabalhando...”

A. fala do serviço atual: “Eu também trabalho em padaria... Eu, logo... assim, foi o primeiro serviço que eu arrumei depois que eu saí do meu último serviço... Que eu tive a L. então eu fiquei com ela

até ela ficar um pouquinho maior. Ficar um pouquinho maior. Então, assim, quando ela tava com, mais ou menos... com quase um ano, que eu fui arrumar esse serviço... Não, quase um ano, não. Quase um ano, não. Quando ela tava com dois anos que eu fui arrumar esse serviço. Que foi aí que eu separei dele. Eu separei dele foi em julho; em agosto eu arrumei esse meu serviço. Que hoje vai fazer o quê? Quatro anos que eu tô nele. Vai fazer em agosto". Perguntei a ela se ela estava de férias. Ela respondeu: ". Não, eu to afastada pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) [...] pelo motivo da depressão" A. continua descrevendo seu trabalho na padaria:

"...E, assim, agora, eh... E, assim, quando eu comecei a trabalhar, eu comecei de duas e quarenta às onze da noite. Eu via a L. muito pouco. Porque ela fica na... ela ficava na creche. O dia todo. De sete e meia da manhã até cinco da tarde. E eu trabalhava de duas e quarenta às onze da noite. Então eu chegava, ela já tava dormindo. De manhã, ela ia prá creche. Então, assim, nós ficamos bastante tempo distante uma da outra. Depois eu fui pro horário de dez... de uma e quarenta às dez. Aí dava na mesma, que eu chegava, ela já tava dormindo. Aí depois de dois anos que eles me passaram pro horário da manhã. Eu comecei a trabalhar de sete da manhã às três e vinte. Que é o horário onde eu parei, né? [...] O ano passado eu deixei de trabalhar, foi no meio de outubro. Que foi que a B. viu que eu não tava bem. Eu tava... passei pelo CERSAM (Centro de Referencia em Saúde Mental). Tive algumas crises, fui pro CERSAM. Chegando lá eles entraram com medicamento, me deram injeção, me deixaram em observação, porque eu tive crises muito fortes, de agredir pessoas. Perto de mim. Tentei... Fiz vários cortes, assim, nos meus punhos. Eu fui aqui para o posto várias vezes. Eu cheguei a ficar com os dois braços enfaixados [...]. Eu deixei a minha filha jogada durante um bom tempo. Jogada, eu falo, assim, sem poder dar um carinho pra ela. Ela... toda vez que ela chegava perto de mim, eu tava chorando... E a minha mãe, bebendo. Porque, também, na mesma época, o meu irmão foi preso (devido ao tráfico de drogas). Então, ela não consegui lidar com aquilo. Ele preso, eu com uma depressão, ela tinha que cuidar da minha filha, tinha que tá indo visitar ele, também... Então, assim, acho que foi um momento difícil pra ela também. Não foi só difícil pra mim, mas pra ela também. E acho que o refúgio que ela conseguiu, acho que foi na bebida. Então, ali, em vez deu melhorar, acho que eu piorava. De ver ela daquela... naquela situação. Eu, doente, em cima numa cama... Eu mal saía pra tomar um sol! Eu fiquei amarela durante um bom tempo; eu emagreci, todo mundo falou que eu tava doente, que eu tava muito magra. Eu não me alimentava direito. Então, assim, foram momentos que eu passei muito difíceis. Hoje eu posso falar que eu tô um pouco melhor. Eu tô... Um pouco, não! Eu tô bem melhor do que eu tava antes. Foi aí que a B. ... eu comecei a fazer o tratamento com a B., que eu comecei a fazer no CERSAM. No CERSAM eles me liberaram pra eu poder trabalhar. Então, assim, chegava lá, eu chegava pra trabalhar, eu passava mal todos os dias. Eu desmaiava... Eu não 'tava me alimentando! Então não tinha como, né? Então foi aí que a minha empresa pegou e decidiram. Falou assim: Olha, A. Eles me chamaram e conversaram comigo. Você não tá em condições de trabalhar. Você vai procurar um médico. Se o médico não te afastar, nós vamos tentar te afastar pela empresa. Porque você não tá com condições nenhuma de trabalhar. Eu chegava lá super agitada. E eu trabalho com máquina de fatiar. Presunto e mussarela. Então, assim, eles... o medo deles era acontecer alguma coisa no

trabalho. Num tinha condições de eu continuar trabalhando. Foi aí que eu vim no posto mais uma vez... Eh... Quem me consultou foi a doutora C. ... Foi aí que ela me encaminhou prá B. R.. Que eu já, no outro dia, mesmo, fui com o encaminhamento prá B. R., ela já abriu minha ficha, e já entrou com os remédio. Já entrou com os remédio... E isso ela foi me dando atestado. De uma semana... depois ela já passou a aumentar, me deu de quinze... E daí em diante ela pegou... Falou: lha, A., você vai ter que ir pro INSS. Eu vou ter que te mandar pro INSS. Foi por onde eu passei por perícia, e sendo afastada durante noventa dias. E de noventa em noventa dias eu vou lá, retorno lá no INSS pra poder fazer perícia. E assim tô, até hoje, afastada”.

Perguntei a ela sobre o salário. Ela disse: “Como eu tô afastada pelo INSS, é o salário mínimo. Quatrocentos e quinze [...]Aí, nisso, eu tenho a pensão da minha filha, que é cem reais, também [...] E é com muito custo eu consegui. Teve... Consegui foi em fevereiro. Pra você ver, eu separei tem quatro anos, só agora eu consegui a pensão dela”.

Durante a narrativa A. fala da sua primeira filha L. “...Aí foi que eu conheci o pai da minha filha [...]. Eu vou ter que voltar[...], que eu conheci o pai da minha filha no Martplus [...].Eh... Neu conhecer ele... Acho que até foi isso. Teve um problema deles ter que me tirar do Martplus por causa disso. Porque lá num podia namorar funcionário com funcionário. Então, assim que eles souberam de mim mais do pai da minha menina... Ele era do caixa. E eu era mais lá pro fundo, eu mexia com pizza. Então, assim que eles souberam, num sei se eles ligaram prá minha empresa e pediu pra poder me transferir. Aí me transferiram [...]... Aí, nisso, eu tive problema também com a minha família. Com a minha família, eu tive, assim, no sentido Í.(marido) com a minha mãe. Minha mãe, acho que não tava aceitando deu tá namorando com o Í., sabe? Foi meu primeiro namorado sério... Então, assim, acho que teve um pouquinho de ciúmes, alguma coisa assim. Então, eu tava passando por uns problemas dentro de casa que eu num tava suportando [...]..Só que eu era de menor. Eu tava com o quê? Dezesete anos. Aí, então, foi aí que eu peguei e fui pra lá no Barreiro. Aí foi nessa mesma época que ele pegou e já montou a casa prá gente. Ele já tinha os móveis, também, né? Então aí a gente pegou e montou a casa. E nós resolvemos morar lá. Então, assim, ficou mais difícil, porque eu tava trabalhando lá, estudando aqui, e tinha que ir embora pra lá, ainda. Então eu chegava em casa em torno de meia-noite. Que eu pegava dois ônibus pra poder voltar de novo[...]. ...Aí, depois de três anos que a gente tava junto, aconteceu deu ficar grávida. Eu fiquei grávida, sabe? Mas eu já tinha formado”.

Perguntei sobre a gravidez. Ela disse: “Foi uma gravidez muito agitada, foi uma gravidez muito triste [...] Eu detalho. Porque foi quando ele começou a trabalhar à noite. Quando eu tava grávida, ele tinha uma área de serviço, tinha pouco tempo. Então ele fez amizades, foi aí aonde que ele começou a beber mais. Ele tinha o costume de beber, mas não muito, pra ficar tonto, pra chegar em casa tarde... Então, assim, ele começou a mudar. O jeito dele comigo de dentro de casa. Ele começou a beber mais, a chegar mais tarde do que ele tinha costume de chegar do horário de serviço, eh... via, assim, né, alguns boatos de que tinha visto ele com uma mulher, então, foi, assim, pra mim, uma fase muito difícil. Da gravidez dela, do começo até o final, eu tive muito problema com ele [...] Eu chorava [...]Eu chorava a

noite inteira![...] A noite inteira. Tanto que, eu e ele, a gente quase não tinha contato, que eu tava trabalhando no Via Brasil, e eu pegava de sete da manhã às três da tarde. E então... Ele tava trabalhando de nove da noite até, geralmente, sete da manhã. Então a gente quase nem se via. Quando eu chegava, que eu ia... Eu chegava por volta de quatro e meia, cinco horas, que era no Eldorado... Quando eu chegava ele tava dormindo. Então, assim, ele dormia até umas oito hora... umas sete e meia da noite, oito hora... levantava, tomava banho e ia trabalhar. Então, assim, a gente quase num tinha nem contato. Eu acho que foi até... Num sei se foi falha, ou o que que foi. Acho que foi por isso que ele foi procurar... eh... alguma coisa, assim, diferente. Eu creio que seja isso. Ele foi procurar alguma coisa diferente. Porque, eu e ele, quase, a gente não tava tendo contato um com o outro. Então, nisso, eu ficava muito triste com isso. Então foi, assim, foi uma gravidez de muito choro. Muito choro, sabe? [...]Eu chorei muito! Eu passava a minha madrugada chorando. Às vezes com muita câimbra... E ele não tava ali perto de mim. Então foi muito difícil pra mim a gravidez dela. Foi até no... do começo ao último mês. Foi muito difícil. E ele assim com... Ele me traía, assim, memo aqui no bairro, pra todo mundo saber[...].

Eu fiquei muito nervosa, muito chateada, ia trabalhar chateada, meus colega de serviço dava conselho... Mas a gente num adiantava mais. Eu já tinha arrumado a L., então, bastava eu ter ela. Eu ter ela e passar por cima desses problema que eu tava passando. Consegui passar, mas quando ela fez... ela tava... ela já tinha feito dois anos de idade, aí eu separei dele”.

A. descreve como era a L. nos primeiros meses de vida. Acima ela começou a relatar como era a L. e completa: “E, assim, daí em diante, ela só foi me dando trabalho. Fui levando em médico, em médico, pra poder ver que que ela tinha; levei em neurologista, fez exames... Num deu nada! Num deu nada. Ela só era uma criança agitada. Agitada. Mas que... esse... ela era uma criança agitada que também deu resultado, deu também poder ficar um pouquinho estressada, e eu não aguentei segurar. Por ser a minha primeira filha, eu comecei a cuidar dela longe, né? Porque quando eu tive ela eu já não tava morando mais aqui perto da minha mãe. Então eu tive que cuidar dela praticamente sozinha. Porque ele trabalhava à noite. De nove da noite até sete da manhã. Então, assim, pra mim... eu passei, assim, uma fase muito difícil. Muito difícil, mesmo. Assim, pra poder cuidar duma criança, num sabia, num tinha noção de como que era cuidar de uma criança... E, assim, por ela ser uma criança chorona, porque eu não sabia o que que ela tinha. Até então era a dor de barriga, até os três meses, mas passou dos três meses, ela continuou com choro. Ela chorou até uns seis mês... Eu vinha pra cá todo final de semana pra mim ficar aqui com a minha mãe pra ela poder me ajudar. Porque eu não tava aguentando, tava ficando muito cansada. Eu tumém cheguei a levar ela aqui no posto, chegou até a dar uma olhadinha nela, perguntou se ela não tinha caído... Mandou eu vim dar banho nela, voltar com ela... E num... assim, num achava nada nela! Num achava nada. Então, eu lembro que eu cheguei com ela do posto médico... Assim, ele falou que ela não tinha nada, e que era pra eu vir embora com ela pra casa, e qualquer coisa eu poder voltar com ela de novo. Eu vim com ela prá casa, minha mãe levou ela pra benzer, e depois desse dia ela de uma melhorada. Mas eu continuei levando ela pra fazer os exame... Ela fez exame até na Baleia. Hospital da Baleia. Ela fez lá os exames dela, e num deram nada[...].

...Eh... Então, doutor Lombardi, foi assim. Eh... Ela me deu bastante trabalho. A L. me deu bastante trabalho. Eu até tinha comigo que eu até não ia mais ter criança. Que eu não ia arrumar mais filho. Porque, acho que, se fosse pra eu ter outro filho, eu não ia agüentar. Mas o que que aconteceu? Depois de seis anos, aconteceu. Mas, depois disso, né, eu e o pai dela começamo... começamo a entrar numas fases difíceis... Começou a vim as brigas pra dentro de casa, começou a vim as traições da parte dele... Então, assim, foi aonde eu achei um jeito, assim... Eu acho que eu não consegui segurar essa onda. Dele fazendo isso comigo; eu tando sozinha dentro de casa com uma criança chorando... Então eu entrei numa depressão. Foi o que a pediatra falou. A pediatra dela falou. Quando ela fazia purucultura, a pediatra estranhou o choro dela. O choro dela era muito[...]. Isto. Um choro, assim, de criança que tava batendo, mas mal colocava a mão nela, ela já tava gritando”.

A. relata como está a L. hoje: “Dois ano de idade eu separei dele. Hoje ela tá com seis, então tem quatro anos que nós dois separamos. Hoje ele já tem um filho, também. Menino dele já deve fazer... já deve tá quase completando um ano no final do ano. Chama Ig. E, assim, eu só fico muito triste porque, depois que ele teve esse filho, ele só afastou muito da L. E é aonde ela tá vindo me dar um pouco de trabalho agora, nessa... Eu tô percebendo agora, também. Ela tem mudado, assim, o jeito dela, sabe? Ela tem contado mentira, tem batido nos colega... Coisa que eu nunca tive reclamação dela. Nunca! Ela foi prá creche com dois anos que idade. Nunca tive uma reclamação dela que bateu ni coleguinha, que mordeu... Nunca tive. Então hoje eu já tô tendo, já, esses tipo de cramação dela. Tá dormindo na escola... E olha que ela dorme cedo, eu ponho ela pra dormir oito hora da noite, ela já tá dormindo. Então, assim, ela acorda sete horas pra ir prá creche, fica na creche de sete ao meio-dia... Quando é uma hora da tarde ela vai prá escola”. A. descreve também a escolha da escola: “Sabe? Eu tentei por ela no Pandiá. Sabe? Ela queria ‘que queria ir pro Pandiá, mas tá muito difícil de conseguir vaga nessas escola assim. Bueno Brandão eu também tentei, eh... Colégio Afonso Pena... Tentei vaga pra tudo quanto é lado. Mas, assim, eu... ela foi mandada, mesmo, pro Mestre Paranhos. Só que eu falo: O Mestre Paranhos era uma escola, mesmo, quando eu estudei no Mestre Paranhos. Hoje eu não considero que aquilo ali é uma escola, porque crianças grande com crianças pequena; é crianças grande mexendo com droga na frente das crianças pequenas; professores batendo... Outro dia, mesmo, teve uma reportagem na televisão. Professor do Mestre Paranhos bateu na criança, na boca da criança, até sangrar. Então nunca que eu vou por minha filha numa escola dessa. Ela... teve o cadastro dela, e mandaram pro Mestre Paranhos, mas eu não vou por. Eu prefiro por no Professor José Mesquita do que por aqui. Tanto que é uma escola que não tem dever de casa. As mãe... Eu sei porque, as mãe da creche, elas vão lá e... Assim, quando tem reunião, né? Nós, mães, reunimos. Então, assim, elas comentam. Por que que o Mestre Paranhos não tem dever de casa? E o José Mesquita já tem. Então, assim, daí dá pra ver. A minha filha todo dia tem dever de casa. Todo dia. E o Mestre Paranhos já não tem. Então, assim, é um colégio que eu num ponho minha filha... eu posso falar que nunca! Nunca mesmo que eu ponho ali. Porque ele já foi uma escola muito boa. Quando eu fui tentar fazer a matrícula dela no Pandiá... A T. que é a diretora lá. E ela já foi diretora de, também, do Mestre Paranhos. E ela me aconselhou de tudo quanto é forma a colocar a L. aqui. Eu falei assim: Ó, T.,

você vai me desculpar, mas aquilo ali não é uma escola. Ela falou que as coisas tinha mudado... A única coisa que ela não concordava era que as escolas municipais tinha passado pra plural. Então, era a única coisa que ela não concordava. Mas, ao contrário disso, que era uma escola muito boa. Só que eu discordo dela. Eu discordo dela. Que aquilo ali não é uma escola boa. E, assim, pode ter melhorado. Igual, dá pra se ver lá que as crianças têm... eles agora dão a blusa pra criança poder ir pra escola, dão a mochila, se eu não me engano, acho que os materiais... Eu acho, assim, que isso aí melhorou, mesmo. Que, na minha época, [Risos.] eu lembro que a minha mãe penou pra poder comprar um caderninho pra mim, e um lápis e uma borracha. Isso aí eu lembro. Então, assim, hoje eu acho que tá mais fácil. Tá bem mais fácil hoje, né? Do agora... do que antes. Mas, eh... hoje eu tô aqui, agora, de novo, [Risos.] com... Minha filha tem seis anos. Eu já tô grávida de novo. Eu já tô entrando no sétimo mês... Conheci depois que... depois de... acho, três anos... Conheci agora o pai da minha filha. Que é o Cl., agora [...].

Ah, agora eu acho que, se Deus quiser, é casar com o pai da A., que é a menina que eu 'tô esperando... E, assim, a gente formar uma família. Eu, ele, a L. e a A. A gente já tá até olhando, já, uma casinha pra gente... Eh... A gente já tá, já, providenciando, já. Já tá na hora, também, de sair da casa da minha mãe, porque eu voltei com os problema da depressão, ela resolveu me trazer pra cá de volta. Pra mim ficar aqui, e eles também me ajuda a cuidar da L., do jeito que eu tava, eu não tinha condições de cuidar dela sozinha [...]. Mas, agora, eu... sinceramente, eu penso sinceramente, assim, em casar e ter as duas... eh... eu, assim, cuidar das duas menina, pretendo tirar carteira. [Risos.] Eu tava... eu tenho... eu tava planejando, também, de tentar fazer um cursinho pra polícia. Eu, assim... eu acho muito bom, sabe? Polícia feminina! Eu sou apaixonada! Sempre quando eu vejo polícia feminina... Então, assim, até no ano passado eu tava com... com isso, ainda, sabe? De tentar um... Eu vou fazer um cursinho e depois tentar... Igual tá tendo aí agora... acho que concurso pra polícia civil. Então, assim, o próximo, pra militar, acho que eu queria tentar”.

Reg. No 34

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

E.B.C., 7 anos e 10 meses, feminino, 1ª série. Gravidez não planejada, criança foi recém nascido de baixo peso, pequena para a idade gestacional. Apresenta história pregressa de asma e relata um episódio de hospitalização devido a parasitose intestinal. Mãe G4P4A0. A criança é filha do segundo casamento da mãe.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

N.D.N.

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Dificuldade de coordenação motora fina?

Eixo IV – (Condições médicas)

Cárie dentária; sugestivo de déficit visual

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixa escolaridade dos pais; irmão com baixa escolaridade e repetência

Condições de vida inadequadas:

pobreza; aglomeração; crianças dividem a mesma cama

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

mãe relata tristezas frequentes; epigastralgia; nódulo tireoidiano; emagrecimento

Outro:

residem em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11 anos – 4ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de E.B.C. aconteceu no dia 03/08/2008 na Paróquia São Brás. Ela chegou no horário combinado, estava alegre, sorridente, me abraçou. A entrevista não pode ser gravada devido a problemas no manejo do gravador, mas, apesar disso, foi realizada com El. respondendo as perguntas por escrito.

El. hoje está com 25 anos. Começamos a entrevista pela escolaridade. Ela disse: “ *Comecei a estudar na EMMP no ano de 1990 onde concluí meu primeiro grau. Tive muitos colegas, cresci pensando em ser professora porque achava lindo minhas professoras escrevendo no quadro e a arte de ensinar. Lembro que quando estava na 2ª para 3ª série pedi meu pai um quadro negro e na minha casa tem uma área grande então coloquei o quadro na parede e na frente tinha um pequeno jardim e eu ficava lá escrevendo ou seja dando aula como minhas professoras, lembro que eu pegava todos os tocos de giz para levar para casa. A minha 8ª série foi muito legal tenho amigos até hoje que quando encontramos sempre lembramos da época de escola. Outro dia encontrei um amigo que mora no Bairro Sta Efigênia que na época estudou no Mestre Paranhos e ele disse assim para mim: Li como essa escola mudou desde a época que formamos acho que a melhor época foi a nossa. E eu acredito que depois que saímos dali aquela foi a melhor pois sempre ouvíamos falar de brigas, tumultos e outras coisas mas enfim.*

Depois que saí do Mestre Paranhos fui para o Colégio Marconi onde ‘todo mundo’ falava que tinha que estudar muito porque o ensino de lá era muito forte e tal. ‘Tomei bomba’ no primeiro ano que fiz lá na época eu tinha ficado de recuperação em física e tinha uma prova de recuperação para fazer e por coincidência ai não, eu cai ao descer do ônibus e quebrei o pé e no dia eu fui fazer a prova não ganhei atestado e meu professor não quis repetir para mim e então repeti o 1º ano por uma matéria.

No ano seguinte comecei a trabalhar como babá sempre gostei de criança então trabalhava de dia e estudava de noite e assim foi até eu concluí o segundo grau. Fiz cursinho e queria prestar vestibular para pedagogia, mas, apareceu um emprego em uma loja então resolvi parar o cursinho pois o horário da loja era 'puxado' para estudar, minha função na loja é vendedora. Fiz cursinho Pré-UFMG durante 6 meses. Hoje ganho em torno de C\$500,00.

Fiz curso de secretária/recepcionista patrocinado pela Maxitel hoje TIM promovido aqui na comunidade. Fiz também curso de informática básica na Probel no centro.

As pessoas que me ensinaram a ser o que sou hoje: minha mãe, meu pai e a minha chefe Li., pois quando entrei na loja não sabia nem tirar uma nota fiscal e hoje que eu tenho de conhecimento profissional devo a ela e a mim também pois se não tivesse vontade de aprender de nada adiantaria.

Minha saúde física e psicológica sempre foi boa”.

Reg. No 35

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

L.P.S., 8 anos e 2 meses, feminino, 1ª série. Gestação da criança difícil devido aos muitos internamentos da mãe devido a asma. Mãe relata história de 2 abortos. Criança foi um recém nascido de baixo peso, apresentou icterícia que foi tratada com fototerapia. Não foi amamentada devido aos vários internamentos da mãe inclusive no período neonatal. Foi separada da mãe várias vezes devido a hospitalização desta. Mãe G7P5A2.

A mãe relata ter ficado deprimida após o parto por não poder cuidar da criança.

L.P.S. apresentou bronquite asmática até 2 anos de idade com tratamento ambulatorial. Teve um acidente com corte na região periorbital que necessitou sutura (2 pontos)

Creche não freqüentou creche/pré-escola.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

*Sugestivo de transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:
tensão; inibição; tristeza; apatia*

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

*Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:
aritmética; linguagem?; dificuldade de coordenação motora fina(?)*

Eixo IV – (Condições médicas)

Impetigo; pediculose; cárie dentária; suspeita de parasitose intestinal (abdome abaulado)

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível de escolaridade dos pais; mãe analfabeta; irmãos com baixa escolaridade (história de repetência)

Condições de vida inadequadas:

pobreza; aglomeração; lixo exposto; fossa

Estresses ou transtornos no ambiente escolar ou de trabalho:

repetência; baixo rendimento escolar

Outros estresses psicossociais intrafamiliar:

mãe asmática; pai com hipertensão arterial; família com relato de vários problemas de saúde repetidos nas crianças; família numerosa

Outros:

família vive na favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 11 a 3 m – 2ª série.

... Dados da entrevista realizada em 2008

A L.P.S., 26 anos, foi entrevistada dia 29/10/2008 na Paróquia São Brás. Ela chegou na hora combinada, estava séria, um pouco apreensiva, mas se soltou um pouco durante o decorrer da entrevista. Começamos pela história escolar: “*Eu estudei na Mestre Paranhos até a sexta série. Aí eu saí do Mestre Paranhos, porque eu tava trabalhando de manhã. No lugar onde eu tava trabalhando à tarde e estudando à noite. Pra mim tava muito pesado... Aí eu continuei só no trabalho. Aí depois eu fiquei noiva, casei... E eu continuei trabalhando... [...] Comecei a estudar na quarta, à noite. Quarta série à noite [...] Só repeti a primeira*”. L. relata que estudou a 4ª, 5ª e 6ª séries a noite na EMMP. No final da 6ª série ela parou de estudar: “*É. Que eu tinha passado... eu já tinha passado prá sétima, né? Final do ano... Eu parei de estudar em dezembro, que eu não tava agüentando [...] Porque eu tava trabalhando e estudando*”. Perguntei se ela voltou a estudar. Ela respondeu: “*Não. Voltei, não*”.

Quanto a história relacionada ao trabalho L. falou que começou a trabalhar com nove anos: “*Eu arrumava a casa da minha mãe e trabalhava numa mansão (de 3 andares) que tem ali perto da igreja católica ali no São Bento[...] . Lá na casa da dona Jo. Perto da igreja católica [...]. Molhava planta, limpava piscina... lavava banheiro, terreiro [...] Ajudava a empregada, talvez, a arrumar cozinha [...] Eu só chegava lá, tomava café e ia trabalhar*”. Perguntei quanto que ela recebia pelo trabalho, ela respondeu: “*Ah, era muito pouco [...] Num era muito, não [...] .. Sei que era muito pouco. Só que eu só trabalhava, memo, só pra comprar meus materiais de escola, assim. Essas coisa assim [...]. Todos os dia. Até sábado [...]. Até meio-dia [...] Não, num era meio salário; era menos de meio salário. Porque ela me pagava por semana. Era muito pouco. Só que eu num lembro quanto. Mas era pouco [...]*”.

L. relata que nessa ocasião estudava a tarde: “..É. *Eu trabalhava, tomava banho e almoçava, e eles me traziam e me deixavam aqui (na escola).* L. relata que saía da escola às cinco e vinte da tarde e ia para casa: “É. *Aí chegava em casa, eu ia ajudar minha mãe a fazer alguma coisa, prá gente poder ir prá igreja à noite [...].Eu frequentava a Assembléia de Deus[...].*

E de lá eu saí porque, no final do ano, a mulher é muito ignorante, ela jogou uma porta na minha perna... Aí machucou, eu dei febre, e ela queria que eu fosse trabalhar com febre. Aí eu saí de lá e fui trabalhar na dona M. Que é aqui perto do... aqui na barragem [...]. Aí já tinha doze anos.

Pedi a L. para que ela falasse sobre o acidente com a porta. Ela disse; “*Não, porque ela... Duns tempo pra lá, ela começou assim: se a gente tava todo mundo almoçando tudo na mesa, às vezes ela chegava, levantava o forro, jogava tudo no chão [...]. O pessoal, o médico dela falou que ela tava com um problema sério na cabeça [...]. Era tanto que os filhos dela falava que não era, assim, prá gente ficar por perto dela [...]. Aí, eu tava em pé arrumando o quarto de empregada e ela chegou com a porta, assim, e soltou [...]. É. Porta daquelas de sucupira [...]. Não, a porta era descolada. Ela pegou a porta e soltou. Aí bateu aqui nos meus dois calcanhar. Aí abriu uma brecha. Aí eu fiquei trabalhando com o pé machucado uns dois meses [...]. Aí depois deu íngua... Foi até que eu fui no posto, acho que foi você ou outro Lombardi, mesmo que me atendeu... Me passou Benzetacil... Aí eu peguei lá mais. Só trabalhei uma semana e recebi. Num voltei mais, não [...]. Aí eu fui... Depois que eu melhorei meu pé, eu tava descendo pra eu poder procurar um serviço, aí eu encontrei com a dona M. lá. Aí ela me falou se eu não queria trabalhar pra ela...”*

L. fala do trabalho nessa outra casa: “*Eu trabalhei pra ela quase dois ano. Um ano e pouco [...]. Pegava oito horas, largava no almoço [...]. Limpava a piscina, varria o terreiro... ajudava ela a cuidar dos cachorro, dar banho nos cachorro [...]. É, casa. De dois andar [...]. É no Santa Lúcia”.* Perguntei sobre o salário. Ela respondeu: “*Era... Não, era... Acho que ele me pagava cinquenta reais [...]. Por semana”.*

L. relata que almoçava na escola e jantava em casa. Pedi a ela para falar sobre esse trabalho. Ela disse: “*Ah... Deu só de trabalhar, assim, eu num gostava, não. Porque me atrapalhava no meu estudo. Igual, às vezes eu chegava pra estudar, tava muito cansada... Aí eu... Às vezes eu dormia na sala de aula... Tirava nota muito baixa... Aí um dia eu falei com a minha mãe que eu ia sair da escola, porque as nota tava muito baixa, que eu num tava dando conta de estudar... Aí ela falou que não, que era pra mim sair do serviço. Aí eu saí do serviço, mas os tempo que eu fiquei desempregada, falei pra ela que num tava compensando, porque eu num tava tendo o que eu queria... Aí eu comecei trabalhar, com catorze anos, na dona L. B., lá na Savassi...”*

Era um apartamento. L. relata que tinha 14 anos na época: “*Lá eu pegava de oito às cinco [...]. Lá eu lavava, passava, cozinhava, arrumava [...]. Nesse tempo aí, eu trabalhei um ano lá sem carteira assinada, porque ela tava falando que só podia assinar carteira com dezoito anos [...]. Aí num... Acho que depois de um ano, nós tava conversando com o advogado, aí o advogado falou que não, que ela podia assinar minha carteira. Aí eu pedi ela pra assinar minha carteira, aí ela pegou e assinou [...]. Eu ganhava um salário [...]. Ah, lá eu trabalhei... Acho que foi até com dezesseis anos, que aí eu sai de lá e fui lá prá*

dona D. [...] Era casa. Aí eu só trabalhava meio horário e ganhava meio salário”. Perguntei porque ela deixou aquele emprego. Ela respondeu: “Porque ela num deixava eu conversar com ninguém... Às vezes eu saía no supermercado pra ela, ela mandava o marido dela me vigiar [...]Porque ela falava que eu num podia conversar com ninguém, que eu não podia namorar... eu não podia conversar com os porteiro... Talvez meu namorado me ligava, ela desligava o telefone na cara dele... Aí eu peguei, fui e falei que não dava pra eu continuar trabalhando lá mais, não. Porque ela tava pior do que minha mãe, pondo limite demais [...] Aí ela falou que era pra mim voltar a estudar. Eu falei pra ela que não dava pra eu voltar a estudar, que eu tava muito cansada, aí ela foi e pegou e falou que como é que eu queria um futuro... Ela ficava se intrometendo em tudo, que eu queria um futuro pra mim, sendo que eu num queria estudar [...]Falei pra ela: O problema num é eu querer estudar. O problema é que trabalhando e estudando eu num tô dando conta. Eu sou muito nova.”

L. relata que na dona D.: “Eu trabalhava de manhã [...] Lá eu só lavava e arrumava e passava[...]Ah, da D., eu saí de lá no momento que eu casei...Tava com dezoito... Ia fazer dezoito anos [...]Aí eu trabalhei na dona D., saí de lá quando eu casei, que ela desconfiou que eu tava grávida, me mandou embora [...]. Aí eu saí de lá e fui trabalhar na J. [...] . Não, na J., não. Fui trabalhá lá na... dona E.[...]. Aí fiquei um tempo lá, saí de lá e fui cumprir licença-maternidade na minha prima, na casa da E. ... Aí, da E. ... Eu fiquei quatro meses na E., saí, fui prá casa da J. Aí eu fiquei na casa da J. dois anos e... tinha feito uma entrevista pra mim trabalhar numa firma, aí a vaga saiu... Aí eu pedi ela pra me mandar embora, que eu precisava de trabalhar na firma... E tô na firma, agora [...]De limpeza [...] É, com faxina [...] Oito horas”. Perguntei o salário. Ela disse: “Quatrocentos e setenta e um, na carteira [...]Aí eu recebo quatrocentos e quarenta”.

Pedi a L. para que falasse sobre o que representava para ela trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Ela respondeu: “Ah, pra mim era muito ruim. Porque aí eu num sabia que eu queria da vida, se eu queria estudar ou se eu queria trabalhar. Aí chegava em casa, num dava tempo de fazer o para casa. Aí tinha que ir com o para casa sem fazer prá escola [...]Tinha que fazer o para casa correndo depois da aula... assim, na hora da merenda. Aí pra mim era muito ruim! Às vezes eu chegava em casa, pra fazer o para casa, pra mim trabalhar o outro dia eu tava muito cansada, com muito sono, acabava que eu fazia o para casa tudo errado. Aí pra mim eu tava cansada demais! Demais da conta”.

Ainda sobre as lembranças dos trabalhos L. relatou que: “A única lembrança que eu tenho é que a gente é maltratado, né, quando a gente tá trabalhando. Inda mais gente nova demais, a gente [...]É maltratado quando a gente chega, quando a gente... Igual, eles tava almoçando, eu chegava, aí minha patroa: Vai pra lá! Você num pode ficar aqui! Você é empregada! Você tem que ficar na cozinha! Ou senão, às vezes eu tava almoçando... chegava hora de almoço... Na dona J., mesmo... Ela, em vez de ela deixa eu servir meu prato, ela colocava comida pra mim no resto dela. Pra mim comer, pra mim... Igual, hoje em dia eu penso... Tem vez que eu deito na cama e penso: Gente, eu num precisava disso. Por que eu... Porque ali eu era tratada como se fosse uma cachorra, porque ela num deixava eu comer as coisa; quando colocava, era resto; se ela comia um pão, na hora de eu tomar café de manhã, me dava era o resto

do pão [...] Lá na dona B., mesmo, ela mandava eu tomar banho pra mim vir embora, pra mim vim prá aula. Eu tinha que tomar banho correndo de cinco minutos, só molhar e pronto. E já tinha que sair e... Agora, a dona M., não. A dona M., ela sempre foi uma ótima pessoa, sempre falava que eu tinha que voltar a estudar, continuar estudando. Pra mim ter um futuro melhor... Ela queria me ensinar dirigir, pra mim tirar a carteira”

Perguntei a ela o porque dela ter começado a trabalhar ainda criança, ela respondeu: “Porque os meus colega de sala tinha os material de escola completo. E eu num tinha. Aí eu pedia o meu pai o material de escola completo, meu pai falava: Ah, eu num tenho condições de te dar material de escola. Já tem os remédio da sua mãe que a gente compra, da asma dela. E leite. Os menino fica sem pão, sem isso, sem aquilo... Estuda com o que tem. Aí a gente tinha que ficar estudando com os toquinho de lápis, com metade de caderno, com folha... E os menino debochava da cara da gente na sala de aula. Aí eu comecei até a faltar de escola por causa disso. Eu falei: Ah, quer saber? Vou começar a trabalhar pra começar a comprar meus material de escola [...] É. Blusa de uniforme, mesmo. Eu num tinha uniforme... Eu num tinha um sapato bom, um sapato bonito pra mim vim estudar. Eu tinha que vim com o chinelo emendado... E as menina ficava rindo... Olhava e debochava. Eu achava aquilo muito ruim pra mim. Aí eu falei: Não, eu vou começar a trabalhar. Aí, quando eu comecei a trabalhar, minha mãe num deixou, não. Meu pai me bateu, falou que era pra mim sair do serviço, que ia atrapalhar na escola... Eu falei: Não, vou continuar estudando e continuar trabalhando. E continuei trabalhando. Aí me atrapalhou na escola”.

Perguntei a L. se ela estudou além da 6ª série. Ela respondeu: “Não. Porque na... Igual, eu estudava, na hora deu fazer a prova, num tinha nada na cabeça [...].É porque eu estudava. Igual, estudava pra uma prova amanhã. Estudava hoje à noite. Aí amanhã, na hora que chegava na prova, eu lia a prova, mas eu num lembrava de nada que eu tinha lido no dia antes pra fazer a prova”.

Perguntei a L. sobre sua saúde. Ela respondeu: “Minha saúde foi ótima. Sempre foi ótima”. Ao perguntar especificamente sobre a pressão arterial ela disse: “Não, tive pobrema de pressão foi mês retrasado [...] Que a minha pressão tava quinze por nove [...] Eu tava com muita dor de cabeça, aí eu fui ao médico, e ele pegou e mediu minha pressão... Aí falou que a minha pressão tava muito alta. Aí ele falou: Pode ser os poblema..., porque eu tô com dois irmão preso, meu pai foi morar com a minha tia depois que a minha mãe morreu, uma irmã teve que vir morar comigo... Uma irmã mais nova minha teve que casar com o meu primo; o meu primo eu vejo que num é muito gente boa pra ela... Então ele fala que podia ser isso [...]Aí ele pegou e falou que ia me dar um atestado de uns quinze dias pra mim ficar em casa descansando pra ver. Aí que durante os quinze dias era pra mim medir a minha pressão. Aí ele me deu o atestado pra mim ficar em casa... Aí eu fui medir minha pressão. A pressão baixou. Tá doze por oito”.

Perguntei sobre a parte emocional. Ela disse: “Não, que... Como é que fala, gente? Aquele negócio que a gente tem que a gente fica chorando? Depressão! [...] Foi há dois anos atrás. Depois que... Dois anos depois que a minha mãe faleceu [...]Ah, eu só tinha vontade de chorar, só chorar. Num tinha vontade de comer... Minha vida era só chorar, e eu sentia muita dor de cabeça... Eu quis sair do serviço... Eu num ligava mais, eu num queria nem cuidar das minhas menina na minha casa... A minha vontade era só de

ficar deitada... Só de lembrar nela, assim, lembrar das coisa, meu pai... já era motivo deu chorar [...] Eu colocava comida pra mim almoçar. Jantar, eu num jantava... Emagreci demais [...] Ah, eles passou antidepressivo pra mim tomar [...]

O médico. Aí eu comecei tomando antidepressivo... E comecei a fazer campanha de igreja, porque, meu marido, ele num é a favor da gente deixar o corpo da gente tomar conta de remédio [...] Aí ele me ajudando muito, conversando muito com a gente... E eu saía muito, passei a sair mais... Aí eu... melhorei”.

Perguntei a L. sobre a morte da mãe. Ela relatou: “Ela teve infarto, né? Quando meu irmão envolveu nas droga [...] Usava. Usava [...] Acho que é maconha... Que eles fuma... Uma preta [...]. Acho que ele tinha uns catorze anos [...]Aí eu descobri, que eu tava comendo muito; nós fazia comida, ele comia a comida toda... Aí comprava pão, ele comia o pão todo. Eu falava: Mãe, o C. num tá normal! [...] Aí ela falava: Tá, é porque tá dando fome... Aí eu falava: Não, ele num tá normal. Tá acontecendo alguma coisa com ele. Aí a gente começou a seguir ele. Eu começava a seguir ele. Aí eu descobri. Eu vi ele usando droga com o colega dele e contei pra ela [...]”. L. continua relatando sobre o uso de droga pelo irmão:

“Fumando maconha, mesmo. Eu vi o jeito que eles fazia, pra mim num era fumar cigarro. Aí eu falei:Ó, mãe, o C. tá fumando maconha. Aí ela já ficou triste... Entrou em depressão. Aí depois ela pegou e ele foi se enfiando mais a cara nas droga. Quando ele num tinha dinheiro, ele fazia ela arrumar dinheiro pra ele usar... Quando a gente tinha o dinheiro, a gente dava a ela o dinheiro pra ela poder dar pra ele... Aí ela foi ficando ruim, muito ruim. Quando foi um dia, ele ameaçava ela, xingava ela por causa de dinheiro... Aí ela foi ao médico, ela tava com... diabete. Aí, quando foi o outro dia, ela começou a adormecer a mão e a boca. A gente levou ela ao médico, ela tava com pressão alta. E assim foi a vida dela, ela foi só... Cada dia que passava, ela aparecia uma doença... A gente conversava com ele pra ele regenerar, pra ele mudar de vida, que a gente ia perder minha mãe, mas... ele falava que ia mudar quando ela tava ruim. Quando ela dava uma melhora, ele piorava tudo de novo. Aí ele arrumou uma mulher, tem dois filho com ela... Minha mãe via... Ele num tava nem aí pros menino... Minha mãe ficava falando com ele que ele num podia ficar desse jeito, ele xingava minha mãe... Quando ele num tinha dinheiro, ele quebrava o teiado da casa dele... Aí minha mãe pegou e começou a sentir uma dor em cima do peito... Aí nós falou que ia levar ela ao médico, ela falou que não ia. Aí eu falei: Não, a senhora vai ao médico, sô. Isso não é normal, doer em cima do peito... Aí meu pai pegou e chamou o táxi, a gente foi com ela, chegou lá ela tava com uma hemorragia no coração. Aí o médico falou que era só fazer uma cirurgia... que ela ia ficar internada oito dias [...].

Lá no João XXIII. Que ela ia ficar internada oito dias e que depois de oito dias ela ia pra casa e depois iam ligar pra ela ir fazer uma cirurgia. Aí eu achei que ela ia voltar. Fui lá ver ela no domingo, ela tava muito triste, chorando demais, perguntando por ele, meu irmão... Aí, quando foi na segunda-feira, que eu cheguei no hospital, eles num deixaram eu entrar... Porque diz que ela tava muito nervosa. Aí minha tia tava lá, eu pedi à minha tia pra deixar eu subir, ela não deixou [...] Aí eu vim embora chorando, porque eles num deixaram eu entrar. Aí, quando eu cheguei em casa, ela me ligou falando que a minha mãe tava

amarrada. Aí eu liguei pro meu pai, falei pro meu pai ir lá ver, que a minha mãe tava amarrada, minha tia num deixou eu entrar... Aí, quando ele chegou lá, ela já tava em coma [...] Aí ela pegou e faleceu. Na terça-feira. Quatro hora da tarde [...] Cinquenta e um ano”.

Perguntei como está seu irmão hoje. Ela respondeu: “...hoje ele usa muita coisa. Hoje ele tá preso, hoje ele [...] Hoje ele usa pedra, ele usa maconha... Hoje tudo que dá pra ele, ele usa. Mas também ninguém vai lá ver ele, não. Eu num vou [...] Não, meu pai num vai. Meu pai num vai porque ele maltrata muito meu pai. Meu pai só leva as coisa pra ele, mas lá dentro meu pai num vai. A mulher dele num vai. Porque ele vendeu a casa da mulher dele, num dá nada aos filho... Eu tenho uma sobrinha que tem oito anos de idade, tava internada a semana passada, chegou hoje. Ele bate nela, num dá nada à menina, fala que num é pai da menina... Aí ela fica pedindo às pessoa pra ser pai dela... E eu num vou ver ele, não. Meu irmão mais novo, o C. A., também num vai, porque é revoltado pelo que ele fez com a minha mãe... Aí ninguém num vai. Minhas duas irmã era de menor, agora é de maior também num vai... Aí ele fica lá”.

Perguntei porque seu irmão foi preso. Ela disse: “C. A. foi preso a primeira vez por causa de furto; a segunda vez [...] É. Ele tava roubando e foi preso. Primeira vez. A segunda vez ele foi preso porque ele vendeu os negócio da mulher dele... Ela tava trabalhando, aí eu chamei os home pra ele, só que eu num achei que ele ia preso. Achei que eles só ia dar nele uma prensa e soltava ele de novo [...] Aí ele foi preso. Ficou seis meses na cadeia por causa disso, porque ele vendeu os trem da mulher dele tudo [...] É, pra droga. Aí depois ele foi preso porque tava correndo nessa Raja, aqui, tinha roubado um carro... Aí os home desceu lá, pegou ele, deu um coro nele e ele ficou preso de novo [...] Aí ele tá lá até hoje. Agora ele vai pegar uns três, quatro ano de cadeia [...]

Ainda sobre sua mãe e seu irmão L. relata que: “Ela só ficava chorando, ela não conversava com ninguém... Assim, sabe? Ela num desabafava, ela só ficava dentro de casa, ela num saía de casa... E todas as vezes, quando a gente chegava na casa dela, ela tava muito triste, só ficava comentando sobre os acontecimentos... Eu falava com ela que ela não podia ficar daquele jeito [...] Ah, eu... Assim, igual eu falava pra ele, ele só num podia encostar a mão na minha mãe. Quando eu chegava, a gente brigava muito. Todas as horas que eu chegava, ele só tava querendo dinheiro. A gente brigava, meu marido entrava e brigava com ele... Teve uma vez que ele me deu um tiro, o tiro num pegou [...] É. Porque ele queria dinheiro com a minha mãe, e a minha mãe num tinha dinheiro... Aí ele falou um negócio com a minha mãe, lá, a minha mãe desmaiou... Aí eu briguei, aí nós dois brigou na mão, aí ele ficou com raiva, saiu com um revólver e deu um tiro. Aí o tiro bateu num latão. Aí meu marido pegou e falou pra ele que pra matar, a gente num precisa ser bandido. Basta por a mão num revólver. Aí ele... Só que eu evitava o máximo de ir na casa da minha mãe, por causa disso. Vivia chamando minha mãe pra ir prá minha casa, ela num ia... Quando eu ganhei minha filha, minha mãe que olhava minha filha, porque ela pediu pra olhar, eu fiquei com medo de falar não com ela e ela ficar mais chateada, por medo dos problema. A gente deixava coisa pra dar prá menina comer, ele comia os trem da menina tudo [...] Minha mãe ficava com medo de falar com a gente...”

Perguntei para a L. sobre os motivos que levaram o irmão a usar droga. Ela respondeu: *“Curiosidade [...] um dia um menino perguntou se ele queria experimentar, ele falou que queria experimentar e num parou mais”*. Perguntei para a L. sobre a escolaridade do seu irmão, ela respondeu: *“Foi só até a quarta série [...] Meu pai tinha que bater nele, levantar ele pra ir pra aula, ele ia chorando”* Segundo L. ele não tinha bom desempenho e também: *“Num gostava de ir prá escola de jeito nenhum”*.

Perguntei também sobre o outro irmão que está preso. L. respondeu: *“O R.. Ele foi preso porque ele tava trabalhando, aí ele... Depois que a minha mãe morreu. Ele... Acho que há sete meses que ele tá preso. Aí ele... Não! Ele foi preso foi em fevereiro. No carnaval. Ele veio morar com nós por causa desse irmão meu que tá preso, o C. A., tinha arrumando uma confusão na onde que meu pai mora... E um dia lá eles tinha dado um tiro nele, e falou que se encontrasse o R. lá, que ia matar o R. devido o R. ser irmão do C. A.[...]Aí, nós tivemos que pegar o R., trouxemos o R. pra morar aqui na minha casa... O R. tava trabalhando... Quando foi numa sexta-feira, o R. falou que ia sair de noite pruma festa. Lá no Estrela DAAlva. Pegou o carro e saiu de carro, ele e o meu primo. Aí, na hora que ele tava chegando na favela, o Wa...tinho tinha acabado de matar um cara lá no Pantanal, tava descendo. Aí pôs o revólver na cabeça dele e fez ele dar fuga [...]Aí, quando ele tava dando fuga pra ele, os home chegou e pegou ele”*.

L. está casada há dez anos, tem duas filhas, uma de nove anos e a outra de cinco. A mais velha está na 2ª série e a outra frequenta uma creche da região. A mais velha também frequenta a mesma creche. Perguntei a L. se ela pretende voltar a estudar, ela respondeu: *“Eu tenho vontade de estudar pra mim fazer um curso de informática, pra mim poder... arrumar um serviço melhor pra mim”*.

Reg. No 36

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

M.A S., 7 a e 8 meses, feminino, 1ª série. A mãe relata que a gravidez no início foi difícil devido ter engravidado antes do casamento e ter sido rejeitada pela família. Relata sangramento no último trimestre de gravidez. A criança não foi amamentada pela mãe. Teve uma queda, há +/- 5 meses, do escorregador tendo ficado inconsciente por cinco minutos. Criança não frequentou creche/pré-escola. Mãe G4P4A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

*Sugestivo de transtornos emocionais específicos de infância e adolescência:
timidez; ansiedade; insegurança*

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

N.D.N.

Eixo IV – (Condições médicas)

Sugestivo de déficit visual

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Sugestivo de relacionamento intrafamiliar discordante:

discussões entre os pais; agressividade paterna; alcoolismo paterno

Sugestivo de estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixa escolaridade dos pais

Condições de vida inadequadas:

pobreza; aglomeração; sem rede de esgoto (fossa); crianças dividem a mesma cama

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

pai com hipertensão arterial; alcoolismo paterno; mãe com lombociatalgia (em tratamento); um irmão com história de enfermidades e hospitalizações

Outro:

família vive em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 10 m – 4ª série.

Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista da M.A.S., 25 anos, foi realizada na Paróquia São Brás no dia 13/06/2008. M. demonstrava tranqüilidade, sorrindo, e demonstrando estar à vontade. Deixou o filho recém-nascido de 20 dias em casa com o pai dele para vir para a entrevista. Ela foi previamente contatada pela D.Conceição. Conversei com ela sobre a pesquisa, ela concordou em participar, assinou o termo de consentimento e iniciamos. Um dos aspectos investigado foi a experiência escolar. Interrogada sobre a escolaridade M. respondeu: “... *Eu fiz até a 8ª serie aqui (escola do local), mas parei. Depois descí, fui estudar no Prof. Mesquita de Carvalho[...] era de 6h às 10:30 da noite, no mesmo horário daqui*” Perguntei a ela desde quando começou a estudar a noite. Ela respondeu “*desde a 5ª série*”. Como era a noite e a distancia era grande da casa dela até a escola perguntei como ela fazia para chegar até a escola, ela disse “ *A gente descia pela rua Gentios, depois voltava, subia este morrão imenso. Mas foi só um ano que eu descia. As meninas que formaram comigo, umas 3 foram para lá, descia todo mundo junto. E no 2º ano do segundo grau, a minha irmã já estava estudando lá embaixo, já descia uma turminha maior. Aí, eu já estava trabalhando no São Bento, em vez de vir para cá, eu já ia direto do São Bento[...] fiz o 2º grau no Mesquita [...]Assim que terminei o 2º grau, eu comecei a fazer auto-escola primeiro [...] tirei carteira [...] Fiz informática nas Obras Pavonianas, foi o básico que fiz. Não foram estes mais sofisticados que estão fazendo agora, que até consertam computador. Fiz o básico de informática. [...] Eu fiz logo que eu formei o 3º ano, Então era de 11 ao meio dia. Lembro que era hora do almoço dos meninos lá no São Bento, que eles iam para escolinha, e eu ia pro curso de informática. Era 1 hora só, rapidinho”.*

M. disse também que fez um curso técnico de enfermagem, mas, não trabalhou nessa área. M. tentou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) o ano passado para testar os seus conhecimentos. Diz que tem vontade de fazer universidade.

Quanto ao trabalho M. relatou que *“comecei a trabalhar com 12 anos, cuidando de criança, em casa de família. Comecei cuidando de um menino do lado da minha casa mesmo, hoje é um homão [...] E eu olhei criança até a idade de 18 anos, até quase 18 anos. Na faixa de 17anos, eu trabalhava como babá. Depois de olhar este menino do lado da minha casa, eu olhei o menino da L., que era até enfermeira daquele posto ali em baixo. O G. (eu olhei) até quase 2 anos. Depois que saí de lá, eu comecei a olhar uma menina, que morava ali na Antena. A mãe dela não mora mais lá não; a mãe dela levava ela todo dia lá em casa. Depois que sai de lá, comecei a trabalhar no São Bento e fiquei quase 4 anos, olhando 2 crianças também. Saí de lá para trabalhar na Drogaria Araújo. Fiquei 1 ano e 5 meses mais ou menos, saí de lá para ir para Silvio Ximenes, e estou lá até hoje[...] Comecei trabalhando no setor financeiro, aí, eu trabalhava no caixa, e com o tempo fui aprendendo os macetes de atendimento. O pessoal me passou para a administração, uma pessoa lá aposentou, não tinha ninguém para treinar de imediato, já tem cinco anos que estou lá [...]. Ganho R\$600,00 reais.”.*

Quando perguntei a M. a quem ela atribui o que já conseguiu na vida ela respondeu *“...então eu acho que eu estou onde estou, foi porque minha mãe me deu força [...] Acho que só a minha mãe, a minha base foi a minha mãe [...]. E eu creio porque não consegui ir mais alto o que me impediu mesmo foi ...Eu não sei explicar ... Porque eu não consegui mais alto, questão de universidade, eu não tinha condição de pagar uma universidade, para entrar na UFMG eu fiquei com medo eu acho, de tentar fazer as provas e não passar. Eu já quis tentar. Eu sou um pouco medrosa, e quando saiu este negócio do (Programa Universidade para Todos (Prouni), eu animei. O Prouni deve dar uma ajuda pra gente, deve ser mais tranquilo do que a UFMG. A UFMG eu sei que é difícil, minha irmã tentou não conseguiu, muita gente que conheço não conseguiu.[...] Eu acho que eu não consegui um passo maior porque se às vezes eu tivesse arrumado um emprego melhor, teria conseguido pagar uma universidade particular. Muita gente te diz, entra na universidade, tenta bolsa, e se eu não conseguisse? Eu nem tinha reserva para pagar as primeiras parcelas até conseguir uma bolsa”.*

Sobre a família M. se referiu da seguinte forma: *“ Apesar de a gente brigar muito, a gente é muito unido, a gente de muito aquilo de assumir a dor do outro, de compra a briga do outro, acho que isto dá um conforto pra gente, saber que a gente a qualquer momento a gente pode olhar para trás, abraçar as minhas irmãs, meus pais. Meu pai apesar de ser alcoólatra ele é bem carinhoso com a gente, a minha mãe é um amor de*

pessoa. Eu acho que a gente é o que é hoje, por causa da minha mãe, porque a minha mãe é uma pessoa muito forte.” Pedi para M. falar sobre o que ela considera ‘ser forte’, ela respondeu *“ O que eu chamo de forte. Só de agüentar o meu pai bebendo do jeito que ele bebe, e até hoje ele tem aquela coisa de adolescente de dormir fora de casa, ele não tem muito juízo não [...]. A bebida atrapalha muito o meu pai”.*

Pedi a M. para falar sobre seu pai “ o lado positivo dele é a questão do carinho. Meu pai é um homem muito amoroso, quando ele não está bêbado, ele é muito apegado a gente, ele é aquele tipo de homem, que não tem medo de dizer que ama a gente, chega à noite ele tá meio tonto, dá beijinho de boa noite, pega as crianças fala que ama, os netos [...] O que atrapalha mesmo é a questão da bebida, deixa ele relaxado, preguiçoso, e gente tem que desdobrar fazendo as coisas. Ele costuma às vezes, passar susto na gente. Chega machucado em casa porque o assaltante pega, bate. A gente passa um pouco de medo de perder ele...”

Finalmente perguntei a M. sobre a favela, ela disse: “ Para mim não é problema morar na favela, mas perigoso que eu falo, é questão da porta pra fora, quando eu estava fazendo enfermagem, por diversas vezes, eu chegando em casa com mochila e bolsa de trabalho, às vezes, tinha quando não era corpo de alguém que acabou de ser baleado, era policial prendendo alguém, batendo em alguém, o beco lá é bem escuro, e o povo vai fazer coisa errada, vai direto para lá, então eu considero perigoso. Para mim, não é tão perigoso porque os malandros são conhecidos meus. Então, pra mim, não é tão perigoso. Mas porque eles me conhecem, eu tenho medo às vezes, quando minhas irmãs saem, a mãe do meu sobrinho de 2 anos, ela costumava muito em ficar em balada... A gente ficava morrendo de medo, uma bala perdida, sei lá, alguém aproveitar a noite para fazer uma maldade, a gente fica com medo, a gente não sabe o que passa na cabeça da pessoa quando está drogada. Eu tenho medo de doença quando meus filhos tiverem maiorzinhos. Meus vizinhos que vi tudo pequenininho, hoje, mexem com drogas. A gente vê aquelas coisas... Tudo desnutridas, todos raquíticos pela janela da gente.. Tem um lá que nem chegou aos 18 anos. Com 17 anos já está morrendo. Quando não é baleado, overdose, muita droga, não sei o quê, apesar que em todo lugar tem droga, não é só em favela. A gente vê droga em apartamento, condomínio chic, mas por ser favela na hora em que polícia está entrando para pegar, não tem aquela coisa de olhar ao certo onde está tirando, em quem está batendo... Eu tenho meu cunhado que nunca mexeu com droga e foi vítima de violência policial, só porque estava na rua à noite. O perigo está de a gente não saber o que está atrás da rua de um beco. Mesmo morando no local, a gente tem medo. Na verdade, é não dar motivo de ficar até tarde na rua”.

M. está casada, tem dois filhos e mora com os pais aqui em BH. O marido mora na Serra do Cipó. O segundo filho do casal é um bebê, recém-nascido. Eles estão construindo uma casa no interior. M. diz que: “To doida que a minha casa fica pronta, para eu ir para lá.” Perguntei a ela se isto significaria pedir demissão da Silvio Ximenes. Ela respondeu “ significa pedir demissão na Ximenes [...] Eu sei que vai ficar mais apertado, porque ele recebe mais ou menos esta faixa de salário que eu recebo na Ximenes, ele recebe lá no interior eu sei que a gente vai passar um pouco de aperto quando for para lá. Uma pessoa que tem R\$600 reais só para ela, e ter que sustentar 4 pessoas, fica complicado. Vou ver que fazer para ajudar ele quando for para lá”.

Reg. No 37

Formulação diagnóstica (1990)

História pregressa

E.C.B., 8 anos, 1ª série. Criança de gestação não planejada; mãe relata hipertensão durante a gravidez inclusive com uso de aldomet e clorana. Mãe relata que a criança sofreu um acidente com corte o que necessitou ser suturado (3 a 4 pontos). Há relato de separação dos pais há +/- 2 anos e 6 meses. Há relato também de otite média crônica. A história é sugestiva de desarmonia familiar e de maus tratos físicos de pai em relação aos filhos. A mãe relata múltiplas enfermidades dos filhos, e inclusive falecimento de 2 deles.

Um filho de 11 anos teve contato (uso?) com drogas. Mãe G13P13A0.

Perfil biopsicossocial

Utilizando como referência o Esquema Multiaxial de Classificação das Desordens Psiquiátricas da Infância e Adolescência, temos:

Eixo I – (Síndromes psiquiátricas clínicas)

Transtornos emocionais específicos da infância e adolescência:

irritabilidade; dificuldade de separação da mãe; inibição

Transtorno de conduta não classificado em outro local:

agressividade

Sintomas especiais ou síndromes não classificadas em outro local:

enurese noturna

Eixo II – (Transtornos específicos do desenvolvimento)

Transtorno (atraso) misto do desenvolvimento:

aritmética; leitura; não conseguiu copiar o losango (coordenação motora fina);

linguagem

Eixo IV – (Condições médicas)

Pitíriase alba; suspeita de déficit visual; pediculose; sugestivo de parasitose intestinal (fezes amolecidas); desnutrição; linfadenopatia (residual); I.V.A.S. (coriza); cárie dentária; dentes apinhados

Eixo V – (Situações psicossociais anormais associadas)

Transtornos mentais em outros membros da família:

pai – irritabilidade, agressividade, alcoolismo; irmãos – irritabilidade

Relacionamento intrafamiliar discordante:

Entre os pais o culminou na separação; entre pai e os filhos (antes da separação); entre os filhos

Controle parental inconsistente ou inadequado

Estímulo social, lingüístico ou perceptivo inadequados:

baixo nível de escolaridade dos pais; baixo nível de escolaridade dos irmãos (inclusive com história de muitas repetências)

Condições de vida inadequadas:

Miséria (baixo salário, barraco em precárias condições); aglomeração; mãe e filhos dividem a mesma cama; falta banheiro - “banho de caneca”; falta de esgoto (fossa); lixo exposto

Situação familiar anômala:

família de genitor único – mãe e filhos

Estresses ou transtornos na escola ou ambiente de trabalho:

baixo rendimento escolar

Outro estresse psicossocial intrafamiliar:

Mãe com hipertensão arterial, dentes em péssimo estado de conservação; falecimento do avô paterno há +/- 1 ano

Outros:

Família numerosa; residem em favela

Escolaridade (final de 1993)

Idade: 10 a 11 m – 2ª série.

... Dados da entrevista realizada em 2008

A entrevista de E.C.B., 25 anos, aconteceu no dia 21/10/2008 e foi realizada na Paróquia São Brás. E. chegou na hora marcada, aparência um pouco cansada. Trouxe sua filha A. de 5 anos. Começamos pela história da vida escolar. Disse que estudou até a 4ª série na EMMP: “*Até a quarta.[...] Eu estudei três horários.[...] Eu estudei na parte da manhã, na parte da uma às três... e estudei... a outra parte... Aí eles mudaram o horário. Acho que era de uma às cinco, alguma coisa assim [...] Eu tomei três bomba [...]. Eu tomei uma na primeira, uma na segunda e uma na terceira.[...]*” Perguntei sobre os motivos das reprovações:

“*Ah, eu num prestava atenção, né? Matava muita aula [...] Porque eu num queria, sei lá. Eu queria brincar... Eu queria ficar brincando o tempo inteiro [...] Não, matava aula fora da escola com os [...] Talvez deve ter sido as companhias, né? [...] Que elas me chamava pra matar aula, e a aula era chata, então eu ia*”. E. relata que estudou na EMMP até a 4ª série, depois mudou para outra escola porque na EMMP da 5ª até 8ª série era a noite e ela não tinha idade. Nessa outra escola E. relata que estudou até o primeiro ano do 2º grau e mudou de escola novamente. Ela explica: “*Isso. Depois eu mudei de escola de novo [...]. Ah, porque eu queria estudar à noite. E lá também tava muito perigoso [...] Ah, porque tinha muito guerra, assim, de bandido, um com o outro, aí pra estudar lá à noite era muito perigoso [...] É porque os bandido invadia a escola, roubava... pegava quem que eles... tinha guerra, matava lá dentro da escola...*” Nessa última escola E. fez o 2º e 3º ano do 2º grau. Perguntei a E. sobre outros acontecimentos do tempo da escola. Ela disse “*Ó, eu lembro que, aqui no Mestre Paranhos, eu fui atropelada com nove anos [...]. Eu tava vendendo a rifa que deun a escola [...] É. Uma rifa que eles deram pra vender na escola. Que tinha que ganhar um monte de brinquedo... Eu tinha nove anos. Aí eu fui... A rifa caiu no meio*

da avenida, eu fui pegar [...] Só que não ia vir vindo carro nenhum. O carro que me atropelou veio... Antes não existia sinal aqui na Raja Gabaglia... Aí veio, bateu ni mim... Eu peguei e fui atropelada. Quebrei meus dois joelho [...] Aí eu fiquei quatro meses sem andar. Junho, julho... junho, julho... Três meses sem andar [...] Fui. Eu fiquei um mês internada no hospital [...] Quebre minhas duas perna e fiz a cirurgia na barriga, que cortou [...]Aí eu voltei a estudar em outubro [...]Caminhando devagar. Andando, né?”

E. relata também que: “..E no último ano (do segundo grau), também, eu tive a minha filha [...] . Ah, foi uma experiência muito boa. Porque várias pessoas abandonam a escola porque... quando tem filho, né [...]E a minha filha num me atrapalhou em nada. Pelo contrário. Só me deu mais vontade de estudar”. Perguntei sobre o companheiro, ela respondeu: “Não. Quando eu engravidei, até ela completar oito meses, eu tava com ele [...]Ah, foi meio complicado, né? Porque, assim, criar filho separado do pai... Porque, igual, na minha casa a minha mãe é separada do meu pai. Desde a gente novinho”.

Quanto a historia de vida relacionada ao trabalho, E. relata que: “Comecei... Eu tinha uns... dezesseis, dezessete anos [...]Eu trabalhava de olhar menino. Só que eu trabalhava na minha casa, mesmo[...]Ah, eu olhava umas três, quatro [...] Eu estudava de manhã e olhava à tarde, desde meio-dia”. E. relata também que “Eu trabalhei no shopping, de vendedora, só que foi temporário. Um mês [...] Eu trabalhei em casa de família, também [...]Isso. Um mês, também”.

E. relata que após o nascimento da filha olhava um menino: “Eu olhava um menino de três anos”. Há dois anos E. começou a trabalhar em um restaurante; “De oito da noite às quatro da manhã [...]. É de domingo a domingo. Uma folga por semana [...] No mês que tem feriado, a gente recebe mais... Às vezes tira quatrocentos, às vezes trezentos [...] É, no McDonald’s”. Em outro momento da entrevista E. disse que o salário era quinhentos reais, quatrocentos. Perguntei como que ela volta para casa após o trabalho. Ela respondeu: “Eu pego o ônibus que sai... que só passa [...] quatro e quarenta e cinco [...]. Desço pro centro, pego outro no centro o de cinco horas... e vou prá minha casa”. E. relata que chega em casa cinco e quinze, cinco e vinte. “Eu chego, cochilo umas meia hora, levanto, dou banho nela (a filha) e levo ela prá escola [...]Isso. Aí, quando eu volto da escola dela, eu deito de novo, durmo até dez e meia e vou buscar ela. Volto, dou a ela almoço, dou banho e deito de novo, até quatro horas”.

Quanto as dificuldades no ambiente de trabalho E. relata que “Não. Só tenho do último, desse trabalho que eu trabalho, eu tenho muita dificuldade, mesmo [...] . Não, é porque só chega cliente bêbado... Aí eles começa a xingar a gente... E eu tenho que ficar lá, eu não fico calada respondo mesmo. [...] É, porque a gente é obrigada a tratar bem, mesmo eles xingando a gente [...] maltratando a gente. Porque sempre o cliente tem razão [...]. É. Eles po até tá errado, mas... é a gente que tá errado. Entendeu? [...]Ah, é ruim, né? Porque direto eu xingo o gerente... Porque... Nem sempre eles têm razão, porque várias vezes eles já chamaram eu, uma colega minha de palhaça... Falou que o salário que a gente que a gente ganha em um mês, eles gasta ni uma noite... Entendeu? É humilhante pra gente [...]Teve um dia que o cliente jogou [Risos.] o troco dele, que era noventa e cinco centavos, que ele não queria em moeda... Num tinha como num dar em moeda, porque, noventa e cinco centavos... Tem que dar em moeda. Ele pegou e jogou lá dentro do balcão e falou comigo e com o gerente que... Ele falou pra nós pegar o nosso salário no

chão [...].Tem cliente chato, que chega e já quer os trem dele sem a gente saber que que é; tem que dar a ele na mão. Tem uns que já chega brigando... Eles quer brigar. Tem umas que chega lá já querendo brigar. Quando num briga com a gente, que é o atendente, eles têm que brigar com outro cliente, na outra fila... Ou da fila, que tiver atrás ou na frente dele. Tem cliente que até é educado, que brinca com a gente”

Sobre seus 11 irmãos E. disse: “Um morreu. Agora é dez [...] O C. [...] Ele morreu assassinado [...] Ah, dizem que confundiu, né? Porque foi policial que matou [...] Ele e um colega dele de dezesseis ano [...] Ele tinha acabado de fazer vinte e cinco anos [...] Foram assassinado... Não a tiros. Foram espancados por policiais [...] Pegaram eles lá (em Vespasiano). Aí ficou ainda espancando eles uns três dia. Jogaram eles lá no... num lote vago que tem lá ni Ribeirão das Neves [...] Ah, até hoje minha mãe sofre, viu? Por mais que ela tenha vários filho [...]Todo Natal, Ano-Novo, lembra... Aí ela chora. Ninguém conforma até hoje. Tem quatro anos que ele morreu [...]Ah, num dá nem pra entender, né? Porque num sabe quem que foi. Só sabe que foi policial que pegou ele enganado, mas num sabe quem foi... E num tem como dar queixa, porque... Senão os policiais pode fazer alguma coisa com a gente da família...”

E. relata também sobre o acidente sofrido por sua irmã: “Acidente de moto [...].Foi um... Foi um final de semana antes da eleição, no sábado. Eles tavam vindo de São José da Lapa, na BR, aí veio uma carreta e um Palio e fecharam eles. Só que ela pegou e ela pulou da moto. Quando ela viu a carreta, ela pegou e pulou, por isso que ela num morreu [...] Ela machucou só a perna. Vai fazer enxerto”. Perguntei a E. se ela estava na garupa, ela respondeu: “Tava, mas, graças a Deus, foi o que tava pilotando que morreu [...]Vai fazer quinze dias, esses dias”.

Quando perguntei sobre sua saúde física ela disse que está bem mas quanto a parte psicologica E. falou sobre a família: “Ah... Muita coisa [Risos.] acontecendo, sei lá [...] Não, é... Muito problema, né? É família, né? [...] Num é que incomodou, é que... Igual, minha irmã sofreu acidente agora. E se eu num tivesse de férias? No caso, num ia ter ninguém pra ficar com a minha filha, com a minha sobrinha [...]. Aí, no caso, se eu não tivesse de férias, num ia ter como eu ir trabalhar, porque num ia ter ninguém pra ficar com a minha filha, ninguém pra ficar com a minha sobrinha, porque na minha casa sou eu, minha mãe, essa irmã minha e o meu irmão que trabalha... que ele sai de casa cedo e volta só meia-noite [...] Sempre acontece alguma coisa, assim [...] Não, igual minha irmã, também, ele teve filho há muito pouco tempo. Aí minha mãe teve que ir pra lá, ficar com ela [...]Ficar com ela... Porque o marido dela foi preso, pra ela num ficar sozinha... Aí, sempre tem uma coisa, assim [...] Nunca tá nada bem, entendeu?”

No final da entrevista perguntei a E. sobre o futuro, ela respondeu: “Ah, eu acho que o futuro vai ser com mais dificuldade, viu? Não pra mim, mas... Do jeito que tá hoje, viu... Cê compra um jornal, só tem acidente, só tem morte... assassinato. Tá difícil”.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais / Faculdade de Medicina / Departamento de Pediatria

TÍTULO DE PROJETO: A Síndrome da Exclusão Social: As origens histórico-geográficas, os fatores de riscos associados e os múltiplos impactos biopsicossociais ao longo do ciclo de vida (infância, adolescência e idade adulta jovem). O interacionismo sinérgico com as drogas e a potencialização da violência urbana.

PESQUISADORES: DR. ANTONIO BENEDITO LOMBARDI, DR. JOEL ALVES LAMOUNIER, DRA. JANETE RICAS; PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE PEDIATRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.

O propósito deste trabalho é conhecer a inserção social atual e a opinião que um grupo de pessoas tem sobre suas experiências de vida desde a infância até a idade adulta. Estas pessoas participaram de uma pesquisa em 1990, quando estavam na 1ª série do ensino fundamental sendo portanto hoje todos adultos. O estudo atual é uma continuação daquela pesquisa e será realizada pelos mesmos pesquisadores. Para tanto, durante as entrevistas serão feitas perguntas ao informante para se conhecer melhor a sua trajetória de vida. As entrevistas serão gravadas.

O relatório final, contendo citações anônimas, estará disponível para apresentação em encontros científicos e publicação em revistas especializadas.

Poderá não haver benefícios diretos ou imediatos para você enquanto entrevistado deste estudo, além da oportunidade de você poder falar de suas coisas, mas os resultados do estudo poderão trazer mudanças nos cuidados dados a outras crianças e adolescentes, inclusive de sua comunidade.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais no dia

Este TERMO, em duas vias, é para certificar que eu, _____, concordo em participar na qualidade de voluntário do projeto científico acima mencionado. Por meio deste, dou permissão para ser entrevistado e para esta entrevista ser gravada em gravador digital.

Estou ciente que, ao término da pesquisa, o conteúdo será apagado após 5 anos e os resultados serão divulgados, porém sem que meu nome apareça associado á pesquisa.

Estou ciente de que um técnico fará a transcrição da fala gravada para um texto em computador e que alguns colegas pesquisadores poderão conhecer o conteúdo, tal como foi falado, para discutir os resultados, mas estas pessoas estarão sempre submetidas às normas do sigilo profissional.

Estou ciente de que não haverá riscos para minha saúde resultante da participação na pesquisa.

Estou ciente de que sou livre para recusar responder a determinadas questões durante as entrevistas, bem como para retirar meu consentimento e terminar minha participação a qualquer tempo sem penalidades e sem outros prejuízos.

Por fim, sei que terei a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que eu desejar, e que todas deverão ser respondidas a meu contento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura _____ do _____ Pesquisador:

Entrevista n. _____
Local: _____
Data: _____

Telefone para contato: pesquisador: 32489772/ 99589095; orientador da pesquisa: 32489772
co-orientador: 32489772

Comitê de Ética em Pesquisa, órgão que autoriza e fiscaliza a realização de pesquisas
na Faculdade de Medicina da UFMG: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade
Administrativa II – 2º andar – sala 2005 Cep 31270-901 – BH-MG.

Telefone: 31-34994592 - FAX 31-34994516; Email: prpq@coep.ufmg.br

10 – ANEXOS

ANEXO 1 – APROVAÇÃO DO COEP UFMG

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG - COEP
------	--

Parecer nº. ETIC 501/07

Interessado(a): Prof. Joel Alves Lamounier
Departamento de Pediatria
Faculdade de Medicina-UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 14 de novembro de 2007, o projeto de pesquisa intitulado "**Da repetência e evasão escolar ao fenômeno da exclusão social: estudo dos fatores de risco, múltiplos impactos biopsicossociais na saúde e na escolaridade na infância e repercussões na idade adulta**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.


Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG